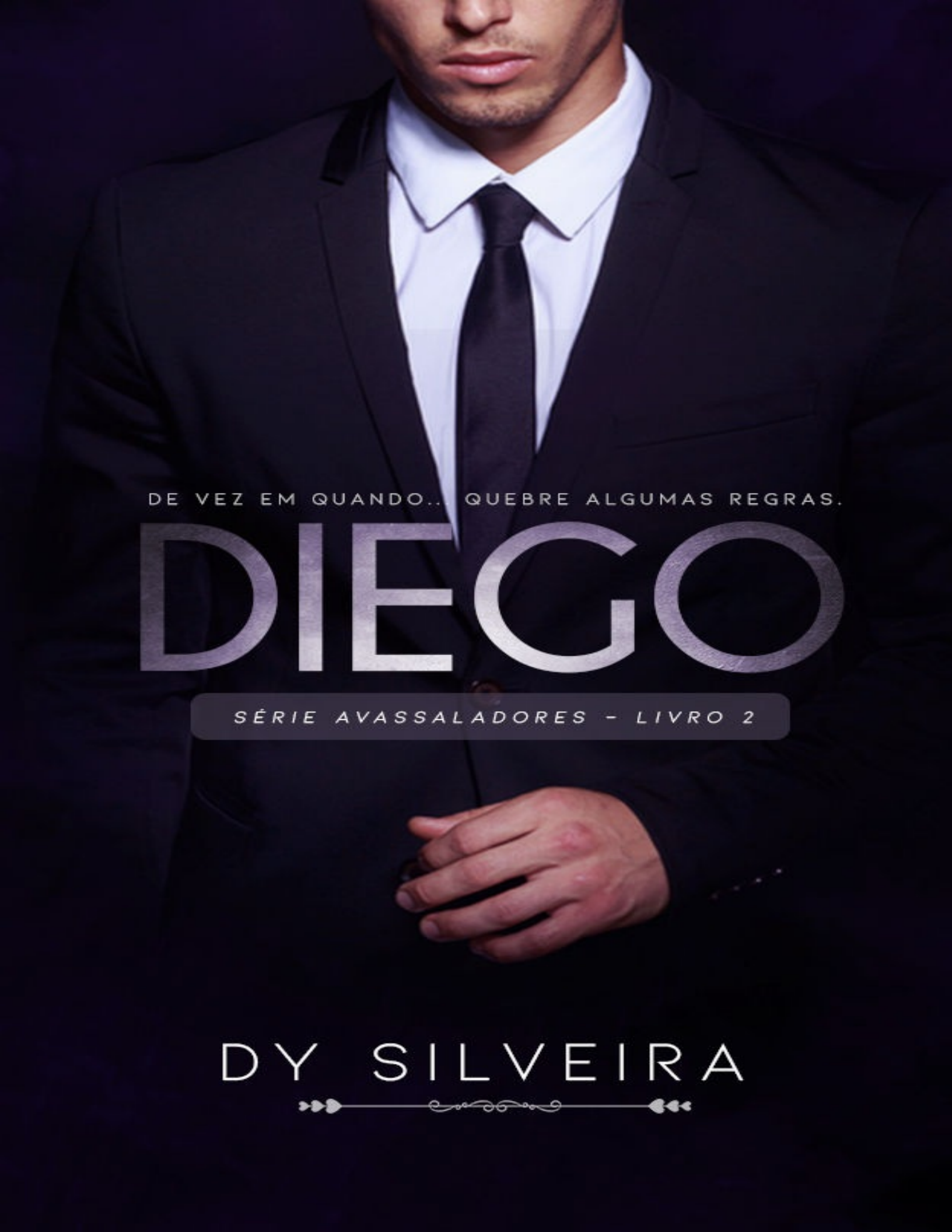


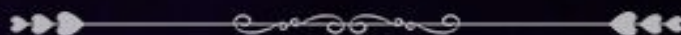


DE VEZ EM QUANDO... QUEBRE ALGUMAS REGRAS.

DIEGO

SÉRIE AVASSALADORES - LIVRO 2

DY SILVEIRA





DIEGO

© Copyright 2019 Dy Silveira

Revisão: Artemia Souza

Capa: Ellen Scofield

Diagramação: Tici Pontes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[ALGUMAS REGRAS](#)
[UM RUMO NA VIDA](#)
[PERDENDO O CONTROLE](#)
[UM VULCÃO EM ERUPÇÃO](#)
[MUDANÇAS](#)
[REENCONTROS](#)
[AS CONSEQUÊNCIAS](#)
[VOCÊ VEIO!](#)
[FLEXIBILIDADE NÃO É OBEDIÊNCIA CEGA](#)
[DESPINDO AS ARMADURAS](#)
[RED](#)
[COMO SE O MUNDO GIRASSE EM TORNO DO SEU UMBIGO](#)
[COISAS DE ADULTOS](#)
[ACORDOS](#)
[TIRA. A. PORRA. DA. CALCINHA](#)
[VOCÊ NÃO EXISTE, SABIA?](#)
[SEM PROVAS, NADA DE ACUSAÇÕES](#)
[A MOÇA DE CABELOS VERMELHOS](#)
[NÃO, MÃE, EU QUERO VOCÊS DOIS JUNTOS!](#)
[TUDO TEM A VER COM ELE](#)
[A AVÓ DO JOÃO PEDRO QUER VÊ-LO](#)
[LEMBRANÇAS FELIZES, CHEIAS DE AMOR](#)
[NÃO ACREDITO NESSA PORRA](#)
[POSSO. E VOU](#)
[VOCÊ GOSTA DE MANTER SEGREDOS?](#)
[TAMBÉM QUERO VOCÊ](#)
[UMA PROVOCADORA LINDA E IRRESISTÍVEL?](#)
[ELA DISSE QUE MEU PAI É GOSTOSO](#)
[APENAS UM PAPO ENTRE HOMENS](#)
[UM PEQUENO TESTE](#)
[VAI SER MAIS INTERESSANTE QUANDO VOCÊ A CONHECER](#)
[ME OBSERVE DEVORAR VOCÊ](#)
[MARCAÇÃO DE TERRITÓRIO](#)
[ÁLBUM DE BEBÊ](#)
[O MENINO COM O RELÓGIO](#)
[BODY SHOT](#)
[NOVAS EXPERIÊNCIAS](#)
[O SENHOR DAS REGRAS E IMPERADOR DOS BONS MODOS](#)
[EU TAMBÉM TIVE UMA IMPRESSÃO SOBRE VOCÊ](#)
[MINHA MULHER](#)
[O DESTINO, POR EXEMPLO](#)
[PORQUE... EU TE AMO](#)

[NOVAS MUDANÇAS](#)

[FAZENDO O MEU MUNDO GIRAR](#)

[UMA CONEXÃO INVISÍVEL E PODEROSA](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)

Capítulo 1

ALGUMAS REGRAS

Diego 

Seis Anos Antes

— ... Nesse sentido, o próprio debate filosófico girava em torno do surgimento da chamada sociedade civil. Aqui, vocês devem observar que os estudiosos da época estavam empenhados em compreender a formação do Estado e a origem... — Virei-me bem a tempo de ver o deslocamento rápido para o fundo da sala de alguém que acabava de entrar. Quase uma hora depois que a minha aula havia começado, notei, dando uma espiada em meu relógio de pulso de modo bem evidente. O vulto de um cabelo completamente vermelho prendeu a minha atenção e eu franzi a testa, incomodado tanto com o horário como com o reconhecimento de quem era o aluno que estava chegando agora.

O aluno não, a aluna.

Parei de falar e me desloquei mais para a frente da sala. Aquela era uma turma de segundo período do Curso de Ciências Sociais, e eu finalmente havia conseguido organizar a minha vida a fim de ministrar aquela disciplina, que era uma das que eu mais gostava. Todo o processo de estudos intensivos para o concurso da Promotoria tinham tomado todo o meu tempo no semestre anterior, então eu estava empolgado e focado para aquelas aulas. Além disso, eu gostava de me afastar, às vezes, das aulas do Curso de Direito para trabalhar em outro departamento, já havia feito isso quando iniciei como professor, e sempre fazia questão de estar ali para essas disciplinas de cunho mais filosófico.

Então, mesmo com todo o trabalho no meu novo cargo, eu tinha conseguido encaixar aqueles dois dias na semana para ir à universidade e fazer algo que eu gostava e respeitava muito, além disso, estar no horário certo para iniciar a aula. A verdade mesmo é que eu era rígido com questões de horários, todos os meus alunos sabiam disso, em ambos os departamentos, mas ao que parecia, aquela ali tinha decidido ignorar essa informação.

E era a segunda, não, talvez a terceira vez que ela, sempre sentando-se lá atrás, entrava furtivamente, quase sempre atrasada, enquanto todos os outros alunos já cientes dos meus critérios, faziam questão de serem mais respeitosos, no mínimo. Eu não tinha dito nada antes, porque pareciam atrasos menores, mas

agora ela tinha ultrapassado o que poderia ser considerado aceitável. Cruzei os braços sobre o peito em silêncio por um momento, e a turma ficou logo muito quieta, alguns entreolhando-se sem compreender o motivo da minha interrupção no fluxo da aula.

Empenhava-me geralmente uma postura muito firme com os alunos, principalmente com as alunas, diga-se de passagem. Não demorou e eu estava sendo chamado de "Mister Freeze", Sr. Engomadinho, Diego, o Babaca (uma aluna rejeitada havia feito esse apelido correr pelo campus), ou então de coisas como chato, imbecil, arrogante, metido, prepotente, implacável. A lista era extensa. Inclusive, gay já resolveram dizer que eu era — quando me viam declinar educadamente de certos convites — nem tão sutis que algumas alunas faziam para mim. Eu não me importava muito, para ser sincero. Até gostava de cultivar aqueles títulos, se isso me mantivesse no meu canto, não que eu achasse que fosse realmente qualquer dessas coisas, mas, de todo modo, eu me divertia mantendo a fachada e conservando todo aquele rol de apreciações tão espontâneas e criativas que os alunos se empenhavam em fazer.

Ajudava a manter os olhos abertos contra avanços indesejados e — acredite, mesmo em uma universidade, eles eram muitos — as calças muito bem fechadas. Na realidade eu não tinha muita dificuldade com esse último item, manter as calças fechadas, pois tinha como prioridade absoluta não me envolver sexualmente com as alunas. Professoras estavam fora dessa proibição, no entanto, isso só aconteceu uma vez.

Então, eu tinha ali, descaradamente, ignorando os meus critérios e atrapalhado a aula por aquela garota que quando resolvia aparecer chegava causando distração e certo barulho. Me desloquei para ficar de frente para a fileira de carteiras na qual ela estava, agora sentando-se e ajustando sua bolsa na parte lateral. Eu esperei que ela terminasse de fazer os pequenos ruídos que fazia, que no silêncio que reinava na sala pareciam mais estrondosos ainda.

Ela finalmente levantou a cabeça e me pegou olhando-a fixamente, e eu demonstrei no meu olhar toda a exasperação com aquela atitude enquanto tentava não me fixar em mais nada em sua aparência, já que não era relevante, naquele momento. Nem um pouco. Mesmo que, para ser sincero, pensei, estreitando meus olhos, parecesse meio impossível, tendo em vista a forma como ela tinha retribuído o meu olhar, como se estivesse me desafiando a dizer alguma coisa e, bem, todo o resto da sua aparência também parecia estar me desafiando a outra coisa: não olhar. Ela era negra, e tinha os cabelos longos pintados de uma cor muito viva de vermelho. Era quase impossível mesmo não fixar a atenção sobre ela.

— Posso continuar minha aula, senhorita...?

— Diana. Diana Ribeiro — ela respondeu depois de alguns segundos, a voz em um tom quase de enfado, se eu não estivesse enganado, bem sutil, cruzando as pernas devagar, e meus olhos seguiram o movimento quase involuntariamente, recriminei-me. Diana continuou, dizendo apenas uma palavra: — Sim.

— Sim? — continuei, decididamente só um pouco irritado agora. Aquilo foi um rolar de olhos que ela fez *pra* mim? A turma toda estava em silêncio expectante, e alguns davam olhadas para trás em sua direção. Eu caminhei para mais perto, devagar, as mãos nos bolsos da minha calça, passando entre as carteiras dos outros alunos até chegar mais perto de onde Diana estava. E então parei.

E mesmo que a ideia fosse simplesmente chamar a sua atenção, ou ouvir o que ela tinha a dizer, não dava para não a notar, porque ela era ainda mais impressionante de perto. Sim, talvez fosse essa a palavra: impressionante. Mas poderia ser também... fascinante. Seus olhos eram claros, em um tom de verde que eu não consegui definir muito bem, e sua boca carnuda era perfeitamente esculpida, com lábios pintados de uma cor vibrante. E aquilo no seu ombro era uma tatuagem? Era sim, uma frase, mas eu não fixei meu olhar tempo suficiente para saber o que era. Havia outra na lateral do pescoço também em letras menores. Nesse momento, seus olhos estavam levantados para mim.

— Sim, professor Diego, você pode continuar a sua aula. — Sua voz era macia, um tom baixo, instigante, e apesar do jeito perfeitamente formal e correto que ela havia dito o meu nome, algo me dizia que a sua voz e seus olhos estavam cheios de insolência. Eu não deveria notá-la assim, claro, mas... talvez fosse o seu jeito diferente, talvez sua atitude que me fizeram ir além do que eu costumava realmente fixar de verdade a minha atenção.

Porque eu não era cego, nem santo, e muito menos idiota — só era um cara reservado — e preferia manter minhas disposições sexuais longe do meu ambiente de trabalho. Eu via jovens bonitas e, principalmente, disponíveis, transitando por ali o tempo todo, eu simplesmente não parava para apreciar por tempo suficiente para ficar interessado de verdade. Não valia a pena o trabalho, a dor de cabeça, os problemas que certamente viriam, de ordem profissional e pessoal quando eu poderia encontrar mulheres tão ou mais bonitas quanto, e menos complicadas também nos espaços pelos quais eu circulava. Sem falar na questão ética da coisa toda, que era muito importante para mim. Então, eu notava, era óbvio... E agora eu notei detalhes muito, muito interessantes em Diana.

Notei que seus cabelos vermelhos caiam sobre seios que estavam perfeitamente delineados naquela camiseta branca, além de parecerem muito

firmes contra o tecido leve. De olhos semicerrados, desci o olhar pelas suas pernas cruzadas naquela calça jeans. Sim, não era para aquilo estar acontecendo, eu praticamente a estava comendo com os olhos dentro de uma sala de aula. Na minha aula. Mas estava, e já que estava, eu engoli em seco e resolvi continuar e apreciar... Tudo muito rápido, claro, enquanto ajeitava os meus óculos, mais uma mania quando eu ficava perturbado ou ansioso do que uma necessidade real.

E outra coisa que decididamente não deveria estar acontecendo comigo também começaria em segundos se eu não desviasse os olhos e me concentrasse no que deveria estar concentrado, de fato. Ela estava olhando para baixo, como se me ignorasse ali, de pé, mas então levantou os olhos, bem devagar para mim e o meu olhar ficou preso ao seu de um jeito que me fez pensar em coisas absolutamente insanas... como nela olhando-me daquela mesma posição, todavia, muito ocupada em atividades completamente diferentes das que se desenrolavam em uma sala de aula. Eu precisava me recompor urgente, minha calma e impassividade pareciam estar descendo ladeira abaixo muito rapidamente.

— Você percebe que não é a primeira vez que atrapalha a minha aula entrando depois do horário, Diana? — questionei baixo para que só ela e quem estivesse muito próximo, inevitavelmente, ouvisse. Desconfiava, no entanto, que minha voz poderia ter saído mais baixa por motivos diversos daquele. Na carteira ao seu lado, estava um aluno que eu já conhecia pelo modo espontâneo, daqueles que estavam sempre com um sorriso de conquistador nos lábios. Seu estilo meio *bad boy* com um dos braços coberto por tatuagens, observei, também parecia chamar a atenção de várias garotas por ali. Ele olhou para o lado ao me ouvir falar com ela, e eu lhe lancei um olhar duro e questionador, desafiando-o a dizer alguma coisa, e ele voltou sua atenção para o seu caderno fechado à sua frente.

— Não. — Diana estava dizendo, sem deixar de me encarar. Parecia agora, o quê? Ligeiramente divertida? Havia notado meu escrutínio nada adequado sobre ela, era isso? Tomara que não. Franzi ainda mais as sobrancelhas para reforçar a minha posição de seriedade ali.

— Não, o quê? — Eu nem sabia direito por que estava um pouco irritado, ou me dando ao trabalho de sequer estar conversando com ela. Deveria ter agido como era de praxe, e eu já havia feito outras vezes: simplesmente dito que desse meia-volta e se retirasse da sala antes mesmo que se acomodasse. Mas ela já estava lá sentada, e eu também não era aquele tipo de professor. Tentava não ser de vez em quando pelo menos. Então... precisava decidir o que eu queria exatamente aqui, rápido. Porque eu não estava gostando do modo como aquela abordagem estava saindo, e para quem se aproximou em uma posição de

autoridade de cátedra, eu estava parecendo não mais que um cara meio travado sob impacto do jeito provocante de uma aluna...

— Eu não sei, professor. Não havia percebido que estava atrapalhando, sinto muito — ela disse, movendo um ombro com voz quase meiga, o que era duvidoso. Bem, suas mãos também possuíam tatuagens, como aqueles motivos, sei lá, indianos, talvez, percebi quando ela tamborilou as unhas pintadas...veja só, de vermelho, na coxa coberta pela calça jeans.

— Pois eu percebi — respondi e fiz algo que talvez me arrependesse, porque não era necessário, mas resolvi fazer assim mesmo. — E sugiro que você não se retire ao fim desta aula antes de falar comigo, pode ser?

Ela me pareceu levemente surpresa, mas suspirou e assentiu com a cabeça depois de passar o olhar por todo o meu corpo, longamente, de um jeito que eu não decidi se era apreciativo ou irritado. Parecia ser as duas coisas, e era estimulante de um jeito muito tentador.

— Fui claro? — retomei, mais para me concentrar do que para qualquer outra coisa.

— Sim, perfeitamente claro.

Por que eu simplesmente não lidava com aquilo da minha maneira usual, ou seja, com indiferença? Algo naquela sua perceptível provocação estava empurrando meus limites aqui, era isso. Diana desviou os olhos sob o meu olhar intenso, mas fez isso sem o evidente desconforto ou mesmo receio que alguns alunos, bem, quase todos, demonstravam perto de mim. Ainda fiquei uns dois segundos olhando para aquela massa de cabelos flamejantes, mas ela não se dignou a olhar mais para cima, então eu voltei caminhando lentamente para a frente da sala.

— Bom, agora que nós podemos continuar, gostaria de sugerir que um de vocês retomasse o ponto da discussão em que estávamos antes de sermos interrompidos — eu disse para toda a turma, voltando para a frente da sala, e me inclinando contra a mesa. Uma das alunas mais próximas a mim começou a falar, voltando ao assunto que estávamos discutindo, e depois eu reiniciei.

Até tentei evitar — bem, nem tanto assim —, mas acabei lançando mais alguns olhares na sua direção ao longo da aula, e uma vez peguei aqueles olhos intensos cravados em mim, o que acabou, para minha frustração, me fazendo perder a linha de raciocínio momentaneamente, e Estado, Sociedade Civil e Thomas Hobbes quase perderam espaço na minha cabeça. E isso não era nada bom. Ser distraído e desconcertado por uma garota que não devia ter vinte 20 anos não era a minha definição de uma volta ao trabalho bem-sucedida.



Estava organizando a minha pasta e guardando alguns textos consciente dos alunos guardando as suas próprias coisas ao fim da aula e saindo da sala conversando em voz alta. Aquele era o primeiro horário e também o meu único naquele dia antes do intervalo, então levei o meu tempo sentado, ocupado naquela tarefa.

— Professor Diego, eu já tenho a resenha que você pediu na aula passada, posso entregar logo para você?

Eu levantei a cabeça quando ouvi a pergunta, mas acho que já sabia quem havia feito. Bastaram poucas aulas para identificar na jovem agora a minha frente o perfil da aluna ávida por agradar, sempre muito solícita, e antecipando, como era o caso agora, trabalhos ou leituras que eu designava para a turma. Ela trazia o trabalho em questão nas mãos, em pé a minha frente, um sorriso no rosto, e deu umaajeitada nos longos cabelos castanhos.

— Ok, se já está pronto, posso receber.

— Sim, fiz questão de dar prioridade a isso — ela murmurou, insinuante, enrolando um pouco de cabelo nos dedos, de um jeito que me fez quase gemer por dentro: mas de frustração. Por Deus, não. Mais uma que estava disposta a achar que eu iria retribuir dedicação aos trabalhos e estudos da minha disciplina com atenção de cunho pessoal? E parecia que ela estava indo tão bem antes. Dei um sorriso discreto. Estendi a mão e ela me entregou bem devagar, olhando-me nos olhos quase não soltando no final, antes de sorrir timidamente, virar-se e sair.

A maioria dos alunos já havia saído, e enquanto guardava o trabalho da garota na minha pasta, lembrei que eu tinha pedido a alguém para falar comigo depois da aula. Lembrei não, porque eu não tinha esquecido, na verdade, o que me incomodou a aula inteira, porque de vez em quando eu continuava olhando para trás naquela direção. Às vezes ela estava calada olhando para frente, para mim, às vezes trocava uma palavra ou outra com o palhaço ao seu lado, e sorria.

Assim que eu levantei novamente a cabeça, Diana vinha andando na direção da minha mesa, ajustando a alça de uma bolsa preta e grande nos ombros. Eu disse que não era cego, então... mesmo que ela não fosse o tipo de mulher que geralmente chamava a minha atenção — nada a ver com a cor da sua pele, mas com o jeito, o estilo, a idade, tudo — eu tive que ceder àquela vontade absurda de passear os olhos por seu corpo enquanto ela vinha andando. Porque Diana era realmente a definição de uma garota com um corpo espetacular: seios que pareciam médios, curvas vertiginosas, e pelo modo como ela andava, altiva,

confiante, parecia saber bem disso. E pensar no estrago que essa menina faria quando fosse mais velha, se tão jovem já tinha aquele jeito de quem poderia deixar um homem de joelhos. Ainda bem que eu nunca saberia disso.

Eu limpei a minha garganta e me obriguei a desviar o olhar do modo ondulante como seus quadris se moviam, ou como aquela maldita camiseta moldava aquele par de seios. Me sentei mais ereto na cadeira e juntei minhas mãos sobre a mesa quando ela chegou perto e ficou de pé, a minha frente, mas não tão perto como a menina que tinha acabado de sair, no entanto.

Diana não disse nada, e ficamos nos olhando por uns segundos antes que eu lembrasse que era o professor ali e tinha pedido que ela ficasse. Levantei de repente, incomodado em ficar sentado com ela de pé diante de mim, e me apoiando na lateral da mesa cruzei meus braços sobre meu o peito. Ela me encarou erguendo o queixo. Depois de segundos em que eu ainda não disse nada, Diana desviou seus olhos e analisou as unhas, e mais uma vez aquela expressão quase tediosa apareceu em seu rosto.

— Diana, você esteve presente no primeiro dia da minha aula quando eu apresentei o programa dessa disciplina e também expliquei algumas regras para os alunos?

Ela parou o que fazia, basicamente olhar para suas unhas vermelhas, e me encarou, suas sobrancelhas franzidas em confusão.

— Regras?

— Sim. Regras, normas, coisas que eu aprecio e que são importantes para o bom funcionamento da aula — expliquei, especulando brevemente se ela realmente sabia o que eram regras, ou pelo menos se importava com isso, pela forma como repetiu a palavra. E também estava decididamente disposto a manter meus olhos em seu rosto. Que era uma distração, com aquele contraste entre a cor viva do seu cabelo flamejante, os lábios carnudos e olhos claros, mas a distração seria maior ainda se eu resolvesse descer mais o olhar... E se eu por acaso, apenas por acaso, focasse a minha atenção rapidamente em formatos, curvas e sinuosidades mais atrativas, descendo rumo ao sul do corpo de Diana... ela estava falando e eu deveria estar ouvindo.

— Não, eu não estava. Acabei perdendo o esclarecimento sobre as suas regras, professor — ela disse muito calmamente e com uma expressão como se estivesse realmente lamentando por isso. Mas não estava, claro, estava lá, nitidamente perceptível no jeito que os lábios dela pareciam torcer para o lado muito sutilmente. Eu sabia que ela estava sendo irônica, e a encarei firmemente por trás dos meus óculos para disfarçar que estava mais afetado do que deveria. O problema era que a sua atitude, em vez de me irritar ou me fazer sentir desrespeitado de alguma forma, estava me deixando mais atento, curioso,

interessado.

— Deve ser por isso, então, que você parece ter tanta facilidade em ignorá-las. E não pela primeira vez. Um aviso: não tolero atrasos absurdos como os que você tem tido.

Diana me olhou em silêncio, lábios apertados agora. Mas não se desculpou ou tentou esclarecer a questão. Porque eu sabia que estava sendo rigoroso, eu geralmente era, mas ainda assim não era inflexível. Se ela tivesse uma razão, se me dissesse algo, eu ouviria, mesmo que às vezes eu simplesmente solicitava com toda a educação que o aluno voltasse no próximo horário.

Aguardei, e ela continuou calada, o que me deu vontade de empurrar os seus limites também. Uma garota de segundo período, o que estava acontecendo comigo, afinal?

— Há algo que você queira me dizer quanto a isso?

— Você chama para uma conversa todos os alunos que chegam atrasados nas suas aulas?

— Não, visto que dificilmente alguém faz isso. Regras, lembra?

— Sei. Regras.

— Então, algo a dizer?

— Não. O que eu diria? O senhor não aceita atrasos, se eu quiser continuar a assistir suas aulas não devo mais me atrasar. Simples assim.

Era o que eu queria ouvir, e a parte do senhor, que acontecia de um aluno referir-se ocasionalmente quando você era um professor, ainda que eu tivesse 30 anos de idade, deveria me confortar quando a palavra saiu dos seus lábios. Demarcar espaços, posições, impor limites, não era isso que eu sempre estava buscando ali com os alunos? Mas me incomodou, porque evidenciava a diferença não só de idade, mas de posição no contexto em que nós dois estávamos inseridos.

— Bom que estamos entendidos, então.

Diana mudou o peso de um pé para o outro, olhando fixamente para mim, cruzando os braços, e meus olhos não conseguiam parar a varredura rápida que eu estava fazendo nela. Mais uma vez.

— Muito bem, professor. Vou tentar não violar suas regras da próxima vez. — Aquela voz, entre doce e provocativa, a maneira como ela disse a palavra "violar" e o jeito como me olhou apontaram na direção de que na verdade era como se estivesse pouco se importando com a minha opinião. Ou as minhas regras.

— Eu agradeço, Diana.

— Mais alguma coisa? — ela inquireu, e eu notei que ela desceu o olhar pelo meu rosto, e finalmente pareceu se deter no meu peito, voltando a subir e

travando os olhos nos meus novamente. Nada de olhares longos e sorrisinhos melosos para mim, como o que ela estava dando ao rapaz ao seu lado na aula mais cedo. Mas ainda assim aquele era um olhar rápido e quente, atrevimento vibrando a partir dele. E eu reagi a esse olhar, minha mente racional e meu corpo muito humano travando uma pequena batalha em relação a Diana Ribeiro diante de mim. Estava mesmo na hora daquela interação terminar, ou eu acabaria demonstrando mais interesse do que seria adequado.

Mas eu nem precisei tomar a iniciativa para isso. A porta foi aberta lentamente e nós dois olhamos para lá quando a cabeça do mesmo rapaz que estava sentado ao seu lado apareceu. Qual era mesmo o nome daquele idiota desavisado? Pensei, realmente irritado. Ele olhou entre mim e Diana com um sorriso que ele achou que poderia ser simpático, e eu não retribui. Dei uma espiada e ela estava sorrindo para ele, o que, olha só, contribuiu um pouquinho mais para aumentar minha irritação.

— Ah... Olá, professor Diego. Pensei que vocês já tivessem terminado.

— Eu pareço ter terminado aqui? — questionei e ainda que eu não devesse me importar, perguntei-me se eles tinham algo mais pessoal que uma amizade de turma. — Há alguma coisa que você queria tratar comigo?

— Peço desculpas, professor. E não, eu na verdade estou apenas esperando a Diana.

— Então, por favor, aguarde enquanto eu concluo a nossa conversa aqui, tudo bem?

Ele acenou com a cabeça afirmativamente e fechou a porta devagar. Voltei minha total atenção para Diana. Interessante. Ela tinha algum tipo de encontro com ele depois da aula?

— Você está com pressa? — Resolvi perguntar, tangenciando a questão que realmente estava interessado: se ela iria ao encontro dele.

— Eu nunca estou com pressa. — Diana deu de ombros, e um canto dos seus lábios curvou-se em um princípio de sorriso. — É justamente por isso que estamos tendo esta conversa aqui agora, não é?

Ela era insolente mesmo, não era apenas impressão minha. E eu não estava acostumado a lidar com insolência. Pensei em como isso podia ser instigante.

— Certo, então. E, Diana...

— Sim?

— Por favor, traga a resenha que eu pedi na aula passada, que se eu não estou enganado, você não veio. Você pode ir agora — avisei-a, encerrando o assunto ao dar a volta na mesa e indo pegar a minha pasta. Ajeitei-a e levantei o olhar para ela. Diana arqueou uma sobrancelha bem delineada, fez um gesto de

assentimento e foi saindo, caminhando para a porta de um modo que nem para salvar minha alma eu poderia deixar de acompanhar com o olhar... E era uma visão e tanto, sua bunda, que parecia perfeita, apertada naquela calça, a maneira lenta e confiante como se movimentava, o balançar hipnotizante dos seus quadris, e aqueles cabelos vermelhos descendo por suas costas.

E novamente fui perturbado por uma visão nítida da minha mão enfiada neles, puxando-os, ou daqueles cabelos presos no meu punho, torcidos em volta do meu pulso, enquanto eu realmente a devorava, e não apenas com os olhos daquela vez... e aquilo me fez de novo questionar minha sanidade naquele dia. Sanidade, ética, razão, tudo aquilo pareceu não ter saído comigo de casa naquela manhã.

Nem sei como pude utilizar devidamente partes do meu cérebro para processar o que eu a ouvia dizer, mas sei que ela disse, em alto e bom som, antes de abrir a porta e sair sem nem lançar um segundo olhar na minha direção.

— Não, eu não vim mesmo. E você parece estar notando muito minhas idas e vindas. Aliás, bom dia, professor.

Não respondi. Não neguei. Nem mesmo tentei. Voltei a sentar pesadamente na cadeira, tirando os óculos e passando a mão no meu rosto, impactado com as imagens que eu havia evocado, e pior, me deliciando com cada uma delas a ponto de realmente precisar ficar uns segundos ali, antes de poder andar dignamente pelos corredores de uma universidade de novo.

Capítulo 2

UM RUMO NA VIDA

Diana 

— Diana, pelo amor de Deus, eu quase tenho um treco quando o vi caminhando até onde você estava, qual é? — Ana lançou-me um olhar abismado, sorrindo e empurrando de leve seu ombro com o meu, fazendo com que eu quase tropeçasse. — Se eu fosse você, tinha derretido ali mesmo.

Sorri, e balancei a cabeça.

— Eu não achei que ele fosse até lá. Ele sempre tinha me ignorado antes.

— Nem sei por que ele te deixou entrar, viu?

— Ele não me viu. Quando olhou eu já estava sentada, então, deve ter resolvido não se dar ao trabalho. — Eu dei de ombros, pensando sobre a expressão zangada em seu olhar por trás daqueles óculos. Eu realmente revirei os meus olhos, muito rápido, antes de abaixar a cabeça, mas junto com aquele aborrecimento, o foda foi que, como as milhares de fãs imbecis que ele parecia ter viviam alardeando, não dava para não ser um pouco afetada pela sua presença, mesmo que você não gostasse muito do seu jeito fechado e prepotente. Para ser sincera, desde a primeira — não, sua segunda aula, na verdade, na primeira eu não fui, pensei, com um sorriso — eu tinha a impressão de que ele parecia um lerdo, um cara bonito, mas cansativo, como se ele precisasse de uma sacudida, sabe?

Nós estávamos saindo da aula posterior à sua naquele momento e indo para uma das bibliotecas em uma visita rápida. Eu e Ana iríamos pegar o livro para a maldita resenha de Diego e de outra disciplina da próxima semana, isso se ainda achássemos algum exemplar, e logo depois eu iria para casa. Naquele dia, eu realmente precisava ir para casa mais cedo e ver como a minha mãe estava, a minha avó tinha saído e eu não queria deixá-la sozinha depois de hoje pela manhã. Sem falar que às 15h tinha que estar no meu turno no estúdio de fotografia em que eu trabalhava todas as tardes, não muito longe de casa.

— Eu não disse que ele não é gostoso, porque ele é, pelo amor de Deus, mas também é um pé no saco. Aquele jeito todo convencido como se fosse algum tipo de presente de Deus para humanidade me dá nos nervos — bufei, lembrando exatamente da hora em que ele, o prof. Diego Avellar, não à toa também conhecido como Sr. Frio, chegou bem perto de mim e ficou de pé. Lógico que eu ia dar uma manjada muito rápida nele, *me detendo* naquele

peitoral que parecia sensacional naquela camisa de botões, e claro, mais abaixo, naquele pacote, antes de encará-lo com toda a inocência que eu podia fingir ter. Porque eu não tinha nenhuma. E olha, era um pacote muito bom, assim visto de relance, eu não podia mentir. Se ele notou, foda-se, ninguém mandou ele ficar parado daquele jeito na minha frente, não é? Não dava para não olhar.

— Mas é porque ele é um presente de Deus para a humanidade, né, amiga? Ele pode.

— Pode porque vocês ficam babando nele feito um monte de desesperadas, e isso faz ele se achar ainda mais — retruquei. Alguns alunos, também indo em direção a biblioteca ou voltando de lá, passavam por nós. Eu notava um olhar ou outro mais espantado ao meu cabelo vermelho, e o pior é que eles achavam que estavam sendo discretos, pensei, sorrindo. Não que eu me importasse. Eu gostava dele assim, e era isso que estava valendo. No ano anterior, tinha feito *box braids* e andado por aí com longas tranças, e aos 17 anos pintei meus cabelos de roxo. Só durou uma semana porque a direção da escola não permitiu que eu assistisse aulas assim, mas tinha valido a pena.

— Quem me dera poder babar naquele homem... Jesus. — Ela abanou-se com as mãos. — Pena que ele nem nota que eu existo. E olha que eu já dei uma chegada mais para a frente, mas nada.... Vou tentar chegar muito atrasada para ver se cola.

Eu dei uma olhada para ela, carrancuda.

— Fala sério, Ana!

Ela arqueou uma sobrancelha, zombeteira.

— Não sei, quem sabe assim, não é? Não é com todo mundo que ele resolve pedir para ficar depois da aula. E aí, me diz o que ele falou.

Lembrei com uma nitidez impressionante do olhar intenso do professor Diego, da forma como ele me encarou enquanto eu vinha caminhando na sua direção. Por um momento ele não parecia tão formal e certinho com aquele olhar tão fixo no meu corpo, parecia mais como um cara que poderia incendiar uma garota... Essa garota aqui.

E eu caprichei mesmo no andar, de propósito, um pouco dividida entre aquela coisa de não gostar do jeito esnobe do cara, que não me atraía nem um pouco, para ser sincera, e aquela outra coisa, aquela que sussurrava no meu ouvido para que eu testasse se, por acaso, sei lá, ele estava prestando atenção em mim. E ele estava, sim, mas muito sutilmente. Não era descarado, como a maioria dos caras, mas estava me sacando.

E aquela vozinha continuava na minha mente enquanto ele falava comigo... Você sabe aquilo que aparece muito nos desenhos animados, do anjinho e do diabinho que ficam um de cada lado do ombro de uma pessoa e tal?

Para equilibrar? Falando coisas diferentes para que você tomasse decisões sensatas, no caso do anjinho, e para que você fizesse merda, no caso do diabinho? Pois é, parece que não tinham enviado o anjinho para mim, infelizmente. Eu ainda estava esperando-o chegar.

Para onde eu me virasse, era a mesma vozinha me mandando provocar e tirar ele do sério enquanto ele me repreendia. E eu nem fiquei surpresa quando a vontade de provocá-lo e tentá-lo estava aumentando também não só a nível de palavras, mas de ações. Por isso eu tinha falado aquilo ao sair.

Porra, eu nem gostava muito do cara! Quer dizer, eu nem mesmo o conhecia de verdade, mas não curtia o seu jeito, mas isso realmente não queria dizer que eu não pudesse apreciar, tirá-lo daquela concha de frieza. Por um instante me perdi do que Ana estava dizendo, mas ela com certeza devia estar suspirando por ele, conclui, levemente irritada.

— Diana, eu sinceramente acho que a gente merece uma medalha por conseguir prestar atenção em uma aula com aquele professor ali falando. Do que diabos ele estava falando hoje mesmo? Porque eu não sei.

— Não faço ideia.

— Olha aí, escondendo o jogo, então, estava prestando atenção em quê?

— Ana me provocou. Nós encontramos um banco próximo à entrada da biblioteca e sentamos.

— Nele. — Eu pus minha bolsa no colo e tirei um chocolate de lá. Ofereci a Ana que mordeu um pedaço e me devolveu.

— Viu? Gostoso demais. Difícil de prestar atenção em outra coisa.

— O chocolate?

— O professor Diego, Diana! Você quer fazer graça, não é?

Eu arqueei uma sobrancelha, lambendo a ponta do meu dedo com um pouco de chocolate levemente derretido nele, minha mente que já era um poço de malícia, imaginando o sabor de outras coisas por aí...

— Eu já te disse, não nego, ele é lindo — engoli e apontei um dedo para ela —, mas deve ser um porre. Ana, olha o cara: as minhas regras, a minha disciplina e o escambau — eu modulei a voz para ficar mais grossa e imitei o seu tom pomposo, e nós caímos na risada de novo. E eu compreendi que por mais que achasse a Ana legal, não queria que ela soubesse que eu não era tão indiferente assim ao Sr. Frio.

Engoli mais um pedaço, voltando a ficar séria. A voz de Diego era de um tom pomposo, sim, mas era uma voz grave, envolvente, e quando ele falou comigo daquele modo de quem estava corrigindo uma malcriação que eu havia feito, algo revirou nas minhas entranhas, e por mais que eu realmente não ficasse com caras como professor Diego, que além de tudo era mais velho que eu — não

que eu me importasse com isso, só nunca tinha acontecido — aquela vontade de realmente ser irreverente, bagunçar um pouco aquele seu cabelo arrumadinho, tirar aquela camisa engomadinha, abaixar aquela calça e... Hum, aquele desejo veio com força total.

— Ele é todo certinho, sim, e todo mundo sabe. As meninas do período anterior já haviam dito *pra* gente como ele era, lembra? — Ana estava falando, fazendo um coque ligeiro nos cabelos negros e me dando um sorriso. — Não é tão difícil se acostumar.

Ana era uma das poucas colegas que eu tinha, alguém com quem eu tinha imediatamente me enturmado naquela sala. Por mais rebelde, exótica ou desencanada que muita gente achasse que eu era, eu tinha certa dificuldade de me aproximar muito das pessoas. Não era timidez, era mais como uma ideia de me manter na minha, no meu canto, mas também não afastava ninguém que se aproximasse de mim. Além de Ana, havia também Thiago, é claro, que pelo jeito, queria mais do que se enturmar comigo, mas eu não tinha, ainda, dado uma chance a ele de verdade.

Era o tipo de cara que me atraía, relaxado, divertido, descomplicado, e eu ia pensar sobre isso com carinho. E ele deveria estar querendo mesmo, ainda mais depois de o louco interromper a minha conversa com o professor daquele jeito. Diego não havia gostado nada da interrupção, eu percebi naquela mandíbula quadrada quando ele olhou para Thiago ali na porta. Devia ter algo a ver com as suas famosas regrinhas: não ser interrompido quando estava passando um sermão em alguém. Eu, ele e Ana fomos tomar um cafezinho depois que saí da sala, e ele deixou mais claro ainda que estava a fim.

— Eu lembro, sim. — respondi a Ana, agora. — Mas achei que fosse mais, sei lá, exagero delas. Não imaginava que ele fosse realmente tão rigoroso daquele jeito.

— Ele é. Nem alguns professores mais velhos são como ele, mas eu entendo, de algum modo, se ele vivesse sorrindo para todas as alunas, já pensou como seria?

— Pois é, se ele não sorriu para você e você está assim, imagina se ele sorrir — retruquei, e ela me lançou um olhar divertido e pôs a mão no peito, suspirando.

— Mas ele sorriu *pra* você?

— Não. Não tinha nada engraçado nele me dando lembrete de horário, pode acreditar.

— Ele não parece ser de sorrir muito — ela pareceu lamentar —, mas deve ser melhor assim, para a nossa concentração, que ele não sorria muito.

— Olha, o que eu sei é que não precisa viver sorrindo. Mas também não

precisa agir como se um pouco mais de simpatia fosse algum tipo de crime, coisa chata.

— Ele não é chato. Você que implica com ele.

— Ah, é. É por isso que ele tem todos esses apelidos. Só eu o acho chato.

— Mas amiga, tenha dó, olha que horas você chegou. Eu tentei te ligar e nada, só chamava, o que aconteceu?

Respirei fundo, cruzando as minhas pernas, a simples lembrança daquele cara chegando na nossa casa e achando que poderia entrar como se morasse lá me deixava louca de raiva.

— Eu sei, nem vi o celular. Advinha quem chegou lá em casa logo cedo? Não pude deixar mamãe sozinha.

Ana me lançou um olhar preocupado. Ela sabia sobre o drama que minha mãe estava envolvida com o último namorado dela que se recusava a entender que ela não queria mais o relacionamento deles, e insistindo de uma forma que estava me deixando não só com raiva, mas apreensiva. Eu já disse a ela para tomar medidas mais duras, mas ela parecia achar que passar a mão na sua cabeça e explicar com carinho ia resolver o problema. Não ia. Se fosse, ele já teria entendido.

— Eita, amiga. Mas ele tentou algo...?

— Ele tinha a chave, você acredita? Não sei como a minha mãe pode acreditar nas pessoas assim. Ela já havia pedido a chave e ele prometeu dar depois, mas ela deve ter esquecido. — Apertei as minhas têmporas, triste, lembrando da expressão em seu rosto quando finalmente pareceu ter compreendido que tinha um puta problema nas mãos. Um problema que poderia ficar mais sério ainda, se ela, se nós, não fizéssemos algo.

— Que merda, Diana. E o que deu?

— Eu já estava saindo de casa, estava terminando meu café quando eu o vi entrar. Óbvio que eu discuti com ele, a mamãe apareceu e finalmente foi mais firme, depois de uma conversa rápida em que eu fiquei por lá porque não era louca de sair. Fred deixou a chave e foi embora. Ela me disse que ele prometeu não voltar lá, nem insisti mais. Pergunta se eu acredito nisso? Vamos trocar a fechadura. Nessa história toda, quando eu vi já estava superatrasada.

— Poxa, que barra, amiga. E a sua avó, estava em casa?

— Graças a Deus que não, senão ela tinha quebrado a cabeça dele, ou algo desse tipo, e agora nós estávamos no hospital ou em uma delegacia. Ainda bem que ela tinha saído cedo para uma consulta.

— Melhor. Mas foi isso que você disse a ele, não foi? Explicou seu atraso?

Eu balancei a cabeça apertando meus lábios antes de responder.

— Claro que não. Por que eu diria isso a ele? Derramar minhas coisas assim para um completo estranho? O prof. Diego não estava exatamente com uma cara de quem iria me dar clemência porque eu tive um problema familiar.

— Mas talvez tivesse entendido.

— Certo, e isso ia mudar o quê? O que ele queria era avisar: não entre na minha aula depois que ela começou, e eu prometi isso. Problema resolvido.

— E não é como se fosse a primeira vez, né? Vez ou outra você não vem ou está atrasada, desde que as aulas começaram este semestre, o que está acontecendo?

Eu suspirei, amassando a embalagem do meu chocolate e pensando, não pela primeira vez, mais pela milésima, o que diabos eu queria da minha vida. Não era como se estar em uma Universidade, começando um curso que eu tinha escolhido justo porque me identificava com ele, de certo modo, fosse como saber exatamente o que eu estava fazendo, ou se aquilo era o que eu queria, ou mesmo se dali a seis meses eu não iria querer outra coisa... Era um inferno total e me deixava confusa.

— Eu estou meio que me arrastando *pra* cá, Ana, essa que é a verdade, e isso é uma droga, eu pensava que estava tão certa do que queria fazer. Testes vocacionais, vocês me enganaram. — Eu gemi, frustrada, mas dei um sorriso em sua direção. — Ou talvez eu simplesmente tenha dado todas as repostas erradas às perguntas feitas, não é?

Ana me afagou no ombro, amável, ela própria tão certa de tudo que queria agora, e eu aos 19 anos me sentia perdida em vários aspectos da minha vida, a profissão que eu queria para o futuro era uma delas. Mas uma coisa eu sabia naquele momento: a vida era só uma, e eu tinha aquele ímpeto de que a minha avó chamava de rebeldia, a minha mãe chamava de paixão, para mim tanto fazia, estava aqui em mim, pulsando, e eu ia encontrar o meu caminho, isso eu sabia, podia não ser agora e nem aqui no Rio, mas eu iria.

E talvez, só talvez, no futuro, eu me arrependesse da minha visão de mundo, mas por enquanto eu estava muito pouco preocupada em viver seguindo tantas normas e proibições, pensei, lembrando com desdém de um certo professor muito convencional e irritante cuja imagem agora estava ao lado de uma palavra na minha cabeça: desafio.



Quando eu cheguei em casa mais tarde, entrando e largando a minha bolsa no sofá mais próximo, fui direto para o quarto da minha mãe. Dei uma

batidinha e quando a ouvi dizer para entrar, abri a porta lentamente e a encontrei sentada na cama, papéis, caixas e álbuns espalhados a sua volta. Mamãe levantou a cabeça e me deu um sorriso meio melancólico.

— Ei, meu amor. Chegou cedo. — Ela fez um gesto para que eu me aproximasse. Fechei a porta atrás de mim e fui beijá-la. Beatriz Ribeiro poderia passar por uma irmã um pouco mais velha, nós estávamos acostumadas a sair juntas e as pessoas terem dificuldade em acreditar que ela era a minha mãe. Ela tinha apenas 39 anos, tinha acabado de fazer 20 quando eu nasci, eu esperava sinceramente chegar na sua idade com metade da disposição e da beleza.

Talvez pela idade e por ter sido mãe relativamente jovem, sempre tivemos uma relação que era ao mesmo tempo de mãe e filha, mas também de amigas que se amavam e se respeitavam muito. Nossas diferenças eram mais de personalidade, enquanto eu era mais enérgica e impulsiva, eu sabia disso, ela sempre foi mais quieta e compassiva. Mamãe vivia dizendo que a personalidade forte das Ribeiro pulava uma geração, e enquanto eu era mais parecida com minha avó, com o sangue quente e a rebeldia que ela própria tivera na juventude e que de certo modo ainda trazia traços daquele comportamento na velhice, mamãe era completamente o oposto: muito mais delicada e maleável.

Não era à toa que de vez em quando envolvia-se em relacionamentos nos quais apostava muitas fichas e depois acabava sofrendo. Eu torcia muito para que ela encontrasse alguém que pudesse fazê-la feliz, como ela buscava. A minha ideia de ser feliz, por enquanto, estava mais relacionada as minhas próprias realizações, mas... Eu a entendia perfeitamente.

— Ei, mãe. Como você está? — Sentei-me na cama à sua frente, observando as coisas que ela remexia. Havia muitas fotos nossas, minhas, dela, de vovó. E pacotes de cartas antigas também, notei.

— Melhor, meu amor. Você já almoçou? Tem comida pronta se você quiser.

— Não, já comi, e não vou demorar muito, hoje tenho que ir ao estúdio. E a vovó?

— Acabou de chegar também. Tinha aproveitado para ir visitar tio Anselmo, por isso demorou. Deve estar no quarto.

Eu olhei para o seu rosto, que apesar do sorriso, apresentava nítidas marcas de lágrimas. Detestava ver a minha mãe assim.

— O que foi, mãe? Por que você está toda chorosa aí? — Segurei sua mão e a sacudi de leve, franzindo a testa falando baixo: — Não me diga que você está sentindo falta de Fred.

— Não! Deus me livre, filha. Depois de hoje, definitivamente não quero mais ver aquele homem na minha frente.

— Ah, bom que você pensa assim, porque a frigideira que eu ia dar na cabeça dele podia bem bater na sua agora se você dissesse que ainda quer algo com aquele calhorda, Bia. — Uma voz firme e alta se ouviu da porta, e vovó entrou no quarto.

— Mãe, por favor. Eu já disse a você sobre isso. E nada de frigideiras na cabeça de ninguém.

— Queria era estar aqui quando aquele patife de merda entrou por aquela porta, ah, mas eu queria! Safado desses!

— Mas eu disse umas boas a ele, vó. Fique tranquila.

Mamãe olhou para mim e suspirou, cansada, e eu sorri mais largamente, virando-me para apreciar a minha outra pessoa preferida no mundo, minha avó Madalena, que era carinhosamente chamada por todos de Madá, o nome que eu tinha tatuado na parte interna do meu antebraço. Vovó era esguia, com os cabelos muito bem pintados de preto para esconder todos os fios brancos, presos em um coque baixo, os olhos escuros atentos e a expressão sempre viva. Em casa, gostava muito de usar vestidos soltos, "de vovó", ela dizia, mas quando saía, só gostava de estar bem arrumada e muito pintada, das unhas ao batom nada discreto. Descrição não era bem algo que ela gostasse.

Sem falar que tinha a finesse e o linguajar nada adequado a uma vovó, e de vez em quando chocava muito as pessoas que achavam que aquela senhora pequena e de aspecto falsamente frágil não poderia dar uns berros e falar mil palavrões. Não era à toa que mamãe dizia que toda a minha influência tinha vindo diretamente dela. E eu adorava isso.

— Ei, vó.

Ela veio e me abraçou pelos ombros, beijando o topo da minha cabeça.

— Ei, minha pequena.

— Deu tudo certo lá na consulta?

— Que nada. Ali estão esperando a gente morrer *pra* dar baixa na lista, esses escrotos. Vou voltar lá na semana que vem. — Ela expirou com força e foi se sentar do outro lado da cama, olhando com atenção também para as coisas que mamãe tinha espalhado por ali. Mamãe guardou os papéis em uma caixa pequena e tampou devagar.

— Não precisa esconder, sei muito bem de quem são. — Vovó sorriu e franziu os olhinhos astutos para a filha. — Não é à toa que você não quer mais esse outro que está rondando por aí. Você não me engana, Beatriz.

— Ninguém está querendo enganar ninguém aqui, mãe. Eu só estou pensando na vida. Em como as coisas poderiam ter sido... — Mamãe suspirou, e então eu soube a razão daquela melancolia toda. Não era apenas pelo relacionamento desfeito, era também por um que ela nunca tinha vivido

plenamente. Então, era o homem surgido do passado que estava mexendo com ela...

— Bem, eu disse a você na época para dar um chute na bunda do pai de Diana, que aquilo nunca prestou, minha filha. Mas você me ouviu?

— A maldição das Ribeiro? — Eu levantei as sobrancelhas em zombaria àquela brincadeira boba que a irmã de vovó, tia Elsa, vivia fazendo. Que nós não tínhamos sorte para homens, nenhuma de nós. Vovó vivera com meu avô por poucos anos, antes que ele a traísse com sua comadre, na casa ao lado da sua. Vovó deu uma surra na comadre, madrinha da minha mãe, quebrou a vassoura nas costas do vovô, segundo ela mesma fazia questão de contar, e o pôs *pra* fora de casa. Em uma época que o mais comum era a mulher aceitar e se conformar com esse tipo de coisa, aceitar passivamente que esse era o comportamento típico masculino e não havia muita coisa que uma mulher com uma filha podia fazer. Mas não vovó Madá. Claro que ele voltou arrependido, mas ela nunca o perdoou e nem o aceitou de volta.

Depois teve outros relacionamentos curtos, e sempre disse que foi muito feliz em todos eles, ainda que nunca tenha se casado. Mas ainda assim, o único relacionamento significativo da minha avó após deixar meu avô — que ela só chamava de salafrário — eu cresci ouvindo a palavra e só depois fui saber que era a mesma coisa que canalha — tinha sido com o vovô João Pedro, que não era meu avô biológico, mas foi a figura masculina que cumpriu esse papel na minha vida, e que realmente fez a minha avó feliz até o último dia da sua vida.

Mamãe, por sua vez, tinha namorado com o meu pai por um tempo na escola, depois casou e só mais tarde descobriu que papai era um verdadeiro encosto, como quando ficou desempregado e nunca mais quis trabalhar, além de ser um bebedor inveterado. Ela, então, com uma filha pequena, pediu o divórcio e foi morar com a vovó. Hoje meu pai morava em Alagoas com outra mulher e seus 3 filhos, e parece que trabalhava, segundo eu soube.

— Maldição que nada, isso é a língua grande dessa doida que nunca teve homem na vida, não sabe nem do que *tá* falando. Maldição! — vovó bufou em zombaria, indignada, e eu ri.

— Não seja maldosa, mãe. — Mamãe tentava esconder o sorriso.

— Maldosa nada. Elsa nunca teve um homem na sua cama, e como tem medo, vive inventando essa besteira de maldição, até parece. Eu vivi foi muito feliz e tive homem até o dia que eu quis, isso sim, ora se por causa do salafrário do seu pai eu ia ser infeliz, hum... achei outros 'melhor' que ele, até.

Eu e mamãe sorrimos olhando uma para a outra. Aí estava a palavra, estava custando aparecer.

— Mas então, estamos falando do passado da mamãe aqui? — Eu a fitei,

curiosa, depois olhei para vovó. Mamãe franziu os lábios, ajeitando os cabelos pelo ombro.

— Eu disse a você, filha, que encontrei o Mário por acaso depois de todos esses anos quando ele veio até o escritório falar com o senhor Batista — mamãe explicou, quase timidamente, o que era fofo, e sorriu. Será que finalmente iria acontecer, depois de todos aqueles anos? Minha mãe trabalhava como assistente em um escritório de contabilidade no Centro, um emprego que ela mantinha há vários anos. E de repente, o cara que foi apaixonado por ela na juventude entrava pela porta para falar com o seu chefe e a encontrava ali? Quer dizer, quais as chances de aquilo acontecer? Mas aconteceu. E desde esse dia ela estava mantendo contato com ele, que morava em São Paulo, e reavaliando a vida e os relacionamentos pelo jeito. E estava fazendo muito bem em se livrar de um embuste que agora não queria aceitar a situação.

— Podem achar que é coisa de velha chata, mas *pra* mim, quando tem que ser, vai ser. O que é do homem o bicho não come.

— Aí eu já não concordo com a senhora, vovó. A gente faz as coisas aconteceram, as nossas decisões é que vão dizer "se vai ser". — Eu dei de ombros.

— Besteira. — Vovó fez um gesto de desdém com as mãos, torcendo a boca como era uma marca registrada sua. — A gente toma as decisões da gente, sim, mas tem algo maior que quando é *pra* ser aquele ou aquela, vai ser de qualquer jeito. Pode escrever isso, menina.

Eu não retuquei mais, só fiz um gesto com os lábios, muito parecido com a forma como ela fazia em silêncio.

— Estou começando a concordar com você, mamãe. Quem diria que eu ia reencontrar esse homem depois de todos esses anos?

— Você pensou nele, mãe? Esses anos todos?

— Às vezes, sim. Mas era mais como um pensamento de algo que já tinha ficado para trás e nunca ia voltar.

Apenas assenti.

— Há quanto tempo você não via esse menino, Bia?

— Menino? Mário tem a mesma idade que eu, a senhora esqueceu?

— *Pra* mim todo mundo que tem menos de 40 é menino. Tem 20 anos isso? — vovó insistiu, tentando lembrar. — Eu com certeza não lembro mais dele. Só sei que tinha uns cabelos pretos e era magro e alto, não era?

Mamãe suspirou pela milésima vez.

— Sim. Tem quase isso mesmo, 20 anos. Eu estava em um período conturbado com o Haroldo, e o Mário... Bem, veio me dizer que queria ficar comigo justo quando eu tinha acabado de descobrir que estava grávida.

— Péssimo timing o do Mário. Mas parece que ele quer recuperar o tempo perdido, não é? — Eu olhei para ela, e mamãe fez que sim.

— E bota tempo nisso — vovó disse.

— É, parece. O Mário mal acreditou quando me viu lá, e eu... Queria me esconder, correr para o banheiro. Esse homem não me via há quase 20 anos, eu era novinha, tudo em cima, ah, Senhor... — Ela cobriu o rosto com as mãos.

— Como é que é, mãe? A senhora é linda. Mais gostosa que muita novinha por aí. Ele deve ter mal acreditado na própria sorte, isso sim.

— Será, filha? Ele parecia tão bonito, como quando tinha 20 anos. Mais até, não sei como, mas acreditem em mim, ele estava.

— Eu acredito — vovó disse logo, rápido. — E homem bom é homem que sabe das coisas. Esse negócio de homem novinho não presta não, vão por mim.

Eu sorri, e minha mente traiçoeira foi buscar certo homem mais velho com quem eu tinha conversado naquela manhã. Não sei se ele “sabia das coisas” como vovó estava dizendo, no entanto, mas seria um desperdício se não soubesse.

— Tá certo, vó — eu disse, e ela riu, virando-se para mamãe, parecendo muito séria agora.

— *Me escute*, minha filha. Vocês estão vivos, bem, as coisas estão tudo funcionando ainda, graças a Deus... Aproveita. Vai viver sua vida, sim.

— Mãe, a senhora não tem jeito! É claro que... Pelo amor de Deus, ele tem só 39 anos. Quer dizer, Deus permita que esteja tudo certo por lá — ela disse, e depois nós três rimos.

— Vai estar! — Vovó levantou a mão e fechou os olhos. — Esse tempo todinho você esperando um homem que preste, vai estar, Deus é mais!

— Vó, a senhora é minha diva. — Eu ri, e me estiquei para dar um beijo nela. Olhei no meu relógio e estava na hora de me arrumar e ir para o estúdio de fotografia.

Mamãe sorriu, depois ficou me olhando com uma expressão preocupada.

— Diana, se eu tivesse que ir morar em São Paulo, minha filha, você iria comigo? — ela questionou, muito séria, apreensiva. Eu tinha levantado já, e não esperava aquela pergunta agora. Claro que assim que eu soube onde Mário Rezende morava e que tinha lojas de produtos esportivos em São Paulo, *me passou* pela cabeça que a minha mãe iria ao seu encontro em algum momento, ou ele viria ao encontro dela. Mas ir embora do Rio de uma vez? Fiquei uns segundos olhando para a minha mãe, depois olhei para vovó, e pelo seu rosto, eu soube que era a única que ainda não tinha sido introduzida no assunto.

— Eu... não sei, mãe. Você já decidiu sobre isso?

— É sobre o seu curso? Minha filha, é só uma pergunta, não decidi nada ainda. Você sabe que eu e sua avó te amamos muito, e por nós, ficaríamos sempre juntas. Talvez eu não precise ir, o Mário pode...

— Mãe, calma aí, é a sua vida, pense na senhora. Eu tenho que correr agora, mas vamos conversar sobre isso, *tá*? Fica tranquila. Vamos fazer o que for melhor para todas nós. Aqui, em São Paulo, onde for.

Soprei beijos para ambas e saí do quarto pensando se existia realmente algo que me prendesse ao Rio, e concluindo que não, não existia, de verdade, sem mamãe e vovó ali. Se eu tivesse que ir para outra cidade, eu poderia ir, sim, quem sabe não seria por lá que eu repensaria minhas escolhas e encontraria o meu rumo na vida.

Capítulo 3

PERDENDO O CONTROLE

Diego 

Depositei a minha pasta sobre a mesa depois de cumprimentar a turma com um bom dia, e sentar-me. Aguardei enquanto alguns se acomodavam, pacientemente, e de modo quase imediato, olhei para o fundo da turma, franzindo as minha testa, quando um movimento a minha direita chamou a minha atenção e eu olhei, bem no momento em que Diana parava na porta da sala, olhando diretamente pra mim.

Ela tinha vindo de vestido hoje, foi a primeira coisa que o meu cérebro registrou, antes mesmo de ter percebido que ela finalmente tinha chegado em cima da hora, mas não atrasada, pelo menos. Meu Deus, um vestido? Aquilo era uma catástrofe anunciada. Mas poderia ser pior, ela poderia estar sentada bem na minha frente, então, ia ficar tudo certo.

Porque eu me vi vez ou outra nesses dois dias voltando a pensar no nosso diálogo e nas imagens que se atrelaram àquelas lembranças. *Pra* ser sincero “vez ou outra” era um pouco simplificar a questão: a maldita garota mal tinha saído da minha mente naqueles dois dias. Mesmo ocupado com o trabalho no prédio do Ministério — eu ainda estava em estágio probatório, então, concentração era fundamental, eu me peguei novamente tecendo fantasias sexuais ensandecidas sobre ela.

E agora, um vestido não ia ajudar-me a apagá-las mais rápido, que era o que eu queria. Olhar, ou praticamente babar em uma aluna durante uma aula, em uma conversa, era uma coisa, prosseguir com esse comportamento era outra completamente diferente. Eu não poderia esperar nada daquilo, então, era melhor parar. Vamos lá, eu era um homem crescido, tranquilo, controlado, que ia dar a minha maldita aula do jeito que tinha programado. Era só ficar concentrado e não olhar para o fundo da sala, onde ela estava. Resolvido.

Mas o exercício de concentração já não ia começar muito bem, porque ela fez um simples aceno de cabeça *pra* mim e entrou. Eu acompanhei o mais discretamente que pude fazer já que não olhar estava fora de cogitação. E aquele vestido colorido, de alças finas e solto ao redor das suas pernas, parecia que era curto demais para assistir a uma aula, pensei nisso enquanto via parte das suas coxas bem torneadas de fora, mais evidentes por causa da sandália alta que ela usava. O cabelo vermelho tinha sido prendido em um rabo de cavalo, que

balançou de leve quando ela passou bem na frente da minha mesa, daquela vez, para ir para a parte de trás da sala.

Quando ela virou, seguindo pelo meio das carteiras, eu pude perceber, embasbacado, que não era apenas os seus cabelos que faziam movimentos perturbadoramente ondulantes. Engoli em seco, ajustei meus óculos ao mesmo tempo em que ficava com o olhar colado na sua bunda redonda e firme naquele vestidinho, que sim, diabos, era muito curto para o meu gosto. Imaginar o tipo de calcinha que ela usaria também não ia ajudar... então, não podia permitir a minha mente ir por esse caminho.

Não pude encontrar a minha voz ainda e pigarreei, até que ela se sentou. E cruzou lentamente as pernas. E o que eu estava fazendo? Olhando *pra* lá, claro, feito um idiota, o que tinha dito que não ia fazer. Com as pernas cruzadas e as coxas expostas, ela se concentrou em mexer na bolsa e se preparar para a aula.

— ... É o seis, não é professor? — Alguém estava dizendo *pra* mim, na frente. Olhei meio confuso para a aluna em questão, uma menina de cabelos negros, que parecia sentar-se lá atrás e agora estava aqui pela frente, se eu não estava enganado.

— O quê?

— O texto. É o seis, que você vai trabalhar agora, não é? — Ela sorriu da minha confusão. O texto seis. O texto da aula.

— Isso, claro. O seis. Vocês... — Eu respirei fundo e encarei a turma, passando meu olhar por todos. — Leram o texto, não é?

Algumas confirmações baixas, outras mais entusiasmadas, e eu ajeitei meu livro e comecei a me preparar para o início da aula. Era uma sexta-feira e novamente eu tinha os primeiros horários, fazia questão deles, se possível, e não poderia estar me desconcentrando já tão cedo assim. Por causa de um maldito vestido...

Levantei minha cabeça e comecei a falar sobre a perspectiva filosófica do Estado de Direito no século XVIII contando com a atenção de boa parte da turma. Boa parte, porque alguns pareciam mais concentrados em malditas pernas alheias expostas ao lado, notei, com uma espiada muito rápida na direção de Diana. O cara sentado ao seu lado, o palhaço desavisado do outro dia, estava com o olhar fixo nela, e pelo jeito não era uma coincidência a escolha do seu local para sentar-se. No entanto, Diana era que havia chegado e foi sentar-se exatamente ao lado dele.

Não conseguindo parar a irritação com essa constatação, e sem deixar a discussão de lado, levantei-me, andando devagar, e fiquei na direção do corredor entre os locais de ambos, cruzando os meus braços sobre o peito e dando um

olhar direto para o aluno ao lado de Diana. E ele nem notou, veja só, porque curvou-se de lado e falou algo baixinho, sorrindo, os olhos cravados em suas pernas, e depois subindo... Diana balançou a cabeça, confirmando, mas sorriu.

— Você aí atrás... Qual o seu nome? Algo sobre o assunto em pauta que você queira compartilhar conosco...? — eu falei, alto *pra* ele, que assustado, *me olhou*, sentando-se mais reto na sua cadeira. Quase todas as cabeças viraram em sua direção.

— Eu, professor? — Ele olhou para os lados meio em pânico sob o meu olhar frio.

— Sim, você. Qual o seu nome?

— Thiago.

— Bem, Thiago, tive a impressão que você queria externar algo para toda a turma. Vamos ouvir, então.

— Eu...não, professor.

— Ok, então. Vamos continuar — informei, e Thiago assentiu, parecendo aliviado, e passou a ficar concentrado em qualquer outra coisa que deveria estar, como na maldita aula, por exemplo.

Diana mordeu o lábio com um sorrisinho e abaixou a cabeça, e quando se levantou, passou a me olhar fixamente, agora, toda a sua atenção voltada *pra* mim, e daquela posição eu poderia vê-la bem melhor. Em contrapartida, ela também poderia me ver bem melhor, e foi o que ela fez.

Arrastou o olhar por meu corpo de modo vagaroso, de cima a baixo, e eu quase pude sentir o calor daquele olhar me aquecer. Se na ocasião anterior eu tinha alguma dúvida de que essa garota tinha realmente me lançado olhares de desejo, ainda que misturados com certa irritação, agora eu não tinha mais nenhuma dúvida.

Naquele momento, eu tentava bravamente conciliar o que o meu cérebro estava concentrado, ou pelo menos deveria estar, que era nas Revoluções Liberais, e o que ele estava rapidamente começando a ficar mais interessado, que era no movimento dos seios de Diana que me pareciam simplesmente apetitosos e perfeitos daquela perspectiva quando ela cruzou os braços sobre a carteira, ainda olhando *pra* mim... e as Revoluções Liberais começaram a perder a batalha por minha concentração em um ritmo vertiginoso, principalmente quando uma alcinha do seu vestido deslizou de modo perigoso e ela arrastou de volta para cima novamente, muito, muito devagar. A minha mente fez o movimento contrário a isso, imaginandoa descendo muito mais, expondo um seio que eu tinha certeza, pelo volume e contorno que eu já tinha notado na aula passada, pareceria caber com exatidão na minha mão, e eu abaixaria a minha cabeça para...

— Século XV, professor?! — Uma voz fina e meio surpresa interrompeu o curso enlouquecido dos meus pensamentos, e eu voltei o meu olhar para a aluna que tinha falado, a menina que tinha entregado o trabalho na aula passada, que eu não sabia o nome. Ela me olhava com o rosto franzido. — Não seria o XVIII, não?

Do que porra eu estava falando? Aquilo estava passando de todos os limites, total e malditamente extrapolando tudo. Como eu estava permitindo que aquilo acontecesse? Como logo eu poderia dar aula e ao mesmo tempo pensando em abaixar as alças de um vestido de uma aluna minha — uma muito jovem aluna minha — e sugar seus seios como um desesperado? Bem na frente da turma inteira? Resolvi voltar para detrás da minha mesa antes que ficasse com uma evidente ereção em pé na frente da sala toda, e me sentei, meio desconfortável. Era inadmissível, e eu estava chocado com o nível do meu descontrole.

— XVIII, claro. Sinto muito — eu disse a ela, e sorri para a turma para aliviar a minha própria tensão. Outra garota sentada atrás dessa levou a mão ao peito quando eu sorri, com a boca entreaberta — era a que tinha perguntado sobre o texto antes. Eu sorri de novo e ela fez que ia desmaiar, e eu, claro, fingi que não percebi.

Retomei um pouco de controle e comecei a incentivar as participações, que graças a Deus vieram, e eu pude controlar o nível da minha respiração e deixar a minha animação de ainda há pouco arrefecer. Ter uma ereção em sala de aula, eu tinha realmente chegado a esse ponto. Não poderia voltar a olhar para Diana sentada ali até que aula acabasse, determinei a mim mesmo, concordando com a fala de um rapaz sentado no canto esquerdo.



— Por favor, vocês podem deixar os trabalhos aqui na mesa ao saírem — avisei quando o horário acabou. Peguei minha garrafa de água e tomei um gole, enquanto observava os alunos saindo e deixando as resenhas no canto da mesa.

Eu tinha conseguido, com muito custo, manter a aula até o final sem nenhuma tentativa louca de envergonhar a mim mesmo, e só por precaução, tinha ficado o tempo todo sentado. O que não quer dizer que não percebi o tal do Thiago muito quieto, sem lançar o seu sorrisinho habitual para os lados, talvez não querendo chamar novamente a minha atenção.

Quando quase todos tinham entregado e saído da turma, eu levantei a vista dos trabalhos que estava arrumando, e notei que Diana ainda estava sentada

guardando suas coisas. Ela levantou a cabeça e me pegou olhando-a, e voltei a me concentrar no que fazia. Senti que ela se aproximava e deixei os papéis de lado, pondo os meus braços sobre a mesa e fixando minha total atenção sobre ela.

Mais uma vez, ela me hipnotizava com a forma com que vinha na minha direção, e eu respirei fundo, tentando fazer uso do meu conhecido e notável controle. Diana, dessa vez, sentou-se na cadeira imediatamente à minha frente e cruzou as pernas de novo, pondo a sua bolsa na cadeira ao lado e virando-se para mim.

O mais rápido que eu pude, verifiquei suas pernas lindas cruzadas e como na verdade ela parecia mais jovem e mais provocante ainda com o cabelo preso. Isso piorou ainda mais o meu sentimento de que aquilo tudo era inadequado em medidas colossais. E ainda assim, eu não poderia deixar de olhar *pra* ela e desejar cada uma das coisas que eu estava pensando. E por mais que a minha aparência ou a personalidade pudessem indicar o contrário, eu tinha uma imaginação muito boa.

— Oi, Diana, tudo bem com você? Posso ajudar em alguma coisa?

Ela ainda ficou uns segundos em silêncio me olhando com aquele olhar que parecia dinamite. Eu imaginava o que ela poderia querer depois da nossa última conversa, pois tinha chegado na hora, então, observei que ela não tinha posto a sua resenha junto com as outras. Era isso, então?

— Eu gostaria da sua ajuda, sim, professor — ela murmurou, e o timbre baixo e lento da sua voz me chamando daquele jeito de professor, era a merda de um tesão. Respirei fundo, bem calmamente.

— Em que sentido?

— Eu tive um problema para concluir a minha resenha, que deveria entregar agora. Queria saber se posso te entregar em um outro horário...

— Outro horário?

Diana, pela primeira vez, fez um movimento com a garganta que poderia indicar algum desconforto perto de mim, e piscou várias vezes. Eu franzi o meu cenho, *me inclinando* na mesa em direção a ela, atento.

— Sim, ainda hoje. Não lhe pediria para prorrogar o prazo, claro — Ela fez um gesto com a cabeça e seus cabelos vermelhos abundantes se moveram, atraindo meu olhar.

— Entregar em outro horário é, de algum modo, prorrogar o prazo.

Ela apertou os lábios como se fosse ter algum tipo de atitude insolente... o que eu adoraria que ela tivesse, na verdade, depois de pensar bem sobre o assunto.

— Detalhe apenas. Você não vai receber, então, é isso?

Essa menina estava fazendo algum tipo de jogo comigo? Apertei meus olhos e ajustei meus óculos. O que eu deveria fazer: dizer a ela que o prazo era aquele ao término da minha aula e que ela tivesse sorte em conseguir passar apenas com as notas das próximas avaliações? E desejar bom dia? O que eu, um idiota descontrolado, agindo irresponsavelmente, com um tesão furioso por ela, e mandando tudo ao inferno, fez:

— Vou receber. Se for hoje mesmo. Nenhum dia a mais.

— Foi o que eu propus, não foi? — Ela deu ombros, sorrindo amplamente *pra* mim, o que a deixou mais linda ainda. — Hoje.

Limpei a garganta ouvindo em sua voz muito mais do que aquela simples palavra pronunciada.

— Certo. Mas tem um pequeno detalhe, Diana. Não estarei mais na universidade hoje depois do meio-dia.

— Eu imaginava que não estaria...

— E nem posso receber no meu outro trabalho à tarde. — Por Deus, eu estava ficando rouco olhando *pra* ela e dizendo coisas que nem remotamente tinham uma conotação sexual. Mas eu estava com a cabeça a mil. Ambas.

Ela molhou o lábio inferior com a língua, rápido, mas eu registrei o gesto e meu olhar ficou ali, em seus lábios, e nada, nem razão, nem adequabilidade, nem porra nenhuma me fizeram tirar meus olhos dali. Quando eu finalmente subi o olhar, Diana estava respirando mais pesadamente também, um desejo cru que eu tinha certeza, estava expresso no meu olhar também. A consciência de que o que me detinha era estar dentro de uma sala de aula com a porta aberta era ao mesmo tempo assombroso e fascinante.

— Onde eu posso entregar, então? — Diana finalmente perguntou.

É uma loucura. É uma maldita loucura, a voz da razão interveio: você pode estar pondo anos de resoluções, firmeza, a organização da sua vida em risco, atraindo problemas desnecessários para...

— No meu apartamento. — Eu mal reconheci a minha voz. Aquilo estava oficialmente saindo dos trilhos, e a batida seria épica pelo jeito. Esperava que os transtornos decorrentes desse impacto não abalassem de modo permanente a minha vida.

Diana curvou os lábios em um sorriso meigo. E se a tentação tivesse uma imagem, bem que poderia ser aquela, ali, na minha frente, pensei, enquanto descobria que não era nem metade um cara tão resoluto quanto eu achei que fosse.



Eu bebi um longo gole de água, sentindo a minha garganta seca, e olhei para fora, para as luzes daquele início de noite, a partir da ampla varanda do meu apartamento, as portas de vidro que iam do chão ao teto abertas atrás de mim. Eu estava há uns 10 minutos concentrado em meus pensamentos, e se eu gostasse de beber, o que não era o caso — eu muito raramente bebia — teria pegado uma bebida enquanto aguardava... uma garota de 19 anos, eu tinha verificado, vir ao meu apartamento, à noite, para me entregar um maldito trabalho que poderia ser entregue no dia seguinte se eu quisesse. Eu balancei a cabeça e sorri. Isso parecia muito mais coisa do irresponsável e mulherengo do meu irmão mais novo, Marcos, ou mesmo de Ricardo, não algo que eu faria. Eu só podia estar louco mesmo.

Assim que eu disse a Diana que ela poderia entregar o trabalho no meu apartamento, ela concordara, e deu um jeito não tão sutil de saber quem encontraria por lá, nesse horário. Se era uma maneira de saber se eu tinha um compromisso, eu não podia afirmar, mas eu a tranquilizei que morava sozinho e que ela só encontraria a mim. E mais ninguém. Eu lhe repassei, então, o meu endereço, ciente de que estava saindo muito do caminho que eu costumava trilhar, da quebra das minhas próprias determinações ao permitir que ela viesse em minha casa. Porque se o que eu estava imaginando, querendo, acontecesse...

Quando eu cheguei do Ministério, às 18h, tomei um banho, troquei de roupa, peguei um livro de suspense e voltei para a sala. Tinha vestido uma calça jeans e uma camisa de algodão simples, e ficado descalço, como eu sempre estava em casa. Ler era uma das coisas que mais me relaxavam, assim como ouvir música e eu resolvi fazer as duas coisas, porque eu estava precisando. Enquanto tentava me concentrar na trama bem elaborada de O Morcego, de Jo Nesbo, liguei o meu som e a voz potente e única de Oswaldo Montenegro encheu o ambiente. Relaxar. Essa era a ideia.

Claro que ainda assim eu não relaxei coisa nenhuma, então, estava esperando. E quando o interfone tocou e Diana foi anunciada, eu abaixei o som, consciente de que por mais fora da curva que aquilo estava sendo, eu não queria dar a impressão de que estava preparando algo mais do que o recebimento de um trabalho acadêmico. Olha só que cinismo o meu. E isso porque eu vivia advertindo os caras sobre a forma como lidavam com as mulheres.

Quando o barulho do elevador anunciou sua chegada, eu me dirigi para a sala e as portas se abriram no hall privativo. Diana estava parada lá, usando outro vestido tentador, dessa vez um preto, de um tecido mais macio, colante, perfeitamente ajustado a cada uma das suas curvas, e que acabava bem no meio das suas coxas. Seu cabelo estava novamente preso, agora em um tipo de coque

bagunçado, e umas mechas caíam pela sua testa dando-lhe um ar angelical e perigoso, tudo a um só tempo, pensei, percorrendo-a com os olhos um pouco mais demoradamente. Diana trazia um tipo de pasta preta nas mãos e eu lembrei, não com a rapidez e a objetividade necessárias, que era a resenha que ela ficara de trazer.

— Oi, professor, boa noite — ela disse após esses segundos de silêncio em que nós ficamos apenas nos observando. Eu movi a minha garganta sem conseguir afastar meu olhar do seu e ainda que eu não tivesse feito nenhum gesto a não ser olhar para ela, Diana se aproximou bem devagar, ficando parada a centímetros de mim. Ela tinha o poder de me desconcertar, e parecia gostar disso.

Ela não era baixinha, devia ter pouco mais de 1,70 m, mas ainda assim, tinha que levantar um pouco a cabeça para olhar para o meu rosto. E foi o que ela fez, e minha respiração engatou com a ousadia do gesto: ficou ali, quase colada em mim. Senti seus seios praticamente tocarem o meu peito coberto pelo tecido fino da minha camiseta, o calor do corpo feminino perfurando os meus músculos tensos. Ela se aproximou mais, ainda mais e pôs os dedos no meu ombro para se apoiar, esticando-se um pouco para falar no meu ouvido:

— Eu trouxe o que você queria, professor Diego, como combinado.

Eu senti seu hálito morno, seu cheiro invadindo as minhas narinas, me excitando. Olhei para os seus olhos, para os seus lábios tão perto dos meus, entreabertos em um ligeiro sorriso, todos os pensamentos racionais e coerentes fugindo em debandada quando o desejo, o tesão e a fome que eu estava sentindo assumiram o espaço na minha mente. A fome por ela. Foda-se tudo.

— Então me dê — sussurrei quase em sua boca. Diana riu e se espremeu mais contra meu peito, ficando na ponta dos pés. E me mostrando que ousadia era seu verdadeiro sobrenome, deu uma lambidinha vagarosa e úmida pela minha orelha e mordeu de leve o lóbulo. Senti meu sangue disparar pelas veias e correr para o meu pau, a adrenalina fluir pelo meu corpo inteiro, me deixando aceso, alerta.

— Não. Que tal você vir pegar? — Ela sorriu, afastando-se um passo e tentou se virar. Não mesmo. *Você vai precisar lidar com o que está provocando*, pensei. E sem dizer uma palavra, pus a mão em torno de sua garganta exposta, envolvendo-a quase completamente, com firmeza, e senti uma satisfação perversa em ver seu olhar insolente e confiante de segundos antes vacilar por um breve instante e ser substituído por um olhar surpreso. Curvei o canto da minha boca em um sorriso sem soltá-la, e então me abaixei e rosnei em seu ouvido.

— Ah, eu vou pegar, sim. E vou ser muito rígido, duro, exigente com você. Implacável, talvez. Você sabe, tudo isso que vocês dizem de mim.

E tomei seus lábios com toda a necessidade que estava me consumindo, beijando-a de maneira intensa, firme, sugando seus lábios, mal dando tempo a ela de abri-los totalmente antes que eu introduzisse a minha língua em sua boca e começasse a devorá-la como queria. Como vinha imaginando. Ouvi seu murmúrio de aprovação e voltei a provar de seus lábios cheios com renovada avidez.

A pasta preta que ela trazia caiu das suas mãos, e lá ficou. Diana fez um som abafado e enfiou os dedos em meus cabelos, retribuindo o beijo com ardor, meio curvada sob o peso do meu corpo inclinado sobre o dela. Saboreei seus lábios de maneira quase impaciente. Não tinha nenhuma gota da minha conhecida calma em mim agora. Queria consumi-la inteira.

Usei a minha outra mão para enlaçar sua cintura por trás e puxei-a *pra* mim, de modo a que ela sentisse a minha ereção dura pressionada contra ela. Afastei minha mão da sua garganta e segurei em sua nuca, ajustando o ângulo para aprofundar mais o beijo, sugando seu lábio inferior e mordendo-o um pouco. Ela deu uma mistura de gemido de dor e prazer, que enviou ondas de satisfação direto para o meu pau.

Interrompi o beijo e a virei de costas *pra* mim, em um giro rápido e firme, e levei-a em direção a parede ao lado e a presei ali ouvindo o ligeiro ofegar de Diana quando fiz isso. Apertei meus dentes juntos em agonia quando pressionei meu corpo em toda a extensão do seu corpo maleável e perfeito, e senti a curva sinuosa da sua bunda me pressionar. Aproximei meu rosto e encostei meu nariz em seu pescoço.

— Estou adorando a sua rigidez, professor, continua, por favor... — ela disse, e pude ouvir o sorrisinho em seu tom quando, em um movimento circular e fluído, ela se esfregou em mim, rebolando.

— Eu posso ser mais duro ainda. O que mais vocês dizem que sou mesmo? — eu perguntei, minha voz rascante, persuasiva, pressionando-a de volta na parede. Levei uma mão em seu cabelo e comecei a desfazer o coque. Diana estava em silêncio, mas eu ouvia e sentia sua respiração arfante, rápida, e quando seu cabelo vermelho deslizou pelas costas, finalmente livre, eu admirei-o e novamente aproximei-me e enfiei meu rosto nele, enquanto subia uma mão pela lateral da sua coxa, enfiando meus dedos em sua carne firme.

— Fale! — ordenei baixo, pegando agora seus braços e os estendendo acima da sua cabeça na parede prendendo seus pulsos juntos com apenas uma mão das minhas mãos. — Mantenha seus braços aí. E me diga, o que eu sou?

— Não sei. Pergunte a suas...

Eu a interrompi agarrando e puxando de leve seus cabelos pela nuca, enchendo os meus dedos daquela massa de fogo e fazendo seu rosto virar

lateralmente *pra* mim. Ela estava ofegante e seus lábios estavam entreabertos, notei, levemente inchados do meu beijo faminto de antes.

— Esqueça-as. Estou perguntando a você — rosnei em seu ouvido, e então mordi seu pescoço, pressionando os dentes e depois usando a língua para lambar o local. Ela gemeu, e fechei os olhos porque o som era enlouquecedor demais. — *Me diga*, vamos.

— Você quer saber? Ok, vou te dizer. Você é chato. — Ela deu uma risada me provocando, e eu subi a barra do seu vestido tentador pelas suas coxas de ambos os lados, o tecido colante deslizando pelas suas curvas, meus olhos presos na ação, até que expus sua bunda para meu deleite. Minha nossa...

— Gosta do que vê, professor? — Diana abaixou os braços e pôs as palmas das duas mãos nas bochechas da sua bunda, virando o pescoço para me olhar. — Ainda quer ser duro comigo? Não mereço nenhuma compaixão?

— Estou avaliando isso. E não me tente, garota. Mãos na parede — grunhi, e ela jogou o pescoço para trás e riu. Nunca encontrei uma mulher que pudesse e sentisse prazer em me desestabilizar. A maioria apreciava meus modos educados, galantes, e depois desfrutavam da minha maneira atenciosa na cama. Mas não aquela, e isso também fazia com que eu quisesse ser com ela exatamente o oposto do que era com outras mulheres. Um lado diferente meu, só para ela.

Cerrei minha mandíbula diante da visão de uma calcinha rendada cor de rosa fina, parecida com um shortinho. Metade daquela peça desaparecia na fenda da sua bunda deliciosa. Com minha respiração mais acelerada ainda, levantei seu cabelo e o preendi em meu punho, girando o seu rosto para o outro lado. A tatuagem que ela tinha desse lado, no pescoço, dizia: Free Soul (alma livre) e isso parecia definir bem o pouco que eu tinha visto de Diana. Livre de regras? Talvez. De amarras? Eu não me importava. Não ia pensar em nada que fosse para além disso aqui, agora. Já tinha quebrado minhas preciosas regras e não valia a pena pensar sobre nada disso.

— Oh, você gosta de ser mandão, quem diria? Só te avisando: não lido bem com caras mandões.

— Vai lidar comigo. E não quero ouvir sobre nenhum cara, então, atenha-se ao que estou perguntando. — Empurrei minha pélvis de encontro a sua bunda de novo e ela se contorceu, rebolando novamente e me fazendo fechar os olhos e proferir alguns palavrões antes de abri-los de novo. Com metade do vestido levantado e prensada na parede diante de mim, nenhuma daquelas imagens que eu evoquei nos últimos dias fazia jus ao ímpeto de fodê-la que me consumia.

— *Me faça* gostar de obedecer, então. Ao contrário de você, eu posso ser

bem flexível quando quero.

— Vou apreciar sua flexibilidade, tenha certeza disso. E então, o que mais eu sou, chato, é isso? — Quis saber, e dei uma lambida no meio dos seus ombros expostos. Então terminei de subir o vestido todo por seu corpo, e Diana se desfez dele me ajudando, apressada. Não havia um sutiã, claro... Suas costas estavam nuas. Quando ela se afastou como se quisesse virar, eu a pressionei de novo na parede, ajeitando meu pau na minha boxer, mal conseguindo contê-lo ali.

— Ainda não terminei minha avaliação. Te disse que ia ser duro. Continue. O que mais você acha que eu sou?

— Ah, você não vai querer saber.

— Sim, eu vou — grunhi, meus olhos perdidos no passeio alucinante que era observar sua cintura fina, sua bunda gostosa, arrebitada... Havia uma outra tatuagem na sua lateral, uma frase, pegando as costelas e a cintura, e eu li: a vida é da cor que você pinta. Curioso.

— Você é, deixe-me ver... arrogante — ela disse, tentando virar *pra* me olhar de novo. Segurei novamente seus cabelos e beijei seus ombros expostos. Depois, o espaço entre suas omoplatas. Lanceei a minha língua pelo espaço mais fundo no meio das suas costas, descendo. Diana gemeu de novo, baixinho. Apertei sua cintura, cravando meus dedos.

— Pedante — ela continuou, mas seu tom era tão rouco quanto o meu, instável, mas o divertimento ainda estava lá. Me abaixei, ficando de joelhos, e meus lábios sôfregos desceram um pouco mais em beijos, lambidas e mordidas em suas costas. Cada um desses era recebido com um gemidinho gostoso que me deixava desvairado. Espalmei sua bunda, segurando em minhas palmas as bochechas redondas, e dei pequenas mordidas nas suas costelas, de um lado, depois lambi, e ela gemeu alto se contorcendo. Do outro. Novos sons que só aumentavam o meu tesão.

— O que mais? — exigi, apertando e massageando sua bunda em círculos firmes, meus olhos presos onde a calcinha sumia.

— Presunçoso... — Diana gemeu, quase não terminando a palavra quando eu mordi uma bochecha. Lambi do outro lado e segurei um pedaço do tecido entre os dentes, puxando-o um pouco para baixo.

— O que mais?

— Diego... — Ela choramingou, e eu segurei a calcinha dos dois lados, como se fosse descê-la por suas pernas esguias.

— Continue!

— Frio. Você parece a porra de um cara frio *pra* cacete, seu... — ela soltou, sua voz alta, quase raivosa, desafiadora e enrouquecida de tesão, e antes

que ela terminasse a frase, eu puxei com força dos dois lados e rasguei do seu corpo aquela peça ínfima de renda com um gesto brusco, quase agressivo, deixando-a completamente nua. O som do tecido frágil se partindo, junto com o gemido longo que ela deu pareceu o detonador de uma explosão dentro de mim. Afastei os pedaços rasgados e joguei no chão.

— Ah... Meu Deus... — Diana ofegou, e seus joelhos curvaram um pouco.

Finalmente permiti que ela virasse, e quando ela se voltou, a visão era tão impactante que eu agradeci já estar de joelhos. Seus seios, como eu imaginei, eram médios, durinhos, os bicos escuros pontudos. Seria a perfeição puxá-los com os dentes, pensei, levantando as mãos e massageando-os, puxando os mamilos de leve, descendo com o meu toque por sua barriga plana, e o olhar apreciando seu corpo gostoso.

Diana imediatamente segurou meus cabelos com força, seus olhos quase fechados, olhando *pra* mim ajoelhado a sua frente. Ela era linda como eu também imaginei, e me deleitei com a visão do seu corpo, principalmente daquela parte essencial que estava imediatamente na direção do meu rosto. Da minha boca. Da minha língua. Peguei uma das suas pernas e a levantei, colocando-a sobre o meu ombro sem desviar os meus olhos dos seus. Diana parecia lânguida, e suspirou quando eu beijei a parte interna da sua coxa, depois pressionei com os dentes em alguns pontos. Fiz círculos com a língua.

— Eu quis fazer isso quase assim que te vi — confessei, intensificando as lambidas em sua coxa. Mais gemidos. Mais sussurros.

— E eu queria que você fizesse isso assim que te vi — ela disse, e gemeu lançando o pescoço para trás quando eu soprei meu hálito morno exatamente aonde pretendia chegar com os beijos. Sua boceta estava totalmente depilada, e eu salivei, aproximando mais o meu rosto e sorvendo seu cheiro, uma mistura de sua excitação e umidade, um aroma feminino e natural que era mais excitante e sexualmente intoxicante que qualquer cheiro adocicado. Rosnei com aquele cheiro antes de lambê-la longa e lentamente.

— Oh céus... Sim. Assim, por favor! — Diana puxou mais forte meus cabelos, se recostando na parede à medida que eu aprofundava as investidas da minha língua. Segurei sua bunda para abri-la mais e mordi seu clitóris de leve, golpeando-o sem clemência enquanto ouvia ela soltar sons incoerentes e passar os dedos por meus cabelos, entre puxando-os e acariciando-os.

Sentia sua umidade aumentar na minha língua, e também aumentei o ritmo das lambidas e chupadas. Enfiei um dedo, depois o outro em sua boceta escorregadia, e passei a fodê-la, dentro e fora, em ritmo lento, depois mais rápido, e Diana soltou vários palavrões — e isso foi quente — enquanto eu

continuava a minha lenta degustação. Porque era isso que eu estava fazendo, degustando-a como um faminto.

— Perfeito... Deliciosa. — Gemi, meu pau a ponto de explodir, mas logo ele também estaria participando ativamente daquela avaliação.

— Caralho, ahh... Que língua gostosa é essa...?

Eu continuava com os olhos fixos nos dela enquanto a levava à loucura. E não demorou para que Diana esticasse o pescoço, fechasse os olhos e me informasse entre gemidos alucinados que iria gozar. Eu senti quando ela me brindou com os estremecimentos do seu orgasmo nos meus dedos e na minha boca, seus músculos se contraindo rapidamente enquanto eu a segurava, e ainda a sugava sofregamente, até que ela terminasse.

Porra, ou eu estaria profundamente enterrado nela em segundos, ou enlouqueceria. Senti seu corpo quase desabar e me levantei rápido enquanto ela se apoiava em mim. Pensei que ela fosse abrir os olhos e fazer algum tipo de comentário insolente ou me provocar. Mas ela apenas me puxou pelo pescoço e me beijou.

Seu gosto na minha língua e seus lábios famintos nos meus me excitaram mais, e eu massageei meu pau, enquanto Diana já puxava minha camisa pela cabeça e a jogava no chão. Quando me viu livre dela, pôs as duas mãos no meu peito parecendo fascinada, e massageou meus pelos e meus músculos de maneira agonizante. Ver seus dedos ali era quase uma tortura, mas não maior do que não me enterrar nela. Urgentemente.

Diana estava beijando e lambendo minha mandíbula, meu pescoço, minha orelha, fazendo o meu sangue ferver enquanto descia as mãos pelos meus músculos abdominais, alcançando o cócs da minha calça e abrindo o botão, descendo o zíper.

— Onde mais você é maravilhoso assim? Preciso saber — ela sussurrou, agoniada, e com o tesão que eu estava, se deixasse que ela fizesse qualquer outra coisa que não engolir o meu pau com aquela boceta quente e molhada, eu morreria. Diana passou a empurrar a minha calça para baixo com impaciência, e eu ajudei saindo rápido da maldita peça, levando a minha cueca junto. Meu pau se moveu, livre, muito duro, dolorosamente rígido por ela.

— Hummmm... — Diana fez, mordendo os lábios, e arregalando um pouco os olhos ao fixar o olhar *pra* baixo. — Merda, você tinha que ser perfeito até nisso, não era?

— Agora eu sou perfeito? — Levantei uma sobrancelha, consciente de que apesar de não viver alardeando, eu acreditava que nenhuma mulher tinha do que reclamar no que dizia respeito ao meu tamanho, desempenho e habilidades sexuais. Eu me dedicava com afinco a garantir isso, desfrutando de todo o

processo, claro. Mas meu sorriso se transformou em um silvo por entre os meus dentes quando ela pegou o meu pau e começou a manuseá-lo, olhando para mim com aquele jeito provocador enquanto dava uma lambida lenta e úmida no meu peito.

Peguei-a pela cintura e dei um impulso, e Diana jogou as pernas ao meu redor, cruzando-as atrás de mim, os braços sobre meus ombros e atrás do meu pescoço. Mantive-a suspensa em meus braços, e olhei em seus olhos pesados de desejo, plenamente consciente de duas coisas alarmantes: que com o desejo ensandecido que ela me despertava e a vontade absurda de enterrar-me todo na sua boceta úmida, a primeira era que bastaria um movimento para o nosso encaixe e eu mergulhasse nela, sem camisinha, sem proteção alguma, e a outra, era que tudo na minha mente nublada de tesão pedia que eu fizesse exatamente isso. Beije-i-a de novo, com renovado ímpeto, caminhando com ela para mais dentro da sala, afinal, nós nem tínhamos praticamente saído do lugar.

— E então, como anda sua avaliação, professor, pelo amor de Deus, preciso ir para a parte final ou vou enlouquecer — Diana sussurrou em meus lábios, sem fôlego, quando eu interrompi nosso beijo, se movendo de maneira sinuosa *pra* frente e *pra* trás em mim, os olhos fechados, os cabelos vermelhos caindo ao seu redor, os bicos durinhos dos seus seios friccionando os meus pelos. Engoli em seco, arfando, abalado com a sensualidade dessa visão.

— A parte em que serei muito duro ainda nem começou — eu assegurei, e mordi o lóbulo da sua orelha, sua mandíbula, chupei seu pescoço fortemente, indo em direção ao meu quarto. A respiração de Diana saía em rápidos arquejos, e ela se movia e serpenteava me descontrolando, retribuindo as chupadas e lambidas da mesma forma que eu estava fazendo.

— Não demora, não posso esperar mais... Por favor. Por favor... Diego.

Eu não tinha nem chegado ao quarto, pois não tinha certeza se conseguiria. Ou se mesmo queria. Virei e a pus novamente na parede do lado de fora do quarto, o rosto enterrado em seu pescoço, e apoiando-a pela cintura segurei meu pau e pus em sua abertura molhada, mal conseguindo respirar, a mandíbula travada.

Diana sentiu e deslizou para baixo em toda a minha extensão, engolindo meu pau em sua umidade escorregadia com um gemido rouco e apreciativo que fez os meus pelos se arrepiarem e meus ouvidos zunirem. E a minha racionalidade ir *pra* casa do caralho. Sem nem pensar em mais nada que não fosse o seu aperto em torno de mim, segurei-a pela bunda, mantendo-a no local enquanto arremetia mais profundamente, penetrando-a com força.

Grunhimos, um na boca do outro quando a preenchi completamente, nossos dentes se tocando, depois nossas línguas se enroscando, enquanto eu a

empurrava com as minhas estocadas cada vez mais intensas. A sensação de estar dentro dela, apertado, deslizando, era furiosamente perfeita, e Diana pendeu a cabeça, mordeu meu ombro, arranhou as minhas costas, sendo sacudida com o impacto das minhas investidas. E a mantive assim, suspensa, presa, enquanto nos movíamos quase sincronicamente, ouvindo o barulho dos nossos corpos batendo um no outro, nossas respirações pesadas e uma ligeira camada de suor nos cobrindo.

Ela levou uma das mãos entre nossos corpos unidos e se tocou olhando nos meus olhos, mordendo os lábios, e aquilo elevou minha excitação à máxima potência, e quando senti que ela finalmente perdia o controle, rebolando no meu pau, alucinada, uma mão apertando um mamilo, pulsando, um grito escapando de seus lábios... e gozei dentro dela, com um rugido alto e rouco, mordiscando seu pescoço, meu pau pulsando e enchendo-a toda, só levemente consciente de que não tinha sido apenas ela a perder o controle.

Capítulo 4

UM VULCÃO EM ERUPÇÃO

Diego 

— Merda! — sibilei quando senti o líquido quente do café queimar um pouco a minha mão. A xícara tinha transbordado na cafeteira e eu não percebi, distraído, irritado. Irritado, não. Furioso, na verdade, o que já era péssimo porque eu não gostava de me sentir furioso. Era sábado pela manhã, 6h ainda, mas eu estava muito inquieto para dormir. Maldita Diana!

Eu tinha acordado no meio da noite para descobrir que ela tinha ido simplesmente embora. Aquilo nunca tinha acontecido antes e eu fiquei por um momento perplexo, enquanto caminhava pelo apartamento completamente nu, me dando conta que ela realmente não estava lá. Ela levava a calcinha rasgada do chão, notei olhando em volta.

Aquela maluca tinha ido embora sozinha no meio da madrugada. Por que diabos ela não me chamou? Por que apenas saiu sorrateiramente sem... sem o que mesmo? Conversar depois do sexo? Ficar para o café da manhã? Não haveria nada disso, então, por que eu estava puto em descobrir que ela tinha ido embora assim? Eu sabia o motivo, ou pelo menos achava que sabia. Eu deveria ter levado ela em casa, sido mais cavalheiro de alguma forma e, principalmente, conversado com ela. Porra, a gente tinha que conversar.

Tomei um gole do meu café recostado no balcão da cozinha passando uma mão pelos meus cabelos molhados.

A noite havia sido épica, e o que tinha começado na sala — nas paredes, na verdade — tinha continuado na minha cama de maneira quase selvagem. Eu me sentia assim, particularmente, enquanto tinha Diana em meus lençóis, embaixo de mim, em cima de mim, a minha frente... Ela era como um vulcão em erupção, e as imagens estavam fazendo a sua parte agora para me deixar novamente duro. Às 6h da manhã, e com raiva dela.

Porque nós havíamos transado sem camisinha da primeira vez. E ainda que eu tenha usado depois, nas próximas não fez e nem faria diferença nenhuma. E até agora eu fechava os olhos e me dava conta da loucura e da insensatez daquilo e não conseguia ajustar aquele comportamento a minha maneira usual de agir, ao que eu era, ao modo que eu pensava. Transar sem camisinha com uma garota que eu mal conhecia, eu poderia dizer aquilo em voz alta por toda a eternidade e ainda assim essa atitude não se encaixaria. Onde eu estava com a

cabeça? Bem, as duas cabeças estavam entre as pernas de Diana, cada uma de jeito e em momentos diferentes, eis minha resposta, pensei, sardônico.

Então, claro que eu precisaria conversar com ela. Saber se usava algum tipo de método contraceptivo, se estava tudo bem, e se algo acontecesse? Engravidar uma aluna. Perfeito. Isso era perfeito, pensei com ironia. Tinha sido para isso que eu mandara as pretensões de papai às favas e fui buscar o meu próprio caminho? E os meus ideais de relacionamento, que estavam em torno de algo sério, planejado meticulosamente com alguma mulher que se ajustasse a minha vida e atendesse às minhas expectativas, como encaixar isso se eu engravidasse uma garota em uma única transa? E os meus discursos sobre responsabilidade para Marcos ao longo da nossa vida? Eu estava fodido. Ainda assim, se por acaso ela engravidasse, eu não me afastaria dos meus deveres de forma alguma, isso estava absolutamente decidido para mim.

O certo era que não existia aquilo de culpa, a responsabilidade era tão minha quanto dela. Na verdade, mais minha, muito mais minha. Eu era um cara de 30 anos, experiente, ela tinha 19 anos, por favor, eu deveria estar no controle, eu deveria ser a parte racional da equação. Mas se eu fosse sincero, em alguns momentos senti-me como se estivesse completamente sob o seu domínio, a sua mercê. E se na cama isso era sexy, fora dela era perturbador, principalmente para quem gostava de estar no controle das suas emoções, como era o meu caso.

Meu Deus, aquilo era muito louco. Mas já tinha acontecido, agora era arcar com possíveis consequências, não seria a primeira nem a última transa sem camisinha no mundo. Eu só estava indignado porque ela tinha fugido no meio da noite, quando poderíamos ter conversado racionalmente sobre aquilo. Ou até mesmo aproveitado as horas restantes depois da conversa para retomar nossas atividades...

Mas não, ela tinha decidido se esgueirar. Nenhuma mulher saía da minha cama assim, eu as levava embora, ou as deixava ir, mas nenhuma quis correr de mim desse jeito. Assim que terminei meu café, bastante zangado ainda, vesti um calção preto, uma camiseta azul, pus um boné, fones de ouvido, e resolvi correr na orla. Daqui a pouco Teo estaria aqui, já que tinha vindo deixar Julia e Amanda na casa dos pais dela.

Mais de uma hora e meia depois, eu voltei ao apartamento completamente suado, ofegante, sentindo meus músculos vibrarem com o esforço da corrida. Ainda que eu tivesse aparelhos em casa nada substituíria uma corrida ao ar livre, e desse jeito, acabei correndo mais do que pretendia, distraído, mas tinha tomado uma resolução firme.

Na próxima aula, na quarta, iria chamá-la para uma conversa e daria um jeito de marcarmos em algum local para que pudéssemos esclarecer as coisas.

Talvez eu a chamasse para vir aqui novamente apenas para conversar, pensei, sabendo de antemão que aquilo era besteira. Depois do que aconteceu, a última coisa que eu queria se tivesse aquela mulher de novo ao alcance das minhas mãos era conversar apenas. Depois, poderia até ser.

Teo chegou por volta das 9h30, já que ele sabia que assim como ele próprio, eu não era um cara de permanecer muito na cama, mesmo em um sábado pela manhã. A não ser que eu tivesse companhia, o que não era o caso.

— Pelo que vejo, alguém já começou o dia a todo vapor — Teo disse, sorrindo, a título de cumprimento assim que chegou. Eu já tinha tomado um novo banho e estava de bermuda e camiseta enxugando meus cabelos com uma toalha. Ele havia ligado quando eu estava voltando da corrida para avisar que estava saindo da casa dos sogros. Abracei-o e fiz um gesto para que ele sentasse.

— E você visitando os pais de Amanda assim tão cedo? Não me diga que de repente está louco de amores pela sua simpática sogra. — Eu sorri de volta, sentando-me do outro lado do sofá.

— Deus, não! Impossível. Só as trouxe para passar o dia com ela. Na verdade, até ficaria se Augusto estivesse por lá, mas como ele não está, não dá para ser torturado de livre e espontânea vontade. — Ele gemeu, passando a mão no rosto, e eu sorri, compreensivo.

— E a Julia? — Eu ergui uma sobrancelha. Sabia que a menina de 11 anos tinha problemas de relacionamento com Amanda, que pareciam se agravar cada vez mais à medida que ela crescia. Teo me contava algumas coisas, ainda que, obviamente, ele mantivesse alguns detalhes sobre os problemas do seu casamento para si próprio.

— Desconfio que ela preferia ter vindo comigo para sua casa pela carinha que fez quando me despedi. Mas você sabe, Amanda parece estar se empenhando e eu não ajudaria muito tirando-a de perto da mãe a cada vez que ela tentasse se aproximar. — Ele recostou-se mais no sofá, e por uns segundos pareceu um pouco perdido nos próprios pensamentos, então, me encarou — E você, como vai o mais novo promotor da área?

— Estou bem. É desafiador, mas é o que eu queria, sim, acho que me encontrei. Isso de ficar resolvendo questões legais sobre investimentos alternativos não é *pra* mim.

— Pelo visto o treinamento de Marcos para assumir as empresas precisa estar a todo vapor, então. Não que ele também queira isso — Teo disse, e nós sorrimos. Marcos era quase cinco anos mais novo que eu, e ainda que fosse um notório *bon vivant*, sempre acompanhado de belas mulheres e disposto a curtir a boa vida em qualquer oportunidade, tinha tomado consciência de que ele assumiria os negócios do pai, e não eu, como filho mais velho.

— Claro que não, pelo jeito o único treinamento que ele está interessado aos vinte e poucos anos, é em como entrar e sair o mais rápido possível da cama de uma mulher e pular para a de outra — eu completei, com um sorriso.

— E andar tanto com Ricardo, como ele vem fazendo ultimamente, parece que vai fazê-lo doutorar-se em dois tempos nisso.

— Deus, é verdade. Ainda mais agora com Ricardo resolvendo abrir uma boate, você sabe, ele vai investir pesado nisso, e eu fico feliz. E tenho a impressão que eles dois não saem mais de lá.

— Ele sabe que não vai encontrar um companheiro de farra e loucuras no irmão mais velho, então, encontrou em Ricardo o parceiro perfeito *pra* isso. — Teo deu de ombros sorrindo *pra* mim. Eu engoli em seco, de repente desconfortável, e levantei.

— Você quer beber alguma coisa? Uma cerveja?

— Sim, pode ser, sim. Mas você... tem bebida em casa, que milagre é esse? — Ele me seguiu, franzindo as sobrancelhas loiras, estranhando. Sempre que eles vinham ao meu apartamento comprávamos antes, porque eu raramente tinha bebida em casa. Mas na volta da corrida, resolvi comprar umas cervejas, pois de repente tinha ficado a fim de beber algo.

— Comprei ainda há pouco. Te acompanho. — Decidi, pegando duas cervejas, e passando uma a ele. Tomamos alguns goles em silêncio, em pé, recostados, naquele tipo de silêncio tranquilo que às vezes os homens ficavam quando bebiam. Depois de mais alguns goles, eu fiz um sinal e voltamos a nos dirigir à sala.

— E então, é definitiva mesmo a sua saída da área jurídica da Avellar? — Teo questionou quando estávamos meio sentados e meio largados no sofá. Eu assenti.

— Sim, na verdade, eu ainda tinha permanecido pelo menos na área jurídica enquanto não saia o resultado do concurso, agora precisei me afastar totalmente. Não tenho a intenção de voltar.

— Otávio deve estar espumando pela boca. O filho perfeito, o herdeiro que ele moldou e sonhou para as empresas e o legado dele, prefere abdicar de tudo para uma carreira própria na área jurídica. Deve estar puto, hein?

Eu soltei longamente o ar, olhando para o teto por um instante. Eu e Marcos éramos irmãos e nos amávamos muito, talvez pelo fato de termos essa diferença de idade eu sempre me senti protetor e responsável em relação a ele. Mas não tínhamos conversas profundas sobre coisas mais íntimas. Isso era muito raro. Ricardo, era um dos meus melhores amigos também, mas na maioria das vezes, era com Teo que eu acabava sendo um pouco mais aberto, ainda que ele vivesse me chamando de trancado. E eu acho que eu era. Um pouco pelo menos.

— Eu acho que o papai não acreditou que eu estava me afastando até que aconteceu. Eu só espero que ele não resolva colocar sobre Marcos o dobro do peso que ele punha em mim.

— Fica tranquilo. Eu acho que ele pode até fazer, mas Marcos é diferente. Você ouvia, sentia a pressão de Otávio e tentava alcançar a perfeição, porque é seu jeito de lidar com as coisas. — Teo me encarou como se me desafiasse a contradizer aquilo. — Com Marcos, ele vai ter um pouco mais de dificuldades em impor o que quer, e vai ter um pouquinho mais de cabelos brancos *pra* coleção também enquanto estiver tentando.

— Como quando éramos crianças, nada vai mudar pelo jeito. — Eu ri, e Teo me acompanhou.

— Isso, ele sabe onde está se metendo: com o filho doido em vez do filho exemplar.

Pois eu estava me sentindo tudo, menos exemplar naquela manhã. Respirei fundo outra vez, fechando os olhos, e passei a mão pelos meus cabelos. Quando eu os abri, Teo estava me olhando com aquela expressão de quem estava só aguardando eu dizer o que tinha que dizer. Eu já o conhecia, então nem lutei muito contra. E na verdade, eu já queria dizer a ele, ou explodiria.

— Eu transei com uma aluna.

Ele tirou a garrafa rápido da boca e limpou-a com a costa de uma das mãos, como se estivesse quase engasgado com a bebida, os olhos ligeiramente arregalados. Não era muito fácil chocar Teo, mas eu podia dizer pela sua cara que eu havia me saído bem naquela tarefa, agora.

— Como é que é?

— Isso aí que você ouviu. Ontem, aqui mesmo no meu apartamento, eu fiz sexo com uma das minhas alunas.

— Puta que pariu!

— E não uma aluna de último ano, ou algo assim, não: uma aluna de dezenove anos — continuei, agora que eu estava dizendo, ia dizer a merda toda. Teo continuou imóvel me encarando como se tivesse nascido uma terceira cabeça em mim. Eu podia entender bem isso, claro.

Eu sempre fui considerado o modelo de comportamento de nós quatro, o cara que era alvo das brincadeiras e gozações por ser sempre o certinho, sempre o seguidor de regras, previsível até. O cara que preferia namorar com uma mulher e mantê-la, do que viver pulando de cama em cama. E definitivamente não o cara que fazia sexo com as suas alunas.

— Olha, você não faz merdas na vida, mas quando resolve fazer, ninguém te ganha. Meus parabéns, Diego — ele finalmente disse, parecendo impressionado. Teo era um cara que tinha realmente pirado muito antes do

casamento com Amanda, e mesmo com todos os problemas que ele deixava escapar de vez em quando — principalmente depois que Julia tinha nascido — ele respeitava o seu casamento, e talvez por isso, por ter essas mesmas concepções acerca de um relacionamento, eu me sentia mais à vontade para discutir aquilo com ele do que com os outros dois lunáticos.

— É? Então segura essa: eu transei com ela sem camisinha — disparei, cruzando meus braços, sentindo uma satisfação que não me era comum em chocá-lo ainda mais. Talvez eu não estivesse tão confortável em ser considerado tão previsível quanto eu achei que estaria.

Teo, no entanto, foi quem me chocou jogando a cabeça para trás e soltando uma enorme gargalhada. Eu continuei sério, olhando *pra* ele, braços cruzados, esperando-o terminar o show. Quando ele finalmente sorria, apenas tomou um longo gole da sua cerveja, esticou as pernas e cruzou-as.

— Vamos lá, despeja essa história aí, Diego. Valeu a pena ter vindo *pra* cá, porra. Eu quase desejo agora que Marcos e Ricardo estivessem aqui para ouvir isso, sério.

— Eu te proíbo de contar algo a eles. Nem sei por que estou te contando essa merda — reclamei, levantando exasperado e fui até a varanda aberta e fiquei olhando *pra* fora por uns segundos, depois me virei e sentei novamente de frente *pra* ele.

— Mas eu sei por que você está me contando: porque eu sou seu primo e amigo, porque você confia em mim e sabe que eu compreendo a gravidade da situação, mas... Ainda assim, isso não vai me impedir de curtir com a tua cara, seria exigir demais de mim.

Eu suspirei e ele sorriu, relaxado.

— Caralho, Diego, como foi isso? Quem é ela? 19 anos, cara?

— Já te disse, uma aluna do segundo período. Uma tentação. Uma porra de um ciclone que eu nem vi que estava vindo, é isso. Simples.

— Porra, deve ser uma tentação e tanto *pra* balançar você assim.

— Eu não estou balançado, Teo. Só preocupado, agoniado...

— Arrepentido?

— Nem por um segundo, e foda-se se isso não é o pior de tudo. No máximo arrependido de ter sido tão irresponsável, mas não do que aconteceu.

Ele assentiu, como se compreendesse.

— Um ciclone, não? Isso quer dizer exatamente o que na cama?

— Quer dizer que eu não estou comentando nada disso com você.

Ele riu, mas não insistiu.

— E você estava saindo com ela ou algo assim?

— Eu não saio com as minhas alunas.

— Não, só fode com elas sem camisinha. Vá te catar, Diego, e me conta isso direito.

— Eu deveria apenas chamar a atenção dela por viver sempre chegando atrasada na aula, e cara, eu detesto isso, você sabe. Mas... virou uma bola de neve rapidamente e eu não conseguia mais pensar em nada que não fosse...

— Transar com ela. Entendo. E sem camisinha — Teo disse, levantando uma sobrancelha.

— Teo, você vai ouvir ou vai ficar frescando? Claro que não foi assim, não foi planejado, só de repente, aconteceu, eu sei que é a pior justificativa do mundo e eu não posso alegar nada a não ser a minha total negligência naquela hora. E descontrole.

— Certo. E ela, teve alguma, como direi, possibilidade de dar a opinião dela sobre o assunto? — Ele estava tentando se manter sério, pelo menos.

— Eu não a forcei a isso se quer saber: ter sexo sem camisinha, nem poderia. — Na verdade, se me lembrava bem, Diana pareceu ter plena consciência de que estava deslizando em mim sem proteção alguma. Mas eu não admitiria isso para Teo e nem para ninguém, eu deveria ter cuidado das coisas, eu comecei tudo, eu sou um homem adulto, pelo amor de Deus!

— Ela é muito jovem. — Teo apontou o óbvio depois de segundos de silêncio.

— Sim. E mais ousada que qualquer mulher que já conheci — murmurei, fechando os olhos, lembrando por um momento da sensação que foi tê-la totalmente pendurada em mim enquanto eu me empurrava furiosamente nela... Para com isso, cara. Por favor.

— Eu espero que você não esteja pretendendo ficar de pau duro agora, bem aqui na minha frente, porque eu vou embora — Teo avisou, voltando a beber. — Aí já é demais para o meu sábado de manhã.

Pigarreei, ajustando-me no sofá.

— O certo é que eu a convidei para vir aqui entregar um trabalho e no momento seguinte...

— E você não viu isso vindo, Diego? Esse ciclone? Ele já estava anunciado no momento em que você a convidou para vir aqui, faça-me o favor. Talvez antes. — Ele apontou o dedo *pra* mim. — Você queria isso, admita.

— Transar sem camisinha? Eu nunca planejava isso.

— Transar com ela. Sem camisinha foi só parte do desenrolar do processo todo. E pelo que vejo, você planejou, sim, chamar a garota aqui, Diego, qual é?

Gemi, frustrado, porque estava ouvindo exatamente o que eu sabia que era a verdade. Claro que era.

— Cara, você nunca fez isso nem na adolescência, não foi?

Eu passei as mãos nos cabelos, bagunçando-os.

— Claro que não. Nunca.

— Porra, eu queria conhecer essa garota — ele informou, com malícia, e eu olhei *pra* ele fixamente um pouco irritado.

— Você não vai conhecê-la.

— E posso saber por quê? Vai mantê-la *pra* você, professor tarado?

— Você tem uma mulher, Teo, concentre-se nela.

— E essa garota é sua mulher?

— Óbvio que não, Teo! Foi só uma transa. Isso nem vai se repetir.

— Certo.

— Escuta, isso foi um lapso, ela é completamente errada *pra* mim, de todas as formas que você veja. Não há a menor possibilidade de...

— A menos que ela esteja grávida, não é? Gosto de pensar que você é homem suficiente para ignorar que ela seja errada, o que quer que isso signifique, e assuma suas responsabilidades.

Eu lhe lancei um olhar decididamente zangado agora.

— Você me conhece, não diga absurdos, é claro que eu assumiria se ela engravidasse. Só preciso fazer com que ela saiba disso. — Tirei meus óculos, passei a mão no rosto e me joguei para trás no sofá, soltando um lamento de exasperação.

— Não entendi. Como assim, você não disse a ela que estaria disposto a arcar com as possíveis consequências? Sabe pelo menos se ela estava se protegendo? Para quem não quer um filho você está me saindo muito bem.

— Eu nunca disse que não queria um filho. E além do mais, eu não consegui falar com ela devidamente. Não com todos os detalhes necessários pelo menos.

— Bom, se não deu nem *pra* falar, deve ter sido uma noite e tanto. Espero que não tenha sido aqui, onde estou sentado agora.

— Não, fique tranquilo. — Tive que sorrir daquele idiota.

— Então por que você não falou com ela sobre essa questão?

— Porque ela foi embora. No meio da porra da noite, e me deixou dormindo — eu grunhi, a admissão deixando um gosto amargo na minha boca. E lá veio mais uma vez a sua risada alta, e eu bebi um longo gole e aguardei ele deixar de se divertir a minha custa.

— Puta merda, Diego. Que mulher é essa? Quer dizer, ela é o sonho de consumo de caras como Ricardo e Marcos, e logo você encontra uma assim?

— Ela simplesmente fugiu e não me deu tempo de dizer nada. Foi isso. Eu pensei que teríamos tempo *pra* bater um papo, mas pelo visto estava com

pressa, mesmo afirmando que nunca tinha pressa — resmunguei as últimas palavras *pra* mim mesmo, e acho que Teo nem ouviu.

— Que coisa, cara! Uma mulher que te deixou no meio da noite... — Teo fez uma expressão condoída que eu acreditei por meio segundo, então ele riu de novo. Eu já estava começando a me arrepender daquela conversa, oficialmente.

— Quando você terminar de achar engraçado me avisa.

— Mas é engraçado. O gentleman que as mulheres adoram, encontra uma que trata ele como um pedaço de carne depois do sexo. Porra, é fodidamente engraçado, sim.

— Sim. Muito.

— Mas isso não é um grande problema, cara. Você vai vê-la novamente, afinal.

— Sim, na aula. Na quarta-feira. — A irritação com Diana estava voltando com força total. Eu nem saberia o que fazer direito se a encontrasse novamente... E as alternativas na minha mente giravam todas em torno dela pagando devidamente pelo seu atrevimento. Merda. Mas de uma coisa eu sabia, ia esperar para ver o que ela diria quando nos encontrássemos, que merda de desculpa ela teria para ter saído como uma fugitiva da minha cama e não termos conversado devidamente.

— Você vai esperar tudo isso? — Teo questionou, arqueando uma sobrancelha. Ainda faltavam quatro dias para a minha aula da quarta.

— Não é como ela se fosse fugir, Teo, e eu só preciso me certificar se ela estava realmente protegida, e se não, vamos ver, mas não pretendo deixar que ela assuma nada sozinha.

Ele assentiu me olhando em concentração.

— Sei. E a Camila?

— O que tem Camila?

— Eu achei que você tivesse algum tipo de interesse nela.

Eu expirei fortemente. Camila Deschamps tinha sido minha colega da faculdade de Direito. Nós ficamos juntos por um ano, recentemente, antes que nossas respectivas ambições e caminhos distintos na vida — ela na sociedade com o pai e os tios em um escritório de advocacia, e eu com a minha carreira na justiça pública — nos afastassem. Eu a admirava, ela era exatamente o tipo de mulher que eu via no meu futuro: calma, tranquila, com objetivos na vida bem parecidos com os meus, a mesma idade que a minha. Totalmente diferente de uma garota que tinha problema escrito em letras garrafais na testa, por exemplo. O problema era que com todas essas qualidades, ainda assim eu não sabia se queria ir adiante com ela, então, tinha adiado educadamente o convite que ela havia feito para que eu fosse jantar com ela e seus pais. Voltar de onde eu já

tinha vindo, não sei que queria isso com uma mulher.

— Eu pensei que você estava com ela. Na última vez que fui ver tia Abigail ela estava lá.

— Se estivesse, não teria transado com outra, Teo. Você me conhece. Ela tem, ou tinha, uma certa amizade com a minha mãe, eu acho, mas isso não significa que eu estou com ela.

— Certo, Diego. Cara, olha só: certifique-se de que as coisas estão certas com essa garota. De vez em quando isso acontece, mesmo que todo mundo ache que não. Você acha que isso te trará algum tipo de problema na universidade?

— Não. Não acho que ela seja o tipo que está em busca de problema dessa natureza. Na verdade, ela nem mesmo me dava um segundo olhar até o dia em que resolvi repreendê-la pelo atraso.

— Uma mulher que não te dava um segundo olhar, que você diz que é totalmente errada *pra* você, aí vocês fodem como dois loucos, ela vai embora, você fica aí se lamentando. Não tenho certeza se eu entendi tudo isso muito bem.

Eu não disse nada. Fiquei olhando para o lustre na sala, pensando naquela batida de trem que eu tinha imaginado. Ela aconteceu? Eu só ainda não sabia o seu alcance, ou estava tudo bem. Eu descobriria logo, no entanto.



Por mais que eu tenha pensado em dar um jeito de descobrir onde Diana morava ou entrar em contato de alguma forma, resolvi que faria um papel ridículo com isso, já que ela tinha decidido ir embora e também não parecia preocupada com nada do que tinha acontecido na noite de sexta. Meu único objetivo era saber se a nossa atitude impensada teria algum tipo de consequência e mais nada. O final de semana inteiro passou, a semana iniciou e eu não a procurei.

Então, na quarta-feira, quando eu teria aula na turma dela, entrei e não fiquei surpreso em não a encontrar, afinal, não poderia esperar que ela mantivesse a promessa de chegar no horário, pensei divertido. Mas a diversão foi se extinguindo quando a aula foi se aproximando do fim e ainda assim ela não apareceu, a cadeira ao lado do tal Thiago permanecendo vazia, e eu não pude deixar de ficar intrigado. E depois preocupado. Por que ela não veio? Teria alguma coisa a ver com o que tinha acontecido conosco? Porra, por que diabos eu não tinha mesmo tentado localizá-la antes?

Terminei a aula antes do horário com concentração zero para ir até o fim, e antes de chegar ao estacionamento estava ligando para Alex Rocha, um colega

detetive com quem eu mantinha contato desde a faculdade, e que prestava alguns serviços para a área jurídica da empresa enquanto eu ainda trabalhava lá. Ele finalmente atendeu depois do quinto toque.

— Eu tenho um nome apenas, e pequenas outras informações. Em quanto tempo você descobre um número de telefone e endereço? — questionei, assim que ele disse alô.

— *Bem, bom dia pra você também, Diego. Isso depende de...*

— Ótimo, eu te dou duas horas, no máximo.

Alex reclamou, mas depois me garantiu que retornava o quanto antes com informações para mim sobre Diana Ribeiro e eu desliguei. Se ela não apareceu na aula, eu tinha que dar um jeito de falar com ela, nada mais de esperar ela entrar em contato comigo, já que pelo visto ela não entraria. Com essa decisão em mente eu fui em direção ao prédio do Ministério Público no Centro.

Depois de um almoço rápido em companhia de alguns colegas mais próximos, recebi um telefonema da minha mãe informando sobre o grande coquetel que teríamos dali a uns 15 dias quando papai comemoraria mais um negócio bem-sucedido da Avellar Investimentos. Ela queria saber sobre a minha acompanhante, se Camila, como a própria tinha dito a ela, iria comigo. Isso era com toda a certeza algo que eu não tinha a menor intenção de conversar naquele momento. Disse a ela que depois falaríamos sobre a questão e que por enquanto ela deixasse essa vaga em aberto. Minha irritação só crescia à medida que o tempo passava e eu não recebia nenhuma resposta de Alex. Mas por volta das 14h, como prometido, meu celular tocou com uma chamada sua.

— E então?

— *Bem, eu descobri que ela mora em Vila Izabel, e tenho o número de telefone também. Mas te aviso logo, eu fui à casa em que ela morava com a avó e a mãe e nada delas.*

Eu me recostei na cadeira devagar, sentindo uma súbita sensação de que deveria ter pedido para procurá-la antes, e não quase vários dias depois de que tudo aconteceu.

— Morava? Como assim morava?

— *Pois é, cara. Elas foram embora daqui ao que tudo indica. As três. Fecharam a casa no sábado, saíram e não retornaram até agora. De acordo com uns vizinhos mais próximos aqui, alguma coisa com a mãe dela, uma confusão com um namorado. Se você quiser eu posso descobrir mais, mas vou precisar de mais tempo.*

Enquanto Alex falava, milhares de coisas passavam pela minha cabeça, a primeira delas era que Diana talvez não tenha me procurado por motivos além

do que tinha acontecido entre nós. Ainda assim, saber que ela tinha simplesmente ido *pra* algum lugar e eu não poderia ao menos esclarecer algumas coisas com ela, era uma merda. E se estava com problemas por que não tinha... sim, Diego, por que não tinha chamado o professor com quem ela tinha passado uma parte da noite? Que ideia estúpida.

— Alex, você disse que tem um número de telefone? Um número dela?

— *Sim, dela ao que parece. Consegui com uma colega aqui próxima, uma vizinha. Elas não eram exatamente muito de confraternizar com a vizinhança, mas... Anota aí.*

— Ok. Diga.

— *Diego, você quer alguma outra informação ou...?*

— Não, por enquanto vou tentar ligar. Se precisar volto a entrar em contato. Obrigado, Alex.

— *Disponha.*

Eu anotei rapidamente e fiquei olhando para aqueles números por uns segundos, então resolvi simplesmente teclar e esperei ajustando meus óculos, um pouco apreensivo. Tocou várias vezes e caiu na caixa postal. Fiz mais duas ligações e nada. Deixei o celular sobre a minha mesa e cruzei os braços. Definitivamente, aquela garota tinha entrado como um ciclone na minha vida organizada, e ao que parece, estava desaparecendo como um também. E diferente do que eu havia dito ao Teo, ela havia fugido ao que parecia. O que aconteceu com Diana?

Capítulo 5

MUDANÇAS

Diana 

Abri meus olhos meio desnorteada e a primeira coisa que senti foi que aquela cama supermacia e aqueles lençóis deslizantes não eram os meus. Que delícia. Pensando bem, mentira, a primeira coisa que eu senti foi uma mão enorme descansando bem no meu seio direito — o que era uma delícia maior ainda, convenhamos — e só depois eu senti a maciez do colchão e dos lençóis às minhas costas.

Me movi de leve, tudo então vindo rapidamente na minha cabeça. Minha nossa, eu tinha mesmo levado aquela ideia adiante e tinha praticamente me jogado sobre Diego, o quietinho e muito correto professor Diego. Sorri, pondo a minha mão sobre os lábios, e olhei para ao lado, para o homem maravilhosamente nu e adormecido estendido ao meu lado naquela cama enorme e macia, só parcialmente coberto por lençóis negros.

Porra, ele era lindo com os cabelos arrumadinhos, eu tinha que admitir, mas Deus do céu, o homem era quase uma divindade daquele jeito, com aquele cabelo preto e macio — que eu tinha puxado e bagunçado inteiro como eu queria fazer — com uma mecha desarrumada caída na testa, aquela sombra leve de barba na mandíbula, a respiração calma, os lábios entreabertos, e se eu descesse mais o olhar... Como eu fiz, claro, os braços e as costas formadas por músculos firmes e bem definidos, que apesar daquelas suas roupas formais darem a entender, não deixavam você ter a noção exata do que era aquele homem sem roupa, a bunda durinha e deliciosa que eu tinha agarrado, apertado, empurrado e provavelmente deixado uma ou duas marquinhas quando ele estava dentro de mim estocando como se não houvesse amanhã e...

Eu parei, de repente consciente de tudo. Tudo mesmo. Inclusive de ter praticamente me empalado nele... Sem uma camisinha. Burra do caralho, como você faz algo assim? Gemi, pondo a mão na testa. Ele se moveu um pouco, mas continuou dormindo e segurando meu seio. Como quem elaborou um plano para fazer o cara perfeito perder o controle, como eu havia feito, e perdia eu mesma o controle daquele jeito? Quer dizer, não era eu quem tinha chegado com a firme resolução de provocá-lo e vê-lo perder a compostura? Pelo simples prazer de fazer isso, diga-se de passagem. Eu queria isso, e resolvi fazer. Simples assim. O que se viu, no entanto, foi um cara que teve o maior prazer em ser

seduzido e provocado.

Sim, eu acho que fiz ele perder o controle. Só que acho que me perdi no processo também, porque só em lembrar de algumas coisas que fizemos naquela noite, já me subia uma coisa que me deixava louca... Então, eu não podia negar que também tinha literalmente perdido o fôlego quando aquele homem aparentemente — como eu tinha dito? Lerdo, frio, chato, era isso mesmo? —, tinha me jogado contra a parede, se pressionado duramente contra mim e rasgado a minha calcinha. Nessa hora eu quis gritar de puro tesão. Bom, eu gritei mesmo depois. Mas quem esperaria por isso? Não eu, certamente. Podia-se dizer que eu tinha sido um pouco mais do que surpreendida. Muito grande e duramente surpreendida pelo professor Diego, na verdade.

Ainda assim eu fiz uma burrada gigantesca, pensei, e mesmo que depois tenhamos usado um preservativo, na primeira vez eu pude sentir cada tremor enquanto ele parecia esvaziar-se todo dentro de mim. Um cara que eu não conhecia, ou seja, o lance era todo uma loucura. Agora era ser prática, já foi, eu iria tomar uma pílula do dia seguinte e providenciar exames urgentes. Ele podia ter carinha de santo, mas eu não ia confiar nisso, assim como ele também não tinha que confiar em mim nesse aspecto.

Que merda! Eu ia deixá-lo saber que estava limpa, claro, diria isso a ele, e que não saía por aí transando sem camisinha desde que tinha perdido minha virgindade, aos 16 anos. No que eu estava pensando? E eu vinha de uma troca de anticoncepcional, e com o meu ciclo bagunçado como era... Droga. Eu ia tomar uma pílula assim que amanhecesse o dia.

Movi-me bem lentamente, a sua mão foi caindo e eu saí da cama, espiando-o. Ainda bem que ele parecia ter o sono pesado, pensei, ficando de pé e observando rapidamente ao redor. Eu estava em seu quarto, e completamente nua, fui em direção à sala na ponta dos pés, subitamente lembrando que eu deveria dar uma olhada no meu celular.

Meu vestido estava caído próximo à entrada, claro, onde Diego havia arrancado ele de mim, e ao seu lado, a pasta que eu havia trazido. Eu fui até lá sem tentar fazer barulho, mas nem precisava, o espesso tapete que cobria a sala toda impedia que qualquer som fosse produzido mesmo. Eu havia trazido o celular dentro daquela pasta, e então peguei-o e verifiquei se tinha alguma chamada. Imediatamente senti minhas pernas ficarem subitamente fracas. Porque não havia uma ligação, e sim 9 ligações do celular da minha mãe. Com o coração aos pulos observei que tinha deixado o meu celular no silencioso e ela estava me ligando desde as 23h e já era 1h da manhã! Merda, merda, merda, eu também havia dormido muito mais do que eu pensava!

Mamãe sabia que eu tinha saído para entregar um trabalho da faculdade,

eu não havia entrado em detalhes com ela, mas havia dito que depois sairia com Ana, e com a liberdade que eu tinha ela não era de ficar me ligando daquela forma. Alguma coisa tinha acontecido, deduzi, nervosa, engolindo em seco, discando de volta para ela. Chamou e ela não atendeu. Mais nervosa ainda, peguei o meu vestido e me vesti apressada, depois disquei novamente disposta a sair dali o quanto antes e saber o que a minha mãe queria. Talvez não fosse nada. Deus, eu queria que não fosse nada, implorei, fechando os olhos enquanto esperava o celular dela tocando, até que ela atendeu.

— Diana? — Era a voz da minha avó aflita, e eu senti um frio terrível se espalhar pelo meu estômago. — Ah, minha filha, graças a Deus!

— *Vovó, o que foi? O que aconteceu?* — sussurrei, todos os meus pensamentos concentrados agora em sair dali e ir ao encontro delas, ainda que eu nem soubesse ainda do que se tratava.

— Onde você está, nós...

— *Vó, me diz primeiro o que aconteceu, por favor. Onde a senhora está, cadê a mamãe?*

Eu ouvi um suspiro profundo da minha avó e aquilo me gelou a alma, porque se havia uma mulher que gritava e esperneava era a minha avó, e aquele suspiro frágil que ela deu era a prova de que algo não estava bem, conclui, alarmada.

— *Estamos no hospital, filha, vem pra cá.*

— O quê?! — Eu parei, petrificada de medo. — A minha mãe...

— *Ela está bem, meu amor. Só vem pra cá. Vou te explicar tudo.*

Eu ouvi minha avó explicar o que tinha acontecido com a mamãe e em qual hospital elas estavam enquanto saía pegando a minha pasta, calçando minhas sandálias, todos os pensamentos concentrados na direção de sair dali e encontrá-las, enquanto preocupação, ansiedade, raiva, medo, culpa, tudo girava na minha cabeça de modo desordenado. Ainda peguei a minha calcinha rasgada no chão, amassei na mão, abri a porta e sai em direção ao elevador fazendo uma oração silenciosa para que minha mãe estivesse mesmo bem, mal vendo ao redor, a visão embaçada pelas minhas lágrimas, enquanto entrava no elevador.



Fred, o miserável covarde que era ex-namorado da minha mãe e que não queria aceitar que ela não tinha mais a intenção de manter o relacionamento deles, havia agredido ela naquela noite. Quando eu saí, cedo, ela tinha acabado de chegar do trabalho, nos beijamos, eu havia dito para onde ia, e ela me

informou que ia ficar em casa mesmo. Por volta das 22h da noite ela estava ao telefone com Mário quando ouviu quando alguém bater à porta do quarto dela que estava trancada. Pelo jeito, ele tinha feito uma cópia da chave antes mesmo que a minha mãe pudesse ter mudado a fechadura, como ela disse que faria. Na verdade, eu nem sei se ela acreditou de verdade que ele voltaria. Ou que bateria nela. Mas foi o que ele fez.

Eu ouvi a minha avó contar tudo, minha cabeça recostada em seu ombro, ambas sentadas nas cadeiras na emergência do hospital. Eu estava respirando pesadamente e cerrando os dentes com ódio, limpando com os nós dos dedos as lágrimas que estavam caindo. Ódio dele, de todos esses homens imundos que achavam que podiam nos humilhar, bater, matar quando se viam contrariados. E lá no fundo, mesmo que eu soubesse que era besteira, aquela sensação de culpa por não ter estado logo lá, por não ter atendido o celular quando elas chamaram, ainda me consumia.

— Ela vai ficar bem, minha filha. O médico disse que a maior parte do sangue veio do corte dos dentes na... na boca, os lábios e o olho dela vão sarar logo, você vai ver — minha avó disse baixinho, mas eu sentia a raiva dela também, junto com a tristeza e o nervosismo enquanto passava a mão no meu braço, *me confortando*, e eu quis cair no choro de novo, mas me controlei, porque tinha que ser forte também. Aquela mulher tinha encontrado a filha machucada, chorando, e estava ali tentando me dar calor e carinho, então eu precisava fazer o mesmo pela minha mãe, ainda que eu sentisse no meu corpo e na minha alma aquela dor, como se eu também tivesse sido agredida.

Vovó Madá mesmo com toda a sua garra e força, também estava muito abatida, ainda que afirmasse estar bem. Ela estava no outro quarto que dividia comigo quando ouviu os gritos de mamãe, e o miserável do Fred já estava saindo em disparada quando ela finalmente chegou e encontrou mamãe com o rosto machucado, o lábio partido e o olho direito inchando rapidamente. Tudo foi muito rápido. Elas ligaram para o tio Anselmo, e vieram rapidamente para o hospital, enquanto vovó tentava me ligar também.

Eu havia chegado mais cedo e mamãe estava acordada ainda, então eu a abracei e choramos juntas, mas tentei ser forte também, e deixei ela saber que estava ali agora para ela e que tudo ficaria bem. Nós lutaríamos para que ela estivesse bem. Agora, ela estava dormindo, acharam melhor dar algum tipo de calmante para que relaxasse, já que além da agressão física, mamãe parecia muito abalada emocionalmente, claro.

Aquela noite de horror passou como um borrão para todas nós. Tio Anselmo, ainda bem, me ajudou a lidar com todas as questões mais práticas e também difíceis, como a notificação à polícia que o hospital precisou fazer por

conta da agressão. Ao mesmo tempo em que eu estava plenamente consciente do que estava acontecendo, parecia que aquilo tudo era irreal de uma maneira bizarra, como se eu tivesse amanhecido o dia de uma forma e de repente, agora, no meio da madrugada, fosse uma outra pessoa, com outra vida, mais crua e dolorida do que, por exemplo, os meus planos juvenis, quase sem propósito e bobos de seduzir um professor por puro desafio, porque ele me intrigava e mexia de alguma forma comigo. O início da minha noite estava, nesse momento, soterrado sob o peso da tristeza e da revolta que eu sentia agora.

Nós não voltamos para casa quando finalmente saímos do hospital, fomos diretamente para a casa de tio Anselmo, que era mais próxima, já que havia outras medidas a serem tomadas pela manhã para que aquele imundo nunca mais se aproximasse da minha mãe. Só muito depois do meio-dia, no sábado, pois todos nós acordamos muito tarde, eu fui com o meu tio pegar algumas coisas em casa, roupas, itens de higiene, etc... Avisei apenas a Ana o que tinha acontecido e por telefone, e a dona Glória, vizinha e muito amiga da minha avó, mas não disse onde estávamos só por precaução.

Passamos a tarde toda, eu e a minha avó, depois disso, deitadas junto com a mamãe na cama dando nosso amor, força e carinho para que ela pudesse começar a sarar no corpo e na alma, mas também não a deixando esfriar na ação de manter a denúncia contra Fred. E ela não faria isso, claro. Quando a minha cabeça finalmente saiu um pouco daquilo tudo, eu lembrei, gelada, que não tinha tomado a pílula ainda, e corri para a farmácia para comprar.

Os dois dias seguintes foram realmente uma mistura de irreabilidade e um turbilhão de decisões importantes. E mudanças, de todas as formas. Mamãe havia ligado para o Mário — com quem ela estava ao telefone quando o Fred chegou naquela noite — e contou sobre tudo o que acontecera. E claro que o homem estava no Rio dia seguinte, preocupado e furioso, e vê-los abraçados juntos muito emocionados também foi impactante para mim. Então nós acabamos saindo da casa do meu tio, muito pequena para comportar todas nós e mais a sua família, e decidimos voltar para casa, mas o Mário insistiu tanto para que ficássemos em um hotel que mamãe acabou aceitando enquanto ele informava que precisava tomar algumas medidas e ficaria mais tranquilo conosco lá do que na nossa casa.

O certo é que mamãe me informou, ainda muito abatida, mas parecendo mais resoluta e decidida do que nunca, que tinha aceitado o seu convite para ir morar em São Paulo. Eles vinham conversando muito antes disso e ela teria um emprego e poderia refazer a sua vida por lá, sem falar que havia o mais importante: a oportunidade, que ela não queria perder, de tentar um amor que talvez ela devesse ter vivido e deixou passar. Eles poderiam permanecer naquilo

de idas e vindas entre um Estado e outro? Poderiam, mas nenhum dos dois realmente queria, depois desse tempo todo. Eu entendia.

Vovó, claro, também parecia aceitar muito bem a ideia. E eu? O que eu poderia dizer diante daquilo, ainda mais depois do que tinha acontecido a ela? Do jeito que as coisas funcionavam neste país em relação a punições a agressores, eu poderia recriminá-la por ter a oportunidade de ir viver um amor e ainda estar longe do seu agressor? Eu não iria, se não quisesse, e minha mãe me respeitava o suficiente para deixar claro que a decisão era minha. Mas eu não tinha por que e nem por quem ficar no Rio. Nada me prendia ali. Eu sentiria falta das minhas colegas mais próximas, do bairro, da universidade, claro, mas nem tinha comparação a ficar sem a minha mãe e a minha avó.

— Meu amor, eu não posso pedir a você que vá se não é isso que você quer — ela disse, os dedos entre os meus cabelos enquanto eu estava sentada no chão entre as suas pernas. Vovó nos observava do outro lado, atenta, e Mário, que tinha passado a manhã inteira fora, estava agora conosco. — Mas você sabe, queria muito que você viesse comigo.

— Diana, como a sua mãe disse, se você quiser, será muito bem-vinda. Todas vocês são parte da vida de Beatriz, eu a quero na minha vida novamente, então, o que estiver ao meu alcance para que você e sua avó tenham a melhor vida possível perto dela, pode apostar que eu farei — ele disse, muito sério. Mamãe havia descrito bem o seu antigo amor, ele era um homem muito bonito, decidido e honrado, pelo jeito, e eu via em tudo que ele estava fazendo e na forma como olhava para ela, que estava disposto a fazer dar certo.

— Eu agradeço, Mário. De verdade.

— Há algo que você precise resolver antes que nós possamos começar a pensar na mudança de vocês? Sua mãe me disse que você está matriculada aqui em Ciências Sociais, como isso ficaria para você? Eu posso ajudar em algo?

Aquilo me levou de volta para o que tinha acontecido com Diego: uma noite de sexo alucinante, mas nada mais. Isso não era nem remotamente algo que poderia ser classificado como "algo a resolver", por melhor que tenha sido, e por mais estruturas minhas que tenha abalado, e as providências para evitar uma gravidez eu já havia tomado.

— Na verdade, o meu curso é o que menos me prende aqui, se quer saber. Mesmo que eu não tivesse que sair da cidade, não sei se continuaria, estou indecisa se é isso mesmo que eu quero.

— Eu entendo, você é muito jovem ainda, e tem um mundo de possibilidades diante de você, não se preocupe em não estar segura das coisas agora. Eu acho, na verdade, que você se daria muito bem com o meu filho James. — Ele sorriu, de modo carinhoso, e eu sorri de volta pensando se ele

estava querendo bancar o cupido ou algo assim.

Depois daquela conversa, a minha decisão estava tomada, eu iria embora com a minha mãe para São Paulo, morar com ela e vê-la tentar uma nova vida. A minha também poderia mudar para melhor lá. Nós resolvemos não vender a casa, que era da minha avó, demoraria muito, sem falar que era uma garantia nossa, ninguém sabia do futuro e era melhor assim. E se resolvêssemos voltar? Então, uma das filhas de tio Anselmo ia morar lá até que a gente decidisse o que fazer, e fomos apenas pegar apenas o essencial.

Na terça à noite eu voltei ao prédio de Diego e tentei falar com ele, pois realmente não tinha o seu telefone, mas o segurança na portaria avisou que ele não estava, e claro que ele não me deu nenhum número de contato, não poderia, mas avisou que daria o recado, ainda que tenha me olhado de uma maneira francamente desconfiada, como se achasse que eu nem deveria estar na portaria de um prédio daqueles, quanto mais tentando falar com um morador dali. Quase mandei ele se foder, e teria mandado, mas ele não disse nada, só fez aquela cara mesmo.

Tudo estava resolvido para que nós viajássemos no dia seguinte, e quando eu, mamãe e vovó estávamos nos arrumando, concluí que Diego não ligaria. Então, mesmo em São Paulo, não teria problemas em arranjar um jeito de falar com ele, ou se ele estivesse preocupado, ele iria arrumar um jeito de falar comigo.



Nós chegamos a São Paulo, capital, e fomos direto para um apartamento mobiliado que Mário tinha alugado não muito distante da casa em que ele morava com o único filho, James. Mamãe havia me dito que essas questões estavam sendo resolvidas entre eles e por enquanto nós ficaríamos ali, mas a cara dos dois era que ela não passaria muito tempo longe nem da casa e nem do dono.

Eu fui para um dos quartos e dormi longamente logo assim que cheguei, até porque vinha dormindo pouco nesses dias agitados enquanto mamãe e vovó ficaram conversando. Mais tarde, assim que sentei na cama, ainda atordoada, ouvi o meu celular tocar dentro da minha bolsa, e fui apanhá-lo. Era uma ligação do Rio, e como era de um número desconhecido, eu deduzi imediatamente que seria Diego, sentindo um ligeiro arrepio na nuca, atendi.

— Alô?

— *Diana?*

Era ele. Fiquei na expectativa, agradecendo silenciosamente que estava

sozinha naquele momento. Não queria ter aquela conversa com a minha avó ou a minha mãe por testemunhas, ainda que eu confiasse plenamente em ambas.

— Oi, Diego.

Ouvi uma respiração profunda do outro lado e esperei.

— *Eu tive que conseguir o seu número, precisava falar com você.* — Ele começou, parecendo meio desconfortável.

— Ok, eu sei disso. Também precisava falar com você.

— *Mesmo? E quando você pretendia fazer isso?*

Eu franzi meus lábios para a nota de ironia na sua voz, e mesmo que ele não pudesse ver, pus a minha mão no peito.

— Oh, me desculpe, eu perdi alguma tentativa sua de entrar em contato comigo antes desse telefonema? Peço perdão.

— *Eu tentei entrar em contato com você, sim. E estou ligando agora.*

— Agora? Para quem está cobrando, você deixou passar um bom tempo antes de fazer isso. E eu tentei falar com você, pergunte ao seu porteiro de ontem à noite, ele vai te dizer.

Ouvi-o respirar com mais força do outro lado, obviamente registrando a informação, e a minha ironia também.

— *Vou garantir que ele saiba que não deveria ter omitido essa informação de mim. Ouça, vamos recomeçar, ok? Nós precisávamos ter conversado sobre o que aconteceu dias antes, mas quando a procurei você não estava em parte alguma. Onde você está agora? Posso te pegar para conversarmos pessoalmente?*

— Eu não estou mais no Rio, mas em São Paulo.

— *Como?*

— Cheguei hoje pela manhã.

— *O quê? Por quê?*

— Eu precisei vir para cá junto com a minha família.

— *Você precisou? Não sei se entendi.*

— Sim, de certa forma, precisei. Mas está tudo bem.

— *Diana, você foi obrigada a ir?* — Diego questionou, muito calmamente, mas notei a seriedade e a tensão em seu tom, e me movimenteí, desconfortável.

— Não, não foi nada disso. Ninguém me obrigou a vir, foi uma decisão minha.

— *Certo, então... Me diga por que você saiu do meu apartamento daquela forma?*

Foi a minha vez de respirar profundamente.

— Eu tive alguns problemas naquela noite, Diego. Mas não precisa se

preocupar, eu queria te dizer que...

— *Não preciso me preocupar? SÉRIO? Você tem alguma maldita noção...*

— Como assim? O que você esperava que eu fizesse? Te acordasse e te explicasse tudo?

— *Sim, talvez eu estivesse esperando isso, tendo em vista que transamos sem camisinha e deveríamos conversar, mas você só agiu como uma irresponsável que...*

— Criança irresponsável?! Eu tomei uma pílula do dia seguinte, tá bom, não sou uma menina e muito menos uma imbecil. — atalhei, rápida e irritada. Só para não ser interrompida por ele, por sua vez.

— *Você já...? Que droga, espera um pouco. Diana, esta conversa está uma loucura, eu nem sei por que estou perdendo a calma aqui. Espero que seja possível que consigamos manter uma simples conversa, já que nós podemos manter outras atividades muito bem. Pode ser?*

Eu dei um sorrisinho silencioso, ainda que estivesse irritada com ele. Eu me irritava muito facilmente, mas Diego não parecia ser o cara que ficava irritado com frequência. Percebi o esforço que ele estava fazendo para manter a conversa num nível mais ameno e decidi colaborar.

— *Em primeiro lugar, você disse que já tomou uma pílula do dia seguinte, é isso?*

— Sim, eu já tomei, sim.

— *Por quê? Você não estava usando nenhum método anticoncepcional?*

— Sua voz parecia muito calma, aquele tom reservado que eu ouvia em sala de aula. Nem de longe lembrava os grunhidos e rosnados quase animais que ele estava dando na sexta em seu apartamento. Obriguei-me a não lembrar agora daquilo.

— Sim, eu uso. Acontece que tomei a pílula mais por precaução. Eu troquei de anticoncepcional no mês passado, passei uns dias sem tomar, essa confusão toda. E meu ciclo é tudo, menos regular. É melhor assim, muito mais seguro.

Ele ficou um momento em silêncio, antes de concordar comigo:

— *Muito bem, você está certa, claro. Eu pretendia falar sobre isso, saber se você estava protegida contra uma possível gravidez, e dizer que eu estava disposto a arcar com as minhas responsabilidades caso isso acontecesse. Mas não tive a chance de falar com você antes, não é?*

— Olha, Diego, os problemas que eu tive estavam relacionados a minha mãe, tá legal? Por isso eu saí sem que eu tivesse a oportunidade de te dizer que ficasse tranquilo em relação a mim, por causa da camisinha.

— *Da falta dela.*

— Você entendeu.

— *Então foi por causa desses problemas que você saiu daquela forma?*

— De que forma?

— *Como se não pudesse esperar nem para manter uma conversa civilizada?*

— Não fale sobre a merda que você não sabe!

— *Então diga, ou eu vou saber de qualquer jeito.*

— Mas não deveria. Eu só fui embora, o que tem de tão anormal nisso?

— *Nada, se é isso que você acha normal, está tudo certo.* — Agora sua voz saiu áspera, baixa, zangada, irônica. — *Eu nem sei porque estou discutindo isso com você, como se isso me surpreendesse de alguma forma. O que eu poderia esperar?*

— Isso, você não deveria se surpreender mesmo. E sim, eu tive problemas que não achei que deveria compartilhar com um cara só porque eu tinha acabado de transar com ele. Por que eu deveria te chamar ao sair da sua cama?

Ele ficou em silêncio. Ambos ficamos por uns segundos depois da minha pergunta até que ele resolveu retomar a conversa.

— *Tem razão, não havia motivo algum para que você fizesse isso, eu só queria mesmo me certificar de que não haveria consequências do que fizemos impensadamente.*

Sim, essa parte da conversa. Que maravilha, pensei com ironia.

— Não, não haverá. Você pode ficar tranquilo em relação a mim, nunca havia feito sexo sem camisinha antes, estou perfeitamente saudável, mas faça seus exames para comprovar, eu farei os meus.

— *Sim, claro. Foi uma loucura, mas fique certa de que eu também não ofereço nenhum tipo de risco para a sua saúde, e assumo a responsabilidade total por...*

— Ah, me poupe, Diego, eu sei o que é um pau e pode ter certeza que eu me empurrei no seu por livre e espontânea vontade, sem camisinha e tudo, não precisa ficar agindo como se você tivesse toda a responsabilidade pelo que aconteceu. Eu também quis.

Depois que eu disse aquilo, me dei conta de como poderia ter soado, e me xinguei mentalmente por minha boca grande e língua mais rápida ainda. Aquela impulsividade de vez em quando me metia em encrencas, e eu ia torcer para que não fosse o caso naquela situação toda.

— Mas não deliberadamente, ok? — retruquei rápido. — Não como se eu quisesse engravidar de propósito nem nada, eu nunca faria isso.

Ele ficou em um novo silêncio por segundos desconfortáveis, e eu não

poderia saber o que ele estava pensando sobre o que eu havia acabado de dizer. Paciência, então.

— *Então, você está certa de que não há nenhum risco de uma possível gravidez indesejada.* — Diego voltou a falar, um tom distante e controlado.

— Se estou certa? Eu espero que sim. Por que eu iria querer engravidar agora? Ok, não responda a isso, se eu não quisesse correr o risco, não teria feito o que fiz também. — Eu fechei os olhos e soltei o ar longamente. — Eu posso te dizer que já tomei a pílula, fique tranquilo quanto a isso.

— *Tranquilo? Acho que não posso ficar.*

— Sim, pode ficar tranquilo. Espera aí: você acha que eu não tomei, é isso?

— *Eu não disse isso, não ponha palavras na minha boca, Diana.*

— Então diga o que você quer dizer, e por favor, seja claro. E se eu não fui clara, aqui vai: eu não tenho razão para mentir, nem estou elaborando nenhum plano mirabolante e diabólico para ficar grávida de você, pode apostar! — eu disse, zangada, e apertei minhas têmporas, porque eu elaborei um plano idiota, sim, mas tinha mais a ver com seduzi-lo e testar aquela atração que eu estava sentindo — e negando, em princípio — por um cara mais velho, gostoso, e totalmente diferente de mim, do que engravidar dele.

— *Nem eu pensaria isso, senhorita "alma livre". É algo que eu não imaginaria você fazendo, sendo uma mãe. Você tem toda uma vida pela frente para querer algo tão definitivo de um cara que você mal conhece. Muito bem, então, entre em contato, por favor, se tiver qualquer indício diferente disso. Existem providências a serem tomadas é claro* — ele disse como se estivesse solicitando o maldito jornal do dia ao mordomo.

— É claro. Mas eu espero que elas não sejam necessárias, então você também não precisará se preocupar em arruinar a sua vida perfeita por causa disso, um erro, uma atitude impensada, como você disse.

Um suspiro profundo e provavelmente irritado do outro lado.

— *Apenas me comunique* — ele disse, em um tom quase gelado, áspero. Eu quis mandá-lo se ferrar, mas deitei de volta na cama e mordi o lábio, com força.

— Ok. Mas espero que não seja preciso.

— *Eu também espero que não, sinceramente.*

— Ótimo, adeus, então.

— *Adeus, Diana.*

Eu desliguei, xingando um palavrão para mim mesma, olhando para o teto. Não seria preciso mesmo, pensei, e mesmo que tenha sido um sexo perfeito que eu não me importaria em repetir, várias vezes, no caso, cada um de nós

seguiria o seu caminho e aquilo ficaria apenas como uma lembrança de algo imprudente e que não aconteceria novamente.



Três semanas depois, quando a minha menstruação não veio, eu li que a pílula do dia seguinte podia fazer aquilo e bagunçar tudo que já era uma bagunça, no meu caso, inclusive atrasar a próxima menstruação daquele jeito. Eu fiquei atenta, ao mesmo tempo em que achava que estava tudo normal e tranquilo. Nesse meio tempo, eu não falei com Diego, nem ele falou comigo. Como eu não tinha nada a "comunicar", nós nos mantivemos vivendo as nossas respectivas vidas sem manter contato.

Eu, minha mãe e vovó estávamos nos estabelecendo, ajustando as coisas, remodelando nossas vidas, e a ajuda de Mário foi fundamental para nós, principalmente para a minha mãe que demonstrava em cada sorriso, cada gesto e cada olhar para aquele homem, que estava finalmente tentando viver o seu grande amor, e que estava deixando para trás o sofrimento e o horror que vivera. Só por isso já tinha valido a pena ter mudado.

Finalmente conheci James, o único filho de Mário, e entendi perfeitamente por que ele havia dito que eu me daria muito bem com ele. Ele tinha toda razão. Depois daquele jantar em que nós fomos formalmente apresentadas na casa do namorado de mamãe, eu e James passamos a ser praticamente inseparáveis. Ele tornou-se uma daquelas poucas pessoas a romper a minha superfície mais arredia, e em pouco tempo nós parecíamos almas que estavam há muito separadas e finalmente tinham se reencontrado. Era muito bom poder construir uma amizade com alguém que eu também podia considerar família.

A única pessoa que eu ainda mantinha algum tipo de contato no Rio era Ana, mas isso também não era tão frequente. Uma vez ela me enviou uma foto sua e de Thiago juntos, sorrindo, dizendo que eu nunca encontraria amigos como eles. Eu enviei de volta a ela uma foto abraçada a James, nossos rostos colados, mostrando como eu já estava fazendo, sim, novas amizades. Claro, ela ficou alarmada com a beleza dele, como quase todas as mulheres por onde ele andava, já que ele as atraía como ímã, assim como aos homens — sorte desses últimos que era justamente neles que a atenção de James, assumidamente gay, estava concentrada.

Eu estava com ele em seu quarto quando a quarta semana chegou e eu finalmente me dei conta de que não teria menstruação nenhuma, e aquela pílula

não tinha nada a ver com aquele atraso. Depois que eu fiz o teste — que claro, deu positivo — o qual eu tinha comprado na farmácia mais cedo, enquanto James me esperava ao lado de fora, eu estive sentada na cama ao seu lado, olhando para o notebook dele aberto em minhas pernas. Eu estava em uma página na internet que eu tinha resolvido entrar ao buscar o nome de Diego, por pura curiosidade, e esta página, um tipo de blog com informações e imagens de figuras da sociedade carioca na noite, trazia fotos de Diego Avellar de Barros acompanhado da belíssima advogada Camila Deschamps, em um tipo de festa muito elegante. A legenda de algumas dessas fotos descrevia-a como a sua noiva.

Eu poderia dizer que foi isso que fez com que eu deixasse o meu telefone de lado e não fizesse uma ligação avisando-o que sim, que houve consequências: que eu engravidara, a despeito de tudo que tinha dito. Eu poderia dizer que eu simplesmente resolvi manter o meu bebê para mim, e altruisticamente não quis interromper ou bagunçar a vida dele de algum jeito, mas também não foi isso. Eu estava pouco me lixando para a vida organizada dele, e nem era tão altruísta assim.

O certo é que eu não liguei, não disse nada, mantive a minha gravidez para mim mesma e para a minha família e quando fechei aquele computador e respirei fundo, com James me lançando um olhar carinhoso e compreensivo, eu sabia que provavelmente estava tomando a decisão errada, ainda que poucas coisas na "decisão certa" também me parecessem atraentes naquele momento: um sonho de romance em que duas pessoas que não tinham nada resolviam ficar juntas por causa de uma gravidez não planejada, depois de uma única noite de sexo? Eu poderia criar o meu bebê. Talvez mais tarde eu me arrependesse daquilo — era muito provável — mas agora, era com aquela decisão que eu iria conviver.

Capítulo 6

REENCONTROS

Diego 

— Diego, devemos começar em 5 minutos. Tudo bem? — Eduardo Ferraz informou, sentando ao meu lado na mesa montada para a conferência daquela noite no auditório do prédio do Ministério Público Estadual. Eduardo era o promotor de justiça responsável pela Comissão de Tutela Coletiva e Defesa da Cidadania, cargo que eu mesmo já havia ocupado antes.

Apenas dois anos mais jovem que eu, considerava-o, de certo modo, um bom amigo e melhor colega de trabalho, e também poderia atestar a sua competência e empenho com as ações da comissão pela qual eu tinha um grande apreço — e articulavam-se com as minhas próprias ações e trabalhos na procuradoria.

Com a promoção para Procurador de Justiça da área de Direitos Difusos e Coletivos há um ano, eu ainda mantinha vínculos estreitos com as atividades dele na promotoria, e esta conferência era um bom exemplo disso. Depois que eu abandonei o trabalho de professor para me dedicar inteiramente à carreira jurídica, eu raramente ainda estava envolvido em atividades daquele tipo, a não ser que elas estivessem diretamente ligadas à minha área de ação. Eu não estava gostando, no entanto, do ligeiro atraso que já estava começando a se desenhar.

Assenti, franzindo a testa e ajustando a minha gravata, olhando de relance para o meu relógio de pulso. Eu havia desmarcado o jantar com Fabíola por conta daquele evento, combinando com ela para que jantássemos depois das 21h, o que não seria um grande problema.

Era apenas um daqueles jantares que ela gostava de fazer para que não "perdêssemos o contato no turbilhão da rotina", como ela gostava de dizer. O fato de sermos focados em nossas próprias carreiras e termos bastante consciência das nossas prioridades para além de sentimentos e questões pessoais, era um dos elementos que haviam me feito ir para um encontro depois do outro naqueles dois meses, além da beleza, elegância e companhia agradável. Todavia, aquele mesmo foco em nossos objetivos, às vezes nos afastavam muito, mas eu não estava reclamando. Mas ela sim, começaria, pelo visto. Eu já havia desmarcado uns dois compromissos antes desse no último mês.

— Qual o problema, Ferraz? Estava marcado para às 19h30, todos já estão aqui — eu meio que resmunguei para ele, baixo, olhando em volta no

auditório lotado naquela noite. Ele arqueou as sobrancelhas e também ajeitou a gravata, um pouco incomodado.

— Está quase tudo certo, tivemos um pequeno problema na impressão dos roteiros das falas da conferência, mas a minha assistente já está corrigindo. Ela deve estar aqui em 2 minutos no máximo.

— Sim, eu soube que você contratou uma nova assistente, e ouvi que já está tendo problemas com ela, verdade? Não me diga que ela é a responsável por este atraso também, por favor.

Eduardo deu um ligeiro sorrisinho de lado olhando para a lateral do auditório como se procurasse alguém. A assistente desastrada pelo jeito.

— Sim, contratei, hoje é só o primeiro dia dela. Não sei se ela permanecerá, foi mais um favor porque eu estava precisando muito e um... amigo me disse que ela podia ajudar temporariamente. Mas quem te disse que ela está causando problemas? Isso não é verdade. — Ele a defendeu, muito sério agora.

— Não sei, só estava passando pelo gabinete e ouvi a minha própria assistente e outra falarem algo sobre ela ter causado uma confusão hoje, não a conheço — expliquei distraído, e vi que algumas mensagens estavam chegando no meu celular no silencioso ao meu lado sobre a mesa. Provavelmente da minha mãe ou de Fabíola.

— Bem, ela não teve culpa. Digamos que ela tem um temperamento um pouco... forte, e um dos estagiários pareceu querer ir além do permitido com ela no horário do café. Ela estava certa, não a culpo por isso.

Eu olhei para ele surpreso e indignado.

— Você tomou alguma providência, espero. Isso é inadmissível em qualquer lugar, ainda mais no nosso trabalho.

— Óbvio, Diego. O rapaz vai procurar outro estágio amanhã mesmo. Não que ela mesma não tenha se defendido a contento, claro. — Ele deu uma risadinha e chamou a atenção do professor universitário convidado para a conferência ao lado dele, um senhor mal-humorado que também já devia estar se incomodando com o atraso. Eduardo pigarreou e se ajustou na cadeira.

— O que ela fez? — Eu quis saber. Já que teríamos que esperar a tal assistente dele, que pelo menos minha impaciência fosse preenchida com informações aleatórias para me distrair.

— Nada muito sério. Só jogou café quente no... — Ele curvou-se um pouco em minha direção e usou provavelmente outra palavra para substituir a que iria usar antes: — Na virilha do rapaz. Nenhum dano permanente, no entanto. O que foi uma pena.

Eu sorri, balançando a cabeça, e ele acompanhou.

— Você parece estar muito encantado por essa moça selvagem, meu caro. Espero que decida apreciar apenas as habilidades certas dela para permanecer ou não aqui — eu o adverti, por um momento lembrando que sim, às vezes nós podíamos nos encantar por moças selvagens por aí, mas mandei o pensamento inoportuno embora rapidamente. Ele às vezes surgia, lembranças esparsas, mas nítidas, mas eu preferia deixá-las quietas, para que não balançassem a minha vida.

Ele encolheu os ombros parecendo divertido e misterioso.

— Não posso negar que ela é um sopro de vitalidade. Talvez não adequada para o trabalho, mas tem suas vantagens em muitos outros aspectos. Ela é maravilhosa. Ah, veja só, aí vem ela, vamos começar pelo visto.

Eu ainda estava sorrindo do evidente interesse dele na tal assistente e ajustando meus óculos quando levantei a cabeça na direção da entrada lateral do auditório e vi a mulher que estava entrando por lá com algumas pastas na mãos, olhando para baixo como se estivesse conferindo-as. E o meu sorriso congelou, bem como todos os músculos do meu corpo pareceram se contrair, ao mesmo tempo em que meus olhos registravam rapidamente tudo nela.

Porque bem ali, bem ali naquele maldito auditório no Rio, caminhando como se fosse a única pessoa no lugar, estava Diana, aqueles cabelos vermelhos, ainda que de uma cor menos intensa do que antes, mas definitivamente ela. E enquanto eu registrava a sua presença, meu cérebro, de um recanto muito distante, ecoou que, sim, Diana estava mais uma vez atrasada e entrando na minha vida daquela mesma forma. Novamente. Cerrei a mandíbula, tenso.

Ela vinha caminhando lentamente e parecia exatamente a mesma, ainda que com certeza não o fosse. Estava usando uma saia preta justíssima na altura dos joelhos, uma blusa azul-claro de botões com mangas, saltos altos e o seu cabelo estava recolhido em um coque arrumado no alto da cabeça. O traje não parecia em nada com a menina atrevida que anos antes fora ao meu apartamento... mas servia para destacar cada curva do corpo absolutamente deslumbrante e matador dela. Diana estava definitivamente mais curvilínea do que eu me lembrava, e eu não consegui decidir se ela era mais bonita antes ou agora... Rosnei uma maldição, apertando o espaço entre os meus olhos. Ela não morava em São Paulo? O que diabos ela estava fazendo ali?

— Diego? Algum problema? — Eduardo tocou meu braço, provavelmente tendo ouvido o feixe de palavrões baixos e atípicos que eu estava soltando.

— Ela é a sua assistente? — praticamente rosnei, meus dentes apertados sem olhar na direção dele. Era de Diana que ele estava falando, era ela o "sopro de vitalidade", a "moça selvagem", "maravilhosa" que ele descreveu? Não era da

minha conta, claro, nunca tinha sido, mas ainda assim eu queria uma explicação para cada maldito elogio daquele vindo de um cara tão reservado quanto Eduardo.

Toda a minha atenção estava focada nela, e enquanto eu imaginava mil razões e motivos para que Diana surgisse novamente na minha vida, ela deu uma ligeira parada na escadinha lateral do palco, e então, levantou a cabeça na direção da mesa, sorrindo, disposta a subir para vir entregar as pastas. Mas então seu sorriso deslizou do rosto e as pastas caíram das suas mãos quando nossos olhos se encontraram. Eu prendi seu olhar, fixamente.

— Sim, essa é a Diana, mas o que... só um momento, vou ajudá-la ali. — Eduardo, preocupado, ia levantar olhando para Diana, mas eu rapidamente pus a mão em seu ombro com um pouco mais de força do que seria necessária, talvez, não tenho certeza, e o fiz ficar no lugar, sentado.

— Eu irei. — Levantei-me, fechando o botão do meu terno e fui andando em sua direção tendo consciência de uns 80 pares de olhos acompanhando o pequeno ato que se desenrolava. Diana engoliu em seco, mas pareceu se recompor muito rápido, abaixando-se e começando a juntar as pastas.

Quando eu cheguei perto o bastante e me abaixei, a ouvi murmurar "caralho, não acredito nessa porra". A boca suja, como eu me lembrava bem daqueles momentos na cama... Peguei a última pasta e a estendi em sua direção, mas ela já estava levantando-se, e eu realmente não sei como aquela saia apertada simplesmente não rasgou com o movimento que Diana fez.

— Olá, Diana.

— Diego — ela disse apenas, baixo, seus olhos claros focados em mim, recuperada do susto de me ver. Se antes Diana parecia uma garota deliciosa, agora era uma mulher simplesmente espetacular, notei, muito rápido, analisando-a em silêncio. Eu tinha uma conferência para participar e um jantar para ir depois, mas toquei em seu braço e fiz uma breve pressão, sentindo sua pele macia e morna ao mesmo tempo em que ela pegava a pasta das minhas mãos.

— Quero falar com você assim que isso aqui terminar. Nem pense em sair sem falar comigo ou te encontro onde quer que seja dessa vez — sussurrei entredentes, meu olhar caindo para seus lábios de modo quase automático.

— Eu também quero falar com você, Diego. Já que te encontrei aqui, vamos logo com isso.

Desafio brilhou em seus olhos, mas também uma outra coisa, e eu estranhei, porque o que ela disse me deixou a porra da conferência toda falando sobre acordos de leniência e tutela coletiva de modo automático, meus olhos viajando para Diana sentada de pernas cruzadas na parte da frente do auditório, olhando para mim parecendo compenetrada, mas ao mesmo tempo como se

estivesse com o pensamento longe.



Assim que as palmas cessaram e as pessoas começaram a se dispersar, ou vir na direção para mesa para falar uma coisa ou outra com os palestrantes eu me levantei apressado, não disposto a perder Diana no meio da multidão, mesmo que ela tenha dito que queria falar comigo também. Rapidamente me despedi do professor convidado, e Eduardo também ofereceu seus cumprimentos, mas minha atenção estava em outro lugar.

Eu não podia imaginar o que Diana poderia ter para me dizer, mas o meu motivo de querer falar com ela depois daqueles anos, quase seis eu acho, só poderia ser classificado como masoquista. No mínimo. Ainda assim, eu não poderia deixá-la fugir para onde quer que ela resolvesse se enfiar novamente sem pelo menos falar com ela. Sobre qualquer coisa, eu não estava muito certo sobre o quê, e o fato de ela ter oferecido uma pauta me deixou mais confortável para isso.

— Diego, conseguimos pelo menos terminar no horário, isso...

— De onde você conhece Diana, Eduardo? — cortei-o, suavemente, observando que na parte de baixo ela falava com um rapaz responsável pelo computador e que ajudara na apresentação mais cedo. Ela não iria embora dali sem falar comigo, iria garantir isso. Quando retornei com o olhar para Ferraz, ele me observava de cenho franzido. Eduardo era alto, cabelos castanhos, atlético, e eu podia dizer que era um cara que chamava bastante a atenção feminina no trabalho, ainda que fosse muito discreto e, até onde eu sabia, era solteiro também.

— Bom, eu já conheço a Diana há um ano mais ou menos, acho, mas ela só começou a trabalhar hoje aqui como eu te disse. Por quê?

— Um ano?!

Eu detestava ser surpreendido, era uma bobagem, eu sei, mas eu não gostava muito de não saber das coisas, de ser pego por algo inesperado, súbito. Podia lidar com isso, claro, mas não gostava. E naquele momento, eu poderia dizer que saber que Eduardo, com quem eu trabalhava há alguns anos, dizia conhecer Diana, que eu não via esse tempo todo, era no mínimo inesperado, sim. E profundamente irritante.

— Como você a conhece há um ano?

Eu devo ter dado mais ênfase do que o necessário no meu tom, já que a expressão quase sempre amigável e sorridente dele se desfez e Eduardo pareceu

genuinamente surpreso agora, *me olhando* com interesse. Respirei fundo.

— Sim, mas não pessoalmente. Nós temos um amigo em comum, inclusive foi ele que me indicou a *Red*, quer dizer, a Diana, quando eu disse que precisava de ajuda. E você, a conhece de onde? — Agora Eduardo parecia muito curioso.

— Eu fui aluna de Diego, Edu. Tem um tempinho já. — A voz de Diana se interpôs entre nós e eu a vi vir caminhando pela lateral e postar-se atrás de Eduardo. Registrei imediatamente aquele “Edu” que ela disse e agora eu estava muito curioso sobre aquela história toda. Como de repente Diana estava por ali conhecendo meus amigos, trabalhando e sendo íntima deles há um ano se eu nunca mais tive notícias dela? Aquele tipo de coisa me deixava zangado, mesmo que eu não pudesse dizer com exatidão porque eu devesse estar a par de qualquer coisa que acontecesse na vida dela, porque não deveria.

Eduardo moveu-se de lado, um sorriso simpático, e pôs a mão nas costas de Diana. Meus olhos acompanharam o gesto, mas eu só fiquei olhando para o rosto dela, muito sério, tentando entender aquela avalanche de posse e ressentimento juntos que estavam me tomando naquele momento. Era o efeito do que tínhamos vivido em uma única noite e eu não a vi mais, talvez, mas ainda era complicado.

— Olha só que coincidência! Não preciso fazer as apresentações, então, não é? — Eduardo estava dizendo, voltando a sua personalidade amigável.

— Certamente não, Eduardo. Eu posso dizer que conheço Diana bem o suficiente — respondi sem olhar um segundo na direção dele. Diana fez um gesto de assentimento, e lançou um sorriso rápido para Eduardo. Eu poderia dizer que ela parecia um pouco tensa, o que mais uma vez não me lembrava a garota solta e leve que eu conheci.

— Edu, eu acho que terminamos por aqui, nos vemos amanhã, eu acho — Diana disse a ele também parecendo ter dificuldade em manter o olhar separado do meu. Eduardo pegou aquela troca olhando entre nós dois e se estranhou o “eu acho”, não disse nada.

— Hum, ok, quer que te espere? Posso te levar se...

— Não será necessário, Eduardo, eu me encarrego disso. — Eu finalmente olhei para ele, muito sério. Ele apenas assentiu, e se voltou para Diana. Pareceu que ia fazer um movimento em sua direção, mas então pareceu pensar melhor, ajustou seu terno e apenas se despediu de nós, afastando-se. Ficamos ali em silêncio por uns segundos, nos encarando, no palco do auditório quase totalmente vazio agora.

— De onde você o conhece?

— Essa é a primeira pergunta que você quer me fazer? — Diana ajeitou

uma mecha do seu cabelo que estava se desprendendo, soltando um longo suspiro.

— Sim, é.

— Eduardo e eu temos um amigo em comum. Eu não o conhecia pessoalmente até voltar ao Rio, ontem. Foi ele que me indicou para o trabalho temporário.

— Você chegou aqui ontem? — Eu registrei, interessado.

— Sim. Estava me organizando e ia procurar você, mas pelo jeito não preciso mais, não é?

Eu assenti, impaciente. Ela parecia ter um dom especial para me deixar de maneiras que eu não gostava de estar, e impaciente e irritado eram apenas algumas delas. Furioso, selvagem, descontrolado eram outras, mas essas eu preferia nem pensar sobre elas no momento.

— Vamos para algum lugar onde possamos conversar com mais tranquilidade, Diana.

— Claro, vamos sim.

Eu fiz um gesto para que ela fosse na minha frente, e Diana virou-se para descer pela escada. Engoli em seco, porque se eu não poderia deixar de olhar antes, certamente não ia perder aquilo agora. O balanço dos seus quadris, ligeiramente mais cheios naquela saia, era uma distração e tanto enquanto ela ia descendo, e os saltos só contribuía para que Diana estivesse mais impactante daquele ângulo.

Observando aqueles detalhes tentadores, ainda assim eu estava notando que aquela mulher, que era a mesma que havia me tirado do eixo por uma noite anos antes, ao mesmo tempo parecia tão diferente. Estava tudo lá, o desafio, a ousadia se mostrando bem mais do que apenas no cabelo ainda pintado de vermelho, mas ela parecia ter agora algo que não estava lá antes. E parecia tensa, ainda que não quisesse demonstrar.

— Você sugere algo? Sua casa ou...

— Não! Minha casa, não, quer dizer, hoje não — ela atalhou, rápido, e estranhei o "hoje não", mas resolvi deixar passar.

— Certo. Vamos a um restaurante, um café ou... Droga! — resmunguei, subitamente consciente que esqueci completamente o jantar com Fabíola. Quando chegamos na parte de baixo, Diana pegou sua bolsa da cadeira onde estivera antes, virou-se e eu fiz um gesto para que ela esperasse por um segundo, me afastando alguns passos.

Não havia a menor possibilidade no universo que eu deixaria Diana ir embora sem que eu pudesse ter mais algum tempo com ela, ou que ela me dissesse o que precisava falar comigo a ponto de estar tensa daquele jeito.

Infelizmente, teria que criar uma situação desagradável com Fabíola novamente. Fiz a chamada e esperei, tirando meus óculos e pressionando meus olhos. Ela atendeu ao primeiro toque.

— *Diego, até que enfim. Me diga que você já está chegando, por favor* — ela disse, um sorriso na voz. Eu virei, respirando fundo, e olhei Diana parada mais à frente, olhando diretamente para mim, enquanto também tirava um celular e começava a fazer uma ligação.

— Fabíola, você vai precisar me desculpar. Surgiu um imprevisto e... Eu realmente preciso resolver essa situação agora.

Silêncio. Eu praguejei mentalmente, porque definitivamente aquilo entre nós poderia até parecer que sim, mas na verdade não estava começando bem.

— Eu sinto muito, temo que não poderemos nos encontrar para o jantar hoje, mas se você quiser, poderemos marcar algo para amanhã. Pode ser?

— *Sério, Diego? Você poderia ter dito isso mais cedo, não?*

A irritação dela era completamente compreensível, eu estava sendo um idiota, talvez pudesse... Mas meu pensamento foi interrompido quando ouvi trechos da conversa que Diana estava mantendo por seu turno ao telefone.

— ... Sim, pode acreditar. O próprio. Não, Edu já foi. Sim, hoje... Eu sei, vai ficar tudo bem, não se preocupe. Não, não precisa vir. Tenho certeza, vou chegar bem, sim. Até mais tarde, um beijo.

Franzi minha testa e pressionei minha mandíbula, concentrado, percebendo de repente que eu não sabia nada da vida de Diana e ela talvez estava falando com um namorado, ou um marido? Aquela constatação era incômoda para mim, ainda que eu mesmo estivesse em um envolvimento com Fabíola. Além do mais, aquela intimidade com Eduardo precisava ser investigada a contento, se é que ela iria ficar trabalhando ali.

— ... *Tudo bem, posso entender, mas acho que de verdade você precisa decidir se é algo que você quer, Diego, ok?*

O quê? Fabíola, claro, estava falando comigo. Eu estava em uma ligação com ela para me desculpar por cancelar nosso jantar e a deixava falando sozinha para escutar o que Diana dizia em sua própria ligação. Fechei meus olhos por uns segundos, irritado comigo mesmo. Aquilo não era a sala de aula e aquela mulher não era uma aluna me provocando novamente. Eu tinha um controle de merda maior sobre a minha vida agora para achar que as coisas com ela seriam iguais. Porque não seriam, de modo algum.

— Sim, claro, você tem razão. Eu te ligo assim que terminar aqui, pode ser?

— *Certo. Um beijo.*

— Outro. Tchau.

Ela estava chateada, e não demonstrou nem uma terça parte. Desliguei, voltando rapidamente para perto de Diana que já tinha desligado o seu celular e estava parada, me observando.

— Sinto muito, você precisou cancelar algo? — ela questionou, uma sobrançelha bem-feita se arqueando. Pelo jeito, não era apenas eu que tinha a capacidade de falar com alguém e prestar atenção em outra conversa.

— Sim, mas pode ser resolvido depois. E você, está livre ou precisa estar em casa com alguma urgência?

Diana me lançou um olhar agudo, como se estivesse tentando compreender quanto da conversa eu tinha ouvido. Pena que não foi desde o início.

— Está tudo bem. Tenho tempo, não se preocupe.

— Não estou preocupado. Já que não pode ser a sua casa, pode ser um restaurante? Você já jantou?

— Não, não jantei, mas, Diego, olha, eu preferia um local mais reservado que um restaurante. O que preciso falar com você... É muito pessoal, precisamos de privacidade.

Eu fiquei parado olhando para ela, tentando ler seu rosto, seu corpo, suas reações, mas mais impressionado ainda com o que ela disse. Privacidade? Caráter pessoal depois de todo aquele tempo? E assim do nada? Uma parte minha estava realmente curiosa, mas a outra parte, aquela que sempre se recusava a ser mais racional quando Diana estava assim perto de mim, estava agitada, e o principal representante dessa minha parte não conseguiria ficar quieto durante muito tempo caso as lembranças daquela noite não parassem de rolar diante dos meus olhos, de modo enlouquecido. Claro, foram disparadas pelas palavras de Diana, pessoal, privacidade assim juntas. Limpei minha garganta e ajustei os óculos.

— Tudo bem. Então eu só posso pensar no meu próprio apartamento. Está bem para você? — ofereci, curioso com a reação dela à sugestão. Diana estava realmente me intrigando e aquilo estava me deixando exasperado. Seus olhos me diziam que ela estava lembrando exatamente das mesmas coisas quentes que eu, mas nada de um sorriso provocativo ou insinuações. Ela acenou com a cabeça.

— Tudo bem.

Os próximos minutos foram no mínimo estranhos enquanto Diana e eu íamos no meu carro em direção ao meu apartamento. Eu estava bem consciente do seu corpo próximo ao meu naquele carro e da tensão que tomava conta dela, ainda assim isso não impedia a minha mente de me lembrar de cada detalhe daquele corpo, e eu me vi, surpreso, rememorando a forma como ela suspirava,

gemia, e gritava meu nome daquela única vez.

Apertei com força o volante, mas não fiz questão de quebrar o silêncio. Não havia amenidades para serem discutidas entre nós, não éramos dois amigos nos encontrando depois de um tempo. E Diana também não fez questão de quebrar o gelo que parecia nos consumir agora, olhando para fora da janela perdida em seus próprios pensamentos. O silêncio era um velho conhecido meu, ele não me incomodava, eu só estranhava aquele silêncio vindo dela. Mas que diabos, por que eu achava que a conhecia? Por causa de uns flertes e um sexo alucinante? Eu não a conhecia. No entanto, assim que chegássemos, a despeito do que ela teria para me dizer, eu também acabaria por fazer perguntas. Uma em especial que me intrigava há um tempo, mas eu não poderia simplesmente pegar um telefone e perguntar a ela, ou então procurá-la sobre. Seria o mais próximo de uma atitude ridícula que eu poderia chegar. E nunca me permiti fazer isso.

Assim que as portas do elevador se abriram no hall, eu indiquei a frente à Diana, e ela passou. Quase não havíamos trocado uma palavra, mas estávamos bem conscientes um do outro por toda a subida no elevador. Eu me pergunto se ela lembrava bem a última e única vez que passou por aquela porta, e a sua atitude completamente diferente da seriedade que ela apresentava agora.

— Fique à vontade. Você quer beber alguma coisa? — eu perguntei quando estávamos os dois na sala e pus minha pasta, o paletó do meu terno e as chaves do carro sobre um aparador. Uma irritação estava começando a se formar e nublar a minha serenidade. Tê-la ali novamente naquelas circunstâncias estava me deixando meio louco.

Ela tinha um compromisso, estava com alguém? O que diabos era confidencial a ponto de ela vir ao meu apartamento e se comportar daquela maneira? Se ela não dissesse o que realmente queria em 5 minutos, eu ia começar a dizer o que eu queria saber, e talvez começar a arrancar algumas coisas dela: informações, e talvez...

— Sim, eu aceito. O mais forte que você tiver.

Eu parei a caminho da cozinha, erguendo uma sobrancelha e me virei em direção a Diana parada no meio da sala.

— Na verdade, eu ia te oferecer suco ou vinho.

Ela rolou os olhos, um primeiro vislumbre do atrevimento que eu conheci um dia, notei.

— Pode ser o vinho, então.

Eu voltei afrouxando o nó da minha gravata e abrindo os primeiros botões da minha camisa. Os olhos de Diana acompanharam o meu gesto e ela com certeza viu a irritação refletida nisso.

— Diana, por favor, sente-se e me diga o que você quer dizer. Ou então,

prepare-se para responder a algumas perguntas.

Ela pareceu surpresa com o meu tom, mas se voltou e sentou no sofá, as pernas cruzadas atraindo meu olhar para ela. Eu sentei no sofá a sua frente, minhas pernas afastadas, meus braços apoiados nas coxas, encarando-a. Diana engoliu em seco, olhou para as mãos cruzadas sobre as coxas, depois voltou a me encarar.

— Diego, eu... eu passei esse tempo todo em São Paulo desde que, desde que nos vimos pela última vez. Nunca mais entrei em contato com você, então...

— Eu sei disso. Percebi. Muito rapidamente você encontrou motivos para não entrar em contato comigo pelo que sei — eu retruquei, sentindo a tensão na minha mandíbula, porque não queria dizer aquela merda agora. Deveria ouvi-la antes, foi o que planejei, mas mais uma vez Diana me tirava do sério muito rapidamente. Ela franziu a testa em confusão parecendo surpreendida pela minha interrupção veementemente.

— Do que diabos você está falando, Diego?

— Por favor, só ignora isso e prossiga, eu tenho certeza de que o que você vai me dizer deve ser interessante já que, como você diz, você iria me procurar, não é? — Eu fiz um gesto para que ela prosseguisse, *me recostando* para trás. Queria ter podido evitar o sarcasmo na minha voz, mas não foi possível.

Diana levou os dedos às têmporas, fechando os olhos, e ouvi quando ela murmurou:

— Porra, eu sabia que ia ser difícil, mas parece que vai ser o inferno. Deus, que merda!

— Do que você está falando?

Diana voltou a me encarar depois de uns segundos de silêncio na sala e vi algo que me alarmou: lágrimas não derramadas em seus olhos, acompanhadas de uma expressão de pura angústia em seu rosto. O que ela poderia ter para... E meu sangue pareceu gelar completamente em minhas veias, ainda que meu cérebro na mesma hora estivesse negando aquele pensamento absurdo. Claro que não. Claro que não. Ela não... Impossível.

— Diego... — Diana murmurou, mordendo o lábio inferior, *me encarando*. — Eu deveria ter contado antes, fui teimosa, egoísta, imatura, e cometi um erro enorme.

Eu engoli o nó que estava se formando em minha garganta de puro medo, apreensão e outras coisas mais perigosas que estavam subindo pelo meu peito, *me fazendo* respirar mais rápido buscando por controle.

— Um erro? — eu disse baixo, olhando para a sua postura absolutamente rígida agora.

— Eu engravidei, na verdade. Eu não disse a você, mas eu engravidei.

Continuei olhando para ela, estático, as palavras me atingindo como um tiro de canhão e me prendendo ao sofá. Me obriguei a respirar fundo e estendi a mão com a palma aberta em sua direção, o que a impediu de falar, porque Diana ia continuar.

— Você está dizendo que... estava grávida? — murmurei, meus olhos estreitando-se perigosamente, mas eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Não. Aquilo não podia estar sendo dito ali, Diana não podia aparecer anos depois e dizer algo assim.

Vi quando ela apertou os dentes e o movimento da sua garganta frágil quando engoliu em seco.

— Estava, sim.

— E o que aconteceu? O que acontece com a criança? — perguntei, mas não sei se queria ouvir. Encontrei forças não sei de onde e me levantei, passando as mãos nos meus cabelos.

— Eu a tive, Diego.

Virei-me para encará-la no sofá, meu peito rugindo, minha respiração travando.

— O que você disse?

Diana levantou também, parecendo frágil e ao mesmo tempo corajosa.

— Era isso que eu queria dizer a você. Por isso vim te procurar. Eu na verdade tive o bebê.

Capítulo 7

AS CONSEQUÊNCIAS

Diana 

Olhar *pra* ele parado ali, com os punhos apertados, os cabelos desalinhados e uma fúria assassina refletida em seus olhos cravados diretamente em mim, levou cada gama de coragem que eu tinha para ficar de pé perto dele. Cruzei meus braços sobre os seios e continuei olhando para Diego, mas não pude me impedir de tremer um pouco.

Eu já estava tremendo, de certa forma, desde que sentei neste sofá, nesta mesma sala onde tudo aconteceu, por isso queria uma bebida forte. Não que eu estivesse com medo, apesar de que poderia estar, eu não conhecia aquele homem de verdade, não sabia nada sobre suas reações, e a julgar pela forma como ele me manteve na cama naquela última vez, ele parecia usar um verniz de civilidade e calma absoluta que parecia escorregar e se romper um pouco quando ele era provocado. O que ele faria, então, com essa bomba de informação que eu estava jogando no meio da sua sala?

Por isso James queria vir comigo quando eu tinha ligado, ele ficou preocupado que Diego pudesse, de alguma forma, ser perigoso para mim, depois do que eu dissesse, afinal, não era todo dia que você dizia a um cara que ele tinha um filho sobre o qual ele nunca soube.

No entanto, sabendo como eu sabia como alguns homens podiam ser, tinha sido uma jogada arriscada vir sozinha com ele conversar aqui, mesmo que no fundo eu achasse que Diego não era uma ameaça à minha segurança... Mas o que eu sabia de verdade sobre ele? E eu pensava que tinha deixado de ser mais impulsiva com a idade, mas pelo jeito...

Algo me dizia, no entanto, que seria muito pior se eu trouxesse alguém quando tivesse essa conversa com ele, como outro homem, por exemplo. Era algo nosso, pessoal, e mesmo que James tivesse a par de tudo desde o início, eu lutava as minhas batalhas, e era assim que seria.

Diego pareceu sorver uma respiração profunda, e retirou os óculos, jogando-os de qualquer jeito sobre o sofá no qual ele tinha se levantado, e esfregou o rosto lentamente. Se de algum modo ele parecia menos intimidante com eles, sem eles, agora, apertando os lábios e com a mandíbula tensionada como estava agora, as mãos no rosto, ele parecia realmente perigoso de alguma forma. Merda!

— O que você está dizendo? Deixa ver se eu compreendi. Você estava grávida e... você teve o meu filho? — ele sussurrou, porque não tinha como ele falar mais alto com os dentes travados daquele jeito. Eu sabia que seria assim, claro. Quando decidi voltar e finalmente fazer o que tinha que ter feito antes, eu admitia, eu sabia que teria que aguentar as consequências do meu ato. Inclusive ter que lutar pela guarda do meu filho, que eu tinha plena consciência, ele poderia tirar de mim, agora que estava ciente do fato.

— Sim.

Apenas uma palavra, e ele virou de costas. Quando se voltou, segundos depois, tinha aqueles olhos entre azuis e verdes me perfurando, queimando, incendiando-me com labaredas do que eu entendi como ódio puro. Estava preparada para aquilo, e tentei me manter firme.

— Explique isso — rugiu, um som furioso saindo da sua garganta. Então era assim que ele era zangado. E eu iria ver aquilo agora. — *Me diga* cada... maldita coisa sobre isso. Tudo.

Ele passou a mão no queixo apertado e eu podia ver o esforço de manter-se calmo que ele estava fazendo. Mas não estava funcionando muito. Eu me afastei um passo, de repente cansada daqueles malditos saltos, e toda a tensão emocional daquela nova decisão pesando sobre mim, como vinha acontecendo naqueles últimos dias. Suspirei, notando a minha própria instabilidade, e apertei meus braços ao meu redor, de repente sentindo frio, ainda que eu pudesse praticamente ver o fogo saindo pelos olhos e de cada poro do corpo de Diego me queimando junto.

— Eu... Quando você ligou e disse que eu o mantivesse informado sobre possíveis consequências daquela noite, eu não posso dizer que realmente achasse que engravidaria. Eu estava usando o anticoncepcional, tinha tomado a pílula do dia seguinte, então, não era algo impossível, mas me parecia remoto de alguma forma — eu comecei, lembrando daqueles dias confusos, turbulentos em que eu estava tomando decisões que pensei serem as mais adequadas... — Eu descobri, na verdade, praticamente um mês depois daquele dia que você ligou e...

— A pílula não fez efeito — ele atalhou, e eu vi que não era uma pergunta, mas resolvi responder de qualquer modo, atenta a forma como ele dizia aquilo. Ele já tinha dito algo sobre aquela maldita pílula antes. Eu tinha me preparado também para ser paciente, o que não era fácil para mim, mas tendo em vista o que precisava ser feito, era uma das coisas que eu teria que ceder naquele momento. E no futuro pelo visto.

— Sim, aliado a um ciclo confuso, eu tinha trocado o meu remédio por outro. Você não quer saber...

— Eu quero saber de cada maldita coisa. Você não ouviu o que eu disse

antes? *Cada. Maldita. Coisa.* — Diego aproximou-se um passo de mim, seu olhar duro, o corpo forte nas roupas formais, muito tenso: sua aparência desalinhada, o cabelo espalhando em todas as direções, já que ele estava passando a mão furiosamente nele enquanto eu falava, a gravata afrouxada e sem os óculos, me lembrasse tudo menos um homem controlado. Eu assenti, molhando meu lábio superior com a língua, meus lábios secos de tensão, e notei o olhar fulminante dele descer para o meu gesto. E depois subir cheio de raiva para os meus olhos de novo.

Meu Deus, essa era a outra merda, e eu tinha sido pega no furacão que era encontrá-lo novamente depois daqueles anos praticamente assim que tinha posto os olhos nele, quase cedendo sob os meus joelhos, tanto que deixei as pastas caírem no chão. Ver Diego ali tinha sido um puta susto porque no dia seguinte eu iria entrar em contato com ele, já tinha resolvido, e de repente ele estava lá. Quando James me disse para socorrer Edu, eu não esperava encontrá-lo lá, mas eu sabia que não podia demorar uma noite a mais para dizer o que tinha a dizer. Tudo que eu tinha organizado iria por água abaixo, mas eu não conseguiria olhar para ele ali e prorrogar mais aquilo.

Mas não foi só isso, o impacto também tinha sido constatar que ele me afetou exatamente da mesma forma, ou pior, talvez bem mais, porque agora eu sabia como ele era, tinha visto e sentido como era o homem por trás da máscara que ele talvez nem soubesse que parecia usar. E quando as imagens vieram à minha cabeça, ficou difícil me concentrar, mas eu não podia perder o foco e a seriedade da situação, porque quando eu terminasse, atração ou qualquer outra merda que ele um dia sentiu seria facilmente transformada em ódio. E eu estava preparada para aquilo também. Pelo menos eu achava que estava.

— Mas antes de tudo, eu quero saber uma coisa, Diana: você tem certeza que a criança é minha? — Ele pareceu rosnar na minha direção. Eu tentei não estremecer com o som daquilo.

Olhei para ele e apertei meus punhos, mas resolvi conceder aquela pergunta cretina. Foda-se, eu não ia fazer o draminha de chorar e dar um tapa nele por duvidar da minha honra, ou por questionar o que eu estava dizendo. Ele tinha o direito de achar a merda que quisesse, eu também tinha me protegido contra aquela reação dele. Se ele quisesse ir por aquele caminho, que fosse, não ia me ver choramingar para tentar convencê-lo do contrário, ou provar que eu era uma santa sendo maculada aqui, porque eu não era, e nem queria ser.

— Eu tenho certeza, mas você está livre para não acreditar, e fazer o que você quiser para tentar provar isso.

— Você não pode me culpar por querer saber algo assim. Eu... Você é a porra de um problema desde o primeiro dia na minha vida, puta que pariu!

— Você me ouviu te culpar de algo?

— Eu vou pedir um teste de DNA — ele informou, ainda olhando para o meu rosto duramente, as mãos nos quadris estreitos, dando pequenos passos no mesmo lugar. Eu podia ver que ele mal controlava a raiva a cada vez que olhava *pra* mim.

— Faça. Você tem todo o direito.

— Preciso saber se o cara da foto, com quem você estava semanas depois de sair daqui, não é o pai dessa criança. Não me julgue por ser precavido, querida — ele disse, sarcasmo escorrendo do seu sorriso frio. Eu fiquei boquiaberta, vendo-o ir em direção à cozinha e preparar uma bebida. Apenas para ele.

— Que cara de foto? O que você quer dizer?

Ele serviu-se devagar, sem me responder, apenas quando levou a taça aos lábios, voltando para a sala, olhou de novo para mim. *Me trucidou* com o olhar.

— A foto que estava correndo e sendo comentada na sala de aula por suas coleguinhas, aparentemente com um namorado novo em São Paulo, apenas o quê? Duas, três semanas depois que você saiu daqui? Como vou saber se essa criança não é filho dele? — Diego bebeu um grande gole, quase rosnando as últimas palavras para mim.

Eu continuei olhando para ele em choque, sem entender do que diabos ele estava falando, então... Eu soube. A foto que eu tinha enviado para Ana, abraçada a James, quando ela me mandara uma foto sua e de Thiago. Ele vira aquela foto, era disso que ele estava falando?

— Você está se referindo a foto em que eu estou com um amigo? Que eu enviei a Ana?

— Não sei quem diabos é Ana, e foda-se se eu quero saber, não lembro dela. Só sei que todos estavam comentando sobre o cara com você na cama. Então, não posso simplesmente aceitar a sua palavra de que a criança é minha, não é? — Diego quase cuspiu as palavras e virou todo o restante do conteúdo da taça.

— Na cama? Você viu a porra da foto? Seu grande idiota, ele é meu amigo e filho do meu padrasto, e não, ele não é o pai de João, ele é gay, se você quer saber.

— Muito conveniente. E eu não vi a foto, por que eu veria essa merda?

— Claro que não, só pensou e deduziu o pior de mim, afinal, o que mais você poderia pensar, não é?

Diego pôs o copo na mesinha e veio novamente na minha direção, tentou segurar o meu braço, e eu dei um solavanco, soltando-me, empurrando-o sem sucesso no peito. Ele tentou de novo, devagar, mas eu puxei novamente, dando

um passo para trás.

— Vem aqui, Diana.

— Foda-se!

— Quem é mesmo a porra desse cara?

— Por que você quer saber? Apenas faça o inferno do seu teste, até prefiro, você tem todo o direito disso, sim, não tem que acreditar em mim. Mas não ouse querer julgar o meu comportamento porque você não tem nada a ver com isso!

Ele segurou rapidamente o meu pulso, daquela vez, antes que eu pudesse me soltar.

— Quem é ele? — Sua voz parecia ter um som completamente diferente, e eu arregalei os olhos.

— Mas que diabos, a nossa conversa tem a ver com o filho que eu estou dizendo que é seu, e você vai esperar a prova se é mesmo ou não, nada *pra* além disso, então não me venha com esse papo de "quem é esse cara"!

— Mas eu quero saber. Já disse que quero saber de tudo que diga respeito a...

— Ao filho que você não sabe se é seu?!

— Não me provoque. Não hoje, por favor — ele sibilou, tenso. — Estou no limite com você, Diana.

— Eu já disse o que tinha *pra* dizer, Diego!

— Você não disse nem metade, ainda!

— O que você quer mais, *me prender* aqui?

— Não, mas também vou te dizer agora o que vai acontecer e como as coisas serão, preste atenção.

Diego me puxou de encontro a ele, fúria parecendo sair do seu corpo em ondas, e eu quase tropeço nos malditos saltos. Seu rosto estava vermelho de raiva quando sibilou *pra* mim.

— Eu quero saber cada detalhe da sua vida e dessa criança, a porra de cada detalhe, a partir de agora, fique bem ciente disso, e se eu tiver que esganar cada maldito amiguinho seu que ousar chegar perto de vocês, eu vou fazer. Está claro *pra* você? — Ele quase não conseguia falar, os lábios apertados, parecendo que ia explodir. Eu o fitei, impressionada, então tentei respirar normalmente e entender suas razões de estar furioso, eu disse que faria aquilo, que entenderia. Tentei ser razoável, logo eu.

— Diego, se você... se você acha que nós devemos começar esta conversa depois que você tiver provas sobre a paternidade do meu filho, *me avise*, vou estar lá, e compreendo. Então, só me deixe ir agora, ok?

Eu disse tentando me soltar mais uma vez. Diego não permitiu. Estendeu

a mão e segurou meus ombros com as duas mãos agora, com firmeza, me deixando presa no lugar e sob o seu domínio. O calor das suas mãos grandes na minha pele pareceu perfurar o tecido da minha blusa e se espalhar pelo meu corpo inteiro. Era o calor de uma fúria controlada.

Ele segurou meus ombros, não me machucando, mas parecendo ter dificuldade em me soltar, em ficar longe. Sua raiva, no entanto, pareceu aumentar, a julgar pela forma como me olhou e se aproximou mais, respirando pesado, rápido. Minha própria respiração engatou, e eu engoli saliva, mas me recusei a demonstrar que estava assustada. E excitada, que porra!

— O caralho que você vai sair da minha vida até tudo estar explicado, nem pense que você vem aqui, diz que engravidou de mim e agora vai sair por aquela porta como se não tivesse fodendo com a porra da minha cabeça, entendeu? — ele disse, seu tom era enfurecido e eu senti um tremor da raiva controlada passar do seu corpo para o meu pelas suas mãos grudadas na minha pele. — Você me entendeu, Diana?

— Eu... — Droga, minha voz saiu tremida, eu limpei a garganta e tentei de novo, sentindo a respiração quente muito perto do meu rosto, seu peito quase encostando em mim. Eu já tinha visto Diego em sua expressão excitada, selvagem, mas o rosto dele contorcido de raiva, os lábios apertados daquela forma e os olhos soltando chispas era diferente de tudo que eu vi. Ou imaginei. — Eu não disse que vou *pra* longe novamente, estou na cidade e não pretendo...

— Você não vai. Não vai fazer porra nenhuma sem que eu saiba, a partir de hoje. E me responda outra coisa, depois eu decido se acredito em você ou não: onde está essa criança?

Eu mordi meu lábio com força, odiando-me por querer chorar. Pelas minhas ações, por aquele momento, por tudo. E eu não gostava de chorar, de me sentir fraca de alguma forma, e mesmo entendendo todo o direito que ele tinha de estar furioso e de sentir-se enganado, eu não queria desmoronar na sua frente. E abaixei o rosto, me recusando a continuar olhando para ele.

— Está comigo aqui, no apartamento em que estou.

— É um menino? Qual o nome dele? — Sua voz estava rouca, dura, o som saindo em um silvo no meu rosto.

— João Pedro... — sussurrei. Diego largou-me abruptamente e virou-se, eu senti minhas pernas fracas, percebendo que estava na verdade de pé por estar apoiada pelo agarre dele nos meus ombros. Olhei, meu coração pulsando como louco, quando ele foi até a parede do outro lado da sala, permanecendo lá uns segundos, de costas *pra* mim, a cabeça encostada na parede, suas costas musculosas movimentando-se sob o efeito da respiração pesada. Minha respiração acelerou e eu sentei no sofá, quase desabei, na verdade sob o peso

daquela situação toda, daquele momento. Puta que pariu, não tinha como ele não ter se machucado com aquilo. E um pensamento horripilante passou por mim: ele poderia, se quisesse, ter me machucado, ainda que em nenhum momento demonstrou que o faria.

Olhando de forma fria e crua, o tamanho e a força de Diego eram impressionantes, e mais uma vez eu percebi como roupas e atitudes tranquilas e equilibradas poderiam esconder e camuflar reações explosivas. No entanto, o que ele estava tentando fazer ali de costas para mim era justamente retomar o controle, eu podia perceber. E deduzi que ele seria incapaz de me machucar, eu só sabia, bem lá no fundo, e isso era uma merda contraditória porque eu não confiava em nenhum homem, mas estava confiando nele em uma situação tensa daquelas. Precisava ativar meu senso de autopreservação e ficar alerta.

Ele voltou-se e seu rosto estava ainda contorcido em uma máscara de fúria na minha direção, mas parecia respirar mais calmamente.

— Ele tem 5 anos?

— Sim.

Diego fechou os olhos com força, e quase pude ouvir o som do trincar dos seus dentes. Minha adrenalina disparou, e eu engoli em seco.

— E você, durante esse tempo todo, não achou que deveria me dizer isso?

— A parte mais difícil foi não contar quando descobri, à medida que o tempo foi passando, eu aprendi a conviver com o que tinha decidido — eu disse baixo, pensei que ele não tinha ouvido, mas ouviu.

— Por que você se achou no direito de esconder isso de mim? Um filho, pelo amor de Deus! — Agora ele praticamente gritou, mas sem sair do lugar, passando as mãos nos cabelos. — Por que demônios você achou que eu não deveria saber que você estava grávida? *Me diga* essa porra, Diana!

Eu balancei a minha cabeça, mas continuei encarando-o.

— Essa não é uma pergunta para a qual eu tenha uma resposta simples, mas vou te dizer o mais perto possível que eu possa chegar de uma explicação, ainda assim eu não espero que você entenda e nem me perdoe por isso. Quando eu finalmente descobri, estava convencida de que não queria na minha vida e do meu filho um cara que estava dando toda a indicação de que isso seria um empecilho, um estorvo, que estava claramente me dizendo que seria um inconveniente com o qual ele teria que lidar... Você inclusive insinuou que eu não teria tomado a pílula.

— Eu não fiz isso.

— Fez. Não negou quando eu perguntei na época.

Ele ficou em silêncio, não negando agora também. Depois passou uma

mão na nuca, olhando para o chão.

— Mas que caralhos você queria que eu dissesse?! Eu me dispus a...

— Você também não estava me deixando à vontade. Porra, lembra da forma como você falou comigo, do seu tom condescendente, da maneira que você deu a entender que ter um filho comigo era algo que só poderia ser tratado como um contratempo na sua vida? — gritei, cortando-o.

— Quando eu disse um cacete desse *pra* você? Quando eu disse isso?

— Mas também não disse nada em contrário! E olha, eu não estou tentando justificar a minha atitude em razão disso, só estou dizendo que naquele momento foi assim que eu vi, que eu entendi as coisas. Eu era muito orgulhosa para me sujeitar a permitir que meu filho e eu fôssemos tratados como algo que não era desejado por conta de uma única noite.

— Como você sabe que não seria desejado? — ele questionou, muito puto, e eu quase senti as paredes ao redor tremerem.

— E seria? *Me diga* agora! Você queria mesmo uma criança de uma garota irresponsável, como você achava que eu era naquele momento? — eu retruquei de volta, muito agitada agora para ficar sentada. Diego veio na minha direção, mas eu permaneci de pé agora no mesmo lugar, meus braços tensos ao redor do corpo, mas não me movi. Ele parou e ficou me encarando, o ar saindo dele em arfadas rápidas, seu peito movendo-se rápido sob o impacto da raiva.

— Mas que porra, não importa o que eu queria, eu teria feito o que tinha que fazer, assumiria a minha responsabilidade.

— E eu resolvi assumir a minha. Sozinha. E nem tinha como saber se era o melhor para mim ou para o meu filho contar a você. Eu fui burra, sim, imatura, irresponsável, até, estava entendendo o mundo naquele momento como se não precisasse de caras que não queriam estar na minha vida e nem eu na deles. Não estou dizendo que foi certo, Diego, mas foi o que fiz, *e me arrependo*.

— Não era apenas sobre você, sua grande egoísta! Era sobre a criança também, e eu tinha a porra do direito de saber, não importa o que você achava! — ele rugiu, furioso, passando a mão no cabelo como se pudesse arrancá-lo, andando de um lado para o outro como um leão enjaulado. Eu permaneci em silêncio agora. Ele continuou: — Você só assumiu essas merdas todas, não sabia se era o que eu pensava. E também lembro perfeitamente que você não parecia exatamente feliz com a possibilidade de ter um filho, então não seria só na minha vida que uma criança seria um estorvo, não?

— Eu também nunca te disse isso. Você só assumiu essas coisas da mesma forma que eu. Você chegou a me perguntar sobre isso?

— Claro, nada na forma como você agiu apontava para uma pessoa que quisesse algum tipo de conexão maior com alguém.

— E você queria? — gritei, enfurecida também. Ele me encarou, fuzilando-me com o olhar.

— Mas não importava. Eu teria cuidado de tudo do mesmo jeito, e você não teria simplesmente fugido.

— Meu Deus do céu, você ainda está nessa maldita coisa de que eu fui embora no meio da noite?! Por causa disso você estava deduzindo coisas sobre mim também naquele telefonema, será que você não vê isso?!

— Eu sei. Eu sei por que você foi, *te disse* que descobriria essa merda — ele disse, de modo sombrio.

— Você sabe? Então...

— Esqueça isso, quem tem as perguntas a fazer aqui sou eu, e você tinha que ter me contado, que porra!

— Sim, eu poderia, mas não quis. Diego, eu assumo que não tomei a melhor decisão, e assumi o risco, eu fiz uma escolha sobre isso e vivi e vou viver com as consequências dela.

— Você nem imagina o quanto vai viver com as consequências dela, Diana. Nem fodidamente imagina. — Diego aproximou-se mais ainda e me segurou pela nuca, firme, e eu tive que encará-lo bem de perto. Suas narinas fremiram e ele rangia os dentes, sua mão grande e quente envolvendo meu pescoço por trás. A sua respiração atingiu minha boca, morna, seu corpo quase colado ao meu em toda a sua extensão. Quase. Porque apenas nossos rostos estavam quase colados.

Eu levantei o queixo e ele varreu meu rosto com o olhar intenso, penetrante, seus dedos se enfiaram em meus cabelos da nuca e puxaram meu rosto para cima. Mesmo assim eu disse:

— Faça o que tem de fazer.

— Faça o que que tem de fazer? Você ainda acha que pode vir com essa merda de atrevimento *pra* cima de mim? Você não imagina do que sou capaz ou quem eu sou de verdade, sua menininha rebelde da porra.... — Diego sibilou, ainda muito furioso, pelo som rascante da sua voz e pelo jeito como me encarava. — Você tem noção do que eu posso fazer, das formas em que você pode se arrepender dessa merda? Você tem a porra da noção?

Eu engoli meu medo, porque eu sabia. Tinha plena consciência, e se tivesse que apelar para o bom senso dele, eu o faria. Estava disposta inclusive a aceitar as disposições dele, só não aceitaria me humilhar ou perder meu filho sem lutar, isso nunca. Não mesmo, e iria deixá-lo ciente disso.

— Sim, eu sei o que você pode fazer legalmente.

— Legalmente? Tipo algo relacionado a omitir gravidez, violação ao direito à paternidade? Ou talvez seria qualquer coisa ligada à alienação parental?

Não, talvez você esteja falando de denúncia ao Ministério Público, é disso que você está falando, Diana? — Diego disse, friamente, o rosto mais próximo do meu. Eu nem conseguia respirar direito. Sua outra mão subiu e ele agarrou a minha mandíbula, trancando nossos olhares juntos e misturando nossas respirações pesadas. Minhas pernas estavam bambas: era medo puro das possibilidades que ele estava levantando, todas já devidamente pensadas por mim, mas ouvi-lo elencando cada uma delas naquele tom de voz e com aquela expressão, deu nova intensidade ao meu terror e ao meu nervosismo. Mas o pior era perceber que o tremor no meu corpo também era fruto da sua proximidade. Tudo misturado.

— Sim, eu sei de tudo isso — admiti em um sussurro, travando minha mandíbula para evitar tremer sob o seu olhar e sob o seu toque quente.

— Sabe, inclusive, que eu posso tirá-lo de você, não sabe?

Não consegui mais olhar para o seu rosto e o xinguei mentalmente, sentindo o tremor aumentar, e as lágrimas que eu estava segurando firmemente ameaçaram cair quando ele disse aquilo. Droga, não!

— Eu sei quem... Espero que você não faça, mas sei que você pode.

Diego moveu a mão da minha nuca e segurou a lateral do meu rosto, minha cabeça presa entre suas mãos, agora, mas eu continuei a me recusar a olhar *pra* cima, para o ódio em seu rosto. A possibilidade de ele tirar o meu filho de mim me abalando até a última gota de sangue. E eu sabia como ele se sentia, eu também tirei a sua possibilidade de ter contato com o filho. Não me enganaria que ele poderia me destruir, caso se dispusesse.

— Olhe para mim.

Eu continuei a olhar para baixo.

— Diana, olhe para mim — Diego repetiu em um sussurro áspero, levantando o meu queixo. Eu respirava tremulamente, lutando uma batalha feroz para não desmoronar. Eu sabia que nunca poderia ser fácil, e estava preparada para o ódio, a raiva, as ameaças, tudo, mas não para a minha fragilidade tão patente diante dele. Odiava isso. Sorvi o ar pesadamente e levantei os olhos. A expressão de Diego ainda era um desenho da raiva, os lábios apertados e o olhar fixo no meu, mas parecia ter recobrado um pouco aquela aura de controle que tinha.

— Você não vai mais afastar o menino de mim, nunca mais. Eu vou garantir isso de todas as formas que você possa imaginar, legais ou não, não me importo. Enquanto isso, vocês ficam no Rio. Eu fui claro?

Eu assenti e ele soltou meu rosto, e afastou-se um passo, pondo as mãos nos quadris, depois passando no rosto, como se estivesse cansado.

— Ótimo. Eu quero vê-lo. Ele sabe sobre mim?

— Sim, ele sabe que o pai mora aqui no Rio, e que nós viemos para vê-lo. Ele sabe... o seu nome. Tudo.

— Você vai me levar até ele, e vamos pensar em um jeito de contar tudo da melhor forma possível. Quem está com ele agora?

Eu ainda pensei em chamar a atenção para o fato de que ele estava duvidando da paternidade de João, e ao mesmo tempo estava tomando medidas para conhecê-lo antes de fazer o teste que ele queria fazer. Mas achei melhor não dizer nada naquele momento.

— A minha avó e... — Eu travei, e ele deve ter visto a hesitação na minha voz e no meu olhar, porque franziu as sobrancelhas ferozmente. Porra, não era a hora dele saber que eu morava com James e minha avó.

— E quem?

— Ele só está...

— Diana. Não ouse mentir ou omitir coisas *pra* mim, nunca mais. Principalmente se elas tiverem algo a ver com o meu filho. Então, eu vou perguntar de novo, e você vai responder, senão você vai me levar agora onde você mora e eu vou ver por mim mesmo. Decida-se.

Eu fechei os olhos e balancei a cabeça. Eu tinha que prometer a mim mesma que só ia tolerar aquela merda de Diego por conta da merda que eu mesma tinha feito, mas isso não seria para sempre. Ele que não contasse com isso. Precisava saber o que ele pretendia fazer para saber como lidar com ele.

— Quem está com ele além da sua avó? — ele repetiu.

— Meu... o enteado da minha mãe, e meu melhor amigo.

A expressão de Diego imediatamente se transformou em gelo puro, e seus olhos faiscaram.

— O cara da foto? Por que ele está aqui com você?

— Sim. Ele veio conosco. Ele mora conosco, na verdade, mas isso não diz respeito a você.

— Cada passo que você der agora, diz respeito a mim, cada decisão, cada maldita coisa, até que eu tenha decidido o que eu vou fazer em relação a você e ao meu filho. Tudo diz respeito a mim — ele afirmou, lentamente, a voz como seda pura, mas absolutamente fria. — E não, não tem nenhum cara morando com vocês, seu amigo ou não, a partir de hoje. Vou me certificar disso.

— Você está louco? Você não pode simplesmente fazer isso, eu não vou permitir.

— Eu posso. Toda a sua vida está mudando a partir de hoje, Diana. Eu tenho 5 anos da vida do meu filho para recuperar, e você está fazendo parte disso, quer goste, quer não. — E então ele abaixou a cabeça, pôs um braço nas minhas costas, puxou-me com força e tomou a minha boca duramente em um

beijo áspero, zangado, punitivo... faminto, sua língua invadindo-me, um beijo que tinha toda a raiva e fúria que ele ainda parecia estar represando, e eu fechei meus olhos e enredei meus dedos em seus cabelos, sentindo minhas pernas fraquejarem ao me encostar em seu corpo.

Porque eu estava com raiva dele também, pois sabia que ele pretendia cumprir cada merda daquela que ele estava dizendo, no entanto, ele não ia encontrar uma boneca de pano para manejar, não ia mesmo, mesmo que eu estivesse arrependida e estivesse ciente dos meus erros. Assim que senti sua boca na minha, provei sua língua com gosto de vinho e senti seus músculos duros ainda tensos pressionarem meu corpo, constatei que o desejo não ficava atrás no que eu estava sentindo em relação a Diego depois de tudo. Mas não iria ser o seu fantoche. Não mesmo.

Capítulo 8

VOCÊ VEIO!

Diego 

Enfiei meus dedos pelos cabelos ainda presos na nuca de Diana e mordisquei seu queixo enquanto a puxava mais de encontro a mim. Forte. Não tinha como ela não sentir toda a evidência da minha excitação, e nem da raiva ainda pulsando em mim. Uma raiva que era direcionada a ela por ter escondido algo tão importante de mim: um filho, meu Deus, como ela pôde fazer isso comigo quando eu pedi que me avisasse? Negar-me algo tão fundamental quanto ser pai, justo nos primeiros anos de vida do meu filho?

Mas eu também sentia raiva de mim mesmo por não conseguir odiá-la do jeito que pensei que faria no primeiro momento em aquilo tinha desabado na minha vida. Eu nunca fui de odiar ninguém, era exatamente o tipo de emoção que demandava uma intensidade muito grande para que eu me dispusesse a alimentar algo assim.

Preferia na maioria das vezes ignorar e desprezar solenemente o que não me agradava ou me irritava muito. Mas não, desde o início Diana fazia com que eu fosse para o caminho oposto quando me tirava da linha. Eu me importava, eu me envolvia. Muito.

E agora tudo indicava que mesmo com o que ela tinha feito eu não ia começar o processo de odiar alguém justo com ela, ainda que eu tivesse certeza de que não poderia agir como se o que Diana tivesse feito não tinha sido grave. Porra, isso estava criando um buraco no meu peito, justo naquele momento mesmo enquanto eu a beijava desesperadamente sugando sua língua e provando seus lábios, como fazia agora.

Eu tinha um filho e ela tirou essa experiência de mim, uma das maiores que um homem poderia ter, e ainda que eu não estivesse conseguindo odiá-la por essa decisão miserável, não sei se a perdoava por isso. Ou se iria um dia. Eu queria odiá-la por aquilo, de verdade, pensei, alcançando seu pescoço e usando a minha língua para sentir o gosto da sua pele ali.

Diana emitiu um gemido baixo que me fez responder com outro, rouco, quando a senti pressionar-se, ávida, contra meu corpo excitado. E então, o toque de um telefone ecoou, parecendo longe no meu cérebro nublado de tesão e espalmei uma mão em sua bunda, apertando firme e puxando mais. Diana então se afastou um pouco, ofegante.

— Diego, meu celular... Preciso atender.

Eu segurei seu rosto, olhando brevemente em seus olhos antes de me virar, sem dizer uma palavra. Eu estava lutando internamente por minha racionalidade fria e meu poder de ponderar, tão eficientes e reconhecidamente importantes no meu trabalho e na minha vida em geral. Eu tinha um filho que eu não queria prejudicar de forma alguma, e a mãe dele era uma mulher que me tirava do prumo desde o início e tinha resolvido, de forma irresponsável e egoísta, me privar do direito de ser pai aquele tempo todo. E mesmo com tudo aquilo, eu não sei se poderia puni-la judicialmente por isso. Poder, eu poderia, mas não sei se iria. Exalei ar dos meus pulmões, e fechei os olhos por um momento.

Também nem sei se valeria a pena. A quem eu queria enganar? É claro que eu não faria isso. Mas por outro lado, Diana talvez implorasse que eu a levasse a justiça, já que a opção contrária era ter que me aguentar de uma forma que ela talvez não imaginasse. Porque eu não ia deixá-la sair da minha vida nunca mais... Franzi o cenho com o pensamento. Na verdade, eu estava falando do meu filho, eu não iria deixá-la afastar o menino de mim, era essa a prioridade, repensei, passando a mão no meu maxilar, irritado, ainda que eu tivesse ciência de dizer algo relacionado a ela antes de beijá-la, não foi?

Mesmo com o beijo esmagador de agora me mostrando que a atração e o fogo que crepitava entre nós ainda era o mesmo, muito possivelmente maior, a prioridade era manter a criança perto de mim, não trazer junto para a minha vida o turbilhão de problemas que era Diana. Eu iria mantê-la próxima sob a minha vista, mas não tinha a intenção de permitir que ela revirasse tudo e me deixasse desorientado, como havia feito naqueles poucos dias seis anos antes.

Eu até estava tentando iniciar um relacionamento, Deus do céu, eu havia até mesmo esquecido disso — não, ignorado mesmo — ao beijá-la como um homem sedento há meses. Logo eu. E se ela não tivesse parado por causa do celular, tenho certeza que ainda estaria com as minhas mãos nela nesse exato momento. Ou mais do que as minhas mãos, provavelmente, a julgar pelo controle de merda que eu parecia ter quando a tocava. Como raios aquilo ainda podia ser assim?

Observei-a andar até a sua bolsa sobre o sofá, remexer nela e tirar o seu celular. Ela estava de costas *pra* mim, mas eu me aproximei mais.

— Oi, vovó. Sim, tudo bem. Eu sei, mas está tudo bem. — Ela virou-se e me pegou olhando para ela. Nossos olhos ficaram presos porque ela também não desviou os seus, mas suspirou. — Não... De forma alguma, fique tranquila. Eu já vou estar em casa.

Eu entendi. Ela estava acalmando a avó sobre possíveis problemas

comigo, e isso fez com que eu ficasse tenso e constrangido por um momento. Com toda a minha raiva, minha explosão, eu sabia que nunca, nunca, faria algo para machucar Diana de alguma forma, isso era impossível, mas me recriminei por ter, por um momento, esquecido da experiência dela, da mãe e da avó, naquela noite em que ela saiu daqui, e em como isso poderia assustá-la, me ver quase fora de controle. Caralho. Eu lembrei da minha própria reação quando Alex havia descoberto tudo, e em como tive o maior prazer do mundo em mexer todos os pauzinhos necessários e outros talvez não tão necessários assim, para que aquele desgraçado tivesse o que merecesse e fosse parar atrás das grades.

Ela deu um breve sorriso, agora, finalmente tirando os olhos dos meus e eu tive novamente aquele tipo de sensação que ela poderia ser a mesma menina teimosa e insolente de antes, mas que agora havia uma certa suavidade onde antes eram só arestas e garras afiadas. Não que essas garras não estivessem lá, já que eu tinha acabado de ver, e ouvir que estavam. Quem, na vida, já tinha mandado eu me foder, a não ser meu irmão e meu dois amigos mais íntimos? Certamente não uma mulher. E com certeza não uma que já tinha ido para a cama comigo.

— Sim, diga a ele que... — Ela parou, sem me encarar e eu senti uma ponta de alarme e expectativa. Era real. Ela estava falando do meu filho. Bem ali, do nosso filho. Eu sentia uma urgência em vê-lo, saber como ele era, tocar nele, mas não sei se aquela noite seria o ideal para isso, da forma como eu estava. — Eu não irei demorar, ele já está com sono, eu sei. Foi? — Ela pareceu suspirar de alívio. — Melhor assim, mas depois eu explico. Ok, tchau, vó.

Diana levantou a cabeça e me viu parado olhando para ela em silêncio. Eu ainda estava muito furioso para notar antes, na verdade, eu ainda estava, a adrenalina em minhas veias apenas amenizada, e aquela sensação de ter sido despojado de algo tão importante e vital ainda fazia aquele gosto amargo permanecer na minha boca, e meu estômago se revirar. Mas agora eu notava a expressão cansada e agitada de Diana, mesmo que ela em nenhum momento — quando a pressionei, quando a confrontei, quando a ameacei duramente — ela tenha mostrado fraqueza ou tenha dado a entender que tinha ficado realmente amedrontada, o que era um milagre pela forma que eu estava.

Praguejei em silêncio, eu precisava me acalmar e pensar direito. Não podia deixar a raiva e o ressentimento me dominar justamente no assunto mais importante da minha vida. Tinha que estar no controle, pois também não ia permitir que Diana brincasse comigo. Ela teria que esperar *pra* ver, porque eu não a queria amedrontada, mas queria que ela estivesse plenamente ciente de que eu não era um moleque irresponsável chateado com uma mancada dela. A gravidade da situação realmente estava clara para ela, ali? Eu esperava que sim.

— Diego, eu preciso saber o que você pretende, o que você quer, há algo que ainda precisemos dizer um ao outro agora? — Diana disse, a voz baixa depois de um longo suspiro.

Eu ainda a observei sem dizer nada, minhas mãos nos bolsos da calça. Ela parecia meio desalinhada, parte do coque desfeito e a da blusa quase fora da saia. E sexy como o inferno também. Ela segurou meu olhar e levantou uma sobrancelha. Aquela mulher era... porra, profundamente irritante e sem noção. Ela estava mesmo agora me pressionando para ter uma decisão, justo quando eu estava tentando a duras penas me acalmar?

— Nós temos um mundo do que dizer um ao outro, Diana, pode apostar, e teremos tempo para isso. Mas deduzo que você tenha que ir para casa por causa do... do João Pedro, se entendi certo — eu disse, a frieza bem presente no meu tom. E uma certa tristeza que me desestabilizou. Concentrei-me em respirar fundo, para que todos aqueles sentimentos que pareciam sufocar-me ainda há pouco não retornassem.

— Eu sei disso, não é a isso que me refiro, Diego. Sei que temos muito a conversar, é que ele está com a minha avó, mas de certa forma, é um local novo e ele talvez esteja meio assustado, eu saí cedo.

Eu assenti, imaginando como ele seria. Muito parecido comigo, fisicamente, muito parecido com ela, uma mistura de nós dois? E na personalidade? O certo é que se eu fosse imaginar tudo que tinha perdido ou que queria ter feito, não ia ajudar a me fazer mais racional. Só ia aumentar minha raiva e eu não queria ver meu filho cheio de raiva, decidi.

— Certo.

— Diego...

Percebi o tom de voz diferente dela. E mesmo quando estava contando aquilo para mim, dizendo sinceramente que tinha errado e que tinha sido egoísta, ela não tinha usado aquela entonação. Parecia meigo, carinhoso, mas não ia me aplacar, não importava o que ela dissesse.

— Fale.

— Eu não quero que você me perdoe, nem nada.

— Ótimo, porque eu não vou. Nunca.

Diana cerrou os dentes e fechou os olhos, talvez desistindo da meiguice que não combinava muito com ela. Mas voltou a abri-los de modo decidido.

— Eu não espero por isso, acredite. Mas mesmo assim, independente da decisão que você tomar, eu sinto muito... Muito mesmo — ela continuou, a voz engatando. Olhou para cima e exalou forte, como se estivesse tanto buscando fôlego quanto evitando o meu olhar. Ela não gostava de estar vulnerável, eu notei, mas aguardei em silêncio, já que eu não ia tornar aquilo mais fácil para

ela, e também estava interessado em conhecer as facetas daquela mulher.

Quando seus olhos voltaram para mim mais uma vez havia lágrimas neles, e ela respirou forte.

— Não acredite se você não quiser, mas eu me arrependo de verdade. Enormemente. E estarei disposta a fazer o que for preciso para que você tenha... tenha o seu tempo com João, não vou interferir, *me disponho* a cooperar da forma que você quiser.

— Eu devo agradecer? Porque parece muito fácil estar disposta a fazer o certo agora depois desse tempo todo quando você pode facilmente ser punida por isso.

— Se eu estivesse pensando apenas em ser ou não ser responsabilizada legalmente pela minha omissão, nunca teria voltado, nunca teria te procurado, como você saberia? — Ela se impacientou, a voz quase quebrando enquanto segurava uma lágrima com o nó de um dedo, olhando para o lado. Eu engoli duramente. Claro que aquilo não ia me comover, mesmo que eu não reagisse bem a lágrimas femininas, me deixava desarmado, sem saber bem o que fazer, Iza, minha irmã mais nova, usou aquilo como uma estratégia a infância e a adolescência toda para que eu fizesse o que ela queria. Sempre funcionava. Mas não ia funcionar agora com Diana.

Eu não disse nada, e ela continuou depois de morder o lábio e voltar a me encarar de novo, como se estivesse em uma luta e precisasse terminar, ficar de pé. Eu vi uma lágrima descer e olhei para o chão, ainda que me sentisse um covarde. Mas não queria ver aquelas lágrimas, foda-se. Eu não ia permitir ser transformado em fantoche cada vez que ela resolvesse mover um dedinho, não depois do estrago que ela havia feito na minha vida.

— Lamento muito. Tanto.

— Talvez você não tenha lamentado o suficiente ainda, Diana. Mas como eu te disse, não vou mais permitir que você me afaste, preciso pensar em tudo, saber o que fazer com essa situação toda, mas antes de mais nada... — murmurei um agradecimento interno que ela tivesse enxugado aquela maldita lágrima e fui em direção aonde tinha deixado a chave do carro, e a peguei. — Eu vou te deixar no seu apartamento.

— Você vai querer ver o João agora? — Ela perguntou se movendo para pegar sua bolsa. De algum modo, mesmo com a raiva que eu sentia dela, apenas amainada, mas ainda ali presente, eu podia dizer que gostava da forma direta como Diana estava levando as coisas. Fazia tudo menos miserável, já que melhorar mesmo, não melhorava.

— Eu não vou perder mais um segundo da vida dele, a não ser que seja absolutamente necessário. Eu disse a você.

— Eu sei. Não estou lutando contra isso.

Diana fez um gesto de assentimento e caminhou na direção da porta. E maldita seja porque eu não podia deixar de admirar a forma como ela movia-se naqueles saltos, minha cabeça em uma dura batalha para associar a garota de vestido e sorriso leve, fácil, provocador, e aquela mulher que parecia cravar o mundo com aqueles saltos do inferno quando caminhou na minha direção, já que ela tinha que passar por mim.

Quando ela estava passando ao meu lado, parou olhando para baixo, e pude sentir sua tensão.

— Ele sabe sobre você, Diego, eu disse, e confio em você para lidar com as perguntas dele da melhor forma possível.

Segurei seu braço quando ela ia se afastando.

— E isso quer dizer o quê? Que se ele perguntar por que não conhecia o pai, eu devo dizer que é porque eu não quis conhecê-lo? Eu espero sinceramente que não seja isso que você está sugerindo.

Ela me fulminou com o olhar.

— Eu nunca te pediria isso, ele sabe tudo, você vai perceber que João é muito inteligente. Eu só estou te dizendo que... Ele faz perguntas demais, as vezes desconcertantes — ela disse, e pareceu abrandar com a curva de um sorriso em sua boca, afastando seu olhar de mim. Era como se ela estivesse constrangida por dizer aquelas pequenas coisas do garoto para mim. Bom, ela deveria estar mesmo.

Eu a soltei devagar e fiz um gesto de entendimento, um súbito pavor me tomando, porque eu não sabia nada sobre ser um pai, e ia encontrar uma criança cheia de perguntas e que aparentemente estava no meio do fogo cruzado que parecia rolar entre sua mãe e eu. Mas eu iria me certificar de que ele não fosse pego, nem que eu tenha que me esforçar em dobro para ser paciente com a mãe dele, e nem que eu tenha que amarrá-la para que ela tivesse algum juízo. Aquela ideia me animou de uma maneira profundamente inapropriada.



— Por que agora?

Estávamos no meu carro a caminho do apartamento em que Diana estava morando com a avó e o amigo, irmão postiço, o cacete que fosse. Eu não estava feliz com aquilo, e realmente ia fazer algo sobre. Ela havia dito quando eu perguntei na nossa descida no elevador que ele tinha saído de casa para encontrar-se com o namorado. No momento, eu estava compartimentalizando as

coisas para dar prioridade ao que era realmente prioritário: conhecer João Pedro. Mas eu ia lidar com aquilo quando fosse a hora, ou seja, o mais cedo possível.

Diana virou o rosto um pouco de lado ao som da minha voz. Ela tinha se mantido calada, pernas juntas, olhando muito para fora. De vez em quando ela soltava um suspiro longo, e eu reagia a isso enquanto continuava dirigindo, consciente dela ali ao lado.

— Por João — ela disse. — Porque eu sabia que estava errada e já tinha respondido às perguntas dele antes, mas ele precisava de mais, e mais... queria te ver.

Senti o meu peito contorcer com uma sensação nova e quente, uma mistura de euforia, orgulho e medo. E mais uma vez me obriguei a ter pensamentos mais cautelosos e equilibrados, porque não seria fácil. Apertei o volante com força, também frustrado, zangado.

— O que exatamente você disse? Preciso saber tudo que ele sabe antes de chegar lá.

— Eu vou te contar, mas... Diego, ele já pode estar dormindo. Nada te impede de vê-lo, no entanto.

— Não, você já impediu o suficiente — rebati, e quis retirar o comentário imediatamente, apertando meus dentes. Não que eu achasse que ela não deveria ou merecia ouvir algo assim, mas eu realmente não via sentido naquilo. À medida que a minha explosão foi aplacando, vi que aquele caminho não era o ideal. Não queria começar um relacionamento com o meu filho tendo a sua mãe abatida por comentários mordazes vindos de mim, e eu iria tentar me controlar, se pudesse. Esperava que ela contribuísse com a minha ainda nova e frágil resolução.

Diana ficou calada, mas virou para o outro lado. Também não ouviria um pedido de desculpas, já estava além da minha capacidade naquele momento.

— Ele começou a perguntar, ao... ao ver as outras crianças com... *Deus do céu*. — Diana terminou em um murmúrio sufocado. — Até então ele estava bem em saber que você existia, mas agora, ele quer ver você.

Sua voz era um sussurro repleto de remorso, não tinha como eu não perceber, mas eu ouvi calado, dominado pela tensão. Alguns minutos se passaram sem que não disséssemos mais nada um ao outro, então eu lembrei de mais algumas coisas importantes que eu queria saber.

— Diana, o que o estagiário fez hoje mais cedo, o que você jogou café?

— Como você soube?

— Eduardo me contou. O que aconteceu?

— Um idiota se achando o máximo porque está em um estágio naquele lugar, pensou que eu adoraria tê-lo se esfregando em mim. Babaca.

— Como é?!

— Estávamos tomando café, eu já tinha dado uma cortada nele quando ele perguntou, não com todas as letras, mas eu não sou burra, se eu estava pintada de vermelho em todos os lugares. Depois, quando passou por mim, esfregou aquele pau minúsculo dele na minha bunda. Joguei o café quente nele — ela disse, como se não fosse nada demais, dando de ombros.

Na hora, com Eduardo, eu até cheguei a achar engraçado, mas tinha perdido toda a graça agora. Vindo de Diana, não sei por qual razão aquela reação não me surpreendeu, e de certa forma, foi bom que esse vermezinho já não estaria por lá quando eu chegasse amanhã, pensei.

— Bom! — eu disse apenas. — De quem é esse apartamento em que vocês estão?

— Do meu padrasto, Mário.

— E como você chegou ao Ministério, como chegou a Eduardo Ferraz?

— Eu já disse, Diego, você não estava ouvindo? Edu e eu temos um amigo em comum... Através dele eu pude ajudar Edu com isso até ele realmente arrumar uma assistente. Não é algo definitivo, eu nunca poderia trabalhar ali.

Eu franzi o cenho à declaração sobre o trabalho. Mas talvez fosse aquele Edu na conversa que me irritou um pouco. Porque Eduardo Ferraz não era a porra de um *Edu*.

— E por que não?

— Porque não é o meu tipo de trabalho.

— Certo. Então, você já conhecia o Ferraz, mas não sabia que eu estava ali.

— Não, claro que eu não sabia. Eu ia começar a te procurar amanhã, ainda estamos com as coisas meio desorganizadas no apartamento, mas eu faria isso o mais rápido possível. Foi uma coincidência.

— Ok. Mas ainda não entendi essa relação entre esse seu amigo e Eduardo Ferraz. — insisti, meio irritado com as evasivas, e notando que já estávamos nos aproximando do endereço que ela deu. Ela virou-se para me olhar e cruzou os braços sobre os seios.

— Essas são perguntas que de alguma forma tem a ver com a situação com João?

— Sim, têm. Se você, e consequentemente, meu filho, moram com alguém que eu não conheço, um homem, isso tem a ver comigo a partir de agora, Diana. Onde você trabalha tem a ver com isso também. Você pode me contar ou posso simplesmente descobrir por mim mesmo.

Ela bufou, olhando para fora.

— Certas coisas não são da minha alçada para que eu saia simplesmente

dizendo a você. Quanto ao meu trabalho, posso entender que você quer saber se tenho condições de cuidar do meu... — ela hesitou e eu aguardei apertando o volante. Até agora era sempre "João" ou "meu filho"... — Nosso filho. Diga o que quer saber então.

Absorvi as palavras, respirando fundo. Nós tínhamos um filho e íamos fazer aquela merda funcionar da melhor forma possível. Ou da pior para nós dois, contanto que fosse a melhor *pra* ele, eu não me importava de qualquer maneira.

— Você ainda não tem um emprego aqui então? Chegou a concluir o seu curso em São Paulo?

— Não, não o curso que eu estava. Eu acabei fazendo um curso de fotografia, que era o que eu descobri que queria fazer depois. Então, meio que estou nisso até hoje.

— O que significa "meio que estou nisso"? Você precisa ser mais específica.

Ela ficou uns cinco segundos calada como se não fosse responder, e eu não pude evitar o prazer em saber que ela estava, de certo modo, irritada. Que ficasse, bem-vinda ao clube.

— Eu trabalho de maneira freelancer com fotografias, geralmente bebês, crianças, festas infantis de modo geral — Diana finalmente disse, e eu me perguntei quando aquela mulher ia deixar de me surpreender naquela noite. Fotografar crianças? Eu nunca teria imaginado. Pelo jeito, tinha muita coisa que eu ainda precisaria saber sobre Diana.

— É isso que você pretende fazer aqui?

— É isso, sim. Mas Diego, você não pode esperar que eu me abra para você quando eu não sei exatamente o que você pretende fazer, não é?

Eu olhei de lado para ela.

— Sim, eu espero que você se abra para mim.

Diana me lançou um olhar intrigado, como se estivesse tentando entender o significado da minha frase. Eu continuei olhando para frente, sério. Mas eu sabia tudo que precisava, com ou sem a sua cooperação direta, já que teria muitas informações para juntar e pensar sobre as adaptações necessárias na minha vida para acomodar João, adaptações em todos os sentidos, pensei. Contar à minha família, introduzi-lo na vida deles, fazer ajustes financeiros que o contemplassem. Algumas dessas coisas seriam mais rápidas, outras teriam que se adequar ao ritmo da criança. Mas todas seriam feitas o mais breve possível.

Chegamos ao seu prédio e Diana desceu antes mesmo que eu pudesse ir abrir a porta do carro, porque era instintivo e eu faria isso mesmo com o clima como estava entre nós. Saí do carro e comecei a segui-la para a portaria do

prédio em direção aos elevadores. Ainda em um silêncio pesado, nós saímos e nos encaminhamos para o apartamento em que ela estava morando.

Aquele prédio era um dos que a empresa de Teo e Max haviam construídos naquela área, notei, enquanto Diana já tirava uma chave da bolsa para abrir a porta logo à esquerda do elevador. Eu estava nervoso, talvez mais nervoso do que já estive em minha vida inteira, e subi um pouco mais as mangas da minha camisa pelos antebraços, enquanto ela abria a porta.

Diana girou a chave devagar, e então abriu a porta. A primeira coisa que eu notei foram alguns brinquedos espalhados em cima de um sofá branco, carrinhos e uns bichos de pelúcia, e senti meu coração falhar uma batida, enquanto passava por Diana que manteve a porta aberta. *Me movi* devagar, olhando em volta, apreensivo, esperando encontrá-lo ali em algum canto e ver aquilo se tornando real. Porque ainda não era, não parecia real, até que eu o visse e tocasse nele.

Olhei para Diana parada na porta, recostada nela de braços cruzados. Ela também olhava para os brinquedos, depois seus olhos moveram-se para mim. Eu pude ler uma gama imensa de sentimentos ali, e todos me deixavam desconfortável em algum nível. Talvez tenhamos ficado assim por mais tempo do que me dei conta, porque a próxima coisa que ouvi foi o som de alguém limpando a garganta, e eu olhei para o lado.

Uma senhora estava parada lá, olhando para mim de forma atenta, as mãos nos quadris. Ela era pequena, os olhos escuros, cabelos muito pretos presos e usava um vestido florido. A avó de Diana, concluí, ao mesmo tempo em que ela abria um sorriso que me pareceu bastante semelhante ao sorriso provocador da neta. E a próxima coisa que ela disse terminou de confirmar que a aparência física não era a única coisa que elas pareciam partilhar:

— Ora, ainda bem que me arrumei, não é? Você é um homem e tanto nas fotos, Diego, mas assim pessoalmente é de lascar mesmo. Diana, minha filha, olha...

Eu não sabia para qual informação o meu cérebro meio aturdido se dirigia primeiro: se para o fato de uma senhora de uns prováveis 60 anos ou mais ter se arrumado toda porque eu iria chegar, se para o fato de que ela tinha dito descaradamente que eu era "um homem e tanto", se para o detalhe de ela ter dito "de lascar" ou, finalmente, para o fato de que ela disse já ter me visto por fotos. Só percebi que estava com a boca meio aberta olhando para ela quando a própria veio na minha direção com a mão estendida.

— É um prazer, Diego, eu sou avó de Diana, Madalena, mas você pode me chamar de Madá, se preferir. — E ela deu uma piscadinha *pra* mim. Uma piscadinha.

Pensei ter ouvido Diana dizer: " Meu Deus, vovó", mas me concentrei em estender a minha própria mão na direção dela, fechando a minha boca aberta em surpresa. Depois, respondi ao cumprimento.

— Senhora, é um prazer conhecê-la.

Ela fez uma expressão de desgosto enquanto eu pegava sua mão minúscula na minha. Ela tinha um aperto forte para uma mulher pequena, e eu soube quase que imediatamente de onde Diana tinha pegado uma coisa ou duas enquanto crescia.

— Senhora não, por favor. Madá. Ou vovó, quem sabe. E não ligue *pra* mim, meu filho, eu sei que não é momento, mas... fica tranquilo. Tudo vai dar certo. — Ela deu um outro sorriso amigável e olhou para Diana, que tinha agora as mãos sobre os olhos, mas pensei ter visto um vislumbre de um ligeiro sorriso no rosto dela.

— Vó... — Diana chamou baixo.

— Eu já parei. Tudo bem. Diego, seja bem-vindo, você quer alguma coisa? Toma uma cerveja? Ajuda a relaxar, não é?

Eu fiquei uns dois segundos olhando *pra* ela antes de me lembrar de responder.

— Hum, não. Obrigada.

Ela assentiu, e olhou para a neta novamente, agora com uma expressão meio preocupada, mas carinhosa.

— Você parece cansada, meu amor. Bom, vou deixar vocês, e... João está dormindo — ela avisou me olhando agora como se pedisse desculpas. - Eu até tentei, mas...

—Tudo bem, eu entendo, não se preocupe.

— Se precisarem de algo, vou estar no quarto — disse, afastando-se, e dando uma palmadinha de leve no meu ombro. Sorri discretamente para ela, notando que por algum motivo, realmente eu tinha relaxado um pouquinho só.

Ela ia voltando por onde tinha vindo, mas então parou e virou-se para mim de novo.

— Tenha paciência, ela vale a pena — ela disse de modo que só eu ouvisse. Eu não soube o que dizer daquilo, então apenas assenti. E com outra piscadinha ela se foi em passos ágeis. Ainda estava olhando na direção que ela se foi, quando percebi que Diana tinha se movido da porta.

— O que eu posso dizer? Você vai se acostumar um dia — Diana disse, jogando a bolsa no sofá com um suspiro longo. Eu arqueei uma sobrancelha e ela franziu os olhos. — Ela faz parte da vida de João, então...

— Eu entendi.

— Ok. — Ela quase fez aquele gesto de rolar os olhos, então sentou-se e

tirou um dos saltos do pé, depois o outro com um som que pareceu um gemido longo, como se eu não estivesse bem ali parado. E foda-se se aquele som não era excitante. Limpei minha garganta.

— Diana?

— Vem comigo. — Ela levantou-se já descalça, as mãos para cima, e ao passar por mim desfez o coque que segurava seus cabelos. Eu fiquei parado como a porra de um imbecil hipnotizado pelas palavras que ela disse quando seus cabelos vermelhos desceram pelos ombros. A imagem de Diana relaxando, tirando sapatos, soltando os cabelos e dirigindo-se ao quarto, com nosso filho lá era perturbadora demais para o meu cérebro ainda tomado por sentimentos conflitantes de raiva, mágoa, ressentimento. Respirei fundo e a segui. Eu ia ver o meu filho, aquela era a questão ali, e não como Diana ainda me fazia sentir coisas intempestivas e malditamente inoportunas.

A segui para um quarto à direita, e antes de chegar lá, ela parou na porta fechada, levantou os olhos para mim e novamente aquela tensão pareceu tomar conta dela.

— Você pode entrar sozinho, se quiser, vou te dar privacidade.

— Eu prefiro, sim, se você não se importa.

— Não, tudo bem. E Diego...

Parei com a mão na maçaneta da porta e olhei para ela.

— Tome o tempo que desejar.

Eu preferi não dizer nada, apenas empurrei a porta bem devagar, e entrei muito lentamente. O quarto estava meio na penumbra, apenas um abajur parecendo um aquário lançava luz sobre a figura pequena no meio da cama de casal. Fiquei parado uns segundos, muito quieto, tomado por um sentimento de inadequação, além de medo, felicidade, todos juntos revolvendo-se no meu peito. Dei mais alguns passos me aproximando da cama pelo lado direito, para onde João Pedro estava com o rosto virado.

Preferia não sentar na cama para não o acordar, mas me abaixei na lateral em sua direção e olhei para o rosto adormecido do meu filho pela primeira vez. Ele dormia com os pequenos lábios entreabertos, os dentes branquinhos à mostra, a respiração pausada e constante. Com um nó na minha garganta, que naquele momento estava me impedindo de respirar direito, eu puxei o fôlego e registrei o seu rosto redondo, o cabelo ondulado meio bagunçado do sono, o nariz pequeno. Ele era simplesmente lindo.

Sentindo o meu coração bater num descompasso louco, ergui a minha mão e toquei muito levemente um cachinho que estava na testa dele, percebendo, não surpreso, que eu estava tremendo um pouco ao fazer aquilo. Toquei a maciez do cabelo dele, enrolei um dedo ali, e sorri.

Notei o lençol de super-heróis ao lado do rosto dele, o pijama de pequenos elefantes. Incrivelmente, o único sentimento que me dominava agora era um tipo de paz, como se tudo no mundo estivesse certo, no lugar agora, ao olhar para o rosto dele. Não sei por quanto tempo fiquei assim, em silêncio absoluto, contemplando-o, gravando na minha memória, para sempre, cada traço do rostinho dele naquele jogo de luz e sombra no quarto respirando mais calmamente, o ritmo acompanhando o da respiração dele. Eu não falaria com ele agora, mas iria guardar aquele como o momento que ele entrou na minha vida.

Então, retirei o dedo devagar e meu coração falhou uma batida quando ele fez um som e se mexeu, piscando. Puta merda, eu senti como se meu peito fosse explodir. Ele se moveu de novo, franziu as sobrancelhas, e para meu completo assombro e alegria, abriu os olhos, olhando diretamente para mim.

Eu senti como se um raio tivesse atravessado diretamente o meu peito, e voltei a respirar forte enquanto ele me olhava fixamente, muito quieto. Mesmo na pouca luz, eu notei seus olhos claros, algo entre azul e verde. E então, ele fez o meu coração realmente quase sair pela garganta quando estendeu a mãozinha e tocou meu queixo, minha bochecha, minha testa.

— Diego... Você veio mesmo.

Capítulo 9

FLEXIBILIDADE NÃO É OBEDIÊNCIA CEGA

Diana 

Eu nunca pensei que fosse ter um momento na vida em que pudesse querer falar algo e simplesmente não conseguisse. E agora aqui estava eu, sendo tocado no rosto pelos dedinhos de João, os olhos atentos dele passeando por mim, e eu não conseguia dizer nada. Só olhar para ele. João havia dito: " Diego, você veio", e depois sorriu, um sorriso ainda lento do sono, e eu rapidamente espelhei seu sorriso de volta. Agora sim era totalmente real, ele estava ali me olhando, tocando-me e falando comigo. Limpei a garganta fechada de emoção e me obriguei a falar:

— Olá, João. Eu vim, sim — disse, observando-o enquanto ele sentava na cama, devagar, esfregando os olhos para afastar o sono. Então ele curvou um pouco a cabeça de lado para me ver melhor, as sobrancelhas juntas.

— Eu queria ter vencido o sono, mas não sabia que você ia chegar agora — ele disse com uma vozinha solene, como se estivesse um pouco chateado. Eu oscilei entre sorrir e acompanhar o pensamento sério dele. Não resisti e sorri.

— Está tudo bem. Eu não sabia que viria hoje também. Só aconteceu. Ele fez que sim, devagar.

— Eu quero ligar a luz, Diego.

— Você tem medo do escuro? — O abajur iluminava bem o local, e talvez elas só desligassem depois que ele dormia. João Pedro abaixou um pouco a cabeça como se estivesse envergonhado.

— Só um pouquinho... Não muito.

— Não tem problema ter medo do escuro, sabe?

— Você tem medo também? — ele perguntou, curioso, mas o tom era de quem claramente duvidava de mim. Sorri.

— Não, não do escuro, mas tenho medo de outras coisas. Todo mundo tem medo de alguma coisa.

— De que você tem medo, Diego?

E naquele momento, eu nem precisava pensar muito sobre uma resposta sincera.

— Bem, eu tenho medo de voltar a ficar longe de você — eu disse em um tom baixo e era a mais absoluta verdade. — Mas nós não vamos mais deixar isso acontecer, não é?

Ele deu um sorriso e balançou a cabeça fazendo que não.

Nova respiração profunda, forte, porque senão a minha emoção me dominaria totalmente, o que era meio surreal já que eu nem lembro a última vez na minha vida em que eu chorei — e acabaria assustando-o —, provavelmente. João apontou para o local para que eu ligasse a luz no quarto.

Ele era mais lindo ainda agora quando eu pude ver totalmente suas feições na claridade do ambiente. Seus cabelos ondulados e escuros contrastavam com os olhos verde-azulados, olhos que me observavam atentamente, ali em pé, olhando para ele.

— Você é grande. Eu também vou ser grande assim?

Segura a onda, cara, pensei, e fiz sim. Depois pigarreei e me aproximei dele novamente.

— Claro, você vai sim.

Ele fez um aceno satisfeito e eu notei imediatamente que ele conversava de maneira compenetrada para um menino daquela idade, como se estivesse prestando muita atenção em cada palavra ouvida e pensando bem no que iria dizer. Talvez ele se parecesse comigo nisso também? Mas, na verdade, o que eu sabia sobre meninos daquela idade? Minha pouquíssima experiência tinha sido em torno de meninas, com Iza e mais recentemente, com Julia.

Sentei ao seu lado na cama com cuidado, e ele cruzou as pernas em estilo borboleta, segurando o rosto com as mãos e olhou diretamente para mim.

— A mamãe me disse que ia me levar *pra* ver você.

— É, mas eu achei a mamãe antes e resolvi vir logo. Então, você sabe meu nome, João... Mas sabe quem eu sou? — perguntei, baixinho. Eu queria tocá-lo, mas queria conversar com ele e ganhar sua confiança para me aproximar mais, ver como ele iria reagir. Merda, talvez eu devesse ter deixado Diana conversar antes com ele em vez de só entrar assim, pensei, voltando a ficar apreensivo. João Pedro fez uma expressão engraçada como se eu tivesse dito alguma bobagem, e aquilo pareceu muito com Diana, notei.

— Eu sei quem você é... — Ele deu um sorriso tímido.

Eu estava, oficialmente, mais amedrontado do que no dia que fiz o vestibular para Direito, muito mais do que quando fiz a prova para a promotoria, muito, muito mais nervoso do que qualquer dia da minha existência. Isso tudo porque um menino de 5 anos estava olhando para mim como se eu fosse um bobo e ele soubesse muito das coisas. Eu queria ouvir aquela resposta mais do que tudo e, por outro lado, tinha medo do que ele diria. Diana havia me dito que ele sabia sobre mim, mas eu não deveria perguntar algo assim, o que eu deveria perguntar, então, de que forma eu poderia começar aquilo com ele? Eu quase desejei que ela estivesse ali, porra. Como...

— Você é o meu pai, ora — ele interrompeu as minhas divagações com aquela frase simples e de um peso imenso, dando de ombros. E ainda bem que eu já estava sentado na borda da cama ao seu lado, porque ouvir aquilo naquela vozinha tinha sido algo completamente novo e atordoante, único. Minha mente muito rápida me levava lá, para aquela frustração e rancor contra Diana, mas eu podia fazer melhor que aquilo ali olhando para ele. Não era essa merda que eu queria no meu peito ao ter o meu filho perto de mim pela primeira vez, e nenhuma outra.

Puxei com força o ar do meu peito e olhei para ele, em silêncio arrebatado, meu coração descompassado. Ele sabia mesmo que eu era o seu pai, ainda que continuasse me chamando de Diego, e a naturalidade com que ele disse aquilo me impressionou e me emocionou em medidas iguais. Quanto a me chamar pelo nome, aquilo era algo que levaria o seu tempo, eu não iria pressioná-lo de forma alguma. Tudo estava apenas começando.

— Você está certo, eu sou. Gostou que eu viesse te ver, então?

— Gostei. Por que você demorou?

Porra. O que eu deveria dizer? A sua mãe não me contou que você existia? Eu não faria aquilo nem para aplacar a minha raiva pela atitude de Diana. Pensa, cara, pensa.

— Eu teria vindo mais cedo, mas só agora soube que você estava aqui.

Não me pergunte por quê. Não pergunte. Pelo menos não agora, implorei, entrementes.

— Eu vim de avião, Diego, com mamãe e a bisa. - Ele anunciou, e coçou um dos olhos.

— Gostou da viagem?

— Não, a minha orelha fez "zum". Você não vai embora de novo?

Nunca.

— Eu vou estar por aqui, perto de você *pra* sempre, eu te prometo, ok?

João fez que sim, animado olhando bem nos meus olhos.

— Então, será que eu...posso abraçar você, João?

Ele sacudiu a cabeça em concordância, devagar, e abriu os braços na minha direção, ainda que parecesse tímido e eu não podia deixar de me surpreender com ele. Porque ele poderia sim não ficar à vontade e recusar, ver-me por fotos, como parecia ser o caso, poderia não ser o mesmo para um menino daquela idade, mas eu resolvi correr o risco. Curvei-me, fechei meus olhos e aspirei o aroma do seu cabelo macio. Depois, porque eu não podia mais não fazer aquilo, peguei-os por baixo dos braços e o pus sobre as minhas pernas, envolvendo-o de leve junto a mim.

— Está tudo bem?

— Tá.

E ele ficou quietinho encostado em mim. Depois virou-se nos meus braços para me encarar, soltando um pequeno bocejo. Ele estava com sono, claro, deveria estar dormindo àquela hora. E por mais que eu quisesse estar perto, conversar com ele, deveria deixá-lo dormir agora. Eu ainda teria muito tempo para isso a partir de hoje.

— Você pode me contar uma história? Eu gosto de histórias *pra* dormir.

— Claro. Que tipo de histórias você gosta?

— A mamãe contou a história dos três porquinhos. Você sabe essa? — ele quis saber se aconchegando mais, outro bocejo escapando. Diana contando histórias de porquinhos... Ok. Mas porra, e agora? Essa eu não sei se lembrava qual casa era de cada maldito porco, e se o lobo comia ou não um deles no final, pensei, ligeiramente alarmado. Não deveria comer, não é? Não, todos ficavam bem. Era um conto de fadas ou algo assim. Pigarreei de leve, resolvendo testar se a minha capacidade de argumentação e convencimento ia funcionar bem com um menino de cinco anos. Céus, eu esperava que sim, funcionava bem com muita gente.

— Hum, você já ouviu essa dos porquinhos. Que tal uma outra história, pode ser? Eu posso contar outra bem legal.

— Eu gosto dessa.

Era isso, minhas habilidades de negociação precisavam ser aprimoradas ou ele era duro na queda com a questão de histórias para dormir.

— Apenas dessa? — Fiz uma careta, preocupado.

Uma leve hesitação, e eu aguardei, ansioso.

— Não, eu gosto de outras. Conta outra — João pediu, por fim.

Certo, agora era só pensar em uma outra história para ele dormir. Isso. Meu Deus, como eu não sabia uma merda de uma história para dormir? Saber eu sabia, eu acho, várias, mas nenhuma agora parecia estar completa, fazer sentido, ou ser adequada. Como você poderia saber uma infinidade de coisas na vida e ainda assim sentir-se meio inútil como eu estava me sentindo agora? Mamãe saberia, claro, ela era uma ótima contadora de histórias, ela seria perfeita com ele. Então, de repente, eu lembrei, alívio me inundando enquanto sentia a cabeça dele encostada no meu peito e sua respiração cadenciada.

— Você já ouviu aquela do João e o pé de feijão?

Ele levantou um pouco a cabeça, interessado, apesar do sono. Graças a Deus.

— Ele tem o meu nome?

— Isso. Um menino esperto com o seu nome. Você quer ouvir?

— Quero!

E eu contei a história de João e o pé de feijão, não exatamente certa, talvez, adaptando uma coisa ou outra, do jeito que eu lembrava ou achava que era, e enquanto ia falando o meu próprio João ia ficando mais quietinho junto ao meu peito, tentando prestar atenção, mas finalmente foi vencido pelo sono minutos depois.

E no que dizia respeito à adaptações de ordem mais práticas, financeiras, por exemplo, que eu pensei mais cedo que deveriam ser feitas na minha vida e na do meu filho, sim, elas eram muito importantes, no entanto, algumas outras, mais simples, cotidianas, emocionais, eram tão ou mais importantes ainda. Beije a sua cabeça.



Quando eu fechei a porta do quarto silenciosamente atrás de mim, voltando para a sala, *me deparei* com Diana sentada na sala, sozinha, as pernas puxadas de encontro ao corpo, abraçando os joelhos, olhando fixamente para o chão. Movi-me silenciosamente, *me aproximando*, e quando sentei do outro lado em frente a ela, Diana levantou a cabeça e olhou para mim. Ela tinha trocado de roupa, notei, porque estava usando algo que deixava suas pernas nuas. Suspirei e me obriguei a olhar para o seu rosto.

— Ele acordou — ela disse, e não era uma pergunta. O fato de eu ter demorado mais do que o esperado ou algo que ela viu na minha expressão? Eu concordei com a cabeça e Diana desviou o olhar do meu, ficando ela própria em silêncio.

Era uma situação complexa e parecia haver um muro de coisas não ditas entre nós, como naquele momento, e a melhor maneira de começar a resolver isso era justamente começar a dizê-las já que nós íamos fazer as coisas funcionarem para aquele menino.

— Sim, ele acordou.

— Vocês conversaram?

— Ele me reconheceu.

Seus lábios livres de batom agora se curvaram um pouco de lado.

— Claro, ele não tem falado de outra coisa desde que saímos de casa.

— *Me pediu* para contar uma história. — Não sei por quê, mas resolvi simplesmente fornecer aquela informação a ela.

— Ele adora ouvir histórias antes de dormir. Não abre mão. — Diana sorriu mais agora, olhando para as próprias mãos, e talvez tenha sido por isso que eu dei a informação. Eu sou um idiota, pensei, zangado.

— Escuta, Diana, eu sei que a noite está mais intensa e cansativa do que ambos esperávamos, mas não me vejo saindo daqui até que a gente converse mais do que já fez até agora, porque eu não vou embora sem algumas outras respostas agora que conheci o João.

— Esta noite está sendo o que teria de ser, dadas as circunstâncias, não é? Eu não a contradisse e fui direto ao ponto:

— Quando e como exatamente você disse ao João Pedro que eu era o pai dele? Preciso saber agora.

Diana me pareceu desconfortável, incômodo visível em seu rosto.

— O João, de algum modo, não quis... falar com você? Ou...

— Não, não. — Apressei-me em negar aquilo, a lembrança da doçura e da maneira pacífica dele me envolvendo. — Ele foi muito receptivo, na verdade.

Alívio. Eu reconheci aquela expressão no rosto dela porque provavelmente a leria no meu rosto se pudesse me ver quando ele me deu um abraço.

— Respondendo à sua pergunta: bem, assim que ele começou a perguntar de forma mais clara, a entender melhor as coisas, a notar, bem... Eu sabia que esse dia chegaria e tentei me preparar e prepará-lo da melhor maneira possível, sendo honesta e explicando de forma mais próxima à compreensão dele que ele tinha um pai, mas que esse pai... apenas não estava por perto.

Eu continuei encarando-a, tenso, e fiz um gesto para que ela continuasse.

— Bom, naquele momento, foi o suficiente para ele. Eu contei com a ajuda de uma amiga psicóloga, mostrei fotos suas, disse o seu nome... Enfim, dentro dos limites da compreensão dele, fui totalmente sincera em dizer que tinha optado por ir morar longe e o pai não sabia sobre ele, e não que você não o queria. Tentei explicar isso da melhor forma possível — ela murmurou.

— Com o auxílio que tive, a intenção era afastar qualquer possibilidade de ele achar que a culpa fosse dele... — Diana suspirou longamente, mas foi adiante. — No momento, era o que eu considerava certo e o mais adequado, e bastou. Ele estava bem com as explicações. Agora que ele foi crescendo mais, o interesse aumentou, as explicações mais simples não eram suficientes, ele começou a ficar mais interessado, mais curioso, já não bastava saber de você e te conhecer por fotos. Ele queria te ver.

Pensei sobre a naturalidade com que João lidou com a minha presença e tentei ajustar ao que ela me dizia, tirando os meus óculos e apertando o meu nariz. Diana ficou em silêncio, provavelmente aguardando o que eu diria. O que eu poderia dizer? Obrigado por isso? Era alentador pelo menos saber que talvez os efeitos da minha ausência na vida dele não fossem tão intransponíveis ou assustadores quanto eu pensei que fossem.

Lidar com uma rejeição por parte dele passou pela minha cabeça por um momento naquela noite e me causou mais do que um aperto no peito. Mas aquele menino sonolento de agora seria o mesmo na luz dia? Ele me veria da mesma forma? Eu estava feliz com a recepção suave dele, mas aquela apreensão mínima ainda estava lá.

— Eu fui sincera em tudo, Diego. Posso te garantir isso. João sabe que a decisão de não falar a você foi minha. Óbvio que ele está lidando com isso agora da forma que ele entende, talvez ele vá entender de maneira diferente quando crescer mais, e até, sei lá, chegar a me odiar um dia, por isso. Eu não sei... — Diana passou a mão no rosto, e percebi seu tormento com a possibilidade. E percebi também, que nenhuma sensação de satisfação por aquilo me tomou, como eu até poderia imaginar. — O fato é que ele nunca ouviu uma palavra negativa sobre você, eu nem teria razões para fazer isso. Passei, assim, no último ano, a lidar com a possibilidade cada vez mais real de contar a você, de falar a verdade. Eu já estava arrependida antes mesmo de ele dizer com todas as letras que queria conhecer o pai pessoalmente, e passei a organizar a minha vida para vir para cá para trazer ele para você... Foi isso.

Eu não desviei meus olhos dos dela. Queria mais, queria saber mais, queria tudo da vida deles. Podia não ser a hora, mas eu ia saber. Então, fiz a porra de uma pergunta que estava me atormentando desde que eu soube da existência de João Pedro. Podia não ser uma prioridade, mas estava me deixando louco, e foda-se se eu não ia saber disso agora.

— Ele chama ou já chamou outro cara de pai?

Diana franziu a testa.

— O quê? Claro que não.

— Claro que não? Como alguma coisa pode ser clara *pra* mim nisso tudo? — retruquei, irritado. — É uma questão válida, você não acha?

— Diego, você ouviu a parte que eu disse que ele sabe que você é seu pai? Você é o pai, ele sempre soube disso de alguma forma. E não, ele não chama outra pessoa de pai — Diana respondeu, exasperada, o que só me irritou mais.

— Não sei, nesse tempo todo, algum homem na sua vida, convivendo com ele todos os dias, poderia deixá-lo confuso sobre isso, sobre mim. Seu amigo, por exemplo. — grunhi. — Isso é perfeitamente plausível.

Ela me lançou um olhar estreito, vindo para a frente no sofá.

— Mas isso não aconteceu, ok?

— O que não aconteceu?

Diana arregalou os olhos como se estivesse chocada com a pergunta.

— Não aconteceu de um cara na minha vida se aproximar o suficiente

para que a cabeça de João ficasse confusa sobre quem era o pai dele, não foi isso que você perguntou?

Eu só lhe lancei um olhar duro, e não disse nada. Se aproximasse o suficiente? Suficiente? Que merda significava aquilo? Ela então levantou de súbito pondo as mãos nos quadris.

— Espera aí: é isso que você está perguntando, não é? Porque você não teria a coragem de perguntar se houve outro cara na minha vida esse tempo todo, Diego, claro que você não teria. — Diana tinha uma expressão entre surpresa e sarcástica, e eu também queria ver o absurdo daquela pergunta, porque ele estava lá, eu sabia. Era uma questão absurda perguntar isso, mas infelizmente não conseguia pensar racionalmente o suficiente para poder evitá-la.

E claro, eu não disse uma palavra, continuei sentado, tenso, braços cruzados, preso na imagem desgraçadamente forte agora de outro homem tendo contato com o meu filho, brincando com ele, vendo-o todos os dias, ouvindo-o chorar, rir, crescer. E junto a isso, imagens de Diana com esse, ou esses caras, tendo-a, e ao meu filho nos braços, como uma família. Fechei os olhos, porque era uma merda se isso não era parte grande da minha raiva agora. Claro que houve caras na vida dela, como não haveria?

Agora, quando ela estava de pé na minha frente era um reposta mais do que óbvia para a minha questão. Como qualquer homem em seu juízo perfeito não iria querê-la com o filho pequeno de outro cara e tudo?

Constatei, então, o motivo das suas pernas parecerem nuas: uma peça que deveria se chamar um short, mas talvez não fosse, jeans preto, e que me dava a vista de suas coxas mais roliças do que eu me lembrava, e mais perfeitas ainda pelo que me constava. Uma camiseta também preta me dava a evidência de que sim, eu estava malditamente certo em minha análise anterior: Diana não tinha mais o corpo de uma garota, e para minha completa agonia, algo me dizia que esse corpo que ela mostrava era deliciosamente melhor do que o que ela já tivera um dia, se isso fosse possível. Era, porra, era possível sim, deduzi, meu pulso acelerando.

Porque agora havia mais curvas destacadas do que seu corpo mais rijo e firme de antes, com carne mais macia para apertar e enterrar os dedos com força, notei quase gemendo com o pensamento. Pude comprovar brevemente essa ideia perturbadora ao ter minhas mãos enterradas na carne macia da sua bunda mais cedo, e suas curvas mais suaves pressionadas em mim. Mesmo seus seios pareciam um pouco maiores e mais macios... Em suma, Diana parecia ter um corpo mais gostoso do que antes, era oficialmente um inferno.

Eu estava ficando duro ali sentado só de imaginar aquilo, não tinha nem como impedir. Gemi, de verdade, frustrado, passando a minha mão no rosto para

esconder o som depois de tirar meus óculos. Ela estava falando, irritada e baixo, provavelmente para não acordar João e nem chamar a atenção da avó, mas eu perdi as primeiras coisas que ela disse.

— ... então, não há a menor razão para que isso seja da sua conta. Faça-me o favor!

— Pode não ser, mas me interessa do mesmo jeito.

— Com quem eu fico?! Por quê? Eu alguma vez perguntei pelo seu noivado anunciado na internet? Por acaso te perguntei para quem você estava ligando mais cedo e desmarcando um encontro? — Ela saiu da sala parecendo mais irritada e foi para a cozinha. Eu levantei e fui atrás, praguejando mentalmente porque disse que ligaria novamente para Fabíola e com tudo, isso não estava nem remotamente perto de acontecer.

— Você está perguntando agora me parece.

— Não, não estou.

— E que noivado na internet seria esse?

Diana estava de costas servindo-se de um copo de água. Quando se virou, cruzou-as braços e me encarou.

— Olha, nós não estamos falando aqui das nossas vidas para além de João, tá legal?

— Que merda de noivado você está falando? — repeti, ignorando a tentativa dela de mudar de assunto, bem como a outra questão sobre o jantar desmarcado, e fiquei encostado do outro lado a sua frente. — Eu não estou noivo, acho que saberia se estivesse.

Ela rolou os olhos.

— Estou falando de quando eu engravidei. Mas isso não vem ao caso agora de qualquer forma.

Olhei para ela como se ela fosse louca. Bem, na verdade eu acho que Diana era um pouco. Eu estava noivo quando ela engravidou? Onde na porcaria do mundo ela... Ah, que porra. Aquelas notícias rápidas e imbecis da época em que eu estava com Camila quando um idiota qualquer da imprensa amigo dela havia colocado em algum lugar na internet que nós estávamos noivos, quando na verdade nem tínhamos levado adiante o nosso relacionamento.

Ainda tentamos por um breve período, mas realmente não deu. Tinha sido tão insignificante que eu nem me dei conta daquilo, Iza que havia descoberto a notícia e me informou. Nem me dei ao trabalho de negar, na época, só quando o meu pai veio confirmar comigo e eu disse que não tinha a menor intenção de fazer isso, essa história chegou a ficar na minha mente.

— Você viu essas notícias quando descobriu que estava grávida?

Diana pôs o copo de lado, voltando a cruzar os braços.

— Sim, eu vi. Mas não teve nada a ver com o fato de eu não ter contado. No máximo, serviu para que eu reforçasse a minha ideia de fazer tudo sozinha, mas não foi a razão principal.

Continuei encarando-a, então me aproximei de onde ela estava parada.

— Eu não acredito em uma porra dessas. Não acredito — sibilei, plenamente consciente de que deveria manter o tom de voz baixo ali. — Eu nunca estive noivo!

— Não teve nada a ver. Eu só puxei esse assunto agora porque você veio falar da minha vida pessoal. — Ela deu uma leve cutucada no meu peito com o dedo indicador. Eu olhei para o dedo de cenho franzido, quis pegar e mordê-lo. Ou chupá-lo. Mas eu não estava em local apropriado para isso, e só em pensar nos visitantes inesperados que poderiam interromper algo ali, eu estremeci.

— A sua vida pessoal vai me interessar muito daqui *pra* frente. E sim, você usou essa porra para tirar conclusões sobre mim.

— Talvez como você fez depois, deduzindo a partir de uma foto que provavelmente eu tinha ido *pra* cama com outro cara, engravidado, e vindo te enganar que o filho é seu? — Ela olhou na direção da porta, sussurrando com raiva, e voltou os olhos na minha direção.

Eu respirei fundo, e ela também.

— Quer saber? O João tem o sono leve, acorda de vez em quando e sai do quarto quando está sozinho. Não quero que ele nos veja discutindo aqui. — Diana levantou as mãos.

— Claro, sim, você está certa. Só ouça uma coisa: eu sei que ele é meu, isso, no entanto, não exclui o fato de que talvez eu precise sim provar que ele é meu filho para questões futuras — informei, sem adentrar nos detalhes, deliberadamente. O fato de eu estar disposto a não levar Diana à justiça de alguma forma — não que eu fosse dizer isso nesse momento a ela — não significava que eu estivesse disposto a deixá-la a par de tudo que eu pretendia fazer, por enquanto.

— Ok, Diego. Já disse, faça como achar melhor, se você precisa ter certeza de que ele é seu, está ok. — Ela parecia mais cansada do que irritada agora. — Eu estarei bem aqui.

— Não tenha tanta certeza disso.

— O que você quer dizer?

— Você ouviu. Eu vou tomar medidas para que o meu filho tenha tudo que ele possa ter, e que esteja o mais próximo possível de mim. Isso, no entanto, eu vou fazer com prudência, pensando no melhor para ele.

— Você está dizendo que vai querer tirá-lo daqui?

— Sim. Eu tenho casa, apartamento, por que o meu o meu filho ficaria

em um apartamento emprestado pelo seu padrasto? *Me dê* um maldito bom motivo para isso? — Ela apertou a testa, mas não disse nada. — Diana, passa pela sua cabeça que você vem aqui, trazendo o João Pedro, e as coisas vão ficar exatamente como você acha que devem ficar? Como você planejou? — retruquei, puto, porque aquela mulher era inacreditável. — Acha que a vida de João ficará exatamente igual?

Ela passou por mim, voltando para a sala. Seguia-a. Observei sua postura rígida, em pé próxima à janela de costas para mim e tentei não prestar atenção em como estava atraído por seu corpo, por ela, em como ela me tentava, para focar no que eu precisava pensar e fazer. Fui em direção à porta e parei antes de sair.

— Diana.

Ela virou um pouco o pescoço, continuando de costas.

— Eu vou entrar em contato, vamos marcar para nos reunirmos novamente, o quanto antes. Quero iniciar o mais rápido possível a minha aproximação de João Pedro. Enquanto isso, vou te manter informada do que pretendo fazer, e espero que possamos entrar em um acordo que seja o melhor para o nosso filho.

— Com você decidindo as coisas e eu obedecendo como você disse mais cedo? Esse tipo de acordo?

— Talvez, ou eu te mostro as opções e você decide o tipo de acordo que nós podemos ter. Uma vez você me disse que era flexível, estou contando com isso agora.

— Flexibilidade não é obediência cega, Diego. Uma eu estou disposta, a outra, espere sentado.

Eu ouvi e resolvi sair, fechando a porta silenciosamente. Minha vida acabava de dar um giro de 360 graus e eu precisava traçar minhas estratégias para não me perder e cair de cabeça por causa desse giro. Estava no elevador quando o celular tocou no meu bolso, eu apertei meus dentes achando que era Fabíola. Tudo que eu menos queria no momento era falar com ela ou explicar qualquer coisa que tinha acontecido naquela noite. Mas eu iria, com toda certeza, era o mínimo que eu poderia fazer.

Só não agora.

Mas era Marcos, meu irmão mais novo, e eu fiquei de certa forma aliviado por ter um pouco de normalidade naquele momento.

— Ei, Diego, que tal comemorar o aniversário de Ricardo amanhã na boate e ainda encontrar alguém para transar? Eu acho que você está precisando — foi o que ele disse, quando eu atendi. Bem, eu não teria exatamente normalidade, ao que parece, mas já era alguma coisa.

— Alô, e boa noite para você também. Eu me pergunto se realmente estudamos nas mesmas escolas — eu disse com um sorriso.

— Boa noite, irmão. Você estudou, eu só frequentei, além do mais, eu estava ansioso para ir para a parte importante desta ligação, mas vamos às suas formalidades primeiro. Está em casa?

— Não, estou indo para casa agora.

— Porra, cara, por isso a mamãe fica louca no teu pé achando que você está trabalhando demais. Relaxa, Diego.

— Quem disse que eu estou no trabalho agora?

— Ah, então está com a Fabiana. Estamos indo adiante com isso, não? — Sua voz soou irônica, como eu sabia que seria. Marcos costumava implicar com as minhas namoradas, dizendo que eu só encontrava cópias minhas, mocinhas comportadas que queriam ser esposas perfeitas e viver a vida perfeita como mulher de um futuro procurador-geral. Eu nunca nem havia dito a ele que pretendia chegar a esse cargo, mas era o Marcos, então, na maioria das vezes eu o ignorava. Imaginei o que ele diria quando conhecesse a Diana, pensei, sorrindo.

— É Fabíola, Marcos. E não, não estou com ela. Mas me diz sobre essa história do aniversário do Ricardo — desconversei, entrando no carro e me preparando para sair enquanto aguardava. Eu preferia por enquanto, manter a história sobre Diana e João Pedro para mim, apenas por esses dias, até conversar com Breno, amigo e advogado de direito da família, e tirar algumas dúvidas. Depois, pretendia contar primeiro a minha mãe, antes de dizer a todos.

— É o aniversário dele, e como ele inaugurou a boate nova, nos chamou para comemorar por lá. Nada mais adequado.

— Amanhã? — Eu estava pensando em falar com Diana novamente e ver como faríamos no fim de semana em relação ao João. Mas eu poderia falar com ela amanhã cedo no trabalho, e ver como faríamos depois. Então, talvez uma distração com os caras na boate, ainda que não fosse o meu local preferido para isso, um bom papo fosse o que eu estava precisando naquele momento, para me aprumar.

— Vamos lá, cara. Quando foi a última vez que você saiu conosco? Nós só temos nos visto em almoços e jantares familiares com mamãe cobrando netos e papai me cobrando mais responsabilidade, puta merda. — Ele tinha razão, e ao que parece, as reclamações de mamãe por falta de netos estivessem chegando ao fim.

— Ok, tudo bem. E Teo, irá?

— Vou falar com esse escroto, era para ele ter ido na inauguração e não foi, quero ver que desculpa ele vai arrumar agora.

— Combinado, então.

— Certo, talvez eu vá amanhã em uma reunião aí perto do MP, lembrei agora, que tal um almoço? Passo aí, saímos e conversamos.

— Perfeito, então. *Te espero.*

Quando Marcos desligou, eu ainda fiquei uns momentos lá, parado, olhando para a frente, então, recostei minha cabeça no banco e respirei profundamente. Aquela decisão sobre ter o meu filho por perto e manter Diana longe de mim, porque ela era problema, parece que estava ruindo como um castelo de cartas à minha frente.

Eu a queria, sexualmente falando, muito, e acho que o fato de ter conhecido o meu filho e pensar na possibilidade de que um outro homem estivesse no meu lugar na vida deles, de ambos, foi o catalisador dessa mudança. O certo era que eu ainda não estava preparado, ao que parece, para separar as duas coisas: Diana, mãe de João com quem eu deveria ter um relacionamento bom, por causa dele, mas que teria a sua própria vida livre longe de mim... E Diana, a mulher que me deixava louco apenas por estar com ela no mesmo ambiente, e que eu queria *pra* mim naquele momento. Depois, eu ia ver como as coisas se encaixavam.

Capítulo 10

DESPINDO AS ARMADURAS

Diana 

— Red, o que aconteceu? — Ouvi a voz de James bem baixinha, preocupada, perto do meu rosto, e virei de lado, encontrando seus olhos azuleiros próximos aos meus. Eu estava deitada no sofá praticamente desde que Diego saiu, e devo ter cochilado em algum momento. — Foi tão ruim assim?

Eu apertei meus lábios olhando para ele agachado ao meu lado, e senti aquelas lágrimas que estavam me inundando e me sufocando mais cedo vir à tona outra vez. James suspirou e tocou meu rosto, limpando-as.

— Ele foi um imbecil total? Eu acho que não me sairia muito bem na porrada com um homem daquele tamanho, mas sei lá, posso tentar, por você, o que você acha?

Eu sorri *pra* ele apesar do nó na minha garganta e sentei, afastando os meus cabelos e enxugando a umidade do meu rosto.

— Eu não ia querer que você estragasse o seu belo rosto, meu caro, e acho que Edu não curtiria muito também, então, esquece essa ideia.

— Você apostaria nele, pelo que vejo, estou sinceramente magoado.

Eu levantei uma sobancelha, e James deu de ombros, sorrindo, mas depois voltou a ficar sério, sentando-se ao meu lado. Imediatamente eu me aconcheguei em seu peito, e ele passou os braços ao meu redor. Aquilo era tão familiar, ter ele perto de mim, e eu me vi novamente lutando contra as sensações doloridas que me faziam querer chorar ainda mais.

— Não foi tão ruim assim. — Eu funguei, tentando me recompor. James bufou, e me deu um aperto me fazendo sorrir um pouco.

— Não? Vamos lá, pode começar a dizer antes que eu utilize todas as minhas técnicas infalíveis para fazer você falar.

— Não funcionariam comigo.

— É, não mesmo, mas eu sou seu melhor amigo, estou aqui com você e, bom, tem essa garrafa de vinho e essa taça bem aí ao lado no chão, então... Só posso deduzir que você precisa desabafar. E nem vou tocar no fato de que a mulher mais linda, maravilhosa e forte que eu conheço, que eu amo demais, estava chorando bem aqui, agora mesmo. Você vai me fazer chorar se não me disser porque está assim, e vai ser uma merda, então, conta tudo logo...

Virei e escondi meu rosto em seu peito, não resistindo e chorando

copiosamente, de novo, tudo que eu pensei que já tinha chorado assim que Diego fechou a porta e eu fui buscar uma bebida. Ficamos ali em silêncio enquanto eu punha para fora na forma de lágrimas e soluços toda a angústia que senti desde que o vi ali, naquela mesa de conferência, vindo na minha direção. Ou terá sido antes, quando João Pedro olhou nos meus olhos e disse que queria ver o pai dele de perto? Eu não sabia mais.

— Só tinha vinho, então... — sussurrei, finalmente, quando consegui me acalmar, a voz abafada no peito do meu amigo, e James riu, beijando meu cabelo, e nos aconchegamos mais, mas ouvi seu fungado de leve, *me mostrando* que ele também tinha chorado um pouco, aquele bobo sentimental, pensei, sorrindo .

— Se eu estivesse aqui, prepararia algo à base de tequila para nós, a nossa bebida, certo? Mas, Diana, deixa de me enrolar. Você não quis que eu fosse te encontrar quando saiu com ele...

— Não, James. — Respirei fundo e passei a mão no rosto me afastando um pouco para olhar para ele. — Acredite em mim, se você estivesse perto do Diego, como ele estava, não seria nada legal.

— Por quê? — Ele me olhou segurando meus ombros, meio alarmado. — Ele foi agressivo de alguma forma, é isso?

— Ah, James, ele ficou louco, claro, eu não esperaria nada diferente, mas em nenhum momento chegou a ser uma ameaça *pra* mim, apesar de tudo. Pelo menos não da forma que você está pensando.

— Ok. E da forma que eu não pensando, ele foi?

— Diego deixou bem claro todas as infinitas maneiras que ele pode me fazer pagar por esse erro. Amigo, você sabe, nós já discutimos isso. Inclusive disse que poderia, se quisesse, tirar o João Pedro de mim — murmurei. James engoliu em seco, piscando, nervoso.

— A gente já sabia que ele poderia querer fazer isso, não é? Inclusive eu disse a você que deveríamos pedir ao Edu que nos auxiliasse de alguma forma sobre isso. Ele tem contatos também.

— Não. Deixa o Edu fora disso por enquanto. Eles trabalham juntos, são colegas pelo que vi, e até hoje à noite Edu nem sabia que eu conhecia Diego, não quero complicar as coisas agora.

— Entendo. Você quer esperar que chegue a notificação da ação dele primeiro, é isso?

Mordi meu lábio, dividida e apreensiva.

— Não é isso. É que, apesar de tudo, eu acho que devo conversar com Diego, ver aonde ele está indo com tudo, sabe? Lá no seu apartamento ele estava meio transtornado, mas aqui, depois de ver o João, ele parecia menos disposto a

me trucidar, como parecia antes. Uma vez, eu saí tirando conclusões sobre o que ele queria, como ele fez comigo também, mas agora... Merda, apenas sei lá, fiquei aqui bebendo e pensando, não quero me armar até os dentes contra ele ainda, você entende?

— Não muito, vindo de você, mas me explique. — Ele voltou a puxar-me para ele, e eu fui, pensando mais uma vez sobre aquilo.

— É mais como abaixar as minhas armas agora, não as jogar fora, não sou dessas, mas apenas observar, esperar, *me dispor* a.. a dar uma chance de verdade para que ele esteja com nosso filho. Talvez ele também abaixe as dele. Senão, se ele vier e tentar me magoar de alguma forma, eu estarei aqui, como sempre, preparada, não pretendo ser capacho de ninguém.

— De alguma forma, você confia nesse homem, é isso que eu acho.

— Talvez, pode ser. Mas é um pouco confuso. Eu sei que ele tem todas as razões para me odiar, e seria uma idiota se não acreditasse que ele não pode de alguma forma me prejudicar, ferrar a minha vida, *me fazer* sofrer muito por causa de João, mas por outro lado, *me sinto* tão culpada, que tenho vontade de, sei lá, James... — Suspirei de novo, sentindo aquele aperto de lágrimas na minha garganta. — Tirar só um pouco as minhas armaduras depois de tudo que aconteceu.

Quando voltei a encará-lo, James estava meio estático me olhando, seus lábios entreabertos, depois sorriu, daquele jeito lindo e carinhoso dele.

— Quem é você, estranha, e o que fez com a minha Red? Ou isso, ou esse Diego realmente tem o poder de te tirar da casinha, não?

— O remorso é foda, faz tão mal. Você precisava ter visto a forma como ele estava quando saiu do quarto e falou com João.

— Ah, meu amor, eu imagino. Não deve estar sendo nada fácil para ele também.

— Sei disso. Eu sei... e não venha me dizer nada como eu "eu avisei" ou "eu disse para você vir antes". Não sei se aguento mais por esta noite.

— Está bem. Eu digo amanhã, então.

Dei um pequeno soco em seu ombro e ele sorriu.

— Sério, Red. Eu sei que eu disse a você para vir antes, para dizer ao cara, mas... Não vou te julgar, você teve o seu tempo, lidou bem com João, e quem sabe esse não é realmente o melhor momento? *Pra* vocês, para o filho de vocês. O certo é que você tem que tentar, e se tiver que deixar de lado esse seu famoso arco e flecha de deusa da caça por um tempo, deixe, *tá?*

Rolei os olhos *pra* ele e sorri, dando um beijo de leve em seu peito.

— Eu sei... Mas é que quando ele vem com aquele jeito babaca dele, naquela voz de quem é o dono do mundo e que acha que por isso pode ser o

senhor da minha vida agora, dá vontade de mandar ele se ferrar, mas eu tenho me controlado até, você ficaria orgulhoso.

— Parece que nada mudou desde a história da alunazinha sapeca e do professor mandão, veja só.

— Eu não sei — suspirei, sorrindo —, mas o diabo do homem continua tão gostoso e quente como sempre, não posso negar, e olha que a gente o chamava de Sr. Frio. Acho que molhei a calcinha em algum momento quando ele estava falando meio furioso comigo, porra... Quando eu não estava com ódio de verdade dele, claro, porque tinha horas que eu queria simplesmente esganar, estapear, de tão idiota que ele estava sendo.

— Hum, de onde eu venho, às vezes, isso se chama preliminares, meu amor.

Sorri, lembrando do beijo que trocamos, minhas entranhas revirando de leve apenas com a lembrança da boca firme de Diego devorando a minha. E das mãos me agarrando apertado. Era *pra* derreter. E querer mais.

— Posso entender você, pessoalmente o cara deve ser um estouro mesmo. Queria ver isso.

— Não queria não. — Eu fiz uma careta, olhando *pra* ele. — Na verdade, acho que ele pode não cair de amores por você quando te conhecer.

Eu contei a história da foto que nós enviamos para meus amigos. James na verdade nem lembrava daquilo.

— Ah, não, não me diga que ele acha que nós... que eu... — James apontou entre nós dois, depois riu, jogando a cabeça para trás. — Um cara zangado e ciumento? Adoro.

— Não é só isso. Ele chegou a insinuar que você é o pai de João, acredita?

James arregalou os olhos.

— Caralho, o risco à minha vida é real, então.

Eu sorri, imediatamente mais leve com ele ali.

— Não, eu disse a ele que você é gay.

Imediatamente senti a tensão no corpo de James, quando seus músculos endureceram de encontro a mim.

— Ele não sabe sobre o Edu, eu não disse o seu nome em nenhum momento associado ao dele, disse que tínhamos um amigo em comum, mas posso... — Tentei confortá-lo, rápido.

— Ei, tudo bem. Você sabe que isso não é um problema *pra* mim, mas não posso fazer nada se Eduardo entende que precisa se manter reservado. — James deu um suspiro frustrado, tentando manter a irritação longe da voz. Eu estava bem ciente que aquele era um enorme problema entre eles que já estavam

juntos há um ano, mesmo que morassem em estados diferentes antes.

A decisão de Eduardo de manter sua sexualidade absolutamente em segredo da família, amigos e da sociedade em geral, era um motivo de exasperação constante para James, sempre muito bem resolvido e aberto sobre isso. Agora que Diego estava a par da minha relação com James, Edu poderia de alguma forma entender isso como um perigo a sua posição e ao seu segredo, e isso poderia incomodá-lo muito.

— Olha, não posso garantir que Diego não chegue a alguma conclusão sobre isso, talvez você precise conversar com Edu, deixá-lo em alerta de alguma forma.

— Já conversamos. Ele estava quase em pânico quando chegou me contando que Diego conhecia você — ele murmurou, chateado. — Posso entender as razões dele, os locais que ele circula, a posição que ocupa e essa merda toda, mas ainda é um inferno ter que viver me escondendo como se fôssemos criminosos.

Abracei-o mais forte, assentindo com a cabeça. Tinha visto hoje como Eduardo se mostrava um cara amigável, simpático, competente, respeitado, e não conseguia vê-lo assumindo sua orientação sexual nem no trabalho e nem em lugar nenhum. Mas esperava que ele e James se resolvessem sobre isso.

— Às vezes tenho vontade de mandá-lo ficar nesse maldito armário *pra* sempre e se foder, não preciso disso.

— Você diz isso há um ano.

— Digo, né? Que merda. Mas que tal você ir dormir? Já está bem tarde, você tem que ser a assistente daquele idiota novamente amanhã e precisa estar alerta.

— Você vai voltar para o apartamento dele?

— Sim, estou com carro, só vim ver você já que não atendia e eu não sabia o que estava acontecendo. Vamos lá, vai dormir, minha Red.

— Eu te amo, James, mas como eu permiti que você me convencesse disso? Céus, diga ao seu namorado para procurar outra pessoa o quanto antes, por favor, vou enlouquecer ali.

— Eu já disse, além do mais, ele sabe que você começa amanhã na Beach, já está tudo certo.

James tinha conseguido um lugar de bartender em uma boate de luxo recém-inaugurada em Copacabana, e com o contato com o chefe de segurança do local, antigo conhecido de Edu, tinha dado certo que eu fosse admitida como garçonete. Pelo que ouvi de James, que já tinha experiência, o trabalho era tranquilo, pagava legal e eu ainda poderia ter boas gorjetas enquanto ia tentar dar continuidade ao meu trabalho com fotografia.

— Espero não derrubar a maldita bandeja em cima dos clientes chiques do lugar. É diferente de trabalhar com materiais esportivos para o seu pai, né, James Dean?

Ele encolheu com a menção ao estiloso nome verdadeiro, dado pela sua mãe, e me deu uma palmada na coxa que me fez sorrir.

— Relaxa, gata. Eu estarei lá por você, como eu te disse. Chega bem mais cedo e vai me encontrar, lá a gente resolve tudo.

— *Tá ok, saio direto do MP pra lá, então.*

— Isso. Logo você vai poder ter grana o suficiente para montar o seu próprio estúdio e fazer o que você gosta, ou seja, ser essa garota fofinha e meiga que ninguém desconfia, que tira foto de bebês sorridentes e desdentados — ele debochou, voltando a me beijar no cabelo. Ele estava exagerando sobre o “fofinha” e “meiga”, mas eu realmente tinha aprendido a amar trabalhar com isso. E a experiência que eu tinha adquirido desde que sai daqui do Rio, e com a fotos que eu fazia de João, tinham me deixado cada vez mais certa de querer levar aquilo adiante.

— Tomara, eu sei que vem uma semana de lascar aí pela frente, Diego já deixou claro que pretende “tomar medidas” o quanto antes para estar junto de João, então... Pelo menos vou tentar relaxar e curtir o emprego novo antes dessa tensão toda.

— Você vai se acostumar. Conheci o dono hoje mais cedo e ele me perguntou de você, então, é provável que você o veja amanhã antes de começar, só *pra* bater um papo. Por falar nisso, minha amiga, que homem aquele tal Ricardo, porra... você vai ver.

— Sério? Bom, se é um lugar legal e ainda dá *pra* apreciar caras gatos, não deve ser tão difícil assim. Um tempo até ter que encontrar Diego novamente.



O trabalho como assistente de Edu não era tão complicado, era mais o ambiente extremamente formal e a maneira como algumas pessoas pareciam tão rigidamente compenetradas que me deixava meio ansiosa. Sem falar, é claro, que mais de uma lançava olhares surpresos, desdenhosos ou críticos para minha tatuagem no pescoço mais aparente, e para o meu cabelo vermelho, mesmo que ele estivesse totalmente preso e eu tivesse me esforçado — por Edu, principalmente — mais uma vez para encontrar roupas “adequadas”: vesti uma calça jeans preta justa e uma blusa de tecido fino branca, além de saltos.

Edu me pareceu mais tenso essa manhã, menos sorridente, mas ainda foi

amável e paciente comigo. Não sei o quanto James tinha dito a ele sobre mim e Diego, mas o quanto antes eu estivesse longe dali, talvez fosse melhor para ele, já que agora eu parecia um aviso de néon de duas partes do mundo dele se encontrando, a pública e a privada, com risco de uma acabar se fundindo com a outra. No mais, tudo pareceu tranquilo, apesar de que algum lugar na minha mente ficava martelando aquilo de que Diego estava por ali em algum lugar, ainda que não fosse próximo de onde estava o gabinete de Eduardo.

Assim que eu havia chegado, felizmente antes de Eduardo, apesar da noite de sono curta e agitada, o telefone na minha mesa tocou, e quando atendi era Diego. Sua voz grave e comedida ao telefone mexeu com meus nervos, principalmente depois das novas resoluções que eu tinha decidido testar com ele.

Diego pegou o meu número de celular e prometeu ligar no dia seguinte para que combinássemos alguma coisa, pois ele queria ver João novamente no fim de semana, além de avisar que precisava falar comigo. Eu disse que aguardaria, e com um formal "tenha um bom dia, Diana", que em outros tempos poderia ter me feito rolar os olhos de desdém, mas agora fez umas coisas loucas com os pelos na minha nuca, nós encerramos a ligação. Por volta da hora do almoço, eu estava organizando a agenda de Edu para a tarde, quando ele apareceu na porta.

— Diana, a assistente de Diego já apareceu aí?

— Hum, não. Você está esperando por ela? — Eu não sabia quem era, mas me lembraria se alguém chegasse com algo relacionado a Diego ali. Era o meu trabalho, não era? Pelo menos por enquanto.

— Então tudo bem. Estou esperando uma documentação importante do gabinete dele que não deve ser enviada por e-mail. Assim que ela chegar, peça que entre, por favor.

— Tudo bem.

Voltei a me concentrar no computador, mas percebi que ele não tinha ido e me virei para ele novamente. Eduardo limpou a garganta e ajeitou a gravata.

— Está... tudo bem com você, Diana? — ele perguntou, com cuidado, muito mais coisas na pergunta do que aparentemente se podia perceber, e eu entendi que ele estava se referindo ao que tinha conversado com James na noite anterior. Olhei para ele com carinho e sorri, porque de algum modo, era um passo, ainda que bem pequenino, na direção de que ele estava disposto a admitir que havia uma outra dimensão da vida dele que eu conhecia, assim como ele estava a par da minha. Ele poderia muito bem ignorar e fingir que nada daquilo tinha acontecido, mas tinha resolvido ser gentil. Ele era um fofo, assim como James, só tinha ideias diferentes sobre o que ele queria revelar ou não sobre a sua vida pessoal.

— Está sim, Edu, obrigada por perguntar.

Ele sorriu para mim, parecendo aliviado, e eu notei que mais à frente os elevadores se abriram, alguém saiu e estava vindo na nossa direção.

— Não demore a ir almoçar, então, querida. Se quiser, posso pedir algo e nós dois comemos por aqui, não vou sair.

Eu achei a ideia ótima, mas antes que eu respondesse, uma voz masculina fria chamou a nossa atenção para os visitantes que se aproximavam.

— Eduardo sendo um cavalheiro, como sempre.

Diego estava ali, parado com os braços cruzados sobre o peito, de terno azul-escuro ajustado ao seu corpo forte e gravata vermelha, os pés afastados e uma expressão séria por trás dos óculos de aros pretos mais grossos do que o que ele usava no dia anterior, notei. Minha nossa, aquele homem sabia mesmo vestir um terno. Olhei para ele, surpresa por vê-lo ali, mas ele estava olhando fixamente para Eduardo na porta.

Então desviei meu olhar porque ao seu lado estava um cara que... Jesus Cristo, também não dava para não notar. Ele era tão alto quanto Diego, talvez a mesma altura, mas seu corpo parecia ligeiramente mais longilíneo, e também estava usando — muito bem, diga-se de passagem — um terno cinza escuro com gravata azul. Também tinha cabelo escuro, mais curto que o de Diego, e olhos entre o verde e o azul, eu acho, próximos ao tom dos olhos de Diego. Uma dupla e tanto. Diferente de Diego, no entanto, parado lá com a expressão fechada e um vinco na testa, o cara ao seu lado tinha um sorriso amplo no rosto, as mãos nos bolsos da calça, parecendo relaxado.

— Ah, Diego, pensei que Mara viesse deixar o dossiê. — Eduardo se aproximou e estendeu a mão sorrindo. Eu fingi observar o meu computador, mas estava bem ciente dos três homens ali pertinho, e levantei os olhos quando Diego estendeu a mão e apertou educadamente a de Edu.

— Preferi vir deixar, tudo bem?

— Sim, claro.

— Você já conhece o Marcos, meu irmão — Diego anunciou, e eu não pude evitar levantar a cabeça rapidamente e olhar novamente para o homem ao seu lado com curiosidade renovada. Claro que sim, eles não eram exatamente muito parecidos à primeira vista, mas estavam lá, todas as semelhanças inegáveis, principalmente os olhos. E o sorriso — quando Diego sorria, o que era raro — ele deveria parecer mais ainda com o irmão.

Enquanto eu fazia uma varredura, discreta, eu esperava, no tal Marcos, cheguei à conclusão de que ele era lindo, sim, com aquele sorriso meio safado de lado, mas Diego era muito mais. E gostoso também, isso eu podia dizer com propriedade. Espiei e Diego estava olhando fixamente para mim, os olhos

apertados nos cantos, parecendo irritado.

— Ei, Eduardo, tudo bem?

— Oi, Marcos, bom te ver novamente, tudo bem, sim. Vocês estão indo almoçar?

— Sim, e você, pelo visto prefere ficar no seu gabinete, se entendi bem?

— Diego respondeu estendendo um envelope fechado que trazia nas mãos para Eduardo. Este limpou a garganta, parecendo desconfortável.

— Bem, hoje sim.

— Se o motivo para permanecer na sua sala não for muito forte, talvez você pudesse nos acompanhar. Você seria bem-vindo, certo, Marcos?

Marcos olhou de sobrelance arqueadas entre o irmão e Edu, mas fez um aceno positivo logo depois.

— Óbvio, venha conosco, Eduardo.

Edu olhou para mim de um jeito meio engraçado agora, e jurei que ele fosse piscar, mas não o fez.

— Não, posso acompanhar vocês, rapazes, só um instante.

Quando Edu voltou-se para a sua sala, Marcos fixou o olhar em mim. Sorriu. Sim, aquele cara sabia usar aquele sorriso mesmo. Eu retribuí.

— E você, qual o seu nome? É nova por aqui, acredito.

— Meu nome é Diana, e sim, só iniciei ontem aqui.

— E está temporariamente — foi Diego que completou, e eu lhe lancei um olhar curioso, e pude ver seu irmão pôr o braço ao redor do seu ombro, puxando-o de leve.

— Pois bem, Diana. Você deveria vir conosco também, não se assuste com esse cara aqui, ele parece sempre mal-humorado, mas eu compenso com charme e bom humor quando estamos juntos — ele disse, e eu sorri para o seu jeito conquistador.

— Não se preocupe, não me assusto fácil, mas obrigada pelo convite, ainda vou ficar por aqui um pouco.

— Tudo bem. — Ele piscou, ao mesmo tempo em que Eduardo saía da sua sala.

— Diana, até mais tarde, então, qualquer coisa peça um almoço se não for sair.

— Peço sim, obrigada.

— Vocês estão prontos? — Diego franziu o cenho. Marcos me deu um tchauzinho, Edu acenou um "até logo", e Diego me lançou um olhar intenso, firme, antes de acenar com a cabeça, fechar o botão do terno, virar-se e caminhar atrás dos outros dois homens como se realmente fosse a porra do dono do mundo mesmo.



Quando eu cheguei à boate, ainda tinha bastante tempo para a abertura, mas eu realmente tinha que estar ali mais cedo para pegar o jeito das coisas, tanto com as outras meninas quanto com James, que claro, iria me dar uma força enorme, e só isso já me deixava bem mais tranquila.

Eu tinha vindo direto e iria trocar de roupa por lá, por isso tinha preparado uma bolsa mais espaçosa com as coisas que eu precisaria. Encontrei James na parte central da boate, perto do balcão, sentado em uma das banquetas, próximo de outras duas moças muito bonitas e outros quatro caras. Felizmente, havia um lugar vago ao seu lado, eu me acomodei e dei um beijo em seu rosto sem nem pensar direito.

Imediatamente me encolhi internamente, porque alguns olhos, femininos, principalmente, claro, James era um cara lindo, voltaram-se para nós. Merda, nós éramos assim aonde quer que fôssemos, e como era um ambiente novo, o ideal era que mantivéssemos uma certa reserva até ver como as coisas funcionavam por ali.

Ele me deu um sorriso, e me apresentou para as pessoas ao redor. Caio Montanaro, gerente, chefe da segurança e amigo do dono da boate, um cara alto, forte, sisudo, e minha nossa, muito gato, de cabelos castanhos meio espetados, vestido em jeans e uma jaqueta preta de mangas compridas. Estava encostado no balcão olhando ao redor, e só me deu um aceno rápido de cabeça. Pelo que entendi, ele era o conhecido de Edu e responsável pela minha contratação.

Os outros, Yuri e Davi, eram dois novos rapazes que trabalhariam comigo servindo, e os cumprimentei. O cara enorme e careca, de braços cruzados e silencioso, era Paulo, que ficava na porta. As meninas que também iam começar hoje como garçonetes eram Dália e Rose. Logo, uma outra mulher juntou-se a nós vinda da parte de cima da boate, notei, onde localizavam-se os camarotes Vips e, provavelmente, o escritório do dono. Ela era negra, alta, bonita e curvilínea, com longos cabelos pretos, e olhou para todos nós com uma expressão que me parecia enfado no rosto sem cumprimentar ninguém.

Caio começou a falar conosco sobre normas de segurança dentro do local, explicando o sistema de acesso dos clientes, bem como o perfil desses clientes que eles receberiam — às vezes turistas, artistas, empresários, mas de modo geral um público disposto a gastar muito e que exigia bastante do atendimento — era importante estar claro como deveríamos proceder com eles. Principalmente para nós, as meninas, que atenderíamos, era bom ficar atentas a

maneira de agir em relação a avanços indesejados, por exemplo, ou se algum cliente de alguma forma ousasse ultrapassar certos limites conosco. Aquilo não seria tolerado de modo algum, ele garantiu, e o proprietário da casa noturna, Ricardo Hoffman, era particularmente criterioso nesse sentido. Alguns outros membros da equipe administrativa da boate nós só iríamos conhecer depois.

A moça alta com cara de nojo foi apresentada por Caio como Samyra, a responsável direta pelas garçonetes e as meninas que ficavam no bar. Ótimo, a chefinha imediata era alguém que eu já peguei um certo ranço, que merda, mas vamos ignorar isso, talvez a menina só estivesse em um mau dia, sei lá.

Samyra ainda estava falando sobre questões mais específicas para nós — com um jeito de quem poderia muito bem ser ela a dona da boate, mas podia ser implicância minha, lógico — quando um cara alto, musculoso, de pele morena, cabelos pretos e barba por fazer, também veio da parte de cima. Nossa, ele era um gato, e aquela camisa e calça preta completavam o visual impressionante, além do sorriso caloroso que ele nos deu. Olhei de lado para James, e ele confirmou com a cabeça o que eu estava pensando: era o dono da boate, Ricardo. O cara cruzou os braços próximo a Caio e olhou em volta.

— Olá, pessoal, tudo bem? Eu sou Ricardo Hoffman. Vejo que vocês já estão recebendo as informações mais importantes por hoje. Alguns de vocês eu já conheço, aos outros, sejam bem-vindos à Beach. Ainda nos falaremos, eventualmente, mas vocês estarão se reportando principalmente ao Caio. Os rapazes estarão em contato mais direto com o Nunes, que daqui a pouco estará por aqui, e as garotas, tudo que precisarem, podem contar com a Samyra.

Eu olhei de lado para a Samyra que enquanto o Ricardo falava estava concentrada nele com um sorriso meio bobo que não tinha mostrado até então, praticamente babando sobre o cara. Hum. Aí está, então. Mas ignorei isso, não era da minha conta, e preferi prestar atenção ao restante das explicações dele.

Mais tarde, quando todos começaram a se dispersar, Ricardo e Caio vieram na minha direção e de James.

— Você é o James e está no bar, certo? — Ricardo estendeu a mão e James o cumprimentou.

— Isso! James.

— Caio me contou sobre a sua experiência como bartender. Você esteve em boates em Milão e Nova York, certo?

— Sim, trabalhei em algumas, um tempo atrás.

— Bom. — Ele então virou-se para mim, os olhos escuros me observando bem. — E você é a moça que o James aqui indicou. Vai começar hoje, Diana, certo? O Caio me falou sobre você. Tudo bem?

Fiquei meio surpresa ao retribuir a mão estendida de Ricardo, porque

achei que ele não sabia que eu era uma indicação direta do James, mas pelo jeito o Caio deu toda a informação sobre a minha contratação, o que indicava que o cara tinha seus subordinados, mas estava a par de tudo que acontecia.

— Olá, Ricardo, tudo bem, sim. Isso, eu começo hoje.

— Ótimo, Diana. O Caio tem toda a minha confiança nas contratações, então, se ele diz que você pode fazer bem o trabalho, e o James está atestando as suas habilidades, eu só posso lhe dizer: seja bem-vinda ao grupo.

— A Red é muito dedicada, Sr. Hoffman, vai se sair bem, sim... quer dizer, a Diana. — James se corrigiu rápido, e deve ter notado o lapso na mesma hora em que uma sobrancelha grossa e negra do nosso chefe se levantou, olhando entre nós dois, antes de fixar o olhar no meu cabelo preso para trás, com um ligeiro sorriso no canto dos lábios.

— Red. Claro — ele anuiu, como se entendesse bem, e eu movi meus lábios em um pequeno sorriso. — Você pode ir encontrar a Samyra para as últimas orientações no vestiário, Diana. É isso. Ao trabalho, então.

Quando ambos se foram, eu me virei para James, olhos estreitados e mãos na cintura, e ele fez uma careta bonitinha.

— Só escapuliu, baby.

— Ok. — Suspirei, ajeitando a minha mochila no ombro. — Vamos, lá, baby. A noite está só começando.

Capítulo 11

RED

Diego 

— Mãe, a senhora sabe perfeitamente que sempre que posso estou aí para ver você.

— E quando foi a última vez? Há séculos, Diego! Mesmo seu irmão, que tem os finais de semana cheio com as mulheres que ele anda por aí, encontrou um tempinho para vir aqui. O que posso fazer se estou com uma saudade terrível do meu filho mais velho? — A voz dela se espalhou pelo sistema de som do meu carro.

Eu sorri, balançando a minha cabeça. Dona Abigail era cheia de artimanhas e estratégias para conseguir o que queria, sempre fora assim, e enquanto meu pai era na maioria das vezes duro e direto conosco, ela tinha todo um arsenal de formas de nos manipular, de um modo ou outro.

Sempre pensei que Marcos tinha exatamente a quem puxar. E eu digo na maioria das vezes porque nem sempre ela permitia que papai fizesse o que queria, com ela ou com os filhos — e se tinha alguém que dobrava o poderoso Otávio Avellar de Barros ao seu bel prazer — esse alguém era minha mãe. Penso no que os homens de negócios com os quais ele lidava diriam se soubessem dessa informação.

— Eu estive aí no fim de semana retrasado, mãe, e jantei com vocês — argumentei, prestando atenção também nas possíveis vagas de estacionamento. Que horas as pessoas vinham para uma boate, pelo amor de Deus? Eu pensei que estava chegando cedo.

— Foi? Não lembro disso. Enfim. Como se já não bastasse eu estar quase louca de ansiedade com a chegada de Iza, ainda tenho que aguentar as chatices do seu pai. Estou avisando Diego, arrume um tempo para vir me ver ou vou estrangular seu pai e você vai ter que me tirar da cadeia.

— Por que você iria estrangular o papai? — Eu sorri, mas podia muito bem imaginar um ou dois motivos para isso. Ou vinte. Finalmente achei uma vaga e comecei a manobrar. Ela deu um bufo enorme, daquele jeito dela que às vezes irritava muito o papai.

— Ora por quê! Ele está surtando porque o namorado de Iza está vindo junto, e ela disse que vai apresentá-lo. Que coisa absurda, ele pensa que essa menina tem quantos anos, quinze?

— Hum. Não sabia que ele viria junto. Não é o rapaz que ela conheceu no curso?

— Sim. Erik, o nome dele. Você saberia se viesse visitar mais a sua mãe.

— Mãe, eu prometo que vou vê-la o quanto antes, e... — pensei sobre o que dizer a ela agora, enquanto ainda não tinha resolvido praticamente nada. Eu conhecia minha mãe, ela ficaria louca e tentaria me dizer o que fazer, se ela própria não fosse atrás de Diana para ver o neto agora mesmo, antes de passar em um shopping e comprar metade dele. Tudo que eu precisava agora era calma para resolver tudo, eu mesmo teria que ter o meu tempo com João e Diana antes de sair apresentando ele a todo mundo. Mas realmente não via a hora de deixá-la saber disso. — Prometo também que você vai ter algo muito bom vindo por aí.

— Ai meu Deus! Você vai casar! É isso, não é? E você me diz isso assim, Diego?

Era sobre isso que eu estava falando. Apertei a ponte do meu nariz, arrependido.

— Eu não estou dizendo nada. E ninguém vai casar, mamãe.

— Ah, certo. Bom. E se fosse, era aquela menina, a que você está saindo agora? — ela continuou, e pude notar o leve tom de desânimo na sua voz.

Fabíola e eu tínhamos encontrado mamãe e papai em uma vernissage, uma noite dessas, e infelizmente para Fabíola, ela havia tentado o método completamente errado para ganhar a simpatia de dona Abigail naquela noite: tinha se esmerado em parecer mais culta e inteligente do que ela era, apontar tudo que sabia sobre o que estava à mostra e os artistas em exposição, além de elogiá-la em excesso, ávida por agradar. Eu me contraía a cada vez que ela dizia algo, mas ela não me deu um único olhar e eu realmente não sabia que ela faria isso, fiquei um pouco surpreso até.

Meu pai, por outro lado, parecia encantado com a eloquência e o refinamento de Fabíola. Mas quando ao final, ao nos despedirmos, mamãe deu um sorriso simpático e deixou escapar que não tinha gostado muito da mostra, vi o sorriso de Fabíola deslizar e a tirei rapidamente dali.

Aquilo me levava a outras duas coisas: uma conversa séria com Fabíola assim que eu falasse com Diana amanhã — eu não poderia fingir que não queria Diana e continuar a manter algo com ela — e o mais importante ainda, o que a minha mãe diria sobre Diana? Melhor: como agiria quando soubesse que só agora ela tinha me contado sobre o neto? Ela a odiaria por isso, ainda que eu nunca tenha tido notícias de que a minha mãe odiou alguém na vida? Por isso tudo, era melhor tomar as rédeas das coisas antes.

— Não, mãe. Como eu disse, nada de planos de casamentos imediatos.

— Menos mal, do jeito que você é, é capaz de eu saber quando você já

estiver voltando da lua de mel. Se é que você vai sair em lua de mel com tanto trabalho.

Respirei fundo, pacientemente.

— Mais fácil isso acontecer com o Marcos, mamãe. Um belo dia, você acorda e ele está casado.

Ela deu uma risada alta, e eu acompanhei com um sorriso.

— Que piada! Estou apostando minhas fichas em você e em Iza. Teo, pelo jeito, nunca mais casa, coitado, deve estar traumatizado.

— É provável. Mas esqueça a história de casamento, ok?

— Ok, mas não me deixe nessa ansiedade, Diego, senão eu vou começar a imaginar milhões de coisas que você pode querer me contar, e vou arrastar você até aqui para descobrir.

— Eu sei bem disso. Mãe, preciso ir, volto a falar com você no final de semana.

— Tudo bem, meu amor. Mamãe te ama.

— Também te amo, mãe. Tchau.

Assim que desliguei, saí da minha Pajero próximo à entrada da nova boate de Ricardo, indo ao encontro de Marcos que já estava por lá.



Eu não poderia dizer que estava começando muito bem a meta de relaxar naquela noite. O som me parecia absurdamente alto do ambiente onde um DJ sob uma espécie de plataforma animava as pessoas que já se aglomeravam por ali, ainda que não passasse das 22h. Isso significava que o mais novo empreendimento de Ricardo havia começado bem.

— Você está fazendo essa cara de quem está indo para o cadafalso, é uma boate, cara, estamos indo para a área reservada. — Marcos teve que falar um pouco mais alto enquanto íamos para a área superior do local. Ainda bem que eu havia encontrado com ele logo ao entrar, e depois que ele ligou para Teo, que ainda estava em casa, resolvemos nos adiantar.

Escolhemos uma mesa mais afastada, em um espaço mais longe do DJ, eu pedi, mas ainda podíamos ver abaixo as pessoas dançando, e ao nosso redor, nos outros espaços, ainda era possível ver pessoas animadas, bebendo, e garçons e garçonetes circulando também por ali. E Ricardo parecia ter investido realmente uma nota naquele local, a julgar pelo luxo do ambiente, e pelo lustre imponente que pendia acima de nós.

— Por um momento achei que você não viria. Mamãe me ligou

reclamando que eu quase nunca vou lá, que só você aparecia. — ele disse com um sorriso irônico, passando as mãos nos cabelos. Eu lancei-lhe um olhar que ele conhecia bem, e nós dois rimos. — Ligou para você também e disse que só eu estava indo por lá, não é? Essa dona Abigail...

— Papai está deixando-a louca com a história do namorado de Iza.

— Qual o ponto dele? Melhor que ela traga o cara, a gente dá uma boa checada nele e pronto. Pelo que entendi, ele é um palermão que vive no mundo das artes — ele retrucou, e então fez nossos pedidos para um rapaz que veio nos atender. Eu ia acompanhá-lo no uísque, afinal, era o aniversário do Ricardo e eu já estava ali mesmo.

— A questão me parece ser outra. "Um palermão que vive no mundo das artes", você diz, ou seja, ele deve estar incomodado com o pedigree do rapaz. Você conhece o papai — eu retruquei. Marcos franziu a testa *pra* mim.

— Puta merda, é claro. Enquanto eu estou aqui pensando na capacidade ou não do cara de corromper a minha irmãzinha, é claro que o grande Otávio está preocupado se os bolsos do cara têm fundo o suficiente.

— Talvez isso seja um problema quando ela chegar. Você falou com ela?

— Ontem. Fizemos uma chamada de vídeo — ele explicou, incomodado, e eu só fiz um gesto de assentimento. Com a nossa diferença de idade, eu sendo cinco anos mais velho que Marcos, e Iza, doze anos mais nova, era natural que ela acabasse sendo mais próxima a ele, de alguma forma, mesmo que nós nos amássemos e nos déssemos muito bem.

Quando mamãe e papai decidiram adotá-la, eu já era um adolescente, e Teo também, e em mais um ano eu estava indo para a universidade. Marcos e ela, menores, ainda conviveram um pouco mais em casa, antes que ele próprio tomasse o seu rumo e não quisesse mais uma menininha no pé dele — isso se transferiu para aquela cumplicidade maior que eles pareciam compartilhar.

— Ele acha que já permitiu liberdade demais deixando-a sair do Brasil e viver sozinha. Deve ter planos para ela.

— Deve, sim. Mas talvez ela siga o seu exemplo e o mande plantar batatas também. — Ele riu, sempre gostando de me provocar sobre aquilo de ter aberto mão da administração das empresas, fazendo o oposto do que era esperado de mim.

Dei ombros.

— Não foi desse jeito, você sabe. E Iza é mais apegada a você, talvez ela siga o seu exemplo e entre nos negócios, deixando papai feliz.

Nossas bebidas chegaram, e Marcos levantou o copo em um brinde para mim.

— Melhor ela seguir sempre o seu, irmão. Eu não sou exemplo *pra*

ninguém seguir.

Sorri e encostei meu copo no dele antes de provar da bebida.

— Teo está demorando — eu disse, dando uma espiada no meu relógio.
— Ele não disse que já estava saindo de casa?

— Teo está virando uma mocinha, isso sim, talvez finalmente resolveu assumir a Suzana e não quer mais sair de casa. Fica inventando desculpas quando a Julia está lá.

— Ele ainda está com a Suzana?

— O lance da fodida certa, você sabe como é.

— Não seja um imbecil, e eu não sei como é.

— Claro que você não sabe, você só deve foder *pra* casar, Diego, e como não está casado ainda... — Ele arqueou uma sobrancelha *pra* mim e sorri, porque ficar realmente puto com o Marcos era difícil, ainda que não por falta de tentativa da parte dele. Eu o deixava ter aquelas ideias toscas sobre a minha vida sexual, era provocação e eu não me incomodava.

— E o Ricardo? — Olhei em volta.

— Deve estar por aí resolvendo algumas coisas ainda. Daqui a pouco ele aparece.

Nós ficamos por ali, bebendo e conversando, e Marcos estava realmente certo. Às vezes eu precisava me permitir sair mais da minha concha de trabalho e responsabilidade com a minha carreira. Não que aquilo não fosse estar sempre lá, mas principalmente agora com João, e Diana também na minha vida, eu precisava encontrar um ajuste entre o trabalho e a minha vida pessoal, as prioridades agora eram definitivamente outras.

Quando Teo finalmente se juntou a nós já tínhamos bebido um pouco e o movimento por ali também já era mais intenso.

— Puta que pariu, Teo, o que foi, estava trocando o absorvente? Que caralho, tem mais de uma hora que a gente está te esperando. — Ouvi Marcos reclamar enquanto ele nos cumprimentava e se acomodava na poltrona confortável ao nosso lado.

— Vai te lascar, eu te avisei que Julia estava lá em casa hoje, e eu cheguei tarde do trabalho. Qual é, sentindo muita a minha falta? — Teo o provocou, como eles estavam sempre fazendo um com o outro. Na verdade, mesmo que de vez em quando Teo estivesse junto com Marcos e Ricardo em algumas baladas pegando mulheres — o que acontecia com mais frequência desde que se divorciou da Amanda — também não parecia estar completamente no seu ambiente ali.

— Teo, bom te ver, cara. — Retribui o abraço, sinceramente feliz por ter a oportunidade de vê-lo novamente. Eu raramente estava com eles em um

ambiente assim, como agora, então, a oportunidade de conversar com ele era mais em encontros familiares ou quando marcávamos de ver futebol na casa de um de nós quatro.

Teo e Marcos continuaram a conversa, e eu os acompanhei discretamente enquanto passava o olhar ao nosso redor. As luzes da boate lá embaixo também nos alcançavam aqui, e eu senti de forma mais relaxada, dando um outro gole na minha bebida. Eu não deveria exagerar, claro, ou teria que deixar o carro no estacionamento, como Marcos sugeriu, e voltar de táxi.

Uma moça que passava veio nos atender, quando Marcos fez sinal para ela. Era morena, bonita, com longos cabelos negros e quando se aproximou mais da nossa mesa, meu irmão falou com os olhos indo parar eventualmente no decote da moça — um enorme decote, diga-se de passagem — com aquele sorriso que ele parecia achar deslumbrante. E ela também pareceu achar, porque devolveu-lhe o sorriso enquanto anotava o pedido dele. Eu e Teo trocamos um olhar e sorrimos, acostumados àquelas cenas de pegador que Marcos gostava de fazer.

Bom, aquele era o uniforme das meninas que estavam trabalhando para o Ricardo, notei — um tipo de vestido vermelho curto com botões por baixo do avental pequeno — quando outra delas passou na direção contrária e pude notar, mesmo com as luzes, apenas o vulto do seu cabelo verme... *Vermelho?* Claro que não. Era o meu cérebro me pregando peças justo quando eu estava disposto a deixar aquela tensão do dia anterior se esvair um pouco.

— Vai beber o que, cara? — Marcos estava perguntando a Teo, e eu me virei para eles. Realmente, um vulto imaginário, concluí. Talvez eu até ligasse para saber como eles estavam, se já estavam dormindo. Merda, já era tarde, e João dormia cedo, não era? Mas eu os veria amanhã mesmo.

— Não vou beber, te disse. Julia está lá em casa, amanhã vai cedo *pra* casa de Amanda. Vim dirigindo. — Ouvi Teo dizer ao Marcos. Claro que meu irmão ia ficar puto. Comemoração em que Teo resolvia não beber, pensei, rindo.

— Eu não disse que ele tinha virado uma moça? — Ele virou na minha direção, depois encarou Teo de novo, irritado. — Cara, que porra é essa? Aqui está cheio de mulher gostosa, dá até *pra* sentir o cheiro de boceta no ar. Sentiu?

Ele fechou os olhos e inspirou, e eu realmente quase engasgo com a porra do uísque ao rir. Franzi o cenho, ligeiramente preocupado. Há quanto tempo mesmo eu não bebia uísque assim? Parece que estava me pegando já.

— A noite está só começando, e é aniversário do Ricardo. Até o careta do Diego está bebendo — Marcos continuou seu discurso imbecil para Teo que só estendeu o braço e fez um aceno para alguém que passava. Eu deposei o copo na mesa e ajeitei meus óculos, desconfiando ter ingerido mais bebida do que eu

supunha naqueles momentos de conversa e descontração.

Sim, era isso. Eu tinha realmente bebido mais, muito mais do que eu supunha, porque ali, parada com uma bandeja nas mãos, usando aquela... aquele maldito traje vermelho e apertado do inferno, de saltos altos e os cabelos soltos, estava Diana, olhando diretamente na nossa direção. Não. O diabo que aquilo era verdade. Não podia ser.

Antes que eu pudesse raciocinar direito sobre o que estava vendo, ela virou-se rapidamente e saiu, a bandeja de bebidas quase desequilibrando-se, e desapareceu imediatamente entre as pessoas que ocupavam a área superior. Puta que pariu, era algum tipo de pecado que eu estava pagando? O que diabos eu fiz?

Sabia que Teo e Marcos continuaram dizendo alguma coisa, mas não consegui mais prestar atenção. Levantei-me bruscamente da mesa com a intenção de seguir Diana, porque era Diana, não havia dúvidas. Movi-me entre as pessoas, rápido, buscando de um lado a outro algum rastro da sua roupa ou do seu cabelo, mas não a vi em lugar nenhum.

Como infernos Diana era uma das garçonetes do Ricardo? Ela não tinha me dito nada sobre o trabalho em uma boate, quando eu havia perguntado, ela falara sobre fotografar bebês. Bebês! E agora estava aqui no meio de uma boate servido um monte de marmanjo? Apertei a mandíbula com força, voltando ao ponto aonde eu estava, antes das escadas. Ela devia ter descido. Havia três malditos ambientes ali embaixo, lotados, e ela podia estar em qualquer lugar.

Saquei meu celular do bolso da camisa e fiz uma ligação para o seu. Claro que ela não ia atender. Ela mentira para mim quando me disse que tinha chegado há apenas dois dias atrás na cidade? Então, por que não havia dito que estaria ali, quando eu falei com ela hoje?

Eu não perguntei, lógico. Porque eu não sabia. Apertei meu nariz, de repente incomodado e puto com aquelas luzes, aquele som, e aquele mar de corpos ao meu redor. Eu não ia conseguir achá-la ali sem saber mais alguma coisa, e me parecia improvável que ela voltasse. Então pensa, cara, raciocina. Tentando conter minha irritação, voltei para onde estava com os caras, vendo que Ricardo estava agora sentado ao lado da poltrona que eu ocupara.

Eu precisava manter a calma para descobrir que diabos Diana estava fazendo ali, e ninguém melhor que o dono daquela porra para me explicar como a mãe do meu filho de repente era uma das suas garçonetes. Se eu sequer imaginasse, não teria bebido, mas agora já era, pensei, sentando e dando um gole no meu uísque. Eu ia tentar descobrir e depois iria novamente à procura dela. Estava concentrado nesses pensamentos quando notei que Ricardo tinha falado comigo.

— Ei, Diego, que cara é essa? O que você tem?

Respirei fundo. Era me acalmar e fingir normalidade ou dar com a língua nos dentes antes da hora.

— Ricardo, desculpa, cara. Feliz aniversário. Eu nem te vi aí — eu disse, levantando e dando-lhe um abraço. Mas eu estava tenso, e só conseguia pensar em Diana lá embaixo no meio daquele povo todo. Daqueles homens todos. Já não bastava eu ter encontrado Eduardo todo cavalheiresco com ela quando eu havia chegado na antessala dele hoje, e ter convidado ele para almoçar apenas para que ela não estivesse sozinha com ele, e agora isso?

— Sim, eu percebi que você está putinho, o que foi, cara?

— Nada não. Só encontrei alguém aqui que eu não esperava encontrar. Por falar nisso, cara, quem fez a seleção das suas garçonetes, você mesmo? — perguntei, de uma forma que eu esperava fosse natural enquanto fitava a minha bebida. Mas pelo jeito eu não estava me saindo muito bem, a julgar pelo olhar que Teo estava me dando.

Foda-se, Teo sempre parecia perceber aquelas merdas comigo, mais do que Marcos ou Ricardo, concluí, bebendo tudo do meu copo e fazendo sinal para outro garçom. Ricardo, que parecia ter vindo diretamente de um banho, a julgar pelos cabelos ainda molhados, deu de ombros, bebendo e abrindo aquele sorriso estúpido dele.

— Um monte de gostosa, quem mais faria? Claro que fui eu, cara. Tudo selecionada a dedo, mãos, boca e... pau — ele disse, rindo, *me encarando*, e eu ouvi a risada baixa de Marcos e Teo ao nosso lado. — Gostou de alguma em especial? Tem que falar comigo primeiro.

Contei até cinco, devagar, olhando com o que eu esperava fosse o meu olhar de aviso para Ricardo, travando meus dentes. Eu não duvidava nada daquele método de seleção dele, a julgar pelo número de mulheres que ele levava *pra* cama, ainda mais depois que virou empresário de casas noturnas. Ia contar até dez, mas parei no três. Foda-se.

— Que caralhos você quer dizer com isso, seu imbecil? — rosnei, apoiando meus cotovelos na mesa, e o encarando friamente, vendo ir por água abaixo toda a minha disposição de manter o meu interesse por Diana oculto dos caras.

Ricardo levantou as mãos em sinal de rendição, parecendo se divertir com a minha irritação. Claro, era o Ricardo.

— Ei, você me conhece, cara, qual é? Claro que eu ia tirar uma provinha desse monte de boceta gostosa que está circulando aqui no meu próprio clube, afinal, são minhas funcionárias — ele disse, sorrindo, e todos eles acharam divertido. Cerrei meus lábios e punhos, porque senão eu ia dar mesmo um soco naquele idiota.

— Qual delas? — Eu mal abri a boca para dizer isso. Há quanto tempo Diana estaria aqui? Ricardo não tinha como saber que ela era minha... Merda, que ela a mãe do meu filho, e... quer saber? Ela era minha, sim. Ela só ainda não sabia, mas depois de hoje, eu ia deixar aquilo muito *fodidamente* claro. Notei o olhar perplexo e sério de Ricardo e pouco me importei.

— Cara, não pira. É claro que eu não vou comer minhas funcionárias. Eu nunca faria isso.

Recostei-me de volta na poltrona. Eu conhecia Ricardo desde que éramos crianças, e passamos apenas um tempo sem ter contato quando ele foi morar na Holanda. Ele era um maldito piadista, mas eu sabia quando ele estava sendo sincero, e ele estava falando sério agora, ou seja, eu estava ferrado porque agora ele ia insistir no assunto.

— Mas agora eu quero saber, já que não sou um idiota. Desembucha. De qual das minhas meninas exatamente você está falando, Diego?

Bingo. E eu não gostei daquele “minhas meninas” também.

Eu fiquei calado, ignorando-o, olhando em volta de novo só para o caso de vê-la. Eu tinha ferrado tudo e agora não tinha mais jeito. Por que Diana tinha que deixar tudo tão difícil para mim? Era só uma saída *pra* relaxar, e de repente eu estava com três caras curiosos olhando *pra* mim em uma boate, porque ela simplesmente surgiu lá. E logo na de Ricardo.

— Vai, desembucha, babaca. Qual das meninas você quase teve um ataque cardíaco achando que eu comi? *Me diz* aí o nome, aí eu te digo se comi ou não — ele continuou me provocando, e eu só lancei um olhar frio em sua direção. — Fala, cara. Se você me falar, eu posso até relaxar ela, quem sabe e...

— A Diana. Fica longe dela, seu idiota. Estou te avisando. — Resolvi falar, já que ele não ia desistir mesmo.

— Diana? A assistente lá do Ministério? Ela trabalha aqui? — Pronto. Se estava faltando algo para aquela situação piorar, era ter Marcos no meu pé sobre isso, e agora não faltava mais. Ótimo.

Ricardo parecia satisfeito, e deu corda a Marcos, claro. Estava na hora de procurar Diana.

— A beleza de cabelo vermelho? Você conhece ela? Cara, ela é gostosa *pra* car...

— Não ouse — ameacei-o, cruzando os braços, e ele, Teo e Marcos voltaram a sorrir, achando tudo imensamente divertido pelo jeito. Não tinha nada de divertido. Agora eles sabiam sobre meu interesse por Diana, o que saberiam, claro, mas não agora. Ela, pelo jeito, trabalhava para o Ricardo ali, então, as coisas estavam se complicando antes mesmo que eu tentasse organizá-las. Nada com Diana podia ser simples, pelo amor de Deus?

— Puta merda, cara, relaxa. Se tem algo acontecendo entre você e a Red — Ricardo estava dizendo algo. Espera. O quê? Red? Lancei-lhe um olhar agudo, e ele levantou as mãos. — Não fui eu quem inventou o apelido. É o James, do bar, que a chama assim. Por falar nisso, seu idiota, acho que você devia ficar de olho não em mim, mas no meu barman que passou a noite colado com ela. Eu vou ficar de olho nela *pra* você já que você está assim todo territorial por causa da tua assistente de cabelo de fogo.

— Quem porra é James?

Risadas dos caras, mas isso eu sabia ignorar bem. Então, vamos lá, estava na hora de eu procurar Diana e conhecer um tal James também.



Eu estava alcançando as escadas para descer quando senti a mão de Ricardo no meu ombro, *me parando* e quase gritando no meu ouvido por causa do som.

— Ei, Diego, sério, cara, você quer saber de Diana, vem cá no meu escritório. — Ele já estava meio que me empurrando para a direção oposta as escadas, e franzi o cenho. Notei que Teo e Marcos tinham passado a nossa frente e estavam indo na direção do bar no primeiro ambiente mais abaixo. Respirei fundo e vi que a sugestão de Ricardo era o melhor a ser feito, por hora. Acenei para ele e passei a segui-lo.

O escritório de Ricardo estava no andar seguinte, e assim que passamos pela pesada porta de madeira escura, todo o som vindo da boate se extinguiu em um ótimo sistema de isolamento acústico pelo visto. Ele foi até a sua mesa, encostou-se na borda, cruzou os braços sobre o peito e passou a mão na barba, daquele jeito que ele tinha as vezes, como se estivesse investigando detidamente a pessoa sem dizer uma palavra.

Pus as mãos nos bolsos da calça e levantei uma sobrancelha, como se o desafiasse.

— Você já a conhecia bem antes — ele disse, taxativo.

— Que tal eu fazer as perguntas e você responder?

— Vá bancar o procurador lá na puta que pariu, Diego, você está na minha boate, ficando louco por causa de uma das meninas que trabalha *pra* mim e disposto a ir atrás do meu bartender como um homem em uma missão assassina: então, eu faço as perguntas aqui e você responde.

Certo, eu sabia quando conceder algo, por enquanto.

— Sim, já conhecia a Diana. Mesmo que ela tenha chegado aqui há

apenas uns três ou quatro dias. — O que não significava que eu não ia jogar o meu jogo com Ricardo, induzindo-o para ver se ele dizia o que eu queria. Ele sorriu lentamente.

— Boa tentativa.

— Você daria uma péssima testemunha — resmunguei.

— Ou ótima, depende do ponto de vista.

— Ricardo, afinal, você me chamou aqui para falar sobre a Diana ou...

— Eu te chamei aqui para te acalmar, Diego. Sei quando um cara calmo está explodindo, acredite em mim, então, antes que você vá até lá e interrogue o cara, ou o que quer que você esteja disposto a fazer, preciso saber se devo permitir.

— Eu não faria nada com ele, apenas conversaria. Eu nem mesmo me envolvo em brigas, Ricardo, você me conhece.

— Você me ameaçou agora há pouco, e nós nos conhecemos há décadas. — Ele deu uma risada baixa, depois voltou a ficar sério. — Ele chegou aqui há poucos dias, antes da Diana, mas parece ser um cara tranquilo, na dele. E sim, ela só começou a trabalhar hoje, Diego, foi contratada pelo Caio a pedido de um colega dele de confiança, e indicada também pelo James. E... — Ele fez uma pausa e me observou como se estivesse testando minha reação. — Eu notei a forma como eles parecem ter certa intimidade, é tudo que estou dizendo, mas isso não significa nada, certo?

Apenas dei-lhe um olhar incisivo, em silêncio e Ricardo encolheu os ombros.

— Sim, eu sei, também não gostaria de ter um maldito cara colado na minha mulher, se eu tivesse uma, então, se é isso que Diana é *pra* você, eu posso entender.

— Perfeito, porque então você vai entender isso aqui também: quem diabos escolhe essas roupas que as suas garçonetes estão usando?

— Se eu te disser que sou eu, vamos começar o lance das ameaças e grunhidos, e você vai surtar de novo?

Estreitei meus olhos para ele, que sorriu.

— Cara, quem resolve essas coisas é a Samyra, o Caio, eu aprovo, ok, por que não aprovaria? Mas você tem alguma reclamação a fazer sobre isso? — debochou.

— Babaca.

— Vamos lá, Diego, você não sabia que ela estaria aqui? Eu só dei um emprego a ela, cara.

Respirei fundo e passei as mãos nos cabelos, frustrado.

— Não, eu não sabia. É complicado, Ricardo, precisamos resolver

algumas questões entre nós, mas sim, quero a Diana *pra* mim, e não, não quero nenhum outro homem colado nela.

Ele fez que sim, devagar, seriamente, e pela sua expressão, vi que estava abrindo mão de mais perguntas, por enquanto.

— Ok. Posso chamar a Diana aqui para conversar com você, se quiser, e por enquanto, deixa o cara trabalhar em paz até você saber o que está acontecendo.

— Valeu, cara, mas eu vou descer e ver por onde ela anda agora. Fica tranquilo, nada de interrogatório com o seu bartender.

— Não é com o interrogatório que eu estou preocupado depois de ver você assim por causa dessa mulher — Ricardo disse, e foi para a parte de trás da sua mesa, pegando um telefone e fazendo uma chamada.

— Localiza a Diana *pra* mim. Não. Nenhum problema. Ok.

Ele encerrou a chamada e ficou me olhando.

— Você diz que a conheceu antes, interessante... Eu vi seu currículo e a sua ficha, ou seja, seus dados pessoais, sua idade, e ela esteve nos últimos 6 anos, no mínimo, em São Paulo.

Tirei meus óculos e fiquei olhando para eles, concentrado, antes de os pôr no lugar e olhar para Ricardo de forma neutra, eu esperava.

— Desenvolva — eu pedi, mas sabia exatamente aonde ele queria chegar, só não sabia exatamente por que aquilo seria do interesse dele. Ricardo veio na minha direção, pôs a mão no meu ombro e bateu de leve ao passar por mim.

— Agora não, quem sabe outro dia, parceiro. Vem comigo.

Capítulo 12

COMO SE O MUNDO GIRASSE EM TORNO DO SEU UMBIGO

Diego 

Assim que eu e Ricardo saímos do seu escritório encontramos Diana parada do lado de fora, os braços cruzados, nitidamente nos aguardando. Ela levantou a cabeça assim que nos viu, movendo os olhos entre Ricardo e eu e se desencostou da parede. Ele parou e virou-se para mim, como se me desse um olhar de advertência, uma sobranceira arqueada, e eu lancei-lhe outro, despreocupado, afinal, eu não precisava de um maldito olhar de advertência vindo dele, estava perfeitamente calmo.

Diana foi a primeira a se manifestar.

— Sr. Hoffman, pedi a Dália que me cobrisse por 5 minutos, se não houver problemas — ela disse a Ricardo, mas parecia ligeiramente desconfortável, afinal, o Sr. Hoffman era o seu patrão e aquele era o seu primeiro dia, pensei, ironicamente.

— Não tem problema, Diana. Leve o tempo que precisar, além do mais... — O idiota pôs a mão sobre o ombro dela, mas virou-se para mim com um daqueles sorrisos irritantes dele. Eu nunca tinha notado que aquele sorriso dele era tão irritante assim, na verdade. — Eu vou cobrar do meu amigo aqui todo o tempo que você passar dentro do meu escritório, e também as gorjetas que você poderia estar ganhando, combinado?

— Hum, não precisa na verdade.

— Ah, mas eu vou ter o maior prazer, não se preocupe.

— Fique à vontade — eu disse a ele, sério, e percebi que Diana abaixou o rosto tentando esconder um ligeiro sorriso.

— Bem, vou procurar os caras, comportem-se aí dentro — ele resmungou e virou-se para sair. Quando Ricardo se foi, nos encaramos por um momento, mas ela foi a primeira a falar:

— O Yuri me disse que o chefe passou com um cara como você para o escritório, então, eu só resolvi vir logo.

— Yuri?

— O garçom da área de vocês.

Balancei a cabeça em compreensão, então, fiz um gesto com a mão na direção da porta. Quando ela passou por mim, já dentro do local, encostei-me à

porta e cruzei os braços sobre o peito, aproveitando a oportunidade para olhar novamente, e mais detalhadamente para ela naquele uniforme. Não é que o vestido fosse tão curto — comparado com as minhas lembranças do que Diana usava nas poucas vezes em que a vi, anos antes — era apenas provocantemente colado demais, principalmente quando sem o avental pequeno como estava agora.

Era um tipo de vestido com botões na frente, parecido com os modelos que as mulheres usavam na década de 50, talvez, só que muito adaptado para o nosso século pelo que eu podia perceber. Imaginei quantos homens naquele lugar iriam apreciar a vista da mesma forma enquanto ela se movimentava de um lado para o outro. Isso se realmente não aparecesse algum que não se contentasse apenas em apreciar, e resolvesse entender erroneamente que ela de alguma forma fazia parte do que eles poderiam ter acesso ali. Diana não era o tipo que receberia algo assim sem se defender, mas não custava nada ter uma conversa interessante com Ricardo sobre isso até que outras coisas se resolvessem... como sua permanência ali ou não.

Ela se encostou à mesa, imitando a minha posição.

— Parece que vamos ter essa conversa aqui e agora, não amanhã, não é? — ela começou, fazendo um gesto com a cabeça.

— Sim. Agora. Não amanhã.

Ela arqueou uma sobrancelha como se estivesse intrigada.

— Você percebe que está rugindo feito um, sei lá, algum animal, e que está me olhando com esse jeito como...

— Como se fosse te devorar? — completei, plenamente consciente do que ela estava dizendo e assumindo que provavelmente eu estava mesmo daquela forma. O que era péssimo porque a intenção ali era apenas tirar algumas malditas dúvidas. — Diana, por que diabos você não me disse que iria começar a trabalhar aqui?

— Eu acho que não tinha surgido a oportunidade, ainda que eu não esteja vendo a relevância dessa informação *pra* você agora.

— Eu já disse que qualquer coisa que tenha a ver com você e João Pedro tem relevância *pra* mim agora. Que maldita parte disso você não entendeu?

— Você está falando sério?

Ela iria mesmo testar o limite da minha paciência e boa vontade ao que parece, conclui, exasperado.

— Eu lembro perfeitamente de ter perguntado a você sobre isso, de ter perguntado para você sobre a questão de trabalho — disse na voz mais calma que eu podia arranjar. — E além do trabalho no MP, você disse algo sobre fotografia, se não me falha a memória. Fotografias de bebês.

— Sim. Isso mesmo. E você já sabe de muita coisa de ontem *pra* hoje a meu ver. Por que diabos você teria que saber com antecedência se eu consigo um emprego em uma boate, Diego?

— Ontem, quando eu saí do seu apartamento, eu disse que deveríamos entrar em um consenso pelo bem do João, então me diga de que forma você acha que esconder informações sobre onde você trabalha se encaixa em "entrar em um acordo" ou "priorizar o consenso"?

— O que no fato de você não saber que estou trabalhando aqui impede que cheguemos um acordo pelo bem de João, Diego, o que uma coisa tem a ver com a outra? — Ela parecia realmente mais intrigada do que irritada. Que bom que alguém não estava com raiva ali.

— Como vamos começar a nos entender se você acha que pode continuar omitindo as coisas de mim? — respondi, entre os dentes quase cerrado, sentindo minha paciência rachar por um instante ao olhar para ela. — E agora eu chego aqui e encontro você servindo bebidas a um bando de marmanjos... que porra, Diana!

Ela franziu os olhos, depois disse com uma voz macia.

— Isso não tem a ver com você não saber, e sim com você querendo me controlar, é isso, não é?

— Você gosta de simplificar as questões — resmunguei.

— Olha, vamos com calma aqui. Você tem me ameaçado com a justiça de todas as formas, inclusive de tirar o João de mim. Por que eu arrumaria um outro emprego e iria correr *pra* contar a você sem saber ainda o que você quer fazer, Diego, qual a lógica disso? — ela argumentou, e percebi que seu tom de voz também parecia mais controlado, como se ela estivesse fazendo um esforço para se manter serena, a despeito da minha raiva. — Além do mais, nós não íamos nos encontrar amanhã?

— Correção: nós vamos nos ver amanhã.

— Cara, você é inacreditável, e eu achando que deveria ir devagar, que deveria deixar você levar as coisas, relaxar, que eu precisava mudar a minha postura em relação a você, mas não, aí está você agindo como se o mundo girasse em torno do seu umbigo, meu Deus do céu... — Diana levou as mãos abertas ao ar, finalmente, também parecendo perder um pouco aquela pose blasé que ela vinha mantendo. Franzi o meu cenho para a afirmação dela.

— Você não entendeu ainda que eu estou disposto a fazer o melhor pelo meu filho, ignorando as merdas que você fez até agora? — reagi, indignado.

— Diego, como eu deveria ter entendido isso? Você me deu muito pouco de concreto para que eu chegue a essa conclusão. Isso tudo aqui é por que você não sabia? É por que você tem uma opinião negativa sobre esse trabalho, ou o

quê? *Me diga* algo para que eu possa saber se posso realmente dizer mais coisas a você, porque eu estou disposta a dizer, mas preciso mais do que ordens rosnadas e caras fechadas!

— O que você quer, algo por escrito que eu não vou te denunciar ou algo assim? Não está meio cedo *pra* isso? — Passei a mão na minha mandíbula tensa. Merda, não era esse o caminho, eu já tinha decidido. — Eu deixei isso claro quando não te mandei procurar um advogado ontem.

— Espera aí, aquilo que você disse saindo pela porta ontem era isso, era você acenando uma bandeira branca na minha direção? O papo de me manter informada, de me dar "opções" era isso, era para que eu me sentisse segura? Desculpe, mas não foi assim que a mensagem chegou, meu caro. Olha, independente disso, eu já ia ser muito mais cooperativa do que pretendia, *tá* legal? Mas você dificulta a porra toda.

— Eu dificulto?

— Era só esperar por amanhã e talvez eu fosse mais flexível, como você pediu, mas isso ia depender da forma como você também resolvesse me tratar, entendeu?

Fiquei em silêncio, pensativo por uns segundos depois disso. Ainda assim, notei que a postura de Diana parecia diferente de antes, como se ela estivesse realmente mais interessada nas perguntas que fez e nas minhas respostas do que em se mostrar na defensiva. Inclusive a sua posição, os seus gestos, não estavam no modo ataque que pareciam irromper quando nós estávamos discutindo. Ela continuou:

— Você só apontou na direção de ameaças e de controlar a minha vida até agora. De repente, quer entrar em consenso para o bem-estar de João, ótimo, tudo bem, eu também quero, e não, eu não estou dizendo que você não tem o direito ou que não deveria estar com raiva antes, e eu quero, sim, ajeitar as coisas. É só que... o que droga você espera que eu faça, Diego? Que eu saia dizendo tudo a você e fique sem saber o que você quer de mim, o que vai realmente fazer comigo, quão idiota eu seria se fizesse isso?

Finalmente me afastei da porta e fui em sua direção, devagar, as mãos nos bolsos da minha calça, analisando-a e ao que ela tinha dito. Só quando me movi Diana mudou a postura, levantando o queixo e me olhando de cima a baixo, como eu estava fazendo com ela. Quando cheguei muito perto e parei ainda sem tocá-la, ela levantou os ombros em um movimento questionador. Eu me curvei apenas um pouco para que a minha voz ficasse o mais próximo possível do seu rosto, e sussurrei:

— Você quer saber o que eu realmente quero fazer desde que pus os olhos em você ontem? Quer saber o que eu quero de você? Então eu vou ser bem

claro: assim que eu te vi eu quis continuar de onde paramos, seis anos atrás, eu quis te levar para a minha cama ou para qualquer lugar onde eu pudesse estar profundamente enterrado em você, onde eu pudesse sentir você me apertar, ouvir você gemer e gritar enquanto goza em torno do meu pau. Porque eu me lembro como foi, e eu quero mais.

Aspirei o seu cheiro e senti minha excitação aumentar, era quase dolorido.

— Eu quis também quando te vi ir além do que fizemos naquela maldita noite, pois não foi o suficiente. É isso que eu quero: repetir aquilo e encontrar várias maneiras diferentes de fazer tudo de novo. Várias vezes.

O olhar de Diana não vacilou no meu, ela só entreabriu os lábios, as pálpebras pesando enquanto sua respiração parecia ter ficado mais acelerada. Eu podia perceber a pulsação mais rápida em seu pescoço e abaixei os olhos para o seu decote. Sim, sua respiração tinha acelerado e ela estava reagindo à minha sinceridade. Eu sabia, porque me sentia da mesma forma, e a reação às minhas próprias palavras e imagens daquela noite aliada à proximidade dela, ao seu cheiro, já estava me deixando duro. Na verdade, eu já estava um pouco antes, se fosse absolutamente sincero. Mas eu não tinha acabado ainda e tentei afrouxar a pressão na minha mandíbula para ir adiante.

— Mas, por outro lado, quando eu soube o que você fez, eu também quis te fazer pagar por isso, eu também quis te fazer sofrer por esse erro estúpido e miserável, te punir de verdade com cada gama de vontade que havia em mim. Então você vê? Não é tão fácil decidir o que eu quero com você, no entanto eu cheguei a uma decisão perturbadora, tentando unir essas duas vontades brigando dentro de mim. E eu sei que é uma decisão totalmente equivocada, justamente porque sai da minha rota habitual, mas ainda assim é para ela que eu estou indo. Você quer ouvir sobre ela, Diana?

— Sim, eu quero. — Sua voz era baixa, mas firme, e ainda mantinha os olhos presos no meu rosto, nos meus lábios. Estendi a mão e segurei seu queixo, levantando-o um pouco mais para mim e sentindo o calor da pele sensível ali, observando o movimento sutil da sua garganta quando fiz isso.

— Eu quero o meu filho perto de mim, isso é inegociável, mas, para minha completa frustração, eu também cheguei à conclusão que quero continuar o que deixamos de alguma forma inacabado naquela noite. Resumindo: eu quero você, Diana. Se eu pudesse escolher, juro que preferiria apenas te manter longe, mas já que não é uma opção, eu posso conviver com isso.

Ela semicerrou os olhos, e um flash de irritação ou algo mais passou por seus olhos.

— É uma opção, e você pode escolher, sim. Eu acho é que você não quer,

sabe por quê? — Ela abaixou mais o tom de voz, como se estivesse me dizendo um segredo e ao mesmo tempo me desafiando: — Porque talvez você goste de sexo com raiva, não é?

— Pode ser. Não faz muita diferença.

— Faz toda a diferença *pra* mim — ela sibilou, como se estivesse frustrada, mas não se moveu do meu toque ou afastou o olhar. — Porque eu posso lidar com todas essas coisas que você quer, eu também quero cada uma delas, já que estamos jogando as cartas na mesa aqui. Você quer terminar devidamente aquela noite, Diego? Vamos lá, eu também quero. O que eu não sei lidar é com você sendo misterioso sobre o que vai fazer, com a ameaça velada de ficar longe do meu filho pairando sobre a minha cabeça, enquanto eu vou *pra* cama com você, querendo que você faça comigo cada maldita coisa que está na sua mente e mais as que estão na minha...

Sua admissão me tirou do eixo. E nós iríamos resolver aquilo tudo, íamos chegar a uma maneira de nos entender, talvez, mas amanhã, porque agora a única coisa passando pela minha mente e reverberando no meu corpo excitado era tocar, sentir e provar Diana, como se eu não tivesse feito isso há dias. Diminui o espaço entre nós rapidamente, encostando meu corpo ao dela, empurrando a minha grossa ereção de encontro a sua barriga, pressionando-a contra a mesa. Segurei sua cabeça com ambas as mãos, firmemente.

— Não se preocupe, eu vou fazer que isso seja providenciado — eu disse baixo em seu ouvido, e então mordi o seu queixo de leve. Diana fechou os olhos, fazendo um som como um lamento, e quando ela separou os lábios eu os tomei em um beijo faminto, urgente, provando seu gosto, sugando sua língua úmida, invadindo sua boca, chupando e mordiscando seu lábios, depois sussurrei em sua boca: — Eu não pretendo esquecer o que você fez, não se engane, mas ainda assim eu não estou deixando você ir.

— Deixando? Você não tem que deixar nada, eu fico se quiser.

— Então eu vou me certificar em fazer com que você implore para ficar.

Retirei os meus óculos, os pus de lado e voltei a beijá-la, virando sua cabeça de lado para aprofundar o beijo, ao mesmo tempo em que Diana levantava as mãos, segurando o meu pescoço, enfiando os dedos nos meus cabelos, *se esticando*, roçando e pressionando mais o volume rigidamente contido na minha calça. Gemi em sua boca, sentindo as nossas respirações saindo em arquejos rápidos, quando paramos para tomar fôlego.

Os olhos dela estavam pesados de luxúria crua, e eu me curvei mais e mordi seu pescoço, bem naquele local onde existia a tatuagem indicando que ela era uma "alma livre". Quando ouvi seu gemido longo, pressionei a boca um pouco mais, voltando e chupando o lóbulo da sua orelha, e Diana desceu a mão

entre nossos corpos e alcançou o volume do meu pau apertando de leve, contornando a sua extensão, e eu grunhi. Segurei-a pela cintura e a pus sentada sobre a mesa, ajustando-me imediatamente entre suas pernas abertas. Voltei aos seus lábios com ardor renovado, que se abriram para mim com a mesma ânsia, e passei a mover minha língua, sugestivamente, louco para reproduzir aqueles movimentos com outras partes de nossos corpos conectados.

— Abra as pernas. Mais. Assim — comandeí, segurando agora em ambas as suas coxas expostas, quando o vestido havia subido levemente. Aquele vestido do inferno. Olhei para baixo, excitado além da conta com a visão de suas pernas abertas, de suas coxas nuas pressionando os meus quadris, enquanto Diana passava a língua na minha garganta, provando-me, fazendo um círculo molhado pelo meu pomo de adão. Eu reagi enterrando os meus dedos na carne macia das suas coxas. Sim. Muito mais macias, exatamente como eu imaginara.

Sem descolar nossas bocas, subi a barra do vestido e descobri sua bunda, que eu apertei, cravando os meus dedos em sua carne, enquanto a puxava mais para frente, meu pau colidindo com o vislumbre que tive de sua calcinha.

— A porta... Diego, alguém pode entrar... — Diana sussurrou no meu ouvido, enquanto eu mordiscava sua mandíbula e levava minhas mãos aos seus seios, acariciando-os em movimentos circulares e firmes com as palmas das minhas mãos, vendo-a ficar lânguida, derretida, a cada vez que eu mudava de intensidade.

— Ninguém vai entrar aqui — eu garanti, acreditando nisso, ainda que não estivesse tão completamente certo. Mesmo assim, isso não foi suficiente para que eu conseguisse parar os meus dedos de abrir um botão do seu vestido, sentindo a respiração ofegante de Diana, apenas me observando fazer isso. Depois, abri o outro, e mais um, rapidamente, afastando assim os lados do vestido dos seus ombros e expondo claramente seus seios ligeiramente espremidos juntos em um sutiã branco. Os montes, destacados pelo contraste de sua pele com o tecido, era tentador demais, assim como foi da primeira vez que os vi.

No entanto, havia algo que não estava ali da primeira vez, e parei por um segundo, o cenho franzido em concentração, diante da visão de uma nova e pequena tatuagem cobrindo a sua pele, pouco acima do seu seio esquerdo. Era o nome de João, escrito em uma letra cursiva e delicada, e logo abaixo, dois pezinhos de bebês, pintados em uma vívida cor azul. Engoli em seco, e não olhei para ela, deliberadamente, mesmo sentindo que seu olhar estava me queimando. De alguma forma, trocar um olhar que nos ligasse no significado daquilo me deixava unindo dois aspectos da minha vida em relação a Diana que eu não estava preparado para lidar naquele momento. E nem sei se estaria, um dia,

então, me concentrei em acariciar novamente seu corpo.

Segurei ambos os seus seios, massageando-os por cima do sutiã, enquanto ouvia os gemidinhos que Diana dava, ondulando seu corpo, apertando meus quadris com suas coxas. Eu sabia que precisava parar, e ia, não poderia ter sexo com ela em cima da mesa de Ricardo, em seu escritório, então, eu iria parar, agora. Só iria provar aqueles seios magníficos um pouco, apenas um pouco, pensei, descendo as alças pelos seus ombros e puxando a parte da frente para baixo.

A visão de seus seios nas minhas mãos era embriagadora, e eu soltei o ar entre os dentes apertados, observando seus mamilos escuros duros e enrugados implorando pela minha língua, mas foi uma outra visão que enviou uma corrente elétrica de tesão direto para o meu pau, àquela hora dolorido de desejo e a ponto de explodir nos limites da minha calça. No mamilo direito de Diana, atravessando-o, havia um adereço brilhante, duas asinhas minúsculas aparecendo nas laterais. Eu nunca tinha visto de perto nada parecido, assim como nunca pensei que aquele tipo de coisa fosse excitante, então, quase me surpreendi com a intensidade do tesão que me atravessou ao olhar para aquele piercing no bico durinho do seu seio. E tive uma curiosidade repentina.

— Isso aguenta a pressão da minha língua... ou dos meus dentes? — questionei, levantando uma sobrancelha e olhando para Diana, segurando o seio em questão com firmeza, sentindo o seu peso, a maciez, o formato. Ela curvou-se pra frente, seu corpo aproximando-se ainda mais do meu.

— Você só vai saber se usar a língua. Ou os dentes — ela murmurou, segurando ela própria seu outro seio e apertando o mamilo entre o indicador e o polegar, e quando ela o puxou, fazendo um som que parecia ser de dor e prazer ao mesmo tempo, eu senti meu pau pulsar. Sabia que se eu pusesse a minha mão entre as suas pernas, afastasse a sua calcinha para o lado e introduzisse um dedo, ou talvez dois em sua boceta, a encontraria completamente molhada para mim... mas eu perderia o controle totalmente, então não o fiz. Ainda. Por outro lado, estava a fim de me torturar, pois me curvei sobre ela, fascinado por aquele objeto preso ao bico endurecido.

— Olhe *pra* mim, Diana — eu exigi, e ela abriu os olhos fixando-os em mim, os dedos circulando seu mamilo de modo hipnotizante. Então, sem deixar de olhar para ela, aproximei a minha boca do seu seio com o piercing e lambi o mamilo bem lentamente em movimentos circulares, pressionando-o, e depois chubei-o mais forte, mordi e puxei de leve, sentindo o gosto da sua carne e a frieza do material na minha língua. Era simplesmente fantástico.

Ouvi o gemido agoniado dela, sentindo também o rugido de tesão vibrar no meu peito ao imaginar que aquele gemido tinha um pouco de dor, mas muito

mais de satisfação e deleite sexual. Um equilíbrio perfeito. Era uma sinfonia me fazendo pensar em outras formas de arrancar aquele som dela depois.

— Ahhh... — Diana fechou os olhos, e eu decidi que era o bastante, ou então abriria minha calça e agiria como um adolescente com tesão. Muito tesão, e Ricardo não entraria naquele local tão cedo. Dei uma última lambida e voltei a beijá-la nos lábios abertos, enquanto ia subindo o seu sutiã. Rapidamente, nossos dedos trabalharam juntos para fechar o seu vestido, depois, ambos em silêncio, minha mente voltando a martelar ainda mais com aquela história de Diana trabalhando ali.

— A que horas você sai?

Ela respirou fundo.

— Hoje, às 2h. Por quê?

Eu não conseguia ver a necessidade daquilo, mas com certeza havia uma, para que ela se dispusesse a trabalhar ali, deduzi, e queria saber se isso estava relacionado ao nosso filho de algum modo. Eu estava curioso, irritado, sexualmente frustrado, tudo a só tempo em relação a Diana, e resolvi antecipar as coisas:

— Porque eu vou te esperar, e depois vou te levar *pra* casa.

Diana balançou a cabeça saindo da mesa e ajustando o vestido em volta dos quadris, enquanto me encarava com as sobrancelhas franzidas.

— Por que você não me pergunta se eu quero que você me leve para o meu apartamento, qual a dificuldade disso?

— Talvez porque eu não vou levar você para o seu apartamento, mas para o meu — eu respondi, calmamente pegando meus óculos de volta, ajustando-os no meu rosto, e arrumando a gola da minha camisa, antes de voltar a encará-la pacificamente. — Da próxima vez eu pergunto.



Óbvio que Diana bateu o pé sobre a forma como eu disse a coisa de levá-la para o meu apartamento, deixando claro que não iria tolerar que eu dissesse o que ela deveria fazer. Eu tinha que admitir que a ver irritada me deixava com vontade de segurá-la e dobrá-la, arrancando aquela fúria dela e revertendo-a em energia para coisas bem mais relevantes do que lutar comigo.

Eu podia reconhecer que algo me induzia a agir como um idiota possessivo e mandão em torno dela, sim, às vezes contrariando meus modos que sempre acreditei muito afáveis e corteses. O problema era que eu não podia simplesmente confiar nela, também não podia deixá-la fora da minha vista, e a

ideia dela trabalhando aqui estava me consumindo como um fogo lento — pois como eu disse a ela, estava sim decidido a tê-la, mesmo que isso me deixasse enfurecido.

Acabamos por concordar, com um pouco de recuo meu e um pouco de maleabilidade dela, que eu a levaria para o seu apartamento, para dormir, conversar com João Pedro e explicar que ele iria passar o dia comigo, e por volta do meio dia, eu passaria lá para pegá-los. E então veríamos o que seria mais forte, a ideia dela de fazer o que quisesse ou a minha de mantê-los lá por mais do que um dia.

Saímos do escritório de Ricardo, e eu fui seguindo-a de perto entre as pessoas, para a área onde ela estava servindo, que na verdade era do outro lado, e não onde eu estava com os caras mais cedo. Diana na verdade havia me explicado que tinha ido dar uma ajuda à garçonne que estava conosco, e por isso tinha topado comigo lá. Eu ficaria por ali, observando tudo, de perto, afinal, eu não poderia agir como um louco e querer arrastar ela dali — como se isso fosse possível, de qualquer modo — e eu não era um homem das cavernas, muito pelo contrário.

Era só aquela sensação incômoda de saber que ela ficaria por ali à noite, distribuindo sorrisos e ganhando gorjetas daquelas caras. Então, me mantive um pouco mais afastado, em um local menos aglomerado, mas não quis uma mesa, e nem descí para encontrar Teo, Ricardo e Marcos. Dali de onde eu estava, podia ver o bar e o balcão em formato circular onde Diana ia pegar algumas bebidas e voltava para as mesas. Lá havia dois caras atendendo no bar, um era negro, forte e alto, e sorria enquanto preparava uma bebida incrementada para um grupo de três mulheres sorridentes debruçadas sobre o balcão; o outro, estava de costas preparando algo, mas então virou-se justo quando Diana caminhou para lá e pediu algo a ele de uma das mesas. Ele pôs algumas bebidas na bandeja dela, que se afastou logo em seguida na direção de um grupo de dois casais.

O cara alto e esguio, de cabelos pretos, acenou, e o sorriso que ele deu a ela especificamente, mesmo com as pessoas circulando por ali, *me deixou* em alerta de que talvez eu tivesse acabado de encontrar alguém que eu queria ter encontrado antes naquela noite. Ricardo ia me desculpar, mas talvez eu acabasse por distrair um pouco um dos bartenders dele. Só um pouco.

Fui em direção ao bar, e para minha completa sorte, um homem tinha acabado de sair e deixar uma banqueta próxima ao objeto da minha súbita curiosidade. Ao lado, o trio de mulheres com o outro bartender ria e encostavam-se uma a outra, e eu não quis desviar a atenção do cara servindo as meninas, claro, então resolvi aguardar para ser servido pelo outro, e confirmar ou não a minha teoria.

Apoiei-me com os braços cruzados e esperei que ele terminasse o atendimento de um outro cara, e agora que eu estava perto, notei como ele tinha uma boa aparência, além de destreza com a bebida que estava preparando, e não à toa uma das meninas do trio tinha reparado nele e agora estava nitidamente jogando charme. Ele sorriu e piscou *pra* ela.

Mantive-me atento, aguardando, então, ele pôs o drinque para o outro cara com um aceno mais discreto, e virou na minha direção. A primeira coisa que eu notei foi seus olhos muito azuis fixos em mim, a segunda, foi que eu não sabia como, mas ele pareceu saber exatamente quem eu era pela forma como reagiu, tendo ficado meio estático por um segundo, o sorriso fácil longe do rosto dele agora. Eu lancei a ele um olhar frio, *me ajustando* no banco e fazendo um sinal para que ele se aproximasse. Era impressão minha ou ele pareceu pensar em não vir?

O cara veio, finalmente, devagar na minha direção, mexendo em uma toalhinha em seu avental, mas não se aproximou muito como estava fazendo com os outros clientes. O que era aquilo, desconforto no rosto dele? Esse cara nem me conhecia. Ainda.

— Olá, boa noite, o que você vai querer, senhor? — ele disse, parecendo ter relaxado o suficiente para se aproximar mais, mas seu sorriso era apreensivo. Eu o analisei em silêncio por uns poucos segundos e ele me pareceu um pouco mais nervoso, o que só me irritou.

— Primeiro? O seu nome, pode ser? Talvez depois só uma água com gás — eu falei alto por causa do barulho ao redor. Suas sobrancelhas subiram em surpresa, e ele pareceu procurar alguém com os olhos atrás de mim por um momento, antes de me retornar sua atenção.

— Meu nome?

— Sim.

— Bem... — Ele pôs a duas mãos na frente do corpo, como se estivesse pensando, e deu um sorriso de lado. — Algo me diz que você sabe o meu nome, então, vamos com calma aqui, amigo.

Agora eu estava decididamente irritado e me sentei mais ereto no banco, arrastando os meus óculos com a ponta do dedo.

— E por que eu saberia o seu nome, amigo?

— James! A moça ali quer que você a sirva... Está tudo bem aqui? — O cara ao lado dele nos interrompeu, então, parou, curioso, e olhou entre mim e o tal James. Então, quem diria, meu palpite estava certo pelo visto. James deu uma bufada e olhou irritado para o colega do bar.

— Está sim, e eu já estou indo lá.

O colega dele acenou e se afastou, e James virou-se para mim

encontrando o meu olhar confuso, mas cortante fixo nele.

— Escute, cara, quando a Diana chegar aqui, ela vai te explicar que não é nada do que você acha que sabe, ok?

Aquilo me fez levantar e espalmar minhas mãos sobre o balcão para ouvi-lo melhor, de repente um monte de informações girando pela minha cabeça e eu queria saber o que fazia e o que não fazia sentido. Devia ter falado com aquele cara antes e em outro local, isso sim. Maldito Ricardo.

— E o que ela teria para explicar para mim que envolve você? — pressionei, tenso, e ele passou a mão no cabelo liso e escuro que caía um pouco sobre a testa, como se murmurasse um palavrão. Uma das mulheres deu um gritinho e chamou por ele, mas ele deu um sorriso desconfortável, e deu um aceno para que ela aguardasse.

— Diego, escuta...

— Como diabos você sabe o meu nome?

Antes que ele dissesse mais alguma coisa, no entanto, senti uma mão pequena sobre o meu ombro, mas não me virei, continuei olhando para James, que deu um suspiro de alívio nítido quando notou quem estava ao meu lado.

— Diego, o que foi? — A voz de Diana soou a minha direita, mas eu continuei olhando para ele que apontou um dedo na direção dela.

— Você sabia que eu estava correndo perigo aqui? Nunca fiquei tão feliz por estar atrás de um balcão. Explique essa merda *pra* ele, Diana, tá legal?

— Não fale assim com ela — rosnei, irritado, *me curvando* sobre o balcão em direção a ele. James levantou as mãos, mas curiosamente deu um sorriso de canto olhando para Diana.

— Amiga, eu entendi o lance do... você sabe, é sexy mesmo, mas por favor, apenas diga a ele, certo? — Então ele se afastou ainda sorrindo e foi para o outro lado do bar. Eu cerrei meus dentes vendo-o ir atender a mulher que gritava por ele. Aquele cara acabou de dizer que eu era sexy, ou eu entendi errado? Que porra era aquela? Eu estava achando uma coisa e de repente... Virei-me para Diana que sorria olhando para ele se afastando, e depois virou-se para mim. Eu não estava achando nenhuma graça e não pude deixar de notar que ela estava sorrindo de verdade, os olhos brilhando, e eu me peguei pensando que na verdade tinha sido ele que causara aquilo, era por causa do que ele tinha dito que ela estava sorrindo daquela forma, mesmo que ele fosse quem eu já estava achando que ele era afinal.

— Seu amigo é o tal James então. Mais uma coisa que você precisa me dizer pelo visto.

— Sim, e espero que você tenha uma ou duas coisas para me dizer também, Diego. Algo me diz que sim. — Diana deu um tapinha com o dedo

indicador no meu rosto e se afastou novamente. — A gente vai conversar bastante.

Estreitei os meus olhos para ela, lembrando subitamente de umas coisinhas que eu teria que resolver mesmo agora que Diana e João estavam comigo, e voltei a sentar-me. De qualquer modo, eu ia esperar por ela exatamente aqui, sentado, até que ela terminasse. E eu ainda queria a minha água com gás.

Capítulo 13

COISAS DE ADULTOS

Diana 

— Mãe, a gente vai *pra* casa do Diego agora? — João Pedro perguntou pela... décima vez? Não. Vigésima, talvez, eu havia parado de contar há meia hora, pensei, sorrindo, sem abrir os olhos e passei as mãos pelo seu cabelo, enquanto ele estava fazendo a minha barriga de pista de corrida.

Já passavam das 10h da manhã, e mesmo que eu muito provavelmente ainda teria dormido um pouco mais, se pudesse, estava acordada há mais de uma hora, desde que João havia pulado na cama e começado a me balançar me acordando com beijos no rosto. E quem resistia, não é? Não importava que eu tivesse chegado depois das duas da manhã e tivesse praticamente desmaiado assim que saí do banho e tombei na cama. Ele era um menino com uma missão.

— Hum-hum. Nós vamos sim, meu amor — murmurei, sabendo que não teria tanto tempo assim para arrumar João e me arrumar até que Diego chegasse. Eu ainda estava sentindo os efeitos da noite de trabalho de ontem, é claro que levaria um tempo até que eu me acostumassem totalmente.

— Então vamos logo, acorda, mãe!

— Já estou acordada, João. — Ri, escondendo meu rosto com o braço. Ele pôs meu braço de lado.

— De verdade, mãe!

— Ele vem daqui a pouco, filhote, calma. Ao meio-dia. — Em ponto, provavelmente, pensei, bufando.

— Vai demorar a chegar meio-dia, *mãaaae*? — ele reclamou e eu abri os olhos, observando sua expressão ansiosa.

— Não, não vai... E agora que você me acordou, despertou... o ataque do dinossauro faminto! — Rugi, fazendo minhas mãos em garras, e João Pedro gritou, rindo e tentando fugir de mim. Puxo-o pela barriga e o trouxe de volta, abraçando-o e fingindo devorar o seu rosto e pescoço, enquanto ele esperneava e gritava mais alto entre risadas, e eu ri, esquecendo momentaneamente o cansaço.

— Não, senhor dinossauro! Eu não vou mais acordar a mamãe! Juro! — ele prometeu, gargalhando, e eu passei a "devorar" a barriga dele quando finalmente ouvi as batidinhas na porta, antes que a cabeça de vovó Madá aparecesse pela fresta. Ela olhou a cena na cama e sorriu largamente.

— O que temos aqui, algum menino teimoso sendo comido pelo dinossauro faminto?

Eu e João rimos, ofegantes, enquanto ela entrava no quarto.

— Me salva, "Vómadá" — ele pediu estendendo os braços para ela, sorrindo ainda, quando eu finalmente o soltei.

— Não se preocupe, querido, boto já esse dinossauro *pra* correr daqui. — Vovó senta-se na beira da cama e o pega no colo, passando as mãos em seus cabelos. Eu me estiquei e bocejei — se bem que eu acho que dinossauro está mais *pra* lá do que *pra* cá, viu?

— *Vómadá*, adivinha *pra* onde eu e a mamãe vamos agora? — João anunciou, animado. Eu tinha contado a ele assim que ele subiu nas minhas costas e passou a me acordar. Depois disso, ele tinha deixado passar 10 minutos antes de perguntar que hora nós iríamos. E de novo. E de novo. Eu suspirei com a animação dele, sentindo-me estranhamente nervosa e ansiosa com a perspectiva de eles estarem juntos hoje e com tudo que viria em decorrência disso, entre Diego e eu. Tudo mesmo.

— Sua mãe? Agora? — Ela me lançou um olhar incrédulo e eu sorri, sentando na cama e passando a mão nos meus cabelos. — Não faço ideia, mas me conta.

— *Pra* casa do Diego! — João deu um gritinho, e eu fiquei pensando nisso, em como João era uma criança ativa e espevitada em casa, em torno de quem ele tem intimidade, e era um menino totalmente tímido e retraído quando saímos ou quando ele está perto de desconhecidos. Como ele se comportaria com Diego em mais tempo do que tinham tido até agora, era um enigma *pra* mim.

— Oh, é mesmo? Que coisa boa! Então a sua mamãe vai junto para a casa do seu pai passar o dia com você, que coisa legal, não é? — Vovó me lançou "aquele olhar" e estreitei os olhos *pra* ela sem deixar de lembrar imediatamente do que aconteceu na sala de Ricardo, um frio de excitação na minha barriga.

— Muito legal!

Vovó ainda estava me olhando com uma expressão curiosa, então deu um beijo na cabeça de João.

— Sim, muito legal, meu amor. Ele vai adorar a sua visita... e da mamãe, também eu acho.

Rolei os olhos *pra* ela, sorrindo.

— A gente ainda tem muito *pra* conversar, vó. Muito. — Ergui as sobrancelhas *pra* ela, sugestivamente, e ela deu de ombros.

— Sempre tem, não é?

— Você e o Diego vão conversar sobre mim, mãe? — João Pedro perguntou, sem nem tirar os olhos do carrinho que ele agora movia de um lado a

outro na cama. Eu e vovó nos encaramos. Por menos que ele parecesse estar prestando atenção a algo, pode apostar que ele estava ouvindo tudo muito bem.

— Também. Mas sobre um monte de coisas de adultos... a mamãe não explicou que a gente viria e teria que conversar com o seu pai, lembra?

Ele balançou a cabeça, concordando.

— Ele disse que a gente não ia mais se separar.

Eu e vovó nos olhamos em silêncio, e eu abracei meus joelhos, respirando profundamente. Então, ela passou as mãos nas costas dele.

— E não vão, meu filho. Você está aqui agora, e ele quer ficar perto de você.

— Mãe!

— Oi.

— O Diego vai morar aqui com a gente, então? — João Pedro virou-se novamente para me encarar. Jesus. Ele parecia saber exatamente quando ficava focado nas suas coisas, ignorando os adultos, e quando deveria olhar bem firmemente para o alvo das suas perguntas. Eu dou uma tossezinha, e vovó me olhou com aquela cara de "saia dessa agora". Encarei João e passei a mão em sua bochecha, em uma carícia leve.

— Meu amor, essa é uma das coisas que os adultos conversam, lembra do que a mamãe disse? E não, o Diego não vai morar aqui, ele tem o apartamento dele, entende? Mas... hum, talvez... — Busquei o olhar de vovó, e ela só suspirou levantando os ombros. — ... Talvez a gente tenha que morar em outro lugar.

— Na casa do Diego?

— Vamos ver isso, amor, tá? Que tal você curtir bastante hoje com ele e depois a gente fala sobre essas coisas?

Ele sorriu e acenou com a cabeça, e eu soltei o ar em alívio, agradecendo aos céus que o meu filho era curioso, mas também na maior parte do tempo — não sempre — era aquele tipo de criança compreensiva que você conseguia fazer muitos acordos com ela. João Pedro não vivia chorando, nunca tinha batido ou mordido outra criança, nunca tinha feito uma cena e era muito obediente. Minha mãe e minha avó diziam que ele muito provavelmente tinha "puxado" ao pai, porque a mim não tinha sido. Por outro lado, quando realmente ficava zangado, ele ficava muito zangado. E agora que eu tinha visto Diego em seu lado menos calmo, podia dizer que elas tinham razão... E quando ele se soltava, podia revirar uma casa de cabeça para baixo.

— Mas, mãe, eu tenho que chamar o Diego... de papai?

Senhor amado. Não, não era a primeira vez que ele me fazia aquela

pergunta. Depois de ver as fotos do pai que eu mostrava a ele e de entender melhor o que eu expliquei, João me perguntou aquilo. A minha resposta seria a mesma, mas ainda assim, agora, aqui, com a perspectiva dos dois juntos, aquilo era muito, muito mais delicado.

— Vem cá. — João saiu do colo de vovó e veio se aconchegar comigo contra os travesseiros. — Olha, você pode chamá-lo de papai, sim, a hora que você quiser. Eu acho que ele vai gostar muito e ficar muito, muito feliz. Ou então, você pode chamar ele de Diego, e quando se acostumar mais, chamar ele de papai. Você decide. O que você acha disso?

João concordou, e escondeu a cabeça no meu peito, mexendo com o carrinho. Eu sabia quando ele ficava um pouco retraído, incomodado. E estava agora.

— Ele... vai ficar triste se eu chamar ele de Diego e não de papai?

Apertei-o mais a mim, com carinho.

— Não, meu amor, ele não vai ficar triste com você, de jeito nenhum. Ele vai querer que você fique bem. Diego só vai ficar triste se você não quiser passar o dia com ele, não falar com ele... Você vai fazer isso?

— Não! Eu quero ir *pra* casa dele.

— Então. Você pode chamar ele como quiser, mas ele é o seu pai, e você já sabe disso. Faz assim, vamos fazer um trato: não fica preocupado com isso, tá? Quando você estiver com ele pode chamar do que você estiver com vontade. Combinado?

Ele sorriu e batemos os nossos punhos juntos. Então era isso, a prova de fogo ia realmente começar. Eu tinha a impressão de que tudo que eu e Diego tínhamos dito e imaginado até ali só ia realmente fazer sentido quando João estivesse convivendo com ele.



Mais de uma hora depois, eu já tinha dado um banho em João e arrumado algumas coisas suas na mochila para a tarde no apartamento de Diego, depois de tomar um banho e me vestir. Eu não sabia exatamente quais eram os planos de Diego ainda, então, tinha colocado apenas o essencial na minha bolsa.

Vesti um short jeans e uma camisa de algodão branca, confortável. Ele havia dito que íamos almoçar no apartamento dele, não fora, então, eu estava bem assim. Eu ainda usava roupas curtas, como eu sempre tinha gostado, mesmo que meu corpo não fosse mais o mesmo, claro, e eu tivesse ganhado uns quilos extras depois da gravidez — que se recusavam a me abandonar — mas ainda

assim, nem tudo que era firme e menor antes podia ser considerado tão firme e pequeno agora, pensei, olhando pelo espelho para a minha bunda naquele short. Paciência. Eu ainda ia vestir o que gosto, do mesmo jeito.

Bom, talvez eu abandonasse aquele sedentarismo, fizesse uma dieta mais rígida, e começasse a fazer exercícios. Era isso mesmo. Hum. Isso. *Na segunda que vem, certeza, eu começaria.* Estava terminando de pôr os meus tênis superconfortáveis — até porque depois da noite de ontem meus pés estavam em miséria — quando João Pedro entrou correndo pelo quarto, carregando o seu inseparável bichinho de pelúcia, um sapo verde chamado "Papo" que já tinha visto dias melhores, mas claro que ele se recusava a ter qualquer outro. Ou sair de casa às vezes sem ele.

— Mãe! Agora já está na hora?!

Eu levantei e ajustei a gola da sua camisa listrada, que já estava toda torta.

—Quaaaase na hora, muito pertinho mesmo.

— Oba!

Ele saiu correndo de novo levando o Papo junto, e senti como se as minhas entranhas estivessem se revirando ao pensar em passar mais tempo ao lado de Diego, com o nosso filho junto. Como se não bastasse, ainda tinha o outro lado da questão, aquela intensa e louca atração física que ainda rolava entre a gente, mais forte do que nunca, como se não tivesse passado um único dia desde que eu era apenas uma aluna dele. Pensar naquilo me fez franzir a testa e lembrar de algo: ele ainda dava aulas? Quer dizer, provavelmente agora o fã-clubes dele deveria ter no mínimo quintuplicado já que ele só tinha melhorado e ficado mais delicioso ainda com o passar dos anos. Provavelmente o fã-clubes aumentou.

Isso também me fez lembrar de hoje na madrugada, quando ele tinha me trazido *pra* casa. Nós não tínhamos nos falado muito quando eu entrei no carro, não porque não tivéssemos assunto, mas porque Diego deve ter percebido o meu cansaço — o que eu agradeci —, e cheguei a cochilar no frio gostoso do carro dele, tanto que ele me acordou, pondo a mão na minha coxa e me sacudindo de leve quando nós chegamos ao meu apartamento.

E por falar no fã-clubes dele... pensei naquela cena interessante de ontem, enquanto me olhava no espelho e prendia meus cabelos. Quando o meu turno finalmente tinha acabado, Diego realmente ainda estava lá, e eu não sei bem definir como me senti em relação a isso, mas era algo bom, diferente. Exasperante, claro, porque era a mania de controle dele que eu já tinha percebido muito bem, mas de alguma forma me deixava... bem, segura de uma forma nova *pra* mim. E a cada vez que eu ia pegar alguma coisa no bar para servir,

observava como ele ficava lá, de braços cruzados, nem um pouco à vontade, pelo jeito, olhando em volta, ou olhando para mim. Eu pensei que Diego fosse ficar na companhia dos amigos e do irmão, mas a não ser por uma conversa rápida com Ricardo que voltou lá depois, ele pouco tinha se afastado do bar.

Claro que de vez em quando uma mulher se aproximava dele, olhava, sorria, babava vendo-o ali sozinho, como se estivesse deslocado. Com aquele jeito e aquela aparência? Elas teriam que ser cegas para não o notarem, claro que elas o notariam, e eu também teria que ser cega, e doida, para não perceber isso a cada vez que me movimentava por ali. Fazer o quê, não é? O cara era gato.

Mas aí... bem, uma chegou a se oferecer para pagar uma bebida. Como eu soube? Estava bem perto, às suas costas, com James me atendendo, e ouvi quando ela fez o convite, toda sensual. Diego agradeceu, educado com aquela voz melodiosa dele e disse que não estava mais bebendo, mas a mulher ficou por lá jogando charme. Ele respondia vez ou outra. Que interessante. Eu apreciaria a ousadia do gesto dela se fossem outras circunstâncias, mas rolei os olhos com enfado quando ela deu aquele tipo de risadinha afetada e apoiou a mão no peito dele, vindo mais *pra* frente.

Ora, ele não tinha acabado de praticamente me comer dentro do escritório, todo cheio de razão e moral, querendo controlar a minha vida? Pois não ia ficar de bate-papo e carícias no peito bem na minha frente, não tendo acabado de quase transar comigo, mas não ia mesmo, foda-se. Se não quisesse, não viria com aquele papo de "retomar de onde paramos". Ou era só quando rolasse de verdade "à noite", então cada um para o seu canto e poderíamos nos divertir por fora? Enquanto eu não sabia se era isso que ele queria, não ia permitir "confraternizações" assim bem na minha cara. Porque se ele poderia, eu também ia me sentir no direito, aí a gente ia ver aonde isso ia dar.

Lembro de ter ido deixar as bebidas da mesa que estava atendendo, e na volta parar bem na frente dos dois, o queixo erguido, apoiando a bandeja no meu quadril.

— Olá, posso ajudar em algo aqui? — perguntei, superprestativa, com um sorriso. Diego virou-se, *me viu* e estreitou os olhos. Então, deu uma tosezinha nas mãos fechadas em punho e ajeitou os óculos. Já a mulher me olhou de cima a baixo, com as sobrancelhas arqueadas e um sorrisinho de descrença. Eu não tenho nada com você, pensei, ignorando-a, não era você que estava me beijando ali dentro não tem duas horas. A não ser que você me provoque, obviamente, aí teríamos um problema.

— Diana, você já terminou? — foi o que ele disse com uma expressão séria e quase... surpresa? É, meu amigo, você não me conhecia mesmo. Desviei meus olhos dela e lancei um olhar doce para Diego.

— Não, e você já terminou aqui?

Ele levou meio segundo me olhando sem reação antes de responder.

— Acredito que sim. — E deu um sorriso de desculpas na direção dela, cruzando os braços. A mulher levantou as duas mãos como se estivesse rendida, e surpresa. Comigo, talvez? *Bem, querida, eu estava trabalhando, mas me veja um dia como uma cliente em uma boate dessas e eu não fico devendo nada pra você, pode apostar.* Ela deu um pulinho da banqueta e se foi, rebolando. E nós nos encaramos.

— Desculpe interromper a sua conversa superagradável, mas eu não aceito merdas muito bem, Diego. Então, vamos definir primeiro o que é "retomar as coisas" e depois a gente sai por aí recebendo carícias das pessoas. Antes disso: se eu não posso, você também não — eu disse, e tinha a intenção de soar meio sarcástica, mas tudo que consegui foi ficar irritada mesmo. — Ou eu posso?

Ele franziu o cenho e segurou meu pulso.

— Sim, vamos definir, mas só adiantando: enquanto estivermos nisso, não tem ninguém recebendo carícias de ninguém, ou seja, não, você não pode.

— Ok, obrigada por esclarecer as coisas — eu disse, *me soltei* e fui terminar o trabalho. Eu lembro dele desmarcando um jantar com alguém quando eu apareci, mas então não podia nem devia fazer nada a respeito. Mas agora, ele não queria algo? Então, eu também sabia cobrar. Como diz a minha avó, aqui o buraco é mais embaixo.

Então a gente ainda tinha muito a resolver, mas como eu já tinha deixado claro, ainda estava com receio do que ele queria de verdade em relação a João, mesmo que agora estivesse certa de que aquela coisa física louca entre a gente ia o quê? Atrapalhar tudo ou simplificar? Só vivendo *pra* saber, eu não ia arrancar os meus cabelos ainda sobre isso.

Agora, no quarto, terminei de me arrumar, peguei a cadeirinha de João e fui para a sala. Diego estaria chegando a qualquer momento, se ainda fosse o mesmo com o lance dos horários. Vovó estava na cozinha, no fogão, como quase sempre quando ela estava em casa, e João estava concentrado brincando com peças de encaixar no tapete.

Estava terminando de juntar alguns daqueles brinquedos para levar quando Diego foi anunciado no interfone. Eu liberei sua entrada e fiquei aguardando até que ele deu batidas de leve na porta e eu fui abrir. E meu queixo quase vai ao chão, porque era a primeira vez que eu o via em roupas informais assim, além daquela noite, seis anos atrás. E porra, agora estava difícil decidir como ele ficava melhor. Isso era tão injusto. Se bem que eu já o tinha visto com muito menos roupa que aquilo, mas ainda assim... era digno de nota.

Diego usava uma camisa preta simples, com mangas, que destacava os

seus músculos perfeitamente esculpidos, e uma bermuda marrom com bolsos laterais. E óculos escuros, ou seja, o pacote tentação completo e operante, pensei, abrindo mais a porta e fazendo um gesto para que ele entrasse. Ele também me deu uma conferida descarada, descendo do meu rosto para os meus seios, curvando um pouco a cabeça — Eu sabia bem fazendo o quê — como se estivesse querendo desvendar a marca do meu piercing através do sutiã e da minha camisa. Ele pigarreou.

— Bom dia, Diana, tudo bem? — ele me cumprimentou, sério, cortês.

— Bom dia, tudo bem, Diego, entre, por favor.

Ele passou por mim com aquele cheiro gostoso, quase picante e muito masculino que dava água na boca, de verdade. Assim que ele entrou, pareceu olhar ao redor como se procurasse alguém, mas então parou no meio da sala e voltou sua atenção para João, que levantou a cabeça do que estava fazendo e olhou para Diego atentamente, ansioso. Eu fechei a porta atrás de mim e me encostei nela, observando a cena dos dois ali juntos com o meu estômago subitamente agitado e um nó na minha garganta. Diego tirou os óculos e deu um passo na direção de João.

— Olá, João, tudo bem?

João me deu uma olhadinha, um sorriso tímido brincando em seus lábios antes de olhar novamente para Diego.

— Tudo bem. Eu vou para a sua casa — ele disse, e eu sorri, um alívio imediato me tomando, e nem tinha me dado conta que estava com a respiração suspensa por uns segundos. Eu sei que Diego tinha me dito que ele foi receptivo, mas no dia seguinte, tendo estado o dia inteiro fora, eu não tinha tido tempo de realmente falar mais detidamente com o João sobre Diego.

— Isso mesmo, você vai — Diego disse, aproximando-se e dobrando-se sobre um joelho ao seu lado no tapete. — Eu vim buscá-lo.

— E a mamãe também — João disse, pegando seu sapo que estava ao lado e apertando-o, olhando para mim novamente. Eu espiei pelo canto do olho, vovó olhando a cena do balcão da cozinha, uma expressão derretida no rosto. Buscamos uma o olhar da outra, e ela sorriu. Engoli em seco novamente e mordi meu lábio voltando a olhar para eles.

— Sim, a mamãe também vai, com certeza. Você estava ansioso para que eu chegasse? — Diego passou a mão bem devagar nos cabelos de João, e eu definitivamente precisei respirar mais profundamente, vendo aquilo. João balançou a cabeça, confirmando.

— Então, vamos lá? Eu tenho algumas surpresas *pra* você. Você gosta de surpresa?

— Eu gosto! — Os olhos de João brilharam, e ele sorriu mais

abertamente. Diego estendeu as mãos para ele, parecendo ele próprio meio inseguro daquilo, mas ainda assim eu só fiquei lá, observando. Eu iria, claro, interagir com João na presença do pai, mas nesses primeiros momentos era melhor dar-lhes um pouco de espaço. João levantou e foi para os braços dele, que o pegou no colo e então ficou de pé, olhando para mim e depois para vovó, só então parecendo se dar realmente conta de que tinha uma audiência. Diego limpou a garganta e lançou um sorriso meio... envergonhado para a minha avó? Bem, tínhamos duas fofuras masculinas ali no meio da sala, era oficial.

— Dona Madalena, bom dia.

— Bom dia, Diego. Então, você vai levar esse rapaz para dar um passeio, não é?

— Sim, senhora, nós vamos dar um passeio.

— Bom, aproveitem. — Ela limpou as mãos na toalha novamente, então sorriu mais largamente como se lembrasse de algo. — Ah, e pode ficar tranquilo, eu não sou sempre daquele jeito, não. Só estava te provocando.

Diego sorriu e fez um aceno positivo para ela.

— Tudo bem, eu entendi.

Vovó sorriu e voltou para os seus afazeres.

— Podemos ir, Diana?

— Vamos, mamãe! Tem surpresa, não é Diego?

Diego estava olhando para mim quando respondeu, enquanto passava a mão no ombro do filho.

— Tem sim, João, tem surpresa.



Diego estava bem atrás de mim, braços cruzados e pernas afastadas, já usando seus óculos de grau enquanto eu estava curvada para dentro do carro e ajustava a cadeirinha de João na parte de trás. Eu dei uma olhada para ele por cima do ombro.

— Estou aprendendo — ele justificou, sério. Por que eu tinha a impressão de que ele dizia umas coisas assim daquele jeito, muito sério e com aquele vinco na testa, quando na verdade parecia estar pensando algo completamente diferente do que ele estava dizendo? E interessante que não parecia ser ironia ou sarcasmo. Aquilo da "surpresa" lá em cima agora há pouco era uma dessas ocasiões. Eu terminei de prender tudo, dei um beijinho no rosto de João antes de fechar a porta e encará-lo. Ele fez um gesto educado e eu me movi para o lugar do carona enquanto ele ia se acomodar ao volante.

Logo estávamos saindo do prédio, e eu me virei para observar João olhando pela janela, Papo seguro em uma das suas mãos. Ele virou-se, *me olhou* e sorriu *pra* mim. Era a primeira vez que ele ia ficar com o pai, claro, mas também era a primeira vez que ele saía de casa depois que chegamos ao Rio, e estava concentrado prestando atenção em tudo que podia observar pela janela do carro.

— A sua avó ficou sozinha? — A voz de Diego me fez voltar a atenção para ele.

— Só por enquanto.

— O James vai ficar com ela?

Eu lancei um olhar espantado, ele não ia começar aquela conversa na frente de João, ia? Antes que eu dissesse algo, João deu a sua valiosa contribuição à conversa do banco de trás.

— O tio James é legal, eu gosto muito dele.

Silêncio.

Jesus...

— Hum, isso, James vai chegar daqui a pouco e vai ficar com ela.

Senhor, onde está a sua timidez quando a gente precisa dela, João, pensei, vendo um músculo mover de leve na mandíbula de Diego. Aquela conversa sobre James ainda ia acontecer, mas parece que entre a gente as coisas iam se precipitando e acontecendo aos trancos e barrancos antes que conseguíssemos acomodar tudo. Mas de todo modo, quem começou a falar de James foi ele.

— Eu posso imaginar, João, o quão legal ele deve ser — Diego disse depois de uns segundos. Estreitei meus olhos para ele, agora reconhecendo muito bem o sarcasmo, mas não disse nada. E João continuou, claro. Eu gemi, olhando *pra* fora.

— Você também gosta dele, Diego?

Pausa. Então ele deu batidinhas com os dedos no volante ao parar em um sinal vermelho.

— Eu não o conheço muito bem ainda, filho, mas se você diz que ele é um cara legal, eu acho que vou gostar dele também. Um dia — ele prometeu, com um sorriso fraco, olhando pelo espelho para João, e depois lançou um olhar rápido na minha direção. João parece ter ficado satisfeito, porque não disse mais nada.

João realmente gostava muito de James, e mesmo que em São Paulo não morássemos na mesma casa depois que João Pedro nasceu — com James tendo depois ido para o apartamento, e eu, mamãe e vovó tenhamos ficado na casa de Mário — ele era uma presença constante em sua vida.

O percurso até o apartamento de Diego foi relativamente rápido, e nós

evitamos temas mais polêmicos, por hora. João começou a fazer perguntas sobre algumas coisas que via, e eles entraram em uma conversa leve, até que eu olhei para trás alguns minutos depois, e João tinha cochilado, como sempre quando entrava em um carro.

Eu estava na verdade ligeiramente surpresa com a forma como João estava reagindo a Diego. Imaginava que ele não fosse necessariamente afastá-lo ou coisa do tipo, não levando-se em conta a forma como ele tinha estado animado para conhecê-lo, mas como a psicóloga havia dito, talvez ele ficasse muito retraído na presença do pai até finalmente sentir-se mais confortável. Mas não, ele tinha ficado no máximo tímido, mas agora parecia estar mais à vontade com Diego do que eu esperei que estivesse, para meu completo alívio e menor encargo de consciência.

— Por que o nome João Pedro, Diana? — Diego perguntou de repente, quando eu pensei que o silêncio já tinha se estendido demais naquele carro, com João dormindo. Suspirei.

— Por causa do meu avô. O marido da minha avó, na verdade. É uma homenagem a ele.

— Certo. É um nome bonito — ele disse apenas, mas pareceu como se estivesse aliviado com a minha resposta. Franzi a testa.

— Você achou que fosse por algum outro motivo?

— Não. Só curiosidade.

Pensei por um momento, minha mente agitada dando voltas, então... James. Será que ele achava que o nome de João tinha a ver com o James? Não podia ser. Eu ri. Aquele homem era doido?

— O que foi? — Ele quis saber me dando uma olhada rápida.

— Nada. — Sorri, incrédula.

Chegamos ao estacionamento do prédio de Diego, ele saiu e, como o cavalheiro que era, veio abrir a porta do carro para mim, como tinha feito na noite anterior. Isso era fascinante, eu tinha que admitir, como aquele cara podia encarnar duas facetas tão opostas assim, ser esse perfeito gentleman que mal abria a boca, e ser um homem tão quente, sensual, beirando o perverso, em aspectos privados. Definitivamente intrigante.

Eu me movi instintivamente para pegar João Pedro adormecido no banco de trás, mas ele deu a volta no carro e tocou meu ombro.

— Eu posso pegar ele, pode ser?

— Claro, tudo bem.

Me afastei e observei-o curvar-se dentro do carro, destravar a cadeirinha e pegar João nos braços facilmente. Claro que eu estava achando muito bom que ele estivesse se conectando com o filho de todas as formas possíveis, e teria que

me acostumar a dar esse espaço também, ceder, já tão acostumada a ter apenas minha mãe e minha avó ajudando com ele o tempo todo. Quando Diego virou-se para mim com João nos braços, o Papo em uma das mãos, usando apenas um braço para carregá-lo, havia um ligeiro sorriso em seus lábios.

— Eu estava prestando atenção. Também.

Eu sorri, não pude evitar, e o segui depois de pegar as nossas bolsas no banco de trás do carro. Mais uma vez eu estava entrando naquele apartamento sob circunstâncias completamente diferentes, e essas seriam muito melhores, eu esperava, vendo os dois à minha frente. No elevador, João acordou, passou as mãos nos olhos, olhou para Diego, que entregou o sapo para ele, depois me olhou, sorriu e voltou a pôr a cabeça no ombro de Diego. Algo me dizia que o meu filhote estava aproveitando bem a oportunidade de ser carregado pelo pai, e quem poderia julgá-lo?

— Vocês almoçaram, Diana? — Diego perguntou quando as portas do elevador se abriram no hall privativo do apartamento dele.

— João sim, só vai comer algo mais tarde.

— Ok, eu também não, mas eu pedi almoço para nós e...

— E a surpresa, Diego? — João disse, subitamente, levantando a cabeça do ombro dele. E eu ouvi, pela primeira vez, possivelmente, o som da risada de Diego, e um sorriso amplo abrir-se no seu rosto ao olhar surpreso para João. Porra, o cara era lindo demais, e sorrindo assim com o João no colo, agitava umas borboletas de merda que eu nem sabia que estavam ali na minha barriga. Malditas. Eu ri, já estando bem ciente daquele jogo que ele fazia: ficar quietinho, e de repente vir com algo que você podia jurar que ele já tinha esquecido.

— Você não estava dormindo? — Diego perguntou, rindo, colocando-o sobre o sofá.

— Não, estou esperando a surpresa. Eu gosto de surpresa, não é, mamãe?

— Ama surpresas... — eu confirmei, divertida, enquanto João olhava para Diego de forma indagadora, depois olhou em volta, devagar, absorvendo o ambiente novo.

— É aqui que você mora, Diego? É enooorme... eu vou morar aqui também?

E lá vamos nós... É, ninguém disse que seria fácil. Sentei perto de João, porque era mais seguro estar sentada, pelo jeito, já que aquela conversa ia rolar ali, e aguardei a resposta de Diego. Seu rosto ficou sério, mas tocou com carinho no joelho do filho, dando a entender que não tinha ficado nem um pouco em uma "saia justa" por causa da pergunta, e eu fiquei mais curiosa ainda.

— Sim, você vai.

João olhou *pra* mim de olhos arregalados, a boquinha formando um "o"

perfeito.

— Sem conversa de adulto? — João disse, intrigado, franzindo as sobrancelhas *pra* mim. Bom, aparentemente não tinha disso com o seu pai, não era? Ele já tinha decidido de alguma forma. Inalei profundamente e sorri para o meu filho.

— Conversa de adulto? — Diego repetiu, olhando entre mim e João.

— Ainda vai ter a conversa de adulto, meu amor, é que seu papai não sabe sobre isso, mas a mamãe vai ensinar a ele direitinho, tudo bem?

Fingi não ver o olhar cortante de Diego em mim, enquanto João assentia.

— Mas Diego... a mamãe tem que morar aqui também! Comigo.

— João Pedro... — Eu olhei *pra* ele de cenho franzido, e ele encolheu os ombros e deu um sorrisinho. Eu me virei para Diego com um sorriso inocente. — Sim, e a surpresa, eu estou morta de curiosidade agora.

— Isso, surpresa! — João entoou, juntado as mãos. Diego me encarou como quem sabia exatamente como eu tinha me safado dessa, mas não disse nada.

— Você vai precisar ir até o quarto, em cima da minha cama. Você pode ir lá?

João riu, mal contendo-se, e ficou de pé, olhando em volta, só confirmando o que eu já tinha percebido antes, que ele estava pronto para se soltar ali, aceitando bem que era onde o pai dele morava e ele poderia ficar à vontade.

— Ali, vá por ali, a porta está aberta.

Diego mal terminou e João correu *pra* lá, os pezinhos movendo-se rápidos na direção indicada, largando Papo jogado em cima do sofá. Diego ainda estava sorrindo quando eu voltei minha atenção para ele, curiosa de verdade agora. Então ouvi o gritinho de felicidade de João vindo do quarto.

— Bom, você parece ter acertado na surpresa, a julgar pelo grito.

Diego sentou-se no sofá em frente e passou uma mão na nuca, como se de repente estivesse meio envergonhado.

— Eu não sabia o que pegar, então... Só saí comprando.

— Ok... — concordei. Mas o que diabos ele tinha comprado?

— Mamãe! Mamãe! Vem ver! — João apareceu na sala novamente, gritando, eufórico, os olhos enormes e o sorriso maior ainda, e saiu me puxando pela mão. — Vem, Diego!

Eu o segui rápido, sorrindo da sua evidente felicidade com o que havia encontrado no quarto, de repente lembrando da última vez que eu tinha entrado naquele quarto. Minha nossa, isso não era hora de lembrar dessa parede bem aqui, foco nas coisas, mulher.

Quando eu entrei no quarto, a cama enorme de Diego estava praticamente tomada de brinquedos. De todas as cores, tipos e tamanhos. Olhei para aquilo boquiaberta, e me virei para encontrá-lo com o ombro apoiado na porta, as mãos no bolso da bermuda, olhando a cena com um sorriso discreto. Ali havia desde bonecos Transformers a bichos de pelúcia, jogos de quebra-cabeça e carros de todo tipo. Havia até uma barraca dos Vingadores montada no canto, perto da poltrona de couro. Gente...

— Mãe, olha um monte de brinquedo! É tudo meu, Diego?!

— Tudo seu, claro. Você gostou?

João correu e abraçou as pernas de Diego, pegando-o desprevenido com o impacto. *Acostume-se, pensei.*

— Obrigado — ele disse, e Diego abaixou-se um pouco para mexer no seu cabelo e sorrir *pra* ele. Limpei a minha garganta e sorri quando ele passou como um foguete por mim, parecendo perdido naquele mar de cores e formas, e fora de si de tanta felicidade, quando pegou os Transformers, sentado no chão, já completamente envolvido.

— De tudo um pouco. De tudo mesmo, parece — comentei, olhando novamente em volta, impressionada.

— Como eu disse, eu apenas pesquisei sobre brinquedos para meninos da idade dele hoje pela manhã, e a vendedora na loja foi muito solícita e me ajudou com o resto. — Ele deu de ombros. Eu apostava que sim. Quem no mundo não seria solícita com aquele homem sozinho comprando brinquedo para o filho?, imaginei. — Você acha que foi demais?

— Digamos que ele não vai mais precisar de brinquedos por uns meses. Ou um ano.

— Parece que não — Diego concordou, não parecendo nem um pouco culpado. Olhamos para João, que estava distraído, brincando e falando com os bonecos, então ouvi Diego perguntar baixinho perto de mim:

— Almoço e "conversa de adulto"?

Ele sabia provocar também. Veja só.

— Claro. João, vamos estar aqui na sala, filhote, tudo bem?

Ele só acenou com a cabeça, sem nem me lançar um olhar. Revirei os olhos sorrindo e passei por Diego, saindo do quarto.

— Vamos lá, eu estou faminta.

Por pouco eu não solto um grito quando Diego me deu um susto da porra, encostando-me na parede — a mesma bendita parede do lado de fora do quarto. — me prendendo ali com o seu corpo. Olhei pra ele, surpresa, a respiração acelerando.

— Também estou faminto — ele informou baixinho no meu ouvido, e

quase revirei os olhos para a forma como a sua voz grave pareceu atingir cada ponto do meu corpo, *me percorrendo* como impulsos elétricos e arrepiando minha pele. Uma delícia.

— João... Diego, ele pode...

— Eu sei. Nós vamos comer agora e vamos conversar. Você tem coisas a me dizer. — Ele pressionou-se mais contra mim e eu pus as duas mãos no seu peito, sentindo seus músculos e o calor do seu corpo através da camisa. Era muito bom tocá-lo, e a sensação disso era sempre inebriante, empolgante.

— Não diga, você também tem coisas para me dizer.

Ele então reivindicou a minha boca, parecendo realmente faminto, e eu fui consumida pelo beijo, pela sua língua tocando a minha, seus músculos sólidos pressionando-me. Muito rápido nós nos separamos, nossas respirações ainda unidas, e ele afastou-se um pouco, ajeitando os óculos que tinham ficado meio tortos no seu rosto.

— Você gosta de comida chinesa?

— Eu gosto de tudo, Diego.

— Nós vamos testar essa afirmação. E eu não estou falando de comida, só para que fique claro.

Não, ele não estava, pensei, ajeitando meu cabelo e seguindo-o para a cozinha.

Capítulo 14

ACORDOS

Diego 

Diana tirou o tênis e encolheu as pernas, ficando mais à vontade no sofá e percebi que ela deu um pequeno gemido ao tocar nos pés antes de virar-se para mim.

Nós tínhamos passado relativamente bem pelo almoço, na verdade, sem nenhuma discussão e, mais importante ainda, sem que eu bancasse o tarado e desse vazão à minha vontade quase absurda de arrancar as roupas dela e arrumar uma forma mais proveitosa de passar aquele sábado à tarde. Mas claro, eu não era louco, João estava no meu quarto cercado de uma grande quantidade de brinquedos, mas a todo momento dava uma corridinha rápida e vinha mostrar uma coisa ou outra para nós, animado.

Aparentemente, agora eu tinha uma muito vaga noção de algo que Teo tinha dito uma vez enquanto observava Julia, então com uns 4 anos, eu acho, brincar na casa de mamãe, quando estávamos à beira da piscina. Tinha algo a ver com amar sua filha muito, mas que crianças pequenas eram verdadeiras "empatafodas". Todos nós rimos, mas realmente não fazíamos ideia do que ele queria dizer, claro. Agora eu acho que fazia.

João Pedro estava à vontade comigo, o suficiente para que eu confiasse que as coisas melhorariam, e muito no futuro. E quando eu pensava em futuro, pensava na conversa de hoje mais cedo com Breno Arantes sobre as questões de direito de família e como eu poderia acertar as coisas do modo melhor para João. A conversa fora esclarecedora e inquietante em níveis iguais, tendo em vista o lugar de Diana naquilo tudo.

Eu tinha percebido desde que cheguei ao apartamento de Diana, que ela estava tentando me deixar o mais à vontade possível com João Pedro, e apesar de tudo, não esperaria algo diferente dela, a julgar pela forma como vinha agindo e lidando com tudo. Não, o nosso maior problema viria de outros lados. E quanto mais cedo eu deixasse as coisas claras, melhor seria para todos nós.

— Então, por onde começamos? É tanta coisa — Diana me disse com um suspiro. — Tenho a impressão de que quanto mais a gente conversa, mais coisas surgem para serem esclarecidas.

— Sim, é exatamente isso. É a base de praticamente tudo que precisa ser deixado em bons termos: muita conversa.

— Só tenho uma sugestão a fazer: tópicos mais amenos enquanto João está brincando por aí. Evita que tenhamos que nos estressar muito...

Eu levantei uma sobrancelha depois de uns segundos analisando a sugestão dela.

— Ok. Fique à vontade para sugerir o primeiro tópico que seja ameno.

Diana sorriu, e eu devolvi o sorriso, o que de certa forma era estranho entre nós naqueles poucos dias, quando a não ser que estivéssemos nos beijando ou quase transando, quase sempre estávamos discutindo. E eu já tinha decidido que aquilo não podia continuar, não era aquele clima que eu queria que João notasse ou se acostumassem, então, era melhor ir tirando os assuntos complexos do caminho.

— Sem sugestão? Então eu vou iniciar. Certo, Diana, eu já tinha dito que queria estar mais próximo de João, não abro mão disso. — Ela se mexeu, desconfortável me lançando um olhar ansioso. Bem, pelo jeito aquele não era um tópico ameno, e eu realmente deduzo que os outros seriam mais complicados ainda.

— Sim, eu sei e está tudo bem, dependendo de como você queira fazer isso.

Passei a mãos na mandíbula e exalei com força. Não havia uma maneira muito simples de dizer aquilo e eu não gostava de rodeios.

— A intenção é proporcionar o melhor para ele, claro.

— Claro. E o melhor *pra* ele é... Só *pra* ver se estamos na mesma página aqui.

— Neste momento? Tranquilidade, por causa de todas as mudanças, mas também estabilidade. Poder desfrutar de tudo que eu posso proporcionar a ele, no entanto, que ele possa estar próximo de você, mas também de mim, enfim, algumas alterações serão necessárias e precisamos lidar com elas agora.

Diana fez que sim com a cabeça, como se estivesse muito concentrada no que eu estava dizendo, mas de alguma forma, receosa.

— Ok, eu concordo, mas por que tenho a impressão de que tem alguma coisa aí que não vai sair exatamente como eu acho que vai?

— Eu lamento, Diana, mas muita, mas muita coisa mesmo não vai sair como você acha que vai nessa questão. — Encolhi os ombros. — Esse é o ponto.

— É, parece que já não se faz tópicos amenos como antigamente. Eu gostaria de saber o que você considera polêmico, então.

— Esses serão os próximos na lista.

Diana moveu-se novamente, cruzando os braços, e eu acompanhei o movimento dos seus seios naquela camisa. Eu tinha que admitir que estava ficando um pouco obcecado com aquela porra daquele piercing, e não ajudava

que eu podia jurar que era possível ver nitidamente a marca dele daqui... Mas talvez fosse só a minha imaginação mesmo, e além do mais, eu tinha que retomar a atenção aqui no que estava discutindo.

— O que significam essas alterações em termos mais nítidos, Diego?

— Eu preciso me resguardar juridicamente — informei, e vi quando ela engoliu em seco. Era apreensão o que eu podia ver ali, inequívoca. Eu não podia fazer nada quanto aquilo. — Nos entendemos bem, você está disposta a cooperar para que eu me aproxime de João Pedro, tudo isso é muito bom, e importante, mas não é suficiente. Eu trabalho com a lei, e sei que o que está bom agora pode não estar amanhã se não houver um princípio, um dispositivo mais firme, incontestável, regulando as nossas ações.

— Você vai requerer... a guarda de João. É isso?

Se dependesse de Breno, era isso que eu deveria fazer, requerer a guarda provisória e imediata dele. Não era fácil tirar um filho da mãe, legalmente eu sabia que havia todo um conjunto de circunstâncias que mostravam que Diana era totalmente capaz de cuidar do filho, ele estava bem, e claramente era uma criança saudável, em perfeitas condições de vida.

Todavia, Breno entendia que eu poderia usar todos os meus recursos para conseguir ficar com ele, além do fato de ter tido negado o direito à paternidade como um forte argumento para brigar em igualdade de condições por João, então, eu realmente tinha elementos para iniciar uma boa briga se quisesse. Mas eu não queria, porque quem ganharia com isso? Ninguém. Eu não queria afastar João da mãe, só queria me aproximar dele em igualdade de condições, aquilo estava muito claro *pra* mim.

Breno inclusive quisera montar todo um quadro onde eu poderia alegar uma infinidade de coisas contra Diana, e me perguntou se ela era promíscua ou coisas do tipo. Claro que eu sabia que ele achava que estava me defendendo e fazendo o trabalho dele — e não sabia sobre outros aspectos da minha relação com ela, mas o olhar que eu lhe dei foi o suficiente para fazê-lo calar-se, e depois mudar a linha de argumentação. Depois de muita discussão, e ele me acusar de estar pensando apenas com a cabeça de baixo, chegamos a uma definição.

— Eu vou entrar com um pedido de guarda compartilhada, Diana. Imediatamente. Tudo que nós decidirmos entre nós, em consenso, as regras informais que nós estabelecermos, os acordos de convivência para ele, nada disso tem valor jurídico. Isso é absolutamente necessário, tendo em vista que existem questões práticas sobre João que nós precisamos pensar, tais como despesas, moradia, tudo. Essas coisas precisam ser regularizadas.

Diana estava olhando para o tapete, ouvindo, muito quieta. Então

assentiu, voltando a me encarar.

— Certo, eu... li, pesquisei sobre isso antes de vir. Sei que é uma possibilidade, e na verdade, *pra* ser bem sincera, como eu disse que seria com você... — Ela pegou uma almofada e apertou-a, depois respirou fundo antes de continuar. — Essa era a melhor alternativa que eu poderia esperar, levando... tudo em conta.

Assimilei aquela confissão dela, mas não disse nada. Eu estava preparado para facilitar as coisas por causa de João? Sim. Eu estava ensandecido de vontade de me afundar em Diana novamente? Sim, também. Eu confiava nela e a perdoaria? Com certeza não. Então, apesar do que meu amigo e advogado especialista em família achava, não era apenas o meu pau que estava guiando as minhas ações.

— Que bom que você compreende, porque, Diana, por mais que a gente queira entrar em acordo, eu não posso simplesmente confiar que você vá cumprir um tipo de acerto informal comigo.

— Você acha que eu posso sumir com João.

Estreitei meus olhos para ela.

— Surpreende você se eu cogitar que sim?

Ela hesitou.

— Não, eu já disse que sei bem o que esperar, e você está certo em se resguardar. Então... é isso, fique à vontade para achar o que quiser.

— Mesmo se a minha decisão fosse outra, como brigar pela guarda total dele, você não fugiria? — Eu quis saber, atento. Ela me encarava sem pestanejar.

— Não. Eu iria lutar da melhor forma que eu pudesse com todas as armas que possuo, buscaria ajuda, faria qualquer coisa para não perder meu filho, mas não, eu não fugiria.

Ficamos nos encarando sem dizer nada, até que eu passei a mão no cabelo, exasperado, e olhei para a direção do quarto, mas João realmente tinha ido há poucos segundos antes que sentássemos para conversar.

— Bom, antes disso, de pedir a guarda compartilhada, no entanto, eu vou precisar de um exame de DNA.

Eu não tinha dúvidas reais sobre a paternidade de João, eu podia ver que ele era meu filho de formas que iam além da aparência física, e para um cara racional e prático como eu, isso era particularmente impressionante. Ainda assim, eu observei a reação de Diana atentamente ao que eu tinha dito. Ela me encarou em silêncio por um instante, depois fez um gesto positivo.

— Eu disse a você que estava bem com isso, Diego, e entendo que é necessário para todas essas questões legais que precisam ser resolvidas. Se eu estou bem com o cara que fez um filho comigo duvidando da paternidade dele?

Talvez não. Mas se é necessário, então apenas siga adiante...

— Diego! — A voz de João nos alcançou, e eu olhei para Diana meio em pânico, mas assim que ele chegou ao meu lado, sorria amplamente, abraçado com uma baleia de pelúcia que eu tinha achado particularmente engraçada, quando estava comprando os brinquedos. Suspirei de alívio e sorri *pra* ele. — Eu gostei dela, desta baleia.

— E do que você não gostou, João? — Diana sorriu, relaxada, e ele pareceu pensar sobre isso, então deu de ombros.

— Eu gostei de todos, mãe. Diego, posso chamar essa baleia de Buba?

— Buba? É um ótimo nome, pode sim.

— E o dono da Buba não está com fome? Que tal um lanche? — Diana sugeriu.

— Ah, não, mãe! Não quero.

João fez uma careta, e eu lembrei de quando Marcos era criança e fazia algo parecido com aquilo, ele detestava comer, e era sempre uma briga para que mamãe conseguisse alimentá-lo. Mas como ele já era um pequeno idiota — não que o meu filho fosse, mas Marcos era — eu talvez tivesse uma ideia. Observei a cena e pus a mão no ombro dele, gentilmente.

— Eu acho que a Buba, o sapo...

— Papo. O nome dele é Papo — João me informou.

— Isso, o Papo, e todos aqueles brinquedos ali dentro, não querem um dono fraquinho, que nem pode brincar com eles. Se você não comer, é isso que vai acontecer, então, como vai poder brincar com todos eles?

João piscou, e franziu as sobrancelhas *pra* mim. Ah, não, eu fiz alguma merda, não foi? Não devia ter dito isso? Olhei para Diana e ela tentava esconder um sorriso, apertando os lábios enquanto olhava para nós dois.

— Eu acho que vou comer... só um pouquinho, mamãe.

Sorri de puro alívio, e ele riu e foi saltitando de volta para os brinquedos com a baleia nas mãos.

— Eu comprei algumas coisas para ele comer também, Diana... veja o que ele gosta e na próxima vez você me diz o que comprar, não achei que vocês estariam acordados quando fui ao supermercado, então preferi não ligar.

Ela franziu o cenho.

— *Me diga* uma coisa, Diego, você chegou a dormir alguma vez desde ontem?

Ela estava preocupada com isso?

— Sim, eu dormi um pouco, sim.

Ela pareceu não acreditar, mas não retrucou. Depois que estávamos seguros que ele estava no quarto, eu retomei.

— Então, algumas outras providências precisam ser tomadas, como o processo de inclusão do meu nome na certidão de nascimento, o reconhecimento de filiação, e claro, vamos precisar levar um acordo ao juiz para ser homologado, o que facilita tudo. Isso, na verdade, é uma forma de me resguardar e garantir os direitos dele também.

— Sim, eu entendo tudo isso.

— Ótimo.

— Ok, então você vai entrar com o pedido de guarda compartilhada... mas nesse caso há uma casa em que a criança vive e outra que ela visita regularmente, não é isso? — Diana me lançou um olhar agudo e eu concordei, sabendo bem aonde ela queria chegar. — E você acabou de afirmar que o João vai morar aqui.

— O que você não entendeu?

— A parte que a gente entrou em acordo sobre isso. Não lembro.

— Eu já tinha dito a você que não é viável que o meu filho viva em um local em que vocês contam com a generosidade do seu padrasto para viver lá, enquanto eu vivo aqui sozinho. E tenho uma outra casa fechada que vocês poderiam viver também, mas aqui é mais perto para escola, hospitais, tudo. Eu já tinha dito a você... — Abaixei mais o tom de voz. — Que eu queria estar o mais próximo possível dele. Não vou ficar fazendo visitas ocasionais no seu apartamento quando tenho como oferecer meios para que o meu filho viva melhor.

Diana deu a entender que ia retrucar, então levou as mãos às têmporas e respirou fundo.

— Diego, eu sei, entendo isso também, perfeitamente, eu só gostaria que você pelo menos não dissesse ao João antes mesmo de falar comigo.

Eu me curvei para frente para que ela me ouvisse.

— E eu gostaria de ter sido comunicado que tinha um filho anos atrás, mas parece que não conseguimos sempre o que queremos — sussurrei, apertando minha mandíbula. — E além do mais, eu pretendo alegar no pedido da guarda e apresentar ao juiz que tenho como prover a moradia de vocês. O que você acha que vai acontecer?

Diana apertou os lábios, respirando pesadamente agora. Eu prometi levar tudo da melhor forma, mas não ia ceder um milímetro naquela questão. Um mísero milímetro.

— Eu acho que você vai conseguir, é isso que eu acho que vai acontecer. E sim, você está certo, não conseguimos o que queremos sempre, mas só me diga uma coisa: é assim que vai ser? Você acha que vai decidir e pronto, está feito? É isso?

Eu soltei o ar lentamente e voltei a me encostar no sofá, cruzando os braços.

— Não, mas também não vou recuar em alguns pontos relativos a minha convivência com ele.

— Ótimo, porque eu não vou aceitar isso. Por mais que eu tenha errado e você tenha razão, não pense em me tratar como um fantoche, Diego. Passa pela sua cabeça que eu vou aceitar pacificamente?

— Não, mas todo o nosso acordo em relação a João está condicionado a isso: vocês moram comigo ou moram onde eu possa ter acesso melhor ao meu filho. Isso é inegociável *pra* mim. Não precisa ser amanhã, nem depois, podemos ir conversando com ele, explicando, mas vai acontecer.

— Ou seja, é uma exigência.

— Eu me dou ao direito de fazer algumas. Estou te dizendo antes, no entanto, te dando a possibilidade de decidir, eu não tive a mesma cortesia vinda de você quando ele nasceu — eu murmurei, porque precisava deixar aquele ponto claro, muito claro *pra* ela. Diana manteve o olhar preso no meu por segundos, como se estivesse se debatendo internamente com a questão, estreitando os olhos e balançando a cabeça.

— Obrigada, eu vou usar a cortesia para pensar um pouco sobre isso. Nos falamos mais tarde?

Assenti, e ela saiu. Parece que as amenidades tinham acabado de ir embora pelo ralo.



Depois que Diana saiu acompanhada de João que tinha vindo do quarto segundos depois, eu ainda fiquei uns minutos sentado lá, a cabeça no espaldar do sofá, olhando para cima. Era muito provável que eu estivesse misturando as coisas, a minha atração sexual por Diana com a necessidade de ficar próximo ao meu filho. Não devia ser tão difícil separar as coisas, na verdade eu não sabia se queria mesmo separar, não agora. Ia explorar o que me atraía para Diana devidamente. Mas e quando aquilo talvez não desse mais certo?

E quando as coisas ficassem complicadas ou os papéis que ela estava exercendo agora comesçassem a se distinguir mais nitidamente? Porque no momento ela era a mãe do meu filho e a mulher que estava me deixando louco de desejo, tudo ao mesmo tempo. O problema era que eu não estava enxergando mais além, não estava vendo naquele momento um "depois". Isso podia virar uma complicação dos diabos, e eu, que nunca gostei de complicações, estava

conscientemente trazendo uma para a minha vida, por pura necessidade de satisfazer um desejo sexual insano.

Quando finalmente saí do sofá, fui em busca dos dois e encontrei-os no quarto, sentados na cama — alguns brinquedos tinham sido postos no tapete no chão para dar espaço — e Diana auxiliava João a comer algo que me parecia frutas cortadas com um iogurte ou algo assim, enquanto ele fazia umas caretas.

— O que foi que você prometeu? — ela estava dizendo com uma voz firme.

— Mas, mãe...

— Nada de "mas mãe", João Pedro.

Uma bocada nada animada, então ele levantou a cabeça e me olhou na entrada no quarto, e Diana também. Fiz um sinal de ok quando ele engoliu outra, e ele sorriu. Tentei ler a expressão de Diana, mas ela me parecia ilegível naquele momento em relação ao que tínhamos conversado antes, no máximo estava focada ali, naquele momento.

Eu ainda estava observando-os juntos naquele momento, sorrindo de algo que João dissera, quando o meu celular tocou no meu bolso, cortando a minha atenção da cena. Verifiquei a chamada e xinguei entrementes quando notei o nome de Fabíola na tela. *Porra, justo agora?* Eu deveria falar com ela logo, ela merecia uma explicação do que estava acontecendo na minha vida, sem falar que não era justo com ela estar louco para ir para a cama com Diana e mantê-la em algo que ela achava que estava se encaminhando para um relacionamento, mas não estava. Eu apreciava a companhia de Fabíola em alguns momentos, mas não poderia dizer que o que tínhamos era algo que fosse realmente mudar de status no futuro.

Então eu tinha pensado em conversar com ela em algum momento no fim de semana, mas acabei mudando as coisas e preferindo trazer João e Diana *pra cá*. Agora, era ter que lidar com isso da melhor forma possível. Me afastei do quarto, porque eu não era estúpido nem nada, e atendi a caminho da cozinha.

— Alô.

— *Diego, tudo bem?* — Sua voz parecia hesitante e eu sabia que ela estava estranhando eu não ter ligado quando disse que ligaria para conversar com ela.

— Oi, Fabíola, tudo bem.

— *Que ótimo, então... nós tínhamos, hum, algo programado, não era? Ou eu me equivoquei?*

Eu passei a mão na nuca e fiquei parado de frente para as grandes portas de vidro da varanda, olhando para fora, elaborando uma resposta que pudesse ser boa o suficiente para isso. E não, não tinha uma boa o suficiente, então eu ia

ficar com a possível.

— Não, você está certa, eu pensei que pudesse conversar hoje, mas... Fabíola, eu vou ser sincero, não é legal ter que estar cancelando e agindo assim com você, e eu tenho realmente uma explicação para isso, só não acho que ela deva ser dada por telefone.

Silêncio do outro lado da linha por alguns segundos e eu aguardei, até que ela voltasse a falar.

— *Sim, você deve estar muito ocupado, Diego, eu compreendo perfeitamente.*

Franzi a testa para o tom leve que ela usou. Ela não tinha entendido o que eu estava sinalizando? Porra, aquilo era pior do que se ela tivesse ficado zangada comigo, porque eu tinha a impressão que com ela sendo compreensiva assim seria mais embaraçoso do que eu previa.

— Na verdade, eu não estaria sendo sincero se dissesse que é apenas trabalho, Fabíola, se você me entende, então, preciso mesmo conversar e explicar algumas coisas para você. Posso te encontrar durante a semana para um almoço?

Novo silêncio, um pouco mais prolongado do que o anterior, antes que ela retomasse a conversa.

— *Claro, podemos sim. Você me liga? Podemos ir...*

— Diego! Eu comi quaaase tudo, vou ficar forte, não vou? — Ouvi a voz de João e me virei, encontrando-o apenas com a bermuda, perto de mim e Diana mais atrás, parada com a camisa dele nas mãos. Apenas ótimo.

— Só um instante, por favor, sim? — eu disse ao telefone. Não era como se eu estivesse escondendo algo, mas não quis dizer o nome dela para que Diana ouvisse.

— *Diego... é a voz de uma criança?* — Fabíola estava perguntando enquanto eu afastava o celular um pouco. Sentei e fiz um sinal para ele, que veio e ficou perto de mim. Então, dei um beijo carinhoso em sua testa.

— Você vai ficar muito forte, pode apostar, mas para isso precisa comer o que a sua mãe disser, ok?

Ele fez um sinal de positivo meio hesitante, como se estivesse pensando nos reflexos daquela promessa, e eu achei engraçado. Em vez de sair correndo para brincar, no entanto, João subiu no sofá e começou a fazer o espalдар de pista de corrida para um carrinho que tinha nas mãos. Olhei para Diana que resolveu sentar novamente e cruzou as pernas, mas sem me lançar um olhar, falando com João. Merda. Pus o celular novamente no ouvido, fechando os olhos de impaciência.

— Olá, estou de volta.

— *Diego, o que está acontecendo? Tem uma criança com você e você não pode falar comigo, é isso?* — Agora sim Fabíola tinha demonstrado irritação na voz. E João escolheu aquele momento para dar uma grande risada já que Diana estava fazendo cócegas nele.

— Basicamente, sim, é isso. Eu vou precisar falar com você em outro momento, se você não se importar.

— *Por que eu me importaria?* — ela retrucou, então ouvi seu suspiro do outro lado e sua voz mais controlada voltar. — *Tudo bem, me diga quando podemos nos ver.*

— Tudo bem.

— *Um beijo, Diego.*

Limpei a garganta e olhei para os dois no sofá. E agora Diana estava me olhando diretamente com João deitado em seu colo mexendo em seu cabelo.

— Sim. Nos falamos depois, então. — eu disse, incomodado com a situação toda. Devia ter feito isso no dia anterior, chamado Fabíola para uma conversa, ter saído para almoçar com ela. Mas o que fiz foi ir até a sala de Eduardo para ver como as coisas estavam por lá. Para ver como ele estava lidando com Diana, essa que era a verdade, eu precisava admitir. E agora estava com aquele pepino nas mãos.

Agora, depois que Fabíola desligou, eu deixei o celular de lado, imaginando que aquele timing tinha sido uma porra completa.



Muito mais tarde, depois de pular um pouco, João tinha resolvido assistir desenhos, e ficou muito quieto deitado em almofadas na sala ao meu lado, dando risadas de vez em quando, reagindo ao que estava vendo. Eu sorria de uma coisa ou outra com ele, mas minha mente estava girando em torno da minha convivência com Diana e dos problemas que poderiam advir dali. Nada que fosse me fazer desistir de tê-la novamente.

Diana tinha levado as coisas deles para o quarto de hóspedes ao lado do meu, pois era o que eu disse na frente de João, por enquanto. O que estava acontecendo entre nós não estava claro o suficiente para nós mesmos, imagina para a cabeça de um garoto de cinco anos, mas íamos pensar melhor sobre aquilo.

Mais de uma hora depois, e após mais algumas risadas, João acabou se recostando em mim e dormiu, um pouco por causa de um remédio para alergia que Diana havia dado a ele mais cedo quando ele começou a tossir um pouco.

Peguei-o com cuidado no colo e levei-o em direção ao quarto. Ela estava escrevendo no celular, sentada na beira da cama muito concentrada quando eu cheguei, e apenas pôs o celular de lado e reposicionou os travesseiros quando deposei um João profundamente adormecido na cama.

Evitei me incomodar com o fato de que ela estava mandando mensagens para alguém em segredo no quarto. Não deu certo, e me perguntei sobre isso enquanto saíamos em silêncio, Diana com o celular na mão. Mas claro que eu não perguntaria sobre nada disso, não era um babaca, eu mesmo tinha estado em um telefonema com uma mulher mais cedo, no entanto a curiosidade, apenas sobre quem poderia ser estava me queimando.

— Você quer comer alguma coisa? Posso pedir — perguntei, em vez de tentar sanar minha curiosidade.

— Não, tem muita comida aí ainda... a não ser que você queira algo diferente... — Diana deu de ombros, foi em direção a cozinha, e eu a segui com as mãos nos bolsos.

— Na verdade, não. Só não queria que você tivesse o trabalho de fazer algo...

— E quem disse que eu iria fazer? Eu estava esperando que você fizesse. — Ela voltou-se, uma sobrancelha arqueada. Eu franzi a testa.

— Lamento, mas, realmente, eu peço comida quando estou em casa porque...

— Relaxa, só estou te provocando.

Apertei os olhos e ela deu de ombros.

— Eu gosto de cozinhar, na verdade. Se precisar, eu faço algo, não vai ser um problema — Diana afirmou, virando-se, cruzando os braços. Eu fiquei de frente para ela, imitando seu gesto. Sabia que estávamos entrando no segundo round e queria tirar logo algumas coisas do caminho. Pus os meus óculos sobre a bancada e passei a mão no rosto.

— O que você decidiu?

— Olha, eu não sou uma louca, Diego, apesar de que *pra* você talvez todas as evidências apontem para o contrário. Eu... não posso dizer que mudei da água para o vinho, mas minhas prioridades na vida, claro, incluem o bem-estar do João Pedro. Sempre. Eu não tenho o seu dinheiro...

— Eu não estou...

— *Me deixa* continuar, por favor.

— Certo. Desculpe. Continue.

Ela respirou fundo.

— Eu não tenho como brigar em pé de igualdade com você, isso está muito claro, mas brigaria se precisasse. Mas não vai ser preciso, pelo menos não

por isso. Eu vejo que você quer estar perto dele, e pode prover, sim todo o bem-estar que ele precisa, que ele tem direito, e que eu acabei privando-o disso esse tempo todo, ao não dizer que ele era seu filho. O que você considera melhor para ele, morar com você aqui?

Eu fiquei observando-a, e tinha que admitir, meio surpreso. Eu imaginava mais estresse e talvez mais discussão. Mas aquela ponderação toda, de certo modo, eu não associei com Diana. Balancei a cabeça.

— Eu preferia que ele morasse aqui. A sua avó, Diana, precisamos pensar sobre ela, ela viria ou iria continuar com o seu amigo?

— James é como um neto *pra* ela, Diego.

Eu não disse nada. Ela queria que eu dissesse algo sobre essa declaração? Diana continuou.

— A vovó não vai ficar. Ela veio para me ajudar a me ajustar, a ficar com o João, mas a vida dela é lá com mamãe. Mais alguns dias e ela vai estar de volta a São Paulo.

— Ok. Enquanto isso, ela é bem-vinda sempre que quiser.

Diana assentiu com um sorriso leve.

— Obrigada. Muito bem. Agora, a outra pergunta que nos leva para um nível acima nessa história toda. — Diana ajeitou uma mecha do cabelo que tinha soltado atrás da orelha, e eu acompanhei o gesto. — A minha vinda estaria inclusa no pacote que você está montando? Porque eu não vou me separar dele, você sabe.

— Sim. — Não tinha o que pensar sobre isso, realmente. — Eu estou falando de vocês dois. Você achava que não?

— Ok. E isto significa que aqui as coisas começam a ficar mais... interessantes, já que você diz que quer que a gente continue de onde parou anos atrás. O que exatamente isso significa, Diego? Porque essa decisão de morar com você realmente vai interferir em várias coisas. A presença de João torna tudo mais complexo, você já pensou nisso? O que diremos a ele? Ele é criança e pode sei lá, confundir tudo, achar que é uma outra coisa... enfim. Já pensou nisso de verdade?

Eu tinha pensado. Talvez não como ela estava colocando agora, mas tinha pensado sobre aquilo, obviamente.

— Significa que a gente já chegou à conclusão que isso — apontei um dedo indo e voltando entre nós dois, avançando para ela, incapaz de me segurar por mais tempo — não dá *pra* ignorar. Não quero ignorar, então, somos inteligentes, adultos, vamos dar um jeito de nos entender e pensar sobre o melhor para dizer a ele.

— Nesse aspecto a gente se entende bem, Diego, desde a primeira vez...

— A voz de Diana baixou uma oitava quando ela viu que eu me aproximava. Ela realmente era tão afetada por mim quanto eu me sentia por ela, aquilo era inegável. — O problema entre a gente está nos outros aspectos, pelo jeito.

— Perfeito. A gente começa pelo que está dando certo, então... — murmurei, abaixando a cabeça, roçando seus lábios com os meus muito levemente, puxando com os dentes o seu lábio inferior. Diana gemeu e passou os braços pelo meu pescoço, e eu adorei o fato de que ela nem pensava em esconder que me queria também. Eu sabia que estava ignorando o apelo da razão e que a disposição de conversar sobre um monte de coisa não era exatamente o que estava pensando pela minha cabeça agora. Não agora. Suguei seus lábios demoradamente, pegando seu suspiro com a minha boca, e me afastei de novo para olhar em seus olhos ardentes.

— Fingir que não queremos ter sexo um com o outro não é uma possibilidade, não é? — perguntei baixinho em seu ouvido, ainda assim, puxando-a para o meu corpo. Senti sua língua quente sair e me dar uma lambidinha no queixo, vagarosa. Porra. Isso me tinha imediatamente mais duro.

— Não, não é uma possibilidade. Mas não quer dizer que as coisas não vão se complicar ainda mais — Diana sussurrou no meu ouvido, ficando na ponta dos pés, os dedos no meu pescoço e segurando meus cabelos.

— Ou talvez a gente só ache um jeito de acertar tudo.

— Sim, mas quem se importa com isso agora? — ela revidou, fechando os olhos com um gemido engatado quando mordeu seu queixo.

— Certamente, não eu — grunhi, levantando-a pela bunda e a colocando sentada sobre o balcão que circulava a cozinha. A posição era a mesma em que a tive na mesa da boate, e aquilo incendiou partes do meu cérebro com as imagens que começaram a rolar por mim.

— Eu quero você... *pra* que eu vou mentir sobre isso? — Diana fechou os olhos, parecendo ficar muito mais maleável nas minhas mãos quando apertei sua cintura e fui subindo a barra da sua camiseta. — Mas me incomoda a sua ideia de achar que pode mandar em mim. Não pode, Diego, *tá* legal?

Parei por um momento, depois retomei a minha exploração da pele macia da sua cintura, meus polegares desenhando padrões desconexos, subindo, sentindo seus seios pressionados no meu peito. A sensação era perfeita.

— Eu não disse que quero mandar em você. — Dispensei a ideia mordiscando o lóbulo da sua orelha. — Pelo menos não fora da cama... ainda posso mandar em você lá?

Diana parou por um instante, então buscou meu olhar e foda-se se a mordida de lado naquele lábio e a indicação de sorriso no rosto dela não me excitava mais. Eu estava ficando impaciente.

— É o único lugar que eu terei o maior prazer em aceitar isso, só *pra* você saber... — ela afirmou, pegando a barra da minha camisa e subindo pelo meu peito, rápido, e eu ajudei-a a me livrar da peça. — Você ainda gosta de mandar, não é? Então, eu lembro disso... Vagamente.

— Vagamente? Vou ter que refrescar sua memória, então.

— Por favor...

Puxei-a do balcão e a levei carregada para o quarto, sentindo a risada dela no meu pescoço e as suas pernas enroladas firmemente em volta da minha cintura.

— Direto *pra* cama desta vez? — Diana questionou, provocando-me com a língua, desenhando círculos lentos no meu pescoço.

— Sua mentirosa, você lembra mais do que vagamente de algumas coisas.

Assim que chegamos ao meu quarto, eu parei. E gemi de pura frustração. A cama ainda estava tomada de brinquedos que se espalhavam agora por todos os lados, até na minha poltrona de leitura. Diana virou o pescoço para olhar a cena e riu.

— Bem-vindo ao mundo de uma criança. Tem muito mais ainda.

— E eu não queria um apartamento de três quartos antes. Graças a Deus e a mamãe, que me convenceu disso — murmurei, dando meia volta e indo para o outro quarto de hóspedes, afastando também rapidamente o pensamento da minha mãe e sexo no mesmo contexto. — Por falar nisso, o João... ele tem o sono leve, você disse?

— Ele tem, mas esse remédio costuma deixá-lo com o sono um pouquinho mais pesado que o normal — Diana explicou e deu de ombros. — Acho que temos um tempinho. E Diego...

Cheguei ao quarto e caminhei com ela em direção a cama.

— Sim?

— Acho que precisamos dosar o barulho também... você sabe. — Ela sorriu enquanto eu a depositava na cama.

— Então tente não gritar muito alto enquanto eu estiver comendo você.

Capítulo 15

TIRA. A. PORRA. DA. CALCINHA

Diego 

Ver Diana novamente em uma cama — a porra da minha cama — depois daquela primeira e única noite, com aquele fogo de desejo ardendo no olhar voltado diretamente para mim estava me deixando meio instável. Me debrucei parcialmente sobre ela, explorando-a, meus dedos expondo sua barriga à medida que levantava a sua blusa.

— De quanto tempo você acha que estamos falando antes que João bata naquela porta? — sussurrei, a boca colada em sua pele morna, provocando-a com lambidas e a pressão dos meus lábios em sua pele. Diana suspirou e arranhou um pouco meu couro cabeludo com as unhas, segurando meus cabelos, fazendo minha própria pele arrepiar em resposta.

— Isso é imprevisível, Diego, mesmo com o efeito do remédio e... Ainnn... — Ela ofegou quando arrastei o cós dos seus shorts para baixo e mordisquei o seu quadril, meus olhos varrendo as letras da sua tatuagem nas costelas como eu fiz anos atrás. Despi-la completamente tinha se mostrado um exercício de revelações excitantes antes, e parecia que aquilo não tinha mudado, a julgar pela nova tatuagem no seio e pelo piercing.

— Certo, vamos jogar com o que temos — decretei, subindo de volta por seu corpo, puxando a sua camisa pela cabeça mais rápido do que eu teria feito se as circunstâncias fossem outras. Aproveitei e enfiei as mãos em seus cabelos desmanchando tudo e o soltando.

— Esse é o espírito com uma criança em casa, vá se acostumando com isso... — ela murmurou enquanto eu enfiava o rosto no espaço entre os seus seios, aspirando seu cheiro e movimentando o meu nariz de um lado a outro pela carne que escapava no topo do seu sutiã preto. Diana explorava meus ombros e meu peito, acariciando meus pelos e enviando ondas de prazer pelo meu corpo.

— Você tem algo contra duro e rápido agora? Prometo lento depois. Teremos tempo — ofereci, as simples palavras quase me fazendo gemer em agonia. Sim, ela iria morar comigo e tempo para que nós fizéssemos tudo que eu estava pensando era o que não iria faltar. Pelo menos eu achava que sim. Meu pau pulsava ao ritmo da minha respiração acelerada, louco para sair dos limites da minha roupa e testar todas as possibilidades que a minha mente estava produzindo.

— Ah, Deus, não, nada contra, por favor... É perfeito. — Ela gemeu, ansiosa, e meu controle, que já estava por um fio, foi definitivamente minado quando eu busquei sua boca para um beijo ávido, e Diana enrolou a as pernas em volta dos meus quadris, pressionando-se contra a minha ereção, o calor entre as suas pernas deixando-me cada vez mais duro.

Explorei sua boca com a minha com voracidade sugando a sua língua, deliciando-me com o seu gosto, a maciez dos seus lábios, mas deliciando-me ainda mais com a fome e o desejo que refletia o meu, perceptível na forma como Diana pressionou o meu pescoço para desfrutar mais do nosso beijo. Das nossas línguas conectadas. Dos nossos corpos ansiosos para estarem mais intimamente ligados.

Descolei nossos lábios e comecei a puxar o seu short para baixo, Diana facilitando ao levantar o corpo do colchão para que a peça deslizasse por suas pernas. Sua calcinha preta era uma visão tentadora, mas tenho certeza que não tanto quanto o que ela estava ocultando.

— Linda... — Escapou dos meus lábios enquanto eu tracei a linha superior da sua calcinha com o nariz, depois com a língua, e senti o corpo de Diana enrijecer de leve. Estranhando aquilo, olhei para cima para encontrar seus olhos abertos fixos em mim, mas ela não disse nada.

Continuei a exploração, e quando afastei com os dedos o cós da sua calcinha para baixo, entendi o motivo do seu ligeiro desconforto. Diana segurou a minha cabeça e manteve o olhar no meu, apoiando-se nos cotovelos para me observar, mas podia sentir que ela não estava totalmente à vontade e no controle como costumava estar. Então, olhei para o provável motivo: a fina cicatriz horizontal, levemente esbranquiçada, que marcava a parte baixa do seu abdômen.

E puta que pariu, não estava nada preparado para o impacto de olhar para aquela marca no corpo dela. Nunca tinha visto uma no corpo de nenhuma das mulheres com as quais fui *pra* cama, na verdade, mas eu não era um idiota. Nem que eu quisesse poderia evitar o calor que tomou conta do meu peito quando eu compreendi totalmente o significado daquilo, e engoli o nó se formando na minha garganta. Não era a mesma coisa que ignorar uma tatuagem para que eu não ficasse abalado como eu fiz antes, então, passei o meu dedo indicador sobre ela, bem lentamente, seguindo o seu contorno, a leve e quase imperceptível sinuosidade. Aquela era a marca do nascimento de João, e foda-se se não era a marca mais bonita gravada no corpo dela. Diana estava de alguma forma incomodada com aquilo? Como se a deixasse imperfeita? Nunca.

— É uma...

— Eu sei. E é linda... — Com meu olhar travado no dela beijei a cicatriz.

Nem sei por que diabos eu fiz isso, mas fiz. E algo muito cru e intenso passou por nós dois me deixando de alguma forma vulnerável, que era tudo que eu menos queria. Não queria, mas sentir do mesmo jeito. Diana entreabriu os lábios, seus olhos repletos de uma emoção que parecia não ter conotação sexual, e também senti a forma como seu corpo pareceu estremecer ao me observar. Merda.

Desviei meu olhar e subi com meus beijos novamente. Aquele momento não era o tipo de coisa que a gente iria partilhar na cama, então, eu precisava voltar a me concentrar no que era seguro com ela. Ainda a segurando pelos quadris com firmeza usei a minha língua para traçar uma linha de beijos úmidos pela sua barriga até chegar aos seios ainda cobertos pelo sutiã. E por que mesmo? Combinamos rápido e duro, não foi? Eu queria ter todo o tempo do mundo para explorar com minúcia de detalhes cada pedacinho do corpo de Diana mas, mais uma vez, não tínhamos tudo que queríamos.

Levei as mãos às suas costas para soltar o fecho do sutiã, o que eu consegui com relativa simplicidade enquanto voltava a beijá-la. A peça foi jogada longe, e eu abaixei o rosto para apreciar o espetáculo dos seus seios livres, macios e naturais, os mamilos enrijecidos, o piercing atravessado em um deles. Aquela tatuagem com o nome de João acima do seu seio atraindo o meu olhar e a minha curiosidade, algo que eu satisfaria depois.

Usei ambas as mãos para massageá-los e esfregar os mamilos duros em círculos, enquanto pegava os ofegos rápidos e gemidos que saíam dos lábios de Diana.

— Novo teste de pressão — avisei, descendo a boca para os seus seios. Ela abriu os olhos, meio confusa.

— Novo... O quê?

Eu respondi a sua pergunta puxando bem devagar com os dentes o mamilo perfurado, a frieza do aço novamente excitante em contato com a minha língua quente e úmida. Diana agarrou meu cabelo e puxou, deixando sair um gemido doloroso e longo quando eu mudei da mordida para sacudidas ligeiras no bico com a minha língua. E depois lambi demoradamente apreciando seu gosto.

Diana levantou os quadris, encontrando a minha dureza, esfregando-se em mim, nossos corpos encaixando-se de maneira perfeita. Não tão perfeita ainda, claro, para isso eu precisava estar dentro dela. O que fez com que eu lembrasse de algo.

— Preservativos. Vou buscar — eu disse, mas em vez disso passei para o outro seio e repeti todo o delicioso processo. Eu era bom com processos, então, fiz com que ela apreciasse isso, sugando os bicos deliciosos ora com força ora com delicadeza. Fui recompensado com seus sons inarticulados, repletos de

desejo pedindo por mais.

— Vá — Diana choramingou quando eu aumentei o ritmo com a língua em seus mamilos ao mesmo tempo em que descia uma mão e a enchia com a carne da sua bunda, apertando. Caralho, eu ia explodir de tesão. Precisava pegar aquela camisinha, porque com o nosso histórico... não dava para vacilar.

Deixei Diana apenas de calcinha na cama, os cabelos vermelhos espalhados, as pálpebras pesadas. Me afastei rápido em direção ao meu quarto parando por um milésimo de segundo para espiar João ainda profundamente adormecido no quarto ao lado do meu. Graças a Deus.

Voltei mais rápido do que se supunha que eu pudesse andar sem realmente correr, e encontrei Diana virada de costas, agora os seios espremidos no colchão, apoiada nos cotovelos, sua bunda delineada no ar. Ela sorriu quando eu parei a apreciei a visão.

— Estava quase começando sozinha... você demorou — ela provocou, levantando-se. Eu fechei a porta atrás de mim e me aproximei.

— Eu quero te ver começando sozinha depois... porra, quero muito. Não agora. Agora eu vou estar bem aqui e participar de tudo. — Parei na sua frente, ela sentada na borda da cama e segurei-a pelos cabelos. Diana levantou o olhar *pra* mim e imediatamente lembrei da forma como ela me olhou anos atrás na sala de aula, quando tudo aquilo com ela começou a explodir, quando ela começou a abalar meu mundo e eu nem tinha a mais remota ideia de que esse abalo ainda ia durar anos. Estendi a minha mão e ela veio, levantando-se.

Enchi as minhas mãos com a bunda perfeita de Diana, mais perfeita do que antes, como era possível um merda dessa? Procurei seu pescoço e mordi de leve, tirando outro gemido dela, sentindo seus seios esmagados agora contra o meu peito nu. Ela passou os braços pelos meus ombros e esfregou-os mais em meus pelos, e o gemido grave de tesão que escapou agora veio de mim.

Rapidamente, comecei a tirar a minha bermuda, levando a minha cueca junto, continuando a massagear a bunda de Diana. Quando livre-me de ambas, afastando-as com o pé, segurei uma grande porção do cabelo de Diana pelo pescoço e a fiz inclinar a cabeça para mim.

— Rápido e duro, lembra?

— Não me faça implorar por isso, Diego... — ela respondeu, esticando a mão e envolveu o meu pau absolutamente rígido com os dedos. Senti a mandíbula ficar tensa e meu pau reagiu da mesma forma quando eu senti seu aperto leve, sentindo meu batimento cardíaco nas alturas quando ela movimentou a mão. — Por favor, *me diz* que essa porta está trancada.

— Sim, está

Estava na hora de aplicar as regras daquele jogo. Em um só movimento

sentei-me na borda da cama e trouxe Diana para o meio das minhas pernas ainda de pé, de costas *pra* mim. Ela tentou se virar e eu segurei sua bunda e a mantive no lugar. Ela parou. Aquilo me deixava alucinado de tesão. Como ela reagia ao meu comando naquelas situações, exatamente como havia feito antes, e mal conseguíamos conversar direito sem que ela me desafiasse a todo instante? Se era aqui que ela estava disposta a aceitar as minhas ordens, ótimo, eu estava bem com isso. Muito bem.

— Fique como está e tire a sua calcinha — ordenei, ouvindo a própria gravidade da minha voz e a sensação de prazer que me envolveu ao dizer aquilo. Afaguei um lado da sua bunda, circulando a minha mão pela pele macia, pensamentos desvairados atropelando-se na minha mente naquele momento. Coisas que eu tive medo de mostrar e fazer com uma menina de 19 anos, uma aluna, mas que já estavam ali presentes, como uma necessidade que me consumia aos poucos. Agora, no entanto, eu achava que poderia apresentar algumas coisas para Diana, não poderia?

— Hum, mandão novamente? — ela disse, virando apenas o pescoço para olhar para mim. Eu sorri de verdade. Porque ela não sabia de quase nada. Ela não tinha sido devidamente apresentada antes. Segurei meu pau com uma mão e movimenteí-o *pra* cima e *pra* baixo continuando a massagem na sua bunda.

— Você realmente ainda não viu nada. Não hoje, talvez, mas pretendo te mostrar ainda.

— O que...

— Tira. A. Porra. da. Calcinha. Quero você nua *pra* mim. Agora.

Meu tom deixou-a paralisada por um instante e eu quase me arrependi de deixar aquilo vir à tona justo na primeira vez que íamos *pra* cama depois de todo aquele tempo. Não era algo que eu fazia sempre, ou mesmo tinha vontade de deixar transparecer em cada relação sexual que eu tinha. Mas, mais uma vez, Diana parecia extrair aquela merda de essência selvagem e dominadora que havia em mim. Aquilo me assustava e ao mesmo tempo me deixava ligado, era uma sensação atordoante.

Para meu completo alívio e tesão, Diana não questionou e eu quase não acreditei quando ela levou as duas mãos ao cóis da sua calcinha e moveu a bunda sensualmente antes de começar a deslizá-la para baixo por sua bunda e pernas. Em um movimento que quase rouba meu fôlego, ela abaixou-se mais, a bunda no ar quase tocando no meu peito, enquanto tirava a calcinha, a visão da sua boceta lisa e úmida causando um verdadeiro martírio para o meu pau endurecido na minha mão.

— Caralho... Você é gostosa demais — grunhi, duvidando que pudesse

levar aquilo por muito mais tempo antes de precisar me enterrar naquela umidade dela à minha espera. Apenas para mim. Somente para mim.

Diana curvou o pescoço para trás e eu segurei seus cabelos. Era excitante e enlouquecedor vê-los derramados por suas costas nuas e descer o olhar para sua bunda cheia, redonda, gostosa. Pelos movimentos que eu percebia, ela estava tocando os seios, e um gemido de puro tesão saiu como um rugido pela minha garganta.

— Toque-se! — sussurrei.

— Já estou me tocando.

— Mais. Toque seus seios. Puxe seus mamilos — comandeí, aumentando o ritmo da minha mão no meu pau, deslizando. Diana deu um gemidinho de dor ao tocar nos mamilos e o som me perpassou como uma bala, *me fazendo engolir em seco*, meu coração parecendo retumbar.

— Agora, acaricie a sua boceta, bem devagar. Sinta seus dedos nela, deslize. Enfie um dedo. E outro. — Eu mal ouvia a minha própria voz, com o sangue zunindo no meu ouvido. Mas Diana parecia me ouvir bem, porque ela deu um gemido engasgado que pareceu ecoar no meu pau. Eu não ia durar muito assim, porra, não ia. — Está com seu dedo dentro da boceta? Você está molhada *pra* mim?

— S-sim... estou.

— Ótimo. É duro e rápido que você quer?

— Muito duro. Muito...

— Peça, então.

— Ahhh, por favor...

— Eu não ouvi.

— Porra, por favor, Diego, *me fode* duro — ela sussurrou sem nenhuma hesitação agora, e eu senti a sua súplica diretamente nas minhas bolas. Soltei o meu pau para acariciar as bochechas da bunda dela, meus dedos parecendo coçar, a sugestão na ponta da minha língua. Era o momento? Como Diana reagiria a isso? Eu não tinha feito nada parecido na única vez que transamos, apesar de ter sido intenso com ela. Muito.

Apalpei a sua bunda com força, voltando a me masturbar, lentamente.

— Eu vou te foder duro. Mas me diz uma coisa, Diana, o que você acha de um pouco de... dor?

Mais uma vez ela pareceu ficar imóvel por alguns segundos e eu quase me arrependi de ela estar de costas *pra* mim. Queria ter podido ver o seu olhar naquele momento. O silêncio encheu o quarto. Mas só levou mais um instante para que ela me desse a sua resposta.

— Depende... de que tipo de dor você está falando?

Deus, aquela mulher ia ser a minha morte, pensei, sentindo a minha respiração acelerar e o meu pau pulsar mais ainda. Limpei a minha garganta para conseguir falar direito.

— Daquele tipo que se confunde muito com prazer. Que pode até complementá-lo, esse tipo de dor.

Aguardei.

— Não sei, talvez se você me mostrar... — ela disse, um ponto minúsculo de hesitação na sua voz. Eu gostei disso por dois motivos: pelo fato de ela confiar em mim para aquilo, e pelo fato de que se ela estava dizendo daquela forma, havia uma probabilidade muito grande de que ela nunca tivesse experimentado aquilo com ninguém. Ótimo, eu não queria pensar em nada daquilo mesmo.

— Posso dar uma palmada na sua bunda? Se doer você diz e eu paro.

— Puta que pariu, você é um tipo de cara que curte esses lances de espancar a mulher ou algo assim? — Eu quase ri do tom surpreso dela, mas continuei acariciando-a apenas.

— Nada tão drástico assim, posso garantir. Uma palmada. Se você não gostar, não continuo. Prometo.

Diana virou para me olhar, e eu deixei. Ela tinha uma expressão interessada, curiosa... excitada. E não amedrontada ou de repulsa. Então, para o risco completo da minha sanidade ela voltou a virar-se de costas e veio mais para trás, sua bunda muito mais perto de mim.

— Bata em mim, Diego. Bate na minha bunda... e depois me fode.

Caralho. Era oficial, eu estava muito fodido com aquela mulher. Algo como perfeita *pra* mim girou pelo meu cérebro. Sim, podia ser aquilo mesmo. Na cama ela era perfeita.

— Toque-se, Diana. Quero que você esteja muito molhada *pra* mim quando eu foder você.

Encostei a minha testa no meio das suas costas e respirei pesadamente, então voltei a acariciar sua bunda com toques lentos, macios. E sem pensar muito mais na questão, dei uma palmada rápida e estalada em sua bunda, do lado direito, o som cortando o ar, a sensação de prazer, de tê-la sob o meu domínio, ali, fazendo o sangue circular como fogo nas minhas veias.

Diana deu um pulinho, *se retesou* e meu pau vibrou. Eu estava muito excitado e não queria que terminasse antes mesmo de começar, então rangi meus dentes, lutando por controle enquanto passava a mão em uma carícia longa no local onde tinha batido. Não tinha sido forte, não era aquele o lance comigo. Mas o que não era forte *pra* mim talvez fosse para Diana, e desconforto era a última coisa que eu queria que ela sentisse. Apenas tesão.

—Doeu?

— Doe — ela disse com um gemido. Eu franzi o cenho, preocupado.

— Diana...

— Outra vez, Diego, bate do outro lado... — Foi o que ela disse, com a voz baixa e grave, o som excitado, misturado com um gemido. Rapidamente, dei outra palmada naquela bunda perfeita, os dedos bem abertos e o estalo dos meus dedos na sua carne nua foi diretamente seguido pelo seu gemido que misturava dor e prazer, e os dois passaram meu cérebro e foram se alojar no meu pau, minha respiração travando com a intensidade do tesão que me atravessou.

Putá merda. Eu beije o local, excitado além dos limites, muito mais do que estive nas poucas vezes em que me permiti ir adiante com palmadas eróticas com outras mulheres. Muito mais.

— Aí... Diego, por favor, não aguento mais...

— Você gostou que eu batesse na sua bunda? Ficou excitada com esse tipo de dor?

Diana virou apenas o suficiente para pegar a minha mão que estava no seu quadril e levar para frente do seu corpo.

— Isso responde à sua pergunta? — ela sussurrou guiando os meus dedos para seu calor úmido e pulsante. Eu rangi os dentes, soltando alguns palavrões, e aproveitei para mergulhar meu dedo nela, profundamente. Porra, ela estava absolutamente molhada, e eu quase perdi a cabeça ao ouvi-la gemer com meu dedo enterrado nela. Foi difícil, mas retirei meu dedo e ordenei:

— Continue, *se acaricie*, use a outra mão para puxar os seus mamilos.

— Quero ficar de frente.

— Faça o que eu estou dizendo.

Ela não contestou mais, e senti sua respiração pesada ao movimentar as mãos pelos seus seios. Sem poder esperar mais, peguei o preservativo ao meu lado na cama e acomodei a minha ereção nele, rapidamente.

— Vem aqui, e sente-se no meu pau, Diana.

Ela se aproximou ainda de costas, dando apenas uma olhadinha para trás, para o meu pau, talvez verificando se eu tinha uma camisinha em volta dele? Fechei as pernas para que ela pudesse se acomodar melhor e me montar mais livremente, de costas, como eu queria. Eu queria outras coisas também, mas isso não era para agora. Ficariam para depois.

Todo pensamento minimamente racional, no entanto, escapuliu do meu cérebro quando Diana estendeu a mão por trás, *me segurou* e deslizou por toda a minha extensão, e eu afundei em seu calor molhado. Nossos gemidos saíram juntos, quando ela se acomodou completamente em mim, e segurei sua cintura para ajudá-la a manter o equilíbrio.

— Porra... Isso. Assim.— Gemi quando ela levantou um pouco, e para me matar, provavelmente, desceu de novo, mais rápido agora, escorregando no meu pau e me fazendo ranger os dentes. Apreciei a visão a minha frente, *me reclinando* um pouco para trás e passei a estocar duramente nela enquanto Diana subia e descia com ímpeto cada vez maior, gemendo e murmurando coisas que me faziam acelerar e perder o controle.

Voltei a posição inicial, mordiscando seu ombro, enquanto deslizava uma mão pela frente do seu corpo. Diana continuava circulando seu clitóris como eu havia pedido, e fechei os olhos entorpecido de desejo, ao unir a minha mão a sua, tocando-a no mesmo ritmo, nossos dedos juntos buscando o seu prazer.

Nossas respirações ofegantes, as batidas dos nossos corpos, os sons e o cheiro de sexo contribuía para aquela sensação primal, ensandecida que parecia se infiltrar em todos os meus músculos me deixando mais impulsivo. E Diana. E o fato de ser ela ali, exatamente como eu quis por muito tempo, muito mais tempo do que admiti a princípio, talvez. Passei o outro braço pela sua cintura apertando forte, enterrando meu rosto em seus cabelos, e passei a me afundar nela com impulsos cada vez mais duros e rápidos.

— É assim que você quer? Duro assim?

— Sim, assim... não para. Não para...

— Não vou parar. Acaricie seus seios — disse a ela, ofegante, sentindo-a apertar as pernas em torno das minhas, trêmula, e intensifiquei minhas investidas. Diana recostou a cabeça para trás, gemendo, e eu aproveitei seu corpo inclinado contra mim para aumentar a pressão e os movimentos circulares sobre o seu clitóris, enquanto arremetia com mais intensidade, sentindo a pressão se construir nas minhas bolas.

— Ohh, Diego... eu vou gozar...

— Eu sei — grunhi, e me empenhei mais ainda em ambos os movimentos: dos meus dedos e do meu pau para que ela tivesse tudo. Quando senti que ela estava realmente próxima sussurrei no seu ouvido: — Vou te dar outra palmada enquanto você goza.

Ela fez que sim e começou a se desfazer, seu corpo tensionando. Movimentei meus dedos intercalando pressão e leveza, e usei minha mão livre para dar uma palmada rápida em sua bunda enquanto ela gozava, gemendo, tentando não gritar, eu sabia. Caralho. Investi mais duas vezes, sentindo seu aperto engolir meu pau antes de gozar logo em seguida, sentindo o sangue pulsar no meu ouvido. Segurei Diana pela cintura, que parecia desossada e apoiei minha testa em suas costas, respirando pesadamente o aroma dos seus cabelos.



Depois da sessão de sexo eu peguei uma toalha, enrolei em volta da minha cintura e fui espiar João no quarto como Diana pediu. Ele estava se mexendo, mas não acordou. De todo modo, ela recolheu suas roupas e foi rapidamente para o quarto deles depois que a puxei para um beijo rápido.

No banho, sozinho, minutos depois, pensei sobre o que tinha acontecido, e em como estava mais certo de que tínhamos que levar aquilo entre nós adiante. Eu não estava de modo algum pronto para encarar Diana apenas como a mulher com quem eu tinha um filho e deixá-la viver a vida dela. Não quando cada detalhe do que acabamos de fazer estava impresso em minha mente e me fazendo lembrar de que eu queria muito mais. Agora, era ajustar todo o restante para que desse certo. E depois? Aquela voz estava me questionando. Porque era assim que eu era, eu planejava o futuro, eu organizava minha vida, eu estipulava e media minhas ações. Mas agora, eu não estava pensando muito bem em nada daquilo.

Vesti uma camiseta preta e uma bermuda e sai do quarto enxugando os meus cabelos. Passei pela porta do quarto em que João dormia, pensando que teria que providenciar a reforma daquele cômodo para ele, porque ali era apenas um quarto de hóspedes, na verdade.

Diana também tinha acabado de sair do banho e ainda estava enrolada em uma toalha, descalça, os cabelos molhados. Parei e observei-a, e ela arqueou uma sobrancelha *pra* mim, interrogativamente. Eu apenas continuei o meu caminho, um sorriso no rosto. Então, era me obedecendo na cama e sendo rebelde fora dela? Certo.

Fui em busca de um suco na geladeira, e ainda bem que tinha. A sexta pela manhã, a senhora que fazia limpeza e lidava com a comida para Marcos tinha vindo, mas eu sabia que precisava resolver isso e entrar em contato com uma agência. Ainda mais agora com Diana e João ali, eu precisava pensar em como a nossa rotina funcionaria.

Diana me encontrou a caminho da sala com um copo de suco nas mãos. Ela tinha posto uma camisa enorme, azul que parava no meio das suas coxas, os cabelos molhados descendo pelos ombros, e eu me perguntei se tinha algo por baixo. Mas logo outra questão mais séria se infiltrou em minha mente: de quem diabos era uma camisa daquele tamanho?

— João continua dormindo. Se tivéssemos ainda... bom, você sabe, era capaz de ele ir lá bater na porta do quarto. — Ela sorriu. Eu assenti, sério.

— Bonita camisa. É sua?

Diana franziu a testa e olhou para baixo.

— É, sim.

Tomei um gole do meu suco.

— Gostei dela. Só é muito grande *pra* você. Tem certeza que é sua?

Ela riu. Eu continuei sério, mas ela riu e balançou a cabeça.

— Tenho, sim. Eu ganhei da minha mãe, então é minha.

Continuei parado olhando para ela. Diana respirou fundo, depois rolou os olhos em desdém.

— Escuta, é assim que vai ser?

— O quê?

— Isso, assim: você é ciumento, Diego, eu já percebi, ok? Nem se incomode em negar. Mas tem uma coisa pior do que isso e eu queria que você soubesse... — Diana passou por mim, indo para a varanda. Eu a segui. Ela se voltou para mim e disse: — Eu também sou.

Eu absorvi aquilo, e tentei não sorrir ao lembrar da reação dela na boate com a mulher que estava me cantando e oferecendo cerveja. Ela continuou:

— Vamos lá, agora que chegamos neste assunto, tenho algumas questões que precisam ser esclarecidas. Coisa rápida. — Diana sentou-se, encolhendo as pernas como parecia gostar de fazer sempre, parecendo também muito mais jovem e linda daquele jeito simples, os cabelos molhados, uma camisa folgada. Era interessante que ela parecia não se preocupar em estar absolutamente impecável para mim, como todas as mulheres com quem já estive e... Então, parei quando o que ela disse penetrou no meu cérebro e sentei perto dela na outra cadeira.

— Você quer um suco ou alguma outra bebida?

— Não, obrigada. Prefiro conversar.

— Ok.

Que merda vinha dali?

— Eu e João vamos morar aqui, você vai regularizar tudo, nós aparentemente, vamos continuar indo para a cama juntos, ou não?

— Por que você está me perguntando isso? É claro que sim.

— Ok, ótimo. Já disse que funciona *pra* mim.

— Então qual é o problema aqui? — Eu estava começando a ficar irritado com o rumo daquela conversa. O que Diana estava querendo dizer, afinal? — Você não está pronta para algo assim?

Eu vi seu rosto se contorcer de irritação, mas ela não externou isso. Sua voz parecia muito calma quando ela perguntou:

— Estar pronta significa não estar com mais ninguém por aí?

Eu lancei a ela um olhar avaliador, sentindo a tensão se alastrar por meus

músculos. Ela estava falando de mim? Ou dela? Eu nem sabia o que era pior. Sabia sim, era pior ela estar dizendo que poderia ter alguém em São Paulo, talvez. Não importava. Aqui não era a porra de São Paulo, então, qualquer coisa lá estava acabada mesmo.

— Não foi o que eu perguntei, mas já que você trouxe isso à tona, sim, significa isso também.

Diana sorriu. Na verdade, era apenas um ligeiro arquear no canto dos seus lábios, e não tinha nada de divertido. E então... eu senti aquilo vindo antes mesmo que ela perguntasse. Caí na porra de uma armadilha que eu mesmo preparei.

— Ah, ótimo mesmo, não é? Então vamos lá: no momento, não estou com ninguém. Já não estava antes de vir, o que simplifica bastante as coisas. Sua vez. — Ela disse aquilo com uma ênfase e com um gesto de mão eloquente, como se estivesse me incentivando a falar. Eu respirei pesadamente, assimilando rápido as informações de que ela não estava com ninguém antes de vir. Muito bom. Mas antes quanto tempo? Depois eu perguntaria, óbvio.

— Eu, bem, eu estava...

— Estava?

Apoiei o copo sobre a mesa à nossa frente bem lentamente, tentando ganhar tempo mesmo. Eu era a porra de um advogado antes de tudo, aquilo devia valer alguma coisa na hora de tentar argumentar logicamente com alguém. Com uma mulher, eu esperava. Com uma mulher que tinha acabado de dizer que era ciumenta, mais especificamente. Eu gostava de como aquilo soava, mas não gostava de me sentir na berlinda.

— É complicado, mas vai ser resolvido, É... era algo que eu estava iniciando antes de você aparecer, Diana.

Ela concordou com a cabeça.

— Certo. A mulher do jantar que você desmarcou.

— Sim.

— A mesma que ligou mais cedo.

Eu me movi na cadeira, franzindo minha testa e tentando ajustar meus óculos. Mas lembrei que não estava com os óculos desde cedo.

— Sim, a mesma.

— Que merda, você tem uma namorada, então? — Agora Diana estava demonstrado a irritação dela. Seus olhos pareciam ardentes voltados *pra* mim. Era quente.

— Não tecnicamente.

— O quê? Jura que você está vindo com esse jargão *pra* cima de mim, professor?

Estreitei meus olhos com a escolha de palavras. Diana apertou os lábios.

— Eu preciso contar a ela sobre você e João, e deixar claro que nós não podemos ir adiante. Mas Diana, é apenas, complicado, mas não quer dizer que eu não vá resolver isso urgentemente..

Ela juntou as mãos.

— Não é realmente complicado. Quer ficar com ela? Maravilha, mas não fica comigo. Simples assim. Eu posso ter feito umas besteiras na vida, Diego, mas me enfiar em relacionamento de outras pessoas com certeza nunca foi uma delas, então...

Meus dentes estavam cerrados.

— Eu vou resolver isso, já disse. Basta uma conversa. Não sou o tipo de cara que coleciona mulheres ou algo do tipo, você entendeu?

— O que eu sei é: cara comprometido pode ser o pai do meu filho ou não, não vai rolar, Diego. Nunca fiz isso, não vou começar agora.

Eu apertei a ponte do meu nariz.

— Não é assim.

— Você tem apreciação por coisas complicadas? *Pra* mim já basta a nossa situação, não estou entrando em nenhuma porra de triângulo amoroso, pode apostar.

— Não tem triângulo algum, Diana, não diga besteiras. Eu estava começando algo com... a Fabíola, só preciso ter a decência de contar a ela que tenho um filho e que estou envolvido com a mãe dele. Pronto. Resolvido.

Ela cruzou os braços sobre os seios.

— Tudo bem, se você diz. Avise do seu envolvimento comigo.

Eu não disse mais nada, porque realmente não queria entrar em uma discussão desnecessária sobre aquilo, não tinha razão. Então, lembrei de outros tópicos relevantes que precisavam ser devidamente investigados com Diana.

— *Me responda* algo, por favor. O James, é gay, segundo você diz...

— Segundo eu digo, não, Diego, ele é. Você tem alguma dúvida?

— Eu vi a forma como ele flertou com aquelas mulheres na boate, estavam quase atacando ele, e o cara não me pareceu nem um pouco incomodado.

— É o trabalho dele, o que você queria que ele fizesse, afastasse as mulheres do bar e atendesse só os caras? Além do mais, tente você ter aparência do James, ser gay e trabalhar em uma boate.

Ela estava irritada. Ainda com a história de Fabíola, ou com o fato de eu estar perguntando sobre o seu amigo, me perguntei.

— Qual é o seu ponto, Diego? O que tem o James nesta conversa?

Ela estava muito irritada. Mesmo.

— Por quê? Eu não posso falar sobre ele? — Eu sabia que estava agindo como um colegial, então me acalmei. — Diana, só estou com uma curiosidade aqui, e queria saber se você podia satisfazer, tá ok?

— Sobre o James?

— Sobre o Eduardo.

Ela ficou rígida, e eu seria um péssimo profissional se não soubesse reconhecer sinais de tensão, sinais de que uma pessoa, uma testemunha, um depoente, estava prestes a mentir. Todos os sinais estavam ali em Diana. O mais significativo deles se comprovando quando ela desviou os olhos dos meus.

— O que tem uma coisa a ver com a outra? Não entendi.

— James é o amigo que te apresentou e fez Eduardo te contratar? — Aquela pulga estava atrás da minha orelha desde o almoço com Eduardo, quando o cara saiu e Marcos me disse que achava que ele era gay. Eu olhei para o meu irmão chocado e muito aliviado. Mas principalmente aliviado. Como diabos ele podia afirmar aquilo? Ele disse que era só uma impressão e provavelmente falsa. Mas aquilo ficou na minha cabeça, e eu comecei a juntar dois e dois.

Diana deu de ombros.

— Claro que não, Diego. Eduardo tem um monte de amigos que...

— Um monte de amigos que conhecem você. Ok. Quem, por exemplo?

Ela talvez fosse dizer algo, eu não sabia, mas não cheguei a saber porque o meu celular sobre o sofá desde cedo tocou. Olhei para a tela e era a minha mãe. Pedi um minuto a Diana que balançou a cabeça em assentimento, mas ficou muito quieta me olhando como uma águia. Eu quase sorri.

— Oi, mãe! —disse, e Diana desviou os olhos, fitando as próprias pernas.

— Diego, tudo bem, meu filho? Você está em casa? — Mamãe estava dizendo, e eu enrijeci. E agora, porra?

— Onde você está, mãe?

— Ah, bem aqui pertinho na casa de Inês. Que tal eu dar uma passada aí, ou você não está em casa?

Pronto. Por que nada não podia sair simplesmente da maldita forma como eu planejava?

Capítulo 16

VOCÊ NÃO EXISTE, SABIA?

Diana 

Mãe?! Diego estava falando com a mãe dele? Puta merda. Eu desviei meu olhar do dele que estava falando com ela ao telefone, mas olhava diretamente para mim, com aquele vinco na testa, como se estivesse muito concentrado, um pouco aborrecido, talvez?

Claro que quando a decisão de voltar para o Rio e contar ao Diego que ele tinha um filho passou a ser uma certeza na minha vida, eu imaginei algumas vezes em como a família dele reagiria àquela história. Óbvio que eu concentrei a minha mente na reação dele, no que ele faria, no que ele diria... mas, eventualmente, eu pensava nisso, no momento em que não apenas ele julgaria aquela decisão, aquele erro, mas os seus familiares também reagiriam a isso, e, muito provavelmente, não reagiriam nada bem. Estando em outro estado me incomodava um pouco, sim, mas aqui, merda, incomodava muito mais.

Quando eu saí daqui, não sabia nada da vida particular do Diego a não ser que ele era professor, e me mantive o mais afastada de notícias dele quanto fosse possível, a não ser pelas eventuais fotos que eu passei a coletar para mostrar ao João depois, já que eu achava que assim iria conviver mais facilmente com a decisão que eu tinha tomado, se me mantivesse "longe", que seria menos difícil. Bem, não foi, mas eu achei que estava dando conta.

Ainda assim, eu me pegava pensando em como seria quando eles soubessem. Pensei nisso depois que ele, o irmão e Eduardo saíram para almoçar. Pensei em como isso seria quando saíssemos daquela bolha em que nós três estávamos por enquanto e as pessoas ao redor soubessem que ele era o pai do meu filho e que eu havia escondido isso. Algo me dizia que não seria nada bom. Agora, com ele ali falando com a mãe, senti um frio no meu estômago e me encolhi um pouco.

Não era medo... era algo mais incômodo. Porque com medo eu sabia lidar, eu às vezes mandava ele às favas e seguia em frente. Não era medo da reação dela, era mais como apreensão, uma inquietação, e eu não podia dizer que a reação da mãe dele não me afetaria. Ela era uma mãe, afinal, e com certeza ficaria muito indignada com a história toda.... Era aquilo que estava me causando aquela inquietação? Eu não queria que a mãe do Diego me odiasse? Talvez sim, mas era compreensível, afinal, se ela fizesse.

— Mãe, eu estou em casa, sim. — Ouvi Diego dizer depois de uma breve hesitação. E aquele nó na minha garganta dobrou de tamanho. Ele não estava só falando com ela. Ela queria vir aqui agora... Porra, de alguma forma eu imaginei que estaria mais preparada para enfrentar a família do Diego de algum modo, mas agora, assim, de supetão?

Lambi meu lábio superior e olhei para ele novamente. Diego fez um sinal de positivo e levantou indo em direção à varanda. Não poderia haver um sinal mais claro de que aquela conversa era privada e que ele queria manter ela assim. Eu podia imaginar que talvez não estivesse nos planos de Diego ter que contar a mãe agora, mas na verdade, eu não poderia ter certeza disso. Eu tinha a impressão que nós falávamos uma língua na cama e outra quando estávamos fora dela, e por isso não nos entendíamos. Se ele resolvesse trazer a mãe para ver João agora, eu lidaria com aquilo. Que outra alternativa eu tinha?

Como eu tinha dito a Diego, eu não fugiria dos problemas em hipótese alguma, mesmo que ele não acreditasse em mim. Tentei evitar a ligeira amargura que aquela constatação me causou, ora essa, ele não tinha porque confiar em mim. Eu sempre soube que ele ia agir assim, então, não tinha motivo algum para me sentir estranha, chateada sobre aquilo.

Olhei-o afastar-se, passando as mãos no cabelo e minha inquietação aumentou. Levantei e fui à cozinha buscar uma água quando ouvi o chamado de João. Quando eu cheguei ao quarto ele estava sentado no meio da cama com um beicinho e uma carinha de quem ia chorar, segurando Papo.

— Ei, meu amor, o que foi?

— Sonho ruim — ele choramingou, esfregando o rosto e olhando para mim com a testa franzida. Era muito parecida com a forma como Diego fazia, agora que eu já tinha visto muito daquilo, podia dizer com mais precisão. Sorri para ele.

— Ah, vamos mandar esse sonho ruim embora de vez? Que tal uma história bem legal? — Eu deitei levando-o comigo, mexendo no cabelo dele, fazendo cafuné como ele sempre gostava que fizessem antes que ele dormisse. História e cafuné, a dupla imbatível para a hora do sono dele. Comecei a contar uma história aleatória de um menino corajoso que tinha batido com o travesseiro no bicho papão até ele ir embora, e João se aconchegou mais em mim colocando o sapo de pelúcia entre nós dois.

— ... Então, o menino pegou o travesseiro imenso que ele tinha e...

— Mãe...

— Diga, filhote.

— A gente vai dormir aqui com o Diego?

Eu dei uma *tossidinha*, e me aconcheguei mais ao seu corpinho quente.

Mamãe não ia dormir muito se ficasse na cama com o seu pai, meu amor, pensei.

— Isso, nós vamos, sim. Você gostou da ideia?

Ele fez um aceno com a cabeça, como se compreendesse, e então ficou em silêncio me dando a deixa para continuar contando a história. Eu não estava exatamente focada na historinha, tinha que admitir, e fiquei perdendo o fio da meada aqui e ali, mas me esforcei.

Na verdade, a minha concentração estava oscilando e indo parar lá fora, em Diego, naquela bendita conversa com a mãe dele. O que ele estava resolvendo? Ela iria aparecer ali e eu estava vestida apenas com uma camisa, os cabelos molhados, já que o seu filho tinha acabado de sacudir meus miolos na cama?

Não demorou para que João estivesse dormindo novamente. Ainda que ele não tivesse tomado o remédio, ele não dormia tarde, aquela fase tinha passado, graças a Deus. Até um ano atrás, às vezes ele queria dormir muito tarde, e tinha sido uma luta, mas agora ele estava dormindo bem. Arrumei-o, cobri-o com o edredom que eu trouxe e ajeitei o sapo ao lado dele.

Quando retornei para a sala, Diego ainda estava na varanda olhando para fora, parecendo perdido em pensamentos. Eu me aproximei, abraçando a mim mesma quando senti o vento frio tocar a minha pele. Ele virou para trás antes que eu chegasse e me encarou como se estivesse me olhando, mas ao mesmo tempo estivesse longe. Então franziu a testa e pôs as mãos nos bolsos da bermuda preta que usava.

Claro que a tensão estava quase dando *pra* pegar e amassar na mão, mas ainda assim eu que tinha que fazer um parêntese mental: porra, como um dia eu achei que aquele cara era frio? Quente não começava nem a descrever o que ele era. Não mesmo.

E a pergunta que eu não tinha a resposta era: como ele ficava mais incrível de terno e gravata, sexy como o inferno, ou... daquele jeito, de camiseta e bermuda, descalço, os músculos bem definidos dos seus braços — eu já tinha notado antes como antebraços de um homem podiam ser sensuais assim? Não, eu acho. Enfim, gostoso o suficiente para dar vontade de... bem, comer, não? E os pés? Pés eram sexy assim? Ou era só nele que isso...

Certo, eu me perdi aqui. Merda. Eu não tinha realmente uma resposta para aquilo. Sim, ele continuava sendo reservado, calado, como estava agora, muito quieto, tenso, mas ver esse outro lado dele na cama estava me dando dimensões que eu não tinha antes. Estremeci bem de leve com o frio.

— Você quer entrar? — Diego perguntou com voz macia, *me dando* mais uma vez uma amostra de que ele poderia aparentar estar longe, mas na verdade, sua capacidade de estar atento ao que acontecia ao redor era muito grande.

Aquele homem era uma droga de um enigma, isso sim.

— Não, tudo bem, a vista está ótima e não está tão frio assim... — Eu cruzei os braços, olhando para longe. Então, porque eu realmente não conseguia deixar muito as coisas que eu queria saber para depois, fiquei de costas, apoiada na balaustrada, e olhei para ele. — Era a sua mãe ao telefone?

Diego ficou um instante olhando para frente, depois voltou-se para mim.

— Era, sim.

Silêncio.

— Bem, ela está vindo *pra* cá agora ou algo assim?

— Não. Ela não está vindo. — Ele respirou fundo e continuou ao notar meu silêncio. Diego parecia estar com dificuldade em afastar os pensamentos que o rodeavam agora. — Meu pai estava junto, eles estavam em um tipo de jantar de amigos que costumam fazer aos sábados aqui perto, então, não. A ideia de ter o meu pai aqui antes que eu tenha resolvido algumas coisas em relação ao João não é interessante.

Será que as preocupações dele tinham a ver com o pai, era isso? E a forma que ele iria receber a notícia de que ele tinha um filho? Diego não ofereceu mais, então eu tinha que insistir.

— Ela... queria vir, não era?

— Ela queria. Na verdade, viria se estivesse sozinha. A minha mãe está com uma pulga atrás da orelha, essa que é a verdade, e quando ela está assim, ela não desiste até saber o que ela quer saber — ele disse, uma nota evidente de carinho na voz, apesar de estar balançando a cabeça como se estivesse exasperado. — Ela vai ser a primeira pessoa para quem eu vou contar tudo, com certeza, mas mesmo que ela estivesse sozinha, não acho que seria uma boa forma de tomar conhecimento de tudo.

Eu assenti e olhei para longe. Novamente aquela sensação de apreensão me perpassava.

— Você teme a reação dela, então quer falar sozinho com ela antes.

A muito breve hesitação de Diego foi toda a resposta que eu precisava. Talvez eu não tivesse notado se não estivesse tão preocupada com a sua resposta, mas notei assim mesmo.

— É a melhor forma, sim. Mas não ache que a minha mãe não ficará outra coisa a não ser alucinada de alegria quando souber de João, eu tenho a mais absoluta certeza disso — Diego disse, com firmeza. E eu acreditava. O problema seria comigo, óbvio. Suspirei. Algumas coisas a gente simplesmente respirava fundo e ia.

— Isso é ótimo, Diego. O João... está muito empolgado por tudo que diga respeito a você, conhecer a sua família vai ser muito bom *pra* ele.

Ele também se virou, cruzando as pernas na altura dos calcanhares.

— Eu imagino. E ele vai ser muito bem tratado e recebido por todos exatamente como ele merece — Diego afirmou, e algo na sua voz, na forma como ele me disse isso não me pareceu ser um desejo dele, mas mais como se ele tivesse dando uma garantia de que aquilo aconteceria. A próxima coisa que ele disse me deixou mais certa da minha ligeira constatação.

— Diana, existem aspectos da chegada do João na minha vida que são mais complexos do que você talvez imagine, eu preciso inclusive rever algumas decisões minhas em favor dele e... por isso, eu quero resolver alguns desses aspectos antes que eu diga para todo mundo que ele é meu filho.

Eu senti um frio de tensão na minha espinha. Algo me dizia que todo mundo talvez fosse uma pessoa específica, e não parecia ser a mãe.

— Por isso você precisa fazer o teste de DNA antes?

— Entre outras coisas que eu vou dizer a você assim que elas se desenrolarem. De qualquer forma, eu vou conversar com a mamãe antes de tudo, então prepare-se para a visita dela o mais breve possível, não tenho certeza se poderei controlá-la depois que ela souber.

— Tudo bem.

— A minha irmã chega esta semana dos Estados Unidos, já existe uma certa tensão, então, não é o momento. Mas depois que eu conversar com a minha mãe, posso pôr algumas coisas em perspectiva e aviso você.

Eu concordei. Ele tinha mais uma irmã além do bonitão que eu conheci no MP, então. Enfim, ele sabia o que estava fazendo, era a família dele, afinal, ninguém melhor que ele próprio para saber como lidar com aquilo tudo e eu não ia interferir.

— Não duvido a minha mãe aparecer aqui o mais rápido possível. Ainda mais depois do que eu disse a ela hoje para que eles não viessem aqui.

Eu virei o rosto para encará-lo.

— O que você disse a ela?

— Que eu estava acompanhado por todo o final de semana. Companhia feminina — ele acrescentou dando de ombros com um sorriso na voz, e eu não pude evitar o meu próprio sorriso.

— E infantil — eu acrescentei.

— Ah, mas se eu dissesse isso nem um tsunami impediria ela de entrar por aquela porta.

Eu sorri novamente ao ouvir a sugestão de sorriso no tom de voz dele, e de repente fez-se um silêncio meio... cúmplice, de certo modo, embaraçoso, mas ainda assim, bom. Eu tinha várias outras perguntas e questões, mas apenas fiz um gesto de entendimento, e virei para sentir novamente o vento batendo no meu

rosto.

— Você vai me responder o que eu estava te perguntando antes que a minha mãe ligasse? — Ouvi Diego perguntar depois de uns momentos de silêncio. Eu não pude evitar exalar pesadamente ao lembrar da conversa que eu havia tido com James sobre as conclusões que Diego poderia chegar sobre Edu e ele, todavia, não seria por mim que ele teria uma confirmação cabal a algo tão importante quanto isso na vida de Edu. Não era justo, se Edu quisesse que Diego soubesse que ele era gay, ele mesmo diria a ele.

— Olha, Diego, sim, foi o James que falou para o Edu sobre mim. Eles se conhecem, algo relacionado ao Mário quando Edu esteve a trabalho em São Paulo. Eu aceitei ajudar o Edu por enquanto, quando ele precisou. Não quis te dizer antes porque simplesmente não vinha ao caso. Aliás, por que você quer saber disso mesmo?

Ele me encarou por uns segundos, a expressão fechada, pensativa.

— Porque você passa anos longe do Rio e de repente está de volta, trabalhando com Eduardo. Isso é motivo suficiente para que eu queira saber sobre isso. Conheço-o há mais ou menos uns cinco anos, então, você pode imaginar a minha surpresa ao saber que vocês estão ligados de alguma forma. Não tem nada de tão estranho nisso.

Olhei de relance para ele, calmamente.

— É só uma coincidência James ser meu amigo e conhecer Edu, nada mais.

— Mundo pequeno, realmente.

Ali estava. As coisas que ele dizia em um tom tão comedido e baixo que eu não sabia se era ironia ou não. Era muito irritante — olha que eu era boa para detectar ironia.

— Pois é.

Eu pensei que Diego fosse remexer mais no assunto, mas para meu profundo alívio, ele passou para um outro tópico sem questionar o que eu havia dito.

— Diana, por que você está trabalhando na Beach?

Alívio apenas momentâneo, obviamente. Eu estava esperando a hora em que aquilo ia surgir e tinha custado na verdade. O tom de voz dele, no entanto, me deu a medida da forma como eu ia levar aquilo. Não era como se ele estivesse no modo "você tem que me prestar contas porque eu sou o cara e mando em tudo". Era mais como se ele estivesse realmente curioso.

A minha reserva habitual estava ali, *me cutucando*, pedindo *pra* eu pensar bem antes de sair derramando tudo. Eu tinha acabado de sair da cama daquele homem, ele ia pedir a guarda compartilhada de João Pedro, não estava

tirando o João de mim... Mas isso era razão suficiente para que eu já saísse confiando nele como se não houvesse amanhã? Não, não era, por que eu estava sequer cogitando aquilo? Então eu ia manter o meio termo, como eu tinha prometido a James: baixar as armas, não as jogar fora. Cooperar, mas não dar uma de idiota logo assim.

— Porque eu preciso do trabalho, Diego.

— O que acontece com o seu trabalho de fotografia? Você me falou sobre isso, ou estou enganado?

— Não, você não está. — Eu me movi e fui sentar em uma das cadeiras enormes dispostas ao redor de uma mesa mais ao canto. — Eu trabalho com isso, tenho uma página na internet, aceito trabalhos, mas eu acabei de chegar aqui, até que as coisas se estabilizem e eu consiga ser contratada, preciso pagar as minhas contas, então, quando a oportunidade surgiu, eu peguei.

Ele ficou em silêncio por um momento, então cruzou os braços sobre o peito.

— Você está me dizendo que está com problemas financeiros? Contas do João Pedro, é isso?

— Quem na vida não está com problemas financeiros? Quer dizer, eu acho que você não, mas estou falando do habitual: contas normais, despesas habituais, não estou falida ou algo assim. Até agora, dentro das minhas possibilidades as necessidades do João foram bem atendidas.

Ele veio na minha direção e sentou-se na cadeira ao lado da minha, aquela intensidade nos olhos azuis que me deixava instantaneamente alerta, mesmo que causasse outras coisas no baixo ventre também.

— Ótimo, mas agora as necessidades do João dizem respeito a mim também, principalmente a mim, legalmente falando. Então, se esse é o motivo de você precisar trabalhar na boate, saiba que não há mais com o que se preocupar.

Eu estreitei meus olhos para ele. Espera, ele estava dizendo mesmo o que eu achava que ele estava dizendo?

— Você tem responsabilidade com o seu filho, Diego, e não estou questionando isso, mas a história aqui é outra: meu trabalho não tem nada a ver com isso.

Ele franziu os lábios e a testa, os olhos ardentes fixos em mim. Lá vamos nós.

— Eu não sei se você se deu conta ainda, mas João vai receber uma pensão que é contabilizada de acordo com o que eu possuo, ou seja, devo dizer que não vai ser um valor insignificante, você sabe disso? Então, se a sua motivação para estar ali é essa, estou dizendo para você que não há mais necessidade — ele disse, baixo com a mandíbula cerrada.

Ah, não. Estava bom demais para ser verdade, não é?

— Deixa eu ver se entendi. Você está me dizendo que eu devo apenas abrir mão de trabalhar porque você vai prover todas as necessidades do meu... do nosso filho. E as minhas? Quem vai prover as minhas a não ser eu mesma?

Diego passou a mão no rosto como se estivesse cansado ou talvez confuso e impaciente, não dava *pra* saber mesmo.

— Não foi isso que eu quis dizer, Diana, então, reformulando para que você entenda: se você precisa trabalhar naquela... droga daquela boate por algo que tenha a ver com João não há mais necessidade, é isso que estou dizendo aqui.

Eu dei uma risada rápida, e ele não gostou pela cara que fez.

— Maravilha, então, eu só preciso trabalhar lá porque eu quero. Não tem nada a ver com as necessidades do João Pedro, já que você vai prover todas elas.

Diego ficou calado, bufando um pouco. Então, eu tinha que cutucar um pouco mais, foda-se.

— Entendi certo agora?

— Você não precisaria, se não quisesse — foi o que ele disse como se estivesse sibilando teimosamente. Eu arregalei os olhos, subitamente séria.

— Você está dizendo que eu... "Peraí", você está dizendo que eu poderia simplesmente viver da... Diego, você é louco, cara. Você não existe, sabia disso?

— Eu levantei e pus as mãos na cintura olhando para ele, tendo o cuidado de manter o meu tom de voz baixo. — Diz que eu entendi isso errado.

Ele ficou de pé na minha frente, claro, se elevando um pouco sobre mim, aquela postura fodona que podia ser excitante *pra* caralho, mas não quando ele queria fazer o que parecia que estava fazendo agora.

— Por que você precisa estar em dois, três empregos, Diana? Se fosse algo que eu pudesse ajudar, por que eu não faria? Você é a mãe do meu filho, não tem nada de anormal ou absurdo nisso... — ele rebateu, decididamente irritado, ainda que também mantivesse o tom da voz muito baixo.

Eu fiz um sinal com a mão para que ele parasse. Eu ia fazer um teste desnecessário, porque eu sabia o resultado, mas faria assim mesmo. Respirei fundo e fiquei calada por uns segundos olhando para o chão como se estivesse pensando.

— Certo, Diego. Eu... tudo bem, não é um trabalho realmente necessário já que você vai providenciar tudo para o nosso filho. Eu mantenho o emprego com Eduardo, continuo organizando as minhas coisas para trabalhar com as fotografias até que o dinheiro comece a entrar e saio da boate. Não é como se eu fizesse questão mesmo.

Ele abaixou um pouco a cabeça na minha direção como se para me olhar

com mais atenção ainda, e seus olhos se estreitaram muito. Ele não estava acreditando, mas eu mantive minha cara de paisagem.

— Tudo bem assim? — insisti, fazendo um gesto com as palmas das mãos. E ele não disse nada. Isso aí, não disse nada. Inacreditável.

— Viu só? — Apontei o dedo para ele dividida entre rir ou arrancar os cabelos dele. — O seu problema não é eu não ter emprego, ou dois, ou mesmo cinco, o seu problema é eu trabalhar na porra da boate, não é?

— Palavras suas, não minhas.

— Ah, Diego, faça-me o favor! Você não quer que eu trabalhe na boate do Ricardo, será que você poderia, por favor, admitir isso? Só me diga se o problema é a sua mania de controle ou você acha que é algum tipo de trabalho indigno para a mãe do seu filho?

— Mas será o... eu não disse isso, que porra, eu disse se você estiver com algum tipo de problema financeiro, de dificuldade de se firmar no que você quer fazer, eu posso ajudar, como um empréstimo, se você está tão sensível assim sobre isso.

Eu balancei a cabeça. Aquilo me deixava emocionalmente exposta por dois motivos bem distintos. Na verdade, conversar, brigar, mesmo fazer sexo com Diego, parecia estar sempre me jogando em uma montanha-russa de emoções conflitantes. Eu apreciava aquele oferecimento, de verdade, mas sabia bem que ele trazia consigo um tipo de cláusula contratual imaginária que poderia acabar com a minha liberdade, com meu poder de decisão na vida, com a possibilidade de fazer as minhas escolhas.

Estava muito cedo para aquilo. Sexo? Ok. Mas sair oferecendo tudo para Diego e me colocando em suas mãos em poucos dias? Não mesmo. Agora estava bom, mas e depois? E quando talvez nós só fôssemos os pais de João e não estivéssemos mais "juntos", ele ainda pensaria assim, ainda iria ser tão benevolente comigo se eu não estivesse mais na cama dele? Por via das dúvidas, eu estava me mantendo financeiramente até vermos aonde aquilo ia dar. Cautela nunca fez mal a ninguém, é só ter cuidado com o excesso agora, porque eu já fui muito mais cautelosa — e concluí que cometi erros baseados simplesmente no medo de me expor, de deixar alguém entrar sob a minha pele.

— Diego, eu agradeço. Agradeço de verdade — murmurei, e estava sendo muito sincera. Engoli em seco antes de continuar e clareei a minha voz —, mas eu vou manter o meu emprego na boate até achar que eu deva, ou até achar que ele não serve mais, ou começar a me sustentar de verdade com a minha profissão. E se no futuro eu precisar realmente da sua ajuda e você ainda estiver disposto a oferecê-la, eu vou aceitar.

Ele me deu aquele olhar incisivo, duro, mas não disse nada, mantendo a

postura corporal que me dizia que ele estava tenso e chateado, mas não questionou a minha decisão, pelo menos não agora. Então, fez um aceno de positivo com a cabeça, devagar, e saiu da varanda.



Eu dormi com João, até porque se ele acordasse a noite como às vezes fazia e me encontrasse na cama com Diego — a gente teria que responder a um monte de perguntas e muito provavelmente iríamos criar uma confusão na cabeça dele.

Acordei meio atordoada com o toque do meu celular e pisquei confusa antes de finalmente me situar e perceber que João não estava mais na cama comigo. A porta estava aberta e eu tinha dormido com a camisa que eu estava vestida. Sentei na cama, procurei o celular e fui encontrá-lo no chão, no tapete, ainda tocando.

Antes de pegar o aparelho e atender a chamada da minha mãe, ouvi uma gargalhada alta de João vindo de algum outro cômodo do apartamento. Ótimo, dois que gostavam de acordar cedo em um domingo.

— Oi, mãe.

— Filha, desculpa, você ainda estava dormindo? — A voz preocupada da minha mãe me fez abrir um sorriso. Eu estava com tantas saudades dela e não estava nem há uma semana aqui. — Esqueci que você ia começar na boate, querida.

— Não, mãe, eu não trabalhei ontem, só na sexta. Na verdade, só dormi tarde, estava ao telefone com o James, mas já estava na hora de acordar, não tem problema. — Depois que entrei, fiquei perdida em pensamentos e remoendo aquelas decisões até que James ligou quando eu já estava na cama. E então, ficamos ao telefone até muito tarde.

Ele estava mal, tinha brigado com Eduardo por causa da velha questão de assumirem o relacionamento quando o Edu tinha apresentado ele como amigo para um antigo colega de faculdade que eles tinham encontrado. Eu não via a hora de conversar pessoalmente com o meu amigo, então preferi apenas ouvi-lo e não o inteirar das mudanças que estavam prestes a acontecer comigo e João.

— James resolveu não ficar aí com vocês? Ficou com o Edu? — Mamãe quis saber, e eu ouvi ao fundo a voz de Mário perguntando algo. Quando saímos, havia a possibilidade de que ele ficasse, mas muita coisa teria que mudar para que isso acontecesse, e assim que chegou, James percebeu que as coisas seriam diferentes do que ele achou que seriam.

— Mais ou menos, mãe. Ele dorme lá, às vezes. Está meio... complicado, você entende?

Mamãe deu um suspiro profundo. Assim como eu e vovó, ela tinha aprendido a amar James com todas as forças desde que o conhecera. Não era muito difícil amar aquele cara, essa que é a razão. Minha vontade agora é bater na cabeça de Eduardo, isso sim, pensei frustrada.

— É uma pena. Queria tanto que eles se acertassem. — Novamente ouvi a voz de Mário, agora mais próxima. — Só um instante, Di. Não, querido, ele está bem, algum probleminha com o Edu, só isso — minha mãe disse ao marido, confortando-o.

— Está tudo bem, mãe, diga a ele para não se preocupar. E vocês, como estão?

— Tudo ótimo, filha. E mamãe, já está acordada, claro, e o meu neto.

Eu fiz uma ligeira careta e afastei o cabelo do rosto.

— Hum... mãe, não estamos no apartamento do Mário, na verdade.

— Não? E onde vocês estão?

— Estamos com o Diego desde ontem.

— Ah.

Apenas uma palavrinha, mas eu sabia tudo que ela significava. Minha mãe tinha sido, talvez, a principal incentivadora da minha vinda para o Rio, da ideia de eu me reencontrar com Diego e dissesse que ele tinha um filho. Mas romântica como ela é, passou a criar todo um cenário onde muito mais do que isso acontecia. Então, aquele "ah", era muito mais do que apenas um "ah".

— É, tem muita coisa que eu preciso contar, mãe, mas em linhas gerais, nós estamos passando o fim de semana aqui e... João e Diego estão se dando muito bem. A senhora estava certa.

— Estava, não é? Muito bom saber disso, filha. Muito bom. Bem, e no que mais eu estava certa, Diana, você pode me dizer?

Eu sabia bem aonde ela queria chegar com aquela conversa, e sorri. Mas antes que eu dissesse algo, ela deu um tipo de gritinho.

— Você está na casa de Diego, não é, filha? Depois eu falo com você... você está na cama ainda? — ela falou, baixinho, meio horrorizada, e eu ri.

— Mãe, ei, estou sozinha na cama, tá?

— Ok, mas mesmo assim, depois falamos. Dê um beijo no João por mim.

— Mãe, não...

— Tchauzinho, Diana. Beijo. — Ela desligou com uma risada antes que eu pudesse dizer algo mais. Sorrindo, eu pus o celular na cama, fiz um coque rápido nos meus cabelos e levantei indo em busca daquelas risadas que eu continuava ouvindo.

Quando eu cheguei na cozinha a cena que eu encontrei era... uau! Simplesmente um soco de fofura e também sensualidade protagonizados por João e Diego, e eu meio que fiquei atordoada com a coisa toda, então parei, porque aquilo tinha que ser apreciado com atenção.

João estava sentado na enorme ilha de mármore preto da cozinha de pijamas de ursinho, o cabelo bagunçado e um bigodinho de leite. Ele estava balançando a colher e dando um grande sorriso para algo que Diego dizia em voz baixa *pra* ele. Fofura no seu grau máximo e eu desejei ter a minha câmera na mão para registrar aquela cena maravilhosa, como já havia feito várias vezes com o próprio João. *Me encostei* na parede da cozinha e continuei observando-os em silêncio, pensando que aquela daria mesmo uma bela foto, os dois juntos ali de verdade ...

Arrastei meu olhar para Diego e.... meu Jesus, aquilo era uma afronta à sanidade de uma mulher assim logo cedo, deveria ser proibido, porque aquele homem abusava covardemente do direito de ser gostoso pela manhã. E durante o dia todo também. Bom, ainda bem que não era proibido, e sorte a minha que não, já que eu poderia apreciar devidamente o espetáculo à minha inteira disposição...

E era mesmo um espetáculo. Ele estava usando um calção cinza, desses que se usa para fazer exercícios. E nada mais. Olhando daqui, aquele calção destacava as suas coxas e deixava outros contornos muito evidentes também. Eu já tinha visto o homem nu, pelo amor de Deus, mas ainda assim... Diego estava ao lado de João, em pé, os cabelos molhados, pernas cruzadas na altura dos tornozelos, uma caneca que eu imaginava ser café nas mãos, e sorrindo de volta para o filho. O peito musculoso, forte e delicioso, com aqueles pelos absolutamente sexy totalmente à mostra, as ondulações do "tanquinho" em seu abdômen definido e aquela trilha fina de pelos que iam sumindo e adentrando o...

— Mamãe!

Eu levantei o olhar pega em flagrante na inspeção e Diego estava olhando *pra* mim por cima da borda da sua xícara, como se soubesse exatamente o que eu estava observando. Se eu tivesse muita vergonha ela viria à tona agora, com certeza, mas como não era o caso eu dei-lhe um olhar desafiador e um ligeiro arquear de uma sobrancelha, e fixei a atenção em João.

— Olá, meu amor, bom dia.

— Bom dia. Eu acordei cedo!

Eu me aproximei e fui beijar João, e senti o calor da lateral do corpo de Diego quando eu parei ao seu lado.

— Eu sei, e já está comendo, olha que coisa maravilhosa! — Virei-me

para encará-lo. Realmente, era impactante receber aquele olhar assim como um tiro, a pessoa precisava se preparar psicologicamente para ter aquele cara seminu circulando por uma casa. Suspirei. — Bom dia, Diego.

Ele ainda estava um pouco úmido, e não só nos cabelos, notei, mas desviei à vista e voltei a atenção para o meu filho, senão, quem ficaria úmida ali seria eu.

— Bom dia, Diana. Você dormiu bem?

— Muito bem, obrigada. E você, mocinho, foi acordar o seu pai?

— Não, mãe, ele já estava lá no quarto tooodo suado, não foi, Diego?

— Eu tinha saído para correr — ele explicou, *me dando* uma outra imagem muito boa para juntar àquelas.

— Parece que vocês dois se viraram bem por aqui, não? — Eu observei a tigela de leite e biscoitos que João tinha entre as pernas.

— Ele foi me dando a direção, eu só segui — Diego murmurou, encolhendo os ombros, mas lançou uma piscadela para João que tentou piscar com um só olho e fez com os dois. Não disse? Fofura em modo máximo ali naquela cozinha. — Você quer café, Diana, isso pelo menos eu sei fazer.

Eu estreitei meus olhos para ele. Era impressão minha ou para quem estava puto ontem por causa da história na boate, Diego me parecia supertranquilo e bem-humorado agora? Ele era um caso raro de bom humor pela manhã, por acaso?

— Eu vou querer sim, mas daqui a pouco.

— Ok.

— Mãe, nós vamos passear! — João anunciou, de repente, levantando os braços no ar. Eu olhei entre os dois, curiosa, e Diego tomou um gole longo do café da sua xícara, concentrado.

— Ah, nós vamos?

— Vamos, o Diego disse...

— Que a sua mãe iria decidir para onde a gente ia, não foi, companheiro? — Diego ergueu as sobrancelhas para João, e ele fez uma carinha de quem estava lembrando de algo importante e concordou, muito devagar, solenemente. Eu parei, observando aquilo sem acreditar. Eles tinham tramado algo, era isso mesmo? Lancei um olhar que eu esperava que fosse ameaçador para Diego e sorri para João.

— Foi, mamãe. Foi isso.

— Foi? E eu decido para onde nós vamos?

— Sim, você decide — Diego confirmou.

— Ótimo, quem aqui gosta de praia?

— Eu! Eeeuu! — João quase gritou, animado, já que era algo que nós

tínhamos combinado em fazer logo que nos acomodássemos aqui no Rio. Quando virei, a cara de Diego já não era tão bem-humorada assim, e eu dei uma piscada marota *pra* ele, e um beijo no rosto de João.

— Será praia então, certo, Diego?

Ele resmungou algo que eu decidi entender como um sim.

Minutos mais tarde, depois de um banho rápido, eu pus shorts estampados e uma regata justa vermelha e fiquei me olhando no espelho do banheiro, imaginando se não estava na hora de voltar a ter o cabelo em sua cor natural. Eu já vinha pintando meu cabelo de vermelho há anos, e por mais cuidado que eu tivesse — inclusive dando um tempo entre uma pintura e outra, como eu havia feito antes — estava na hora de mudar de novo. Eu ia ver isso depois, com certeza.

João estava no quarto, de banho tomado e vestido com camiseta e bermuda azul, deitado na cama e usando dois bonecos para lutarem, falando com eles. Diego estava sentado na beira da cama observando a brincadeira de João e levantou o rosto para mim quando eu saí do banheiro me lançando um olhar que só podia ser considerado pecaminoso, de cima a baixo, detendo-se em todos os lugares certos antes de voltar a atenção para João. Claro que eu não havia trazido um biquíni, mas isso não seria um problema, nós podíamos passar em casa rapidamente e pegar um, o que seria ótimo porque eu aproveitava para pegar a minha roupa limpa para trabalhar na boate à noite. Graças a Deus que hoje só iria até 1 hora.

Eu estava justamente pensando nisso quando o meu celular tocou. Provavelmente era a minha mãe novamente, e eu fiquei surpresa por ver uma chamada do número fixo da boate que James tinha me dado para salvar. Aquele número era da mesa de Samyra e eu estranhei, mas atendi assim mesmo sentando na cama também.

— Alô?

— Diana, é a Samyra.

— Bom dia, tudo bem?

— Sim. Escuta, você estava na escala *pra* hoje, não era?

— Estava? Sim, eu vou trabalhar hoje.

— Pois é, não vai não, houve uma alteração aqui e a Rose vai pegar hoje, só queria te avisar.

Eu franzi a minha testa sem entender nada. Porque ela estava alterando a escala que ela mesma havia dito que não mudava e me deixando sem trabalhar dois dias seguidos? Não fazia o menor sentido. Samyra continuou:

— Mas em compensação, você vai para o bar, e como hoje é noite de folga da Dália, você pega essa noite, entendeu?

— Eu vou ficar no bar? Hum, Samyra, algum problema? Quer dizer, o motivo dessa alteração é...

— Por quê, você não gostou? É muito melhor, mais tranquilo.

Sim, é, mas por que aquilo de repente? Será que James tinha alguma coisa a ver com aquilo? Enfim, eu saberia depois. Mas era curioso.

— E você resolveu ser legal comigo e me trocar assim? Obrigada — eu disse com uma voz doce, esperando ser convincente o suficiente, e intrigada porque achei que ela pareceu não ir muito com a minha cara — o que tinha sido recíproco, só *pra* constar — mas nem precisei, porque ela deu uma risadinha irônica ao ouvir a minha pergunta.

— Eu? Não, ordens do chefe, querida, e eu não discuto com o chefe. — Ela bufou, como se tivesse feito exatamente isso: discutido com o chefe. Espera, o quê? Ordens do Ricardo?

— Não estou entendendo. O Ricardo mudou o meu posto?

Nesse momento, percebi que Diego estava olhando para mim com a expressão absolutamente neutra, mas atentamente.

— Sim, ele mudou, não me pergunte o porquê. Mas ele deve falar com você sobre isso, então, só queria te avisar.

— Por falar nisso, você quer ficar no mesmo balcão que o James? — Ela continuou, mas a minha mente estava longe já, eu estava registrando apenas parcialmente o que ela estava dizendo? Ficar com James?

— Hum, claro, sim. Eu fico com ele.

— Esperta você, hein? Bom, tchau.

— Tchau.

Depois que ela desligou, eu fiquei meio absorta olhando para o aparelho desligado nas minhas mãos, então, voltei a olhar *pra* Diego. Será que ele tinha alguma coisa a ver com aquela merda?

Capítulo 17

SEM PROVAS, NADA DE ACUSAÇÕES

Diego 

Depois que Diana foi para o quarto após a conversa tensa sobre o trabalho na boate, eu resolvi tentar relaxar com uma leitura na cama, mas claro que não deu certo. Meus pensamentos estavam praticamente todos focados na atual situação com João e em tudo que eu teria que resolver com meu pai — como repensar a minha parte nos negócios em relação às ações que eu possuía na empresa que ele mesmo tinha dividido há uns anos quando achava que eu assumiria tudo.

E ainda tinha a conversa com Diana em si. Tudo me incomodava nas coisas que ela disse. Mas me incomodava tanto não porque eu discordasse, mas principalmente porque eu não estava realmente certo se o que ela dizia não era verdade. Eu estava deixando a minhas concepções do que era certo, adequado, apropriado, de acordo com o que eu sempre entendi ser a vida toda, nublar a minha opinião sobre o trabalho dela na boate, aliado ao ciúme que eu nem ia problematizar ou tentar negar, porque eu sabia que estava sentindo.

Eu costumava ser um cara muito objetivo e sincero comigo mesmo, então por que diabos eu simplesmente não admitia que Diana estava certa e que o problema não era realmente ela trabalhar, mas ela ter que trabalhar justo em uma porra de uma boate, servindo um monte de homens, virando a noite e sendo cantada como o inferno? Passei a mão nos meus cabelos, tentando controlar a ligeira irritação.

Deveria saber que Diana não concordaria com nada que eu dissesse em relação ao seu trabalho e eu fiquei lá como um maldito idiota retrógrado praticamente sugerindo que eu a sustentasse. Que porra estava acontecendo comigo? Não que eu realmente quisesse isso, eu queria era saber mais, entender muito mais profundamente o motivo de ela ter um trabalho e precisar trabalhar com outra coisa apenas para pagar despesas cotidianas. Se ela viesse morar aqui, essas despesas iriam diminuir consideravelmente, e ainda assim, algo me dizia que Diana ainda iria trabalhar *Beach*.

Então, ainda não tinha conseguido conciliar o sono à 1h quando resolvi ligar para Ricardo mesmo sabendo que havia uma chance muito pequena de ele atender aquele horário quando deveria estar em uma das boates.

O celular dele tocou várias vezes e eu já ia desistir quando ele finalmente

atendeu.

— *E aí, Diego?*

— Oi, Ricardo. Posso ligar uma outra hora, na verdade. Você deve estar ocupado, foi uma péssima ideia.

— *Não, fica tranquilo, você estava com saudades e ligou no meio da noite para ouvir a minha voz, entendendo perfeitamente isso.*

— Se isso te faz feliz, pense assim — retruquei, sorrindo.

— *Na verdade eu estava entrando no escritório apenas para pegar umas pastas, vou embora daqui a pouco, pode falar à vontade. Apesar de que eu posso perfeitamente adivinhar o motivo da sua ligação.*

Eu hesitei, mas só por uns segundos, organizando os meus pensamentos.

— Sim, eu acho que você pode.

— *Diego, meu chapa, eu vivi pra ver você ser fisgado por um belo par de... você sabe... Não vou te estressar uma hora dessas.* — Ele riu, porque se ele não me provocasse, não seria o Ricardo.

— Eu pensei que você já tivesse provado esse seu ponto antes, e agradeço sua preocupação sincera com a minha saúde.

— *Mas não custa nada te lembrar disso sempre, foi épico. Mas e aí, o que você quer saber agora? Eu pensei que já tinha passado pela sua sabatina sobre a Diana e tinha sido aprovado. Ou não?*

— Cara, você nunca passaria em uma sabatina comigo sobre os seus princípios em relação a uma mulher. Só se eu não te conhecesse. — Eu sorri me recostando na cabeceira da cama e aguardei uma resposta debochada, mas estranhamente, ele ficou em silêncio por uns segundos antes de responder com uma voz séria.

— *Não, eu imagino que não passaria. Mas e então, além das saudades de mim, o que mais você quer?* — A voz grave dele pareceu ter voltado ao tom leve que Ricardo quase sempre usava.

— Você já deve ter chegado à conclusão de que eu conhecia a Diana antes de ela trabalhar pra você, então, não vou perder tempo com isso.

— *Boa ideia, porque eu não sei ser ludibriado, meu amigo, e como te disse, vi a ficha dela, sei onde ela estudou. Posso perguntar o que aconteceu ou...?*

— Não, não pode.

— *Ok, mas só sei que você não estaria assim por causa de uma mulher que viu apenas no escritório outro dia.*

— Pelo que vejo, você também teve uma conversa com Marcos, não é? Vocês conversam sobre o que mesmo quando estão juntos?

— *Ah, você tem que admitir que a sexta na boate foi atípica, Diego.*

Você, surtando por causa da Diana, Teo encontrou uma mulher, que se eu entendi bem, é professora da Júlia, e olha, material de primeira também, precisava ter visto.

— Também?

— *Você entendeu. E sabe o que é mais engraçado? Ele também estava agindo feito um imbecil em torno dela, praticamente rosnando pra ninguém chegar perto. Só faltou mijar na menina pra afastar os outros machos ao redor.*

— Sério? — Eu sorri, ouvindo a insinuação de riso na voz dele. — Ele parecia estar se divertindo bastante ao ver você encher o meu saco por causa de Diana. Queria ter visto isso.

Essa era uma das coisas que eu sentia falta de vez em quando. O meu trabalho de certa forma tinha me deixado pouco tempo para estar mais com eles, e eu tinha perdido um pouco daquilo que me ligava aos caras anos atrás, principalmente ao Teo.

— *E tem mais: uma amiga dela chegou e disse algo sobre um gangbang, você pode acreditar nessa porra? Agora, cara que o Teozinho fez era digna de um registro para a posteridade e... Porra, digníssimo, desculpe, você nem deve saber o que é um gangbang, mas é sexo entre uma mulher e vários caras, entendeu?*

Eu dei uma pequena risada, já tinha valido a pena ligar para aquele imbecil.

— Obrigado pelo esclarecimento, eu não fazia a menor ideia do que fosse isso — desdenhei. — Mas e aí, aconteceu?

— *A mulher era namorada do Matarazzo, você conhece. O filho, não o pai.*

Eu franzi o cenho, espantado.

— Conheço, sim, de vista apenas. Interessante, e ele ia participar?

— *Claro que não, era só uma briga do casal e a menina quis causar um infarto nele, provavelmente, porque era isso que a cara dele estava indicando que ia acontecer. Ficou tudo bem depois e nada de orgias.*

— Que pena pra você, não? — Resolvi provocá-lo só um pouco.

— *Não viaja, nunca te disse que curto sexo em grupo. Na verdade, apenas a possibilidade de ter um pau de outro cara a centímetros do meu... argh, puta que pariu, cara, que imagem atroz a uma hora dessas. Para com essa porra..*

Eu ri, agora.

— Então as histórias da Holanda e daqui também são invenções de Marcos?

— *Esse seu irmão é um idiota linguarudo, isso sim. Mas, por outro lado,*

não tenho muita coisa contra se mais de uma garota quiser apreciar as minhas habilidades, seria muito egoísmo da minha parte negar isso às damas, você não acha? Questão de bom senso e cavalheirismo apenas.

— Claro, bom senso e cavalheirismo.

— Mas e então, volta ao que você queria e esquece a minha vida sexual. Ainda é a questão com o James, você não ficou satisfeito o bastante em atormentar o cara, hein?

— Eu não atormentei ninguém, só perguntei o nome dele muito respeitosamente. Desde quando isso é atormentar?

— Ok, Diego, vou relevar porque você estava sob efeito pesado do meu uísque.

— Não, por enquanto não tem nada a ver com o James. Mas me diz uma coisa, e quero que você seja o mais sincero possível comigo, Ricardo.

— Que porra, odeio quando uma conversa começa assim. Péssimas recordações — ele divagou com um suspiro que tanto podia ser sincero quanto não. Difícil saber no caso dele.

— Não é nada demais, só preciso saber se você considera o trabalho de garçoneiro na sua boate uma atividade relativamente segura.

— Que tipo de pergunta é essa, cara? Se eu considero o meu estabelecimento seguro, você está drogado, Diego? Claro que eu considero seguro, tenho uma preocupação acima da média com isso, pode apostar, e tenho investido uma grana preta em segurança de todo tipo.

— Não estou falando da segurança dos seus clientes.

— Está, sim. Segurança dentro da boate diz respeito aos clientes e aos funcionários, pelo que sei.

— Ok. Então, essas merdas que a gente costuma ouvir que acontecem com as meninas trabalhando na noite em boates não acontecem aí? Caras que passam dos limites, assédios de todo tipo, imbecis esperando-as na saída porque foram recusados dentro no local, e tantas outras coisas que eu nem preciso te dizer, você sabe perfeitamente. É disso que eu estou falando.

Ele ficou em silêncio por um tempo, e depois ouvi sua respiração profunda.

— Olha, cara, eu sei que você está perguntando isso por causa da Diana, e não porque resolveu abrir uma ação contra o local, então, lá vai a sinceridade que você quer: a segurança das meninas que trabalham para mim é uma prioridade, tanto que eu tenho mais de um cara circulando no local justamente por causa disso, não quero que elas se sintam coagidas nem nenhuma merda do tipo.

— Mas...

— *É, tem um "mas", sim. Porra, Diego, é uma casa noturna, cara, bebidas, alguns babacas sempre saindo da linha, se empolgando, confundido as coisas, mas elas são advertidas a serem rígidas com isso, a não ser, é claro, que elas tenham interesse no cara fora dali, aí isso já não é mais comigo... O que eu quero dizer é: enquanto elas estão ali, trabalhando, estão sim sob a minha responsabilidade e tento fazer o melhor sobre isso. Nada de "o cliente tem sempre razão" quando um deles resolve passar a mão na bunda de uma delas.*

Eu cerrei os dentes à mera possibilidade e não disse nada. Não era apenas com segurança que eu estava preocupado, claro, apesar de isso estar no topo, eu não conseguia parar de pensar nas cantadas e investidas de todo tipo que ela estaria recebendo ali.

— *Foi mal aí, cara, não ajudou muito, não é? Mas estou falando sério, acredite. Elas não devem aceitar nada que não querem, e peço ao Caio e a Samyra que deixem isso muito claro para as meninas, sempre.*

— Entendo.

— *Além do mais, isso pode acontecer em qualquer lugar, você sabe, não que isso seja justificativa, mas a minha parte eu garanto que está sendo feita para que elas estejam seguras lá. Na saída, o Caio as acompanha até os carros, ou chama táxis para elas, por exemplo.*

— Certo. Eu sei. Falei com ele sobre isso — contei, e lembrei por um momento do babaca que tinha se esfregado em Diana no trabalho, um lugar muito diferente de uma boate e nem por isso livre desse tipo de situação.

— *Falou com o Caio? Quem você é agora, o dono da porra da minha boate?*

Sorri, lembrando da cara mal-humorada de Caio quando o abordei.

— Aquele cara é sinistro, Ricardo, você sabe disso, não é?

— *É exatamente por isso que ele é o responsável pela segurança. O cara é só... fechado, mas é da minha mais absoluta confiança.*

Eu sabia que ele tinha sido companheiro de Ricardo dos tempos de boxe e da amizade que os dois mantinham desde então. Se um cara desconfiado como Ricardo confiava nele, era porque ele merecia a confiança.

— Ótimo. Falei com o cara certo, então.

— *Diego, você está preocupado com a segurança de Diana, eu entendo e respeito isso, mas também está preocupado que ela encontre um cara interessante por lá, não é? Quem diria, o homem que tem que praticamente retirar, educadamente, é claro, as mulheres de cima, todo com medinho da mulher dá o fora nele. As voltas que o mundo dá — Ricardo debochou.*

— Ok, acho que terminamos essa conversa por aqui, então.

— *Sério, cara, posso te garantir que mesmo que eu não esteja na Beach,*

vou continuar reforçando a segurança de todas elas, mas vou ficar de olho especialmente em Diana, tudo bem? Você confia em mim pra isso, para ficar de olho em uma beleza como ela?

— Você não cansa de ser imbecil, não é?

— *Você sabe que eu tenho uma certa preferência em relação à mulheres, não sabe? É por isso que você surtou, confessa.*

Sim, eu sabia. Ricardo pegava mulheres de todo tipo, mas tinha predileção por mulheres negras, então, não podia dizer que ele estava mentindo em relação às conclusões que eu cheguei quando soube que ele tinha empregado Diana. Mas claro que eu não ia dar a ele o prazer de admitir isso.

— Nem sei do que você está falando. Eu vou dormir, mas... obrigado, eu aprecio isso. Ainda estou averiguando umas coisas, mas Diana vai sim continuar a trabalhar aí, mesmo que se dependesse de mim, não. Mas eu vou encontrar modos de garantir a sua segurança nos dias em que ela estiver aí no entanto. Isso me preocupa, mesmo com tudo o que você diz.

— *Eu entendo. Se eu puder fazer algo, se surgir alguma outra vaga no bar, por exemplo, que é um lugar melhor para garantir o bem-estar dela, eu posso ver isso, a Diana não tem treinamento, mas pode ser resolvido.*

Eu pensei sobre aquilo e era uma boa ideia. Então, lembrei de algo também.

— O James está no bar, seria melhor pra ela ficar mais próxima dele, não seria? — eu disse, massageando as minhas têmporas, frustrado.

— *Putá que pariu, você não é normal, cara. Como você praticamente quer matar o cara em um dia e agora quer que ele fique perto dela porque ela vai estar mais segura com ele?*

Sorri da incredulidade de Ricardo, mas eu não iria expor o cara para o chefe dele, não dizia respeito a mim.

— Eu cheguei à conclusão que ele é só um amigo — eu disse, apesar de que aquela sensação de que o cara, gay ou não, conhecia profundamente e estava muito ligado a Diana ainda me causava um certo desconforto, eu tinha que admitir. Todavia, eu iria utilizar os instrumentos que eu mais sabia manejar para lidar com ela, estava decidido: astúcia, agudeza, estratégias, já que o confronto direto não era o caminho. No quarto, ou em outros lugares, no entanto, eu poderia deixar extravasar outras formas de fazer com que Diana se curvasse... Em mais de um sentido. Pigarreei, enquanto Ricardo continuava:

— *Você já olhou para aquele cara? Nos últimos dias, a presença de mulheres em torno do balcão do bar quase triplicou e eu desconfio que não seja por causa das bebidas apenas.*

— É, eu desconfio também — resmunguei. — Mas existem algumas

coisas que são mais importantes do que o fato de eu não ir muito com a cara de James: ele poderia ficar de olho em Diana lá.

Acho que está na hora de eu me aproximar um pouco mais dele, pensei. Se ela queria ficar, eu poderia dar um jeito de não surtar com aquilo, enquanto descobria mais sobre Diana. Eu precisava entender mais aquela mulher.

— *Sei. Mas eu também desconfio, parceiro, que você nem precisa fazer nenhum tipo de pedido para que o cara fique de olho nela. Ele já é muito bom nisso.*

— Boa noite, Ricardo.

Ele riu.

— *Boa noite, e qualquer novidade quanto a uma possível mudança, eu falo com você antes, certo?*

— Ok. Faça isso.

Quando ele desligou, eu estava mais relaxado, voltei a pegar meus óculos e retomei a leitura, e a trama intrincada do suspense de Nesbo finalmente me pegou, como eu sabia que faria.



Que caralho Ricardo tinha feito sem falar comigo antes?, eu me questionei, agora quando Diana lançou em mim um olhar que poderia facilmente ser classificado como tentativa de assassinato, o celular ainda nas mãos. Se eu entendi aquela conversa direito, a tal da Samyra tinha acabado de dizer que Ricardo tinha mudado ela de posto. Eu só falei ontem à noite com ele, como isso já estava decidido assim se ele nem tinha me dito nada ainda? Eu tinha que falar com aquele filho de uma...

— Diego, você pode vir aqui rapidinho no banheiro comigo? — Diana me deu um sorriso que... droga, aquilo nem era um sorriso, e eu desconfio que aquele tom leve, solícito, baixo, era devido à presença de João bem ali, na cama.

Exalei profundamente. Eu mal tinha chegado à conclusão de que iria usar não o confronto direto, mas habilidades mais sorrateiras para lidar com Diana e o babaca do Ricardo me fodia assim? Eu não tinha dito ao imbecil que fizesse algo assim nas primeiras horas da manhã. O que porra ele estava pensando?

Eu tinha pensado em estar com ela na praia, em um dia agradável com João, depois iria ter uma conversa muito interessante com o James, sem que ela soubesse, óbvio, e tentaria saber o maior número de informações sobre Diana que eu pudesse arranjar. Ia facilitar ela morando comigo, mas eu tinha uma certa pressa, e algo me dizia que transformar o James em um inimigo não ia contribuir

no sucesso da minha causa, então, eu precisava chegar naquele cara do jeito certo.

Ela levantou, devagar, e foi para o banheiro do quarto. João nem mesmo pareceu se dar conta da nossa conversa e continuou falando em voz baixa com os bonecos. Ajustei os meus óculos e fui atrás dela.

Assim que entrei no banheiro e fechei a porta atrás de mim, pensei que na verdade a gente podia aproveitar aquele tempinho de uma forma mais agradável, mas a cara de Diana indicava que algo assim não ia acontecer. Obrigado, Ricardo.

— Diego, me diz que você não tem nada a ver com o fato de o Ricardo ter mudado o meu posto na boate — ela sibilou, braços cruzados e queixo em riste *pra* mim, os olhos soltando chispas. A minha vontade era puxá-la pelo cabelo, virá-la contra a pia e me deliciar da pele e do sabor dela. Mas ela estava fazendo uma pergunta e eu tinha uma resposta para aquilo.

— Não, eu não tenho nada a ver com isso.

Eu estava mentindo? Não. Objetivamente, eu não tinha pedido ao Ricardo que fizesse isso, mesmo que ele tenha sugerido, porque a ideia era mesmo excelente, ele só deveria ter me dito antes. Teria concordado se ele me dissesse antes que iria fazer isso hoje? Teria, sem hesitar, era uma ótima forma de manter a segurança de Diana ali, menos exposição, então, eu achei perfeito. Mesmo assim, eu teria preferido falar com o amigo dela antes, mas agora Ricardo tinha conseguido foder a minha linha de atuação com Diana. Eu poderia socar aquele imbecil por isso, mesmo que não gostasse de usar a força, nunca.

— Não? Você não pediu ao Ricardo que fizesse isso? — Diana franziu a testa, *se aproximando* mais de mim. — Você me pergunta e questiona o fato de eu trabalhar lá e do nada, na manhã seguinte, ele está trocando meu lugar. Não me diga que isso é uma coincidência.

Eu me encostei na porta fechada em uma posição relaxada, ainda que eu não estivesse relaxado.

— Ele disse a você que eu pedi essa troca?

— Não, mas a Samyra disse que foi ordem dele.

— Então eu sugiro que você fale com o seu chefe antes de me acusar de algo que você não tem provas. Podemos ir à praia agora? — Claro que na primeira oportunidade que tivesse eu iria trucidar Ricardo.

Diana curvou a cabeça de lado para olhar mais atentamente para mim.

— Isso seria algo que você nunca faria, não é? Sugerir ao seu amigo, meu chefe, que me trocasse de lugar na boate, você nunca interferiria nisso, certo, Diego?

Evitei o sorriso que queria escapar ao olhar para ela, pensando que Diana

poderia ser uma boa advogada. Ela tinha uma boa dose de astúcia e sabia fazer exatamente a pergunta que deveria ser feita, no momento certo. E ela era linda também, pensei, mesmo que aquilo não tivesse nada a ver com nada, mas eu estava olhando *pra* ela e, bom, ela era linda mesmo.

Me curvei para a frente e fiz o que queria fazer. Segurei a sua nuca e dei um beijo rápido em seus lábios. Ela continuou imóvel, e eu lambi um canto da sua boca bem devagar, encostando-me nela. Depois passei a língua em seus lábios fechados.

— *Me responde*, Diego — Diana sussurrou.

Putá merda, eu não disse? Boa em pressionar e se manter firme, mesmo que eu tenha notado sua respiração mudar quando eu fiz carícias com as pontas dos dedos em seu pescoço enquanto provava seus lábios com a minha língua. Suspirei e me afastei.

— Não fiz, mas acho que é uma boa ideia.

— Eu também acho que é uma excelente ideia, só não gostaria que você se achasse no direito de decidir isso por mim, agir sem pelo menos falar comigo antes.

— Como eu disse, resolva isso com o seu maldito chefe. Ele deve ter uma boa explicação *pra* isso. — Além de me ferrar, é claro, pensei. Ela estreitou os olhos para mim.

— Ótimo, espero não ser considerada algum tipo de protegida ou algo assim, eu nem mesmo tenho experiência como bartender. Mas vamos ver o que Ricardo vai me dizer, não é?

Diana se aproximou de mim e fez a mesma coisa que eu fiz com ela: levou a mão ao meu pescoço e roçou seus lábios nos meus.

— Eu vou perguntar ao Ricardo, e só se eu fosse idiota para achar que ele vai dizer que você pediu isso.

— Sem provas, nada de acusações. É assim que funciona.

— Ok, eu sinto que vou devolver essa frase *pra* você um dia. — Ela me beijou rápido, e então sorriu. — Vamos à praia, mas podemos passar antes e pegar o meu biquíni em casa? Ou posso comprar outro aqui por perto também, melhor, não é?

Por que em um momento a gente estava falando de trabalho, tinha um beijo... e agora ela estava falando de biquíni? Eu perdi algo?

— Melhor comprar aqui perto. Muito contramão e já não é tão cedo, mas se você quiser...

— Não, tudo bem. Estou precisando de um novo mesmo. — Diana deu um sorriso deslumbrante e me deixou lá no banheiro meio atordoado. Como ela podia mudar de humor assim do nada? Essa mulher me assustava, sinceramente.

Eu pensei que ela ia ficar espumando de raiva, e de repente ela estava animada para ir à praia? Eu a segui, balançando a cabeça sem entender nada aquilo. E pensando em ligar para Ricardo assim que tivesse a oportunidade.

A oportunidade surgiu quando Diana entrou em uma dessas lojas de moda praia para comprar o biquíni e uma sunga para João minutos depois. Eu me ofereci para pagar o dela, ela recusou, mas com o que tinha acontecido não era a hora de testar a sua paciência e acatei. Astúcia, era esse o caminho. Então, ofereci o cartão para que ela comprasse o que precisava para ele, e ela pegou e entrou na loja.

Fiz várias chamadas enquanto esperava ali fora e o celular de Ricardo tocou como o inferno e nada de ele atender. Eu já estava quase desistindo quando ele finalmente disse alô, meio ofegante.

— O que você acha que fez, Ricardo? Por que não falou comigo antes como disse que faria? — grunhi *pra* ele, observando a saída da loja, mas Diana tinha entrado há menos de quinze minutos e não era provável que uma mulher escolhesse um biquíni tão rápido assim.

— Ei, ei, vamos com calma aí. Do que você está falando?

— Por que você resolveu mudar a Diana para o bar sem me dizer, porra? E só *pra* constar, é perfeito, mas não deveria me pegar de surpresa, não foi isso que a gente combinou, que você me diria antes?

— *O quê? Eu não... puta que pariu.*

— O que foi? Você mudou ou não mudou? Porque agora você vai deixar como está, nem pense mudar de ideia porque eu posso repensar minha prática de não violência com você.

Ele bufou.

— *Eu gostaria de ver você tentar. Mas olha, deixa eu te explicar essa merda. Só um instante, querida.*

— O quê?

— *Claro que não é com você, idiota.*

— Você tem uma mulher com você na cama às 11h da manhã? — perguntei, mas podia ver a ideia maravilhosa que era aquela, eu mesmo acho que estaria se pudesse, mas estava tentando dobrar um pouco a mulher que eu queria na cama comigo.

— *Eu tinha, agora estou fora da cama porque você está me ligando. Escuta, Diego, na verdade eu não vim logo pra casa ontem, surgiu um imprevisto e eu tive que ficar, acabei conhecendo a... porra, acho que é Melissa o nome dela, enfim. Uma das meninas do bar, Dália, não vai poder ficar, e assim que eu soube, pensei sobre a nossa conversa e disse à Samyra que reservasse o lugar para Diana, porque ela tinha outra pessoa em mente, mas antes iria falar*

com você e Diana, óbvio.

— Mas essa Samyra ligou ainda há pouco para Diana e confirmou que você havia trocado ela e a posto no bar.

— *Cara, Samyra fez uma merda. Eu disse a ela, mas não pedi que ela avisasse Diana, vou falar com ela sobre isso agora mesmo. Eu queria dizer a Diana quando ela viesse à noite para trabalhar, depois te de informar, é claro, ia conversar direito com ela, explicar, convencê-la.*

— Seria perfeito se ela não estivesse achando agora que eu interfeiri e persuadi você a fazer isso.

— *Mas não era isso que você efetivamente ia fazer quando me ligou?*

— Mas não fiz, então não conta.

Ricardo deu uma risada alta.

— *É assim que você vai se livrar disso?*

— Não. É assim que você vai me livrar disso por ter me metido nessa merda e estragado os meus planos cuidadosamente elaborados. Vire-se e diga a ela que foi ideia sua, o que tecnicamente, foi. Eu vou continuar com o meu pacto de "não agressão". — Sorri, mais relaxado, enquanto passava a mão no meu cabelo que o vento estava deixando em todas as direções, eu imaginava.

— *Ah, seu filho de uma... quer dizer, seu babaca de merda, eu me disponho a te ajudar e você joga o rojão pra cima de mim.*

— Nada mais justo, quem é o chefe dela? Eu tinha tudo organizado hoje e por causa da comunicação falha com sua funcionária, Diana acha que eu sou um imbecil controlador que está armando para ela não ficar no meio da boate.

— *E você não está fazendo isso, cara?*

— Não vem ao caso, atenha-se aos fatos. Ainda bem que ela não está com tanta raiva assim, então, conserte isso. Inclusive está de muito bom humor agora e... — Eu me virei sorrindo para a entrada da loja e quase engasgo com o que vi. Diana vinha saindo, a bolsa e alça da câmera pendurada do lado conversando com João que vinha segurando na mão dela, sorrindo também.

Ele estava adorável com uma sunga do Homem-Aranha, aquela visão dos dois juntos assim de mãos dadas caminhando *pra* mim era indescritível. Se João estava adorável, Diana... não, não estava adorável. Aquela não era a palavra justa para descrevê-la. Ela estava perfeita, deliciosa e muito sexy em um maiô branco com abertura nas laterais, o que evidenciava sua cintura e os seus quadris.

Aquilo era tipo um crochê? Eu não sabia, mas aquela peça era muito cavada dos lados na parte de baixo, notei, engolindo em seco, e na parte de cima, era um espetáculo à parte, já que deixava seus seios muito juntos e chamativos, uma visão e tanto. Se eu achava que ela estava linda mais cedo, agora eu não sabia mais que adjetivos usar, puta merda. Diana era muito gostosa, e quando eu

pensava que ela era minha e tinha o meu filho ali segurando em suas mãos...

— *Diego, você ainda está aí, cara, eu tenho mais o que fazer. O que...*

— Depois falo com você — avisei, antes de desligar rapidamente e guardar o meu celular, logo antes dos dois chegarem ao meu lado.

— Diego, a mamãe está bonita? — João foi logo perguntando. Aquele menino era perspicaz.

Olhei nos olhos de Diana.

— Muito, muito bonita.

— O moço lá dentro também achou.

— O quê? Quem? — murmurei, desviando meu olhar para ele agora. João assentiu, seriamente.

— Ele disse que a minha mãe era muito bonita e perguntou se ela...

— João... — Diana alertou-o, mas eu dei uma olhada nela e me abaixei perto dele, atento.

— Não, filho, *me diz*, eu quero ouvir, eu concordo com esse moço, sua mãe é linda. Me diz o que ele perguntou pra você.

— Ele perguntou *pra* mim se o meu pai estava com a gente — ele sussurrou, pelo menos ele achou que estava surrando. Eu estreitei meus olhos.

— Nossa, que moço atencioso. E o que você disse a ele?

— Eu disse que o meu pai estava aqui fora esperando a gente.

Eu sorri e passei a mão em seus cabelos.

— Ótima resposta, garoto.

Ele sorriu e eu peguei-o no colo. João não era exatamente pequeno, já tinha 5 anos, mas eu queria carregá-lo, pelo menos por enquanto, sempre que pudesse. Pus a mão livre nas costas de Diana e fomos em direção a um ótimo restaurante que tinha ali perto, o mesmo que eu eventualmente pedia comida nos fins de semana.

E quando ela passou por mim, entendi realmente porque o idiota estava tão afoito com ela a ponto de perguntar a uma criança pelo seu pai se ele a viu naquilo. Era inteiro na frente, mas parecia duas peças atrás, e era minúsculo, mostrando toda a exuberância da bunda de Diana. Eu fui andando um pouco atrás dela, e não podia dizer que meus olhos estavam focados em outra coisa que não na forma como sua bunda parecia deliciosa naquele maiô. Ela tinha uma bunda realmente perfeita para palmadas. Perfeita *pra* tudo, a quem eu queria enganar?

— Nós vamos almoçar ali? — Diana perguntou mostrando o restaurante. E eu levei uns três segundos para processar sua pergunta enquanto focava em seu rosto quando ela virou.

— Isso... sim, vamos sim.

Ela assentiu e buscou algo na bolsa que trazia, tirando uma peça leve e quase transparente e vestindo enquanto caminhava. Depois virou-se.

— Vamos almoçar e depois aproveitar o mar, não é, filhote?

— Isso!

E eu respirei fundo de puro alívio, e ajustei João nos meus braços. Pelo menos agora eu estaria por perto caso alguém estivesse interessado em saber se ele tinha a porra de um pai ao olhar para Diana.

Capítulo 18

A MOÇA DE CABELOS VERMELHOS

Abigail

Diego estava escondendo algo de mim. Tudo bem que ele disse que tinha uma surpresa ou algo assim, mas por que não dizia logo? E devia ser alguma coisa realmente muito séria, o que era pior ainda. Porque se existia uma pessoa fechada nesse mundo, era o meu filho mais velho, meu Deus. Ele tinha "herdado" isso do pai dele, infelizmente, porque eu mal conseguia permanecer calada até com pessoas que eu tinha conhecido há poucos minutos, imagina com a minha família. Falar era comigo mesma.

O meu menino lindo demais e reservado ao extremo, no entanto, dificilmente escondia coisas realmente sérias e importantes de mim. Desde muito pequeno, Diego era assim: só falava o essencial e você achava que ele estava disperso, quando ele na verdade estava entendendo e aprendendo tudo quietinho.

Mesmo na escola, ele chamava atenção exatamente por não interagir muito, e às vezes se manter até um pouco afastado das outras crianças. No início, isso foi um pouco preocupante, mas depois vimos que era só uma faceta da sua personalidade e que ele ia realmente se enturmando e sendo até muito interativo quando estava com pessoas mais íntimas e à medida que ia conhecendo essas pessoas melhor.

Eu tinha me acostumado tanto com o jeito de Diego que quando Marcos veio, 5 anos depois — e devo dizer, de uma forma nada planejada, pois achei que não engravidaria mais — com uma metralhadora no lugar da língua e com todo o barulho que uma criança podia fazer, foi uma mudança brusca, para dizer o mínimo. Eu ficava encantada vendo duas crianças tão diferentes: de um lado, Marcos, praticamente destruindo a casa, dando um trabalhão à Vilma, gritando e provocando todo mundo, causando "pequenos incidentes" enquanto crescia, e sempre, sempre falando muito. *Tá* ok, ele tinha "herdado" isso de mim, tudo bem, eu admitia.

Mas Diego, não... Diego permanecia no cantinho dele, brincando calado, geralmente dando uns olhares para o irmão menor como se achasse que ele fosse de outro planeta, e eu e Vilma — de quem até hoje eu tinha uma saudade imensa, ainda mais quando eu olhava para Iza — ríamos muito daquilo. O problema surgia, é claro, quando Marcos resolvia realmente provocar o irmão e destruir

algum brinquedo ou algo assim, porque aí não era nada engraçado e o menino quietinho, calmo e paciente era realmente o de temperamento mais difícil de controlar.

Marcos estava sempre brincando por algo ou provocando alguém, espalhando aquele sorriso doce para conseguir o que queria, desde criança era assim e nada parecia ter mudado pelo jeito. Já Diego crescia e ia realmente apresentando cada vez mais características de Otávio: sério, comedido, muito prático e focado nos seus objetivos, ainda que eu soubesse, ele não gostava nada de ser lembrado que parecia muito com o pai. Meu filho mais velho se mantinha calado, observando, e a não ser que fosse pressionado, não saía oferecendo informações relevantes sobre a vida dele por aí, mas quando era algo que importava muito, ele se abria comigo, ou então, desde que eles eram adolescentes, com o Teo, que tinha vindo morar comigo quando a minha irmã Andréa tinha morrido há muitos anos.

Tinha sido assim, por exemplo, quando ele resolveu fazer Direito em vez de estudar Administração como Otávio queria. Ele tinha vindo, à noite, preocupado, tenso, e me dito que sentia-se atraído pela carreira jurídica, e que ainda que não gostasse de nada que o ligasse a administração de uma grande empresa de investimentos como a nossa, ele daria um jeito de trabalhar com o pai, empregando o seu conhecimento na área, o que seria muito útil.

Para Otávio, tudo já apontava para que Diego fosse o seu herdeiro nos negócios e o seu filho perfeito, algo que Marcos, por exemplo, parecia não ser. Diego era muito obediente, disciplinado, compenetrado, perfeito para ser um grande empresário, ainda que tivesse, ao longo dos anos, tornando-se se não uma decepção para o seu pai — ele que ousasse dizer na minha frente que o meu filho era uma decepção! —, mas uma enorme fonte de desapontamento.

O primeiro grande sinal que Diego não era tão parecido assim com o pai tinha sido justamente esse, contrariá-lo ao não fazer o que ele queria, e eu o apoiei incondicionalmente. Eu sabia que era difícil para Otávio e entendia que era mais difícil ainda para Diego ter que desagradar ao grande homem que ele sempre tinha se empenhado em agradar a vida toda. Diego se cobrava muito e queria ser exatamente o que o pai esperava dele: o melhor, sempre. E isso era uma droga. Quem aguentava ser perfeito o tempo todo?

Eu vi aquilo, no entanto, como uma oportunidade do meu filho tirar um pouco dos ombros o fardo de carregar as pesadas expectativas do pai. E elas sempre tinham sido enormes, o próprio Otávio tinha recebido as mesmas em relação ao seu próprio pai. Eu, por outro lado, comprei uma briga silenciosa com o meu amado marido por causa de Diego usando todas as armas que eu tinha a minha disposição — veja bem, todas mesmo — para enfiar na cabeça dura

daquele teimoso que ele não podia impedir Diego de fazer o que ele quisesse.

E ele cedeu, claro, como fazia quando eu realmente me empenhava, pensei, com um sorriso malicioso. Porque no fundo, Otávio achou que isso não seria um grande problema já que Diego podia ser um grande advogado e ainda ser o herdeiro e administrador da fortuna e das empresas. Marcos, mais novo e bem mais difícil de lidar, aparentemente não tinha interesse em nada disso, e Iza era uma criança. Estava tudo certo com o mundo. Mas aí começou a dar tudo errado para Otávio, infelizmente.

Marcos estava ficando cada dia mais... selvagem, livre de todas as expectativas de Otávio, e vivendo, eu sabia, à sombra da perfeição de Diego. No início, ele pareceu não ligar a mínima para isso, tudo estava resolvido: ele era apenas o filho mais novo e toda a responsabilidade recairia mesmo sobre o irmão mais velho e mais preparado.

Mas eu conhecia meu filho, e temia que Marcos no fundo se ressentisse — não do irmão, graças a Deus, eles eram opostos que se amavam e se respeitavam muito —, mas eu temia que ele guardasse alguma amargura por não se encaixar nos padrões e nos moldes que Otávio queria.

Diego, por outro lado, tentava e se encaixava sempre. E Marcos, fazia o quê? "Ligava o foda-se" — eu aprendi isso com ele — e vivia mais loucamente ainda, usufruindo do fato de que ele não era cobrado por quase nada mesmo trabalhando nas empresas também. Então, veio o segundo golpe, esse ainda mais duro e problemático que o anterior: Diego, depois de alguns anos praticamente gerindo a empresa junto com o pai a partir do setor jurídico, tinha resolvido seguir realmente na carreira pública e prestar concurso para o que queria fazer de verdade. Otávio quase tivera uma síncope e mais uma vez eu apoiei o meu filho porque eu sabia que era o que ele queria. E mais uma vez isso causou um terremoto no nosso casamento.

Há alguns anos, eu tinha chegado a uma conclusão curiosa e intrigante, analisando tudo, e lembro de uma manhã quando Diego viera tomar café comigo no fim de semana e de ter dito a ele sobre essa minha reflexão: que por mais que ele fosse um homem equilibrado e sensato, ele era atraído pelo inusitado, pelo que saía do óbvio, meu filho no fundo sentia-se incomodado com o previsível, em fazer o que era esperado dele, em manter-se no rotineiro. Por mais que ele aparentemente abominasse tudo que não fosse organizado.

Ele podia ser parecido com o pai, sim, mas eu tinha chegado à conclusão de que havia algo nele que buscava o diferente para sentir-se completo. Por que ele estava sempre saindo do que era esperado dele se ele sabia que aquilo tudo estava planejado desde que ele era criança? Jogar para o alto a possibilidade de ser um dos maiores, mais jovens e bem-sucedidos empresários do Brasil para

buscar os seus ideais era apenas um dos pontos que me levava a concluir aquilo. Existiriam outros?

Claro que ele tinha rido de mim e me acusado de ver cabelo em ovo. Ele detestava tudo isso — a bagunça, a desordem, o inesperado, quem curtia isso era Marcos, ele dissera, e nada lhe dava mais prazer do que saber exatamente o que esperar da vida justamente porque ele programava e então, sabia o que viria. Eu passei a tomar o meu café em silêncio olhando para ele, até que Otávio chegou e a nossa conversa rumou para outros tópicos.

Então, essa sensação de estar perdendo algo, de que o meu filho finalmente tinha me deixado de lado e não confiava o suficiente em mim para algo que estava acontecendo com ele estava ali, *me angustiando*. Mas por outro lado, eu tinha ficado perfeitamente ciente de que a presença de Otávio ontem fora realmente o motivo para que ele viesse com aquela desculpa de que tinha companhia feminina em casa e não poderia me receber. Se fosse a Fabíola, por que eu não poderia visitá-lo? Bom, eu achava que não era a Fabíola, e só aí já era algo significativo.

— Amor?

A voz grave de Otávio tirou-me do devaneio, e eu olhei para ele ao meu lado na cama me encarando com ar interrogativo, o livro aberto à sua frente.

— Oi?

— Você está há minutos aí olhando para aquela cortina sem dizer nada. De início eu pensei que você estava pensando em algum tipo de reforma, mas então você estava resmungando o nome de Diego. E o meu, devo acrescentar.

Eu ajeitei o meu coque, a alça fina da minha camisola e me acomodei melhor na cama.

— Resmungando? Eu não resmungo, Otávio.

Ele arqueou uma sobrancelha como Diego fazia e eu suspirei e sorri. Otávio estava sem camisa, apenas com a calça do pijama exibindo o peito e o abdômen ainda muito firme, resultado das caminhadas e da vida saudável que ele mantinha quase religiosamente. Eu poderia dizer que o meu marido, aos 59 anos, ainda era um homem muito bonito. Eu, particularmente, o achava extremamente sexy, e desde que aqueles cabelos deles haviam ficado grisalhos em contraste com os seus olhos azuis, que os filhos também possuíam, aliado à sua estatura e o corpo forte, e ele parecia ter chamado um pouquinho mais de atenção por aí do que eu gostaria, na verdade.

Eu e Otávio nos casamos quando ele tinha 22 anos, e eu 21, e eu já estava grávida de Diego quando isso aconteceu. Em todos esses anos, o amor e a atração que eu sentia por ele não haviam diminuído nem um pouco, e o amor que ele sentia por mim também, ainda que na maioria das vezes eu quisesse

simplesmente matá-lo. Porque ele era um idiota arrogante, cabeça-dura, e devo dizer, muitas vezes intolerante com as coisas que ele não entendia ou que não eram da forma como ele queria que fosse.

Ele não era nada fácil, mas eu o amava assim mesmo. Porque ele era o homem que tinha me amado quando eu erroneamente achava que amasse outro. Tudo deu certo, no entanto, e em todos aqueles anos ele era o homem que, embora eu não quisesse no início, tinha me mostrado e provado que ele era o ideal para mim. E eu passei a amá-lo com todas as minhas forças. Era o homem que ficou comigo quando tudo que eu queria era a aventura que eu achava que uma outra pessoa poderia me proporcionar. Ainda bem que ele não tinha desistido de mim.

— Você sempre resmunga, querida. Até dormindo. O que foi agora?

— Nada não... só pensando em umas coisas aqui.

Ele ficou em silêncio por um segundo, então pôs o livro na mesinha ao lado da cama com um suspiro resignado e virou-se para mim.

— Muito bem, me diz o que está acontecendo. Não pode ser por causa desse tal namorado da Iza porque eu já disse que ela pode trazê-lo. Eu fiz o que você queria, não fiz? O que é então?

Eu pensei que Diego não queria que Otávio fosse até o apartamento, então eu não poderia realmente compartilhar muita coisa com ele. Aquilo me deixava triste, saber que meus filhos não se sentiam muito à vontade para se abrir ou para conviver com o pai. Certo, eu sabia que em grande parte a culpa era dele próprio, por causa do seu jeito distante e rígido, muitas vezes inflexível. Sem falar nas atitudes pedantes que ele vez ou outra tinha. Ainda bem que eu estava sempre por ali para dar uma puxada nele de volta para à realidade.

Mas o que me deixava mais angustiada era saber que se houvesse um mínimo de esforço de todos eles, e do próprio Otávio, óbvio, todos descobririam que ele não era um homem tão intransigente quanto parecia ser: eu conseguia lidar muito bem com ele, e Iza estava aí para mostrar que ele poderia ser carinhoso com outra pessoa além de mim. Mas esses homens, meu Deus do céu, não tinham jeito.

Eu ia contornar a coisa, não dizer o que não deveria, afinal, o que eu sabia ainda, se Diego não tinha me contado? Nada. Mas pelo menos eu poderia desabafar com ele e falar, porque falar me relaxava.

— Tem alguma coisa a ver com Diego?

— Por quê? — Eu olhei para ele, surpresa. Otávio sorriu, um daqueles sorrisos raros para muita gente, mas que eu estava bem acostumada a ganhar.

— Meu amor, você estava resmungando o nome dele, eu acabei de te dizer isso, não foi?

— Ah, sim. É, tem sim a ver com Diego.

— E o que foi? Algum problema no trabalho? — Ele ficou subitamente sério, um pouco preocupado. Dizer que Otávio tinha ficado furioso quando Diego abriu mão total das empresas era um eufemismo, no entanto, à medida que o filho tinha mostrado que não estava correndo atrás de um simples capricho, aos poucos ele foi acalmando, compreendendo, e quando Marcos finalmente assumiu tudo, depois de um longo processo de estresse, claro, porque nada com aqueles três poderia ser simples e harmonioso, Otávio passara a ser um dos principais entusiastas da carreira do filho, mesmo que ele não dissesse isso muitas vezes a Diego. Ou que nunca tenha dito, eu desconfiava. Respirei fundo.

— Não, está tudo bem, pelo menos ele não me disse nada sobre um problema no trabalho.

— Então, o que foi?

— Não sei realmente. Eu só, sei lá, tem algo acontecendo com Diego e ele não me diz nada.

— Abigail, por favor, isso é tudo porque você queria ir para a casa do seu filho no sábado à noite e ele disse que tinha companhia? Quando você vai notar que Marcos e Diego são homens com mais de 30 anos, pelo amor de Deus? Provavelmente ele estava com aquela moça lá da vernissage, qual era o nome dela?

— Eu vou notar que eles são homens quando você notar que Iza não é mais criança — murmurei, com pura doçura para ele.

Otávio cruzou os braços sobre o peito.

— De novo esse assunto? Eu já não disse que esse rapaz pode vir e jantar conosco?

— Ai, Otávio, não se trata disso, que coisa. Você não gosta do rapaz não só porque acha que ele não é bom o suficiente para Iza, você nem mesmo quer ver que Iza já tem 20 anos e que está pronta para tudo, namorar, casar, fazer sex...

— Já basta, Abigail. Eu não estou tendo essa conversa novamente com você — ele sibilou.

— Então não me pergunte nada.

Peguei a minha revista de moda que eu estava tentando ler antes — e os meus óculos, que eu só usava em casa e geralmente à noite — da mesa ao meu lado, e fiquei em silêncio, folheando-a como se estivesse superinteressada. Menos de um minuto depois, ouvi a sua respiração profunda ao meu lado. Otávio tomou a revista da minha mão e me puxou de lado para descansar em seu peito.

— Desculpa, querida. Você sabe que essa história da Iza me deixa...

preocupado. Eu preciso estar atento à nossa filha. Se eu deixar, qualquer *aproveitadorzinho* pode achar que é fácil chegar até ela, você precisa entender isso.

— Eu sei, mas você também precisa entender que nem tudo é uma questão de dinheiro, Otávio. Alguém um dia vai se apaixonar por ela de verdade, não importa quanto tenha na conta bancária e nem desse cara, e você vai precisar aceitar isso.

Ele não estava convencido, eu sabia, mas deu um beijo nos meus cabelos, seus braços me apertando um pouco mais e eu aproveitei para me aconchegar em seu calor.

— Vamos ver. Mas até lá, é assim que vai ser.

— Tudo bem. O importante é que o Erik vem e você vai recebê-lo muito bem, não é? Você me prometeu.

— Quando é que eu que eu prometo algo a você e não cumpro?

Eu sorri, esfregando a minha bochecha em seus pelos macios.

— Eu sei...

— E quanto a Diego, isso é apenas a sua preocupação excessiva com eles, nada demais. Ele deve apenas querer um pouco de privacidade com a tal moça, você sabe como ele é.

— Fabíola, é o nome dela.

— É, parece que você não gostou mesmo da garota.

— E você gostou demais pelo visto, é bem o que você acha que seria a sua nora ideal, não é?

— Eu só estava sendo simpático, você viu como a menina estava ansiosa por agradar, estava ficando muito constrangedor. Diego estava quase morrendo de vergonha com a coisa toda, você não viu aquilo?

Eu levantei o rosto para olhá-lo.

— Foi? Achei que ele estava bem à vontade com ela.

— Não estava não, pode acreditar. Mas eu não vou negar, achei que ela era uma moça muito agradável, educada, afável, parece ser o tipo de mulher que Diego está acostumado a andar por aí, ou estou enganado?

— Muito agradável, muito educada. Muito afável, muito tudo. Tanto que enjoava — resmunguei.

— Meu amor, se você resolveu não dar uma chance a moça, o que você queria que eu fizesse? Ela ia sair aos prantos dali já que ela nitidamente não conseguiu cair na sua graça e seu filho ia ficar mais constrangido ainda.

— Ah, por favor, eu não disse que não gostava dela, ela é uma mulher linda, refinada, culta... — Eu parei, acariciando o peito dele. — Eu gostei dela... não tenho culpa se ela achou que me dizendo o nome de cada pintor e de cada

escola de arte do século XX ela fosse me fazer cair de amores por ela. Eu preferia ter bebido a champanhe e conversado com todos vocês, ora essa. Ela mal me deixou abrir a boca.

Ele riu de novo.

— Sei, Abigail. Você gostou dela, claro.

— Não, eu gostei, eu só... ok, eu não gostei dela, mas isso não vem ao caso. Eu posso gostar dela depois, se é o que o meu filho quer, talvez tenha sido uma primeira impressão ruim apenas, ela estava nervosa, falando tanto e sendo pedante daquele jeito, enfim... mas eu posso perfeitamente gostar dela.

— Amor, você tem uma implicância com tudo e todos que você acha "pedante". Até comigo.

— Mas você é pedante. Eu te amo, mas você é. Sempre foi, na verdade.

— Acusação antiga e infundada, não vou nem discutir mais isso. O certo é que eu pensei que ele casaria com a Camila e nada, depois teve outras com quem ele não foi adiante, agora apareceu essa moça, o que Diego está esperando para realmente se aquietar na vida?

— Otávio, nem todo mundo casa aos 22 anos, querido.

— Todos dois têm muito mais que 22 anos, Abigail. Não era você que queria netos?

Eu suspirei, passando meus braços pela barriga dele.

— Eu quero, mas eu quero que os meus filhos sejam felizes também. E nós temos a Júlia, não? Mas eu quero mais... Essa casa está tão triste, você não acha?

— Sim, seria bom ter umas crianças por aí. Marcos, por exemplo, tenho medo que ele não tenha filhos e não case nunca nesse ritmo que ele vai.

Sorri, lembrando do meu filhinho mulherengo. Otávio dizia que não entendia como Marcos podia ter se tornado um playboy que trocava de mulheres como quem trocava de gravata, porque com certeza não foi em casa que ele teve esse exemplo. Mais uma vez, era Diego que parecia com o pai, até nisso.

— E talvez a gente tenha netos da Iza antes mesmo de ter dos meninos.

Eu sei, eu gostava de irritar ele às vezes, sempre gostei disso, porque senão, ele ia achar que era tudo do jeito dele. E eu tinha cartas na mão com altas apostas de que Iza ia ser um outro problema para Otávio quando chegasse a hora. Ou talvez não. Tudo ia depender de como ela voltaria e como seu coração estaria. Meu amor definitivamente não tinha sorte de ter filhos fazendo o que ele queria que eles fizessem. Dei um beijinho em seu peito.

— A Iza precisa decidir o que ela quer da vida, Abigail, encontrar um rumo, não ter um filho de qualquer um assim tão jovem.

— Mas você não achou nem um pouco ruim quando me engravidou aos

21 anos, não foi? E antes de casar ainda por cima.

— Não é a mesma coisa.

— Ah, claro que não, Otávio, foi superdiferente. E eu não estou dizendo que vai ser agora, meu Deus, estou dizendo que pode ser antes de Marcos e Diego, ora.

— Eram outros tempos. Iza tem um mundo de possibilidades a sua disposição, não acho prudente que ela nem tenha decidido ainda o que quer da vida e já esteja focando em um relacionamento.

— Sim, concordo. Possibilidades que ela mesma deve construir e aproveitar, não é? Nada de ninguém dizendo o que é adequado para ela e impedindo ela de viver, certo, meu amor?

Ele resmungou algo, mas eu não entendi. E nem me dei ao trabalho, ele estava discordando de mim.

— Iza é superajuizada, Otávio, você sabe disso.

— Eu sei, mais do que a mãe dela na mesma idade se bem me lembro. — Por uns segundos eu fiquei confusa, achando que ele podia estar falando de Vilma, mas o tom irônico e provocativo em sua voz me alertou e eu me sentei direito para olhar para o seu rosto.

— Eu só queria viver, Otávio, e meu pai não deixava, eu não era nenhuma louca. Pelo que eu me lembro, você me encontrou *virgenzinha* “da Silva”, por exemplo.

— Eu também lembro. E lembro também de você me chamando de “aquele riquinho metido do nariz em pé”. Ou algo assim. — Ele sorriu, às rugas nos cantos dos seus olhos o deixando mais charmoso ainda. Eu dei uma risada e voltei a me recostar nele, massageando o seu peito agora, devagar.

— Chato de galochas. Você precisava me dar um desconto, querido. Eu não queria sair das garras do meu pai e cair direto nas mãos de um marido. E você não me parecia muito divertido.

— Eu sei, e então, a belezinha loira rebelde queria um metido a *hippiezinho* idiota que não queria nada da vida — Otávio murmurou, os dedos fazendo círculos lentos nos meus braços. Quem não o conhecia bem achava que aquele tom era apenas divertido, mas eu sabia que não era. Aquele homem não esquecia nunca aquilo? Me Deus do céu.

— Eu não era rebelde, você que era conservador demais. Era não, é.

— Conservador? — Ele estendeu a mão e fez um movimento amplo no meu quadril, a minha camisola de seda preta subindo um pouco. Eu sorri e acariciei a sua barriga.

— Eu não disse em todos os locais.

— Vem aqui, “loirinha”. — Otávio então me segurou pelos ombros com

ambas às mãos e me trouxe para o seu peito, e enquanto o beijava, esqueci momentaneamente dos possíveis segredos de Diego.



Na manhã seguinte, no entanto, entre as coisas que estavam tomando a minha mente, como os preparativos para a volta de Iza e um jantar com investidores que eu iria com Otávio na terça, aquilo continuou a me espezinhar. Mas eu não liguei para Diego, fiquei na minha e esperei que ele tomasse o tempo dele. Só não esperava que fosse longo demais.

Eu estava ainda de robe, bebericando o meu chá, sozinha, já que Otávio tinha saído cedo para o campo do Gávea Golf Club, quando ouvi a voz e a risada de Marcos soar em algum cômodo pela casa, antes que ele aparecesse na minha frente usando uma camisa preta de algodão e jeans.

Eu já tinha dito que os meus filhos eram lindos? Pois eles eram, e pareciam ficar a cada dia mais, e mesmo que isso significasse que eu estava ficando mais velha, era verdade, fazer o quê?

— Bom dia *pra* mulher mais linda e gostosa do mundo, dona Abigail, minha mãe — ele me saudou, fazendo-me sorrir, enquanto curvava-se e me dava um beijo enorme na bochecha.

— Bom dia, meu amor. O que te fez cair da cama assim tão cedo em um domingo e todo galanteador ainda por cima? — Eu estranhei, notando que ele tinha os cabelos ainda molhados de um banho recente.

— Eu sou sempre galanteador, mãezinha, não esqueça. E não é que eu tenha acordado cedo, apenas não dormi ainda. — Estreitei meus olhos para ele e pousei meu queixo em minhas mãos cruzadas. Sim, agora observando bem, ele parecia ter o aspecto de quem não tinha dormido muito mesmo.

— Mais uma farra em alguma balada?

— Apenas diversão inofensiva no iate. Tem café? Eu preciso de café. E o papai, onde está? — Ele serviu-se de uma generosa xícara de café preto, fazendo uma careta quando sentiu que estava amargo. — Porra.

— Golfe com o Medeiros e o seu tio Rui. Saiu muito cedo — respondi, e dei uma palmada no antebraço dele por causa da boca suja.

— Deus me livre desse programa dos infernos. Ele me convidou, mas é claro que eu não vou perder o meu domingo ouvindo Medeiros falar das qualidades das filhas dele.

— Hum, e que qualidades são essas?

Ele me deu um sorriso deslumbrante, daqueles que provavelmente fazia o

meu filho mais novo sair-se bem de quase todas as situações. Ele tinha usado muito aquele sorriso ao longo dos anos.

— Nenhuma que me interesse no momento, pode apostar. Fazer canto lírico e falar quatro idiomas não fazem parte da lista de encantos que eu estou buscando em uma mulher.

— Posso imaginar bem o que consta nessa lista de encantos...

— Ah, mãezinha, não pode não.

Eu sorri e observei-o servir-se de café, frutas e pãezinhos. Então, tive uma ideia súbita e maravilhosa daquelas que as mães e esposas têm aos montes, quando querem descobrir alguma coisa. Pus novamente chá em minha xícara, bem devagar, pensando que ter um filho que não era tão trancado para repassar informações tinha suas infinitas vantagens quando se queria descobrir as coisas.

— E essa farra nesse iate, os meninos também estavam?

Ele engoliu e fez uma cara fechada para uma ligação vibrando no seu celular em cima da mesa. Então passou o dedo e pareceu ter dispensado a chamada, resmungando um "elas nunca entendem". Eu imaginava muito bem quem eram *elas* e o que elas *não entendiam*. Jesus, meu filho era um safado de marca maior mesmo, eu nunca deixava de me surpreender com aquilo.

— E então? Quem estava com você? Teo, Ricardo?

— Ricardo, que chegou lá depois. Teo sumiu na sexta com uma garota na boate e acho que talvez ainda esteja trancando em um quarto com ela até hoje. — Ele riu, e eu dei uma batidinha em seu braço, mas ri com ele.

— E seu irmão? Estava junto?

— Na boate? Acredite se quiser, sim.

— Não, no iate.

Marcos ergueu uma sobrancelha e parou de mastigar.

— A senhora está brincando comigo? Claro que não. O que Diego estaria fazendo em uma festa regada a... hum, bem... Diego não participa dessas coisas e a senhora sabe muito bem.

Ignorei conscientemente ao que aquela festa poderia ser "regada". Você não podia ser mãe de dois homens se não aprendesse a ignorar algumas coisas pelo caminho, na verdade.

— Graças a Deus que pelo menos um de vocês têm juízo. Eu pensei que ele viria aqui hoje, estou com saudades dele.

— Ótimo, diga na minha cara que está com saudades do filho de ouro quando eu estou bem aqui tomando café com você — ele resmungou. Eu sorri e estendi a mão para acariciar seu rosto.

— Meu *ciumentozinho* de uma figa. Eu liguei para você e disse que estava com saudade, não foi?

— Não lembro disso.

— Lembra sim. Mas então, você não tem tido notícias do seu irmão...

— Não, não desde a sexta na boate quando ele praticamente ficou doido por causa... Diego não costuma beber, aí quando bebe, sai um pouco da linha, aquele fracote.

Eu bebi meu chá, segurando o fio da meada que acabava de ser colocado bem na minha mão. Franzi a testa.

— Seu irmão bebendo assim? Que coisa, não?

— Era o aniversário do Ricardo, mãe, lembra? Pelo menos nesse dia ele podia beber com a gente.

— Nossa, meu Deus, o aniversário do Ricardo, claro. Podíamos pensar em algo para fazer *pra* ele aqui, essa semana que vem, Iza já vai ter chegado e podíamos fazer uma comemoração só, o que você acha?

— Eu acho que eu estou com dor de cabeça e vou dormir aqui. Meu quarto ainda está vago por aí, não está?

— Presta atenção, Marcos. A ideia é genial.

— Sim, mãe, genial — ele murmurou.

— Vou ligar *pra* ele. Mas e então, seu irmão bebeu, ele custa, mas acontece. Por que ele ficou doido?

Marcos me olhou, desconfiado.

— Quem disse que ele ficou doido?

Eu rolei os olhos, impaciente.

— Você disse, ora essa!

— Eu disse isso? Não, ele só saiu do prumo, talvez.

Eu olhei as minhas unhas, distraída.

— Mulheres. Coitado do meu filho.

— Realmente, ainda mais aquela que, se a cor do cabelo, vermelho, for alguma indicação, meu maninho está literalmente ferrado.

Ora, ora, senhoras e senhores. O que temos aqui? Eu podia não ter prestado muita atenção na Fabíola, mas de uma coisa eu sabia, ela não tinha o cabelo vermelho.

— Não, eles vão ficar bem. Afinal, ele parecia estar bem ocupado com a moça de cabelo vermelho ontem no apartamento dele. Nem sequer quis que eu fosse lá fazer uma visitinha rápida.

Marcos virou-se de novo para mim, parecendo meio espantado.

— Ele te disse isso? — Eu dei de ombros. Isso não era nem negar nem confirmar, caso fosse necessário averiguação posterior. — Interessante. Não imaginava que ele e a Diana já estivessem assim. Bom, parece que finalmente ele entendeu uma coisinha ou outra, não? Antes tarde do que nunca.

Eu sorri lindamente para o meu filho, o nome circulando na minha mente. *Diana, a moça do cabelo vermelho.*

Capítulo 19

NÃO, MÃE, EU QUERO VOCÊS DOIS JUNTOS!

Diego 

A minha ideia era passar um dia absolutamente tranquilo com João e Diana, levá-los para apreciar o mar e depois pensar em fazer coisas que nos distraíssem o restante da tarde. Eu tinha um batalhão de papéis me esperando, processos que precisavam de análise e revisão, coisas que eu sempre levava *pra* casa. Mas naquele dia eu tinha resolvido que eles poderiam fazer exatamente aquilo: esperar. Trabalhar no fim de semana era o que eu geralmente estaria fazendo se estivesse sozinho, mas não era isso que iria acontecer hoje.

A primeira parte do plano quase dera errado com a confusão causada pela menina que trabalhava com o Ricardo, mas de forma surpreendente a questão não tinha causado tantos estragos quanto eu achei que causaria. Todavia, eu não ia me precipitar achando que estava tudo bem, Diana ainda falaria com Ricardo e aquela questão do trabalho dela ainda traria alguns problemas, eu tinha quase certeza disso. Mas o que viesse, no entanto, eu estaria preparado.

A segunda parte do meu plano, aquela que dizia respeito a ter um almoço tranquilo com os dois, estava seguindo muito bem, e apesar dos olhares incisivos que às vezes eu via Diana me lançando como se estivesse me estudando — e eu percebia, mas fingia não ver — conseguimos manter um clima bom durante todo o almoço, com João sentado ao nosso lado dando trabalho para comer e querendo ir diretamente para o mar.

Era interessante notar como Diana interagia com ele. Ela era muito carinhosa, amorosa, paciente, mas ao mesmo tempo era muito firme, seja com olhares ou usando o tom de voz mais sério. E aquilo era muito bom de observar, eu ficava absorto naquela troca sutil entre eles, quando sorriam um para outro, ou quando ele fazia uma careta sabendo que tinha feito ou dito algo errado, por exemplo, e ela o repreendia.

E eu ficava ali, tentando a todo custo esquivar-me daquela sensação de mágoa que queria se infiltrar enquanto eu estava quase hipnotizado por ambos. Quanto daquilo eu tinha perdido? Quanto daquelas pequenas coisas eu poderia ter vivido antes? Por mais que eu não estivesse disposto a permitir que aquilo me consumisse, era quase inevitável que esses ínfimos questionamentos repletos de amargura se infiltrassem em minha mente. Então, efetivamente, o que eu poderia fazer quanto àquilo? Viver o agora, aqui, era isso ou me afundar naquela

sensação ruim. E tenho que admitir, ela não durava muito quando eu ouvia João rir.

Nós tínhamos terminado o almoço quando o meu celular tocou. Diana e João tinham ido ao banheiro e eu usei o momento para pedir a conta — eu sei, um truque velho, mas ninguém disse que as estratégias para lidar com Diana seriam todas extremamente engenhosas, não é? Olhei para o aparelho, e era, curiosamente, uma chamada do meu pai.

Certo, não é como se eu tivesse uma relação realmente difícil com ele ou que não nos falássemos, muito pelo contrário. Eu e Sr. Otávio Avellar de Barros, mantínhamos o que se podia chamar de um muito eficiente "acordo anticonflito" desde a última vez que realmente tínhamos entrado em guerra por alguma coisa. No entanto, não era também como se estivéssemos nos ligando sempre, apesar de que isso acontecia vez ou outra. Desde que eu tinha saído oficialmente dos negócios e Marcos assumira como o braço direito do meu pai, ele mantinha muito mais contato com o próprio Marcos do que comigo. Atendi, desconfiado.

— Pai, bom dia.

— Diego, bom dia. Tudo bem?

O dia acaba de ficar um pouco esquisito, mas tudo bem, pensei.

— Sim, tudo...

— Ótimo, então.

Um pouco de silêncio, e eu aguardei, achando aquele o mais rápido e um dos mais estranhos diálogos que eu tinha tido com ele nos últimos tempos. Eu e meu pai não éramos de bater muito papo sem que houvesse algo a ser resolvido, fora dos negócios. Era péssimo, eu admitia, mas era assim. O que era aquilo, então? Meu pai não mantinha conversas triviais, mesmo com os filhos — Iza parecia ter se transformado em uma exceção, ao longo dos anos. Apoiei meus braços na mesa e resolvi dar um incentivo. Minha mãe poderia ter pedido que ele ligasse? Não parecia algo que ela faria, mas nunca se sabia, na verdade.

— Tudo bem em casa com vocês? E a mamãe, como está?

— Sim, tudo bem, ela está em casa com Marcos, eu liguei ainda há pouco e ela estava muito bem, animada inclusive.

Eu não disse? Conversa estranha.

— Hum... ótimo. Ela tinha estado meio estressada esses dias. — Tudo bem, para quem não estava gostando do rumo daquela conversa eu enveredei por um tópico que eu não deveria nem ter abordado. Ele resmungou algo ininteligível antes de responder claramente:

— Sim, tudo por causa dessa história da volta de Izabel e desse namorado que ela está arrastando junto *pra* cá. Mas nós já nos entendemos quanto a isso.

Eu dei uma *tossidinha*. Que bom, ela não precisaria matá-lo e eu podia manter minha mãe longe da cadeia.

— Fico feliz por isso. Você está em casa?

— Não, estou no clube de golfe com Rui e Paulo.

— Ah, sim. Mas pensei que Marcos estaria com você hoje, ele não iria para o clube?

— E desde quando seu irmão cumpre compromissos em um domingo pela manhã?

Eu conclui que foi a coisa errada a perguntar assim que ouvi a nítida mudança de tom da voz grave dele. Mas seria muito louco se eu dissesse que estava mais acostumado a lidar com esse Otávio do que com o anterior, todo cheio de dedos e mais ameno em uma ligação que até agora eu não entendi o propósito?

— Domingo pela manhã, pai. Dê um desconto ao cara.

— É, suponho que eu deva dar, sim.

Claro que Marcos só iria para um compromisso assim com papai se tivesse uma arma carregada apontada para ele. Já bastavam os compromissos oficiais durante a semana que ele tinha que ir e se comportar como o empresário competente que ele realmente era, eu sabia. Nos finais de semana, no entanto, ele quase sempre fazia jus à fama de playboy "duramente" conquistada.

— De todo modo, liguei para saber se você vai visitar a sua mãe, hoje. Pensei ter ouvido ela dizer que sim.

Eu franzi o cenho com o questionamento, e quando olhei à minha frente, Diana estava voltando com João, passando pelas mesas para chegar à nossa. Mamãe tinha falado algo com ele? Não lembrava da última vez que o meu pai tinha ligado para pedir que eu fosse em casa. Como eu pensei, aquela era uma conversa muito estranha. E precisava acabar logo também.

— Eu irei, não hoje, mas amanhã mesmo passo lá. Melhor: vou almoçar com ela. — Eu tinha uma conversa agendada com Breno para resolver sobre a papelada necessária para o exame, para o envio do material genético de João, meu e de Diana ao laboratório, mas estava seguro que ele poderia resolver tudo e nos falarmos à noite. Havia também Fabíola, claro. A semana seria potente pelo jeito.

— Muito bom. Ligue e avise isso então. Estou indo embora, vou almoçar em casa. — Ele parecia meio aliviado? Qual o problema com ele? Mas talvez eu entendesse conversando com mamãe.

— Claro, vou ligar sim.

— Até mais, Diego.

— Até.

Eu desliguei segundos antes de João sentar ao meu lado e lançar um sorriso tímido.

— A gente pode ir agora, Diego? Pode?

Eu olhei para Diana e ela soltou um suspiro frustrado, mas estava com um sorriso leve nos lábios. Eu não podia negar que tinha passado o almoço inteiro, enquanto conversávamos coisas aleatórias e entrávamos na conversa de João, observando — às vezes sutilmente e outras não tanto, de propósito — Diana comer, beber, rir do filho, imaginando novamente quando a teria o mais rápido possível na cama. Saber como ela estava por baixo daquela saída de praia não ajudava nem um pouquinho para afastar a vontade de, o quê? Correr com ela sobre o meu ombro para o lugar mais próximo, despi-la, ou só afastar aquele maiô, na verdade, e tentar saciar aquela necessidade louca de estar dentro dela?

E isso era surpreendente porque eu me considerava um cara perfeitamente capaz de manter um almoço tranquilo e atencioso com uma mulher, conversando sobre vários tópicos casuais, mesmo que soubesse que a levaria para cama horas depois — já tinha feito isso várias vezes antes. Mas aqui, com Diana, e João bem aqui ao lado, a minha mente estava dividida entre a conversa e lembranças do nosso sexo da última vez.

E porra, cada lembrança era um desconforto maior na minha calça, ficando subitamente apertada com a ereção que se manifestava: cada vez que ela gemia, a sensação de estar dentro dela novamente, e *pra* coroar tudo, o seu consentimento para que eu desse aquelas palmadas em sua bunda, minhas mãos cheias daquela carne deliciosa e... me ajustei melhor na cadeira e engoli em seco. Imagens perigosas para ter em mente ali, cara, controle-se, pelo amor de Deus.

— Não é, Diego?

Eu encarei Diana. Tinha perdido o que eles estavam falando, merda. Limpei a garganta e fiz uma expressão compenetrada.

— Desculpe, eu me distraí. O que você disse?

— A mamãe disse *pra* gente ir tomar banho na praia — João antecipou, baixinho, como se estivesse testando a mãe. Eu sorri *pra* ele. Ok, eu ia, um dia, passar a lidar com João com mais firmeza e tudo isso, mas não seria agora. Por enquanto, eu estava empenhado demais em ter aquele sorriso o máximo de vezes que eu pudesse ter. Diana apertou os olhos na direção dele, depois voltou-se para mim.

— Eu disse que se você não tiver mais outra coisa para fazer, nós já podemos ir.

— Eu estou à inteira disposição de vocês.

Ela arqueou uma sobrancelha e estendeu a mão para João, e nós nos levantamos e saímos do restaurante.



Apesar de morar de frente para o mar, eu não podia dizer que era um cara de praia, realmente, aquele não era um ambiente no qual eu me sentia muito à vontade ou frequentasse regularmente. Mas ver a alegria no rostinho de João tinha me convencido de que tinha sido a melhor opção para aquele nosso domingo. E quem disse que eu só faria o que gostava agora que era um pai? Desconfiava seriamente que não.

Nas muitas raras vezes em que estive na orla que não fosse para correr, estava na companhia de Marcos, e às vezes, Ricardo e Teo, sentado em um dos bares, enquanto eles mantinham uma atividade mista que girava em torno de conversar, beber e encontrar companhia feminina, não necessariamente nessa ordem... Não que fosse muito difícil, eu tinha que admitir, com nós quatro sentados em uma mesa e um mundo de mulheres em volta não havia muita dificuldade envolvida quando queríamos as três coisas.

Até então, eu também tinha apreciado a vista ao redor e vez ou outra iniciado um contato que poderia se estender para um jantar ou algo assim. Lembro de uma vez em especial, quando uma mulher tinha sentado ao meu lado quando eu estava com Marcos ali na Atlântica, no fim da tarde de um sábado. Nós conversamos e ela me deu seu número. Depois daquilo, saímos juntos por uns 3 meses.

Mas apreciar a vista ao redor estava fora de cogitação agora por vários motivos, mas o principal era que eu estava muito consciente de Diana sentada ao meu lado, ainda usando a saída de praia, mas eu tinha certeza que daqui a pouco ela tiraria aquilo e... também seria alvo da vista a ser apreciada por todos ali. Eu estava bem com aquilo, de verdade. Mesmo. Não era um ciumento a ponto de achar que uma mulher não poderia exibir o corpo em um biquíni na praia quando estivesse na minha companhia, que coisa mais absurda. Era só irritante notar os olhares por vezes disfarçados, de um monte de homens, mas não realmente um problema, concluí.

— Vocês querem alguma coisa? — perguntei assim que nos acomodamos em um dos quiosques espalhados pela avenida, vendo Diana abrir a bolsa e depois começar a passar protetor solar em João, enquanto ele mal conseguia disfarçar a ansiedade.

— Nadar!! — foi a resposta de João, e eu e Diana olhamos imediatamente um para o outro e começamos a sorrir.

— Não, estamos bem. Vou levar esse mocinho aqui *pra* água porque

senão...

— Você não vem com a gente? — Ele quis saber, curioso, olhando para mim.

— Eu vou, claro.

— Oba!

— Eu fui jogada *pra* escanteio, é isso mesmo? — Ela passou o creme no nariz dele que riu.

— Não, mãe, eu quero vocês dois juntos!

Era uma afirmação e tanto, e novamente nosso olhar foi atraído um para o outro, então João olhou entre nós dois, claramente feliz.

— Nós vamos juntos sim, meu amor, mas eu queria algo antes, Diego....

— Ela disse, com um tom claramente meio tímido ou era impressão minha? Bem, aquele domingo estava realmente atípico. Meu pai com conversa casual, assim do nada, e agora Diana sendo o que eu menos espero dela: tímida? Eu esperava que as surpresas acabassem por ali, sinceramente, eu não era um cara de surpresas, e estava começando a ficar levemente sobressaltado.

— E o que é?

— Eu... posso tirar umas fotos suas com João, enquanto vocês... — Ela fez um gesto com os ombros, sem continuar. Eu assenti de imediato, meu olhar fixamente preso ao dela. Não porque eu gostasse de fotos, na verdade não era algo que eu curti muito, mas porque a possibilidade de que Diana me registrasse com o nosso filho era muito boa para eu deixar passar. E tinha mais: quanto mais eu soubesse e conhecesse sobre ela e o que fazia, era melhor para todos os envolvidos.

— A mamãe faz fotos bonitas, você sabia?

— Eu imagino que sim.

— Ela fez fotos bonitas minhas e suas — ele disse se aproximando de mim e eu peguei-o no colo. Eu olhei para ele interessado. Fez fotos de nós dois juntos, como assim? Diana só olhou para João como se estivesse exasperada, mas não o repreendeu.

— Maravilha, vou ajeitar a câmera aqui, vocês podem ir e eu encontro vocês.

— Vamos, Diego!

— Nós vamos esperar a sua mãe, tudo bem?

Nós esperamos, e apenas quando Diana levantou com a sua máquina fotográfica nas mãos nós três fomos em direção a areia, para completa felicidade de João Pedro, finalmente.



Eu tinha tirado a camisa, e apenas de bermuda entrei no mar com João. Era uma experiência completamente nova e fascinante, e eu me peguei rindo com vontade das coisas que ele fazia, ora carregando-o, ora apenas estando por perto, rindo com e também dele, antes que voltássemos a areia mais tarde. Tinha consciência de Diana a alguns metros de nós, sentada na areia de pernas cruzadas, e de como ela estava clicando sem parar, desde que nós dois tínhamos entrado no mar. Ela tinha tirado a saída de praia e estava apenas com o maiô agora, mas continuava sentada, focada em nós dois.

João olhava para lá, ria, dava tchauzinho, fazia poses e ela ria de volta. E mais cliques. Ele parecia muito à vontade ao ter a mãe fazendo fotos suas, e devia realmente estar acostumado com aquilo, já que Diana trabalhava com fotografias. Era outra coisa realmente fascinante, pensando bem, e agora que eu estava com João na areia, lançava olhares para ela, sentada ali com o vento bagunçando o seu cabelo e seu rosto escondido por trás da máquina.

Eu estava curioso e intrigado, e ao mesmo tempo surpreso de não ter sentido tanto desconforto em ser fotografado por ela ali na praia, sem camisa, molhado do mar na companhia de João. Claro que eu ainda não tinha visto as fotos, mas duvidava que estivessem algo menos que perfeitas, a julgar pela forma como ela estava totalmente concentrada em nós, tão linda, sorrindo, às vezes afastando os fios de cabelos que vinham para os seus lábios, ou mudando de posição para buscar ângulos diferentes para nos enquadrar.

Minha mente suja foi buscar outras possibilidades para aquele tipo de registro, em que ela, e eu talvez, estivéssemos com muito menos roupas e em um local muito mais privado. Eu podia até me aventurar a ser fotógrafo em vez de ser o fotografado, pensei, enquanto ajudava João na construção do que parecia ser um castelo de areia, afastando aqueles pensamentos perigosos.

Devo ter me concentrado bastante nisso, respondendo perguntas ocasionais dele sobre as pessoas ao redor, sobre quantos anos eu tinha — ele fez uma cara de surpresa, os lábios em um "o" perfeito, e perguntou se eu era velho. Ótimo. Eu ainda sorria disso quando levantei a cabeça novamente e olhei na direção de Diana.

Para encontrá-la de pé, sorrindo, as mãos na boca como se estivesse surpresa, olhando para um cara negro, alto e forte, apenas de sunga preta a sua frente. Ele era realmente forte, e daqui de onde eu estava, podia ver claramente o número enorme de tatuagens que adornavam o braço dele. De que porra de buraco aquele cara tinha saído? E o pior, eu tinha a impressão de que o conhecia,

e era só por isso que eu fiquei estático, observando atentamente enquanto eles mantinham uma conversa rápida. O cara cruzou os braços e fez um gesto de descrença com a cabeça, mas riu. Diana deu de ombros.

Cerrei os olhos para entender melhor a cena que se desenrolava ali e naquele momento ele pegou na mão dela e puxou-a para um abraço. Mas que diabos...? Certo, acho que estava na hora de eu e João entrarmos no rol de apresentações também, pensei. Talvez eu até o conhecesse mesmo e seria falta de educação não ir lá dar um alô para ele.

— Vem, João, a mamãe encontrou um amigo e a gente também vai conhecer o cara — murmurei, pegando-o pela mão, e ele veio sem questionar. Na mesma hora, ambos se viraram na nossa direção por algo que Diana tinha dito ao apontar para mim e João. Perfeito, ela já tinha iniciado o processo de apresentação, eu só ia dar continuidade.

Sim, eu conhecia aquele cara. Aquele sorriso dele, sempre sentado lá atrás, nas minhas aulas, ainda era exatamente o mesmo. Aquele sorriso e toda aquela marra, um cordão dourado grosso em torno do pescoço. Rio de Janeiro, você é a porra de um ovo ou algo assim?

Mas o sorriso morreu em seu rosto e foi substituído por uma expressão de choque quando ele me viu andando ao encontro deles. E foi assim que eu o encontrei, quase boquiaberto, quando parei na frente deles, alternando meu olhar entre Diana e ele. Mas não foi necessária uma apresentação muito elaborada.

— Professor Diego? — O cara franziu as sobrancelhas pretas grossas, e então olhou *pra* baixo, para João, pasmo.

— Thiago, você lembra de Diego pelo que vejo — Diana estava dizendo, um sorriso discreto, mas não sei se ele prestou muita atenção, já que estava fixado em olhar entre mim e o meu filho como se estivesse juntando as peças. Eu quase podia ver às engrenagens se movimentando no cérebro dele.

— Claro que sim, eu lembro sim...

Ele voltou a atenção para ela como se dissesse "Sério?" Ok, agora ele me irritou um pouquinho. Thiago, não? Bom, era o palhaço mesmo que se sentava sempre ao lado dela e que, isso eu podia lembrar perfeitamente, olha só que coisa interessante, não parava de quase ter um torcicolo para ficar olhando para o lado. Estendi a mão para ele.

O cara ainda estava tendo dificuldade de assimilar o que estava na cara dele? Como um bom professor, mesmo que eu não exercesse mais a profissão, eu tinha o maior prazer em auxiliar o entendimento das pessoas. Ex-alunos em especial.

— Olá, Thiago, tudo bem? Esse é João Pedro, o nosso filho. João, cumprimente o rapaz, por favor.

A cara dele enquanto retribuía o meu gesto foi cômica. Eu quase sorri. Quase, porque na verdade não era engraçado e me mantive sério. Thiago deve ter finalmente compreendido que estava sendo um idiota ali impressionado ao extremo, porque recuperou a pose e olhou para João com um sorriso.

— E aí, João, beleza? — Ele sorriu e eu fiquei me perguntando se aquilo de estufar o peito era natural ou ele estava particularmente empenhado naquilo agora. E João fez algo que não me passou despercebido e nem para Diana, notei, depois de ouvi-lo. Ele disse um "Oi" baixo, recuou um pouco e agarrou a minha perna com uma mão, como se estivesse envergonhado em torno do cara. Abaixei-me e o peguei no colo antes de voltar-me para o tal Thiago de novo.

— Ele só está meio tímido — expliquei. Ou talvez não tenha ido com a sua cara, era uma explicação plausível também, mas não seria de bom tom fornecê-la. Diana tocou na bochecha de João e depois sorriu para Thiago.

— E então, o que você está fazendo? E a Ana, tem notícias dela?

Thiago olhou para o rosto de Diana diretamente. Muito bom, porque eu tinha a impressão de que não era *pra* lá que ele estava olhando antes de eu chegar.

— Ah, nós perdemos contato, mas ela continuou. Eu também não terminei o curso, segui a carreira da música, você acredita?

Ainda bem que ele não tinha perguntado aquilo para mim, pensei.

— Nossa, sério? Olha que legal, você sempre gostou de cantar.

Eu lembro, pensei, então parei. Porra, desde quando eu tinha me tornado tão sarcástico assim?

— Que interessante, Thiago. Meus parabéns! — eu disse. Ele possuía mais tatuagens espalhadas pelo peito, e eu franzi os olhos e espiei Diana. Ela estava olhando diretamente para mim, e eu voltei a olhar para ele.

— Obrigado, prof... quer dizer, Diego, desculpe, é difícil perder o hábito. Vocês...? — Isso. Ele fez mesmo a pergunta, claro que sim, e complementou-a com aquele gesto com dois dedos juntos, um passando no outro olhando entre nós dois. Algumas pessoas dificultavam realmente o empenho já frágil que você tinha em ser educado, não era?

— Sim. Nós! — eu disse, com algo que eu esperava fosse interpretado como um sorriso educado, mas não havia garantias.

— Hum, legal. É... foi bom encontrar vocês. Diana, você... quer dizer, foi ótimo mesmo te ver. Diego, até mais.

— Ótimo te ver também, Thiago.

Fiz um aceno de cabeça, ele deu um outro aceno e seguiu na direção contrária. Fiquei parado observando-o, ele se voltou e me encontrou olhando, então, seguiu adiante, sem se virar mais.

— Diego...

— O quê?

— Você nunca gostou dele, não é? Eu lembro disso. — Ela estava sorrindo. Eu finalmente virei para Diana.

— Eu teria que primeiro tomar conhecimento da existência dele para chegar a não gostar exatamente.

Ela disse um "ok" irônico e ajeitou os cabelos.

— Por que você não gosta dele, Diego? — João entrou na conversa.

— Eu gosto dele, filho. Ele foi meu aluno. — Bom, eu não queria parecer um imbecil raivoso que não gostava de ninguém na frente do meu filho. Não acho que fosse um exemplo muito legal e lancei um olhar estreito para Diana. Ela formulou um "desculpa" sem som e sorriu.

— Igual a mamãe?

— Igual a mamãe.



Eu, Diana e João voltamos antes que a tarde avançasse, já que por mais que ele estivesse animado com tudo, e depois tenha voltado ao mar, agora com Diana, enquanto eu os observava, ele dormiu quase assim que voltamos para tomar água de coco. Era melhor levá-lo para descansar.

Quando chegamos em casa, pus um João esgotado na cama que ele e Diana dividiram, ajeitei-o nas cobertas, dei um beijo demorado em sua testa e o deixei dormindo. Diana tinha dito que ia tomar um banho, então eu fui ao banheiro do meu quarto e enchi a banheira, ajustei a temperatura da água e pus os conteúdos dos vidros que prometiam um banho relaxante. Eu ia precisar comprar mais daquilo depois, notei. A intenção não era relaxar, mas o aroma que invadiu o banheiro era muito agradável, então, eu estava fazendo tudo certo.

Eu tinha que admitir, aquela banheira era muito raramente usada. Claro que eu não ia ficar usando uma banheira enorme do nada. Havia concordado com a designer mais por insistência da minha mãe e de Iza, que tinham vindo para cá e atormentado a minha vida como se o banheiro e o apartamento fossem delas. Eu já tinha usado antes, com a própria Diana, naquela noite, e tinha que admitir que uma banheira daquelas tinha suas utilidades. Assim que ela estava quase cheia, eu desliguei a água e fui em busca de Diana no outro quarto.

Ela estava completamente nua e molhada, de costas para mim e na ponta dos pés para pegar uma toalha na parte de cima do armário embutido. Eu primeiro aprecie o show me encostando na porta de braços cruzados, reclinado a

minha cabeça para ficar mais à vontade. Quando vi que ela não ia alcançar sozinha e já estava resmungando algo, sorri para mim mesmo, *me aproximei* rapidamente e fiquei atrás dela.

— Eu pego *pra* você — sussurrei, afastando seus cabelos molhados para o outro lado e expondo seu pescoço. Diana ficou parada por uns segundos, depois encostou a cabeça no meu peito nu.

— Sempre um cavalheiro.

— Nem sempre, você sabe. Só quando é preciso. — Estendi a mão e peguei a toalha enquanto passava o meu outro braço pelo seu abdômen e a mantinha mais próxima ainda. Aspirei seu cheiro limpo, sentindo a minha excitação crescer.

— Obrigada então.

— Você não precisar de uma toalha agora, só mais tarde. Bem mais tarde se aquele rapazinho dormir como eu espero que ele durma...

Diana sorriu, depois fez uma expressão confusa e inocente que não me convenceu nem um pouco ao virar-se de frente *pra* mim pousando as mãos no meu peito e levantando o rosto.

— Mas eu já tomei banho, por que eu tomaria novamente?

— Você vai apreciar esse banho muito mais, eu garanto.

— Ahhh... um banho de banheira, talvez?

Abaixei a cabeça e dei um beijo rápido em sua mandíbula. Ela suspirou e fechou os olhos envolvendo os braços ao meu redor e pressionado os seios nus no meu peito.

— Talvez. Você me acompanharia?

Sua resposta foi esfregar o nariz no meu peito, entre me cheirando e movendo os lábios de leve em meus pelos, e eu soltei um gemido baixo já completamente duro dentro do meu calção.

— Você tem gosto de mar... sal e sol. Quero lambe-la... — Diana sussurrou e a ponta da sua língua apareceu e deslizou rápido no meu mamilo. Caralho. Foi suficiente para eu pegá-la no colo, fazendo-a rir, e saísse do banheiro com ela em direção a minha suíte.

— Vem comigo, eu tenho uma ideia ou duas envolvendo lambidas que eu acho que você vai gostar.

— Estou sempre disposta a ser convencida... quando vale a pena, claro.

Sorri e olhei para ela, e mais do que tudo, quis beijá-la, e foi o que fiz. Explorei seus lábios com os meus usando a minha língua para prová-la, enquanto Diana segurava o meu pescoço e cedia ao beijo intenso, quente... Sua boca era perfeita de encontro a minha e me fazia pensar em como um beijo podia ser uma coisa extremamente excitante.

— Eu estive a manhã inteira louco para fazer isso — confessei quando interrompemos o beijo para respirar. Assim que cheguei ao banheiro, a pus de pé e tirei o meu calção, rapidamente, enquanto nossas bocas ainda estavam meio conectadas. Todo o ambiente exalava um aroma bom, entre cítrico e picante, e associado ao fato de que Diana estava entrando agora nua e receptiva na banheira, era o suficiente para que eu estivesse com água na boca. Quase literalmente.

Ela entrou e se acomodou na banheira e eu a segui, sentando de pernas abertas atrás dela, derramando um pouco de água em volta, já que eu obviamente a enchi demais pelo jeito. Aquela banheira era grande para caber nós dois, mas ainda assim eu a puxei mais de encontro a mim assim que senti que nós dois estávamos imersos, afinal, ninguém estava ali para tomar banho relaxante. Pelo menos não eu.

Diana suspirou, recostada no meu peito e eu imediatamente segurei seus seios e passei a massageá-los, manusear os mamilos, a espuma deixando a tarefa mais deslizante, a temperatura da água contribuindo para aquecer ainda mais os nossos corpos.

— O banho perfeito... — Diana praticamente ronronou, pondo as mãos acima das minhas e ajudando nas minhas carícias.

— Obrigado, eu fiz o meu melhor.

— Bom, corrigindo, quase perfeito.

Eu parei a massagem excitante que já tinha o meu pau ereto e necessitado pressionado contra a bunda dela ali dentro da banheira, e dei uma mordida leve em sua orelha.

— Quase? Terei o maior prazer em corrigir o que falta, se você me disser.

Diana virou-se na água para ficar de frente *pra* mim, ajoelhada entre as minhas pernas, aquela expressão que era uma mistura de atrevimento e desejo que fazia o meu sangue ferver ao olhar para ela.

— Você me falou de lambidas e... estou pensando sobre isso, entende? Para ficar perfeito.

Sorri e levei a minha mão direita a minha ereção quase dolorida. Quando segurei e fiz movimentos de "para cima e para baixo", a ação quase encoberta pela água e pela espuma, Diana olhou fixo naquela direção, mais uma vez sua língua saindo e umedecendo o lábio inferior.

— Lambidas? — Foi só o que meu cérebro registrou, e eu repeti, então, continuando com os movimentos sem deixar de olhar para ela. Diana devia saber o que estava acontecendo com a minha conhecida capacidade de concentração, porque riu de mim.

— Você pode sentar aí na borda? Eu tenho minhas próprias ideias sobre

lambidas para apresentar, vamos ver o que você acha?

Sem pensar duas vezes, até porque pensar era realmente algo supervalorizado naquele momento, eu levantei da banheira e fiquei sentado na borda como ela havia dito, minhas costas contra a parede, minha mão em torno do meu pau rígido e sensível deslizando, enquanto Diana olhava aqueles movimentos quase em transe, os lábios entreabertos.

— Faça o que você quiser — eu disse a ela me recostando mais ainda, as pernas afastadas e plantadas dentro da banheira, bombeando o meu pau com calma quase enervante, com os dentes ligeiramente cerrados, e os olhos fixos nela. Olhar para Diana nua, molhada, partes de espuma escorrendo por entre seus ombros e seios nus, os desenhos e as letras em sua pele, o cabelo afastado do rosto... era simplesmente explosivo demais e enviava ondas de luxúria e desejo pelo meu sistema, quase me entorpecendo.

— Uma frase estranha vindo de um cara que gosta de controle —ela rebateu, mas se aproximou, de joelhos, apoiando-se nas minhas coxas. Eu sabia exatamente o que ela queria fazer, o que eu queria desesperadamente que ela fizesse, e a simples possibilidade estava me matando de tesão.

— Vou te ensinar uma coisa sobre controle... — Enlacei a sua nuca, e me curvei para sussurrar junto à sua boca. — Saber quando cedê-lo momentaneamente a outra pessoa é realmente tê-lo em seu nível mais elevado, não esqueça nunca disso.

— Meu Deus, eu fico com um tesão maior ainda quando você abre essa boca e diz coisas assim... — Diana aproveitou a minha proximidade e depositou um beijo no meu peito, depois esfregou os dedos pelos meus músculos, fazendo com que os retesasse em antecipação. Eu não sabia se ela estava falando sério ou não, voltei a me afastar e encostar na parede atrás de mim, possibilitando a exploração detalhada das suas mãos no meu abdômen, sempre descendo...

— E se eu te pedisse para... chupar meu pau agora? Você ainda ficaria com tesão?

— Não tanto quanto se você mandasse eu fazer isso... — ela retrucou, mas na mesma hora segurou o meu pau por cima da minha mão, e começou a acompanhar meus movimentos de bombear e deslizar por ele, e eu gemi em doce aflição. Diana afastou a minha mão e realmente assumiu o controle. Ajoelhada entre as minhas pernas, começou a manejar o meu pau com firmeza me fazendo soltar uma torrente silenciosa de palavrões enquanto a observava repetir e intensificar o que eu fazia antes. Uma porra de uma punheta magnífica.

— Como você é lindo... perfeito e eu quero te lambar inteiro... — ela sussurrou, os olhos semicerrados, ardentes, deslizando pelo meu corpo. Suas mãos e palavras me levando à loucura. Eu podia ver naqueles olhos cada gama

de desejo que ela sentia por mim. E Diana ainda não tinha terminado.

Sem desviar o olhar do meu, ela lambeu meu peito, de modo lento circulou a língua por meus mamilos, desceu deslizando a boca quente e molhada por meu abdômen, explorou meus músculos com a boca e por mais que eu quisesse permanecer absolutamente parado, não resisti e segurei a parte de trás da sua cabeça, mas sem pressioná-la. Eu só não conseguia não tocar nela.

— Você é delicioso, todo, mas aqui... — sem deixar de me olhar, Diana esticou a língua e passou pela cabeça do meu pau em um círculo lento. E eu grunhi em agonia, observando-a — mas exatamente aqui, nossa, seu gosto é viciante.

E ela abocanhou meu pau de forma quase faminta, traduzindo em suas mãos, seu olhar, seus lábios, sua língua, o que tinha acabado de dizer. Caralho, era a porra de um tesão absurdo e eu controlei o ritmo rápido do meu coração vendo-a levar-me quase completamente na boca, sugar-me, chupar, lambe, deliciando-se realmente com o meu gosto, sempre me olhando nos olhos. Mas então ela usou a outra mão para tocar a si mesma entre as pernas naquela boceta que deveria estar absolutamente molhada e quente... Apertei os meus dentes juntos, engolindo em seco.

— Porra, Diana... caralho, isso...

E os sons que ela fazia? Eu ia enlouquecer. Estava completamente a sua mercê e adorando cada maldito momento: sua boca me devorando, meu pau quase sumindo em sua boca e depois reaparecendo, sua cadência cada vez mais rápida e depois lenta outra vez. Diana ia me matar, era só nisso que eu conseguia pensar com os vestígios de racionalidade que ainda permaneciam no meu cérebro.

Ela aumentou o ritmo, oscilando entre a pressão perfeita e a delicadeza necessária, e eu comecei a sentir que estava me aproximando do limite total. Aumentei a pressão na lateral da sua cabeça em aviso, mas ela deslizou ainda mais rápido a língua pelo meu comprometimento antes de tirar a boca o tempo suficiente para quase me provocar uma síncope de tesão:

— Eu quero ver você gozar, Diego. Quero olhar e depois lambe, por favor.

E quase no momento seguinte eu comecei a gozar alucinadamente, grunhindo e gemendo, sua mão em torno do meu pau pulsante, enquanto olhava os jatos de esperma jorrarem e pegarem em seu rosto e nas minhas pernas. Antes que terminasse, no entanto, Diana fechou a boca sobre o meu pau e recebeu o restante em sua garganta, os olhos fechados, gemendo, e a visão daquilo... A visão do meu esperma em seu rosto, em seus lábios, era arrebatador, além da explicação, quase me fazendo desmoronar.

Segurei sua cabeça e tentei lembrar como respirar, arfando, olhando para ela com as pálpebras pesadas. Diana lambeu os lábios e sorriu para mim.

— *Me avisa* quando quiser o controle de volta, certo? — ela disse, sorrindo, e depositou um beijo carinhoso na minha coxa, antes de cruzar os braços sobre as minhas pernas e me observar. Eu já tinha realmente dito o quanto aquela mulher era linda?

Capítulo 20

TUDO TEM A VER COM ELE

Diana 

Insano. Simplesmente insano olhar para aquele homem lindo, forte, sexualmente poderoso, cheio de músculos, molhado, completamente nu e com aquele pau delicioso, perdendo o controle e ficando à minha disposição daquela forma. Eu já sabia que observar um cara gozando era excitante, claro, mas minha nossa, ver Diego fazendo isso era outro nível.

Eu imaginava que não era fácil ceder assim para alguém que, como ele, tinha tesão em comandar e submeter uma mulher durante o sexo — ainda que o prazer feminino fosse sua prioridade também como eu bem sabia. Ficar lá apenas me observando, de início, ou como ele me deixou levar as coisas ao meu modo depois, devia ter sido diferente para ele... Acho que por isso mesmo tinha sido tão intenso.

Ok, eu não era uma iniciada nesse tipo de coisa nem nada, nunca tinha encontrado um cara que gostasse de me dar umas palmadas ou gostasse de coisas muito exóticas na cama. Eu tinha topado com uma coisa ou outra menos usual por aí — uma vez, um dos primeiros caras que fiquei depois que João nasceu, simplesmente queria mamar. Literalmente, sabe? Ok, como eu disse, eu não julgava muita coisa, apesar de que algumas dessas coisas eram íntimas demais para fazer um cara que você estava apenas conhecendo. Não rolou, mesmo que ele fosse um cara legal.

Mas o problema mesmo não foi esse, o cara era todo infantilizado na cama, dava *pra* acreditar? Quando as coisas começavam a esquentar ele queria ser tratado como criança. Que porra era aquela?! Beleza, era um fetiche estranho *pra* mim, mas tinha quem gostava. Não era o meu caso, infelizmente *pra* ele, e mesmo a minha mente aberta não lidou muito bem com aquilo. A fila teve que andar.

Pra ser absolutamente sincera, a minha vida sexual nesses últimos anos tinha sido bem “normal” até, o que acontecia era que eu tinha uma certa inclinação, vamos chamar assim, a ser ousada na cama. Era da minha personalidade, claro, e isso se traduzia na forma como eu encarava o sexo e as minhas relações de modo geral.

Eu nem achava que era muita ousadia, na verdade, com poucos caras dava *pra* soltar-se da maneira que você queria quando sexo estava envolvido. E

definitivamente não era todo homem que levava aquilo bem, acredite, muito pelo contrário, encontrei um ou outro que adorava o “meu jeito”, sentia-se atraído pela minha imagem, pelas tattoos, pelo que eles deduziam que eu era, enfim; mas encontrei um número muito maior de babacas que pareciam um pouco incomodados comigo.

Não que eu fosse algum tipo de dominatrix ou nada disso, eu só buscava o meu prazer também, dizia o quê e como queria... eu não curto “sexo calado”, por exemplo, essa que era uma das questões. Se você não acha, eu te forneço o mapa, simples assim. Sair da cama insatisfeita com o cara achando que tinha arrasado não dava muito *pra* mim, apesar de que com a maturidade, eu aprendi a ser mais delicada e dizer as coisas do jeito certo.

Mas o que não faltava por aí eram caras idiotas que se sentiam ameaçados por qualquer indício de uma mulher com uma sexualidade minimamente bem resolvida. Não precisava muita coisa, não. Ao menor sinal de que você era desinibida o bastante para buscar o seu prazer, para dizer o que queria e não ser um simples receptáculo para um pau nem tão bom assim, a segurança deles desmoronava. Porque mulher na cama tinha que ficar lá e aceitar o que o cara determinava. Gozou? Sentiu prazer? Maravilha, sorte a sua, senão, fique quietinha, já que é assim mesmo, é a vida, fazer o quê? Não comigo, sinto muito. Mentira, eu não sentia nada.

Então, eu não era uma verdadeira submissa nem nada do tipo nem queria ser. Mas com Diego... era mais uma coisa puramente instintiva, de pele, de impulso, uma loucura que me levava a gostar, ansiar, querer que ele fizesse a porra que quisesse comigo, dentro dos meus limites do que era aceitável, nem um milímetro a mais, claro, mas a vontade de me render a ele, ficar como gelatina nas suas mãos e boca, e em todo o resto, me levava à loucura...

Tinha sido assim desde a primeira vez quando eu tinha quase perdido os meus miolos naquela noite em que engravidei. E olha que ele não tinha dado a entender que gostava de dar umas palmadas nem nada, tinha sido só a coisa toda do “gosto de mandar e vou te foder agora”. E eu que detestava gente mandando em mim, tinha derretido como manteiga. Mas quer saber o mais louco? Eu não tinha conseguido realmente reproduzir aquilo, daquela forma, com mais ninguém.

Eu tinha tido sexo bom, sexo muito bom até, pelo amor de Deus, não fiquei olhando para o céu esse tempo todo, segui a minha vida. Mas sabe quando um cara estabelece um maldito padrão e de certo modo você tem outras experiências boas e intensas, mas aquela, ah, meu bom Deus, aquela porra fica lá no teu cérebro como um marco? Foi isso que Diego foi, um marco *pra* mim. E um marco do tipo, caralho, que sexo fenomenal, e agora para igualar isso aqui?

Aquela única noite me mostrou que eu sabia muito pouco na verdade. E ele não tinha consciência, mas havia de certa forma me ajudado — porque no final tudo dependia de mim — a ser mais exigente, a saber que um cara podia sim priorizar o meu prazer e não só o dele. Porque Diego gostava de mandar, mas minha nossa, sabia dar prazer como ninguém... Então, se eu já não aceitava qualquer merda aos 19 anos quando tive aquela experiência com ele, passei a aceitar muito menos ao longo dos anos.

Isso me fazia lembrar de Sidney, um cara que eu conheci no aniversário do sobrinho dele, enquanto estava tirando fotos. Jovem, bonito, descolado, boa pinta, sorriso fácil, até bom de cama. A cama se transformou em algo mais e semanas depois ainda estávamos juntos. Eu podia ser quem eu era com ele e me sentia livre, quase feliz... quase. Quando as semanas se transformaram em meses — ele conheceu Mário e mamãe, fez amizade com James —, Sidney começou a falar em um relacionamento mais sério e eu concordei em ser a sua namorada. Ok. Eu podia viver com aquilo. Não o inseri logo na vida de João por puro comedimento, eu era assim, não caía de cabeça, mas fui levando.

E então, ele mudou. Não foi de uma hora *pra* outra, foi sutil, aos poucos, uma coisinha ali, um comentário aqui. As críticas as cores no meu cabelo foram surgindo. As minhas roupas talvez fossem exóticas demais, até que ele deu a entender que na verdade eram vulgares demais... E logo, as críticas chegaram à cama. Um cara que antes tinha apreciado a forma como eu era, de repente vinha me dizer que algumas coisas, algumas posições, algumas palavras, não eram coisas que uma potencial esposa deveria fazer ou dizer. Agora era um sexo em um compromisso sério, ele disse, eu deveria agir mais como uma dama na cama, não era bacana que eu agisse de maneira obscena, imoral... tenho certeza que ele quis dizer como uma puta.

Mas ele não disse muito mais depois disso, aquele babaca do caralho, mandei ele passear, claro, e que fosse procurar uma dama na cama no quinto dos infernos. Tinha certeza de que se ele fosse casado hoje, estava com uma dama na cama e tinha uma amante que ele considerava “puta”. Ou pelo menos estava procurando uma.

Então, na verdade, eu sempre mantive lá no cantinho da minha mente, como um inseto zunindo, aquela experiência livre e fabulosa com Diego, e havia comprovado, agora que estava novamente com ele na cama, que não, não tinha sido a merda da minha imaginação e nem eu tinha supervalorizado aquela primeira vez — porque era isso que eu tentava me convencer quando pegava um cara mediano: tinha sido bom com Diego, mas não era de outro mundo. Eu era uma idiota, tinha sido fantástico e agora era melhor ainda. Eu tinha sido lembrada em alto estilo do motivo pelo qual aquele homem me intrigava e me

deixava desnorteada desde o início.

Acaricieei seu peito, a minha bochecha pressionada contra seus músculos quentes, muito esgotada para fazer muito mais do que isso. O banho tinha sido quase tudo, menos um banho, e depois que usamos aquela bendita banheira de quase todas as formas que uma banheira poderia ser usada para duas pessoas transarem nela, nós viemos e deitamos um pouco, descansamos. Eu cochilei, e ele também. Depois conversamos, principalmente.

Decidimos, por exemplo, que amanhã mesmo a pessoa do laboratório viria colher o material para o exame de João Pedro, e que depois ele nos levaria ao apartamento ao sair para o trabalho, para que eu conversasse com a minha avó, a minha mãe, e resolvesse as coisas para que a nossa vinda para o apartamento dele fosse tranquila para João — E não demorasse muito, eu imaginava. — Mas se eu não estivesse enganada, não tinha nada traumático ou estranho acontecendo com João, ele estava levando muito bem até agora.

Eu estava imaginando a conversa que eu teria com a minha mãe quando ela soubesse da decisão de morar com Diego. Porque a ideia de morar em outra casa, como ele também tinha sugerido, nunca realmente esteve nos planos, não era?

Conversamos também sobre a questão da escola para João e ficou decidido que amanhã mesmo eu começaria uma pesquisa sobre o que fosse o melhor para ele, não podíamos perder tempo em relação a isso.

Eu estava saciada, sonolenta, e me sentindo em paz em muito tempo, por mais estranho que aquilo pudesse parecer, já que a situação com Diego ainda tinha pontos que poderiam ser considerados de conflito. Mas era isso. Suspirei.

— Diego?

Ele tinha uma mão fazendo círculos lentos no meio das minhas costas, mas estava em silêncio absoluto, o que contribuía sensivelmente para que eu estivesse naquele atual estado de letargia pós-sexo.

— Sim?

— Você encontra muitas mulheres que topam pegar umas palmadas na bunda, ou que gostam dessa sua coisa de dominador? — perguntei de supetão, porque ou era assim ou eu não perguntava. Eu estava muito curiosa sobre isso. A mão dele nas minhas costas parou por um segundo e ele pareceu ponderar sobre o que ia dizer, porque demorou um pouco.

— Não muitas, na verdade. Essas predileções não são algo que você saia dizendo ou mostrando assim, então, quando acontece, eu preciso saber com certa antecedência se a mulher está disposta a participar.

— Não devem faltar mulheres dispostas, imagino — eu disse, e não pretendia que soasse como saiu, naquele tom aborrecido. Mas que droga.

— Não esteja tão certa disso, querida. Boa parte das mulheres têm uma visão bem específica, e muito, como direi, limitada, sobre o que é permitido e o que não é no sexo. As que não têm, não estão exatamente dando sopa por aí.

Me afastei um pouco, apoiando a minha cabeça na mão para olhar *pra* ele.

— Acredite, boa parte dos homens também não têm a cabeça tão aberta assim como você imagina.

Diego fechou a cara.

— Eu imagino, sim, mas preferia não imaginar.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Então, você as convence? As mulheres relutantes?

— Nem sempre. Não é algo que você é simplesmente convencido a fazer, tem que ter uma boa dose de predisposição, digamos assim. — Ele sorriu de leve, apenas um canto dos seus lábios se curvando.

— Entendi. Então, não é todas as vezes que você quer um sexo assim... Como o que tivemos?

Ele respirou fundo e também se virou um pouco para me encarar com aqueles olhos profundos e tão intensos. Eu tinha que admitir que era um pouco difícil manter a respiração regular quando ele fazia aquilo.

— Não é toda as vezes que vale a pena — Diego respondeu, gravemente. Porra, aquele cara sabia dizer umas coisas para uma mulher, pensei. Voltei a deitar a cabeça em seu peito e segui com meu projeto de descobrir mais sobre a vida dele naqueles anos.

— Você ainda dá aulas em algum lugar? — Era algo que eu queria saber também desde que o tinha reencontrado, mas com tantas outras conversas ao nosso redor, aquela questão acabou passando. Ver hoje Thiago na praia tinha me lembrado daquela época, de quando eu o via dentro de uma sala de aula, lá na frente, lindo e distante, em uma postura impassível. Lembrei também da quantidade imensa de alunas que davam em cima dele — tá ok, eu também me incluí nesse grupo depois, apesar de desdenhar disso no início.

— Não. Eu não dou mais aulas já há algum tempo — ele disse quando eu já estava achando que ele não tinha ouvido a minha pergunta. Engoli em seco e passei a imitá-lo, passando a minha mão aberta no seu peito. A sensação era tão gostosa, o ritmo mais calmo do coração dele agora ecoando no meu ouvido. Eu podia ficar horas ouvindo aquilo ... sim, mas focando no assunto em pauta:

— Eu imaginei que você amava ensinar. Parecia tão bem fazendo isso.

— Eu amava, mas eu amo mais o trabalho jurídico, e de qualquer modo, as coisas se intensificaram e eu não tinha mais o tempo necessário para fazer as duas coisas, então, eu me contento hoje com as palestras e participação em

algumas conferências. Ainda é ensinar de alguma forma.

— Sim, é. E você ainda passou muito tempo lá?

— Eu terminei aquele semestre apenas. Foi assim que eu soube da sua foto com o James.

Eu sorri lentamente, notando onde ele tinha levado a conversa que eu comecei.

— A Ana, aquela idiota, ela deve ter mostrado *pra* todo mundo mesmo. Só faltava lamber o chão que você passava.

— Hum, sério? Eu não lembro muito dessas coisas.

Levantei novamente a cabeça para olhar para a cara cínica dele. Ele estava sério, mas era Diego, ele tinha aquela capacidade.

— Você lembra, sim.

— Não lembro não. Não lembro quem é Ana, especificamente... Mas sei que essa menina que estava me mostrando a foto disse em alto e bom som que você estava se dando muito bem em São Paulo, como você fazia sempre, a julgar pelo cara que estava na foto com você na cama. Eu tive que pedir silêncio à turma ou iria pôr todos eles *pra* fora. Isso eu lembro — ele disse, parecendo ligeiramente irritado com a lembrança.

Meu sorriso morreu um pouquinho e eu esperei algo que me indicasse que ele estava brincando. Mas não veio.

— Você está falando sério? Mas na foto eu e James estávamos vestidos, de rostos colados, era no quarto dele sim, mas nada que indicasse algo sexual, por que ela faria isso?

— Por que eu mentiria sobre isso?

Ah, Ana sua imbecil de merda, pensei, voltando a deitar no peito dele. Por que diabos ela teria feito aquilo? Imagina se ela realmente soubesse o que tinha acontecido comigo e Diego, o que não teria dito? Recordei daquela sensação que eu tinha na época de que mesmo que ela fosse minha amiga, eu nunca queria me abrir totalmente com ela. Mas veja só.

— Você manteve contato com seus colegas de turma esse tempo todo? — Diego perguntou quando o silêncio se estendeu e as nossas mãos voltaram ao que estavam fazendo antes.

— Não, não mantive muito. Com ela vez ou outra, mas foi se perdendo depois.

— Não com o cantor?

— O cant... ? — Eu ia questionar, confusa, mas não continuei porque comecei a rir, não aguentei e dei risada, batendo de leve no peito dele e lembrando de Thiago. E senti a risada dele quando o seu peito vibrou, e logo depois eu fechei os olhos novamente. — Não, não com o cantor.



Quando eu acordei, mais tarde, Diego não estava na cama e eu nem tinha me dado conta de quando ele tinha saído. Levantei, vendo que já estávamos quase no início da noite, passei a mão no rosto e fui para a porta, abrindo-a lentamente para sondar as coisas. João já deveria ter acordado, claro.

Estava tudo silencioso e eu voltei *pra* dentro, me enrolei no edredom indo na ponta dos pés para o próximo quarto, procurando pelos dois. A porta estava aberta e eu me aproximei procurando não fazer barulho e parei na entrada, observando a cena com um sorriso. Sim, era oficial, aqueles dois juntos queriam a todo custo me fazer vomitar arco-íris a cada vez que eu olhava *pra* eles.

João estava com a cabeça sobre o peito de Diego, usando a barriga dele como uma pista de corrida para um carrinho, como ele gostava de fazer comigo. Meu filho usa mais essa aí, muito mais firme e tudo, pensei, me encostando na porta. Diego não tinha me visto ainda porque tinha um livro aberto à sua frente, em cima do peito e estava contando alguma história para João naquela sua voz grave e cadenciada. Eu respirei fundo, mais uma vez tocada até alma com a cena, e os deixei sozinhos.



A semana, como imaginei, começou de forma intensa. Logo cedo, um rapaz do laboratório especializado em genética veio colher o nosso material para o exame. Antes disso, eu havia sentado com João enquanto ele desenhava na cozinha, e explicado da melhor forma que eu encontrei, que um moço viria pela manhã e iria precisar que ele abrisse a boca e fosse recolhido um pouquinho de saliva para um exame que ele precisava fazer. Ele perguntou se estava doente, eu disse que não, que era apenas necessário para que o nome de Diego fosse colocado na sua certidão de nascimento, porque nós sabíamos que ele era seu pai.

Ele continuou desenhando, um pedacinho da língua *pra* fora no canto da boca, concentrado. Eu dei uma olhada para Diego encostado ao nosso lado, de braços cruzados e já vestido em um terno escuro para trabalhar. Passei a mão nos cabelos de João e me curvei novamente. Não estava nervosa, de todo, mas estranhei ele ficar calado com aquilo. Nós já tínhamos tido muitas vezes aquela conversa antes de voar *pra* cá, ele tinha ido a consultas com a psicóloga e também conversado sobre aquilo. Agora continuava desenhando e me

ignorando?

— Meu amor, você entendeu o que eu disse?

João levantou a cabeça e mordeu a ponta do lápis preto que usava.

— Eu vou fazer um exame para saber se o Diego é mesmo o meu pai? — ele perguntou e eu arregalei os olhos na direção de Diego, porque não era *pra* sair assim, nunca foi falado daquela maneira. Mas Diego não estava com uma expressão surpresa nem aborrecida.

— Não, João, não é...

Diego fez um sinal para mim, se aproximou e apoiou as duas mãos na bancada à frente de João, abaixando-se um pouco para ficar na altura dele. Eu respirei fundo e apenas observei. João voltou ao desenho. Era um desenho de uma casa grande, e ao lado da casa, ele estava desenhando o que eu imaginei que fosse ele próprio.

— Ei, filho, lembra do que a gente conversou ontem?

João Pedro fez que sim, nada de olhar *pra* cima e eu senti meu coração apertar. O que era aquilo agora? E eles tinham tido uma conversa sobre isso? Eu esperava que sim, e que Diego fosse mais bem-sucedido naquela conversa do que eu estava sendo.

— Você lembra? — Diego insistiu, baixo e calmo. E João olhou *pra* ele, sério.

— Eu lembro.

— E o que foi que eu disse?

— Que você era meu pai de verdade — João sussurrou olhando para ele.

— Muito bem. Você é meu filho, é tudo que importa para mim, e não tem ninguém dizendo o contrário, ok? Ninguém. Mas os adultos gostam de papéis, eu te expliquei isso e eu preciso pôr o meu nome em vários papéis para provar isso *pra* eles, você sabe disso, não sabe?

Certo, eu ia chorar, então engoli em seco e controlei minha respiração. Diego sorriu para ele.

— Eu sei — João repetiu.

— Então, é só *pra* isso que serve, tudo bem?

João olhou para mim buscando confirmação e eu assenti, ainda não confiando em mim mesma para dizer algo, e ele sorriu *pra* mim e depois de volta para o pai dele.

— Tudo bem.

Suspirei de alívio e depositei um beijo em sua cabeça. Depois daquilo, ele voltou ao desenho enquanto eu preparava o café dele, mas estava mais tranquilo e não circunspecto como estava antes. Quando o funcionário do laboratório chegou, tudo correu bem e João até respondeu às perguntas sobre

desenho que ele fez para distraí-lo enquanto ele fazia todo o procedimento.

Antes de sairmos de casa, quando ele e Diego já estavam no hall me aguardando e depois de tudo resolvido, eu fui beber uma água e encontrei o desenho que João estava tão empenhado em fazer sobre a bancada. Era mesmo uma casa que se parecia muito com aquele apartamento, e era realmente ele próprio no desenho, e ao seu lado estavam um homem de cabelo preto e uma mulher com o cabelo vermelho, e na letrinha dele, acima das cabeças dos figuras, escrito, respectivamente, “eu, papai, mamãe”. Sorri, peguei a folha e levei para o quarto de Diego, depositando-a sobre a cama e então fui encontrá-los lá fora.

Vovó e James estavam em casa quando chegamos, e João, depois de receber os beijos e abraços de ambos, como se tivesse passado um mês fora, foi contar algumas coisas sobre os dois dias na casa do pai: os brinquedos, a praia, falou de Diego enquanto vovó e James me lançavam olhares que mesclavam surpresa, alegria e também eram provocativos. Eu deixei que eles matassem a saudade de João e fui organizar algumas coisas no quarto.

Eu teria o dia e a semana cheia também. Precisava pesquisar escolas, apesar de que Diego fosse ajudar com isso; precisava organizar os meus equipamentos e câmeras fotográficas que ainda estavam encaixotados, e só em pensar naquilo me dava um frio na espinha; precisava urgente atualizar as coisas, minhas contas nos sites nos quais eu divulgava o meu trabalho, buscar novos trabalhos... não era pouca coisa. Eu estava querendo investir em um site próprio, melhor do que blog que eu tinha, mas isso era para o futuro. Por enquanto, eu ia trabalhar da melhor forma com o que eu tinha.

Eu tinha o básico que alguém trabalhando nos primeiros anos de carreira freelancer podia ter, mas isso não queria dizer que era o suficiente ou que eu não queria investir em equipamentos melhores, mais sofisticados. Por isso, no início, e ainda hoje, se fosse preciso, eu fazia muito trabalho com eventos de moda, apesar de não ser a minha praia e preferir realmente as crianças. James tinha me ajudado muito com aquilo, com os trabalhos que ele eventualmente fazia e aquilo ajudou muito a começar a minha tarefa de investir dinheiro no meu negócio.

Estava justamente me perguntando quem viria primeiro, se ele ou a minha avó, quando ouvi a batidinha na porta e depois a cabeça de James aparecer. Ele sorria, mas eu conhecia bem o meu amigo para saber que ele não estava legal.

— E aí? Morar com o papai gostoso, hein? — ele disse assim que sentou na cama. Eu olhei *pra* ele espantada, então sorri.

— Meu Deus, João já disse isso *pra* vocês? Eu pensei que tivesse que

reunir vocês para contar sobre isso...

— Ah, não se dê ao trabalho, querida. Aquele menino ali fora está superanimado com o papai dele e não precisou de muito para que a gente soubesse. — Ele foi se apoiar na cabeceira da cama e cruzou as pernas. Seu rosto perdendo um pouco da diversão de antes. — Mas como você está de verdade com isso?

Eu suspirei e sentei ao lado dele.

— Eu estou bem. Acho que sim. Quer dizer, sei que é a coisa certa.

— Está escrito “confusa” no meio da sua testa.

— Não está, não.

— Está, sim e você sabe que eu sei. Então vamos lá, é o melhor para João, *maaaasss*...

— Em relação ao João tudo parece estar indo no caminho certo por enquanto. Diego vai pedir a guarda compartilhada, colhemos material para o exame de DNA hoje, e resolvemos outras coisas, como escola, enfim... está caminhando.

James só balançou a cabeça, sério.

— Podia ser pior, você sabe. Ele podia ser um cara rancoroso e com o dinheiro e a influência que ele tem, eu estaria com você para o que desse e viesse, mas minha nossa, tremo só em pensar.

— Eu sei.

— Ainda bem que ele não quer só filho, né? Quer você também. — Ele piscou para mim. — Mas algo me diz que ele estaria agindo da mesma forma se vocês não tivessem todas essas faíscas rolando aí.

— É, eu sei. Não vou dizer que não me dá um frio na barriga, mas é isso aí, vamos em frente. Ele exigiu que morássemos com ele também.

— Exigiu. Exigiu de que forma? — James questionou, desconfiado, e eu peguei na mão dele. Aquele sentimento de proteção que ele tinha em relação a mim era só um dos motivos que me fazia amá-lo tanto.

— Exigiu de uma forma que eu soube lidar, e entendi. Se você observar, quando ele for formalizar tudo na justiça, a primeira coisa que vai saltar à vista é que eu não tenho que morar aqui e ele tem como alugar um apartamento amanhã de manhã por exemplo, *pra* gente morar, se ele quiser... Odeio dar murro em ponta de faca, você me conhece. E eu já disse que a prioridade é o bem-estar do nosso filho, não adiantava ficar *frescando* sobre isso.

— É, como eu disse. Podia ser pior: você vai morar com o cara, ou seja, ele vai ter também que adaptar toda a vida dele *pra* isso, não esqueça, o pai do seu filho é rico e gostoso, você obviamente ainda arrasta os 4 pneus. Eu já disse que podia ser pior?

Eu ri dele, e ele sorriu de volta. Então voltou a ficar sério, *me observando*.

— Ainda estou aguardando aquele “mas” que eu sei que está por aí...

— Maass... — Respirei fundo. — Entre nós dois, resolvemos levar adiante a atração que existe, não dá nem *pra* fingir, meu amor, eu olho aquele homem e tenho vontade de pular nele, e acho que ele sente a mesma coisa. Então, é isso..

James ergueu uma sobrancelha em um gesto interrogativo.

— Ainda não vi o “mas”: cara gostoso querendo comer você loucamente e você querendo ser comida mais loucamente ainda. Me diz onde está o erro dessa frase?

— Em lugar nenhum. James, é só aquele meu velho instinto de preservação, entende? Será que eu não vou perder muito da minha liberdade, sei lá? E se não der certo *pra* mais adiante, eu vou continuar morando lá? Quer dizer, por enquanto dá *pra* jogar tudo no mesmo saco: é bom para o João e é bom *pra* nós. Mas e se não for *pra* nós depois?

— Eu entendo, amiga, de verdade. Mas você vai continuar mesmo assim, não é? Conheço você.

— Óbvio que vou, olha *pra* minha cara e vê se por medo de dar merda no futuro eu vou deixar de aproveitar o que eu posso agora?

James riu, e nós dois fazemos o sinal de high-five, batendo nossas mãos abertas juntas, no ar.

— Ele é tudo aquilo mesmo, não é?

Merda, eu tinha mesmo suspirado agora? E James notou, porque deu uma risadinha.

— E mais um pouco. Não. Mais um “muito”.

— Alerta de pau grande e competente na área, meus amigos.

— Oh céus, me abana, meu amigo.

— Bastarda sortuda.

Nós rimos um pouco, e então eu exalei o ar devagar.

— Mas sério, J. Eu posso estar confundindo tudo: culpa, tesão, sei lá, e depois sofrer porque ele vai mudar de ideia em como está lidando com tudo em relação ao João ou em relação a nós, mas não estou preparada para me preservar tanto assim e me afastar dele. Por que eu faria isso? Prefiro viver e segurar o tranco depois do que não saber como teria sido.

Dessa vez ele respirou profundamente.

— Eu sei bem como é. Acredite. Para alguns dá certo, e *pra* você vai dar, eu acredito nisso do fundo do meu coração.

Eu segurei sua mão com força e me aproximei mais, não perdendo o sinal

de dor em seus olhos azuis.

— *Me conta.* Como você está com o Edu? Vou precisar colocar algo no café dele amanhã?

Eu não tinha ido hoje, porque ele faria uma entrevista com duas meninas para trabalhar com ele — sem falar que eu achei que fosse trabalhar na boate ontem. James fez uma careta.

— Não, não faça nada tão drástico assim, por enquanto.

— Vocês têm se falado?

— Não. Eu não quis atender as chamadas dele.

— Idiota...

— Por favor, não diga nada a ele, Red. Não fale com ele sobre mim.

— Tudo bem, não direi. A não ser que ele venha falar algo comigo... aí eu já não posso te prometer nada.

— Diana...

— O quê? Você quer que eu ouça a baboseira dele sem te defender?

— Não é isso. É que... eu não estou atendendo não porque quero fazer birra, apenas, ou só porque estou magoado. Quero realmente um pouco de distância dele para pensar melhor. E isso está me assustando um pouco.

Olhei para ele preocupada. Sim, James nunca queria distância de Edu, nem quando eles estavam longe um do outro.

— Entendi. Tudo bem, não se preocupe quanto a isso. Mas o que ele fez dessa vez que já não tenha de certo modo feito antes?

— Foi só Eduardo sendo o que ele sempre é, pensando da forma como ele sempre pensa. Eu o amo. De verdade, não estaria nisso se não fosse assim. Quantos relacionamentos de verdade eu tive antes dele?

— Nenhum?

Ele não negou.

— Eu já sorri e agradei caras que queriam me dar o mundo... como eles disseram. — Ele sorriu, mas não tinha muito humor naquela expressão. — Em Nova York, o dono de uma agência de modelos me prometeu coisas que você não pode imaginar. Ele queria me levar para o jantar de natal da família dele, o louco, e ele tinha me conhecido há o quê? Duas semanas.

— É porque você é lindo de todas as formas que um humano pode ser, e só alguém muito idiota não vê isso, não percebe a pessoa maravilhosa que você é.

Sua mandíbula apertou.

— E então, eu conheci Eduardo Ferraz, e tudo em que posso pensar é em ficar com ele *pra* sempre. Justo o cara que não pode, ou não quer, assumir um compromisso. Não pode nem assumir que é gay, pelo amor de Deus. Por que

diabos a vida faz essas merdas com a gente?

Era uma pergunta retórica e ele continuou:

— Mas... eu não quero ficar *pra* sempre entrando escondido no apartamento dele, evitando lugares ou pessoas porque podem nos ver juntos, ser apresentado como amigo, porque o que as pessoas pensam dele é mais importante do que o que eu sinto... entende?

A sua voz falhou no final, e eu puxei-o para mim, seu rosto escondido no meu pescoço. Odiava ver ele sofrer de alguma forma, meu Deus. Estava na ponta da minha língua, eu já tinha dito antes, ele havia tentado duramente. Mas depois tinha voltado. Eu precisava dizer novamente.

— O que você disse a ele?

— Depois que o cara saiu, porque eu ainda penso na privacidade dele, como o idiota que sou, eu levantei e disse que eu já tinha amigos o suficiente, não precisava dele apenas como um, e deixei-o lá.

— James, você já pensou em...

Ele afastou-se para me olhar.

— Eu sei o que você vai dizer, e sim, eu já pensei em dar um ultimato a ele, nesse momento, estou pensando seriamente em... mandar tudo *pra* puta que pariu, nunca mais olhar na cara dele, procurar alguém bem resolvido com quem eu possa viver a minha vida sem me sentir como um maldito criminoso, como se eu tivesse feito algo muito horrível e devesse estar me escondendo...

— Maaaasss...

Ele deu um sorriso triste.

— Mas eu sou um covarde.

— Você não é um covarde. Não diga uma porra dessas, você é corajoso e não... olha, James, eu vou dizer algo *pra* você, eu adoro o Edu, mas acho que está na hora de você mandar, sim, ele se foder! Que é isso? Eu sei que não é fácil, não é, mas é a sua vida também. Se ele não acha que você vale a pena o suficiente para que ele não tenha que esconder você, como se... como se o que vocês têm fosse uma doença, meu amigo, e não sei... — Toquei seu rosto e tentei me acalmar. Eu tinha passado a amar Edu por causa dele, mas eu o amava infinitamente mais para não dar a minha opinião sobre aquilo... — Você tem que repensar se vale a pena que você se submeta a uma relação assim. Você merece mais.

James engoliu em seco e fez que sim com a cabeça.

— Se fosse o Diego... ou qualquer outro homem? — insisti.

— O quê?

— Se um cara quisesse fazer isso comigo: *me esconder, me tratar* como a amante, achar que eu era boa para sexo, mas não para ser apresentada a sua

família, não para ser assumida como alguém que já está comigo há quase mais de um ano. O que você me diria?

— Que você o mandasse se foder, e fizesse a fila andar.

— Bom, aí está o meu conselho *pra* você. Mas... tenha uma conversa com ele antes, *tá*? Essa parte do conselho é mais recente, tem a ver com a minha mais atual fase de não ser tão radical com as coisas. De ponderar mais antes de fazer, gostou?

James sorriu mais abertamente agora.

— Eu gosto dessa sua nova fase. Tem o nome Diego escrita por toda ela.

— Nossa, não força, J. Eu reencontrei o cara outro dia.

— Não, meu amor, você tem esse cara moldando seu comportamento e impactando a sua vida há 6 anos, tudo que você tem feito esse tempo todo, de certo ou de errado, a forma como você age com João durante esse tempo todo, tudo tem a ver com ele.

Eu só olhei *pra* ele e balancei a cabeça em negação. Mas me peguei pensando seriamente sobre aquilo.

Capítulo 21

A AVÓ DO JOÃO PEDRO QUER VÊ-LO

Diego 

Estava saindo do elevador quando encontrei Eduardo no hall ocupado em um telefonema. Cumprimentei as meninas da recepção brevemente e fui em sua direção, parando um pouco antes para dar-lhe privacidade.

Nós precisávamos definir algumas coisas e com o dia corrido que eu tinha pela frente queria dar prioridade àqueles assuntos. Pela cara de Eduardo, no entanto, não sei se ele daria prioridade a alguma coisa que não fosse o motivo daquele telefonema. Minhas suspeitas se confirmaram quando ele murmurou um palavrão e pôs o celular no bolso do terno, passando as mãos pelos cabelos. Eu pigarreei e pus as mãos nos bolsos, aguardando, até que ele finalmente olhou *pra* mim como se não estivesse me vendo, longe em pensamentos. Eu dei uma segunda tossida e ele pareceu "acordar", e sorriu desconcertado. O que diabos aquele cara tinha hoje?

— Oi, Diego. Desculpa, não vi você aí. Bom dia.

— Bom dia, sem problemas.

— Nós tínhamos uma reunião agora pela manhã, não era?

— Sim, nós tínhamos, mas... Você está bem? — Eu realmente quis saber, a despeito de não gostar de entrar em assuntos pessoais no trabalho. Mas eu conhecia Eduardo há anos e podia considerá-lo um amigo, e em todo esse tempo nunca o tinha visto meio desnortado como ele estava agora. Ele passou a mão e bagunçou mais o cabelo, mas pareceu retomar um pouco a compostura.

— Sim, claro, tudo bem sim. Só... muito trabalho hoje e como a Diana não veio, então...

— É, eu sei, deixei-a em casa hoje pela manhã.

Eduardo me deu um olhar quase horrorizado, que logo depois tentou disfarçar. Foi por segundos, mas eu percebi. Era a última cartada que eu precisava jogar para tirar a minha dúvida, e tinha acabado de dar certo. Aquela reação não era a de um cara que poderia estar com ciúmes da sua secretária. Aquilo era medo puro. Eu sabia reconhecer bem esse tipo de olhar. Ele pareceu ficar pior do que estava antes.

— Bom, como eu disse, só trabalho demais. Eu só preciso resolver algo e... e já vou na sua sala... pode ser?

Estreitei meus olhos para ele.

— Toma um café, bebe uma água e relaxa, Eduardo. Não é nada urgente. Depois nos falamos.

Ele nem contestou, como faria se estivesse mesmo bem, pelo que eu o conhecia, apenas assentiu com um suspiro e eu dei meia-volta, deixando-o para tentar resolver o que quer que o estivesse atormentando.

Assim que cheguei ao meu escritório liguei para Breno.

— Breno, bom dia.

— *Diego, bom dia. E o fim de semana familiar como foi?*

Recostei-me em minha cadeira e abri o botão do meu terno, sorrindo. Eu podia imaginar a expressão de ironia dele do outro lado.

— Muito bom, mesmo que você não acredite.

Ele fez um som de resmungo característico. Breno era um cara legal, mas desconfio que a profissão dele — o fato de lidar com as mazelas dos processos de divórcios, separações, pensões, brigas por guardas de filhos e tudo que envolvia um casamento quando não dava certo — acabara por torná-lo extremamente desconfiado e um opositor ferrenho de tudo que dissesse respeito a esse tipo de união. O fato de ele ser um cínico em relação ao amor, de modo geral, também não ajudava muito.

— *Acredito, por que você acha que não? Você arranjou de um tacada só, mulher e filho, meu amigo, desejo sorte a você.*

— Não será preciso sorte, mas agradeço de todo modo.

— *Tudo bem, então, se você diz.*

— Notícias?

— *A papelada para o pedido de guarda compartilhada deve estar pronta até amanhã, e com o envio do material ao laboratório, acredito que em duas semanas tenhamos tudo resolvido.*

— Isso tudo?

— *Calma lá, Diego. É um processo de paternidade, além do mais, nós pedimos o sequenciamento de todo o DNA, como é mais adequado. Mas fica tranquilo que eu vou tentar reduzir esse prazo pela metade, no mínimo.*

— Muito bem. E depois entramos na outra parte.

Ele ficou por um momento em silêncio, antes de respirar fundo.

— *Você vai pelo menos esperar sair o resultado do exame de DNA para mexer em coisas mais definitivas, não vai?*

— Eu já te disse que o menino é meu filho, Breno, qual a porra do seu problema? — sibilei, pondo os meus óculos de lado e apertando o meu nariz.

— *A porra do meu problema é que eu sou seu amigo e, veja só, também seu advogado. Como seu amigo, estou muito feliz por você e tenho certeza de que o menino é seu filho, mas como a porra do seu advogado, preciso fazer*

exatamente o que você me paga para fazer: zelar pelos seus interesses e impedir que você saia fazendo merda.

— Eu dificilmente faria besteira em algo assim, você me conhece.

— *Conheço. Mas você não conhece direito essa moça, Diego, o que está acontecendo com você?*

— Desde quando você duvida da minha capacidade de discernimento das coisas, cara? Escuta, você está certo, sei que é seu dever me dizer tudo isso, eu entendo, mas eu sei o que estou fazendo, certo? Mas só para que você fique tranquilo, eu não vou mexer em nada até o resultado sair, não porque eu precise dele, mas quero estar respaldado legalmente.

— *Claro. Não vai ser fácil chegar no velho e dizer: pega, você tem um neto que eu só soube agora, e o menino é o único herdeiro das ações que eu possuo na empresa por falar nisso. Ações que por sinal eu vou querer retomar o controle efetivo para preservar o patrimônio do meu filho. E ah, a mãe dele é uma ex-aluna novinha que eu peguei e depois ela foi embora, mas escondeu de mim a gravidez. Diego, seu pai está bem do coração, só por curiosidade, porque olha...?*

Suspirei, porque em linhas gerais era aquilo mesmo. Eu, obviamente, havia precisado contar os detalhes para Breno, inclusive as minhas pretensões de alterar algumas decisões relacionadas a participação na empresa em favor de João.

— Faça o que tem que fazer para organizar tudo o quanto antes, Breno, e deixe de conversa fiada. — Eu sorri.

— *Você me disse que Rui também tem ações na empresa de vocês, não disse?*

— Poucas, mas tem sim. O suficiente para ele fazer parte do conselho, mas não para barrar qualquer mudança que eu propuser.

— *Isso se Marcos estiver do seu lado com a porcentagem dele.*

— Eu não tenho a menor dúvida de que ele estará do meu lado. — E tinha a mais absoluta certeza disso. Eu e meu irmão podíamos ser tão diferentes quanto possível, não nos vemos ou falamos todos os dias, mas nós nos amávamos e eu sabia que ele me apoiaria no que fosse preciso quando chegasse a hora de dizer a ele sobre a situação toda.

— *Ok, então. Vamos aguardar. Mas Diego, eu sei que você está encantado com a paternidade e tudo isso, além de estar louco por essa mulher pelo que posso ver, mas cara, conheço como as engrenagens funcionam, vai com calma.*

— Eu sei disso também. E apesar do que você acha, Diana tem se mostrado disposta a cooperar e não tem demonstrado nenhum interesse

financeiro atípico, como você pode estar preocupado.

Ele deu uma risada.

— *Você está muito caído por essa mulher, isso sim. Eu deveria dizer a Camila que o que ela tentou por anos, a Diana está conseguindo em dias: deixar você feito um filhotinho apaixonado? E o que diabos você já está oferecendo e ela recusou?*

Eu sorri enquanto ligava o meu computador.

— Deixa a Camila em paz, a mulher até casada está hoje em dia. E não é da sua conta o que eu ofereci, você só precisa saber que ela não aceitou.

Ouvi novamente a sua risada baixa.

— *Certo, não vou dizer mais nada porque corro o risco de ficar sem o amigo e sem o cliente, e não quero nenhuma das duas coisas.*

— Você é um cara inteligente.

— *Ok, Diego. Você sabe o que está fazendo. Mas de todo modo, aguarde a minha parte ser feita para dar início a sua. Espere até ter tudo sob controle para prosseguir com isso, sim? E estou falando como o seu advogado.*

— Certo, Breno. E como meu amigo?

— *Como seu amigo eu quero sentar pra tomar uma cerveja com você e ser devidamente apresentado ao João Pedro e à Diana Ribeiro, a mulher que está tirando o meu amigo sensato e prudente da linha. Parece um bom plano pra você?*

— Vou pensar sobre isso. E ninguém aqui está saindo da linha, eu só estou fazendo o que é certo.

— *Sim, repita isso várias vezes até você acreditar. Funciona comigo, sempre.*

Eu sorri e nos despedimos, combinando de nos falarmos assim que ele tivesse tudo pronto.



Trabalhei por um tempo em silêncio e concentrado nos papéis que eu não tinha sequer lançado um olhar no fim de semana, até que lembrei que precisava fazer algo de suma importância para a preservação da minha sanidade mental: peguei o meu celular e liguei para a minha mãe.

Ela atendeu quase imediatamente.

— Mãe, bom dia.

— *Ei, meu amor, bom dia!*

— Como a senhora está?

— *Feliz agora que o meu primogênito resolveu me ligar, de que outra maneira eu poderia estar?*

Franzi a testa, intrigado. Minha mãe estava irritada comigo no sábado porque queria saber o que eu "estava aprontando", como se eu fosse homem de aprontar alguma coisa, e agora estava toda doce e alegre comigo? Era impressão minha ou as mulheres ao meu redor estavam praticando deliberadamente uma alternância de humor para me deixar confuso?

— Hum, que bom, quer dizer, pensei que a senhora estava um pouco estressada esses dias.

— *Ah, não, já passou. Está quase tudo bem agora.*

— Quase?

— *Sim, só falta o meu filho amado cumprir a promessa dele e vir almoçar comigo.*

— Eu vou, mãe, pode ficar tranquila. *Me espere* ao meio-dia. Tenho algum trabalho a fazer ainda aqui, mas não devo demorar.

— *Ótimo, já mandei preparar um frango assado ao molho de laranja e alecrim que eu sei que você gosta. Estou te aguardando, meu amor.*

Eu não ia nem tentar entender aquela mudança repentina, acho que era melhor deixar *pra* lá.

— Maravilha, mãe. *Me espera*, então.

— *Ai de você se não vir* — ela alertou com uma voz alegre antes de desligar. Às vezes, muito raramente, mas às vezes, eu me perguntava se não era do meu pai que nós deveríamos realmente ter pena mais frequentemente...

Eu iria, claro, como eu disse, minha sanidade estava em jogo e eu a prezava muito. E por falar em sanidade... Puta merda. Passei a mão na mandíbula lembrando que deveria ligar para Fabíola e resolver aquilo logo. Tudo que eu não queria era um mal-entendido acontecendo justo agora quando eu estava tentando resolver as coisas com Diana, e já tinha problemas suficientes sem precisar acrescentar Fabíola ao pacote.

Peguei o celular e fiz uma ligação para ela, disposto a resolver aquilo o quanto antes. Ela com certeza não aceitaria aquilo muito bem, óbvio, até então eu estava indo *pra* cama com a mulher em algo muito próximo a um relacionamento, pelo amor de Deus. O problema era que eu não era adepto a manter várias mulheres ao mesmo tempo, ou manter pequenos casos com o tempo de entrar e sair da cama. Não tinha tempo nem disposição para esse tipo de coisa, era muito caótico, e eu detestava isso. E já que eu não ia deixar de manter Diana na minha cama, então não poderia manter aquilo com Fabíola.

O seu número, no entanto, chamou várias vezes e ela não atendeu. Bom, eu iria tentar mais tarde, de qualquer forma. Ainda tentei mais algumas vezes,

todas com o mesmo resultado, então desisti. Iria ligar quando voltasse do almoço com a minha mãe.



Por conta do engarrafamento, passava um pouco do meio-dia quando eu estacionei na imensa área externa da casa dos meus pais no Leblon. Aquela casa imensa, que estava na família do meu pai há vários anos, poderia parecer imponente e até fria em sua suntuosidade, mas para mim, era sinônimo de uma nostálgica felicidade, e muito boas lembranças da infância. Era muito bom que tanto papai quanto mamãe se dispusessem a permanecer naquela casa imensa mesmo depois que todos nós saímos nos últimos anos. Claro que Iza estava voltando depois de um ano, mas por realmente quanto tempo ela ainda permaneceria em antes de querer a privacidade dela de alguma forma?

Uma vez Marcos chegou a sugerir que eles ocupassem um dos imóveis que papai tinha à disposição, como um apartamento próximo ao meu e ao dele, por exemplo, para não ficarem tão sozinhos na casa enorme...e quase mamãe tinha tido um treco com a simples sugestão. Ela criou os filhos ali e queria netos ali, argumentou, e ninguém discutiu mais a questão, nem mesmo papai.

Entrei na casa, passando pelos cômodos imensos, silenciosos, alguns repletos de obras de arte clássica, uma das paixões que os meus pais, mas principalmente mamãe, tinham em comum desde muito jovens. Fui, encontrá-la na sala de estar, absorta em um tablet, o belo rosto concentrado enquanto tamborilava os dedos no queixo. Eu podia imaginar que ela estava empenhada em algum tipo de participação, financiamento de eventos artísticos e culturais que a empresa da família estava envolvida. Com o conhecimento advindo da sua formação e a experiência que ela havia adquirido ao longo dos anos em dar jantares, organizar festas grandiosas e estar sempre circulando por esses espaços com papai, passou a realizar o que ela chama de "fazer alguma coisa útil com tanto dinheiro". Por conta da sua insistência, anos atrás, papai passou a patrocinar alguns eventos ligados à arte, moda, shows, e montou um setor de ações de patrocínio direto, que mamãe lidava não tão diretamente assim, mas ainda ativamente. Aquilo era mais conhecido como mecenato cultural, mas ela não gostava muito da definição, assim como detestava quando alguém da imprensa referia-se a ela como "socialite".

— Eu fui atraído até aqui com promessas de uma mãe carinhosa e um frango ao molho de laranja. Onde estão ambos?

Ela levantou a cabeça e sorriu amplamente, enquanto eu fui até ela e a

beijava afetuosamente no rosto.

— Você está ótima, mãe.

— Marcos disse que eu estou gostosa, só *pra* você saber — ela me provocou com uma risada.

— Eu imagino que ele tenha dito. — Sentei ao seu lado no grande sofá creme circular e tirei o paletó do meu terno. — E você, está exercendo a sua função de mecenas?

Ela fez um trejeito desdenhoso com os lábios.

— Não, apenas tentando entender algo que Marcos me disse sobre investimentos em *startups*.

— Que interessante. Papai deve estar adorando a essa ideia de investir em algo que não seja fixo, rentável e tradicional. Marcos já disse a ele sobre isso?

— Não faço ideia, mas deixa isso *pra* lá que Marcos e seu pai se entendem... um é tão teimoso quanto o outro, eles se entendem à perfeição.

— Com certeza. E então, a senhora e papai resolveram suas diferenças, pelo jeito.

— Resolvemos da melhor forma possível. — Ela sorriu abertamente. Eu a encarei e ajustei meus óculos, olhando-a seriamente.

— Eu espero que não haja nenhuma insinuação de teor sexual nessa sua frase, mãe, pelo amor de Deus.

Ela deu uma risada e fez um gesto de desdém com as mãos.

— Ora, Diego, não venha me dizer que você acha mesmo que eu e o seu pai não fazemos sexo, querido, quantos anos você tem, doze?

— Eu tenho certeza de que vocês fazem, só não quero imaginar você fazendo isso, aliás, não entendi quando o nosso assunto mudou e chegou na vida sexual de vocês — resmunguei, e ela riu novamente.

— Mas quem começou foi você, eu só disse que nós nos entendemos.

— Ok, dona Abigail, e eu te conheci ontem.

Mamãe encolheu um ombro.

— Otávio resolveu ouvir a voz da razão: a minha voz, no caso, e prometeu não implicar com o Erik quando a Iza o trouxe aqui.

— É o mínimo, ele nem conhece o rapaz.

— Marcos não gostou dele também, era só o que faltava.

— Não, Marcos só achou que ele é um bobão, apesar de que eu acho que não foi essa a palavra que ele usou. Mas Marcos acha isso de todo mundo, mãe, então, só relaxa, sim? De qualquer forma, nós precisamos conhecê-lo e saber quem ele é.

— Conhecer o rapaz, tudo bem. Fazer um paredão prévio de fuzilamento

como eu sei que seu pai e Marcos querem fazer, não. Você também vai entrar nessa? *Me diga* logo.

— Não sei, suponho que não, mas tudo vai depender do próprio Erik, não?

— Ah, meu Deus, vocês são umas pragas mesmo. A melhor coisa que Iza fez foi dar um tempo em Nova York, com certeza — mamãe resmungou, revirando os olhos com enfado.

— Ei, eu também acho, não venha com essas pedras *pra* cima de mim. Pode ser que esse cara, o Erik, não é? Pode ser que ele seja um cara legal *pra* ela. Iza não namorou muito antes de sair daqui, e ela não é mais uma criança.

Mamãe deu um suspiro.

— Iza não namorou praticamente nada, Diego, isso sim. Minha menina precisava mesmo de outros ares, dar um novo rumo para a vida dela e esquecer certas coisas e pessoas daqui...

— Coisas, pessoas?

— Ah, bobagens de meninas. Mas e você, filho, como está? — Outro daqueles sorrisos radiantes, e eu me remexi no sofá. Sabia para que tinha vindo: contar a ela sobre João e Diana, mas de repente não conseguia decidir se eu contava agora ou após o almoço.

— Eu estou bem.

— Ótimo. Maravilha. Andei conversando com o Marcos, sabe? Você precisa realmente aparecer mais, meu filho, começar a se distrair, você anda trabalhando em excesso, Diego.

— Mãe, você diz que eu ando trabalhando em excesso há anos.

— E eu tenho razão por todo esse tempo, ora essa. Se bem que... não sei, você me parece, hum, mais relaxado hoje, mais feliz. Esse sorriso...

Parei de sorrir e olhei para ela desconfiado.

— Que sorriso?

— Esse aí. Mas tudo bem, deve ser resultado da "companhia feminina" do sábado. Fico feliz que você esteja se dando bem assim com a Fabíola. — Ela deu de ombros, um grande sorriso adorável no rosto, e eu arqueei uma sobrancelha mais desconfiado ainda. Tive a nítida impressão de que mamãe não tinha gostado de Fabíola, a julgar pelo único encontro que elas haviam tido. Impressão não, eu tinha certeza.

Depois de alguns segundos, tomei a decisão de contar logo, pronto, nesse momento, quem ia conseguir comer mesmo com aquilo entalado na garganta? Eu sempre tinha contado fatos importantes da minha vida a mamãe, mesmo depois de adulto. Óbvio que no caso de Diana, quando eu me envolvi com ela, eu não tinha dito nada, tudo tinha limites e eu tinha certeza de que havia coisas

sobre mim que poderiam chocar os ouvidos sensíveis da minha mãe. Bem, não tão sensíveis assim, mas era a minha mãe, por favor.

O problema era que esconder essa história toda estava me matando, não poder conversar e ouvir a opinião dela, mesmo que fosse diferente da minha em relação a Diana. Então, era agora mesmo. Voltei a me sentar mais ereto e fiquei olhando para ela.

— Eu não estava com a Fabíola.

— É, eu sabia que não mesmo.

Me curvei para frente, pensando não ter entendido direito.

— Você sabia?

— Sei sobre a moça do cabelo vermelho, Diana, então só nos poupe tempo e conte tudo que a comida pode esfriar.

O pior tipo de surpresa é aquela que você acha que vai surpreender alguém e a pessoa vem antes e te mostra o que é ser realmente surpreendido. Por que no inferno eu achei que poderia surpreender a minha mãe mesmo? Santo Deus! O que aquela mulher era, além de ter ouvidos supersônicos, como eu, Marcos, Iza e Teo passamos a infância e adolescência toda tendo certeza que ela tinha? Então, outra coisa me atingiu como um raio e eu fechei a cara, sentindo a minha irritação surgir.

— Quem disse isso a você?

— Poupe seu fôlego também, filho, em uma conversa casual com Marcos...

— Marcos, claro. E ainda tenho que lidar com o fato de que fratricídio é crime — sussurrei. Claro que ela ouviu.

— Não ameace matar seu irmão, Diego — mamãe retrucou, calmamente.

— A única coisa que ele fez foi dizer, e devo admitir, com um pouco de insistência minha, que havia uma mulher de cabelo vermelho na boate na sexta. O restante eu consegui deduzir.

— Sim, porque você simplesmente deduziu que o nome dela era Diana. Claro.

— Nada de sarcasmo comigo. Vamos apenas dizer que... seu irmão nunca foi muito bom em esconder coisas de mim, e eu talvez, apenas talvez, tenha me empenhado um pouco mais em arrancar as informações dele.

— Ainda bem que ele nunca vai ser torturado por causa de um segredo, ele seria péssimo nisso.

— Como eu disse, seu irmão não tem culpa alguma, e você vai me dizer agora sobre ela não vai? Foi apenas uma questão de me antecipar as coisas.

Eu passei a mão no rosto e respirei fundo, e pensando bem, se tinha alguma vítima naquela história toda era provavelmente Marcos, eu tinha que

admitir, porque eu conhecia a minha mãe. Mas nada que uma conversa com ele depois não resolvesse de qualquer forma.

— Sobre Diana. Vamos lá, Diego, eu estou esperando. Por que aquela surpresa que você me disse tinha a ver com ela, não é? — Mamãe estendeu a mão e passou na minha perna, com carinho. Dessa vez sua voz era baixa e compreensiva, persuasiva, com aquele tom que ela costumava usar quando estava realmente preocupada com algo. E com toda a sensibilidade que ela sempre tinha demonstrando. Era exatamente aquilo que eu estava precisando desde que aquela bomba tinha caído na minha cabeça.

— Era a Diana que estava no apartamento comigo, sim, ela passou todo o final de semana lá aliás.

Ela me encarou e fez um sinal de assentimento.

— A mulher que você conheceu na sexta em uma boate, passou o final de semana inteiro com você? Espera, só um momento. — Ela levantou um dedo para que eu parasse e fez como se estivesse tentando ouvir algo. Depois balançou a cabeça. — Continua, por um instante eu achei que tinha entrado em uma realidade alternativa e era o Marcos aqui, com a diferença de que eu duvido que ele passasse o final de semana inteiro com a moça. Mas vai, *me conta* mais.

— Eu não a conheci na sexta, mãe. Conheci a Diana há uns seis anos.

Bem nesse momento, Lia, que trabalhava há alguns anos na nossa casa, ia passando em direção às escadas e mamãe fez um gesto pedindo que eu aguardasse e a chamou.

— Pois não, dona Abigail?

— Diga a Helena que o almoço vai esperar um pouco, por favor.

Lia acenou e se retirou, e então mamãe olhou seriamente para mim.

— Algo me diz que o almoço vai mesmo esperar, não é? Venha, vamos para a biblioteca, esse assunto requer um pouco de privacidade.

Eu não tinha como discordar, e nós fomos em direção a grande biblioteca da casa, mamãe caminhando a minha frente. Aquele era um lugar em que eu tinha passado muitas horas da minha vida, mesmo quando criança. As lembranças mais antigas que eu tinha antes de começar a entrar em alguns conflitos com o meu pai, era dele naquela biblioteca lendo algo, concentrado atrás da daquela mesma grande mesa de carvalho que eu estava observando agora, enquanto eu ficava geralmente no tapete no chão, ou na poltrona com algum jogo de tabuleiro ou um livro nas mãos.

A grande quantidade de livros adornava o espaço inteiro em estantes de madeira escura e armários clássicos. Imediatamente uma imagem de João Pedro ali cruzou a minha mente enquanto eu fechava a porta atrás de mim. Mamãe se acomodou em uma das poltronas grandes de couro marrom na lateral da mesa de

papai, e eu sentei na outra ao seu lado.

— Então, estou ouvindo, Diego.

Respirei fundo, então comecei.

— Diana era minha aluna. Eu a conheci nas aulas quando ela... tinha 19 anos.

Os olhos profundamente verdes da minha mãe estavam fixos nos meus, atentos. Ela, assim como Marcos, gostava de falar, mas sabia ser uma excelente ouvinte quando queria, do melhor tipo que tinha: aquele que te incentivava em silêncio e fazia perguntas pontuais. Eu afrouxei a minha gravata, subitamente incomodado, mas continuei: — Eu me envolvi com ela nessa época.

— E por se envolver você quer dizer...

— Mamãe, por favor.

— Envolver pode ser: ir para a cama uma, duas vezes, *se relacionar* por um mês, um ano... nada de jogo de palavras comigo, senhor procurador, seja claro aqui.

— Nós fomos *pra* cama juntos, uma única noite, quando ela ainda era minha aluna.

Eu imaginei que ela fosse ficar tão chocada quanto Teo, quando eu disse aquilo a ele anos atrás. Que diria alguma coisa sobre a quebra da minha conduta ou sobre a idade de Diana, que fosse mostrar-se abismada por saber o quanto o que eu estava dizendo estava indo contra às minhas regras, os meus posicionamentos, especialmente em relação a mulheres no trabalho. Mas ela continuou em silêncio.

— Você entendeu o que eu disse, mãe?

— Sim, perfeitamente. Você fez sexo com uma aluna há seis anos, e essa moça, Diana, de 19 anos, que tem o cabelo vermelho e... eu não sei por que esse detalhe, por algum motivo me parece importante — ela divagou, pondo um dedo no queixo e franzindo a testa. Às vezes a minha mãe era exasperante, eu precisava admitir — Enfim, você a reencontrou agora em uma boate, e vocês passaram o final de semana presos em seu apartamento. Sim, meu filho, eu entendi muito bem.

— Em linhas gerais é isso. Mas não só.

— Então, o seu problema é que essa moça voltou a sua vida e você descobriu que a atração sexual ainda existe e agora está com problemas com a Fabíola.

— A Fabíola é realmente o menor dos meus problemas. Mãe... a senhora entendeu que eu disse que fiz sexo com uma aluna de 19 anos quando eu era o seu professor?

E ela riu, até colocou a mão na boca, enquanto eu a encarava perplexo.

Então, dona Abigail tocou meu queixo e passou a mão de leve pela minha bochecha, balançando a cabeça como fazia quando eu era criança. Talvez eu ainda fosse, um maldito bebê por estar insistindo no ponto que ela nem tinha levantado. Que cara no mundo queria falar daquilo com a própria mãe?

— Ah, meu filho, eu estava esperando você me perguntar isso, sabe?

— Esperando?

— Claro. Você pensou que ia me chocar, não é? Mas eu já te disse que você pode ser o senhor certinho e ao mesmo tempo querer coisas, ou pessoas, agora eu sei, no caso, totalmente diferentes do que você esperava. Não vou dizer que não é um ponto fora da curva, uma aluna, muito mais nova que você na época... mas chocante? Isso não é, pelo menos não para mim.

— Então preste atenção no restante da história.

— Ok. Continue.

— Naquela noite, naquela única noite, eu a engravidei — eu disse de um fôlego só, encarando-a com firmeza. Mamãe pareceu ter levado um choque com as minhas palavras, e se antes, apesar da seriedade, ela tinha mantido uma expressão quase relaxada com a história toda, agora notei como seus olhos se alargaram. Ela piscou lentamente, e sua voz soou muito baixa quando ela perguntou:

— Ela engravidou?

— Sim.

Ela levou a mão à garganta, e eu dessa vez me movi na poltrona vindo para frente e segurei seu rosto nas minhas mãos para que ela olhasse diretamente para mim. Não que precisasse. Ela estava completamente atenta.

— Pelo amor de Deus, Diego, *me explica* isso, meu filho, ela engravidou e... então? Como assim? Isso foi há seis anos e...

Não tinha forma fácil de dizer aquilo, eu sabia, já tinha revirado todas elas na minha cabeça enquanto vinha dirigindo para cá. Eu precisava ser delicado.

— Calma, eu vou te explicar. Presta atenção, por favor. A Diana engravidou e, logo depois, dias depois, ela precisou ir embora com a família dela daqui. O ex-namorado da mãe... bem, ele a agrediu fisicamente, e ela, a mãe e a avó, resolveram ir viver em São Paulo.

— Agrediu? Meu Deus, que horror — ela sussurrou. Eu fiz que sim e continuei.

— Diana estava grávida do meu filho quando foi embora do Rio.

Ela levou novamente a ponta dos dedos aos lábios, e eu podia sentir, segurando seu rosto, como ela estava tensa, piscando cada vez mais rapidamente.

— E o que aconteceu? Não me diga que ela perdeu...? — Parecendo

horrorizada, ela não continuou, e eu notei que seus olhos estavam úmidos. — Diego, por favor, meu filho, não me diga que...

— Ela teve o bebê, mãe. E... — Engoli em seco, porque agora eu notei nitidamente sua mão delicada tremer. Apertei os lábios e depois respirei fundo. — Ele tem 5 anos, *se chama* João Pedro, e está aqui no Rio.

— Oh, Meu Deus!

Ela fez o som de um soluço sufocado entre um choro e uma risada, e depois de um momento em que me olhou fixamente, uma lágrima, e logo outra desceu dos seus olhos, seu rosto ainda preso entre as minhas mãos, e eu sorri quando em meio ao choro ela sorriu de volta pra mim, seus ombros trêmulos.

— Você... isso é mesmo verdade, você está falando sério? Você tem um... Meu Deus, eu tenho um neto de 5 anos?

— Você tem... — sussurrei, usando meus polegares para afastar suas lágrimas. — Ele é lindo, inteligente, amoroso e... talvez uma mistura da vovó faladeira e do pai calado, como você diz.

Então ela realmente chorou. Eu saí da minha poltrona e fiquei abaixado em frente a ela, e segurando sua cabeça no meu ombro, lutando eu mesmo contra o nó de emoção na minha garganta.

— Ei, calma aí, você precisa estar bem para conhecê-lo, vovó.

Ela se afastou e me olhou com os olhos úmidos, os lábios trêmulos. Passei a mão em seu cabelo macio.

— Mas, Diego, como só agora você me diz isso... por que... — Ela fez um sinal para que eu esperasse sua respiração normalizar, e então soprou e olhou para alto, buscando se acalmar. Eu a segurei pelos ombros para apoiá-la. — Por que você nunca falou sobre seu filho antes, eu não entendo... Por que você nunca disse que tinha um filho, Diego?

Sua voz saiu ferida, magoada, seus olhos brilhantes de lágrimas buscando os meus, uma expressão inconformada, enquanto ela tentava recompor-se, enxugando o rosto. Eu sabia que agora vinha a parte realmente difícil e mais complicada, e precisava ver como ela iria reagir para então pensar sobre quais argumentos usar com ela.

— Eu nunca te disse, mãe... porque eu não sabia da existência dele.

— Você não sabia? Como assim? — Ela franziu as sobrancelhas e limpou o restante da umidade do rosto, freneticamente.

— Eu soube do João há poucos dias, apenas quando Diana voltou à cidade.

— Mas como... deixe-me entender isso: ela não sabia que estava grávida, você não falou com ela? Como você não ficou sabendo disso?

— Mãe...

— Como?

— Como eu te disse, apenas uns poucos dias depois daquela noite, Diana foi embora do Rio com a família dela.

Ela apenas fez que sim, num esforço para se conter e não falar nada, eu sabia, seu pescoço frágil se movimentando quando ela engoliu em seco.

— Eu entrei em contato com ela, sim, para saber se ela poderia ter engravidado, mas ela já estava no Rio e então... — Passei os dedos entre os meus cabelos. Se nem eu ainda podia dizer que estava cem por cento bem com aquilo, como poderia fazer a minha mãe entender a decisão de Diana? E como se isso realmente me afetaria se ela decidisse repudiá-la totalmente? — Ela aguardou, porque usou pílula do dia seguinte, enfim... depois ela descobriu que estava grávida, mas não me contou. É por isso que só agora eu soube do João Pedro.

Mamãe parecia abalada, incrédula. Respirou pesadamente e voltou a segurar o pescoço, seus dedos finos movendo-se pelo colar inseparável que ela tinha ganhado do meu pai anos atrás. Seu olhar aflito movendo-se pelo meu rosto.

— Ela não disse a você... por que ela não disse, Diego? Meu Deus, todo esse tempo e você tinha um filho... — Sua voz estava baixa, mas não era raivosa, era mais como perplexidade.

— É complexo, mãe. Diana teve os motivos dela, os quais eu não concordo e não entendo, e sinceramente, espero um dia poder conviver com isso sem me sentir mal, pelo nosso filho. Ela achou que poderia criá-lo sozinho, que estaria de alguma forma, eu não sei, atrapalhando a minha vida, alguma merda assim. Ela admite que errou, no entanto, já falamos sobre isso. Em resumo, ela veio me procurar e me disse que tinha trazido o João para mim.

Mamãe ficou balançando a cabeça e olhando para o enorme e felpudo tapete creme que cobria toda a biblioteca me ouvindo concentrada. O que estava passando pela sua cabeça? Quando ela levantou o olhar novamente para mim, a primeira frase que ela disse não era o que eu esperava. Pensei que elaalaria sobre a atitude de Diana.

— João Pedro. E ele tem 5 anos... — ela murmurou, e riu, voltando a morder o lábio para refrear a emoção, eu sabia. — Eu não posso acreditar. Mas por que diabos essa menina não disse isso, que loucura, meu filho?

Tensioneiei minha mandíbula e assenti.

— Eu não posso dizer que entendo totalmente as razões dela, porque não consigo assimilar ainda, mas resolvi focar no que realmente importa, o meu filho. Você vai conhecê-lo e...

— Lógico que eu vou conhecê-lo! — ela disse, de repente como se tivesse de volta toda a vivacidade que tinha sido abalada só agora há pouco. — E

vai ser agora. *Me leve* até o meu neto, Diego..

Olhei para ela, que já se levantava, alarmado.

— Mãe, escuta...

— Escuta uma ova. *Me escute* você agora: eu também não entendo, não faz o menor sentido *pra* mim o porquê dessa moça ter feito uma coisa dessas, mas eu vou querer saber, ah, se vou, vou querer entender isso direitinho, tudo isso, e ela vai me dizer. Mas agora? Agora eu não quero saber dela, nem dos motivos, nem de nada, eu só quero conhecer o meu neto.

— Mamãe, seja razoável, claro que...

— Razoável é o cara... Diego Avellar de Barros, não me faça perder a compostura. Eu tenho um neto há cinco anos, você já está há dias com essa informação me deixando quase louca porque eu não conseguia saber o que era. Agora que eu sei que você, o meu filho mais velho, tem um filho, passa pela sua cabeça que o dia de hoje vai terminar sem que eu veja o meu neto, fale com ele, sem que eu o abrace?

Respirei o mais fundo que eu podia.

— Eu preciso avisá-los, mãe... E tem tanta coisa que eu preciso te dizer ainda.

Ela pareceu ceder um pouco, e roçou no meu rosto, sorrindo.

— Meu amor, eu vou ouvir tudo que você quiser, vou fazer tudo que você quiser, do jeito que você quiser. Você quer falar com eles e prepará-los para mim? Ótimo, faça isso...

Eu respirei aliviado. E então ela continuou:

— ... Eu te dou meia hora para ligar para a Diana e avisar que a avó do João Pedro quer vê-lo. Não amanhã, não depois: hoje. Como você disse, o foco é a criança, e por mais que eu queira saber e olhar nos olhos dessa moça e perguntar sobre tudo isso, eu quero muito mais ver o meu neto. Não durmo hoje sem fazer isso, meu filho. Não me negue isso.

Eu sabia quando uma batalha estava perdida, principalmente ao ouvir esse tom da sua última frase. Eu não conseguia lidar bem com lágrimas femininas, ainda mais se fossem lágrimas da minha mãe. Aí era o inferno total. Era certo que aquela aparência etérea, quase frágil, escondia uma mulher que dobrava um dos homens mais duros que eu conhecia, o meu pai, mas eu podia ver a ansiedade e a vontade de conhecer o João Pedro ali visível no rosto dela.

— Ok, apenas me dê um tempo para falar com Diana e vermos como podemos organizar isso da melhor forma possível.

Ela veio e se jogou nos meus braços, e eu apertei e beijei seus cabelos com uma certeza imensa do quanto eu a amava. E do quanto eu também queria vê-la o quanto antes com João nos braços.

— Eu ainda não acredito... — ela murmurou, depois me olhou novamente. — Você tem um filho.

— Eu tenho, sim.

Ela se afastou e virou-se se em direção à porta.

— Aonde você vai, mãe?

— *Te dar* privacidade para falar com moça, e estou de volta em 10 minutos. Quando eu descer, Diego, esteja pronto para irmos, ou eu vou encontrar sozinha a Diana e o meu neto. E acredite — ela voltou-se por um instante antes de sair —, eu consigo fazer isso.

Capítulo 22

LEMBRANÇAS FELIZES, CHEIAS DE AMOR

Abigail

— De certa forma, eu já esperava por isso, e disse a você que assim que ela soubesse nada a impediria. Tudo bem, se você acha melhor que eles saiam para lhe dar privacidade, ok, pode ser uma boa ideia. Estou saindo daqui. — Ele estava dizendo quando eu voltei à sala, muito calmo, e deu um sorriso discreto. Ele estava de pé encostado na mesa, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, ainda falando ao celular. Eu parei e fiquei observando-o, e ele fez um gesto com a mão para que eu entrasse e aguardasse um instante.

Muito, muito interessante aquilo. Sentei-me mais confortavelmente para observar meu filho conversar com Diana. Então, como eu suspeitava, havia o fato de ele ter me confessado que não entendia nem aceitava os motivos dela para ter escondido a gravidez, e eu entendia muito bem aquela reação dele, mas, por outro lado, tinha passado o final de semana inteiro com ela e o filho. Quem disse que ele precisaria da mãe no final de semana se realmente quisesse apenas o filho?

Na verdade, a impressão que eu tinha era que havia acordado naquela manhã com uma vida completamente diferente da que eu tinha agora, nesse exato momento, enquanto estava sentada ao lado de Diego em seu carro indo conhecer seu filho, João Pedro. Era um tipo maravilhoso de reviravolta. O meu tipo preferido de reviravolta

Por mais que aquela situação toda não fosse nem um pouco simples para Diego — e eu estava justamente pensando muito nisso desde que saí de casa — eu esperava não estar sendo egoísta com o meu filho, porque eu não podia evitar a minha empolgação ao pensar e conhecer o meu neto. Como ele realmente seria? Nossa senhora, a última vez que eu lidei de forma mais presente realmente com uma criança tinha sido com a Julia e ela ia fazer 18 anos!

Alguns sentimentos estavam me definindo naquele momento: ansiedade, nervosismo, deslumbramento, mas principalmente felicidade. Eu tinha um neto, ainda mal podia acreditar nisso. Sorri sozinha e esfreguei os meus dedos juntos, olhando para fora pela janela. Mais cedo, depois que eu voltei à biblioteca com a minha bolsa e óculos de sol, tinha encontrado Diego.

Tudo bem, eu tinha sido meio teimosa e talvez intransigente e imposto aquilo ao meu filho, mas eu não estava fazendo drama, ele realmente não

poderia me dizer que tinha um filho na mesma cidade que eu estava vivendo e não me deixar maluca para conhecê-lo imediatamente. E conhecendo bem Diego, era capaz de o meu encontro com o menino acontecer daqui a um mês, quando ele finalmente fizesse tudo de acordo com a programação dele. Eu não tinha paciência para aquelas coisas.

Como essa moça seria? Olhei intrigada para o belo perfil de Diego enquanto ele estava concentrado dirigindo agora que estávamos no carro. Ele talvez pensasse que tudo que aconteceu entre ele e Diana quando ela era mais jovem tinha simplesmente desaparecido do meu radar quando eu soube do meu neto. Bom, não era isso, tinha só afastado, momentaneamente, para dar lugar ao que era prioridade. Isso não significava que eu não estivesse muito, muito curiosa sobre esses dois, ou que não estivesse me sentindo chateada, magoada, por saber que meu filho era pai e só descobriu isso agora.

— Mãe, você entendeu bem o meu ponto? — Diego falou, tirando-me das minhas divagações. Sim. Aquele ponto. Não queria nem pensar nele agora ou meu estômago iria revirar um pouco. Tinha umas coisas que a gente fazia por filho, e neto, agora, que meu bom Senhor.

— Você não quer que o seu pai saiba até que o resultado do DNA esteja pronto. Entendi sim, Diego. Não sei se estou bem de acordo com isso ainda, *me dê* um tempo, mas eu entendi — informei, tentando afastar o desânimo da minha voz. Diego virou-se rapidamente e me deu uma olhada de soslaio.

— Eu detesto ter que pedir isso a senhora, mas eu tinha duas opções: contar a você e pedir que, por enquanto, não conte ao papai, ou não contar a nenhum dos dois por mais uns dias, até que eu resolvesse tudo. Mas eu não conseguiria não te contar, mãe, então, só segure essa informação por mais uns dias. Você acha que pode fazer isso?

— Meu filho, não sei nem por que você sequer cogitou uma sandice dessas, não me dizer! E eu consigo sim, mas não vai ser fácil ter que omitir isso de Otávio.

— A senhora precisa me entender. A situação com João Pedro e Diana é complexa, por isso eu quero fazer tudo certo. Existe uma série de coisas que eu tenho que levar em conta antes de apresentá-lo ao papai, e a senhora sabe que há questões práticas de assumir legalmente o João como meu, questões financeiras, não sabe?

— Claro, eu sei sim, é só... Esconder algo de Otávio, não gosto disso, mas vou fazer, sim, você está fazendo certo. Depois eu seguro o rojão.

Novamente Diego me lançou um olhar rápido, astuto.

— Desculpe, mãe, mas pelo que me lembro bem, a senhora já escondeu outras coisas do meu pai para proteger um certo filho mais novo quando ele

aprontava por aí, não?

— Uma coisinha ou outra, e isso é muito mais sério, nem pense em comparar. E na verdade era apenas para não aborrecer o seu pai, você sabe como Marcos é. — Eu lembrava especificamente de um episódio de quando ele tinha uns 17 anos, acho, e eu e Otávio viajamos para um final de semana romântico. Mas infelizmente tivemos que voltar antes do previsto, e por puro instinto — ou eu conhecia bem o filho que tinha — eu liguei antes para Marcos ainda do aeroporto, só para saber como as coisas estavam em casa.

Ele tinha simplesmente reunido um grupo de amigos e amigas em uma festa à beira da piscina, e devo dizer que pelo fato de nem conseguir ouvi-lo direito em meio ao barulho do som e das risadas e gritos, que era uma festa e tanto. Otávio, com dor de cabeça e estressado por ter voltado antes por conta de um problema na empresa, iria simplesmente adorar quando chegasse em casa e encontrasse aquela gente toda gritando em volta da casa.

Tive que dar um jeitinho todo especial para nos atrasarmos um pouco no aeroporto depois de ter ordenado que Marcos sumisse com aquele povo todo em 5 minutos, ou ele iria se ver não com seu pai, mas comigo. Certo que ele já tinha quase 1,80 m naquela idade, mas eu tinha certeza de que ainda podia lidar com ele muito bem. Foi bom que quando chegamos eu levei Otávio direto para o quarto e Marcos teve tempo de fazer todos os sinais dos seus visitantes desaparecerem.

— Era, mãe, ele era. Marcos não é mais louco como antes. Talvez só um pouco, mas não tanto — Diego defendeu o irmão, divertido. Eu olhei para ele.

— Eu rezo todos os dias nesse propósito, pode acreditar. Diego...

— Sim?

— Meu filho, em algum momento você chegou a duvidar da paternidade do João, *me diz*, é por isso que você prefere ter isso em mãos antes de dizer ao seu pai?

— Não, eu não duvidei. Disse a ela que tinha quando soube, porque... bem, estava com muita raiva. Mas sei que outras pessoas podem ter essa dúvida, papai inclusive. Rui também. Não que eu me importe com o que o meu tio possa achar, pode apostar.

Eu gostaria muito de dizer que ele estava errado, porque eu amava Otávio e sabia que quando ele queria — e eu dava um empurrão — ele podia ver as coisas fora daquela caixa organizada e bem delimitada que ele às vezes pensava que era a vida. Mas o mais provável era que ele, sabendo dessa história, tendesse a desconfiar imediatamente da moça e da paternidade do menino sim. Ele era muito racional, lógico. Mas de uma coisa eu tinha certeza, pelo menos queria acreditar naquilo no mais profundo do meu coração: ele não resistiria a

ideia de ter um neto. Não importaria nada em relação a quanto tempo a mãe o escondeu, depois de passado o susto, ele iria derreter também, mesmo que Diego não achasse aquilo.

Meus filhos conheciam o pai, o empresário, o chefe da nossa família, eu conhecia o homem, profundamente, e não me enganava sobre ele. Confiei nele há 37 anos para me fazer feliz e nunca me arrependi em todos esses anos, e eu ia confiar agora novamente que ele não contribuísse para a infelicidade do próprio filho. Eu sabia que não, esperava que não. Suspirei.

Diego voltou a chamar a minha atenção com a voz solene:

— E tem outra coisa, mãe. Por mais que Diana talvez ache que não, mas eu estou fazendo esse exame por ela também. Não quero que ela tenha que ser incomodada com isso no futuro.

Apertei meus lábios, uma sensação estranha tomando conta de mim. Era euforia e ao mesmo tempo preocupação. Porque eu podia ver ali o lado protetor de Diego vir à tona em relação a essa moça, e já estava pedindo aos céus que ela fosse merecedora dele. Porque eu não queria ver o meu filho sofrer, ou meter os pés pelas mãos, porque eles podiam ter a idade que fosse, seriam sempre os meus meninos e a minha menina, e aí de quem ousasse sapatear sobre o coração deles. Diana tinha um filho agora, ela iria entender isso um dia.

— Claro, você está certíssimo.

— Mãe, a senhora sabe que tudo que estou fazendo no fundo é mais por uma questão de respeito e consideração a senhora, ao meu pai. Eu não preciso realmente da permissão dele para nada do que pretendo fazer, e nem que ele acredite ou deixe de acreditar.

— Eu sei, mas por favor, faça desse jeito, me mataria ter que viver uma situação em que você tivesse um filho e não se relacionasse com o seu pai. Por favor, filho.

— Isso não me passou pela cabeça. Só estou vendo todos os cenários.

Respirei fundo.

— Ok. Você vai voltar a trabalhar na empresa? — eu perguntei depois de um momento de silêncio, e me virei para observar a sua reação. Diego continuou olhando fixamente para o trânsito à sua frente.

— Não, não vou, não vou abandonar minha carreira, isso está decidido. Mas talvez volte a estar mais presente. Eu posso tomar essa decisão por mim, mas não tenho o direito de tirar essa possibilidade de João no futuro se ele quiser um dia ter algo a ver com os negócios.

— Graças a Deus por sua sensatez. Você sabe que se tem uma coisa que você queria fazer que eu não concordava era isso: abrir mãos das suas ações. É uma empresa da família, Diego, você não quer trabalhar lá, tudo bem, mas

mantenha-se no conselho pelo menos.

— Já repensei isso, mãe. Todas as minhas decisões não afetam só a mim agora. Fique tranquila.

Otávio ficaria feliz com isso, talvez não seja pelos motivos que ele queria, mas ele nunca quis que Diego se afastasse totalmente. A possibilidade de ter Diego de volta de alguma forma, talvez um trunfo a mais naquilo tudo.

— Quem está resolvendo essas questões legais *pra* você? — Assim que saímos de casa ele me disse que estava dando entrada no pedido de guarda compartilhada, quando eu subitamente fiquei com medo que a Diana pudesse novamente sair da cidade e levar o menino. Não queria nem imaginar, não agora que eu sabia sobre ele. Mesmo não querendo julgar com antecendência e acreditando em Diego, eu não a conhecia, aquela minha preocupação era legítima. Mas ele me assegurou que ela não faria isso.

— Chamei o Breno para resolver tudo, ele já está com a papelada e já entrou em contato com o laboratório que levou os exames hoje cedo.

— Nem sabia que você ainda mantinha contato com Breno. Como ele está?

— Tão mordaz e arrogante quanto sempre foi, ainda bem que ele é meu amigo. E o melhor advogado especialista na área de família que eu conheço, claro.

— Que bom, ótimo. Precisamos nos cercar do melhor mesmo para que tudo dê certo. Depois que tudo terminar, diga a ele para vir nos visitar novamente.

— Claro, e mãe... Em todo caso, não será por muito tempo essa situação, tenho planos de contar tudo ao papai o quanto antes também, além de trazer João e Diana aqui.

Balancei a cabeça em assentimento. Ótimo, filho, obrigada por trazer o assunto à tona sem que eu tivesse que me esforçar muito. Quanto aquilo, claro que eu tinha ficado impactada com a história da moça não ter contado a ele durante todo esse tempo, aquilo ia e vinha na minha cabeça e estava me deixando angustiada também, porque era péssimo, era uma atitude extremamente egoísta e tinha privado ao meu filho, a mim, a toda a nossa família de poder ter essa criança por perto anos antes. No entanto, eu também não queria julgar de modo duro alguém que eu não conhecia, que eu não sabia sobre sua vida, suas motivações, que eu não vivia em seu mundo.

Para pessoas que viviam de modo privilegiado como eu, meu marido e filhos, podia ser muito fácil julgar as disposições e as escolhas das pessoas, mas eu tentava, desde muito jovem, não ir por esse caminho. Havia um mundo diferente lá fora, onde eu não vivia, e nesse mundo onde milhares de pessoas

circulavam todos os dias com seus problemas e suas dores, suas escolhas, eu não era juíza, e nem queria ser, ainda que também não estivesse digerindo bem aquilo.

— Vocês estão se entendendo muito bem sobre tudo, então, é isso? — indaguei enquanto estávamos parados em um sinal.

— Dentro do possível, sim, temos nos entendido bem.

— Hum. Em tudo?

— Mãe... — ele disse em tom de aviso.

— Diego, deixa eu te explicar uma coisa, querido: você pode estar achando que essa situação com seu filho, apresentar a todos, dizer ao seu pai, lidar com as questões legais que você tem que lidar, tudo isso não tem a ver como a forma como você está ou não envolvido com essa moça, mas tem, sim. É fundamental. Pense só em uma coisa: ela volta, você está com a Fabíola, mas não sente nada, não se sente atraído por ela, nada disso. Você estaria, realmente, agindo de forma mais condescendente como está, se não tivesse interesse nela?

— A senhora está dizendo que o meu caráter é guiado... bom, por questões puramente sexuais?

— Ah, Diego, por favor, claro que eu não estou dizendo isso, nem vem. Eu, mais que qualquer pessoa, sei como você é, eu criei você. O que eu estou dizendo é que suas atitudes podem estar mais maleáveis justamente por sentir-se atraído por ela, e eu não estou criticando, pelo contrário, te criei justamente para não agir como um idiota grosseiro, mal-educado e violento com mulher nenhuma, ainda mais se ela é a mãe do seu filho.

Ele bateu com os dedos no volante antes de voltar a movimentar o carro.

— Eu sei disso. E, tudo bem, por mais que eu saiba que tendo a agir com prudência em quase tudo. — Eu não perdi a ênfase no quase que ele deu, e escondi meu sorriso. — Não posso negar que a atração por Diana é um componente complicador a mais nessa história toda, você está certa.

— Sim, aja com cautela, mas também não deixe de ficar atento a sinais de que você pode ter encontrado o que estava procurando durante todo esse tempo em que mulher nenhuma parece ganhar a sua atenção por período suficiente.

— Eu nunca disse que estava procurando algo, ou alguém.

— Não, não disse, também nunca encontrou. Por falar nisso, como fica a Fabíola nisso tudo? Acredito que ela deva ser informada de que você tem praticamente uma família agora, não? É a coisa certa a fazer. — Eu joguei, e esperei a reação dele.

— Já combinei de falar com ela. Inclusive liguei mais cedo e ela não atendeu. Mas vou ligar depois para conversar com ela.

— Muito bom, muito bom... — murmurei e não estava falando sobre a Fabíola. Meu filho não tinha negado a primeira parte da minha afirmação, sobre ter praticamente uma família. Não percebeu o que eu disse ou deixou passar porque concorda? Isso era o que eu iria ver em pouquíssimos minutos.



Quando nos identificamos e a nossa entrada foi permitida no prédio, eu desci do carro alto de Diego sentindo as minhas pernas meio bambas. Meu Deus misericordioso, eu ia mesmo encontrar o meu neto agora? Sentia minhas mãos frias e o meu coração já um pouquinho acelerado. Só um pouquinho quando Diego pegou a minha mão e fomos em direção ao elevador.

— A senhora me disse que ia ficar calma — ele murmurou, quase divertido, dando um beijo no meu cabelo quando as portas se fecharam à nossa frente.

— Eu pretendia, não é? Mas sinto como se meu coração fosse sair pela boca. Mas não se preocupe, não vou assustar o menino — prometi, e ele me puxou para ele e pôs a mão ao redor do meu ombro.

— Claro que você não vai, mãe. Fica tranquila. E além do mais, eu estou aqui com vocês, ok?

— Tudo bem.

— A senhora é uma mãe maravilhosa, a melhor que existe, e vai ser uma avó melhor ainda. Não tem nada que se preocupar — Diego murmurou perto do meu ouvido, e eu respirei fundo, sentindo a minha garganta trancar novamente. Eu prometi a mim mesma que não ia chorar feito uma desesperada na frente da criança, senão ele ia achar que a avó era doida e nunca mais iria querer me ver.

— Não me faça chorar já aqui, Diego!

Ele apenas balançou a cabeça e sorriu.

Assim que tinha terminado o telefonema na biblioteca, eu perguntei a Diego o que Diana tinha achado da visita surpresa, já que eu também estava um pouco tensa. Ele disse que ela estava bem com aquilo, que eles já tinham conversado acerca da questão e ela estava preparada para a minha visita, ainda que tudo tenha sido assim tão em cima da hora.

Eu tenho que dizer que achei ótimo o fato de ela ter topado, muitas outras pessoas alegariam que em uma situação dessas não queriam ser surpreendidos dessa forma. Diego me disse que Diana não era como a maioria das pessoas. Mas agora, ali, enquanto saíamos do elevador, eu parei antes de chegarmos à porta e fiz Diego olhar para mim.

— Mas ela falou com ele? O João Pedro sabe que eu estou vindo e... que sou a avó dele, você tem certeza? — Quis saber, quase arrancando o meu colar de tanto que eu mexia nele. Diego usou agora as duas mãos para segurar meus ombros, *me virando* de frente para ele para olhar nos meus olhos se abaixando um pouco para ficar no nível do meu rosto.

Meu filho era enorme perto de mim, na verdade, tanto ele quanto Marcos já eram maiores que eu ainda adolescentes, mas ambos sempre tinham me tratado com o maior carinho e respeito, e a forma como sempre me protegiam e eram afetuosos ao meu redor refletia muito a maneira que o próprio Otávio era, mesmo que ele fosse mais reservado. Era tanto que ainda hoje, o palhaço do Marcos enganava algumas pessoas que não nos conheciam e dizia que eu era a sua namorada, sua "coroa rica" que ele estava pegando, fazendo questão de me matar de vergonha de vez em quando na frente de estranhos, e eu ficava me segurando para não rir na cara das pessoas.

Diego estava tentando me confortar agora, como ele sempre fazia.

— Mãe, ele é um menino incrível, e você vai ver que vai ficar tudo bem. João pode ou não ficar um pouco tímido no começo, mas depois ele vai relaxando e vai amar você. Mas a senhora mais que ninguém sabe lidar com um menino tímido, não é? — Diego disse, a voz carinhosa, seus olhos com uma pitada de diversão, mas eu o conhecia muito bem e sabia que ele também estava um pouco tenso com aquele encontro.

— Eu já disse que você não pode me fazer chorar. — Bati com os dedos no peito dele bem de leve e ele sorriu. Depois enxuguei o cantinho do meu olho e respirei profundamente mais uma vez.

— Ok, vamos lá.

Ele me pegou pela mão e foi em direção à porta do apartamento em que Diana e João Pedro estavam morando. Eu engoli em seco enquanto ele tocava a campainha, e sem demora alguma uma pessoa veio atender. Uma mulher. Uma jovem mulher negra com cabelo completamente vermelho usando um vestido branco de alças em estilo de bata, bordado, solto, e com os pés descalços. Então aquela era a mulher que tinha causado um verdadeiro abalo sísmico na vida do meu filho, pelo jeito, pensei, enquanto ela estava parada olhando para mim, os olhos fixos nos meus por um instante, mas então ela desviou o olhar para Diego ao meu lado. Aquele olhar entre eles...

Ela era muito bonita, dessas mulheres que arrasavam quarteirão, cheia de curvas e com um rosto muito expressivo. Essa expressividade toda me mostrou que ela estava tensa, mas abriu um sorriso para nós mesmo assim e se afastou um pouco para o lado para nos permitir passagem.

Eu queria poder dizer que eu estava perplexa com o quão diferente das

mulheres que Diego namorava aquela menina era. Que nunca esperaria aquela moça como sendo uma jovem que o meu filho engravidou, mas eu não estava. Não, não estava. Eu estava mais... espantada em como a vida era, como as coisas que você achava às vezes se encaixavam de uma forma que te tirava o fôlego. Então, era isso mesmo. Diego e seus desejos pelo que era diferente do que se esperava dele, eu não disse?

— Diana, essa é a minha mãe, Abigail. — Diego iniciou as apresentações, ou nós duas ficaríamos ali olhando uma para a outra, eu tenho certeza, por um longo tempo. Eu sorri e estendi a mão, porque talvez a forma como eu estava olhando para ela pudesse deixá-la desconfortável. E eu já tinha dito, nada da história dela com Diego ia tirar o meu foco agora do meu neto. Não hoje pelo menos.

— Olá, dona Abigail... é um prazer conhecer você — ela disse em um tom de voz baixo segurando a minha mão estendida. Seu aperto era caloroso, firme, mesmo que ela demonstrasse estar tensa. E quando ela engoliu em seco muito rapidamente eu pude comprovar a minha suposição.

— Diana, o prazer é meu, obrigada por me receber assim tão em cima da hora.

Ela sorriu e fez um gesto com a mão para que eu entrasse.

— Tudo bem, dona...

— Abigail, por favor. Apenas Abigail.

— Ok. Abigail.

Mas então, eu desisti de toda formalidade e normalidade. Aquela visita não era casual e eu não queria fingir nada. Estiquei a minha mão e segurei o braço dela, e pela forma como ela me olhou de volta, percebi que um pouco da sua formalidade a tinha deixado também, e aquele olhar era todo apreensão e expectativa.

— Onde ele está? — eu perguntei, e ainda não tinha me movido da entrada nem tinha soltado o seu braço. Senti a mão de Diego descansar no meu ombro e o seu calor ao meu lado.

— Ele está no quarto, eu dei um brinquedo para ele se distrair enquanto vocês chegavam. Entre, por favor — ela pediu, como se estivesse bem ciente do meu nervosismo e quisesse me deixar mais tranquila.

— Vem, mãe. Vamos entrar.

Eu assenti e nós dois seguimos Diana para o interior do apartamento, eu olhei em volta, imediatamente atenta para qualquer sinal de criança. E estavam todos lá, como eu sabia bem como era. Um conjunto de lápis de desenho no canto no chão, perto do sofá branco. Branco? Alguém ali claramente não estava aguardando uma criança, pensei, sentindo um sorriso querer escapular no meio

da minha tensão. Em cima do sofá havia um boneco desses de herói, além de alguns carrinhos bem pequenos.

— Mãe? — Só quando eu ouvi Diego me chamar percebi que tinha ficado um pouco estática lá, olhando para os brinquedos, voltando no tempo, e voltei-me para olhar para ele, que apontou para o sofá e eu sentei, e ambos me acompanharam. Então eu fiz o que eu mais sabia fazer, ainda mais quando a ansiedade me dominava assim: eu fui direto a questão.

— Eu posso vê-lo agora?

— Sim, claro, você pode — ela respondeu na mesma hora em que Diego dizia:

— Há algo que você queira saber antes, mãe?

Eu fiz um gesto negativo, e olhei para aquela moça sentada ao lado de Diego, e não perdi aquilo também, como eles sentaram um ao lado do outro de modo tão automático. Será que apesar de tudo, de todos os problemas que pareciam rondar aqueles dois, meu filho estava mesmo começando uma família? Eu resolvi responder diretamente a ela:

— Diana, eu realmente tenho um mundo de coisas que eu queria saber, que eu queria entender, e teremos bastante tempo para isso, eu acredito, mas... se você não se importa, eu prefiro não saber de nada disso hoje, você me entende?

— Sim, eu entendo perfeitamente, claro.

— Vem, mãe, eu levo você. — Diego levantou e estendeu a mão para mim, e eu não tinha ainda levantado do sofá quando ouvi uma voz infantil nos alcançar vindo da direção dos quartos, e meu coração falhou uma batida quando o dono daquela voz apareceu na sala, surpreendendo a todos nós pelo visto.

— Mãe! Eu quero os outros carrinhos, *me deixa...* — ele disse, parando abruptamente quando viu a mim e a Diego na sala. Nem que eu quisesse me levantar eu poderia agora, pensei, olhando para ele como se de repente o mundo tivesse parado. Ao mesmo tempo que eu olhava para aquele menino, para os seus cabelos escuros densos que formavam cachos e para os olhos azuis tão parecidos com os de Diego, a minha respiração descompassada, outra imagem se sobrepôs àquela, e ficaram ambas ali, dançando na minha frente, ficando ambas rapidamente desfocadas à medida que as lágrimas iam enchendo os meus olhos: a primeira e mais longínqua era a de um mesmo menino, com aquela mesma idade, décadas atrás, aqueles impressionantes olhos, tão vívidos, sentado, quase sempre quieto, brincando, e quando eu chamei, descendo as escadas da nossa sala, ele levantou a cabeça e a deixou ligeiramente inclinada me encarando de lado com a expressão inquisitiva, as sobrancelhas tão bem delineadas juntas. Uma criança tão séria, prestando atenção no mundo.

A segunda imagem era a desse menino aqui, agora nesta sala, tantos e

tantos anos depois, que estava fazendo a mesma coisa, e meu coração quase salta pela minha boca, parando na minha garganta e me deixando trêmula quando eu levei a mão ao peito. Ele olhou para mim fixamente, a cabeça inclinada, curioso, e eu levei os meus dedos trêmulos ao rosto e tentei conter a correnteza de emoções que estava me devastando. De muito longe ouvi a voz de Diego e engoli com dificuldade e sorri para ele, que não parava de olhar para mim.

— João, vem aqui, quero apresentar você a uma pessoa.

Ele desviou o olhar do meu e fitou o pai, e segurou a mão que Diego estendeu para ele sem hesitação. Então Diego o pegou no colo e o carregou, e eu arfei. Eu tinha tentado, tentado bravamente, mas ver o meu filho segurando o seu próprio filho e vindo na minha direção era demais, e eu soltei um soluço sufocado, trêmulo, quando uma torrente de lágrimas e o meu coração acelerado me desestabilizaram, e eu chorei.

Chorei porque era uma cena tão linda e tão perfeita, que eu simplesmente não podia fazer mais nada a não ser deixar a emoção me dominar por completo. Chorei porque era um daqueles momentos em que você registrava na memória e queria que ficasse lá, para sempre, para que dali a alguns anos, a algumas décadas, aquela cena, aquele minuto específico, perfeito, pudesse preencher o teu coração e a tua mente com lembranças felizes, cheias de amor, lembranças das pessoas importantes na tua vida...

Chorei porque agora, a imagem de Diego e João, juntos, em pé bem na minha frente tinha acabado de se juntar ao conjunto de memórias que eu guardava como as mais importantes da minha vida em relação aos meus filhos: o momento em que o próprio Diego tinha nascido, ao dia em que Marcos nasceu, ao dia em que eu assinei, debaixo de uma torrente de lágrimas de saudade e de felicidades, os papéis da adoção de Iza, e ainda quando Teo, tão triste e calado, tinha me abraçado e decidido ficar comigo e os primos em vez de mudar de cidade para ficar com a família do pai. Esse era um daqueles momentos, e que Deus me permitisse ter muito mais deles ao longo dos anos.

Eu fiz menção de levantar e Diego estendeu a mão e me ajudou a ficar mais próxima deles. João tinha passado o braço pelo pescoço do pai, tão à vontade, e eu quis chorar tudo de novo ao olhar para eles.

— Por que você tá chorando? — ele disse baixinho, de um jeito preocupado e olhou para Diego em busca de respostas. Eu sorri novamente enquanto limpava as minhas lágrimas. Ele era lindo, lindo como o meu filho, e eu não queria nunca mais na minha vida ficar longe dele. Olhei para o lado e vi quando Diana tentou esconder o fato de que estava chorando também, limpando o canto dos olhos e fungando discretamente.

— Porque eu estou feliz em ver você, e às vezes quando a gente está

muito feliz, como eu estou agora, nós choramos. — Eu encontrei equilíbrio para dizer depois de controlar a minha respiração. Ele concordou, muito sério.

— João, essa senhora linda e chorona que está bem aqui na sua frente, é a minha mãe, Abigail, a sua vovó. A sua mãe falou para você sobre ela e que ela viria te ver, não foi? — Diego disse, olhando para mim, então virou-se para João que continuava de olhos fixos em mim. Eu também não conseguia parar de olhar para ele. Onde eu ia encontrar forças para não sair gritando que aquele menino era meu neto? Onde?

Ele não esperou muito pelas apresentações.

— Você é a minha avó, que nem a vovó Bia — disse, certo. Diego sorriu, e eu derreti tão completamente, e me apaixonei tão enormemente, que não podia acreditar naquilo. Estendi os braços para ele e resolvi correr o risco porque senão, eu não seria Abigail.

— Eu sou, meu amor, e você pode me chamar de vovô também, tá? Você pode sair do abraço gostoso do seu papai e vir dar um *abracinho* na vovó?

Ele fez um gesto de positivo e veio na minha direção, passando também os braços pelo meu pescoço. E quando eu senti o seu corpinho junto ao meu fechei os olhos e inalei seu cheiro, senti que algum tipo de ciclo se completava, e como se a minha vida estivesse fazendo um novo sentido, e ali nos meus braços estava alguém que tinha vindo para me deixar mais feliz do que eu já tinha sido por todos aqueles anos. Segurei sua cabeça no meu ombro e ouvi quando ele disse timidamente, baixinho:

— Tá bom, vovó.

Capítulo 23

NÃO ACREDITO NESSA PORRA

Diana 

Aquela semana tinha, literalmente, revirado a minha vida, eu ainda estava sentindo os impactos dela dias depois. A visita da mãe de Diego foi como um soco no estômago, daqueles que te fazem perder o fôlego, literalmente, e tinha me deixado com as pernas bambas e a emoção à flor da pele por dias.

A cena dela abraçada ao neto no meio da sala, de olhos fechados, emocionada, como se não fosse capaz de soltá-lo nunca mais, tinha me abalado tanto quanto ver Diego com João em momentos amorosos como aquele. Eu já tinha imaginado mil vezes aquilo, o encontro com a família dele, mas não achei que estaria bem ali para ver, para sentir daquela forma.

Tanto que havia pensado que fosse melhor ela ter alguma privacidade com ele e quis deixá-los sozinhos. James havia inclusive sugerido uma volta com vovó e eles saíram para dar a privacidade necessária. Quando Diego ligou e disse que tinha contado a mãe e que ela estava pedindo para ver João imediatamente, e eu nem hesitei.

Eu tinha ficado nervosa, sim, ansiosa, preocupada, mais do que eu achei que ficaria, mas era algo inevitável, e de que adiantava ficar prorrogando? Eu estaria tão pronta hoje, ou não, quanto estaria daqui a uma semana ou a um ano. E quando vi aquela mulher linda, delicada, carinhosa, mas ao mesmo tempo forte e direta, percebi também a imediata e forte conexão que ela e Diego pareciam manter um com o outro.

O carinho, a forma como ele falava com ela, como a olhava, era amor em sua forma mais pura, e eu senti a minha garganta apertar e o meu peito doer, e eu não podia negar que o que estava me causando aquela súbita angústia era a consciência de que se aquela mulher abraçada ao filho e ao neto resolvesse me afastar, ficar contra mim, isso doeria. Algo me dizia que doeria bastante, pensei, enxugando os cantos dos meus olhos disfarçadamente ao ver João abrir um sorriso tímido para ela e dizer que sim, que iria chamá-la de vovó.

Naquela tarde, depois de mais beijos e abraços emocionados, ela ainda permaneceu por mais umas duas horas sentada no sofá, conversando, ouvindo e brincando com João, depois sentou no tapete muito à vontade, recolheu os cabelos loiros em um coque, o vestido verde longo ao redor das pernas, e às vezes eu ouvia suas risadas de algo que eles dois conversavam.

Afastei-me um pouco, o suficiente para dar-lhe espaço com ele, e logo depois Diego veio me encontrar no quarto, *me explicou* sobre papéis e prazos em relação a João, e por fim, *me beijou* desesperadamente como eu queria que ele fizesse, e tenho que admitir que fiquei um pouco mais tranquila enquanto ele me segurou e apertou por alguns segundos, e não estávamos nos beijando, só abraçados ali. Eu poderia culpar a emoção do momento, a minha TPM que era de enlouquecer, ou qualquer outra coisa, mas eu não era covarde a esse ponto. A verdade era que pensei que fosse muito segura das coisas que sentia, principalmente em relação a Diego, mas minha cabeça estava uma bagunça, definitivamente.

Abigail se despediu de João prometendo que estaria com ele em breve, e para minha surpresa, ela não me estendeu a mão ao sair, como eu fiz. Puxou-me para um abraço que me desconcertou e disse próximo ao meu ouvido: "obrigada pela vida do meu neto, isso é a coisa mais importante que eu tenho *pra* te dizer. Todo o resto é secundário". Quando se afastou, ela disse que nós nos veríamos em breve e poderíamos conversar melhor. E eu apenas balancei a cabeça em assentimento porque não consegui dizer nada, e isso era muito raro comigo.

Quando ela se foi, sendo abraçada por Diego, que prometeu ligar para falarmos sobre a mudança, eu pensei que aquela mulher era impressionante. E surpreendente. Talvez o tipo de mulher que eu olhasse na rua, em um shopping, em um supermercado, e notando sua postura, seus modos, suas roupas caras, deduzisse coisas sobre ela que não corresponderiam ao que ela tinha demonstrado ser ali naquela sala. Isso, claro, com base na minha experiência de vida com pessoas que se pareciam como ela. E teria que admitir que estaria errada, claro, nas minhas deduções.

As perguntas de João não pararam nos dias seguintes e eu as respondi com o que sabia e deixei outras para Diego, que voltou na noite seguinte quando saiu do trabalho. Depois que eles brincaram e conversaram, sentamos para comer juntos algo que vovó tinha preparado. Ela se comportou a contento, devo ressaltar, e eu não perdia os olhares de aprovação quase melosa que ela lançava para ele quando o via sorrir com João. Vovó, que vivia desconfiando de quase todos os homens, estava soltando coraçõezinhos pelos olhos ao olhar para Diego, constatei. João passou o jantar perguntando sobre a "nova vovó", ou seja, ele realmente tinha ficado encantado com a mãe de Diego, e ao que parecia, e a recíproca era completamente verdadeira.

Nós tínhamos resolvido que vovó ainda ficaria pelo menos mais uns dias, depois de termos falado com mamãe, quando eu expliquei como estava resolvendo a minha situação com Diego em relação ao João. Ambas tinham apoiado minha decisão; mamãe com o seu típico entusiasmo romântico e

positivo; vovó, nova tiete de Diego, tinha me pedido para ter equilíbrio: saber ceder mas não me anular. Ela não tinha dito com essas palavras, mas eu entendi o recado do mesmo jeito.

Na quarta, eu já tinha praticamente tudo arrumado, eram poucas coisas, na verdade não tínhamos como ter trazido muito na viagem, então, na manhã seguinte Diego viria e nos pegaria aqui para irmos para ao apartamento dele. Dessa forma, graças à ajuda de vovó e de James, que tinha realmente passado os últimos dois dias conosco, tudo estava encaminhado agora. Eu tinha feito algumas pesquisas de escola e tinha selecionado duas, marcando para fazer uma visita na sexta pela manhã em ambas.

James não tinha voltado ao apartamento de Eduardo, mas atendeu uma das várias ligações para dizer a ele que queria um tempo para pensar nas coisas, então o procuraria. Doeui ver a expressão de dor que ele tinha ao dizer isso, porque eu sabia que não era o que ele queria, mas ou se posicionava agora ou viveria infeliz para sempre.

Então, à noite, eu não fiquei realmente surpresa quando o meu telefone tocou e era Eduardo. Eu, vovó e James, estávamos na sala, ele deitado com a cabeça no colo de vovó e recebendo cafuné, enquanto eu terminava de encaixotar alguns brinquedos de João, que já dormia. Olhei para James e sacudi o telefone.

— É o Edu, J. E aí?

Ele me olhou ansioso, indecisão tomando suas feições por alguns instantes.

— Atende e veja o que ele quer. Pode ser algo em relação ao seu trabalho lá, você deixou tudo resolvido?

— Acho que sim. Ele me disse que ligaria se encontrasse alguém e me avisaria sobre o pagamento... mas pode não ser isso.

— Então atenda, Red. Você deve falar com ele.

— E se ele perguntar por você, o que eu digo?

James revirou os olhos, incrédulo.

— Ora, Diana, o Edu? Claro que ele não ligaria para perguntar por mim. Do alto do seu orgulho? Você o conhece mais do que isso, querida.

Suspirei, sem ter como contradizê-lo, e finalmente atendi a chamada de Eduardo.

— Oi, Edu.

Breve hesitação antes que ele falasse.

— Diana, boa noite. Tudo bem?

— Tudo, sim, e você, como está? — eu disse, tendo que incorporar a atriz para falar com ele sem demonstrar todo o desagrado que eu queria mostrar

muito claramente. E isso me deixava triste, porque eu admirava Edu e pensei que as coisas estavam melhorando entre eles. James e vovó estavam me olhando em clara expectativa.

— Tudo bem, obrigado. Eu só liguei para te dizer que encontrei uma pessoa para o trabalho, e que preciso resolver com você a questão dos dias que você ficou aqui.

— Ah, que bom que você encontrou alguém — respondi, no fundo um pouco decepcionada que fosse apenas aquilo. James fez um sinal de "eu não disse?", e voltou a se acomodar no colo de vovó, que nitidamente resmungou várias coisas contra Edu, e James riu.

— Isso, sim. Muito bom. Você pode me mandar aquelas informações que combinamos para que eu agilize isso?

— Vou enviar para o seu número.

— Ótimo.

Então, aquele silêncio muito constrangedor quando duas pessoas ficavam sem ter o que falar em uma ligação. Merda.

— Mais alguma coisa, Edu, ou...

— Ele está com você aí? — ele disse quase ao mesmo tempo em que eu falei, e eu senti meu estômago retorcer. O tom com que ele disse aquilo, como se estivesse arrancando do fundo da sua alma, *me fez engolir em seco* e olhar rapidamente para James, que percebeu o meu olhar e ficou tenso, imediatamente. — Diana, por favor, eu... eu sei que ele deve ter dito a você para não falar comigo, para não me dar nenhuma informação, eu sei... mas por favor, me diz que ele está bem e...

Putá merda. James sentou e fez um sinal de não, mas seu rosto era uma máscara de tristeza. Eu olhei de volta para ele e fiz um sinal para que ele aguardasse. Mesmo que James brigasse comigo, eu estava com a oportunidade bem ali de ouvir o que aquele homem teimoso e orgulhoso estava pensando, e para quem não ligaria, e não se importaria, ele tinha acabado de dar um passo e tanto, não?

— Olha, Edu, eu realmente não tenho o direito de...

— Diana, *me escuta*, eu só preciso que ele pelo menos fale comigo... — ele interrompeu com um suspiro cansado, quase sussurrando. — Para esclarecermos as coisas, ele saiu de um modo tão... e não nos falamos de verdade depois disso...

Ele continuou a falar, mas eu estava olhando para James, que me encarava de volta. Ele fez um sinal discreto de sim com a cabeça, e eu respirei aliviada, voltando a atenção para Eduardo.

— É só isso... — ele concluiu, e eu quase não o ouvi.

— É só isso? Você só quer esclarecer as coisas? Tudo bem. Aguarde o tempo que ele pediu, Edu. Se é só isso, vai ficar tudo esclarecido depois.

Silêncio.

— Ele está aí com você, não é?

— Está sim. Mas, você sabe, ele não vai falar com você agora.

— Eu sei. E não, não é só isso que eu quero — ele admitiu com voz grave, e eu ouvi o sofrimento em sua voz. Mas aquilo já tinha acontecido antes e meu amigo tinha cedido, vindo ao Rio para ficar com ele para ser tratado como o seu segredinho sujo?

— Edu, faz assim, e é um conselho de uma pessoa que gosta muito de você, apesar de toda essa situação: descobre o que diabos você quer, e então resolve isso, mas resolve rápido, porque o meu amigo não vai te esperar a vida toda... Na verdade, eu acho que ele não está disposto a esperar mais nenhum minuto, porque ele já esperou demais. Pensa nisso — murmurei, e sentia realmente muito por estar dizendo aquilo a ele. Edu não disse nada, mas eu ouvi nitidamente sua respiração pesada e frustrada. E então eu desliguei. James fez um aceno positivo com a cabeça e sussurrou "é isso aí", e voltou a aconchegar, com um sorriso que pretendia ser corajoso, mas só foi triste de ver.



— Diana, hoje você trabalha à noite, não? — Diego perguntou quando pôs uma caixa sobre a cama e voltou-se para mim de braços cruzados. Observei calmamente a postura dele antes de responder.

— Isso, tenho turno hoje.

— E você já sabe que horas sai?

— Não, porque ainda preciso conversar com o Ricardo assim que chegar, você sabe, para esclarecer o mal-entendido. — Ergui uma sobrancelha e ele franziu a cara, mas não disse nada. — Inclusive, preciso chegar só um pouco mais cedo hoje lá por conta disso.

Abri uma bolsa e comecei a tirar algumas coisas de dentro, e assim que percebi o que era — minhas calcinhas e sutiãs — levantei o rosto para olhar para Diego que estava com o olhar fixo nas peças, claro. Eu sorri discretamente, e agradei aos céus que eram justamente as melhores que estavam sobre a cama agora, aquelas usadas para a guerra, e não aquelas folgadasinhas que a gente ficava em casa na frente do sofá fazendo maratona de série com o pijama desbotado. Porque também tinha algumas daquelas.

Quando ele me encarou e viu que eu estava pegando-o no flagra, ele deu

de ombros.

— Gostei dessas... — ele disse com voz baixa, naquele tom que me excitava além da compreensão. — Mas acho melhor quando elas estão em você.

— E eu já acho melhor quando você as tira de mim.

Ele deu aquele sorriso lento que eu adorava.

— Muito justo. Nesse caso, eu estou louco para arranc...

— Mamãe! — João entrou no quarto feito um foguete, e eu e Diego suspiramos, e olhamos para ele na porta, parado com o controle da TV nas mãos. — Quero outro desenho.

— Pode colocar em outro, meu amor. Você sabe.

— Não estou conseguindo... esse controle não faz o que eu digo.

— Bem, vamos lá ver porque esse controle está desobedecendo você. Eu vou te ajudar. — Saí com ele em direção à sala antes de lançar um olhar para Diego por cima do ombro. Ele sorriu e veio atrás de nós. — E essa sua farrinha pela manhã está acabando viu, mocinho? Amanhã vamos ver as escolas e espero que já na segunda você inicie as aulas.

Ele me olhou com os olhos arregalados.

— Eu vou *pra* escola aqui também mamãe?

— E você achou que não ia estudar mais não? — Sorri, passando a mão nos cabelos dele. João me olhou e fez que sim, com aquela expressão engraçada de quem sabia que estava dando uma de espertinho. Pus no canal que ele queria, ele se acomodou no tapete e voltou a assistir o desenho dos trens, que eu sabia os nomes de cor, as falas, as musiquinhas. Eu nunca tinha gostado muito de desenhos, mas agora eu podia seguramente me considerar uma expert. Aquele Relâmpago McQueen, por exemplo, tinha dias que, juro, eu sonhava com ele de tanto que eu assistia e ouvia falar do carro o dia todo.

Assim que eu acomodei João Pedro, fui a cozinha organizar nos armários de Diego algumas coisas de João que eu tinha trazido. Bem, nos nossos armários, não é?, afinal, nós íamos morar aqui também. Estava justamente fazendo isso há alguns minutos, quando olhei para a porta da geladeira de última geração que Diego mantinha ali, meu coração deu um duplo *twist carpado* quando reconheci o desenho que João fez preso a um ímã em forma de joaninha.

Eu sorri como uma boba, mordendo o meu lábio inferior. Eu devia estar mesmo na TPM, porque aquelas coisinhas estavam me deixando com as pernas amolecidas e o coração aquecido mais do que eu imaginei que seria possível. E Diego também não facilitava com aquele bombardeio que oscilava entre sexo quente e fenomenal entre quatro paredes e essas coisas doces com João. Quem resistia? Certamente não eu.

Estiquei a mão para a parte de cima do armário quando senti as duas

mãos dele espalmadas na minha bunda, levantando um pouco o vestido de algodão ajustado ao corpo que eu usava, seu aperto firme e a pressão do corpo duro e grande dele nas minhas costas. Abafei um som de surpresa que quase se transformou em um gemido quando ele deu um beijo demorado bem abaixo da minha orelha.

— Aquele papo de calcinha me deixou ligado... — ele sussurrou, esfregando um pouco outra coisa muito dura e grande na minha bunda. Céus! Estar na mesma casa que aquele homem iria me transformar em uma ninfomaníaca, era isso? Fechei os olhos e me encostei nele, sorrindo. Porque eu tinha toda a intenção de aproveitar as benesses daquilo, sem sombra de dúvidas.

Não tive muita coisa para acrescentar ao que ele disse, a não ser um profundo suspiro trêmulo quando Diego me pressionou contra a bancada e voltou a falar com aquela voz que era puro tesão no meu ouvido, movimentando as mãos de modo que subiu um pouco o meu vestido. Eu já estava me remexendo um pouco contra ele, atizando a sua excitação.

— Eu já te disse que adoro a sua bunda?

— Se disse, eu não lembro...

— Que gosto de te pegar por trás assim e senti-la pressionando o meu pau? — Mordida na minha orelha. Lambida e depois mordida novamente. Uma mão subindo pelo meu estômago e alcançando meu seio esquerdo, que ele passou a massagear com firmeza, pegando-o por baixo e enchendo sua mão com ele. Isso era uma coisa que me deixava pegando fogo em relação a Diego: nada de mãos macias e moles demais. Quando era *pra* ser carinhoso, ele sabia ser, mas minha gente, quando era *pra* ser quase bruto, ele sabia também, e eu amava isso, sua pegada era firme. Aliás, tudo era com firmeza em relação a ele: o jeito que me pegava, acariciava, beijava, batia, lambia... enfim, era a perfeição. O que ele tinha perguntado mesmo? Acho que tinha me perdido.

— Não sei... repete.

— Eu adoro a sua bunda e gosto de te pegar por trás exatamente desse jeito — Diego repetiu, uma leve indicação de sorriso na sua voz. E ilustrou a sua fala enchendo a mão com a popa da minha bunda e apertando, fazendo os bicos dos meus seios endurecerem em antecipação. E ele continuou, falando baixo agora: — Não, na verdade, tenho uma maneira melhor em mente de te pegar por trás, mas João não pode estar por perto, então... preciso me acalmar agora.

Gemi só de imaginar, e me pressionei em sua ereção me cutucando. Porra, ele cheirava bem, como sempre, aquele cheiro gostoso que combinava com ele e me fazia apenas pensar em lambê-lo todo *pra* ver se o cheiro combinava com o gosto. Como se eu não soubesse que o gosto era muito melhor, pensei com malícia.

— Entendi, depois você me mostra como é então. Eu não sei se eu já te disse, mas adoro aprender com você.

Ele beijou minha mandíbula quando eu virei o rosto um pouco para trás.

— Você está de calcinha, Diana? — Diego grunhiu, mas já estava verificando ele próprio ao suspender mais a lateral do meu vestido e tocar a minha calcinha. Droga. Devia ter tirado. Nesse momento, eu tinha certeza que estava mais molhada ainda... mas não viaja, mulher, João estava logo ali.

— Infelizmente, sim... — respondi com um suspiro frustrado.

— Faz um favor *pra* mim? Quando você estiver de vestido dentro de casa e eu estiver aqui, a não ser que seja absolutamente necessário, fique sem a maldita calcinha, ok? — Diego disse com um sorriso que eu senti no meu pescoço, e eu sorri de volta.

— Meu amor, esse favor é *pra* mim, também, considere-se atendido — rebati divertida, e então notei o que tinha dito. Puta merda. Eu o chamei de meu amor. E foi ato falho, por puro costume. Eu falava assim com James o tempo todo, por exemplo. Mas eu ia fazer a egípcia aqui, não podia surtar com aquela bobagem. Diego não disse nada sobre isso, mas voltou a beijar a minha nuca demoradamente.

— Ótimo. Um favor a nós dois.

E então ele me virou, segurando a minha cintura. Diego tinha trocado o terno que estava usando mais cedo — já que tinha vindo direto do trabalho para nos pegar — por uma calça de tecido confortável, dessas que se usava para malhar, e uma camisa branca de algodão. Simples e gostoso, como de praxe.

— Eu pensei que você fosse voltar ao trabalho — comentei, curiosa, apoiando as mãos em seu peito para dar um beijo rápido e leve em seus lábios. Ele retribuiu, segurando meu rosto com as mãos. E a constatação daquele momento me pegou com força: nós estávamos ali na cozinha como um verdadeiro casal trocando intimidades, nossos corpos juntos e João na sala assistindo TV.

Análises sobre isso? Não. Nada de matar meu juízo com complicações desnecessárias agora. Viver o momento, repeti na minha cabeça como um mantra, viver o momento. A não ser que algo viesse e fodesse com tudo, era isso que ia valer *pra* mim, afinal, eu tinha vindo morar com o cara, não dava *pra* ficar conjecturando mil coisas agora como uma lunática. Sorri *pra* ele. E Diego não respondeu logo, ficou me olhando com uma intensidade desconcertante, então ele ajustou seus óculos que tinham ficado meio tortos, antes de responder.

— Não, trouxe um pouco de trabalho para fazer em casa, nada muito sério.

— Tudo bem.

Afastei uma mecha teimosa de cabelo preto macio que tinha caído na testa dele, antes de pensar muito sobre isso, olhei dentro dos seus olhos. Bom, eu precisava perguntar aquilo.

— Diana, acho que a gente precisa conversar sobre a sua volta *pra* casa hoje.

Certo. Vamos ouvir o que ele tinha a dizer. Afinal, naquela frase tinha "a gente precisa conversar", e não "eu decidi como vai ser". Era uma boa mudança de perspectiva.

— Eu não sei se os horários no bar são iguais aos das garçonetes, Diego, afinal, eu fui mudada de posto, lembra? Preciso ver isso quando chegar, como te disse.

— Tudo bem, mas assim que você souber me avisa, você não pode voltar *pra* casa esse horário de táxi ou de Uber. Não é seguro *pra* você e eu ficaria muito preocupado. Leve meu carro agora.

Eu poderia argumentar que já tinha voltado *pra* casa na madrugada sozinha ou com James, mais vezes do que ele podia imaginar, e era verdade. Eu sabia me cuidar muito bem. Todavia, não podia dizer que ele não estivesse realmente preocupado, e nós estávamos morando juntos, então, não dava *pra* eu viver exatamente da mesma forma que eu viveria se estivesse sozinha. Alguns ajustes precisavam ser feitos aqui, nós já tínhamos conversado sobre isso. E contanto que esses ajustes fossem com a minha concordância, eu poderia viver bem com isso.

— Eu entendo. Mas você pode ficar tranquilo. Na maioria das vezes eu vou voltar com o James mesmo.

A mandíbula de Diego deu uma leve contraída.

— James é seu amigo, Diana, eu entendo, mas não me peça para delegar a ele a responsabilidade pela sua segurança. Isso é um problema nosso, meu e seu.

— Não é isso que estou dizendo.

— Ele pode ser uma companhia boa para você na boate, mas na saída, ele não tem que lidar com isso. Eu tenho.

Hum, lá estava aquele tom. Sério que Diego ainda estava incomodado com James, mesmo sabendo que ele era gay e tudo? Não era possível.

— Ele pode ser uma companhia para voltar *pra* casa quando for o caso, muito provavelmente vai ser. Mas eu posso levar o seu carro, Diego, tudo bem, se você confia em mim para isso... — provoqueei-o, sorrindo.

— Se você está dizendo isso, muito provavelmente eu não devia confiar, não é?

Eu revirei os olhos.

— Eu sei dirigir desde antes de ter carteira, ok?

— Eu não duvido nem por um minuto que é desde antes você de ter a carteira — ele resmungou, e eu sorri de novo. Eu estava dizendo aquilo para o “Sr. Certinho”, claro que teria algo a dizer sobre isso.

— Enfim, eu levo o seu carro, e quando você for precisar dele, eu volto de táxi. Existem vários confiáveis por aí, não é um problema.

— Podemos contratar alguém para ficar com o João caso seja preciso em algum momento também.

— Uma babá para ficar aqui com você e ele à noite enquanto eu trabalho? — Eu sorri, porque realmente era engraçado. Não era engraçado?

— Não o tempo inteiro. Só se precisarmos sair, ou eu quiser pegar você.

— Se precisarmos, ótimo, mas por enquanto não há a necessidade disso. Eu trabalho à noite, quando eu começar a receber trabalhos com as fotos, o que eu espero que seja logo, e você estiver trabalhando, pensamos sobre isso.

— Tem a minha mãe também, tenho certeza de que ela iria adorar ficar com ele caso a gente precise. Assim que tudo se resolver, acho que vamos ter que brigar *pra* tirar ele de lá. Ou expulsar ela daqui.

Nós sorrimos. Porque imagino que sim mesmo. Independentemente do que ela pensasse ou achasse sobre mim, eu vi como ela tinha ficado louca pelo neto.

— Ou seja, Diego, quando a necessidade surgir, a gente estuda isso. Por enquanto, está tudo bem.

— Sim, é isso mesmo. Mas na verdade, eu já pensei em outra forma de resolver isso, vai ser assim...

E estava tudo indo bem até aqui, pensei.

— Muito bem, eu vou ouvir de você agora como vai ser a minha vinda para sua casa. Diga, vou ficar ouvindo caladinha, prometo.

Ele apertou os olhos porque pegou o meu sarcasmo.

— Reformulando: o que você acha de eu falar com uma pessoa de confiança para pegar você nos dias que eu não puder ir? Só me avise o horário e ele estará lá. Prático e seguro, e você não volta cansada e dirigindo sozinha.

— Tipo um motorista?

— Algo assim, mas não sempre. Meu irmão Marcos às vezes conta com os serviços desse cara. Muitas vezes na verdade. — Ele deu um sorriso, e eu lembrei do irmão dele, quase tão bonito e quente quanto Diego. Quase. — O que importa é que ele é de confiança, e você pode voltar *pra* casa tranquila.

Eu suspirei, pensando sobre aquilo. Mas o que havia mesmo *pra* pensar? Se não fosse uma boa ideia, depois eu voltaria atrás.

— Ok, Diego, tudo bem. Pode falar com esse cara então. De qualquer

forma, vai ficar tudo bem, tem o fato de que o Caio, da segurança, também está sempre nos ajudando e escoltando na saída.

Caio, pensei, o chefe de segurança com cara de mau e gato, amigo de Ricardo. Engraçado que aquele era o tipo de cara que eu deveria me sentir atraída se o mundo fizesse sentido. Na verdade, eu já tinha namorado um homem até parecido com ele uns dois anos atrás. E não tinha durado um mês, pensei sorrindo.

— Qual a graça? — Diego perguntou, atento. E eu olhei *pra* ele porque tinha divagado rapidamente...

— Nada.

— Ótimo que o Caio faça isso, mas ele só pode auxiliar até a porta da boate, então, sua ajuda é limitada.

— Ah, então você conhece o Caio, claro que sim.

— Diana, eu faço questão de conhecer todo mundo que importa. Acostume-se com isso.



Eu estava praticamente pronta para ir trabalhar. Terminei de prender o meu cabelo em um rabo de cavalo, passei o batom, e ajustei meu sutiã na minha blusa estampada e sem mangas. Eu tinha completado o visual com jeans e sandálias plataforma. Ok, eu estava bem. Eu ia ficar de uniforme a noite toda mesmo, mas não quer dizer que eu fosse sair de casa de qualquer jeito. Já passava das 8h e eu deveria me apressar, já que ainda precisava pegar umas instruções e falar com Ricardo antes do serviço começar, como Samyra havia me dito.

Diego estava na sala lendo alguns papéis, concentrado, quando comecei a me arrumar mais cedo, e João estava no quarto brincando dentro da barraca. Eu já tinha me despedido dele, recebido meu beijo e meu abraço gostoso. Agora Diego tinha os papéis espalhados na mesa de centro e estava pondo o celular de lado e murmurando algo, mas levantou a cabeça assim que me viu caminhando. Seu olhar intenso me percorreu toda, da cabeça aos pés, atento, apreciativo, sim, mas sua expressão também era carrancuda por algum motivo.

— Problemas?

Ele pensou por uns dois segundos, então balançou a cabeça.

— Não, tudo certo. Você já está pronta?

— Sim, vou levar aquela sua máquina para passear... não vejo a hora.

— Diana, toma cuidado. — Ele levantou e veio na minha direção,

parando logo a minha frente e segurando o meu queixo entre o polegar e o indicador, sério. — E me liga quando estiver saindo de lá, tudo bem?

— Eu estou brincando, você sabe.

— Claro que sei, só não gosto dessa merda de você ter que rodar por aí na madrugada. Não estou dizendo para não ir, mas não vou fingir que gosto também. É só isso.

— Eu nunca disse que também gostava. Esse emprego não é o que eu quero para a minha vida toda, ok? Ele tem um prazo bem estabelecido.

Ele respirou fundo, mas a carranca não se desfez.

— Ok, a partir de amanhã a gente vê esse arranjo com o Romano para pegar você, tenho um jantar na casa dos meus pais amanhã à noite, minha irmã está chegando de Nova York, acho que disse isso a você.

— Sim, você disse. Amanhã nós vemos como as coisas ficam, eu ainda não sei se trabalho amanhã ou só sábado.

Diego pareceu que ia falar alguma coisa, mas então curvou-se e me beijou rapidamente nos lábios. Nesse momento, o interfone tocou e eu me virei rápido para ir atender. Bem, era uma chamada interessante. O porteiro se apresentou e me cumprimentou, o mesmo que tinha tirado as minhas digitais para o cadastro biométrico do elevador mais cedo. Confirmei o apartamento, então ele disse que tinha uma mulher lá embaixo, sra. Fabíola, e que ela estava exigindo subir porque era visitante cadastrada, mas que ele precisava, ainda assim, confirmar antes. Ele deveria deixá-la subir?

Diego estava me olhando com a expressão curiosa, e eu fiquei segundos olhando para ele, quieta, então voltei ao telefone.

— Só um instante, sr. Damasceno, sim?

— *Claro, tudo bem.*

— O que foi, quem é, Diana?

Duas vontades loucas estavam se debatendo em mim agora. Aquela velha e conhecida desconfiança, a impetuosidade, a vontade de dizer ao porteiro "sim, deixe-a subir", e tirar as minhas próprias conclusões sobre Fabíola, porque sim, a minha memória era maravilhosa e eu lembrei daquele nome da nossa breve conversa no dia em que decidimos que eu viria morar aqui. E aquele telefonema agorinha, ainda tinha isso, não era?

Por outro lado, eu não tinha decidido ponderar e pensar nas coisas antes de agir? Eu precisava pelo menos dar a chance a ele de dizer algo. Vamos ver então.

— Fabíola está lá embaixo pedindo para subir. Pedindo não, segundo seu Damasceno, exigindo. Você estava aguardando a visita dela?

— Não acredito nessa porra — foi o que ele disse.

— E então, deixo-a subir? Porque eu acho que estou descendo de qualquer forma, se ela não subir, talvez eu tope com ela lá embaixo. Decida-se.

Ele resmungou outro palavrão e veio na minha direção.

— Com licença, *me dê* isso aqui.

Eu entreguei o aparelho e cruzei os meus braços, e ele falou com o porteiro, os olhos grudados em mim.

— Beto, não deixe essa moça subir, eu não a convidei, certo? Agradeço.

Olhei para ele e apertei meus dentes juntos.

— Eu não a convidei para vir aqui, eu não seria louco, Diana.

— Foi ela que acabou de ligar?

Ele tirou os óculos e pôs de lado, visivelmente irritado.

— Foi, e eu disse que não poderíamos falar agora, mas não sabia que ela estava aí embaixo. Era só o que me faltava.

Não desviei meu olhar do dele, então, suspirei e peguei às chaves do carro da bancada.

— Ok, eu acredito em você.

Diego me olhou parecendo um pouco alarmado.

— Aonde você vai, Diana?

— Como assim? Trabalhar, aonde mais eu iria?

Capítulo 24

POSSO. E VOU

Diego 

— Você está me dispensando porque uma mulher que você conheceu anos atrás, agora voltou ao Rio e trouxe um filho seu com ela? — Fabíola perguntou, piscando repetidamente como se mal pudesse compreender o que eu tinha acabado de dizer. Ou aceitar.

Porra, por que aquilo não podia ser simples? Bom, simples não podia ser, tudo bem, mas menos fodido que olhar para o rosto de uma mulher que até outro dia você estava levando para cama e agora tinha que dizer que não tinha mais interesse nela? Que não podia acontecer mais entre vocês porque você estava fissurado em outra mulher?

Eu sempre tive problemas em ter que terminar algo, sempre fui assim. Não porque eu preferisse manter algo apenas para não ter que terminar um relacionamento, um caso, não era isso, eu era prático demais para manter alguém que eu não queria ao meu lado. O problema era ter que lidar com lágrimas, lamúrias, olhos suplicantes, ou então com a raiva, a revolta, puta merda, aquilo era estressante demais, era uma verdadeira tortura. Encarei Fabíola e falei em um tom que, eu esperava, fosse gentil.

— Eu não queria ter que colocar dessa forma, mas sim.

— E que outra forma existe para colocar isso, Diego? Não posso acreditar, só pode ser brincadeira...

— Você acha que eu poderia fazer outra coisa que não ser sincero com você sobre isso e te deixar a par do que está acontecendo na minha vida? Eu nunca fui outra coisa que não sincero com você desde o início, acho que podemos concordar sobre isso, não?

Ela tomou um gole do seu vinho, olhou para a taça demoradamente e balançou a cabeça enquanto punha os longos cabelos escuros sobre um lado do ombro. Ela estava vestida para matar, mais do que eu já tinha visto antes nesses poucos meses que tínhamos saído juntos. Usava um vestido preto supercolado em seu corpo longilíneo, no estilo sem mangas, os cabelos soltos, saltos altíssimos e — significativamente, um par de brincos de safira que eu havia dado a ela no mês anterior, quando ela me disse que era seu aniversário — completavam o visual que ela escolheu para vir ao meu encontro naquela noite.

Fabíola estava linda, como eu sempre achei que ela fosse, eu não era

cego, e a constatação disso só serviu para me deixar mais certo de que eu não podia manter uma mulher como ela, que poderia ter o homem que quisesse, presa em algo que ela não tinha condições de levar adiante. Não comigo pelo menos, já que sendo o mais sincero e racional possível, as chances já não eram muito altas antes que Diana voltasse, e agora, eram quase perto de zero. Eu não me via em um envolvimento com outra pessoa que não fosse ela. Por quanto tempo ou se "ia dar certo" num possível futuro eu não sabia, mas não ia abrir mão de viver aquilo agora. Uma mulher por vez, sempre foi o meu lema, até que eu não me sentisse mais atraído, então, eu precisava terminar com Fabíola.

Naquela segunda-feira, ela tinha passado o dia quase inteiro sem atender às minhas chamadas, e eu havia tentado novamente após deixar a minha mãe em casa e voltar para o trabalho. Quando Fabíola finalmente retornou, pediu desculpas e disse que tinha estado muito ocupada, mas estava ansiosa para me encontrar.

Eu não fiquei chateado, com o que tinha para dizer a ela nem me dei ao trabalho de ficar. Tentei marcar um almoço no dia seguinte, mas ela disse que não poderia, mas que estava livre naquela noite para um jantar, já que eu havia desmarcado o último. E se ela soubesse que foi justamente por causa de Diana...

Eu cedi, seria melhor afinal, resolver de uma vez aquela situação. Eu não queria que Fabíola virasse um problema na minha vida, principalmente agora que tudo estava parecendo se ajeitar com Diana. Claro que eu ainda precisaria resolver muita coisa, quebrar aquela casca que Diana tinha e descobrir o que ela ainda parecia estar mantendo apenas para si. Mas era muito cedo, eu teria tempo para aquilo. E para isso, eu precisava sair amarrando as pontas soltas na minha vida antes.

Marcamos então no mesmo restaurante que havíamos jantado na última vez, um que ela escolheu, e às 20h eu já estava lá esperando-a, pois Fabíola preferiu me encontrar lá em vez de aceitar que eu a fosse buscar em seu apartamento. Quando ela entrou, muito bonita e com um sorriso misterioso nos lábios pintados, eu me senti incomodado em saber como aquela noite terminaria.

Como esses caras conseguiam fazer aquilo de dispensar uma mulher sem estresse? Como você ia para a cama com uma mulher e no outro dia dizia "foi bom te conhecer, até a próxima"? Já era difícil quando era apenas uma vez, imagina quando você tinha jantado, saído juntos em alguns eventos e tido sexo com ela. Às vezes eu achava que deveria ouvir algumas das merdas que Marcos dizia, ele parecia ser expert naquilo. E Ricardo também, lógico. Então, quando Fabíola agradeceu ao maître com um sorriso gracioso e sentou à minha frente, eu sabia que não seria fácil.

— Então, era isso o que você queria? Esse jantar era *pra* me dizer que

acabou? — Ela estava com os olhos úmidos e eu apertei o espaço entre os meus olhos, exalando profundamente, frustrado. Eu poderia estar errado em relação aos sentimentos dela? Não que ela alguma vez tivesse tido algo. Fabíola sempre me pareceu muito ciente de que estávamos iniciando algo legal, agradável, mas ninguém nunca tinha falado de compromisso ou pior, de sentimentos envolvidos ali. Eu esperava não ter que lembrá-la daquilo, e acima de tudo, eu precisava ter tato. — Se eu soubesse que era isso, não tinha me dado ao trabalho de... de sequer vir aqui, Diego.

— Desculpe se você achou que era algo diferente, eu sinto muito, mas pelas nossas últimas conversas eu pensei que você poderia ter deduzido que as coisas não estavam exatamente bem entre nós. Muito antes dessa última semana na verdade. — Tentei olhar em seus olhos, mas ela desviava do meu olhar. — Eu dei pistas disso no nosso último telefonema, só não quis resolver tudo pelo celular.

— Eu não teria perdido o meu tempo hoje se você fosse mais claro na ocasião.

Ela largou o guardanapo sobre a mesa com irritação, e eu franzi o cenho. Não entendia qual o problema dela. Se eu tivesse simplesmente dado um telefonema e dito a ela que uma pessoa do meu passado tinha surgido, e que eu estava envolvido com essa pessoa, e ainda por cima tinha um filho, seria melhor? Eu ia viver mil anos e não ia entender como funcionava a cabeça de uma mulher, eu tinha certeza daquilo.

— Fabíola, seja razoável, eu não queria ser um cretino e te dizer isso por telefone, não faz o meu estilo.

Ela cerrou os lábios por um momento, depois voltou a me encarar, provavelmente tentando dissipar a irritação com uma respiração profunda e lenta.

— Essa mulher simplesmente apareceu assim, depois de todos esses anos? E você não mantinha contato com ela nem sabia que ela tinha um filho seu?

— Sim, eu já expliquei isso. E não, eu não tinha nenhum contato com ela enquanto estava com você, se é isso que você está perguntando.

— Meu Deus, você já está se referindo a mim no passado... — Ela riu, sarcástica. Depois voltou a ficar séria, e eu praguejei baixinho, porque tinha mesmo feito aquilo, referir-se já a ela no passado com ela bem na minha frente. — Diego, eu entendo que tenha uma criança na história, ok, você tem um filho que você soube agora, ainda que eu não entenda o motivo de você não ter sabido disso antes... Em que isso vai atrapalhar realmente o que nós estávamos vivendo?

Santo Deus, aquilo ia ser daquela forma? Eu não tinha opção pelo visto.

— Não se trata apenas da criança, Fabíola. Eu e a mãe dele, a Diana, estamos em um momento... bom, nós temos uma história.

Ela levantou as sobrancelhas e me encarou, nitidamente irritada.

— Isso significa que você está preferindo ficar com ela? Essa mulher chegou outro dia e você vai preferir embarcar em algo que você nem sabe no que vai dar do que se manter em uma coisa na qual você já estava comigo? Se é só pelo seu filho, nós...

— Não é só pelo meu filho, é por causa dela também.

Certo, isso tinha saído mais duro do que eu programei, pensei, quando vi o seu semblante cair e ela ficar boquiaberta, mas era isso ou ela realmente não entender aonde eu queria chegar, e aquele mal entendido poderia virar uma bola de neve e levar todos os meus planos de acerto com Diana pelo ralo. *Me movimenter* na cadeira, incomodado, e tentei reformular aquela sentença.

— Fabíola...

— Não, eu entendi. Não se dê mais ao trabalho. — Ela levantou a mão para que eu não continuasse, e passei a mão na nuca, tenso. Ela continuou: — Só me diga uma coisa: esses dias que você tem me descartado e ignorado nossos encontros, é por causa dela?

Porra, aquilo era um pesadelo. Lembrei da última vez que tive que passar por um término, quando Solange, uma decoradora de interiores com quem eu tinha tido um relacionamento que durou uns 5 meses, terminou comigo. Solange disse que eu não tinha um real interesse em levar as coisas adiante, que me comprometia fisicamente, era atencioso, um perfeito cavalheiro, mas que eu era distante sentimentalmente, e que não me envolvia de verdade.

Aquilo era um absurdo, claro, e eu tentei argumentar que era exatamente o contrário: eu não mantinha casos de uma noite, a não ser que a mulher não quisesse mais no dia seguinte — o que eu tinha que admitir, acontecera pouco — e fazia questão de me doar para o que estava vivendo. Não era assim? Ela disse que não, que eu não me "doava", que o meu eu verdadeiro não aparecia, e que ela não poderia viver assim. Ela tinha 32 anos, queria uma família, um casamento, e eu era quente na cama e indiferente fora dela. Em resumo, tinha sido melhor levar um fora dela do que estava sendo agora ter essa conversa aqui com Fabíola.

— Como eu te disse, esta semana tem sido complicada para mim, Fabíola, muitas coisas para resolver em relação ao meu filho, e independente das minhas disposições em relação a mãe dele, eu teria parado com você para resolver tudo.

— Sempre um lorde, Diego. Essa é a sua maneira de dizer que sim, que

assim que essa mulher chegou, seu mundo virou e eu me transformei em carta fora do baralho... Eu poderia me enganar e fingir que é por causa do seu filho, mas estou vendo que não. — Ela mordeu o lábio e sorriu novamente de modo irônico. — Nossa. Impressionante. Eu tenho tentado nesses poucos meses ser compreensiva, levar as coisas devagar, não te pressionar de modo algum, e aí do nada, surge essa mulher e eu me vejo aqui, sendo chutada e tirada do jogo.

— Eu não queria que você achasse que eu estava te fazendo perder tempo, ou que estava te prendendo em algo sem futuro, acredite em mim. Nunca foi essa a minha intenção.

Ela fez um som de escárnio. Eu notei também que em momento nenhum ela perguntou sobre João Pedro, ou mostrou interesse nele, ou mesmo perguntou como estava sendo para mim saber que tinha um filho. Mas talvez eu estivesse sendo muito duro, ela estava terminando algo aqui, e provavelmente não parou para pensar mais detidamente no assunto. Em todo caso, não importava.

— Algo me faz pensar se você não estava simplesmente esperando essa mulher reaparecer na sua vida.

— Por favor, eu não acredito nessas coisas.

— Eu também não, mas aí está na minha cara, não é mesmo?

Fabíola tomou mais uma vez o seu vinho, antes de recomençar:

— Tudo bem, Diego, eu não vou insistir, sempre tem uma primeira vez na vida. Agradeço a sua consideração em me dizer que estou sendo dispensada e que você está formando uma família depois desses meses em que eu quis tocar nesse assunto e achei que você não estava pronto sequer para o passo seguinte. E aí está você, com um filho. Que idiota eu fui.

Eu tentei tocar em uma das suas mãos sobre a mesa e ela afastou-se do meu toque, e eu recuei.

— Eu lamento profundamente que você se sinta assim, e peço desculpas se em algum momento eu te fiz acreditar que estava pronto para algo mais do que estávamos tendo — eu disse com um suspiro frustrado. Era o mínimo que eu poderia fazer, apesar de que eu tinha a mais plena consciência de não ter indicado a ela nada nesse sentido. Mas uma coisa era o que a gente achava que o outro estava entendendo, outra, era o que ele realmente entendia.

Fabíola ficou em silêncio por segundos inquietantes em que o garçom se aproximou e eu fiz um gesto para que ele voltasse depois. Quando ela voltou a me encarar, havia um sorriso triste em seu rosto.

— Os seus pais aprovam essa moça, Diego?

— Os meus pais não têm que aprovar nada do que eu faço, Fabíola. Principalmente as mulheres com quem me relaciono, eu tenho 37 anos.

— Você sabe o que quis dizer. A sua mãe, por exemplo, não pareceu ter

gostado muito de mim, mesmo com o esforço que fiz para ser educada com ela.

Pronto, era só o que faltava. Limpei a garganta antes de responder.

— Impressão sua, provavelmente.

— Provavelmente, sei. Enfim, eu espero que você tenha sorte nesse seu novo relacionamento, e que essa mulher tenha as armas necessárias para fisgar você, porque até agora, parece que nenhuma de nós teve muito sucesso e você continua aí.

Eu não respondi, só fiquei olhando para ela. Não ia cair em provocação porque ela estava chateada, magoada, e queria me punir de alguma forma. E para minha surpresa, Fabíola limpou os lábios e pôs novamente o guardanapo na mesa.

— Então, é isso, certo? Não vou fingir que estou bem, e não desejo realmente sorte, estou mentindo. Espero que você quebre a sua cara. Não precisa me acompanhar, eu pego um táxi...

— Fabíola, não seja...

— Foi um prazer, realmente foi. Adeus.

E ela levantou, atraindo um pouco a atenção de algumas pessoas ao nosso redor, e saiu andando rapidamente, *me deixando* sozinho lá. Nem me dei ao trabalho de segui-la. Resmunguei um palavrão e fiz um gesto ao garçom para trazer a conta das bebidas. Quando saí do restaurante, não havia sinal dela do lado de fora. Em consideração a tudo, fiz uma chamada para saber se ela estava bem, e claro, ela não atendeu. Paciência então. Dessa forma, eu fiquei realmente sem ter notícias de Fabíola até agora quando Diana me olhou nos olhos e disse que ela estava tentando subir. E a minha noite de inferno havia começado.



— Diana, volte aqui, por favor! — eu disse indo atrás dela e segurando em seu braço antes que ela alcançasse a porta do apartamento com as chaves do carro nas mãos. Puta que pariu, como aquilo podia estar acontecendo? Eu achei que tinha feito tudo certo, e agora aquela merda estava fodendo com a minha noite, quando eu já estava puto o suficiente com Diana saindo para ir para a ir trabalhar na boate, ainda que eu estivesse tentando segurar a todo custo o meu desagrado.

Claro que eu não tinha dito a Diana quando estive na quarta no apartamento jantando com eles, que eu já tinha conversado com Fabíola. Por que eu ia fazer isso? Era algo que eu tinha resolvido e eu não precisava incomodá-la com detalhes desnecessários, e o importante era que a situação estava resolvida.

Mas ao que parece, eu não tinha resolvido o suficiente, se Fabíola estava ali.

Ela tinha ligado enquanto Diana estava no banheiro, e pedido desculpas pela forma como tinha saído do restaurante e me deixado sozinho. Alegou que estava muito chateada e não havia agido de forma decente comigo. Lógico que, aliviado, eu disse que tudo bem, que não estava chateado com ela, que compreendia o porquê de ela agir daquela maneira.

E então, Fabíola perguntou se ainda podíamos ser amigos. Caralho. Aquilo não podia dar certo de jeito nenhum. A não ser Camila, que tinha casado e eu mantinha boa relação tanto com ela quanto com Fábio, seu marido, eu não achava boa a ideia de ser amigo de ex. Marcos e uma taça de champanhe na cara no meio de um jantar comemorativo da empresa, uma vez, que o diga.

E se Diana tivesse um ex ali no Rio e quisesse ser amiguinha dele, eu ia achar bom? A porra que eu ia aceitar bem aquilo, de jeito nenhum, então tive que dizer a Fabíola que aquilo só complicaria as coisas, e que não seria legal. Ela disse que tudo bem e que só precisava passar depois para pegar umas coisas dela que tinha deixado em uma das gavetas dentro do meu closet. Na gaveta do meu closet.

Eu quase senti as minhas bolas sumirem quando ela disse aquilo. Que caralho de... Deus do céu, não permita que fossem calcinhas ou algo assim. Como diabos ela tinha deixado aquilo lá e eu não tinha visto? Quando aquilo acontecera? Fabíola esteve poucas vezes no meu apartamento e não lembro de ela ter deixado objetos pessoais dela por aqui.

Eu disse a ela que me dissesse onde essas coisas estavam e que eu daria um jeito de entregar a ela depois. Ela aceitou, disse que não lembrava, mas ia pensar, e desligou. Eu estava pensando naquilo, agradecendo aos céus que Diana sairia e eu teria tempo de revirar minhas coisas em busca dessa merda, mas perdi por um momento o foco quando a vi arrumada daquele jeito, sabendo para onde ela estava indo. E na mesma hora Diana perguntou se eu estava com problemas. Ou eu era muito transparente, algo que nunca achei que fosse, ou Diana era muito mais esperta e viva do que eu pensei.

Agora, segurando seu braço, ela virou *pra* mim com a expressão neutra. Muito neutra para o meu gosto, a julgar pela situação ali. Aquilo não era nada bom.

— O que foi, Diego? Você não vai me deixar sair para trabalhar? — Ela perguntou, erguendo o queixo daquele jeito que deixava claro que ela não estava tão calma assim. Olhei em seus olhos vibrantes e soltei seu braço, mas segurei pelos seus ombros e a virei de frente para mim.

— Você entendeu que eu não a convidei para vir aqui, não entendeu? Então, por favor, não aja como se eu tivesse feito isso.

Diana ficou me encarando como se estivesse pensando no que eu estava dizendo. Então, ela assentiu.

— Você não a convidou, mas isso não muda o fato de que ela está lá embaixo. Você tem alguma ideia do porquê ela veio sem ser convidada, Diego? Melhor: por que a mulher que você já deveria ter deixado as coisas às claras sobre a nossa situação está querendo subir para o apartamento que eu estou morando com você e o nosso filho? Só me diz isso, e eu saio numa boa para trabalhar.

Porra. Pooooorrra. Ajustei meus óculos para ganhar tempo e organizar meus pensamentos antes de responder.

— Eu conversei com a Fabíola na segunda-feira mesmo à noite. Não existe mais nada entre nós e ela sabe disso. Então, ela está aí por um motivo que eu desconheço. — Eu deveria dizer que era porque ela tinha "coisas" no meu quarto, coisas que eu nem sabia que inferno era? Melhor, eu nem sabia se aquilo era verdade, ou se era mesmo por isso que ela estava lá, então, só se eu fosse um completo idiota para abrir a boca sobre aquilo com Diana.

— Ah. Você falou com ela na segunda-feira — Diana repetiu em um tom de voz baixo e parecendo desinteressado, mudando as chaves do carro de uma mão para a outra enquanto aguardava a minha resposta. Definitivamente não era assim que eu imaginei essa conversa. Na verdade, não era assim que eu imaginava aquela noite toda, que estava saindo dos trilhos rapidamente.

— Era *pra* ter sido um jantar que acabou antes disso, na verdade. Eu expliquei a situação e disse a ela que nós não estávamos mais juntos, que eu estava com você.

Diana me deu aquele tipo de sorriso que eu achava que queria dizer tudo menos que ela queria sorrir.

— Ótimo. E agora repetindo a pergunta que você ignorou: se ela já sabe que vocês não estão mais juntos, por que está lá embaixo agora?

Por que a gente fazia as coisas todas certas e de repente dava uma merda que você não podia imaginar? De onde no inferno Fabíola tinha tirado a ideia de vir ao meu apartamento? E eu nem disse a ela que Diana estava morando comigo. O que agora, não sei se tinha sido bom ou ruim.

— Eu não sei, não importa o motivo, e por isso não autorizei a sua subida. Então, Diana, se você vai sair, só saia, e ignore-a, tudo bem?

— Se ela quisesse ser ignorada, Diego, não estaria lá embaixo agora, exigindo subir. Olha aqui, vou te perguntar uma coisa e espero que você seja muito claro comigo sobre isso: eu estou morando aqui, mas eu não sou uma convidada, não é? Isso significa que eu tenho algo a dizer sobre quem entra e sai daqui?

Putaque pariu. Quando isso virou um pesadelo total? Em que momento mesmo? Permaneci com uma mão em seus ombros, notando aquele decote da blusa e segurei seu queixo entre o meu indicador e o polegar, levantando seu rosto tenso para mim.

— Diana, nós estamos juntos, eu te chamei para morar aqui porque queria vocês comigo. Você comigo. Não, você não é uma convidada aqui — eu disse entredentes. — Entendeu?

— Perfeito. Então manda ela subir e vamos ouvir o que ela tem a falar *pra* você, comigo bem aqui. *Me parece* uma ótima ideia.

Respirei fundo, minha mandíbula tensa.

— Não, é a porra de uma péssima ideia. É uma ideia do quinto dos infernos, e eu não vou concordar com isso.

Diana estreitou os olhos para mim em silêncio, então concordou com a cabeça.

— Você tem razão, é uma péssima ideia, então, boa noite, eu ligo *pra* você daqui a pouco. — Ela se esticou e me deu um beijo nos lábios. Eu fiquei parado olhando para ela, e não a soltei. Por que aquela mulher me deixava exasperado assim, com a sensação de que ela sempre ia fazer algo inesperado? E me vinha uma vontade louca de apertá-la e beijá-la e bater forte na sua bunda por me deixar daquele jeito? Que inferno.

— Diego, você vai me soltar?

Eu deveria soltá-la. Claro. Sem pensar muito, *me curvei* e a beijei, rapidamente. Ficamos nos olhando, então aprofundei mais o beijo, segurando em seu rosto e falando próximo aos seus lábios.

— Você tem que confiar em mim, é assim que as coisas funcionam. Você vai descer e vai direto para a garagem, não é?

Ok, eu acho que foi a coisa errada a dizer, percebi assim que fechei a boca e vi seu rosto assumir uma expressão resoluta. Onde estava o cara que fazia tudo certo na vida?

Nesse momento, João apareceu na entrada da sala e ficou olhando para nós dois, parecendo fascinado. Eu quase sorri, porque claro que João tinha que aparecer agora e nos ver grudados um no outro. Mas o melhor de tudo era que eu tinha certeza de que Diana não ia achar mais uma ideia tão boa assim pedir que Fabíola subisse com o nosso filho ali. O timing daquele garoto era perfeito, pelo menos agora, pensei. Eu não ia expor meu filho ao que quer que Fabíola, surpreendentemente, quisesse ao vir até ao meu apartamento. E sabia que Diana também não faria aquilo.

— Mamãe, você não vai mais sair? — ele perguntou intrigado, pois Diana já tinha se despedido dele. Ela respirou fundo, *me olhou*

significativamente e sorriu para João estendendo os braços.

— Vou sim, filho. Mamãe não vai demorar, *tá*? Fica quietinho com o seu pai que daqui a pouco eu estou de volta.

Ele sacudiu a cabeça e veio numa corridinha rápida até ela, que o levantou, beijou seus cabelos e seu rosto, e depois o pôs no chão antes de ajeitar-se novamente e me lançar um olhar sereno. João segurou a minha mão enquanto Diana me dava um aceno de cabeça.

— Até daqui a pouco, Diego.

— Diana... — chamei em tom de aviso, fechando a cara para ela. Ela revirou os olhos para a minha expressão zangada, e eu fiz uma promessa interna de que ela me pagaria na cama a próxima vez que eu tivesse as minhas mãos sobre ela. Pensando bem, estava na hora de me apresentar devidamente a Diana, mostrar um pouco mais a ela, já que nós estávamos morando juntos. Isso se ela não fosse lá embaixo agora e acontecesse alguma merda sobre a qual eu não tinha ingerência alguma.

— Diego... — ela disse virando-se para mim antes de abrir a porta do elevador. — Você também precisa confiar em mim, é assim que as coisas funcionam, *tá*?

Eu fiquei ali com João olhando serenamente para ela, até que a porta se fechou, então eu peguei João no colo, o pus rapidamente no sofá e caminhei para o interfone. Muito bem, eu confiava nela, claro, mas que mal tinha simplesmente me certificar que ela não encontrasse Fabíola lá embaixo e, sei lá, as duas resolvessem trocar algumas palavras não muito delicadas e... A quem eu queria enganar? Eu estava com receio de Fabíola dizer algo desagradável e Diana, que eu tinha certeza, não ia abaixar a cabeça e ouvir calada, resolvesse revidar.

Disquei para a portaria e aguardei, passando a mão no meu cabelo repetidamente, impaciente e exasperado, xingando mentalmente a demora de Beto em atender.

— Alberto Damasc...

— Beto, é o Diego, *me diz* uma coisa, a moça que estava aí querendo subir para o meu apartamento, já foi?

— A dona...

— Sim, essa mesma. Rápido.

— Sim, ela já saiu, seu Diego.

Alívio me inundou e eu respirei fundo. Menos mal.

— Obrigado, Beto, boa noite. E por favor, só reforçando, a senhorita Fabíola não tem mais permissão para vir aqui, então, resolvam a questão da biometria cadastrada, sim?

— Entendido. E boa noite.

Quando eu desliguei, pus as mãos nos quadris e balancei a cabeça, mal acreditando naquela situação tensa. Mas tudo estava resolvido agora. E eu ia falar com Fabíola e deixá-la saber que ela não poderia fazer aquilo novamente. Voltei para a sala e olhei para João que estava sentado no sofá com as pernas cruzadas em estilo borboleta, os braços apoiados na perna e o queixo nas mãos, *me olhando* fixamente, quase em transe. O que ele tinha?

— Ei, campeão, que tal um videogame? — propus. Ele fez que sim, e então me mostrou que a noite fora dos trilhos não tinha acabado ainda.

— Diego... você e a minha mãe estavam se beijando que nem namorados? — ele perguntou, e eu gemi internamente, apertando o meu nariz, mas não pude evitar que um sorriso escapasse.

Diana 

Muito bem, eu era uma mulher mudada. Era sim. Nesses anos em que João Pedro entrou na minha vida eu tinha deixado de lado muito da impulsividade e da mania de tomar decisões impensadas que me caracterizaram antes, pensei, enquanto apertava o botão do elevador.

Isso não queria dizer, no entanto, que eu tinha virado uma boneca de pano, ou que o que existia nas minhas veias agora era suco de tomate, e não sangue. Como diabos eu ia simplesmente ignorar uma mulher que tinha vindo ao local em que eu estava morando com Diego, exigindo subir e falar com ele, ainda mais quando ele próprio havia dito que já tinha deixado claro para ela, em um jantar que ele sequer me disse que teve? Que porra era aquela?

Eu sempre confiei no meu taco, sempre fui uma pessoa segura de quem eu era, pelo menos eu gostava de pensar que sim. Você não andava por aí com o cabelo pintado de vermelho, de roxo — como eu já fiz uma vez — ostentando um punhado de tatuagens, sem ter pelo menos um pouco daquele famoso "foda-se o mundo que eu estou passando".

Mas essa segurança, essa atitude toda, isso também não era algo firme feito concreto. Eu tinha as minhas inseguranças às vezes, que mulher não tinha? Talvez eu tinha mais do que percebia na verdade. E eu também era um pouco ciumenta. Um pouquinho. Nada exagerado, obviamente. Quando eu ouvi o cara da portaria dizer que a ex dele estava lá, senti um frio no meu estômago que eu não sentia há muito tempo, ou talvez nunca tinha sentido. E a curiosidade veio junto: como essa mulher seria?

As pessoas não eram sempre as mesmas em todos os lugares e sob todas

as circunstâncias. Eu não era de arrancar os cabelos por qualquer coisa, mas também não deixava passar tudo. E uma questão surgiu enquanto eu estava descendo: e se de repente um ex meu estivesse lá embaixo exigindo subir, mesmo que eu tivesse terminado tudo, o que Diego faria? Ele só ignoraria o cara e vida que segue? Se ele fizesse isso, parabéns, ele era uma alma iluminada e eu o admiraria ainda mais. Infelizmente para ele, eu não era uma alma iluminada.

E era exatamente por isso que eu estava indo para a portaria ver quem era aquela mulher, a ex de Diego, em vez de ir para garagem e sair imediatamente, como eu faria, se fosse uma pessoa totalmente segura e um ser de luz, superior... Isso não queria dizer que eu não acreditasse nele. Se ele estava dizendo que tinha terminado e não sabia o que ela queria lá, ok. Tudo bem. Eu também não estava quebrando a promessa a ele, eu não ia brigar nem fazer escândalo, então, estava tudo bem.

Eu só iria dar uma boa olhada nela, mesmo, não era como se eu fosse lá feito uma louca chutar a bunda da mulher porque ela tinha resolvido aparecer feito uma imbecil quando ela não tinha sido convidada. Porque... ela não tinha sido, não era? Se ela não foi convidada, ela devia ter uma explicação boa o bastante para estar ali. Não que eu fosse perguntar. Só ia lá olhar. Apertei o botão novamente com impaciência, pedindo aos céus que ela ainda estivesse lá quando eu chegasse.

Quando as portas do elevador finalmente se abriram no luxuoso hall da recepção, eu ajustei a minha bolsa no ombro e olhei em volta, ansiosa. Havia um casal sentado em um dos elegantes sofás claros, sorrindo um para o outro. Nem sinal de uma mulher sozinha falando com o rapaz da recepção. Eu caminhei para ele com um sorriso. Engraçado que ele arqueou as sobrancelhas quando me viu e deu um olhar de lado para a porta, como se estivesse assustado. Eu segui o seu olhar, mas não havia ninguém.

— Oi, tudo bem?

— Boa noite, senhora. Tudo bem.

Aquele homem estava nervoso ou ele era assim mesmo e eu não tinha percebido antes?

— Eu só queria saber, havia uma pessoa aqui ainda há pouco querendo subir para o apartamento 501, na cobertura. Uma mulher. Você acabou de falar comigo pelo interfone anunciando-a.

Ele mexeu na gravata e piscou.

— É... sim, senhora, havia, mas ela já foi embora.

Porra.

— Ah, tudo bem. Obrigada.

Então, tudo certo, pensei, dando-lhe um sorriso. Notei o casal levantar e

se afastar em direção a saída. Se ela já tinha ido, que assim fosse, eu saberia mais daquilo com Diego. Eu estava em cima da minha hora mesmo, e já ia me virando para voltar para o elevador e seguir o meu caminho quando barulho de saltos ecoando atrás de mim e uma voz feminina que pertencia a alguém que acabava de entrar chamou a minha atenção.

— Senhor, por favor. Eu acabei esquecendo. Ele não está atendendo a minha chamada, eu poderia deixar um recado com você? — A voz estava irritada, e todo aquele timbre elegante não escondia o descontentamento. Eu me virei devagar, os pelos na minha nuca se eriçando com a desconfiança que acabava de se instalar na minha mente ao ouvir aquela mulher dizer aquilo.

A mulher que tinha acabado de chegar no balcão era alta e bonita, ou talvez fossem os saltos altíssimos que davam toda aquela imponência a ela. Seus cabelos eram escuros, castanho-escuros, e ela usava uma calça jeans ajustada e camisa branca de mangas longas. Uma bolsa de grife completava o visual dela. Eu franzi os meus olhos e esperei, atenta, e sabe aquela sensação de quando você sabia que estava diante de algo que você estava procurando e tinha encontrado? Sim. Essa sensação.

Mas não foi apenas o que ela disse logo em seguida que me deu a certeza de que eu estava a menos de cinco passos da ex de Diego, a famosa Fabíola. O olhar que o Beto me deu também foi toda a certeza de que eu precisava. Aquele homem seria um péssimo ator, e tive a nítida impressão de que ele ia fazer menção de pegar o telefone, mas a mulher se aproximou mais e falou com ele:

— Eu só queria que você desse o recado ao Diego, pode ser? Acabei de lembrar que não fiz isso. É o apartamento 501 — ela informou, solícita, e meu pulso disparou, mas eu controlei a respiração e entrei em ação.

— Quinhentos e um? Olha, que coincidência, é onde eu moro. — Eu me aproximei, dando-lhe um sorriso afetuoso, educado, observando-a detidamente. Ela virou-se, *me dando* um olhar que oscilou entre surpresa e estranhamento, daqueles que começavam na parte de baixo e iam subindo. Eu estava acostumada com aquele olhar, até gostava do desafio que ele representava *pra* ser sincera.

A Fabíola terminou sua inspeção em mim também e virou-se de lado para me olhar, esquecendo momentaneamente o rapaz boquiaberto. Ela tinha olhos claros, nariz afilado e lábios perfeitamente pintados de uma cor nude, e era realmente muito bonita, eu não podia negar. Claro que ela era. Bom, eu também era.

— Eu conheço você? — ela disse intrigada, seus olhos detendo-se no meu cabelo. Depois no meu decote. Eu mantive o sorriso cordial.

— Eu acho que não, mas você deveria, afinal, você acabou de pedir para

deixar um recado para Diego, no nosso apartamento. Ou eu entendi errado?

O semblante dela mudou completamente, a expressão intrigada deu lugar a um olhar alarmado, como se ela tivesse entendido tudo em uma fração de segundos. Eu mantive o meu olhar no dela, e ficamos assim, nos encarando, até que ela mexeu no cabelo, pondo uma mecha atrás da orelha. Pela minha visão periférica, notei o rapaz da recepção fazendo uma chamada, mas resolvi ignorá-lo.

— Você é a Diana então. — Não foi uma pergunta. E nem uma apresentação, então, eu não estendi a mão, e nem ela.

— Ah, então você realmente me conhece. Eu posso ajudar? — perguntei quando ela não disse mais nada. — Tive a impressão que você queria falar com Diego, mas ele não está atendendo a sua ligação.

— Ele falou sobre mim *pra* você? — Fabíola disse em tom provocativo. Ok...Teste de fogo, Diana. É agora que você precisa mostrar que não é mais aquela menina que ao se deparar com aquele olhar e aquele tom de voz agia impulsivamente e queria arrancar o cabelo da pessoa. Você não é assim, *chérie*. Eu respirei fundo e mantive a expressão quase inalterada.

— Muito pouco na verdade, nós temos coisas mais importantes para discutir, você sabe como é. Mas de qualquer modo, se for algo que não foi dito no jantar na segunda, você pode me repassar. Ou eu peço que ele te ligue, pode ser? — Claro que por mim ele não ia ligar porra nenhuma, mas valeu a pena ver a cara que ela fez, como se sua atitude desafiadora tivesse desmoronado um pouco. Fabíola apertou os lábios antes de me responder.

— Não, eu agradeço. Só queria mesmo ter que pegar algumas coisas minhas que ficaram no quarto dele da última vez — ela disse baixinho, olhando um pouco em volta como se estivesse preocupada em ser ouvida por alguns. Claro que era fingimento. Meu sangue ferveu, eu podia sentir ele borbulhando, mas me mantive impassível. Custou muito no entanto.

— Tudo bem. Eu estou mudando algumas coisas no apartamento e provavelmente isso me passou despercebido, isso se eu já não tiver jogado fora, nunca se sabe, mas vou pedir a alguém que leve até você, pode ficar tranquila. Beto?

Ele tinha colocado o telefone no lugar e estava olhando para nós duas como se acompanhasse uma partida de ping-pong, alarmado.

— Sim, senhora Diana?

— Pegue o endereço dessa moça, por favor, para que as coisas dela sejam enviadas. Bom, eu preciso ir. Mais alguma coisa ou...?

Ela perdeu toda a cara de encenação, e seus olhos brilharam para mim.

— Você acha que ele vai ficar com alguém como você? Por causa de um

filho? Você sabe quem Diego é?

Um. Dois. Três. Respira. Quatro. Cinco. *Respira de novo, Diana.* Eu estava indo bem. Não ia fazer exatamente o que aquela imbecil achava que eu ia fazer. Na verdade, acho que ela estava mesmo esperando isso de mim, e eu estava adorando frustrá-la. Eu ia levar aquilo como o meu teste de fogo especial, sim.

— Eu adoraria ficar aqui e continuar mantendo essa conversa com você, Fábria, não é?

— Fabíola — ela sibilou irritada. Eu sorri. Ela era muito fácil, nem mesmo era um desafio para mim. Se aquela mulherzinha estava achando que eu ia brigar e me descabelar por causa de macho bem ali naquele hall, estava enganada. Por mais que o pensamento dela na cama com Diego estava embrulhando o meu estômago de uma maneira surreal, eu não ia fazer aquilo. Sempre fui ciumenta, mas aquele sentimento ruim, amargo, que estava me fazendo sentir trêmula de raiva ao imaginar as mãos, a boca, o corpo de Diego naquela mulher, era como estar no olho de um furacão.

— Desculpe. Fabíola, claro. Eu não tenho porque ficar aqui discutindo isso com você, preciso sair e estar de volta a tempo para Diego e o meu filho lá em cima, você vai me desculpar, eu tenho muito o que fazer. — Eu me aproximei mais ainda até estarmos praticamente cara a cara e vi quando ela engoliu em seco, sua bravata de antes um pouco menor agora. Mas eu só esbocei um sorriso de leve, falando baixinho também, como ela tinha feito comigo. — Se você veio até aqui para buscar o que quer que tenha deixado na minha casa, eu vou encontrar e devolver para você. Se eu realmente encontrar. Mas... se você veio até aqui para perturbar a minha paz, e note, eu não estou falando de Diego, estou falando de mim, você vai descobrir que eu posso ser bem menos compreensiva do que estou sendo agora. Certo?

— Você não pode...

— Posso. E vou. A partir de hoje, você não entra mais aqui, pelo menos não para nos visitar é lógico. Ou eu vou pessoalmente entregar as coisas que você diz que tem aqui, e acredite, você não vai gostar da minha visita. — Então, a minha própria máscara de neutralidade escorregou um pouco e eu cerrei os dentes *pra* ela. — Então, dê o fora daqui. Agora.

Eu ouvi o barulho das portas do elevador se abrindo e sabia quem era mesmo que ela não tivesse arregalado de leve os olhos para a pessoa saindo dele atrás de mim.

— Diana. — A voz grave de Diego nos alcançou e eu lancei um olhar divertido para Beto, que desviou os olhos. Homens e suas pequenas lealdades, que encantador. Eu não me virei, continuei olhando para a mulher estática na

minha frente. Ela olhou para ele como se ela fosse uma criança, e Diego fosse um pirulito que ela tinha e tivesse deixado cair no chão. Sinto muito, bela, mas esse pirulito aqui agora só eu chupava. Claro que ia depender dele também.

— Mamãe!

Eu me virei, claro, ao ouvir a voz de João. Diego o trazia pela mão, ambos vindo na nossa direção.

— Diego... — Fabíola murmurou, mas seus olhos estavam travados em João. Depois ela olhou de volta *pra* mim e eu quase disse "sim, eu sou a mãe dele". Mas ela sabia.

— Fabíola, eu pensei ter entendido que nós não tínhamos mais nada para conversar. — Diego disse quando nos alcançou e pôs a mão no meu ombro. Eu dei uma olhada de relance e, apesar do semblante impassível dele, notei o fogo em seu olhar quando retribuiu o meu. Era fogo mesmo, não gelo, como eu pensava antes. Ah, eu desobedeci ao Sr. Avellar, que péssimo, não era?

— Eu disse que precisava apenas pegar uns objetos meus, você não precisava ter me ignorado desse jeito. Mas tudo bem, eu já estou indo embora.

Ela fez uma carinha triste que até então não tinha feito, e eu balancei a cabeça.

— Eu já resolvi com a Fabíola, Diego, vamos mandar entregar para ela o que quer que ela tenha deixado aqui. — Virei-me e o encarei. Ele resmungou algo baixinho. — Certo?

Ele franziu o rosto, suspirou, e parecia reticente em dizer algo. Se ele não dissesse algo em...

— Certo, nós iremos sim.

Fabíola fez um gesto de quem tinha entendido tudo, deu um boa noite murmurado, virou-se e saiu andando com passos duros do saguão, seus saltos altos ecoando enquanto ela se afastava.

— Mamãe, aquela moça *tava* brava com você ou com o meu pai? — João perguntou depois do silêncio incômodo que se seguiu, e eu e Diego olhamos uma para o outro rápido, surpreendidos. Meu coração deu um salto, e não tinha nada a ver com toda a situação com a ex de Diego agora a pouco. João tinha dito "meu pai"! Não era como se ele tivesse dito "papai", mas até então ele só tinha dito Diego. Toda a tensão que eu tinha acabado de sentir se dissipou um pouco, e eu sorri.

Diego tinha os olhos muito abertos, então ele deu um sorriso lindo. Ele sempre tinha um sorriso lindo na verdade, mas aquele parecia ter vindo do fundo da sua alma, e por isso mesmo era inigualável. Ele abaixou-se e o carregou no colo, segurando o seu queixo e sorrindo para ele.

— Nem com a mamãe nem com o papai. Ela só está chateada com ela

mesma.

João abaixou a cabeça e deitou no ombro de Diego que me olhou fixamente, seus olhos me queimando com uma intensidade nova. Eu me deixei prender em seu olhar e ele estendeu a mão, que eu peguei sem dizer nada e fomos em direção ao elevador. A gente tinha o que conversar, mas eu não ia estragar aquele momento dele agora.

Capítulo 25

VOCÊ GOSTA DE MANTER SEGREDOS?

Diego 

— Confirmado para hoje então?

— Claro, não sei por que mamãe adiou, mas está confirmado, sim — Marcos respondeu enquanto eu fechava a minha pasta e dava uma olhada no relógio. Eu ainda tinha bastante tempo para chegar até a casa dos meus pais e participar do jantar com Iza e o namorado dela, mas precisava passar em outro lugar antes.

E eu sabia porque dona Abigail tinha adiado o jantar que seria ontem. Eu disse a mamãe que Diana ia trabalhar e eu precisava ficar com João. Não entrei em muitos detalhes, mas ela ficou muito curiosa do porquê Diana estava precisando trabalhar, e pior, já foi praticamente colocando a culpa em mim. Era só o que me faltava.

Nós poderíamos ter deixado João na casa da avó de Diana, sem problemas, mas mamãe foi taxativa: Iza também havia preferido o jantar na sexta, e ela achava melhor que eu ficasse em casa com João no primeiro dia que eles tinham mudado para o apartamento. Eu não tive como discutir contra esse argumento e nem queria na verdade.

— Eu irei, já estou saindo do trabalho, só preciso comprar o presente de Belinha antes. O que você comprou?

Marcos deu uma risada.

— Antes de tudo, nada de ficar chamando-a de Belinha, vai por mim. Eu fui buscá-la no aeroporto com mamãe e só de sacanagem escrevi em uma plaquinha o nome Belinha. Ela ficou puta, acredita?

Sorri imaginando a cena.

— Não lembro de ela não gostar de chamarmos ela de Belinha.

— Eu já te disse antes, Diego, Iza não é mais a mesma, eu mesmo quase não a reconheci quando ela veio ao nosso encontro. Não quer nem de longe que nós fiquemos nos referindo a ela como uma menininha. Precisava ver a atenção que ela chamou de uns babacas que estavam saindo do voo junto com ela.

— Então, ok, nada de apelidos de criança. E você, o que comprou? Estava pensando em uma joia.

— Bom, eu ia dar um ursinho de pelúcia, mas já que ela quase me bateu por chamá-la de Belinha... repensei e comprei um dia em um SPA. Acho que ela

vai gostar, existe um número enorme de boas referências sobre ele.

Balancei a cabeça sorrindo enquanto ia em direção aos elevadores.

— Aprecio sua capacidade de imaginação na hora de presentear as mulheres. Como eu vou fazer isso agora, em cima da hora, vou optar pelo que eu sei comprar: joias.

— Ossos do ofício, meu caro, você já imaginou quantos problemas eu já evitei na vida com um presente apropriado para uma mulher?

— Posso imaginar, sim. Eu só acho que tem coisas que nem todo presente do mundo pode dar jeito. — Respirei fundo, lembrando do quase caos da noite anterior com Fabíola. E do que talvez ainda estava por vir já que Diana chegou tarde. — Eu sei porque estava acordado esperando — e eu sai cedo para trabalhar, então, não havíamos conversado. Ela e João ficaram embrulhados em uma mistura de braços e pernas quando eu saí. Ele acordou muito cedo enquanto eu ainda preparava o café, mas eu o pus com ela novamente na cama.

Quando fui chamá-lo, João já estava dormindo de novo por cima de Diana, e eu o deixei quieto, aquela imagem dos dois adormecidos mexendo comigo de uma maneira nova, diferente. Eu queria exatamente aquilo, aqueles dois onde eu pudesse vê-los e senti-los perto de mim, e isso estava me desestabilizando de algumas decisões e coisas que eu pensava estarem bem definidas pra mim.

Marcos estava falando comigo, então me concentrei nele.

— Opa, isso é o que eu estou achando que é? Meu irmão está praticamente me dizendo que teve problemas com mulheres e queria ter resolvido tudo com um belo presente?

— Talvez.

— Problemas no paraíso? Justo o cara que me critica por mandar o mesmo presente para mulheres diferentes?

— Daquela vez você tentou se desculpar e mandou o presente com o nome trocado, Marcos, por favor.

— A Joana estava de férias, ela às vezes faz isso pra mim, o que você queria que eu fizesse? Foi só um erro, que eu nunca mais cometi aliás.

— Claro, quem gosta de ter o seu carro destruído por uma mulher enlouquecida? — Eu ri ao lembrar da cena.

— Não me lembra dessa porra... Por falar em mulheres, almocei com Teo e Ricardo há uns dois dias, lembramos da Diana.

Entrei no meu carro e pus a pasta ao meu lado sabendo bem aonde ele queria chegar.

— Que simpático da parte de vocês.

— Sério. Porra, Diego, você fala com a mamãe sobre a mulher e não me

diz se está pegando ou não, não fala dela com os amigos, ou seja, não se fazem mais homens como antigamente, não é?

— Fazem, sim. E eu vou fazer como os homens de antigamente e dar um soco nessa sua cara estúpida por ter a língua grande demais. Bem lembrado, irmãozinho.

— O quê? Do que diabos você está falando?

— Quando eu chegar na casa de mamãe a gente conversa. Até mais.

Ele resmungou um "idiota maluco" com uma risada e eu saí do prédio, pensando se não seria uma boa comprar mais de um presente, não que eu quisesse me safar com isso, era só que de repente, realmente me deu vontade de presentear Diana, e eu poderia aproveitar que já estava indo na joalheria mesmo.

Ainda a caminho de casa, liguei para Ricardo. Eu tinha quase certeza que ele havia se saído bem na conversa com Diana sobre a questão da troca dela para o bar na boate, mas não custava nada me certificar antes de chegar em casa.

— Alô.

— Oi, Ricardo, e aí, a Diana falou com você?

— Sim, conversamos. Não vai me dizer que eu vou ter que repassar cada conversa que eu tiver com a Diana pra você agora.

— Certo, alguém está de mau humor.

— Não estou de mau humor — Ele resmungou.

— Então responde o que eu perguntei.

— Ok, Diego, eu chamei a Diana ontem pra conversar sobre a mudança, tá legal? Óbvio que eu deixei claro que você não me pediu nada e que a ideia de mudar ela de lugar partiu única e exclusivamente de mim...

— O que é mais objetiva verdade.

— ... E é óbvio que ela não deve ter acreditado em uma palavra, então, vire-se.

— Tudo bem, essa parte resolvo eu. A gente se vê mais tarde?

— Só se você vier me ver aqui na minha casa.

— Por quê? Você não vai ao jantar lá em casa? Pensei que Marcos tivesse convidado você.

— Sim, mas eu não poderei ir, infelizmente.

— Você já falou com a Iza depois que ela chegou?

— Não, mas eu vou visitá-la depois. Só não hoje. Abigail me ligou, mas eu acho que não seja adequado a minha presença lá, é algo mais de família.

— Desde quando você tem essas frescuras, Ricardo? E quando você não foi considerado da família?

— Hoje não dá. Só isso. Eu vou ligar pra ela e marcar para vê-la em uma outra hora.

— Certo, você é quem sabe.

— Valeu, Diego.

— Até mais.

Ricardo era um cara estranho de vez em quando. Talvez ele ainda estivesse reticente em encontrar Iza depois que eles passaram um tempo sem se falar, logo antes de ela ir embora. Justo ele, o cara que não perdia o bom humor por quase nada e que adorava provocá-la? Diminui a velocidade e fui em direção a joalheria. Eu tinha uma missão.



Quando eu cheguei em casa, Diana e João estavam na sala. Ele fazendo desenhos e pintando com várias canetinhas e papéis espalhados pelo chão no tapete escuro. Diana estava sentada ao seu lado com o notebook à sua frente, parecendo concentrada, mordendo a pontinha do dedo mindinho, algo que eu já tinha percebido que ela fazia de vez em quando e que causava umas reações contraditórias em mim: vontade de morder aquele dedinho dela e ao mesmo tempo beijá-la insanamente quando ela fazia aquilo.

Ambos levantaram a cabeça quando me ouviram chegar, e João correu ao meu encontro pedindo para jogar videogame de novo "até tarde", o que fez Diana franzir os olhos pra mim e eu fingi que não vi, entretido com as perguntas de João e as promessas de que no dia seguinte nós nos divertiríamos o suficiente.

Enquanto eu me organizava para sair novamente, fiquei observando Diana para sentir o estado de espírito dela, vendo-a mover-se pelo apartamento, falando com João para que ele comesse, rindo com ele. Em um determinado momento, enquanto eu fazia o laço da minha gravata, ele correu para o quarto e ela correu atrás dele, ambos rindo de algo que ele tinha feito. E de repente, eu cheguei à conclusão de que não conseguia imaginar o dia em que aquele barulho todo deles não estivesse aqui.

Quando virei minutos depois, Diana estava me observando da porta do quarto de braços cruzados sobre os seios. Ela estava ofegante da brincadeira com João, os cabelos meio desalinhados, e aquela camiseta e saia, que eu tinha notado assim que cheguei, a deixavam mais bonita ainda. Não havia sinal de João, e eu fiquei encarando-a. Às vezes, Diana era difícil de ler, um desafio para mim que me considerava muito bom naquilo. Agora, por exemplo, ela estava visivelmente não sorridente comigo, mas será que estava com muita raiva? Só testando para saber.

— Está tudo bem? — perguntei, voltando a ajeitar o nó da minha gravata.

Diana descruzou os braços e veio na minha direção, caminhando devagar e sem tirar o olhar do meu. Eu parei, perdido em seus movimentos lentos, até que ela parou na minha frente, muito perto, colada em mim. E para minha surpresa, pegou a minha gravata e continuou o nó. Era imediato, ela chegava assim perto de mim — bom, longe também — e eu ficava excitado. Mas não era só isso, eu queria beijá-la a fazer coisas indizíveis com seu corpo, mas também queria ela pra mim de todas as formas.

Nossos olhos ficaram presos um no outro e eu curvei minha cabeça para provar seus lábios, mas ela recuou e apertou o nó da gravata em volta do meu pescoço. Mais um pouquinho e eu franzi as sobrancelhas pra ela, sentindo o aperto. Ela ia me enforcar? Quis rir, mas me mantive sério.

— Você é que vai me dizer se está tudo bem, Diego.

— Quando eu voltar nós vamos conversar melhor, pode ser? — eu disse, mantendo a minha expressão séria, e Diana fechou mais ainda a cara. Eu tinha a intenção de conversar só na primeira parte do tempo, mas não ia dizer isso agora.

— Pode. E você tem notícias da sua amiga que gosta de fazer visitas aleatórias?

Não sorria, cara, pensei comigo mesmo. Ela estava falando sério, e outra, ela estava linda e quente daquele jeito segurando a minha gravata, apertando um pouco em volta do meu pescoço, com seus olhos em mim e os lábios cerrados, e ainda assim, apetitosos.

Minha ereção pressionou em torno da minha calça, e eu lamentei por um momento ter que sair. Segurei sua cintura e a trouxe para perto de mim, deixando-a sentir como eu estava duro por causa dela. E olha que Diana praticamente só tinha movimentado aqueles dedos em torno da minha gravata e apertado em torno do meu pescoço. Mas já era o suficiente para que eu quisesse beijá-la, abraçá-la e não soltar mais.

— Diana, a Fabíola é passado, eu pensei ter deixado isso claro para você.

— Não, você não deixou quando escondeu alguns detalhes básicos de mim. Mas tudo bem, vamos ver isso depois... — Ela ajustou o nó e foi folgando o aperto. — Por falar nisso, não tem nada dela nas suas gavetas. Em nenhuma delas, eu me certifiquei disso.

— Não tinha ou você jogou fora?

— E faz diferença?

Eu não consegui evitar e sorri dessa vez. Mas Diana continuava séria, e eu fingi tossir para esconder a risada.

— Eu desconfiei que não tivesse nada também.

— Ah, foi? Mesmo assim não me disse, deixou eu descobrir lá embaixo quando ela própria fez questão de me dizer.

— Eu nem sabia o que era, Diana. E outra, você me prometeu que iria ignorá-la.

Diana respirou fundo.

— E eu cumpri, você não sabe o tanto que eu ignorei aquela mulher, se eu não tivesse ignorado, até agora iriam estar juntando os cabelos dela daquele hall, Diego. — Eu ignorei. Por que diabos eu quero rir daquilo? Eu era um idiota. Diana continuou:

— Você gosta de manter segredos, Diego? Eu também posso manter.

Perdi todo o humor e franzi o cenho diante daquela declaração, segurei-a pelo pescoço, aproximando seu rosto do meu ainda mais.

— Não, não gosto. E não quero que você mantenha também. Que história é essa?

— Não mantenha segredos de mim, eu não mantenho segredos de você. Simples. — Diana disse e tentou se afastar. Claro que eu não permiti. Passei um braço em volta da cintura dela e a puxei mais, enquanto a mantinha presa pela nuca.

— É assim que vai ser, então. Nada de segredos. E outra coisa: quando você promete uma coisa pra mim, você cumpre — sussurrei, e mordi seu lábio inferior.

— E quando você diz que não sabe por que uma mulher quer te ver, é melhor não saber mesmo — ela disse calmamente, e mordeu o meu lábio de volta, mais forte do que eu tinha feito com ela. Surpreso, passei a língua, depois o dedo, olhei pra ver se não tinha sangue. Não tinha. Meu pau pareceu se contorcer, e os meus pensamentos todos giraram em torno dela sentindo dor... e prazer o mesmo tempo.

Diana deu de ombros. Curvei-me e tomei sua boca em um beijo faminto, lábios e língua querendo engolir seu gemido e provar o seu gosto. Diana permaneceu rígida por um momento, mas então e a peguei pela bunda e apertei, levantando a sua saia quase desesperadamente enquanto ia para trás e sentava na cama, mantendo-a presa e aberta no meu colo. Gemi quando senti seu peso sobre a minha ereção e percebi que ela fechou os olhos e se acomodou exatamente onde eu queria que ela estivesse. Apertei-a um pouco mais.

— Diego, o João está por aí... — Ela arfou e não continuou quando eu pus a mão embaixo da sua saia e notei que ela estava de calcinha. Rangi os dentes e dei uma palmada forte na sua bunda, ouvindo o som da minha mão bater na sua carne como música nos meus ouvidos.

— Você sabia que eu ia bater nessa bunda gostosa e mesmo assim fez o que me prometeu que não ia fazer, não foi? — murmurei, passando a língua por sua garganta. Diana soltou um gemido. — Na verdade, acho que você fez

exatamente por isso, não é?

— E o mundo gira em torno de você, claro... — ela retrucou e eu puxei seu cabelo para trás e expus mais sua garganta. Dei uma mordida, louco para apenas afastar aquela calcinha e me enfiar todo no calor úmido que eu sabia que estava lá. Passei a mão por dentro da calcinha e meus dedos foram um pouco mais além, abrindo-a por baixo. Acomodei-a de novo. Porra, era muito, muito bom.

— Seu mundo, sim, gira.

— Você é um...

Outra palmada. Firme. Ela deu um pulo e me olhou nos olhos, mordendo os lábios, a respiração pesada.

— E isso é por estar de calcinha quando eu pedi que você não estivesse... você fez de propósito, não foi? Essa saia e uma calcinha? — Lambi sua mandíbula. E depois beijei e aspirei seu aroma. Essa sensação que aparecia do nada quando eu estava assim com Diana já tinha surgido antes e me deixava mais desnorteado. Como se me deliciar com seu corpo não fosse o suficiente. Parecia que não era.

Ela não respondeu, só fez um movimento pra frente e pra trás sobre o meu pau que me fez ver estrelas e soltar um gemido baixo. Será que minha mãe e Iza ficariam muito zangadas se eu não fosse a esse jantar? Mamãe me enforcaria, claro. Ela já tinha adiado por minha causa, e eu não me via tendo uma rapidinha agora e saindo logo depois. A próxima vez que fosse pra cama com Diana ela teria que sair de lá antes de mim, porque eu não a soltaria tão cedo. Respirei fundo e abaixei a sua saia no lugar.

— Mas depois a gente continua isso. Não quero que o meu filho me encontre espancando a bunda deliciosa da mãe dele — disse em seu ouvido, e para meu alívio, ela sorriu. Mas claro que ela sorriu apenas para me deixar mais louco com o que ela disse. Diana aproximou os lábios do meu ouvido e fez o meu cérebro explodir.

— Como você pode dizer que é deliciosa se você nunca provou?

E ela levantou e ajeitou a saia. Então, mexeu novamente na minha gravata e ajeitou, enquanto eu fiquei parado olhando para ela, tentando lembrar como pensar como um homem dotado da fala e do raciocínio lógico, ao mesmo tempo que milhares de imagens me atordoavam. Várias delas giravam em torno de Diana curvada e me deixando saber exatamente o quão deliciosa aquela bunda era. Mas podia ser também sentada no meu colo e eu poderia...

— Diego... — Ela levantou uma sobrancelha, irônica. — Você vai se atrasar para o jantar. E não queremos isso.

Eu limpei a minha garganta e ajustei o meu pau absolutamente rígido em

função daquela conversa e das imagens na minha cabeça.

— Você vai me pagar por isso. — E aponte para a minha calça. Já podia ouvir a voz de João se aproximando. Ela só se virou e disse:

— Promete?

E eu sorri vendo-a sair do quarto, concluindo sobre o quanto eu queria desvendar aquela mulher. E me perguntei se ela iria aceitar parte do meu pedido de desculpas, pensei, olhando para a gaveta onde eu tinha posto o outro pacote que eu trouxe da joalheria junto com o de Iza.



Sim, dirigir ostentando uma ereção permanente não era nada agradável. Some-se a isso a vontade de dar meia-volta, chegar em casa, pegar Diana e continuar aquela conversa de onde ela parou estava me consumindo. Mas eu precisava relaxar e me concentrar, ainda que o meu amigo aqui embaixo não estivesse entendendo muito bem os meus comandos mentais.

Liguei o som do carro e a voz única de Gonzaguinha serviu para me distrair um pouco, enquanto eu enfrentava o trânsito, ainda bem, não tão intenso assim para a casa dos meus pais. O jantar estava marcado para às 20h, e eu não iria chegar atrasado de modo algum.

Alguns minutos depois, quando eu estacionei na frente da casa dos meus pais, eu já estava mais calmo e já poderia entrar na casa sem passar vergonha. Notei que o carro de Rui estava por ali, e nada do de Marcos, além de um outro que eu não sabia de quem era, mas podia deduzir ser do namorado de Iza. Peguei o pacote do banco do carona e me encaminhei para a entrada da casa.

A primeira coisa que ouvi foi a risada alegre e alta da minha mãe quando eu cheguei à sala. Ela estava rindo de algo que a mulher alta, negra, linda e sorridente estava dizendo a ela. Essa mulher, usando um vestido branco colado e decotado, com longos cabelos negros soltos, estava abraçada ao meu pai. Ela já era extremamente bonita e meiga, com aquele jeitinho encantador que só as nossas irmãs mais nova têm, mas agora, vestida daquela forma, ela parecia tudo, menos uma irmãzinha. Ainda assim, era exatamente daquela forma que eu a enxerguei.

Quando eu parei na entrada da sala, absorvendo a cena, as poucas pessoas sentadas ou em pé em volta da mulher, porque realmente eu não poderia chamá-la de menina, me viu, arregalou os olhos e pôs a mão na boca, do mesmo jeito que mamãe fazia, então praticamente correu em seus saltos altíssimos na minha direção.

— Diego!

E foi estranho e emocionante, porque eu podia lembrar de inúmeras vezes em que ela veio correndo pra mim quase daquela mesma forma. Às vezes era sorrindo, para me contar alguma novidade: às vezes, era para dizer que Marcos estava agindo como um idiota e não queria deixá-la brincar com ele.

Depois, os anos passaram e, inevitavelmente, ainda era, na maioria das vezes, uma reclamação sobre Marcos: agora, era que ele não deixava os poucos meninos corajosos o suficiente se aproximarem dela. O que ela não sabia era que alguns desses eu mesmo tinha botado pra correr. Aquela menina sempre achava que eu era a razão e o lado certo das coisas, e vivia às turras com Marcos. O irônico de tudo era que eles eram ligados de uma forma que talvez se equiparava ao que tinha com ele. Bem, pra ser sincero, eu acho que era maior e mais intenso.

Outras vezes, ela vinha chorando porque tinha caído, quando era criança, ou porque, adolescente, algum menino tinha quebrado o seu coração. Todas as vezes eu fazia exatamente o que fiz agora, abria os braços para que ela se jogasse neles com força, e eu sabia que teria que segurar o impacto. Ela sempre tinha me abraçado daquela forma.

— Ai, meu Deus! Diego, que saudades de você! — ela murmurava enquanto eu abraçava apertado. Realmente, parecia que eu não a via há uma eternidade. Como podemos ficar tanto tempo longe da nossa caçula? Quem tinha concordado com aquilo mesmo? Ah, mamãe, claro. Ela tinha decidido, quem ia dizer que não?

— Iza...que saudades de você também, maninha. Posso te chamar assim ainda, não?

Ela se afastou um pouco para me olhar enxugando as lágrimas dos grandes olhos escuros revirando-os, sorrindo daquele jeito doce que fazia a covinha aparecer na sua bochecha. Retiro o que eu disse. Ela podia estar vestida como fosse, ainda era a nossa menina de covinhas.

— Você já andou conversando com Marcos pelo visto. Ignore tudo que ele disse.

— Eu sou expert nisso.

— Somos, não somos?

Sorrimos um para o outro e tudo parecia bem e certo de novo. Imediatamente lembrei de João, em como Iza não iria ficar louca com ele. Ela era doida por crianças, e tenho certeza de que eu precisaria de um mandado de busca para pegá-lo novamente das mãos dela.

— Você está maravilhosa.

— E eu não era antes? — ela me provocou, então riu. — Céus, como eu

queria ver você... Por que você não foi ao aeroporto me buscar, por falar nisso?

— Porque eu sou o seu irmão preferido e por isso fui buscar você. — Marcos entrou na conversa chegando na sala naquele momento. Iza riu, e eu me virei para que eles se abraçassem.

— Como você é convencido, Marcos, quem disse que você é meu irmão preferido?

— Querida, como alguém pode estar perto de mim e não me considerar o preferido para qualquer coisa? — Ele piscou pra ela e eu mal contive minha vontade de revirar os olhos como Diana costumava fazer, e... eu já estava pensando em Diana e não tinha nem 10 minutos que eu estava ali. Que coisa. Marcos me puxou para um abraço. — E aí, maninho, chegando atrasado?

— Claro que não. Você que chegou cedo hoje.

— É, pode ser. Sabia que tinha alguma coisa estranha enquanto estava vindo.

Iza riu e abriu os braços para nós dois.

— Ah, seus idiotas que eu amo, quero abraçar vocês dois juntos.

E foi o que fizemos, até porque Iza não nos deu chance de fugir.

— Que lindo, meus pimpolhos juntos. Acho que eu vou chorar tudo de novo, Otávio. — Ouvi minha mãe dizer abraçada ao papai. Além deles dois, Rui estava sentado segurando uma bebida ao lado de uma mulher loira e jovem, e um jovem que só poderia ser o Erik, namorado da Iza, estava sentado do outro lado, muito quieto, nos observando.

— Ah, mãe, por favor, pimpolho não. Você acaba de fazer minha masculinidade diminuir 5 graus com isso. Iza, trouxe algo pra você. Bem-vinda de volta, maninha — Marcos disse pegando um envelope do bolso do blazer escuro que ele usava e entregando a ela.

— Oba, presentes! Adoro. Papai e mamãe já me deram os deles. — Ela sorriu e olhou para trás, depois virou-se para Marcos e para mim e cochichou: — Eu espero que os de vocês sejam para uma pessoa maior de 18 anos, tá?

Sorri e peguei o meu pacote de cima da mesa lateral que eu havia colocado quando ela se jogou em mim, e entreguei a ela.

— Seja bem-vinda de volta, Iza.

Ela abriu o envelope de Marcos e lançou-se sobre ele novamente, dando pulinhos ao ver o nome do SPA de luxo que ele tinha reservado para ela. Depois, abriu devagar o pacote que eu havia lhe dado, arregalando os olhos ao ver a pulseira de ouro rosé e rubi que havia na caixinha. Modéstia a parte, eu sabia escolher uma joia. Ganhei um novo abraço apertado e gritinhos de alegria.

— Que linda, Diego! Eu adorei os presentes, maninhos. Nossa, maravilhosos. Vem, vamos lá, quero apresentar o Erik a vocês — ela disse

animadamente enquanto nós três íamos encontrar os outros presentes na sala.

— Bom, devo precisar de uma bebida então, não é? — Marcos resmungou e Iza deu o seu pequeno e clássico beliscão nele, eu não precisava ver para saber, só ouvir o gemido abafado de dor que ele deu. Nunca tinha recebido um, mas Marcos devia ter cicatrizes deles nos ombros e nas costelas.

Cumprimentamos a todos e recebemos os cumprimentos de volta. A mulher acompanhando Rui, irmão muito mais novo do nosso pai, era Yara, que eu não conhecia, porque a cada semana ele estava com uma diferente mesmo. Mamãe me abraçou e encontrou um jeito de dizer que estava com saudades de João e que eu me virasse, porque ela queria vê-lo no fim de semana. Mal sabia ela que eu já estava contando com isso.

Marcos serviu-se de uma bebida, como ele tinha dito que faria, enquanto Iza fazia um gesto para o rapaz alto e magro de cabelos e olhos claros para que se aproximasse.

— Erik, como você já deve ter notado, esses são os meus irmãos, de quem eu já falei para você a exaustão. Marcos. — Ela apontou para onde Marcos olhava para o rapaz com expressão impassível, atenta, mas não por isso amigável. Depois, apontou na minha direção. — E Diego.

Eu estendi a mão, afinal, o cara era jovem, talvez a mesma idade de Iza, e parecia meio deslocado e nervoso. E a julgar pela cara de papai e de Marcos, ele não receberia tanto afeto assim. Como sempre, parece que eu teria que ir em socorro de Iza.

— Erik, seja bem-vindo. Você também está de volta ao Brasil agora, não é?

— Isso, sim. Eu estava morando há 5 anos em Nova York, mas resolvi voltar com Izabel — ele respondeu com um sorriso encantado na direção de Iza. Ele não notou, o coitado, mas foi a coisa errada a dizer quando papai estreitou aqueles olhos nele, olhos que mamãe dizia que os meus eram uma cópia fiel, mas eu discordava. Eu não achava que eu olhava tão friamente assim para alguém, porque o Erik não percebeu, mas tinha acabado de virar uma escultura de gelo.

— Hum, que interessante. E o que você fazia por lá mesmo? Eu acho que perdi essa parte — Marcos pediu, solícito, tomando um gole da sua bebida. Iza lançou a ele um olhar fulminante.

— O Erik já falou sobre isso com o papai, Marquinhos — ela sussurrou, tentando manter o sorriso. Mamãe revirou os olhos e eu tentei não rir. Estava começando muito bem.

— Que pena que eu não estava aqui, Erik. Mas é claro que você não vai se importar em dizer tudo de novo, não é?

Iza saiu de perto dele resmungando que iria matá-lo, e até o Erik pareceu achar graça.

— Não, claro que não, Marcos — ele falava com um sotaque americano acentuado, e parecia realmente ser muito amigável. Mas ainda assim eu também estava curioso. Cruzei os braços e aguardei, e Iza me olhou e fez aquilo que eu tinha aprendido com ela desde que ela era criança: ler os lábios. Ela disse "até você?". Eu encolhi os ombros e olhei para Erik.

— Eu fui estudar Arte Contemporânea em Nova York, é a minha paixão.

— E você já terminou de estudar? — Marcos voltou à tona, indo sentar-se no braço do sofá.

— Sim, mas eu pretendo retornar para fazer uma especialização — Erik disse isso e olhou para Iza, que deu um sorriso fraco. Eu quase pude ouvir papai rosnar algo e Marcos disse claramente, não teve como Erik não ouvir "sozinho, no caso". Aquele cara era foda, meu Deus. Eu também não gostei nem um pouco da forma como ele disse aquilo, como se já fosse algo certo que Iza voltaria com ele, mas meus métodos eram um pouco menos incivilizados.

— Que interessante! — Rui disse, como se não achasse nada interessante, e lançou um olhar significativo para papai. Mamãe, claro, não deixou passar.

— Pois é apaixonante mesmo, Erik. Eu também gosto muito de arte de modo geral, além de ter me formado na área. A Iza falou para você?

— Sim, dona Abigail, ela disse. Você gosta de arte clássica, não é?

— Principalmente, mas aprecio de todo tipo.

Eu deixei mamãe amenizar as coisas, então voltei a carga eu mesmo.

— Mas quando você pretende voltar, Erik? Já tem algo programado?

Erik estava agora um pouco murcho, será que ele ouviu Marcos ou notou o sorriso nada firme de Iza? Ou pior, ouviu o som nada agradável que papai fez? Seu Otávio inclusive disse a Marcos que ia acompanhá-lo na bebida, o que era raro, e os dois se afastaram um pouco para se servirem.

— Vai depender muito de como tudo se resolver aqui. Mas eu e a Iza pensamos em...

— Sim, e o Teo, não vem não? — Iza perguntou, de repente, e eu saquei o "cala-boca" no incauto do Erik. Eu ia ter uma conversinha com aquela garota. Que diabos ela estava fazendo aquele cara acreditar? Ela achava mesmo que papai iria permitir que ela voltasse aos Estados Unidos com aquele rapaz que estava estudando ainda? Ela não conhecia o pai que tinha?

— Não, falei com ele, não vai dar, já tinha um compromisso — Marcos informou. Mamãe balançou a cabeça.

— Nossa, faz um século que eu não vejo Teo. Mas quero ver ele não

parecer no jantar, esse tratante.

— Ricardo também não vem, tinha um compromisso, mas disse que vem visitar você o quanto antes, Iza.

Rui levantou, aparentemente para ter outro copo de uísque, mas então, parou e virou-se para Marcos sorrindo.

— Ah, claro, sei bem o compromisso que ele tinha, olhei ainda a pouco com um belo compromisso de vestido vermelho naquele restaurante ali perto da nova boate dele.

E foi por pura coincidência que eu estava olhando para Iza naquele momento. Talvez porque eu estivesse focado nela desde que o Erik tinha quase dito que a volta dele estava de alguma forma ligada a ela. Foi só por isso, então, que eu vi, estupefato, a expressão de Iza cair ao olhar para Rui, e uma imagem de pura dor passar por seu lindo rosto, enquanto um número alarmante de pequenas conexões iam se formando na minha mente. Será? Ela olhou para o chão, e mamãe fez uma expressão de tristeza ao olhar pra ela. Ah, merda. Ah, não.

Capítulo 26

TAMBÉM QUERO VOCÊ

Diego 

Aquele jantar estava indo de mal a pior. Não que não estivesse sendo um sucesso do ponto de vista da organização e dos pratos servidos, afinal tudo que mamãe organizava não podia ser outra coisa que não um sucesso. Era como um dom. Não, o problema era o ânimo das pessoas ao redor da enorme mesa de carvalho na sala de jantar.

Papai parecia ter ficado engasgado com algo antes mesmo do jantar começar, ainda que a educação e o refinamento dele não permitissem que ele fosse realmente desagradável, então, ele sorria na direção de mamãe quando ela tentava bravamente contornar o clima meio tenso. Tenho certeza de que ele deve ter prometido a ela não fazer o rapaz correr, eu conhecia aquela expressão dele, de quem estava fazendo algo por ela. Tinha visto muito dela a vida toda.

Então, era justamente por mamãe que o silêncio na mesa não era quase total. Por causa dela e de Marcos, na verdade. Porque apesar de ter praticamente aterrorizado o Erik na primeira parte da noite, ele ainda mantinha aquele sorriso fácil e o bom humor ocasional, ora conversando com Rui, ora reagindo às conversas de mamãe.

Eu me mantinha na maior parte do tempo apenas dando contribuições ocasionais aos temas tratados na conversa — um jantar para um número maior de pessoas que papai e mamãe estavam pensando em oferecer, nos próximos dias, e algumas histórias sobre a vida de Iza nesse ano em Nova York. E minhas contribuições não eram mais enfáticas porque eu realmente estava observando Iza, quando ela achava que ninguém estava prestando atenção nela.

Ela sorria, ria às vezes, mas logo parecia perdida em pensamentos, ou então, um pouco triste. E eu quis me enganar que não tinha sido por causa da informação que Rui tinha deixado escapar antes do jantar, mas não tinha como não ser. E enquanto as bebidas e conversas continuavam ao redor, eu notei como ela pareceu perder um pouco da animação e do brilho que estava ostentando antes. Mas isso eu só percebi porque estava empenhado. Não era muito visível para outra pessoa a não ser, talvez, para mamãe.

Eu não estava bem certo do que pensar e a que conclusões chegar acerca da desconfiança que estava me assaltando. Era simplesmente... fodidamente louco. Surreal. Ricardo não poderia... Iza não tinha como ... Caralho, aquilo era

muito louco mesmo.

Quando algo assim poderia ter acontecido, se é que algo realmente aconteceu? Poderia ser algo unilateral, Iza ainda era muito jovem e durante a sua adolescência poderia ter cultivado uma paixão boba e rápida por Ricardo, que não tinha a menor ideia daquilo. Eu não era hipócrita, sabia que aquilo não era tão impossível assim. Mas se era unilateral, seria coincidência ele não querer comparecer ao jantar e estar todo estranho em relação a volta de Iza? E se não fosse, e ele sabia que ela tinha algum interesse, Iza tinha apenas 19 anos quando saiu do Rio, era uma menina e Ricardo não poderia... Eu teria que trucidar aquele filho de uma puta?

De repente, minha gravata ficou apertada e eu a afrouxei um pouco, porque lembrei que Diana tinha exatamente aquela idade quando a conheci e fiz sexo com ela: 19 anos. Minha nossa. Pensar na minha irmãzinha e Ricardo fez o meu estômago se contorcer, e eu bebi um pouco de água para tirar o nó da garganta. Puta merda, eu era um hipócrita sim. E talvez também um maldito idiota já que eu poderia estar tirando conclusões precipitadas sobre algo que eu achei que tinha identificado na reação de Iza. Nada daquilo provavelmente nem existia. Eu só ia ficar um pouco mais de olho, de longe.

Erik, ao lado de Iza, participava pouco da conversa também, mais preocupado em observar todos a sua volta, mas ele não sabia que estava sendo observado atentamente por mim. Isso acontecia sempre: as pessoas achavam que se eu estava calado, aparentemente ausente do assunto, eu estava longe do que estava sendo dito. Ledo engano.

Havia uma certa tensão entre aqueles dois, tensão essa que os sorrisos radiantes que lançavam um para o outro parecia não aplacar. E Marcos, Rui e papai, não estavam colaborando.

— Erik, seus pais também moram nos Estados Unidos? — papai perguntou quando finalmente pareceu controlar um pouco o mau humor. Todas as conversas cessaram um pouco para ouvir a resposta dele. Eu não podia ter pena do cara, ele tinha vindo à casa dos pais da namorada dele para um jantar, com os irmãos e o tio presente, o que ele poderia esperar? Champanhe, comemoração e batidinhas nas costas? Aguardei também. Erik ofereceu um sorriso cortês.

— Não, eles moram aqui no Rio mesmo.

— Bom. E nós os conhecemos talvez? Você disse mais cedo que seu sobrenome é Alcântara, não foi?

— Isso, senhor. Alcântara. Não acho que seja provável que vocês os conheçam, mas eles vivem há muito tempo aqui.

Papai apenas balançou a cabeça parecendo satisfeito e voltou a comer.

Não que Erik tenha dito o seu sobrenome mais cedo, eu tenho certeza disso. Outra coisa que eu tinha certeza: era provável que papai já soubesse até a cor favorita da mãe do rapaz e se ele teve um cachorro na infância. E qual o nome do cachorro também.

— Maravilha, então você já pode contar a eles que estão convidados para o jantar que daremos para Iza na próxima semana, provavelmente. — Mamãe, sempre ela, preencheu o silêncio incômodo que se instalou.

Iza e Erik concordaram, ele tocando carinhosamente a mão dela na mesa ao lado da dele. Meu olhar encontrou com o dela e eu pensei que talvez aquele namoro nem precisaria da insatisfação do nosso pai para não ir muito adiante. Mas eu verificaria aquilo em outra ocasião.



Tenho que admitir que até Marcos se assustou quando eu fui o primeiro a me despedir após o jantar. Geralmente eu ficava até mais tarde, e ele corria como o diabo foge da cruz para algum encontro.

Sabia que ainda teria que presenciar uma boa dose de conversa instigante em torno de Erik e não teria como ter uma conversa mais privada com Iza para sondar sobre as minhas desconfianças, contudo, eu teria tempo para aquilo. Mas, acima de tudo, eu estava inquieto para voltar para casa por causa de Diana. E isso não era algo de agora. Tinha percebido isso no dia anterior, e hoje também. Aquela necessidade premente de correr de volta para eles, de passar um tempo maior com João Pedro, sim, mas também estar perto de Diana.

Eu nem me surpreendi quando ao terminar de me despedir de Iza — com ela me fazendo prometer que não demoraria a vir em casa novamente — mamãe se aproximou de mim. Ela virou para certificar-se de que estávamos sozinhos e sussurrou:

— Pelo amor de Deus, meu filho, me diga que você não vai prolongar muito mais isso e eu posso trazer meu neto pra minha casa, por favor.

— Não se preocupe, no máximo na terça estará tudo resolvido.

Ela virou-se e ficou na minha frente, muito séria.

— Eu quero vê-lo novamente, Diego. Já estou com saudades dele...

— E o que impede você de amanhã mesmo pegar o seu querido neto e levá-lo para passear? Tenho certeza de que isso poderia ser arranjado.

Os olhos de mamãe brilharam e ela me parou antes de chegarmos na frente da casa.

— Que filho inteligente eu tenho. Já pretendia fazer isso mesmo, só

estava tentando encontrar a oportunidade de te dizer em particular. — Ela deu uma piscada marota para mim, e eu sorri, acreditando totalmente que ela pretendia fazer aquilo. Mamãe estava muito quieta para o meu gosto. — Eu tenho umas coisas para fazer amanhã mesmo, coisas pessoais, posso passar parte do dia fora, por que não?

— E o papai?

— O que que tem o seu pai? Eu posso sair sem o seu pai, Diego. Aliás, vou fazer umas visitas a umas velhas amigas amanhã, é isso. Iza vai para a casa dos pais de Erik e Otávio tem umas coisas da empresa para pôr em dia. É perfeito.

— Por falar em Iza, que jantar, não?

— Nem me fale. Eu tenho tanta coisa pra falar com a sua irmã que nem sei por onde começar... mas vou deixar que ela se estabeleça primeiro...

Ela suspirou, depois me deu aquela olhada astuta, aquela que tínhamos medo desde que entramos na adolescência.

— É impressão minha ou você quer se livrar do meu neto, hein? Algum plano especial com a mãe dele, é isso?

Muito bem, mamãe era um tipo de vidente ou algo assim, eu não ia nem lutar contra aquilo.

— “Me livrar do meu filho” que coisa horrível. — Franzi o rosto fingindo seriedade. — E eu não estou dizendo nada. Você que está com saudades do seu neto, lembra?

— Ah, meu filho, pra cima de mim não, querido. — Ela deu uma batidinha no meu peito, condescendente. — Eu já passei por isso, três vezes pra falar a verdade. Você está só começando com João...

Arqueei uma sobrelanceira.

— Você já está programando mais crianças, mãe? Ninguém disse nada sobre isso. — Mas só por um momento, imaginei um outro filho. Outra criança na nossa vida, de uma maneira completamente diferente agora. Engoli em seco com o quanto aquilo me pareceu uma excelente ideia. Excelente mesmo. E para ser absolutamente sincero, não era a primeira vez que ela me veio à cabeça desde que reencontrei Diana. Loucura talvez. Bem provável. Mas ainda assim, ela estava lá em um cantinho remoto da minha mente, como algo latente só à espera de se transformar em um desejo concreto, eu tinha que admitir. Mamãe se aproximou e disse próximo ao meu ouvido.

— Eu só posso planejar e sonhar em ter mais netos, a parte prática da coisa, eu conto com as habilidades de vocês. Por falar nisso, que horas eu chego lá amanhã? Não quero interromper o processo de “fabricação” do meu próximo neto.

— Até parece que esse seu neto deixa alguém “fabricar” o que quer que seja pela manhã. Ele acorda cedo, então, fique à vontade, eu já vou estar acordado antes das 6h de qualquer maneira.

— Ah, eu lembro muito bem como era, Diego. Eu também tenho um filho mais velho que nessa idade não deixava ninguém “fabricar” nada pela manhã.

Eu fechei os olhos com força e franzi a testa, e ela deu uma risada.

— Eu ligo para você amanhã antes de chegar lá, tá combinado?

Eu a beijei na testa, me despedindo, e já ia me afastando em direção ao meu carro, mas então voltei e a encontrei lá parada me observando. E não sei bem por quê, mas resolvi dizer algo que tinha me intrigado desde que a apresentei a Diana. Eu estava preocupado com a reação dela, e tudo que a minha mãe tinha feito e dito até agora era relativo a João Pedro apenas...

— Dona Abigail...

— Quando você me chama assim...

— Você não me disse praticamente nada em relação a Diana até agora. Isso é estranho vindo de você.

Ela abraçou o próprio corpo, o rosto sério enquanto parecia pensar no que eu tinha dito.

— Eu sempre prefiro olhar nos olhos de uma pessoa e ouvir ela falar para tirar minhas conclusões sobre ela, meu filho. Nem sempre dá, mas eu priorizo isso. E eu já olhei nos olhos de Diana, já tirei algumas conclusões, mas prefiro ter cautela para tirar outras. No entanto, o melhor argumento que tenho é que você a chamou para ir morar com você, Diego.

— E como isso é um argumento a favor da sua opinião sobre Diana?

— Eu sempre confiei nas suas decisões, e até hoje elas se mostraram acertadas. Por que eu iria começar a duvidar agora?

Eu não disse nada, só fiquei olhando para ela e agradecendo pela mãe que eu tinha.

— Vai logo, Diego. Você passou a noite toda olhando para esse relógio e parecendo estar a quilômetros de distância. Não se preocupe, eu vou saber lidar com o que quer que você decida em relação a Diana, mas algo me diz que o que você vai decidir, vai ser o melhor... — Ela curvou-se para frente e sussurrou. — Inclusive para os meus planos de mais netos.

Eu não disse nada, só sorri e segui para o meu carro. Ela tinha razão, como sempre, eu não via a hora de chegar em casa.

Já não era tão cedo, eu tinha consciência que entre bebidas, conversas e o jantar em si, já passava de meia-noite quando eu abri a porta do apartamento. Estava tudo silencioso, eu fui removendo as minhas roupas enquanto caminhava

para o quarto de João. Aquele seria o quarto dele, e eu iria ver nessa semana mesmo às mudanças necessárias para adaptar o espaço para uma criança, já que aquele era um quarto de hóspedes pensado para adultos.

Ele estava deitado no meio da cama imensa coberto com o edredom e o lençol de Os Vingadores que ele adorava. Fiquei observando-o em silêncio, sorrindo feito um bobo, algo que eu já desconfiava que ele tinha me transformado, distinguindo as suas feições através do jogo de luz e sombra que a luminária do Mickey Mouse lançava sobre ele.

João dormia sozinho, se a luz estivesse acesa, ou a luminária ligada, mas às vezes, não sempre, acordava e corria para o quarto de Diana. Aquilo estava ficando insustentável. Eu não queria ter que ficar driblando o meu próprio filho em relação ao que eu queria com a mãe dele. Precisávamos ver aquela situação, Diana e eu, e conversar com João. Eu tinha a impressão de que ele entenderia bem, ao contrário do que nós estávamos imaginando.

Saí silenciosamente e fui para o quarto onde Diana dormia e ela não estava lá. Intrigado, fui para o meu. E era onde ela estava, deitada no meio da minha cama — bem, nossa cama, porque ela não ia mais sair de lá se dependesse de mim — coberta apenas parcialmente, profundamente adormecida. Eu sabia porque ela tinha a mania de ficar balançando levemente o pé direito quando estava acordada. Fui diretamente para o banheiro e tomei um banho rápido tendo o cuidado de não fazer barulho para não despertá-la.

E agora ela estava muito, muito quieta, uma perna nua para fora do edredom, de barriga para baixo, o rosto recostado na montanha de travesseiros que ela dormia em cima. Aquilo era uma loucura, dormir com dois travesseiros empilhados, mas ela fazia, pensei, balançando a cabeça e sorrindo, percebendo os mínimos detalhes de Diana assim, tão calma, quase indefesa, a respiração lenta, os cabelos vermelhos metade no rosto dela e a outra parte espalhado no travesseiro.

A vontade de protegê-la, tanto quanto a João, me atingiu com força, mesmo que eu soubesse que ela poderia achar que não precisava. Estendi a mão e passei de leve no seu pescoço, depois subi, a ponta do meu dedo demarcando o contorno do seu queixo, da bochecha, do seu nariz e boca. Ela se mexeu e balançou a cabeça, como se estivesse sendo incomodada, mas continuou adormecida.

Diana estava usando uma camisola preta fina, como ela usava quase sempre, apenas metade visível, já que ela estava coberta. Eu parei, então, impactado pelo fato de que eu era absurdamente atraído sexualmente por ela, desde o início, desde sempre, e não tinha como negar aquilo, mas agora, enquanto a olhava adormecida, percebi que aquele desejo estava ali, total,

intenso, mas foram outras coisas que também me chamaram atenção pra ela na cama quando entrei no quarto. Não apenas sexuais.

Aquela constatação era perigosa, tirava o equilíbrio das coisas, era intensa e veemente demais para a forma como eu costumava levar os meus relacionamentos. Mas aquilo com Diana era um dos meus relacionamentos comuns? Óbvio que não. Nada nele era como deveria ter sido desde o início, e agora nós estávamos aqui, eu estava aqui, disposto a não permitir que ela nem o meu filho saíssem de perto de mim. Eu não podia lidar ainda com definições para aquilo entre nós, eu nunca fui muito bom em buscar conceitos muito abstratos para coisas concretas, reais, apesar de perceber a necessidade das mulheres com que estive em dar nomes, delimitar tudo.

Diana também precisava me deixar ver, sentir, o que estava acontecendo entre nós, eu precisava desvendá-la de verdade, e ia começar com tudo a partir de agora. Nada de meios termos, nada de “devagar”, nada de calma. Se nada tinha sido assim entre nós, por que iria ser agora? Eu ia recomeçar com tudo, sim. E isso estava valendo a partir de amanhã, quando mamãe viesse buscar João Pedro e então eu teria o apartamento só para nós dois.

Puxei o edredom de cima dela devagar, mas não precisava, Diana tinha o sono pesado... E dei um gemido angustiado ao ver que a camisola tinha subido e expunha parte da sua bunda. Porra. Deitei ao seu lado usando apenas a minha cueca que eu tinha decidido pôr de última hora. Não adiantaria nada, claro, concluí quando fui imediatamente tocado pelo calor do corpo de Diana.

Em vez de ficar colado em suas costas, como meu corpo todo implorava para fazer, eu fiquei de frente, e afastei os cabelos do seu rosto. Na mesma hora, ela se aconchegou a mim, vindo para a frente e abriu os olhos bem devagar, piscando e me olhando meio confusa. Se ela tinha consciência de que eu estava ali ou achava que estava sonhando, eu não sabia. Passei o dedo por seus lábios e a beijei lentamente.

— Diego... — Sua voz baixa e ligeiramente enrouquecida pareceu reverberar diretamente no meu pau que já estava sendo afetado por aquela proximidade. Mas eu era um homem em uma missão.

— Vem... dorme — eu disse baixinho, e nem precisei insistir. Diana virou de costas e colou em mim quando eu passei o braço por sua cintura e a puxei para o meu corpo. Ia ser uma provação, uma tortura, mas de certa forma me deixou animado. Suspirei e aspirei seu perfume, adorando sentir os contornos do corpo dela no meu. Diana depositou a cabeça no meu braço, ficando quieta logo em seguida.

— Este é o seu lugar, e daqui você não sai mais — eu sussurrei, e não sei se ela tinha ouvido. Não importava, eu ia mostrar a ela, o que era mais

importante. A Operação Diana ia começar amanhã mesmo, e o que estava preparando para ela eu não ia querer que fôssemos interrompidos. João ia sair com a vovó querida, e eu teria a mãezinha dele só *pra* mim.



Eu acordei de pau duro, obviamente, nenhuma novidade nisso, com a bunda de Diana pressionada contra mim e a minha perna passada por cima do seu quadril. Como diabos eu não estava esmagando-a? Virei de costas e passei a mão no rosto ainda de olhos fechados, então parei, com a nítida impressão de que estava sendo observado.

Aquilo acontecia comigo, às vezes. Nem sempre era, claro, mas vez ou outra eu acordava com aquela sensação mesmo assim. Daquela vez não era impressão, constatei, ao ver que João estava parado de pé bem ao lado da cama do meu lado olhando para mim em silêncio. Se eu me assustasse fácil levaria um susto. Mas apenas sorri para ele, na mesma hora tomando consciência de que ele tinha acabado de ver que eu e Diana não só nos beijávamos, como eu tinha explicado naquele dia para ele, mas também dormíamos juntos ao que parecia.

Fiquei sentado tomando o cuidado de esconder minha ereção, puxando um pouco do edredom para o meu colo. Então, a decisão de não dormir nu ontem? Era um anjo soprando ao meu ouvido porque eu tinha esquecido de fechar a porta. Só que o anjo só se preocupou até essa parte, ou devia estar dormindo ainda, porque não me salvou dessa agora. Eu tinha puxado o edredom e descoberto Diana.

Eu olhei para João e ele tinha inclinado a cabeça daquele jeito engraçado que costumava fazer e tentava olhar de lado, e o meu ombro parecia impedir o que ele estava vendo.

— A mamãe está pelad...

— Claro que não. É uma calcinha da cor da pele. Vem cá, vamos preparar algo pra gente, que tal? — Levantei e o peguei no colo, tentando não rir enquanto saía da cama com ele. Olhei para trás e Diana tinha acordado e ajeitado a camisola, sentando na cama e olhando para nós dois. Dei uma piscada para ela e saí do quarto com João. Eu não sabia cozinhar, nunca tinha sido bom nisso, mas nos últimos dias tinha me adaptado com as dicas de Diana e do próprio João a fazer o que ele comia pela manhã. Não era mesmo difícil.

De todo modo, já estava saindo diferente do que tinha planejado, mas eu estava animado, tudo ia dar certo, pensei. Ia preparar o nosso café da manhã como tinha pensado, distrair João e logo em seguida ligar pra mamãe. Qual era a

ideia de cedo que ela tinha, que ainda não tinha me ligado mesmo?

Quando mamãe finalmente apareceu, eu e João já tínhamos tomado banho, e eu já havia dito a Diana que ela iria levá-lo para passear e almoçar com ele. Ela me olhou de olhos franzidos, como se estivesse me estudando, mas concordou. João tinha ficado animado assim que eu informei que a vovó Abigail viria buscá-lo. Talvez, apenas talvez, eu tenha usado isso também como uma ligeira barganha para fazer com ele comesse um pouquinho mais do que de costume. Ok, muito provavelmente isso não era certo, mas ele comeu e até gostou, então da próxima vez eu perguntaria a Diana como ela fazia.

Mamãe já estava a caminho quando eu liguei para ela e não demorou a chegar. Ela estava sentada na sala com João no colo, conversando com ele quando Diana vinha saindo do quarto e entrando na cozinha. Ela já sabia que mamãe viria, mas eu não perdi a forma como ela ficou um pouco desconcertada quando mamãe sorriu e olhou para ela de camisola e depois para mim, que tinha vestido apenas uma bermuda.

— Vamos lá, meu amor. Já está passando da hora da gente ir, não é? — ela disse a João, e eu apertei os lábios dando uma olhada para Diana, que me perfurou com os olhos e murmurou algo entre os dentes que poderia ter sido “eu vou matar você”. Mas talvez não fosse. — Vai, despeça-se dos seus pais, nós teremos um dia cheio hoje. E parece que eles também.

João atendeu e vejo se despedir de nós, enquanto mamãe pegava as coisas dele.

— Qualquer dúvida eu ligo para vocês, mas tenho certeza de que não vai ser necessário, eu ainda lembro bem como a maioria das coisas funcionam — ela disse antes de se despedir de nós e sair com João, levando-o pela mão. Eu tinha plena confiança nela com meu filho, só fiquei pensando que a probabilidade de ela saber mais de João e Diana do que eu sabia até agora, já que tinha João sozinho para ela. Sorri, imaginando que aqueles dois iam se dar bem.

Assim que eles saíram pela porta, Diana virou-se para mim com as mãos nos quadris.

— Diego, eu não acredito, o que você disse a ela?

— Eu não disse nada a ela. Você vai descobrir que mamãe deduz um monte de coisa, independente da nossa vontade. — Eu me aproximei e a puxei de encontro a mim, encarando-a. Aquela camisola estava começando a me deixar meio zozinho, eu tinha certeza de que era isso, ainda mais agora que eu estava perto e podia ver claramente a tatuagem com o nome de João quase acima do seio de Diana. Era linda, mesmo. Como eu poderia ignorar aquilo? — Foi só providencial ela querer passar o dia com o neto dela e eu querer passar o dia aqui com você. Todo mundo fica feliz.

Diana estava tendo dificuldades em ficar séria, notei, mas ela resistia.

— Você despachou o seu filho, isso sim. O que você pretende, hein? A sua mãe estava olhando pra mim como se soubesse mais do que eu dos seus planos.

— Ela só deduz. Vamos tomar café, eu já preparei.

— Tudo bem, eu vou ver o que temos para...

— Não, eu já fiz tudo. Você não vai precisar preparar nada, está tudo pronto.

Diana parecia estar tentando me sondar e abriu um sorriso desconfiado, as sobrancelhas juntas, e eu ajustei os meus óculos com cara de paisagem.

— Você já preparou tudo? Muito bem, eu vou tomar um banho então.

Eu sorri e dei-lhe um beijo rápido nos lábios, pegando-a de surpresa. Mas Diana não era boba, e era justamente isso que eu adorava nela.

— Pode ir, eu termino aqui e chamo você — murmurei e ficamos nos encarando em silêncio por um momento, até que ela fez um aceno positivo com a cabeça.

— Você é astuto, Diego.

— Só por que eu preparei o seu café hoje?

— Não. Porque você está pensando que eu não vou te perguntar sobre intervir na minha colocação na boate ou porque você acha que não tem que me dizer que sua ex afirma ter deixado coisas dela nas suas gavetas.

Eu respirei fundo e segurei seu queixo para que ela olhasse diretamente para mim, enquanto a mantinha presa pela cintura. A minha calça e a camisola fina dela não estavam servindo muito como barreira para esconder a evidência da minha já crescente e dura excitação que ela devia estar sentindo. Mas antes disso, eu precisava pensar direito e me concentrar em dizer o que eu estava pensando. A verdade? Não havia outro jeito de lidar com Diana.

— Escuta, presta atenção no que eu vou dizer a você. Nunca houve a intenção de esconder deliberadamente, eu só não sabia se era verdade ou não, então, realmente não quis te dizer sem descobrir antes. E sim, não me olhe assim, eu ia dizer se eu achasse antes de você. — Claro que eu ia. Pelo menos eu gostava de acreditar que sim. — E quanto a boate, sim, eu nunca escondi de você que não gosto, que por mim você não estaria lá, escondi alguma vez? Não.

Ela estava em silêncio, e eu continuei.

— Se você quer, ok, mas não me impeça de zelar pela sua segurança lá, de me preocupar com você. Prometo não intervir a ponto de te deixar em uma situação constrangedora com Ricardo. Só não me peça para aceitar numa boa, porque não vou. Mas prometo não agir como um imbecil como se você não tivesse algo a dizer sobre qualquer assunto. Prometo, ok?

— Eu vou te cobrar isso, Diego. Não pense que você vai me desdobrar, porque não vai. A próxima vez que você esconder qualquer coisa de mim...

— Ei, não tem próxima vez.

— Eu espero. Porque não sou um brinquedo, Diego, não esquece disso.

— Eu sei. Vá tomar o seu banho e a gente tem o resto do dia para nos acertarmos, mas primeiro vamos tomar um café?

Um suspiro e ela concordou.

— Tudo bem. Não demoro.

Dei-lhe um outro beijo rápido, e uma tapinha na bunda quando ela virou para sair. Diana pôs a mão no lugar e resmungou que ia começar a me bater também.

Assim que ela sumiu no quarto eu terminei de preparar a bandeja com as frutas que tinha começado a preparar antes de mamãe chegar, e arrumei tudo mais ou menos como eu achava que estava bom. Paciência. Vi algumas imagens na internet e não parecia tão ruim: queijos, frutas, suco, uns pãezinhos e geleia de amora. Ainda bem que Diana tinha feito compras no dia anterior, eu geralmente não tinha essas coisas em casa.

Caminhei para o quarto com a bandeja nas mãos e a pus sobre o aparador, depois abri uma das minhas últimas gavetas do closet e tirei a sacolinha com o pacote da joalheria, e fui em direção ao banheiro com ele na mão, mas pus em cima da bancada da pia quando entrei.

Diana estava de costas, ignorando a minha presença, totalmente nua, a água caindo em cascata sobre ela. Fiquei observando-a, até que ela virou a cabeça e me viu ali parado, de braços cruzados apreciando o seu banho. Ela sorriu, passou a mão no rosto e torceu o cabelo, desligando o chuveiro.

— Nunca lhe ensinaram que é feio ficar espionando as pessoas?

— Já, mas algumas coisas eu fiz questão de não aprender.

Ela esticou a mão e pegou uma toalha, e eu agradei o fato de que o vidro totalmente transparente, e eu podia ver cada centímetro da pele molhada dela, da água deslizando por suas costas, pelos quadris, por aquela bunda redonda e perfeita que estava me dando vontade não só de bater, mas de apertar, afundar os meus dedos enquanto a puxava pelo cabelo molhado... Aquela bunda que ela tinha me dito que eu precisaria provar, não era? Eu lembro de algo assim. Meu pau também estava lembrando, a julgar pela forma como pareceu se contorcer com os meus pensamentos.

Diana enrolou-se e saiu do box, vindo na minha direção, e ia começar a se enxugar quando eu me aproximei, lentamente, meu pau armando uma barraca na frente da bermuda. Ela olhou, e sua língua apareceu, rápida, para lambe seu lábio superior.

— Você me permite?

— Claro.

— Vire-se — murmurei, e ela obedeceu, como eu sabia que ela faria. Peguei a toalha grande e branca e comecei a enxugar seus ombros, com lentidão, afastei seu cabelo molhado dos ombros e pescoço e os pus de lado, e então, plantei um beijo na lateral do seu pescoço bem em cima de onde estava escrito “rebelle fleur”. Mais do que nunca, eu sabia que Diana era uma “flor rebelde”, e isso me estimulou. Não me causava medo ou apreensão, só me instigava. Sentia-se estremecer de encontro ao meu corpo.

Estendi a mão e peguei o pacote, então, a virei para que nós dois estivéssemos de frente para o espelho que tomava toda a parede acima da pia. Deixei a toalha de lado, e ela ficou nua e parcialmente molhada de costas pra mim, nossa imagem refletida a nossa frente. Diana olhou para mim através do espelho, seus olhos lânguidos, e então, surpresos quando ela notou o pacote nas minhas mãos.

— O que é isso?

Eu estendi para ela.

— Abra.

Diana buscou meus olhos e eu não disse nada, apenas assenti com a cabeça para que ela fosse em frente. Ela começou a abrir o pequeno pacote dourado, e eu nem por um momento tirei os olhos do seu rosto. Bom, na verdade eu também estava olhando para os seus seios com os mamilos empinados, o piercing duro e brilhante se destacando na maciez da sua carne arredondada. Na mesma hora me veio a ideia de que aquele aço poderia ser substituído por uma joia. Não poderia?

Ela tinha aberto o pacote, e dentro havia uma caixinha vermelha com letras douradas. Eu percebi o momento em que Diana engoliu em seco e buscou novamente os meus olhos pelo espelho antes de abrir a caixa com um clique. Eu sabia o que ela iria encontrar, por isso fiquei prestando atenção nela. Seus lábios se entreabriram, e ela piscou.

— Nossa... isso é, é lindo, Diego — Diana murmurou, felizmente, pensei, agradavelmente surpresa com o que viu.

— Pegue. É seu.

— Você só decidiu me presentear assim... eu não sei nem o que dizer, na verdade...

— Não diga nada. Na verdade, me diga se gostou. É só isso que eu preciso saber.

Ela sorriu, tão amplamente e de uma forma tão livre que eu não resisti e dei outro beijo em seu pescoço. Ela estava quase tímida em receber um presente

meu? Aquela mulher atrevida que no dia anterior queria me enforcar com a minha própria gravata? Escondi meu sorriso em seu pescoço.

— Seu eu gostei? Meu Deus, é lindo. Eu amei, Diego. É perfeito.

— Deixe-me pôr em você — Pedi e ela retirou delicadamente o colar de ouro com um pingente de esmeralda em forma de gota de dentro da caixinha, segurando-o pendurado a sua frente, admirando-o. Enquanto isso, eu admirava seu rosto, seu sorriso. Era perfeito, sim. Ela era perfeita, na verdade.

Segurei o colar e o trouxe para a frente, então, envolvi em volta do seu pescoço e fechei. Não era muito comprido, e ficava um pouco acima do vale entre seus seios. Na verdade, era muito parecido com o que a minha mãe usava, a pedra, apenas, era outra.

Diana me olhou agora, intensamente, segurando a pedra verde e brilhante entre os dedos, e eu fiquei momentaneamente agitado. Quando eu pensei naquele momento, várias coisas se passaram pela minha cabeça, todas girando em torno de presenteá-la, de vê-la feliz, mas aquele clima que parecia nos envolver não estava nos meus planos, e me deu uma balançada. Respirei fundo e toquei seus dedos por cima da pedra com os meus.

— Sabe por que eu escolhi uma esmeralda pra você?

— Não...

— Porque ela é uma pedra que se conecta a personalidade de pessoas fortes, ousadas, que não tem medo da vida, e que sempre buscam o prazer. Por isso. Eu pensei que combinaria com você.

Nós estávamos nos falando e nossos olhos estavam conectados através do espelho a nossa frente.

— E você acha que eu sou assim?

— Eu tenho certeza de que você é assim — retruquei e a peguei pela cintura e a virei pra mim admirando aquele colar e a forma como o brilho parecia ficar ainda mais bonito em contraste com a pele dela. Era a primeira vez que eu escolhia uma joia levando isso em conta. Na hora, a vendedora me perguntou o que eu queria, e pela primeira vez eu pensei não na joia, mas verdadeiramente na mulher que a receberia. Eu queria algo que ela lembrasse de mim, porque eu tinha escolhido especialmente para ela. Não serviria para nenhuma outra pessoa.

Sem demorar mais, segurei seu rosto entre as mãos e a beijei, e Diana retribuiu avidamente a minha investida, enquanto nossas bocas se uniam, nossos dentes se chocavam por um instante, nossos lábios e línguas deslizando um em volta do outro, como se tivessem passado anos da última vez que eu a beijei assim.

— Eu quero você... — sussurrei quase em desespero enquanto a

levantava. Diana saiu do meu beijo para respirar e me segurou pelos cabelos.

— Também quero você. Muito. Muito... — ela disse e gemeu quando eu mordi seu ombro, arranhando-a com meus dentes, enquanto ela cruzava as pernas nas minhas costas. Fui saindo do banheiro com ela suspensa em mim, e nossos beijos alucinados continuavam, minhas mordidas em sua pele arrancando gemidos de prazer.

Joguei-a sobre a cama e logo a segui enquanto tirava minha bermuda, liberando completamente meu pau rígido e quase dolorido de tesão. Diana fez menção de me puxar, mas eu a virei na cama de surpresa deixando-a de costas. Ela ofegou e olhou para trás por cima do ombro, seus olhos ligeiramente arregalados.

— Diego... o que diabos você...

— O que a sua bunda é?

— O quê? O que você está falando?

— Eu disse que ela era deliciosa, e o que foi que você disse?

Diana sorriu, mas parecia dividida entre o medo e o tesão, mordendo o lábio. Eu apalpei sua bunda, enterrando meus dedos na carne dela, firme. Ela gemeu.

— Que você nunca tinha prov...

Ela não terminou porque eu usei a palma da mão aberta e bati no globo carnudo, rápido.

— Ai... meu Deus. Diego, olha aqui, não pense em...

Outra palmada, do outro lado, rápida e forte, e então, peguei seu cabelo molhado e enrolei na minha mão, puxando enquanto amassava sua bunda, de um lado, e depois do outro. Diana resmungou um palavrão.

— Não pense em quê? Em que você não quer que eu pense? Em comer essa sua bunda que eu tenho certeza que é tão deliciosa quanto essa sua boceta molhada e perfeita? — Me curvei para falar mais perto dela. Eu estava de joelhos, com o corpo de Diana entre as minhas pernas, meu pau duro e pulsante, quente, muito próximo da sua bunda. A vista era maravilhosa. — Que eu não pense em enfiar meu pau nela e sentir você gozar comigo aqui, todo enterrado em você, ouvindo você gemer, rebolar, e gritar enquanto eu faço isso?

— Diego, oh meu Deus... ai caralho...

— É isso que você não quer que eu pense? Me diz!

Voltei e segurei meu pau pela base, passando a movê-lo entre às bandas da bunda de Diana. Senti o suor brotar na minha testa, e minha respiração acelerar. Estava enlouquecendo, isso sim.

— Eu quero, quero sim... mas espera — ela disse, ofegante, se contorcendo, mas eu parei. Eu estava pensando naquilo o tempo todo ontem

quando voltava do jantar e depois quando dormi ao seu lado. Cerrei os meus dentes me obrigando a lidar com a resposta da pergunta que eu faria. Não seja um imbecil, eu me ordenei, mas meu peito estava rugindo, de qualquer forma. Me curvei sobre ela, tomando cuidado para não esmagá-la com meu peso e lambi suas costas.

— Me diz, Diana... você já teve sexo assim? Alguém já... — Ah, porra do inferno. Pensar em sexo anal com Diana estava fazendo o meu cérebro entrar em curto circuito, mas o meu lado de homem das cavernas, aquele lado imbecil, eu sei, estava gritando dentro de mim, se revoltando com a ideia de ela já ter tido antes de mim. O que era uma completa idiotice, mas eu ia fingir que não estava pensando nisso?

Ela virou a cabeça e me olhou.

— É isso que eu quero te dizer, eu tive, mais ou menos...

Meu corpo ficou tenso, e eu parei o movimento de lambar seu pescoço. Que caralho era mais ou menos?

— Mais ou menos? Me explica essa porra.

Diana bufou e se moveu de baixo de mim, e ficamos de lado, um de frente para o outro. Ela levantou as sobrancelhas pra mim.

— Mais ou menos, Diego. Eu tentei... quer dizer, o...

— Não quero saber o nome.

— Que nome?

— Desse cara — grunhi, puto da vida, de repente.

— Ai, como você é ridículo. — ela deu uma risada — Eu por acaso estou perguntando se você já comeu algum por aí?

Eu franzi a testa e ela pôs a mão na minha boca me calando antes que eu respondesse.

— Eu não estou perguntando, entendeu? Não estou. Então não diga.

— O que significa mais ou menos? Sim ou não? — rosnei, impaciente.

— Eu tentei... mas não deu muito certo. Não completamente, você entende? Foi uma tentativa... Mas não deu certo. Eu estava te provocando porque eu quero, com você eu quero tudo, Diego. Mas vá devagar, não é assim como Deus fez o macaco não, tá?

Eu não devia sorrir em uma hora dessas, mas não resisti. Quem era o imbecil que tinha tentando e não tinha dado certo com uma mulher daquelas? Eu não queria saber, nem queria pensar naquilo, estava ridiculamente aliviado, isso sim.

Mudei-a de posição e a deixei de costas para mim, levantando a sua perna e levando a minha mão a sua boceta, que estava úmida e quente. Enfiei dois dedos, devagar, mas firmemente, e Diana gemeu baixinho me fazendo

grunhir. Eu rangi os dentes de desespero, mas se queria concluir o que o imbecil inexistente não tinha conseguido, eu tinha que ter paciência. Falei no seu ouvido:

— Vamos devagar — prometi, espalhando a sua umidade, fazendo círculos lentos em seu clitóris. Diana se retorceu, massageando os seios. Eu disse um palavrão, toda a minha resistência posta à prova para simplesmente não afundar nela. — Você vai relaxar e eu vou pôr os meus dedos para que você se acostume. Tudo bem?

— E desde quando dedo é pau, Diego? Tem uma diferença enorme aí, não?

— Enorme?

— Convencido.

— Relaxa, Diana. Fica tranquila, não precisa ser agora, nem hoje. Só se concentre nas sensações. Sinta meus dedos em você.

Ela gemeu em resposta e eu passei a movimentar mais rápido, mais intensamente, sentindo-a cada vez mais úmida e inchada. Quando eu realmente fosse levar aquilo adiante, ia apresentar a Diana as maravilhas de um bom lubrificante, mas por hora, a sua própria lubrificação serviria. Fiquei daquela forma por um tempo, preparando-a pacientemente, ouvindo seus gemidos quase desesperados.

Espalhei a sua umidade, retirando os meus dedos do seu calor molhado e tocando-a delicadamente. Ela ficou um pouco tensa, e eu mordi e lambi sua orelha. Espalhei beijos úmidos por sua mandíbula.

— Se toque, Diana. Quero que você se masturbe, se concentre nos seus dedos na sua boceta e nas sensações dos meus aqui atrás... — grunhi, fazendo movimentos circulares enquanto ela começava a se masturbar. Puta que pariu, eu ia explodir. Diana gemia, já muito excitada, e eu enfiei um dedo bem devagar nela, sentindo quando ela apertou meu dedo em ligeira tensão. O caralho era que aquilo era um sinal de tensão, mas era a porra de uma delícia também, aquele aperto era pra morrer de tesão, simplesmente. Sentia-a apertar meu dedo, e passei a lamber e morder seu pescoço, quase delirando em imaginar aquilo no meu pau. Puta que pariu.

— Relaxa, vai, enfia um dedo na boceta... isso. Eu vou enterrar o meu dedo nessa sua bunda agora, e você vai sentir como é gostoso. E eu vou começar a descobrir como ela é deliciosa.

— Devagar, sua mão não é pequena não, esses dedos então...

Eu sorri em seu cabelo.

— Concentre-se no seu prazer. Quando você sentir meu dedo, não ignore a dor, mas pensa que ela faz parte do prazer.

— Ahhh, Diego... meu Deus... vou gozar assim...

Quando senti que ela estava menos tensa e seus músculos relaxaram em torno do meu dedo, enfiei mais, com cuidado, mas com firmeza, e cerrei os dentes em agonia. Eu estava me torturando também, mas valeria a pena.

— Goza e sente como meu dedo está preenchendo você. Vai... sente, relaxa...

Depois de uns segundos, Diana passou a convulsionar em torno de mim quando gozou, seu próprio dedo enfiado na boceta e o meu dedo todo dentro dela, e eu mordi seu pescoço, notando como seu orgasmo foi intenso, seus gemidos e gritos ecoando pelo quarto e me deixando alucinado. Era só o meu dedo, pensei, beijando-a no ombro quando ela voltou à terra. Em breve, eu mostraria a ela que com meu pau ali, seria muito melhor. Para nós dois, é claro.

Capítulo 27

UMA PROVOCADORA LINDA E IRRESISTÍVEL?

Diana 

Nós atrasamos o café da manhã naquele sábado digamos assim, e o almoço saiu um pouco mais tarde do que o costume também. Mas eu estava muito saciada, obrigada, com aquele torpor e aquela moleza no corpo típicos de um sexo muito bem-feito. Bem-feito? Por favor. Insano na verdade era a palavra certa. E se aquele homem já tinha de algum modo me marcado antes, anos atrás, agora eu tinha a impressão de que ele tinha realmente me arruinado para qualquer outro no futuro. Se fosse existir outro... O que aquilo significava? Algo muito importante, mas eu não ia ficar matutando isso. Não agora.

E minha nossa, quando eu lembrava de Diego e aquele dedo gostoso do caralho em mim, sentia palpitações em todo canto e até os meus mamilos ficavam duros. Tinha sido uma ótima forma de me dar continuidade, digamos assim, ainda que eu nunca tivesse levado até o fim. Eu tinha sido sincera quando disse que minha experiência com anal era "mais ou menos". E era mesmo.

Eu tinha tentado com o idiota que tinha sido meu namorado e depois disse que queria uma dama como esposa. Mas apesar da minha disponibilidade, ele não tinha ido até o fim, só começado, com aquele velho papo da "cabecinha". Rolei os olhos. Mas tinha sido tudo tão horrível que eu preferi não continuar e nem tentar de novo, então, realmente, eu não tinha tido a experiência em sua plenitude, não completa, mas com Diego eu queria, e olha, eu era uma mulher corajosa, porque ele era grande. E grosso. E delicioso. E grande. Eu já tinha dito grande e delicioso? Se não, só *pra* lembrar, ele era mesmo.

No entanto, uma outra coisa também não me saía da cabeça enquanto eu estava ali na cozinha: aquele colar que eu estava tocando quase distraidamente, delicado, elegante, e ao mesmo tempo tão doce. Eu nunca tinha ganhado algo assim, claro que eu imaginava que não devia ser baratinho, era uma esmeralda, pelo amor de Deus, mas não era disso que eu estava falando. O gesto em si me deixou comovida, estremecida, exposta, ousou dizer, mais impactada com isso do que tudo que nós tínhamos feito na cama até agora. E no meu caso, uma conclusão daquela era um cataclismo da porra.

Eu não estava sendo boba, idiota, coração mole, coisas que eu mesma costumava me acusar quando algo saía dos limites do sexo e alcançava meus sentimentos. E isso, eu tinha que dizer, talvez não tivesse acontecido muito na

vida, alguém alcançar o meu coração.

Tá ok, talvez nunca. Eu tinha estado em relacionamentos, casos, gostei de alguns deles, claro, *me envolvi* com um, mas aquela paixão arrasadora, o amor louco que as pessoas às vezes falavam, que se via nos livros, nos filmes, aquilo eu sempre tinha descartado como ilusão de quem confundia sexo com amor.

E agora Diego vinha, *me presenteava* com algo que ele havia comprado pensando em mim, não só na minha aparência, como a maioria dos caras com que eu estive pareciam ter feito, mas ele tinha pensando em como eu era como pessoa por baixo daquela blindagem que eu conscientemente me impus ao longo dos anos, por vários motivos. Pus uma uva na boca, devagar. Eu precisava de James para desabafar. Como ele estaria? Tínhamos nos falado na boate, mas não era a mesma coisa. Precisava saber se ele estava bem, e precisava falar com ele.

— Mas eu tenho a impressão de que ela disse a mamãe que avisaria você não, era? Por favor, Marcos, a dona Esmeralda está te avisando há pelo menos um mês sobre a saída dela. — Ouvi a voz de Diego chegar até a mim na cozinha. Nós tínhamos pedido comida e eu resolvi organizar a mesa enquanto ele tinha ido ler alguns papéis. Já passava das 14h e a gente precisava realmente se alimentar mais, ou não conseguiríamos manter o pique que estávamos mantendo desde que acordamos, pensei, sorrindo.

Diego tinha entrado agora na cozinha, apenas em uma cueca preta, os cabelos ainda úmidos do nosso banho, e eu aprecie toda a beleza masculina e viril que era aquele homem andando daquela forma em casa, relaxado, seminu. Pus outra uva na boca e fiquei olhando *pra* ele. Eu nunca ia me acostumar com o quanto eu o achava lindo, e agora, junto com aquela constatação que eu já estava acostumada, vinha aquele calor no meu peito que estava me deixando sem ar. Senhor da misericórdia.

Ele parou e encostou-se na bancada de frente para mim, falando ao telefone com o irmão, mas me observando apenas de calcinha. Fazer o quê? Eu gostava de ficar assim em casa, sempre gostei, e não era nenhum sacrifício fazer isso com Diego andando *pra* cima e *pra* baixo de cueca também. Era o paraíso para ser sincera.

Ele deu um sorriso irônico.

— E Teo disse que ia falar com a senhora que trabalha com ele, não disse? — Diego continuou, e eu dispus as coisas para o nosso almoço concluindo com a salada que eu tinha feito. O olhar quente de Diego me deixou plenamente consciente do meu corpo, inclusive do fato de que ele não era mais da mesma forma que antes, mas o que eu via ali, desejo puro naquele olhar azul, aliado ao fato de que eu me sentia bem comigo mesma, apesar das mudanças, era um

afrodisíaco potente.

Fiz um gesto que estava tudo pronto e ele assentiu.

— Aguarda, ou então faz como eu e chama alguém uma vez por semana. Posso te passar o contato que a mamãe me deu. Mas se eu fosse você esperava a resposta de Teo. Ok, então, depois me avisa.

Ele sorriu para o que quer que o irmão tenha dito e veio em minha direção. Quando me alcançou, *me virou* de frente para ele e me deu um beijo na testa. Na testa. Minha nossa, aquele homem queria me matar? Qual era a dele? Quando eu achava que ele ia ser dominante e sexualmente explícito — ok, ele era, minha amiguinha meio ardendo ali embaixo que o diga — ele vinha e fazia aquelas coisas meigas. Diabos, eu estava fodida.

— Não seja um idiota, claro que eu não vou dizer isso *pra* você. Sim, pode ser. No seu apartamento? Não, aqui não, ainda... mas eu vou conversar com você. Ótimo. E não me faça revogar minha decisão de não socar você por ter a boca enorme.

Eu ouvi o irmão falar alguns palavrões e depois rir. E eu sorri para ele, minhas mãos em seu peito, amando aquela sensação dos pelos macios sob as pontas dos meus dedos. E tocando os bicos dos meus seios. Hummm...

— Certo, a gente se vê, Marcos.

Assim que ele desligou, pôs o celular sobre o balcão e então me puxou mais de encontro a ele abaixando a cabeça e encontrando a minha boca como se estivesse com sede e eu fosse um copo de água no deserto. Devolvi o beijo, passando os braços em volta do pescoço dele, e me envolvendo mais no calor delicioso do seu corpo, pensando que sim, ele queria me deixar doida com aquilo de meiguice e erotismo em doses iguais. Era de deixar as pernas bambas e a calcinha molhada tudo a um só tempo.

— Vamos almoçar? Falei com mamãe e ela e João estão chegando mais tarde apenas.

Eu sorri, pensando naquela mulher delicada e tão forte que a mãe de Diego parecia ser. Eu ainda temia de certa forma um confronto com ela? Sim, que tipo de pessoa eu seria se a opinião da mulher mais importante da vida dele não valesse algo para mim? Por isso, a cada vez que a encontrava e ela parecia não ter emitido ainda uma opinião sobre mim, eu ficava curiosa e intrigada.

Nós sentamos e passamos a nos servir em silêncio por um momento, até que eu levantei a cabeça, o garfo a meio caminho da boca, e Diego estava olhando para os meus seios. Para o seio com o piercing, para ser mais clara. Sorri e levei a comida à boca, aguardando, porque ele estava com aquelas linhas entre as sobrancelhas de quem estava pensando seriamente em algo.

— Quando você pôs esse piercing, Diana?

— Tem uns 3 anos já. Eu pus no mesmo dia em que fiz a tatuagem pequena no pé. Por quê?

Ele assentiu, sério. Então, cruzou os braços fortes sobre o amplo peito nu. Muito bem, ia chegar o dia em que eu não ia ficar assim tão distraída e babando pela beleza daquele homem, mas esse dia não era hoje, felizmente.

— Nada, só curiosidade. Você sabe que eu gostei.

Levantei uma sobrancelha.

— Mais do que gostou pelo visto. A próxima vez que você puxar isso aqui com os dentes, eu vou puxar as suas bolas *pra* ver se é bom.

Ele deu aquele sorriso discreto dele, como se estivesse envergonhado. Era fofo, mas ele não estava realmente com vergonha, só quem não conhecia ele que acreditava.

— Sério que eu te machuquei?

— Claro que não, eu estou brincando, seu bobo.

Diego sorriu para mim e eu sorri de volta, e ficamos em silêncio, até que ele respirou fundo e voltou a comer, mas então perguntou outra coisa:

— Quem fez as suas tatuagens mais recentes... foi a mesma pessoa que pôs o piercing?

— Sim. O PC Heinz, ele é um tatuador e também pôs o meu piercing.

Diego continuou mastigando, olhando para mim, sério, sem dizer nada. Ele tinha perguntado e agora não dizia nada? Se bem que aquele mastigar dele estava muito devagar e os olhos quase fechados. Eu evitei sorrir e abaixei a cabeça para espetar uns tomates.

— PC Heinz — ele repetiu em um resmungo quando eu pensei que ele não ia dizer mais nada. Eu não ia acrescentar que PC, Paulo César, era um cara barbudo de uns 2 metros, todo tatuado e cheio de piercings e alargadores que tinha feito todas as minhas últimas tatuagens, inclusive aquela com o nome de João e os pezinhos azuis. Ele também tinha feito a única tatuagem de James, no ombro direito. Eu também não ia falar que PC tinha 4 filhos e uma mulher pequena e linda que era a vida dele, que trabalhava ao seu lado no estúdio de tatuagem, e era ela quem auxiliava ele nesses procedimentos. Só se Diego perguntasse eu diria. Mas como ele não perguntou... Era porque não queria saber.

— Isso.

— Ok.

Mas aparentemente Diego não tinha terminando as perguntas. Apesar da cara amarrada, pôs os talheres de lado e me encarou.

— Quando você vai me mostrar as fotos que tirou na praia?

Fui pega de surpresa e tomei um gole do suco, pausadamente. Eu já tinha começado a trabalhar naquelas fotos aqueles dias, claro que iria mostrar a ele.

— Eu estou terminando, na verdade... posso te mostrar mais tarde, e queria saber se podia usar uma delas no meu portfólio, estou reorganizando o site e queria saber se você se importa.

— Claro que não, não me importo, apesar de que nunca fui muito fotogênico, espero que o seu talento tenha driblado isso.

Eu dei uma risadinha. Só podia ser piada, mas ele estava mesmo falando sério, notei.

— Não se preocupe, você vai gostar da que vou usar. E Diego, eu não vou pôr uma foto sua todo molhado e de calção na praia com João, tenho certeza de que os comentários serão mais sobre os modelos do que sobre a qualidade das fotos, então... eu vou saber usar uma legal sem ficar te expondo, *tá?*

Ele sorriu, então pareceu se concentrar em algo antes de voltar aos questionamentos. Estava sendo um dia interessante, de todo modo.

— Diana, como está o seu trabalho com a fotografia? Eu observei você na praia, você parecia bem à vontade, qual o problema em começar a priorizar isso?

Olhei para o meu prato com um suspiro profundo. Aquela parte de mim, ainda ali, aquela que queria manter as coisas para mim apenas, estava me dizendo para ser cautelosa. A outra, que estava ficando rapidamente encantada com ele, estava me dizendo para mandar a cautela às favas e seguir a correnteza. Eu encarei Diego e fui no meio termo. Quanto mais segura eu fosse ficando, mais eu passaria a dividir com ele, decidi.

— Eu estou priorizando. Já estou organizando tudo, pretendo dar um upgrade no site, depois renovar as fotos, e até o final desta semana já estará tudo ok...E eu já estarei pronta para pegar trabalhos.

— Você já tem algo em vista?

— Bom, não, mas o James ficou de ver com uns amigos que vão fazer um lançamento de uma marca de roupas, e há uma chance muito boa.

— *Me explica* uma coisa: você precisa desse trabalho na boate para pagar alguma dívida, é isso?

— Dívida? Claro que não. O que você não está entendendo é que o trabalho como freelancer ainda não é o suficiente para que eu não tenha outro emprego, Diego, entendeu?

Ele franziu os lábios e a testa daquele jeito que me dizia que ele achava que eu estava sendo teimosa. Não era teimosia no entanto.

— O que você precisa? É de um Studio?

Nossa, eu nem podia me surpreender, claro que era só juntar dois mais dois para chegar àquela conclusão. Eu não ia mentir *pra* ele, todavia. Eu mesma tinha proposto sinceridade ou nada.

— Isso, eu preciso de um Studio, é o que eu queria em São Paulo, e quero agora aqui. É o passaporte para a minha autonomia financeira e para a minha realização profissional.

Ele pareceu satisfeito com a minha admissão. Eu tinha revelado a ele algo que só James, mamãe e vovó sabiam. Pronto. Tinha jogado minha carta, vamos ver o que a vida botava na mesma a partir daqui.

— Então, está fora de cogitação eu lhe dar o dinheiro para isso agora, não é?

— Diego, por favor... a gente meio que já teve essa conversa.

Diego assentiu, então pôs os cotovelos sobre o balcão, *me dando* total atenção. Eu não queria me desentender com ele, mas não ia só pegar o dinheiro dele assim. Não ia.

— Entendo. Mas se você pode contar com a ajuda de James, e eu entendo perfeitamente, ótimo, pode receber a minha. Se eu tiver alguém que pode ajudar você a conseguir trabalho fotografando? Pelo menos isso você pode aceitar?

Mais um gole do meu vinho para que eu ganhasse tempo. Era só para organizar as minhas ideias. Eu sabia que Diego não gostava do meu trabalho na boate por puro ciúme e possessividade, tudo bem que ele também tinha preocupação com a minha segurança, eu não duvidava disso, tinha visto como ele era e estava convencida de que ele não estava mentindo quando dizia isso.

O desafio era fazer com que esse ciúme dele não me controlasse a ponto de eu ter que mudar as minhas decisões para agradá-lo, de me anular para deixá-lo satisfeito, feliz, seguro. Meu trabalho na boate estava sendo ruim de digerir? Com certeza, e esse oferecimento, eu não era ingênua, era tanto vontade de ajudar quanto a oportunidade de me deixar cada vez mais longe de lá.

Eu não estava lá apenas para provocá-lo, então, não podia simplesmente sair porque ele queria. E nem ele — sendo sincero ou não — queria que eu fizesse isso. A verdade era que aquele trabalho era uma oportunidade de guardar o dinheiro que eu precisava para o meu Studio. E aquilo era o meu sonho, mas também era a minha garantia. Eu não queria contar com a pensão que eu sabia que ele teria que dar a João, inclusive queria sugerir a ele que aplicasse em algum tipo de poupança tudo que fosse além das necessidades mais imediatas dele enquanto estivermos morando com ele. Por outro lado, o meu trabalho seria o meu porto seguro caso as coisas dessem erradas com Diego e eu precisasse ficar por minha conta, como eu sempre fiz com a ajuda de mamãe e vovó, claro.

Eu precisava ganhar o meu dinheiro, não queria me desfazer daquele último abrigo que eu tinha caso isso entre nós fosse para outro lugar que não o que eu queria, que eu estava começando a ansiar. No fim das contas, trabalhar à noite num bar em uma boate de luxo podia ser legal, mas eu não ia ficar ali *pra*

sempre, e o meu objetivo não era conseguir trabalho? Era, então não importava que viesse via Diego, contanto que o dinheiro entrasse estava ótimo.

— Se você puder fazer isso, eu te agradeço. Ouça o que eu vou te dizer: eu não vou recusar se você puder indicar alguém, é isso que eu quero, trabalho. Se vai ser com a sua ajuda, não tem problema, mas eu estou fazendo isso.

— Ótimo. Amo quando você resolve ser sensata.

Eu revirei os olhos e sorri, levantando a minha taça.

— Eu sempre sou sensata.

— Não, não é não.

— Tudo bem, mas eu tenho tentado. Mas tem uma coisa que eu sempre sou, sempre.

Ele levantou uma sobrancelha, curioso.

— Uma provocadora linda e irresistível?

E lá estava ele fazendo as pequenas borboletas no meu estômago entrarem em polvorosa de novo. Meu Jesus. Fui eu quem acabou de pensar essa coisa clichê e romântica? Limpei a minha garganta, e no automático peguei o pingente do meu colar, e os olhos dele foram rapidamente para lá.

— Esperta, Diego. Esperta. Eu agradeço a sua ajuda, não vou recusá-la, mas não pense que eu não sei que ela também é motivada por sua ideia fixa de me tirar da boate.

— Você quer ficar lá, de verdade?

— Não. Eu nunca disse que queria.

— Perfeito. Eu nunca escondi que prefiro você fora de lá também. — Ele piscou e estendeu a sua taça, e eu fiquei olhando para ele por um momento antes de estender a minha e tocar na dele.



Passava das 16h quando a mãe de Diego chegou com João. Eles entraram de mãos dadas e eu imediatamente vi que ambos estavam muito bem um com o outro. Isso era ótimo.

— Mamãe, eu fui ao shopping com a vovó Abigail e no Museu também, eu adorei o museu! — João Pedro informou assim que passou pela porta e me encontrou sentada trabalhando digitalmente com as fotos.

— Ora, que coisa legal, meu amor!

Eu tinha pensado muito sobre aquele dia com Diego e sobre o seu pedido de ver as fotos da praia. Havia aquelas que ele nunca tinha visto, as que eu tinha mostrado a João em São Paulo, e enquanto Diego estava em seu escritório

mexendo com uns papéis que ele precisaria para falar com o Breno, o advogado, eu resolvi mexer naquilo também.

E foi assim que eles me encontraram, na sala sentada no tapete no chão, o que eu adorava. Abri os braços e João se jogou em mim, e eu ri e o beijei e abracei apertado, percebendo que meu filhote estava crescendo muito rápido. Até outro dia ele estava um bebezinho, e agora entrava em casa me falando de museu? Quando abri os olhos, Abigail estava olhando para nós dois, e tinha deixado a bolsa dela de lado e sentado no sofá à nossa frente.

Ela tinha os cabelos louros em um coque alto agora, deve ter sido necessário para lidar com João depois que ele perdia a timidez, pensei, sorrindo discretamente.

— Olá, Diana.

— Oi, Abigail.

— Aí está o nosso príncipe, nós tivemos um dia e tanto. Meu Deus, eu admito meu erro, eu tinha esquecido como era, sim — ela sussurrou em minha direção e eu sorri enquanto beijava os cabelos de João. Abigail cruzou as pernas e nos observou atentamente mais uma vez. Aquele olhar dela era quase tão intenso quanto o de Diego, notei, mas fisicamente, eles não se pareciam em nada. Será que ele se parecia mais com o pai?

— Mas você se divertiu com a vovó não foi, João?

Ele fez que sim e sorriu.

— Sim, eu gostei do museu. Mamãe, a vovó sabe muita coisa dos quadros lá do museu, sabia?

— É? Que bom, espero que você tenha prestado atenção no que a vovó disse — brinquei com ele.

— Ele prestou, muita. Quando ele decide se concentrar, então... E Diego, onde está?

— Ele está mexendo em alguns papéis no escritório. Você quer...

— Não, não se incomode, Diana, por favor. João, vamos lá dar um beijo no papai? — Ela estendeu a mão e João Pedro foi, saltitante, e os dois sumiram na direção do escritório de Diego. Eu respirei fundo. Não estava tão tensa quanto no primeiro dia, mas aquela sensação ligeiramente incômoda em relação a mãe de Diego ainda estava lá. Algum dia seria melhor, eu esperava.

Eu ouvi de longe a voz dela e de João enquanto provavelmente contavam o dia, e voltei a me concentrar na página. Eu tinha ligado para James e ele realmente tinha conseguido que eu fizesse uma sessão de fotos em um lançamento que ele participaria. Não era algo muito grande, era uma festa à noite, mas já era um começo, até eu conseguir o que eu queria. Eu trabalharia hoje na boate, mas ainda tinha muito tempo até lá. James tinha novidades em

relação a história com Edu, mas não quis me dizer por telefone, quando eu prometi matá-lo ele disse que conversaria comigo a noite.

Eu estava, portanto, distraída nesses pensamentos quando senti que alguém estava sentando no sofá à minha frente e levantei a cabeça. Era Abigail com um copo de água nas mãos, sozinha agora.

— Os rapazes ficaram entretidos em uma conversa — ela disse com um sorriso amigável e bebeu um pouco da sua água enquanto me encarava. Eu pisquei, e respirei fundo, porque eu sabia que aquela era a hora da nossa conversa, finalmente. Como ela seria, como se desenrolaria, eu não podia saber, não conhecia a mãe de Diego o suficiente para isso, mas esperava sinceramente que a gente pudesse minimamente se entender.

Eu afastei o notebook e sentei no sofá, aguardando. Ela pôs o copo da mesa e cruzou as mãos sobre as pernas.

— Diana, por que você não contou ao meu filho que estava grávida? — ela perguntou calmamente, como se estivesse me perguntando o que eu tinha achado da cor dos tapetes. Bom, não se podia dizer que ela não era direta, e eu preferia assim também. Rodeios não eram para mim, nunca foram.

— Eu poderia dizer que era por ser imatura, o que eu realmente era, mas não foi só isso. Eu optei conscientemente por não dizer, por ter o meu filho sozinha, por não precisar de um homem que eu achava que realmente não queria um filho, não comigo pelo menos, ainda que eu não tivesse perguntado, e nem ele dito nada. Na minha cabeça, naquela época, era melhor se eu assumisse sozinha a ter que me sujeitar a ser a menina grávida do professor, aquela que ele teve que assumir porque era honrado, porque era o certo a fazer.

Ficamos nos encarando por um momento em silêncio, atentas uma à outra, até que eu retomei a fala com um suspiro cansado.

— Eu engravidei, sim, eu também estava lá e não era uma inocente, mas eu não queria isso. — Eu parei para tomar fôlego e Abigail permaneceu em silêncio olhando para mim. Aquilo era novo, alguém que se permitisse ouvir sem que se achasse no direito de dizer muito sobre a situação toda. — Nós não vivemos uma história de amor, Abigail, não era isso. Eu sei, não justifica, e assim como eu disse para Diego, digo a você agora: eu não espero que você me perdoe ou entenda, preferia que sim, mas posso entender... De todo modo, naquele momento eu preferi fazer o que eu achava que era o certo.

— E era? Era o certo?

— Não, não era. Eu estava errada, fui egoísta, foi estúpido, foi irresponsável, mas eu segui em frente, era a minha decisão, eu viveria com ela. Hoje eu percebo a cada dia... — Minha voz falhou um pouco, a emoção vindo à tona de uma vez e me surpreendendo, e eu mordi o lábio, depois retomei,

sentindo meu peito arder. — A cada dia que deveria ter feito diferente. Mas o passado não volta, eu estou tentando lidar com o fardo dessa decisão hoje.

— Eu não sou uma juíza do caráter ou das decisões de ninguém, Diana. Não se preocupe em lidar com termos como perdão comigo, a questão não é essa, isso é algo entre você e Diego. Eu só quero entender isso tudo, se for possível.

— Os meus motivos?

— Não! — Olhei para ela desconfiada. — Os seus motivos estão muito claros para mim. Eu quero entender como você chegou a eles, como decidiu que eles eram razoáveis e que faziam sentido *pra* você.

Eu fiz que sim, mas não podia dizer que estava cem por cento certa do que ela estava querendo. Aquela mulher parecia seguir uma linha de raciocínio diferente, que me deixava sempre um pouco intrigada sobre os reais motivos da pergunta dela.

Abigail finalmente afastou o olhar do meu, e ainda em silêncio ficou observando as próprias mãos, e eu esperei, minha respiração acelerada e a emoção à flor da minha pele. Eu tinha dito as mesmas coisas para Diego, mas de alguma forma, era diferente. Eu estava falando com a mãe dele, a avó do meu filho, uma mãe em suma. Ela voltou a me olhar, seus olhos verdes e intensos fixos em mim de uma forma que me prendia.

— Na época em que você engravidou, o que Diego disse a você?

Eu parei, surpresa pela pergunta mais uma vez. Depois de tudo o que eu tinha dito a ela, era isso que ela estava me perguntando? Eu fiquei meio perdida com a intenção do questionamento, e isso era raro de acontecer, mas resolvi fazer o que eu já estava fazendo e ver aonde aquilo ia chegar.

— Nós estávamos cientes de que eu poderia engravidar, então, quando eu fui para São Paulo Diego me ligou, *me perguntou* se eu achava que poderia estar grávida e me disse que assumiria a criança se eu estivesse. Eu sabia... sabia que ele assumiria, não duvidei disso. Mas de alguma forma, não sei, *me vi* indo na direção contrária. — Eu suspirei. — Mas, desculpe, Abigail, eu pensei que Diego já tivesse dito isso a você.

Ela deu um sorriso triste e encolheu um ombro.

— Sim, ele disse, mas eu queria ouvir de você.

Eu assenti.

— Então, Diego fez o que era certo e ligou para você quando você saiu do Rio. Te disse que arcaria com às consequências do que vocês tinham feito, certo?

— Sim, ele fez exatamente isso.

Onde ela queria chegar com aquela linha de pensamento?

— Claro que sim, é o Diego, eu sei como o meu filho pensa, apesar de ele achar que não.

Eu não tinha o que dizer sobre aquilo e fiquei calada.

— Em algum momento, nesses anos, você pensou em procurá-lo e dizer que vocês tinham um filho?

— Eu pensei, em vários momentos, mas nunca cheguei realmente a pegar o telefone, por exemplo. Cada vez que eu pensava sobre isso, eu pensava que já tinha ido até ali, que não tinha dito antes... E desistia. Era sempre assim.

— Entendo. E quando João começou a perguntar pelo pai por causa das fotos que você mostrava... — ela começou e eu esperei que ela continuasse. Diego tinha dito a ela, claro, ou o próprio João tinha contado coisas para a avó, pensei agora. Eu me vi um pouco envergonhada, como sempre, quando aquelas fotos vinham à tona. Não porque eu achava que eram erradas, ou eu me arrependia delas, mas porque eu tinha feito aquilo, na verdade, antes de João Pedro nascer, e só depois eu fui mostrando a ele, à medida que o tempo foi passando...

— Aí então, eu fui percebendo que precisava lidar com aquilo de verdade. Já não era o suficiente que ele soubesse que tinha um pai, ele precisava vê-lo de verdade, e eu devia isso a ele. Já estava devendo há muito tempo: aos dois, a João e a Diego.

Abigail mais uma vez fez um gesto de assentimento.

— Diana, eu não sei se é apropriado, mas queria deixar claro que o meu filho me contou sobre o que aconteceu com a sua mãe. Esse foi o real motivo de você ter ido embora? Você não iria se aquilo não tivesse acontecido? Mas por favor, se você não quiser tocar nesse assunto, eu...

— Não, tudo bem. Ainda é algo difícil, aquela noite foi um pesadelo e os dias depois dele também, mas não tem problema. — Eu fiz um coque nos meus cabelos antes de me acomodar melhor no sofá e voltar a encará-la. Ela estendeu a mão em um gesto como se fosse me interromper.

— Espere, inicialmente, Diana, eu não quero dar a impressão de que isso é algum tipo de interrogatório, por favor. É uma conversa, o fato de eu ter muitas perguntas talvez esteja dando esse tom inquisitório, mas não se sinta de algum modo coagida a ter que me responder.

— Não se preocupe, está tudo bem. Eu não posso negar que esta conversa seja algo que eu já esperava, e não, eu não estou me sentindo coagida, Abigail, fique tranquila.

— Muito bem, então.

— Quanto à minha mãe, sim, nós já tínhamos planos de ir embora, e eu iria com ela. Mas não tão rápido, não daquela forma, o que aconteceu naquela

noite só precipitou tudo.

— Eu imagino.... Um horror, claro, ainda bem que ele pagou pelo que fez.

— Sim, ele foi preso, mas logo depois por algum tipo de artifício, ele acabou sendo solto, o que não nos surpreendeu. Meu padrasto nos disse na época.

— Mas depois ele acabou voltando para a cadeia. Diego não disse isso a você?

Surpreendida, eu franzi o cenho.

— Mas não pelo caso da minha mãe, não é?

Abigail deu de ombros.

— Acho que não. Mas Diego deve saber o motivo, não é? Pergunte a ele.

Que diabos ela queria dizer com aquilo? Mas eu não perguntei. Como ela disse, só Diego poderia me dizer do que ela estava falando.

— Diana, eu vou te fazer uma pergunta e quero que você pense bem sobre ela antes de me dar a sua resposta. Mas mais uma vez, se você não estiver à vontade, não precisa responder.

Oh céus. Aquela mulher devia ser um tipo de detetive, não era?

— Tudo bem, pode perguntar.

— Se você tivesse ficado... se nada daquilo tivesse acontecido com a sua mãe, se depois do que aconteceu entre vocês, você descobrisse aqui no Rio que estava grávida... você teria contado?

Eu franzi as sobrancelhas juntas, e pensei sobre isso. Eu mesma já tinha me perguntado aquilo muitas, muitas vezes. Eu repassava aquilo na minha mente e sempre chegava aquela conclusão, aquela mesma que eu iria dizer a ela, mesmo que não fizesse nenhum sentido.

— Eu teria contado, não sei exatamente o que poderia ser diferente, não sei se... eu não sei, e me pergunto isso. Não que eu ache que nós teríamos vivido um relacionamento, mas depois de muito pensar, eu cheguei à conclusão de que eu teria dito se tivesse ficado aqui.

Abigail pareceu pensar sobre a minha resposta, e então cruzou as pernas para o outro lado, lentamente.

— Diana, eu já te disse, não estou aqui para te julgar, mas claro, tenho a minha opinião sobre essa história. Eu queria ter visto o meu neto nascer, eu queria ter podido estar com ele todos esses anos, eu queria ter visto cada fase, cada detalhe da vida dele... ter buscado essas coisas que eu busquei hoje, sabe? Você sabe o que eu busquei hoje?

Eu fiz que não.

— Eu busquei o meu filho nele nessa idade, e ao mesmo tempo, eu vi

que ele é um menino diferente, com a sua própria personalidade que é realmente intrigante. Muito, muito singular. Eu passei o dia refletindo sobre isso, e cada vez que eu pensava, eu chegava a conclusão de que, que droga, eu deveria ter visto muito mais disso, ele deveria ter estado aqui desde o início, eu deveria ter estado mais perto dele desde que ele nasceu.

Seus olhos verdes brilharam *pra* mim e eu pude ver que ela estava emocionada, como no dia em que conheceu João Pedro. Eu não consegui desviar os meus olhos dos dela, e senti os meus próprios queimarem, e a minha garganta apertar.

— E não estive, sabe por quê? — ela disse, baixo. — Porque você cometeu um erro.

Engoli em seco, mas ainda assim não desviei o olhar do dela. Quando uma lágrima deslizou pelo rosto dela, Abigail a pegou com a ponta dos dedos quase ao mesmo tempo em que eu sentia os meus olhos arderem e a minhas próprias lágrimas descenderem. Mas eu me mantive quieta, imóvel, sem parar de olhar para a mãe de Diego. Então ela sorriu, e eu pisquei em meio às lágrimas, um pouco confusa.

— Você cometeu um erro, Diana. É por isso que eu tive um dia maravilhoso com o meu neto hoje, aqui, agora. Por causa desse erro, eu não estive presente quando ele nasceu porque você não estava aqui. Eu não brinquei com ele porque você não estava aqui, e logo, ele não estava. Mas ouça uma coisa, menina: quem me garante que as coisas teriam sido essa maravilha que a gente está pintando se você estivesse aqui? Seria melhor? Talvez, mas não sei. Talvez vocês fossem o casal mais feliz do mundo, e eu teria o meu neto comigo quase todos os dias. Ou talvez vocês mal se vissem, Diego teria o filho aos finais de semana, você no outro... talvez vocês brigassem, talvez se odiassem, fossem pessoas amargas porque não deu certo, e talvez isso tudo refletisse em quem João é hoje. Eu não teria hoje, aqui, essa criança linda, meiga, doce, que cresceu longe do pai dele mas que fala com tanto amor, que tem tanta admiração, como eu não vejo em muitas crianças com seus pais em casa, todos os dias.

— Abigail, eu...

— Eu não estou dizendo que foi o certo. Não foi justo com Diego, com João Pedro. Mas é isso que são decisões na vida, erros são assim, e se você tivesse tomado a decisão considerada certa, talvez nada do que vocês estão vivendo agora se realizasse. Escuta, Diana: você cometeu um erro, um erro terrível, que afetou a vida do meu filho, a sua, a do seu próprio filho, de todo mundo. Mas é o peso desse erro é um fardo muito grande para carregar sozinha, você não acha? Por que você se arroga isso, por que você acha que está sendo forte ao levantar o queixo e dizer que você errou e vai arcar com isso sozinha?

Não! Você errou, sim, mas que diabos, todo mundo erra. Erros grandes, pequenos, erros com consequências terríveis, erros que não tem tantas consequências assim. Erros, no fim. Não faça isso consigo mesma, você é muito jovem para esse peso todo. Nós erramos, todas nós, o tempo todo, e já temos juízes demais no mundo para que a gente decida aplicar as nossas próprias penas e viver curvadas sobre o peso delas. Penas pesadas demais, que nos matam em vida diariamente.

Eu cobri a minha boca e soluzei. Não tinha percebido que estava chorando tanto até que ela levantou de onde estava e veio para o meu lado, *me segurando* pelos ombros e me abraçando. Eu estava chorando copiosamente, sem fôlego, sentindo aquele peso que ela estava dizendo, todo ele, tentar me quebrar, mas o choro era principalmente porque eu não esperava ouvir nada daquilo. *Me pegou* desprevenida e me tirou do eixo, *me jogou* na contramão do que mais uma vez eu esperava. E me estilhaçou, *me deixando* em prantos.

— Ei, não deixa esse erro nortear toda a sua vida, moça. Observe que esse peso é sempre maior sobre nós, quando somos perfeitas e doces, e se não somos? Aí, meu amor, o julgamento é muito pior, acredite, mais intransigente ainda. O mundo está cheio de pessoas que pensam que são perfeitas prontas para apontar o erro dos outros: os nossos erros, os femininos, principalmente. — Ela passou ambas as mãos nos meus ombros e eu não conseguia parar de chorar. Limpei o rosto tentando me acalmar e Abigail continuou quase sussurrando para mim. — Você já vai ter juízes o suficiente te dizendo que você errou e fez algo terrível. Conviva com isso, levante a cabeça, admita mesmo, mas não deixe que um julgamento muito duro que você mesma está se impondo te impeça de ver que ainda tem muito tempo. Vocês estão aqui, mude o jogo agora, com as peças que você tem à mão, não deixe o peso do passado esmagar você.

Eu respirei fundo e tentei falar, mas não consegui. E Abigail ainda não tinha terminado.

— Só quem tem muita coragem e toma as rédeas da própria vida às vezes comete esse tipo de erro, Diana. Não estou justificando nada do que você fez, só estou te dizendo que você não vai ter em mim a mulher perfeita, rica, maravilhosa, que nunca errou, indignada porque uma menina resolveu tomar uma decisão precipitada sobre o próprio destino. Essa não sou eu.

— Eu não sei... obrigada por isso, eu...

— Não agradeça. — Ela tocou o meu queixo e levantou-o para que eu olhasse para ela. Como eu poderia dizer que ela não parecia com Diego? Era mais do que a aparência física, era aquela forma de atravessar a alma da pessoa quando olhava fixamente assim. — Eu agradeço por ter o meu neto aqui, por não ter uma criança amarga que poderia ser o alvo das suas frustrações, dos seus

erros, de um possível rancor em relação a vida. Mas pelo contrário, João é maravilhoso, bom... Quantas vezes alguém já te disse isso, que você é uma ótima mãe?

Mordi meu lábio e balancei a cabeça.

— Você fez um trabalho maravilhoso como mãe. É isso que importa no final. A mulher, Diana, errou, mas a mãe está tentando ser melhor todos os dias, não é?

Ela ia me fazer chorar de novo, e eu suspirei, e sorri em meio as novas e inevitáveis lágrimas.

— Sim, era o mínimo que eu poderia...

Ela apertou os meus ombros de leve e fez uma cara zangada. Sim, havia mesmo muito de Diego ali, concluí.

— Não faça isso. Não venha com essa história de "eu deveria". Você fez porque você foi e é uma boa mãe, não é só porque você errou. Tem muita gente que erra, todos os dias, homens e mulheres, e nem por isso essa percepção os torna bons pais ou mães, entendeu?

Eu assenti e enxuguei o meu rosto. Abigail deu um sorriso meio torto e olhou para as imensas janelas como se estivesse longe por um momento.

— Eu vou te contar uma coisa, Diana, e isso talvez possa chocar você.

Será mesmo que eu ainda poderia ser mais surpreendida do que já estava sendo até agora? Olhei para ela que voltou a me encarar.

— Eu achava que liberdade, que a vida plena, sem amarras, sem limites, era o melhor *pra* mim, e por pouco tempo isso incluía não ter filhos. Você acredita nisso? — Ela sorriu de lado, eu ergui as sobrancelhas boquiaberta. — Você consegue me imaginar sem meus filhos, sem meu neto agora? Não, não é? Eu nunca disse isso a nenhum dos meus filhos, estou dizendo a você agora. Eu quase cometi um erro terrível porque achava que sabia tudo, mas descobri que tudo que eu queria era exatamente o que eu desdenhava, e ia deixar passar por pura teimosia e rebeldia. Então, agarre a sua chance agora, quem sabe não era *pra* ser agora e não antes?

Eu mal conseguia assimilar o que ela estava me dizendo e nada do que aquela mulher aparentemente perfeita à minha frente parecia combinar com o que ela tinha me dito. Então, novamente ela me surpreendeu ao pegar o meu colar delicadamente e olhar para ele com um sorriso.

— Bonito colar. Esmeralda. Presente de Diego?

— Sim, foi um presente dele — murmurei. Ela sorriu.

— Às vezes, a gente precisa esperar por alguns sinais antes de tomar as nossas decisões. Fique atenta aos seus sinais, Diana.

Eu tomei uma longa respiração, encarando-a, e sabia porque Diego era

tão maravilhoso, ninguém criado por aquela mulher poderia ser menos que isso.

Capítulo 28

ELA DISSE QUE MEU PAI É GOSTOSO

Diego 

Naquela noite eu e Diana dormimos juntos na nossa cama com João Pedro entre nós. Não conversamos depois que mamãe saiu, e ela teve que ir trabalhar depois, mas percebi que ela estava muito quieta e pensativa. Talvez ela achasse que eu estivesse dormindo quando ela chegou, quando silenciosamente saiu do banheiro e depois deitou ao meu lado e de João — que eu apenas deixei dormir lá comigo dessa vez — e depois de dar um beijo nele, ela passou os dedos de leve pelo meu queixo e bochecha, muito delicadamente, quase não tocando. Senti a minha pele se arrepiar e incendiar com o seu toque.

Segundos depois, Diana respirou profundamente e então ficou quieta, a respiração ficando mais lenta e pausada, e ela adormeceu. A minha curiosidade sobre o que exatamente ela tinha conversado com a minha mãe só aumentou, mas eu saberia de qualquer jeito. Mas ainda demorei a adormecer.

Sabia que conversa com a minha mãe tinha envolvido muito choro, a julgar pelo rosto das duas quando finalmente elas apareceram juntas no escritório. Eu levei um susto da porra imaginando que algo muito ruim tinha acontecido, principalmente por ver os olhos de Diana inchados e toda a indicação de que ela estava chorando... mas o sorriso que a minha mãe deu foi toda a confirmação que eu precisava de que estava tudo bem. Eu confiava em dona Abigail, mesmo que ela pudesse estar com raiva por algo, eu confiava nela, e foi isso que eu fiz quando ela pediu privacidade para falar com Diana.

Eu não poderia, no entanto, dizer que não tivesse ficado extremamente aliviado. Aquilo era algo que me perturbava, a maneira como a minha mãe reagiria, ainda que no fundo eu tivesse certeza de que mamãe seria coerente com aquela situação toda, ela tinha mostrado isso desde o início.

No dia seguinte, Diana e João ainda estavam na cama quando eu liguei para mamãe.

— *Ora, bom dia, Diego.*

Eu terminei de engolir a minha água e sorri do tom alegre dela, recostando-me na ilha da cozinha. Só mamãe mesmo para estar superanimada e disposta em um domingo pela manhã antes das 8h.

— Bom dia, mãe. Como você está? Desculpe, eu pretendia ligar mais tarde e acabei esquecendo.

— *Bobagem, eu e seu pai estamos acordados desde cedo, vamos passar o dia em Mangaratiba com Iza e umas amigas dela. Daqui a pouco estaremos de saída. E você, filho, dormiu bem?*

— Sim, dormi.

— *Hum... e tudo bem por aí?* — Eu imaginei que papai estava por perto, acho que inclusive podia ouvir o seu resmungo sobre algo que não estava achando, no momento. De qualquer forma, eu não estava esperando falar nada que remetesse à conversa anterior entre ela e Diana, pelo menos não agora.

— Está tudo tranquilo aqui, sim.

— *Ah, que ótimo.*

— Eu quero que você me envie o contato daquela design que recentemente você trouxe aqui, acho que era Denise o nome dela, não era? Eu preciso que o primeiro quarto de hóspedes seja todo reformulado para o João.

— *Claro, inclusive quero mesmo falar com ela para fazer algo semelhante aqui em casa. E talvez em Mangaratiba também, o que você acha?*

— Um quarto para o João?

— *Sim, isso mesmo.*

Eu sorri, e então ouvi a voz de papai novamente ao lado dizendo algo que me pareceu como “reformas novamente, querida?”. E deve ter sido, pela resposta que ela audivelmente deu a ele, com uma breve risada.

— *Reforma sempre, meu amor. Mas deixe que eu cuido disso. Então, Diego, vai fazer algo especial hoje?*

A insinuação estava lá presente na voz dela e eu só pude sorrir, saindo da cozinha e indo para um banho merecido.

— Nada muito especial. Encontro no apartamento de Marcos com os caras à tarde. Por falar nisso, acho que preciso de contatos de agências de babás, mãe. Vê isso para mim?

— *Fique tranquilo, acho que as meninas aqui têm uma contatos bons. Eu aviso você.*

— Ótimo, eu aguardo. Diga a Iza que ligo pra ela mais tarde.

— *Você sabe que ela vai querer ir ao seu apartamento, não sabe?*

— Eu vou estar no apartamento de Marcos, mãe. Ela vai lá?

A breve hesitação de dona Abigail me deixou atento. Mas ela soltou um bufo alto.

— *Acredito que não. Vocês não vão estar em um clube do Bolinha? Ela estará em um da Luluzinha hoje, mas ouvi ela dizendo que ia ao apartamento de Marcos esses dias. Eles marcaram algo eu acho.*

— Tudo bem, então, mãe. Depois eu falo com ela.

— *Ponha o meu neto neste telefone agora, Diego, por favor* — ela falou

baixinho e eu ri abrindo a porta do quarto devagar e Diana estava dormindo, vestida em um pijama formado por um shortinho e camiseta, de bruços, como ela sempre dormia, com a bunda *pra* cima. E para minha surpresa, João estava acordado, movimentando em uma brincadeira nas costas e na bunda dela dois bonecos pequenos, parecendo concentrado.. Eu sorri e fiz sinal para ele vir.

João saiu da cama rápido e Diana se mexeu, mas continuou dormindo como eu sabia que ela faria... Eu fiz sinal para ele fazer silêncio e o levei para fora do quarto enquanto ouvia minha mãe repetir o pedido.

— Calma, ele já está vindo. Só um instante, mãe. — Quando João pegou na minha mão eu entreguei o celular a ele que me olhava intrigado. — Pegue, você quer falar com a vovó Abigail?

Ele sorriu e pegou o celular com uma destreza invejável para mãozinhas tão pequenas, e ficou me olhando enquanto dizia:

— “Alou”?

Levei-o para a cozinha enquanto ele ouvia o que mamãe dizia e o sentei na ilha de mármore, observando aquela interação entre eles. João fez um “o” perfeito com os lábios, os olhos arregalados, e eu me perguntei o que diabos mamãe estava dizendo a ele.

— Vai demorar muito, vovó?

Hummmm. O que mamãe estava aprontando mesmo, me perguntei. João riu agora, e por um momento eu vi o meu iPhone deslizar da mão dele e se espatifar no chão, mas ele segurou de volta.

— Ela *tá* dormindo. *Tá* bom. Beijo, vovó.

Ele estendeu a mão e me passou o celular.

— E então, gostou de conversar com a vovó? — sondei, cruzando meus braços e olhando *pra* ele.

— Gostei. Ela disse que eu ia ganhar um quarto enorme e cheio de brinquedos na casa dela. Eu vou, Diego?

Eu não precisaria perguntar então. Aquele menino era ao mesmo tempo quieto e tinha a língua solta, o que me fez lembrar de Marcos sem a parte do quieto no caso dele. Baguncei ainda mais o cabelo dele.

— Se a vovó disse, pode apostar que você vai.

— E vai demorar?

— Não. Está mais perto do que nunca agora.

Ele só concordou, dessa vez parecendo satisfeito com a minha resposta. Menos mal. Eu não queria entrar em alguns detalhes com ele.

— Diego, você e a mamãe vão ter outro bebê? — João disparou e eu parei, surpreso. Eu tinha ouvido direito? E ainda bem que eu não estava bebendo água, por exemplo, porque o engasgo seria real. Fiquei olhando para João Pedro,

meio estupefato, e ele tinha aquela expressão pensativa, os olhos brilhantes e atentos, aguardando realmente uma resposta minha. Claro que ele estava. De onde ele tinha tirado isso? Será que... Não. Será?

— Bem, isso é... quer dizer. — Eu não acredito que eu me enrolei para responder a isso. Era algum tipo de conspiração, primeiro mamãe e agora João? Ou era tudo no fim das contas, mamãe? Limpei a garganta e cruzei os braços, tentando me manter sério. — Essas coisas a gente precisa pensar, entende por que... Mas você quer um irmãozinho?

Porque eu teria o maior prazer em encomendar, pensei, enquanto João balançava a cabeça e fazia que sim, um enorme sorriso no rosto.

— Eu quero!

Eu ri do entusiasmo dele e me curvei para falar mais perto e baixinho.

— Vamos pensar com carinho nisso, *tá* bom?

— *Tá* bom.

— Mas me diz uma coisa, João... essa vontade de ter um irmãozinho surgiu assim do nada? Hoje?

Ele fez um beicinho, encolheu os ombros e disse:

— Foi.

Senhor, claro que mamãe não teria nada a ver com isso. Eu não estava pensando uma coisa dessas. Respirei fundo.

— Ok, então. Vamos ver, *tá*? O papai vai ver o que pode fazer. — Eu sabia bem o que exatamente podia fazer, mas João não precisava saber disso agora.

— Promete?

Cristo, o projeto irmãozinho realmente tinha um adepto apoiador fervoroso. O que eu podia fazer a não ser prometer ao menino?

— Claro, mas a gente precisa saber a opinião de uma pessoa muito importante para que tudo dê certo.

— Mamãe?

— Isso mesmo.

— Ela quer um bebê. — Ele deu de ombros, como se estivesse tudo decidido.

— Ah, quer?

— É só a gente pedir *pra* ela e ela deixa.

Eu dei uma risada, e ele, sem entender, riu junto.

— Certo, muito simples assim. Mas quem sabe se a gente pedir com jeitinho ela não deixa?

— Ela deixa! Eu queria um cachorrinho e ela deixou, lá na casa da vovó Bia.

Não resisti e dei outra risada, e encostei a minha testa na dele, fechando os olhos, e João segurou meus ombros.

— Vamos tomar um banho de meninos? Depois a gente sai para comprar alguma coisa e traz para a mamãe. O que você acha?

Ele concordou e eu o pus sobre os ombros, tirando uma risada gostosa e alta dele, e fui em direção ao banheiro.



Eu e João compramos “coisas gostosas”, como ele dizia, para o café da manhã. O interessante foi a quantidade de vezes que João foi chamado de lindo, de fofo, e abordado por uma outra quantidade significativa de mulheres no local. Não que ele não fosse fofo ou lindo, porque ele era, mas tinha sido interessante... Um interesse puramente antropológico, da minha parte, claro. Uma análise de uma experiência social.

O intrigante era como alguns diziam isso e olhavam para mim com olhares e sorrisos maliciosos e totalmente diretos. Eu estava sendo descaradamente cantado, e parece que o fato de ter João comigo só potencializou isso. Uma delas, uma loira com um macacão florido de tecido colante, *me perguntou* se eu estava precisando de ajuda, que ela teria todo o prazer quando eu parei ao lado dela com João e fiquei escolhendo alguns produtos. Agradei, sorri e fui saindo com ele para o outro lado.

João ficou olhando por cima do meu ombro para ela.

— Ela disse que meu pai é gostoso.

— O quê?

Ele apontou.

— Aquela moça ali disse assim: seu pai é gostoso. Eu ouvi.

Eu virei ele de frente, lutando para segurar a minha risada, já que ele estava muito sério.

— Ei, não é legal apontar para as pessoas, companheiro. E esqueça o que ela disse, tudo bem?

— Por que ela disse isso?

— Porque... — Exalei uma respiração e pensei em uma boa explicação. Mas só havia a mais simples e básica. — Porque às vezes as pessoas dizem besteira. Só por isso. Esquece que você ouviu isso.

Ele fez que sim, mas deu uma última olhada para trás com uma carinha zangada, o lábio franzido, e eu sorri, apertando o corpo dele mais junto ao meu enquanto ia para o caixa. Parece que as compras com João atraíam uma

quantidade considerável de atenção feminina. Era mesmo estudo antropológico, afinal.



Depois que almoçamos, eu deixei Diana e João no apartamento com a avó dela, como ela havia pedido e fui para o apartamento de Marcos. E diferente do que eu sempre fazia antes, que era não ir por algum motivo qualquer, eu aceitei e combinei de encontrá-los lá.

Nós íamos tomar umas cervejas e ver um jogo de futebol juntos, e já que Ricardo e Teo também iam, aquilo era muito mais uma oportunidade de encontrar com os caras, jogar conversa fora e se distrair. Eu não tinha tido muito daquilo ao longo dos anos, havia me afastado um pouco para priorizar meus objetivos profissionais e de certo modo negligenciei aqueles momentos. Eu tinha voltado a isso na boate, e não custava nada expandir essas novas determinações com uma bebida e conversa fora com os caras. Teo, por exemplo, eu não encontrava desde o dia da boate na sexta.

Marcos morava em um apartamento parecido com o meu, não muito distante do meu próprio prédio. Aquele local ele mantinha desde os 20 anos, ainda que naquela época não morasse lá em definitivo, coisa que ele passou a fazer quando assumiu cada vez mais responsabilidades nos negócios e queria mais privacidade para os seus relacionamentos. Ou o que ele chamava de relacionamentos.

Ele estava sozinho quando eu cheguei, e abriu a porta descalça usando apenas um calção preto, como ele sempre fazia quando estava em casa.

— E aí, irmão, pontual como sempre — ele me cumprimentou e trocamos um abraço. Entrei e segui Marcos para a sala onde ele tinha uns papéis espalhados sobre a mesinha de centro. — Senta aí, Diego. Quer beber alguma coisa?

— Não, estou bem por enquanto. Trabalhando em um domingo? Depois eu sou o cu de ferro.

Ele sorriu e passou a mão nos cabelos úmidos.

— Não, estava só dando uma lida aqui, mas já acabei.

— Os fundos de investimentos e ações estão te dando dor de cabeça?

Ele recostou a cabeça para trás no sofá e fechou os olhos com um suspiro cansado, levando as duas mãos à cabeça e bagunçando o cabelo.

— Cara, lidar com gente conservadora do caralho é o fim da picada, e no mercado de investimentos é a pior porra que existe.

Eu franzi as sobrancelhas. Sabia bem como era aquilo. O conselho da empresa não era fácil, e eu sabia que teria que enfrentá-los em breve. Eu imaginava o confronto quase constante que um empresário jovem, dinâmico e arrojado como Marcos tinha com investidores, clientes em geral e o próprio conselho da empresa.

A sua personalidade ousada, bem-humorada e impetuosa se refletia em um empresário inovador e dinâmico. Ele podia ser um cara brincalhão e que gostava dos prazeres da vida — mulheres, principalmente —, mas quando tinha se jogado na administração da empresa, ele tinha feito isso com responsabilidade e empenho inegáveis.

Papai sabia disso, e imagino que estava sempre no meio termo entre reconhecer as vantagens daquilo, em um mundo de negócios cada vez mais moderno e desafiador, e as suas próprias convicções e posicionamentos mais tradicionais e moderados. Talvez eu seguisse uns direcionamentos mais parecidos com os dele, mas Marcos, com certeza, não.

Cruzei os braços e me acomodei melhor.

— Algo novo em especial que você quer enfiar na cabeça deles, papai incluso?

Ele me olhou de testa franzida.

— Você andou conversando com mamãe.

— *Pra* você ver que não só as minhas coisas escapam em uma conversa com ela.

Ele riu, o sacana.

— Esquece isso, cara. Eu só disse o nome dela porque mamãe veio com uma conversa como se já soubesse quem era, aliado ao fato de que eu estava de ressaca, *me dê* um maldito desconto.

— Até parece que você tem 12 anos, a mamãe continua arrancando as coisas de você com uma facilidade impressionante, não? — provoquei-o e ele voltou a deitar a cabeça no encosto, de olhos fechados e me deu o dedo do meio.

— Como se você fosse muito melhor. Quem esconde algo dela?

Quem, não é mesmo? Eu que o diga.

— Fico pensando que o velho, mesmo se quisesse, nunca poderia dar uma por fora do casamento. Ela descobriria no ato e tiraria as bolas dele.

Nós dois rimos, e ele tomou um gole e depois me olhou.

— Eu espero nunca ter que esconder algo dela.

Eu olhei *pra* ele, incrédulo.

— Você está brincando comigo?

Marcos encolheu os ombros e sorriu daquele jeito travesso dele.

— Algo sério. Se eu não escondesse algo de mamãe de vez em quando...

eu iria provocar um problema de saúde sério nela, não é? E ninguém quer isso, maninho.

— Acho bom, imbecil.

— Foda-se.

— Não sou eu que tenho a língua solta.

— Não tenho culpa se você está escondendo a mulher. Por que mesmo?

— Ele virou de novo e me encarou, e eu vacilei. Eu sabia que a probabilidade de Marcos ficar chateado de eu não dizer logo para ele era grande, mas eu tinha traçado um plano e era com ele que ia seguir, em todas as suas etapas. Ele me entenderia, disse que não duvidava.

— Eu não estou escondendo-a, apenas preciso de um tempo para resolver umas questões. Assim que tiver isso pronto, você vai saber.

Marcos me encarou sério por alguns segundos e eu retribui o olhar fixo dele. Então, ele curvou-se para a frente para pegar a sua cerveja que estava próximo aos papéis que ele lia.

— Eu já aprendi a ficar tranquilo com esse seu jeito de quem está sempre escondendo alguma coisa, relaxa, Diego.

Ele bebeu e franziu as sobrancelhas parecendo pensativo por um momento. Como meu irmão era um cara que nunca parecia estar muito chateado por algo, eu estranhei.

— Algum problema?

Ele pareceu não estar ouvindo, olhando fixamente para a frente, realmente distraído.

— Marcos?

— Oi?

— Algum problema?

— Não, só pensando que algumas mulheres deviam ser um pouco menos travadas, você não acha? Pouparia um trabalho da porra *pra* chegar nelas.

Ele levantou e foi em direção à cozinha.

— E desde quando você encontra alguma mulher que fique travada com você? Elas não estão sempre se jogando?

— Nem todas.

— Hum, alguma esteve abalando o seu grande ego ultimamente?

Ele só encolheu um ombro e piscou.

— Dificilmente. Mas nada que eu não posso lidar, maninho.

Resolvi não questionar aquilo, e sorrindo, o segui para a cozinha. Na mesma hora o som do elevador privativo anunciou que outro dos caras estava chegando. Marcos foi em direção a porta e abriu-a para Teo.

— E aí, Teo, tudo bom? Entra, Diego já está aqui.

— Tudo ok, cara. E Ricardo? — Ouvi Teo olhar em volta e os dois virem na minha direção. Teo sorriu quando me viu, com uma expressão que eu achei ligeiramente provocativa. Devia ser ainda a história da boate. Eu tinha que me preparar, porque aquele ali talvez não ganhasse de Marcos para adorar provocar, mas ele fazia bem o seu trabalho.

— Ele vai se atrasar um pouco. Mas daqui a pouco está aí. Vai beber o quê? — Marcos perguntou enquanto Teo se aproximou de mim e trocamos um abraço.

— E aí, Diego? Encontrou um tempinho na agenda *pra* visitar esse seu irmão desregrado da vida? Cerveja, Marcos.

— Pois é. De vez em quando alguém com juízo precisa vir dar uma olhada nele — eu retruquei, divertido, lançando um olhar para Marcos que torceu os lábios. Se ele pelo menos imaginasse a minha história toda com Diana e com tudo se desenrolou ia tirar sarro eternamente com o meu histórico de bom moço.

— Meus ovos *pra* você — ele resmungou, vindo apoiar-se ao meu lado, depois que Teo se acomodou do outro. — Ele veio porque provavelmente a cabelinho vermelho deve ter dado uma trégua *pra* ele, não é não, maninho?

Pronto, estava até demorando. A presença de Teo deve ter detonado algum espírito de criança da sexta série que ele parecia ter, e ele resolveu me encher de novo. Ajustei meus óculos e sorri desse idiota que estava trazendo o assunto Diana à tona de novo.

— Não começa, cara.

Ele levantou a mão em sinal de paz, com aquele sorriso debochado, e bebeu sua cerveja, estendendo a outra para Teo, que bebeu um grande gole e depois franziu os olhos verdes atentos e olhou em volta da cozinha, e virou-se para olhar tudo ao redor.

— As coisas parecem bem por aqui, não está achando não, Diego? Parece até que outra pessoa andou pondo as coisas em ordem neste apartamento.

Franzi o rosto, sério, realmente conscientemente agora que a o espírito bagunceiro de Marcos parecia ter sido refreado, ou alguém tinha feito uma faxina e organizado tudo por ali.

— Agora que você diz, realmente. Dona Esmeralda não tinha te dispensado, Marcos?

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Você não vale nada, Teo.

— O que foi? — Teo fez uma careta como se não entendesse, mas aquele ligeiro sorriso no canto da boca contradizia a expressão inocente dele. Marcos ignorou a provocação dele e olhou para mim.

— Sim, ela me deu um pé na bunda, mas o nosso amado primo conseguiu uma outra pessoa para vir fazer uma geral aqui para mim.

Então ele resolveu seguir o meu conselho e aguardou o contato de Teo. Olhei para ele, esperando por mais, mas Teo respondeu cruzando os braços e assumindo aquela pose provocativa que eu conhecia bem. Era alvo dela de vez em quando.

— Eu não consegui nada. Quem enviou a salvadora dele foi dona Amélia. Eu só passei o recado.

Marcos pareceu ficar levemente exasperado e tomou sua cerveja.

— De qualquer forma, ela veio pela manhã, organizou logo algumas coisas, já que eu ia receber vocês aqui, mas vai voltar para realmente começar depois. — Ele ofereceu, como se não fosse nada demais. Aquele tom... de quem não estava nem aí. Teo voltou à carga, com aquele tom de voz doce, por sua vez. Tinha algo ali que eu estava perdendo? Olhei para Marcos.

— E você aprovou a moça?

Marcos apertou os olhos parecendo irritado... irritado? A próxima coisa que ela disse deu a entender que ele não estava assim tão desinteressado quando parecia.

— Ela é toda não-me-toque, nem sei se aquela garota sabe sorrir, mas vai servir.

Então eu entendi tudo. Ou quase tudo.

— Ela é jovem? A sua diarista é uma mulher jovem? Deus, espero que ela não seja bonita. — Eu apertei o meu nariz com a ponta dos dedos, mas sorri. Aquele cara não tinha jeito. Ia dar em cima da moça que iria trabalhar para ele? Então era ela que não tinha caído assim tão fácil no sorriso dele? Milagres existiam.

Teo resolveu espicaçá-lo ainda mais.

— Ah, mas ela deve ser bonita, sim. Diz aí, Marcos, como foi que você disse, "uma armadilha de satanás"? E então, vai se divertir mesmo no processo ou não?

Eu sorri, era bem algo que ele diria mesmo.

— Armadilha de satanás? Ele disse isso? Essa é a expressão que ele usa *pra* falar das mulheres que ele quer levar para cama, mas não deveria. Irmãozinho, você não vale as calças que veste, ela é sua funcionária.

Nós sorrimos, e logo ele voltou a conversa sobre Diana, provavelmente para desviar o foco da conversa da menina que iria trabalhar para ele. Eu tive, claro, que me recusar a ficar fornecendo informações gratuitas sobre Diana, pelo menos não agora. E ele queria me irritar também, claro, sugerindo que Ricardo poderia querer algo com Diana. Ele que sequer olhasse muito na direção dela.

— Enfim, espero ter ajudado com a indicação da Alice — Teo disse com a voz cândida, aquele cretino, pensei, *me divertindo* no entanto. — Dona Amélia me disse que ela é uma moça superresponsável, organizada, ou seja, vocês vão se dar superbém.

Eu ri agora. Marcos e uma mulher responsável e organizada? E que parecia irritá-lo ainda por cima? Ia dar supercerto, sim.

— Que seja, a gente quase não vai se topar mesmo, e ela, pelo visto, não tem um pingão de senso de humor.

Não disse? Abalou o ego dele. Não deve ter jogado a calcinha no chão quando o viu, e isso era digno de nota. Ele deve ter ficado mais impressionado do que queria admitir.

— Certo, porque de todos os atributos de uma mulher, com certeza o que está no topo da sua lista de prioridades, é o senso de humor — Teo disse, debochado, e eu concordei com um aceno. Marcos balançou a cabeça e foi *pra* sala resmungando algo e nós o seguimos.

Fomos para ver o início do jogo, e a campainha tocou, anunciando a chegada de Ricardo. Quem estava na porta com ele, a moça negra de olhos verdes e cabelo cacheado, era a Alice, pelo jeito, a menina que trabalharia ali dentro do apartamento dele? Ela era mignon, em uma calça jeans e camiseta branca. Muito interessante que aquilo estivesse de alguma forma afetando-o. E aquele sorriso dela, ao chegar quase abraçada com Ricardo, era ela a mulher irritante e sem senso de humor?

Para quem não o conhecia, podia achar que era algo insignificante, mas Marcos tinha paciência quase zero com pessoas que ele considerava “sem senso de humor”, ainda que aquilo nunca tivesse impedido ele ir de para uma mulher ou outra. Ele tinha prioridades.

Ricardo foi quem começou a nos apresentar a Alice, antes que Marcos, visivelmente de cara fechada, continuasse as formalidades. Meu irmãozinho não estava feliz em apresentar a moça a nós, o que estava acontecendo com ele? E era eu quem estava escondendo coisas agora?

Só pelo simples prazer de ver aquela cara irritada dele em relação a atenção que Alice estava recebendo, eu fiz questão de sair um pouco do meu habitual reservado, pegar a mão dela e beijá-la no rosto. Teo fez a mesma coisa, obviamente. Ela ficou envergonhada, visivelmente tímida, e aquilo, meu Deus, era muito intrigante, porque se tinha uma coisa que Marcos parecia não suportar, era o que ele chamava de “meninas tímidas irritantes”. Ele sempre preferia mulheres mais ousadas e confiantes. Eu esperava que ele não resolvesse tentar a sorte com a menina e deixá-la apenas com um presentinho, como ele fazia. Mas essa me parecia diferente, por alguma razão...

De modo geral, aquela tarde foi interessante, saiu do habitual e eu me surpreendi e diverti em doses iguais. Era divertido porque pude ver Teo, o cara que se divorciou e passou a ter praticamente o mesmo *modus operandi* de Ricardo e Marcos no que dizia respeito a mulheres, querer proteger com tanta intensidade a mulher que ele tinha encontrado recentemente. Mas pensando bem e racionalmente, eu também não estava fazendo a mesma coisa em relação a Diana?

Se Teo tivesse me perguntado antes sobre uma pessoa para ficar na cola do ex-namorado da Malu, ousou dizer que teria contado com os serviços de Alex, como fiz no caso da mãe de Diana. O cara ainda se esgueirou por meses depois que saiu da cadeia, até que ele finalmente deu um passo em falso e Alex o pegou. Bom, ele estava na cadeia até hoje, e acho que ele pode ter implorado para ir para a cadeia pelo que Alex tinha me dito. Não importava. Ninguém mexia com quem importava para mim, e mesmo naquela época, Diana importava, de alguma forma, então, eu posso ter descontado metade da minha frustração por ela ter ido embora tão rápido por causa daquele miserável agressor, e quando ele quase fez de novo, eu o peguei.

De todo modo, o comportamento de Marcos em relação a Alice também saía do usual, ele parecia querer triturar a todos nós, em especial a Ricardo que tinha o maior prazer em provocá-lo. Eu sabia bem como eram as provocações de Ricardo, mas gostei de ver meu irmãozinho, como ele me chamava, no olho do furacão. Talvez, no fim das contas, não só eu estivesse guardando segredos afinal de contas, pensei, lembrando de Iza também.



Se as minhas intenções e planos em relação a João e Diana já eram plenamente concretos na minha cabeça, o resultado do exame de DNA, positivo, claro, só me deixou mais tranquilo em relação ao que eu pretendia fazer. Aquela semana iria começar com tudo.

Quando eu recebi os resultados no próprio laboratório, na terça, abri os papéis sem nenhum tipo de medo, apenas uma sensação de determinação e foco, enquanto lia aquelas linhas todas, com Breno em pé ao meu lado, as mãos nos bolsos da calça do terno, *me olhando* fixamente, as sobrancelhas claras, como a sua barba, erguidas em expectativa.

— Então, posso ir para a fase dois? — ele perguntou. Eu li, olhei para ele por trás dos meus óculos e guardei o envelope dobrado no bolso do meu terno preto. Iria mostrar a Diana quando eu chegasse, mas preferi buscar logo. Não

que eu achasse que ela estivesse preocupada em relação ao resultado, porque ela em momento algum esteve, Diana só me parecia ansiosa, querendo que aquilo tudo acabasse logo.

— Você não vai me perguntar o resultado?

Breno sorriu, levantando as palmas das mãos para mim.

— Diego, sem ressentimentos, meu caro. Eu te disse que estava apenas apelando para a razão e sendo prático. Se você diz que o menino é seu filho, ele é. Simples. Aliás, não vejo a hora de conhecê-lo.

— Ele é sensacional.

— Não duvido, é seu filho. Mas e então, entro com o pedido de alteração do registro de nascimento e dou entrada no pedido de guarda compartilhada? Posso fazer isso hoje mesmo.

Começamos a nos encaminhar para a saída do laboratório naquela manhã ensolarada, e eu ia pensando sobre o que ele disse, e sobre todas as novas perspectivas que se desenrolavam agora. Breno me deteve logo antes de chegarmos ao estacionamento, *me encarando* por trás dos óculos escuros que usava.

— Há algo que você queria me dizer antes que eu dê entrada no processo?

— O que eu teria para te dizer que ainda não disse?

— Não sei, *me diga*. A mãe dele está morando com você. Você não prefere apenas... — Ele abaixou os óculos pelo nariz com a ponta do dedo para me encarar. — Não sei. Uma certidão de casamento é mais rápida do que esse processo todo. Só dizendo.

Eu lancei-lhe um olhar avaliador, e então ele sorriu.

— Você está me sugerindo casar com Diana por causa de João? A mulher que até outro dia você estava me alertando para tomar cuidado porque poderia querer apenas o meu dinheiro?

Ele teve a decência de parecer ligeiramente envergonhado. O que era um feito e tanto em se tratando dele.

— Meu trabalho apenas. Releve.

— Sua personalidade também.

— Ouça, estou falando sério, você sabe que eu tenho horror a casamento, mas não quer dizer que não funcione para os outros. Geralmente não funciona mesmo, mas as pessoas sempre podem tentar, não?

— É um conselho do amigo ou do meu advogado?

— Não fode. Como seu advogado eu nunca diria isso e você sabe. Mas como amigo, estou vendo que essa mulher é muito mais que a mãe do seu filho se você já a levou para morar com você. Sem me perguntar se isso afetaria algo

do processo, diga-se de passagem.

— Não fode você, Breno. Você acha que eu fiz o quê? Medicina? Eu sei que não alteraria em nada.

— Teimoso de merda, e se vocês não estivessem assim loucos um pelo outro? E se tivessem que brigar pelo menino no tribunal? Você poderia ter dado a casa próxima a dos seus pais, mas não. Levou-os para ficar com você... Isso é significativo.

— Não sabia que agora você é psicólogo ou algo assim.

— Só um observador das coisas.

— Breno, nós não vamos brigar por ele. Posso te garantir. Inicie o pedido e me deixe a par. Vou para a fase dois, como você disse: inserir João em tudo que é dele por direito.

— Avante, então. Estou aqui para isso.

Ele suspirou profundamente.

— Diego, escuta. Na hora de pesar qualquer decisão agora, ponha na balança que você está louco por essa mulher. É um peso e tanto, e pode facilitar as coisas.

Eu apenas balancei a cabeça. Era essa a definição mais próxima. Eu ia negar *pra* quê? Ele deu um sorrisinho.

— Abatido rápido demais, que vergonha para a nossa tropa, soldado — ele disse e eu ri. Então, Breno fez uma expressão solene. — Eu espero que fique tudo bem. De verdade. Quero que tudo dê certo.

Ele deu um tapinha nas minhas costas, prometeu me manter a par do que ia fazer, e ia se afastado.

— Obrigado. E Breno...

— Sim?

— Talvez eu siga o seu conselho no fim das contas.

E tive o prazer de ver o seu rosto demonstrar toda a incredulidade sobre o que eu disse. E eu ri.

Capítulo 29

APENAS UM PAPO ENTRE HOMENS

Diana 

Aquela semana podia ser considerada uma semana intensa. Desde o sábado, eu ainda estava desnorteada com a conversa franca e impactante que tive com a mãe de Diego. Não só porque ela me surpreendeu sendo direta e não me acusando como eu estava preparada para ser acusada, mas pelo modo franco como deixou claro que sabia que eu tinha errado, mas que estava passando por cima disso se eu mesma estivesse disposta a passar.

Fui, de algum modo, já na defensiva e Abigail me desarmou de um jeito totalmente inesperado. E alguns sentimentos pareciam ter jorrado para fora de mim, *me deixando* um pouco exposta, sensibilizada e frágil, mas não de um efeito ruim. Não de um jeito ruim, decididamente. No final, ela tinha me dito que eu poderia falar mais com ela se precisasse, antes de nos recompormos e irmos em busca de Diego e João.

João Pedro começou a ir para a escola nova, uma que eu e Diego entramos em consenso que seria a melhor para ele. Era ali mesmo em Copacabana, o que só facilitava para ele deixar João lá antes de ir para o trabalho. Deixá-lo lá na escola me deixou um pouquinho aflita, só um pouquinho, quase como da primeira vez em que ele chorou muito e eu chorei junto, vendo-o de longe, mas sabendo que ele tinha e precisava ficar. Mas ele tinha chorado na ocasião de um jeito tão desesperado, como se achasse que eu nunca mais fosse pegá-lo, que eu não aguentei e o segui no choro.

Mas agora ele não chorou, “não era mais um bebezinho” ele me disse, então, só fez uma carinha meio ressabiada com todas as pessoas novas e desconhecidas ao redor dele, afinal, era uma escola nova, professora nova, amiguinhos novos. Ele me deu um aceno corajoso quando tivemos que ir.

Sim, porque agora foi diferente também, porque Diego estava comigo. E eu tive a impressão de que aquele silêncio todo dele, e a mania de ficar mexendo nos óculos tinha se manifestado mais ainda enquanto ele se despedia de João. Diego também me parecia ligeiramente angustiado em ver o rostinho meio perdido de João Pedro no meio das outras crianças, já que era uma experiência nova *pra* ele, ver o filho indo para a escola. Respirei fundo e evitei que sentimentos e pensamentos ruins viessem nublar aquele momento. Pude concluir que estava certa quando ele inclinou-se um pouco para dizer perto do meu

ouvido:

— A gente não pode simplesmente pegar ele de volta e levar *pra* casa, não é?

Eu ri, mas um calor bom se espalhou pelo meu peito e eu encostei o meu ombro no dele, empurrando-o um pouco e fazendo ele sorrir também. Depois franzi as sobrancelhas, observando uma coisa curiosa, mas não surpreendente. Meu Deus, não se podia ir com esse homem em nenhum lugar sem esse tipo de atenção, não era?

— Tenho certeza de que se você tentasse, a professora ali ia deixar. Ela quase derruba uma das crianças olhando *pra* você.

Diego virou-se para mim e sorriu com uma carinha inocente.

— Eu não tinha percebido.

— Claro que não.

Eu sorri de volta, também inocentemente, e passei os braços pela cintura dele, que na mesma hora passou o dele sobre os meus ombros e me puxou *pra* perto. Dei um tchauzinho para João que ia sumindo junto com a sua turma e as suas professoras, e ele me mandou um beijinho e se foi. Corajoso o meu bebê.

Aquele era um colégio de alto padrão, obviamente. Eu não poderia por meus próprios recursos pagar algo assim para João, mas Diego podia, e estava tudo certo. Não houve um único comentário em contrário da minha parte quando ele perguntou qual eu preferia dos dois últimos que eu tinha ficado analisando. Informei-o que tinha gostado mais do que era mais caro, mas não foi intencional, eu gostei da forma como a direção da escola conversou comigo e explicou as metodologias de ensino. Diego só me disse para fechar o contrato, e eu ia dizer que não? De jeito nenhum.

No entanto, eu também notei tanto no dia que fui com João quanto hoje com Diego, alguns poucos olhares meio... como direi? Estranhos, surpresos, mas ainda assim discretos na minha direção. Os recriminadores eu mandei se foder mentalmente, já que ninguém disse nada. Mas eu sabia reconhecer um. Da vez que eu estava sozinha com João enquanto fazia uma tour pela escola com a diretora, eu notei uma professora negra e acenei para ela, sorrindo discretamente. Ela era a exceção, mas estava ocupando o seu espaço e isso era bom. Era ótimo. Talvez tivessem outras. Ao final da visita, tudo tinha me agradado ali, e eu estava tranquila quanto ao que estava escolhendo para o meu filho.

Com Diego agora, alguns olhares apontavam para a direção diferente: ou eram de admiração ou eram ainda de estranhamento. Peguei uma senhora que com certeza estava ali deixando os netos, olhando para Diego depois me lançar um olhar e franzir as sobrancelhas ao olhar para o meu cabelo, depois para as tatuos na minha mão, porque as outras estavam devidamente cobertas pela minha

blusa branca de botões sem mangas e minha calça preta ajustada.

Se ela visse as outras... a senhora não soube disfarçar muito bem o descontentamento, e eu também não disfarcei que percebi. Diante do meu olhar fixo e questionador, ela murmurou apenas um bom dia e virou, afastando-se apressada. Muito bem, saia você, meu bem, eu não arredo o pé de onde eu acho que devo estar, pensei, e tinha segurado a mão de João e Diego mais firmemente ainda. Que fosse para a casa do caralho se achava que eu ia abaixar minha cabeça por causa daqueles olhares.

Na terça, Diego chegou cedo, antes do horário do almoço, o que não era comum já que ele não vinha almoçar no apartamento. Eu estava atualizando imagens no blog quando ouvi ele entrar. Já sabia, só em olhar para ele, que ele tinha o resultado do exame de DNA e esperei. Observei em silêncio ele pôr a pasta de couro preta em cima do aparador e afrouxar o nó da gravata antes de vir na minha direção, pois eu tinha levantado e caminhado para encontrá-lo.

Quando ele chegou perto de mim eu fui invadida pelo seu cheiro e tocada pelo calor do seu corpo, mas ele ficou apenas me olhando fixamente, como se estivesse memorizando o meu rosto. Movimentei minha garganta, um pouco incomodada sob o peso do seu olhar quente, mas ainda assim fiquei olhando para ele e aguardando. Até que ele pôs as mãos no bolso e ouvi nitidamente sua respiração pesada.

— Eu te peço desculpas, Diana.

Não era o que eu esperava e franzi o cenho.

— Pelo quê?

— Por ter, em algum momento, ainda que não realmente, ter posto em dúvida a...

— Não. Não, Diego — eu o interrompi com ênfase e ele piscou surpreso.

— Nada de desculpas. Você apenas supôs algo que qualquer pessoa poderia supor dadas as circunstâncias. Você não me conhecia e a situação toda foi impactante para você. Então, você não me deve nada, muito menos desculpas.

Seus lábios se curvaram em um sorriso triste. E eu me surpreendi com a vontade que tive de enfiar minhas mãos em seus cabelos e puxá-lo *pra* mim, mas deixei que ele falasse.

— Ainda assim, eu fui um idiota. E saiba que a possibilidade de que ele não fosse meu filho me assustou muito mais do que a notícia em si, antes mesmo que eu o conhecesse.

Engoli o nó de emoção na minha garganta e pus as duas mãos em ambos os lados do seu rosto e me estiquei um pouco para deixar meu rosto mais próximo do dele.

— Como eu te disse, não há nada pelo que eu deva ouvir desculpas suas.

Diego envolveu os braços ao redor da minha cintura e me puxou para ele me prendendo junto ao seu corpo, uma mão agora segurando a parte de trás da minha cabeça e me mantendo presa. Mas não era da forma como ele costumava fazer, e eu relaxei, o rosto enfiado em seu peito, ouvindo o bater do seu coração junto ao meu ouvido. Aquela sensação era boa. Maravilhosa, na verdade, quente e envolvente... Eu estava afundando em uma bolha de sentimento diferentes do que eu pensava estar sentido, ou talvez eu estivesse, ao contrário do que achava, submergindo, rompendo essa mesma bolha e abandonando algumas coisas... fechei os olhos e aspirei mais do cheiro dele.

— Vamos apenas levar as coisas adiante e fazer o que ele precisa que nós façamos por ele. E por nós — Diego disse, e eu concordei, ouvindo a sua voz vibrar no seu peito e atingindo o meu rosto. — Você já me disse que estava disposta a isso, não foi?

Eu afastei o rosto do seu peito com relutância e olhei para ele, que tinha uma expressão séria agora pairando sobre suas feições.

— Sim, estou, claro. Tudo que eu venho fazendo é nesse sentido... por quê?

Diego apenas concordou com um gesto de cabeça, como se quisesse me dizer algo mais, mas não disse, e seu olhar me queimou de um jeito diferente agora. Diferente não: do jeito que eu estava acostumada a ver.

Antes que eu conseguisse raciocinar sobre a pergunta dele, ou entender de verdade o que ele queria dizer, ele abaixou a cabeça e tomou a minha boca como se estivesse morrendo de fome. Meu suspiro de surpresa e desejo foi engolido quando sua língua penetrou na minha boca, sugando e devorando, e eu ouvi vibrar do fundo da sua garganta aquele gemido baixo e grave, profundamente masculino e muito sexy que ele fazia.

Aquele som, sozinho, fazia minhas pernas virarem algo entre a gelatina e o mingau, ou os dois, e aliado a forma como seus lábios e língua se moviam sobre a minha boca, era perfeito. Eu puxei sua camisa e me agarrei em busca de apoio, e o que era doce e envolvente antes ficou frenético e desesperado em um par de segundos e eu gemi quando ele afundou os dentes em meu lábio inferior e suas mãos desceram e seguraram a minha bunda, *me trazendo* para o volume da sua ereção.

Decidida que eu também estava com fome e sede dele, suguei a sua língua e desci as mãos para os botões da sua camisa, tentando não os arrancar feito uma louca. Nossas mãos estavam frenéticas e nossas bocas não se separaram enquanto caminhávamos para trás em direção a... algum lugar. Eu não queria saber, e Deus, por favor, que não fosse longe. Diego corria na minha veia como um alucinógeno e eu não tinha nunca o bastante dele, concluí.

Ele levantou a minha blusinha e jogou por cima da minha cabeça, gemendo e segurando os meus seios juntos. As pontas dos seus dedos na minha carne excitada me deixaram trêmula, e eu abri os botões mais rápido, expondo mais a minha garganta para que ele beijasse. E lambesse. Mas quando ele mordeu, eu senti como se raios estivessem atravessando o meu corpo, e aquele gemido alto que eu deixei escapar foi quase um lamento. Eu o queria rápido, urgente.

— Porra, esse seu gemido me deixa louco... — ele grunhiu no meu ouvido, aproveitando para lambar e sugar o lóbulo da minha orelha. Eu revirei os olhos e senti as minhas pernas baterem no encosto do sofá. Abri os olhos, entorpecida de desejo, e olhei para ele. Diego estava com a camisa aberta no peito, os lados separados expondo o peito forte e aqueles pelos que tiravam a minha racionalidade, o seu cabelo estava completamente bagunçado das minhas mãos e os olhos azuis ferozes, brilhantes, refletindo tesão e algo cru, primal. Era uma das visões mais lindas que eu já vi e me transformavam em um tipo de louca ninfomaníaca.

Então, ele veio com aquela voz dura e autoritária, e eu juro que se a minha boceta já não estivesse completamente úmida, agora a minha calcinha iria sentir o peso da umidade quando eu ouvi aquele tom mandão dele.

— Vire-se, apoie-se aqui e levante essa saia.

Engoli em seco e molhei o meu lábio, mas fiz o que ele mandou, rápido, sem questionar. Tinha que ser rápido, em menos de meia hora João poderia chegar da escola. Meu coração retumbava no meu peito, a excitação corria como fogo líquido em minhas veias, e eu virei, empinando a bunda enquanto apoiava os cotovelos na parte de trás do encosto do sofá. Minhas pernas estavam tremulando e eu levei as mãos para tirar a saia, mas a sua pegada firme no meu pulso me impediu de fazer aquilo.

— Deixe-a. Eu disse levantar a saia, não tirar.

Assenti e levantei minha saia preta, expondo a minha bunda para ele. A calcinha não era nenhuma lingerie de primeira, mas estava boa, eu lembrei, e a depilação também, graças aos céus. A mão que prendia meu pulso foi para a minha bunda e ele apertou e amassou dois lados, enchendo a mão com a minha carne. *Me preparei* para a batida da sua palma, mas não veio.

Quando olhei por cima do meu ombro, ele estava retirando a gravata vermelha devagar. O olhar, oh meu Deus, o olhar que ele estava dando para a minha bunda exposta, só podia ser descrito como escaldante. Devia estar previsto como crime no código penal. Era como lava de vulcão e me incendiava toda. Mas ele me surpreendeu ao se curvar sobre mim e sussurrar ao meu ouvido.

— Estique os braços à sua frente, Diana.

Senhor, ele ia me amarrar. Juro que senti minha boceta pulsar em antecipação e mais do que depressa estendi os braços e Diego, *se movimentando* ao meu lado, usou a sua gravata e prendeu-os juntos na altura do meu pulso, bem devagar, por mais que eu quisesse que ele fosse mais rápido. O nó estava firme e ainda assim eu podia movimentar as minhas mãos. Com o rosto virado de lado, pressionado na maciez do sofá, eu podia ver diretamente à minha frente agora, a sua barriga com músculos delineados e firmes, o tanquinho perfeito e aquele caminho macio de pelos que adentravam o cóis da sua calça e paravam mais abaixo... porque lá embaixo, ele costumava estar todo lisinho. Delicioso. De dar água na boca, hummm...

— Fique olhando assim na direção do meu pau e eu vou esquecer meus propósitos e pôr ele todinho na sua boca — Diego disse baixo, tirando a carteira do bolso e voltando para onde estava, atrás de mim. Eu fechei os olhos e salivei.

— Faça isso, por favor...

— Não. Agora eu quero foder você. Outra hora eu deixo você me engolir inteiro e eu vou gozar nessa boca gostosa... — E enquanto dizia isso, causando pequenas erupções de tesão e fazendo meu estômago torcer, Diego enfiou devagar um dedo em mim, deslizando pela minha abertura molhada e palpitante e eu apertei quase involuntariamente, gemendo, mordendo o meu braço para evitar gritar. Quando outro dedo se juntou ao primeiro e ele passou a entrar e sair de modo enlouquecedor, espalhando a minha umidade bem lentamente, eu posso ter gritado um pouco. Eu estava prestes a implorar que ele me fodesse.

Eu ouvi o som do preservativo sendo rasgado e virei a cabeça.

— Camisinha na carteira, hein?

Ele então deu uma palmada em uma bochecha da minha bunda, rápido, *me pegando* de surpresa, o maldito.

— Já estavam lá, Diana — ele disse em um tom divertido, e eu torci os lábios.

— Muito bem, queria ver...

Outra palmada, bem de leve, e eu ri, mesmo com toda a excitação.

— Cala essa boquinha e me deixa te foder direito.

Oh sim, por favor, isso mesmo, pensei, e Diego se postou atrás de mim, suas coxas pressionadas na minha, seus joelhos me sustentando, segurando a minha bunda com força, duramente. Então, ele afastou a minha calcinha, levantou a minha perna e me expôs toda, e antes que eu recuperasse o fôlego, fui invadida por seu pau de modo firme. Duro. Como eu gostava.

E quase uivei em delírio ao me sentir toda preenchida, tomada, repleta.

Era sempre assim. Ele nem tinha tirado a calça, só puxado o pau para fora para entrar em mim, eu podia sentir o tecido macio friccionar na minha bunda e nas minhas pernas e, ou estava ficando louca ou aquilo era mais erótico ainda, ele ainda estar todo vestido e entrando vigorosamente em mim.

— Caralho... — Diego sibilou, saindo um pouco e voltando a me tomar toda, deslizando para dentro com mais firmeza do que antes, seu ritmo aumentando à medida que os meus gemidos e os grunhidos dele aumentavam também. Uma de suas mãos estava no meio das minhas costas me mantendo no lugar, e a outra segurava a minha perna, mantendo o meu equilíbrio precário. Se ele me soltasse eu cairia.

As suas estocadas ficaram mais intensas, então ele deslizou as mãos pelas minhas costas e segurou meu cabelo pelo rabo de cavalo que eu usava, curvando meu pescoço para trás, e eu senti meus mamilos duros roçando no sofá. Isso me deixava desvairada, ele sabia.

— Olha *pra* frente, Diana — ele comandou e eu levantei a cabeça, perdida nas sensações, sem entender de imediato o que ele estava dizendo. Mas não precisei, porque ele curvou-se para falar mais perto, seu pau continuou trabalhando dentro de mim em golpes firmes, e senti os pelos do seu peito nas minhas costas. Era muito difícil ter concentração em nada mais que não fosse ele. — Vê?

O que... Meu. Deus. As imensas portas de vidro da sala estavam bem ali mais alguns poucos metros à nossa frente, claro, e ainda que eu não estivesse vendo ninguém daquela distância, a probabilidade de sermos vistos era grande. E isso me deixou ligada, um tesão furioso me invadindo. Engasguei olhando para lá, sem conseguir desviar os meus olhos e disse o óbvio:

— Diego, alguém... alguém pode nos ver aqui.

Ele riu em meio a sua respiração pesada e ofegante, e deu um outro tapa na minha bunda, mais forte.

— Pode, não é? — o bastardo disse, e passou a friccionar meu clitóris no mesmo ritmo das suas batidas ensandecidas dentro de mim. Fechei os olhos, *me sentindo* derreter. Sua voz baixou e ele continuou: — Talvez tenha alguém em algum lugar vendo eu foder você... mas não se engane, quem quer que seja, só está me vendo aqui e não está vendo nada de você. Sabe por quê?

Eu mal compreendia o que ele estava dizendo, balançando sob o impacto das suas investidas e sentido minhas pernas cederem e um friozinho começar nos meus dedos dos pés.

— Vamos, responda! Sabe por quê?

Eu engoli, e tentei articular as palavras, mas os dedos dele e o pau estavam fritando o meu cérebro e dificultando o meu raciocínio.

— Não... não sei. Por quê?

— Porque você é minha. Só minha. *Pra sempre!* — ele disse, grave e quase rouco, ofegando. Eu nem retruquei, não aqui. Não agora. E a possibilidade de sermos vistos, aliado as suas palavras possessivas ao meu ouvido começaram a me desintegrar. Eu era sua. Claro que era. As estocadas de Diego aumentaram, o ritmo mais vigoroso, forte. A necessidade assumiu o controle, o desejo desesperado nos consumindo, e eu nem consegui dizer que ia gozar. De olhos abertos, senti meu corpo convulsionar e estremecer, como se estivesse caindo da borda de um precipício. Mas não estava. Quando voltei a terra, suada e plena, Diego estava me segurando. *Pra sempre*, ele disse, não foi?



As coisas continuaram em ritmo acelerado e, de certa forma, diferente do comum. Eu e Diego estávamos nos conectando fisicamente a cada oportunidade e sempre que possível, mas não só. Em alguns momentos apenas conversávamos na cama e combinávamos coisas a serem resolvidas sobre a minha situação e a de João. Aquela intimidade, os nossos corpos juntos e aconchegados em momentos que não estávamos transando, estava me fazendo sentir coisas que eu nunca tinha sentido antes.

Era poderoso e assustador de uma maneira nova e diferente, mas eu não ia fugir disso, ia deixar vir, fluir, eu só precisava saber onde eu estava pisando com Diego. Ao que tudo indicava, estávamos no mesmo compasso, eu só não ia me jogar feito uma louca, mas ia viver aquilo sem pressão de rótulos, o que me parecia bom no momento. Aquelas coisas que ele dizia, em alguns momentos estavam me deixando alerta, mas então ele continuava, e eu não sabia se era o que eu tinha imaginado ou não. Mas eu não ia pressioná-lo quanto a isso. Nós estávamos apenas começando, morando juntos, mas nos conhecendo.

Enquanto isso, outras coisas estavam acontecendo como eu tinha planejado, o que era bom. Eu e James iríamos a um evento juntos na sexta, já que o contato que ele tinha conseguiu que eu fizesse as fotos da festa do lançamento de uma nova campanha publicitária de roupas íntimas masculinas. O pagamento seria bom e eu estava feliz porque era o início, talvez ali eu conseguisse mais contatos, conhecesse pessoas que me levariam a outras e as coisas finalmente deslanchassem. Sem falar que Diego havia prometido conseguir outro evento para mim, então, eu não podia evitar o sentimento de euforia que estava me tomando. Muito mais cedo do que eu imaginava talvez, eu poderia dar início ao que eu queria.

E por falar em James... a situação com Edu ainda estava tensa, como eu fiquei sabendo no domingo, visitando vovó e ele. Meu amigo estava sofrendo, claro, bastava olhar para ele para ver isso, e estava me matando também. Mas ainda assim ele se recusou a ceder, ainda que tenha finalmente se permitido ter uma conversa mais calma com Edu.

James havia me contado que ele pediu que fosse ao apartamento dele, eles beberam, conversaram, acabaram na cama. E quando terminou, James pegou suas coisas e saiu, deixando um Edu magoado e perplexo lá olhando para ele. Ele havia me dito que olhou para ele, juntou todas as forças que tinha e perguntou se era assim que ele queria, um cara mais jovem para foder e depois ir embora, sem compromisso, despreocupadamente, sem sentimentos. Que ele pudesse apresentar como amigo depois e não mudasse nada na vida dele. Edu negou, quase mudo, e ele disse que então procurasse outro, pois nem para isso era queria mais.

James mal conseguiu trabalhar na noite seguinte, destruído, e eu tive que cobri-lo algumas vezes no bar enquanto ele saía e ia tomar um ar. Ou fumar, o que ele não fazia desde que nos conhecemos. Eu me sentia desesperada e impotente, e ele tinha daquela vez me proibido totalmente de interferir, mas se eu quisesse falar com Edu, que falasse, contanto que não mencionasse o nome dele. Sobre o que mais eu falaria com Edu?

Eu passei aquela semana oscilando entre me sentir bem por mim mesma e me sentir mal por ele. Nos falávamos sempre por telefone quando não estávamos no trabalho e eu queria fazer o que fosse possível para ajudá-lo, mas ele me disse que ia passar. Demoraria, mas passaria.

De certo modo, eu esperava que aquele evento o distraísse um pouco já que ele encontraria alguns amigos do Rio da época em que ele modelava, antes que fosse para Nova York. Edu tinha ficado em silêncio absoluto nos últimos dias, e eu me preocupei. Tanto que pedi a Diego que por favor desse uma conferida nele, e foda-se se ele desconfiasse o motivo que eu estava pedindo isso. Mas Diego não estranhou. Simplesmente me disse que sabia sobre Edu, ou melhor, desconfiava seriamente, e que ele era um idiota por deixar algo como convenções sociais ou o que era esperado dele o afastassem de quem ele queria ou de como realmente desejava viver a sua vida. Eu o abracei de impulso, comovida, e ele me segurou forte. Mais tarde ele me disse que Edu passou dois dias sem trabalhar, e quando Diego ligou, porque eu quase obriguei ele a fazer isso, ele disse que estava doente. Devia estar mesmo. Eu respirei aliviada e voltei a focar no meu amigo.

Na quarta, quando João Pedro chegou da escola, Abigail passou para pegá-lo e levá-lo com ela para mais um passeio. Ele estava animado, como

sempre, e saiu tagarelando com ela.

Entre as providências legais que Diego estava tomando naquela semana em relação a João e outras questões mais práticas, na quinta eu recebi a visita de Denise, uma morena baixinha, de cabelos curtos e sorriso fácil em saltos gigantescos, que era a designer que Abigail tinha enviado para nós. Eu mostrei a ela o quarto que iria ser adaptado para João, e ela mostrou várias alternativas que eu considerei adoráveis antes de ir embora e prometer voltar quando eu e Diego tivéssemos decidido algo.

E Diego, bom... quando eu pensei que ele estava quieto e aceitando muito bem a ideia da boate, ele decidiu me levar na quinta e ficar por lá até que eu saísse. João tinha ficado com Marta, uma babá experiente e de confiança que a própria Abigail tinha ajudado a selecionar, por indicação de uma amiga para quem ela havia trabalhado.

Quando eu conversei com Marta, senti a forma delicada e firme que ela lidou com João e fiquei um pouco mais tranquila. Um pouco. Porque era a primeira vez que ele ficava com uma pessoa estranha, e por mais que fosse uma profissional de confiança, batia aquela sensação... mas deu tudo certo, e ela ficaria quando precisássemos.

Nesse meio tempo, eu liguei para mamãe e contei as novidades, mas preferi deixar de fora qualquer notícia sobre James que Mário pudesse saber. Eu não tinha esse direito. Ela estava bem e me disse que inclusive estavam marcando uma viagem à Itália, para conhecer alguns parentes dele que ainda moravam lá. Eu também não quis dizer no meio daquela animação toda dela, sobre o que Diego tinha me dito do ex-namorado agressor e como um amigo dele detetive tinha conseguido apanhá-lo. Outra hora eu falaria sobre isso.

E enquanto Marta tomava de conta de João em casa, Diego queria tomar conta de mim na boate... Passou a noite sentado na banquetta um pouco afastado, bebendo apenas água, os olhos me seguindo feito um falcão. Eu tinha consciência dele ali, e de vez em quando ia perguntar se ele queria algo, só para provocá-lo. Ele fechava a cara e dizia que se me respondesse aquela pergunta, ele teria que me tirar do bar e me levar para outro lugar. Eu ria, mas continuei trabalhando normalmente, e só de vez em quando também lançava um olhar *pra* ele quando alguma bonitona resolvia praticamente se esfregar nele, ou vinha cheia de sorrisos achando que ele estava sozinho ali dando sopa.

James ria de nós dois, o que era bom, por que ele estava sempre muito triste agora, e em determinado momento eu me distraía e quando voltava a prestar atenção, eles dois estavam conversando. James e Diego? Do que eles podiam estar falando? Ergui as sobrancelhas para James bem no momento em que ele concordava com algo que Diego tinha dito, muito sério. Pronto. O que

Diego estava aprontando agora? Eu esperava que não fosse novamente passar por cima da minha opinião ou do meu consentimento, e que James não se metesse nesse rolo se não ia sobrar *pra* ele também. Mas eu saberia depois. Quando o turno terminou, eu estava tão cansada que mal conseguia lembrar meu próprio nome e deixei para perguntar no dia seguinte.

Na sexta pela manhã, enquanto eu arrumava João e Diego abotoava sua camisa, eu me perguntei se aquele homem era algum tipo de ser extraterrestre. Como ele podia estar bem se tínhamos chegado por volta das 3h da manhã e ele já estava acordado desde as 6h? Segurei um bocejo e fechei o casaco de João antes de dar um beijo em sua cabeça.

— Volte para cama depois que sairmos, Diana, você está mal ficando de pé — ele disse, terminando de ajustar sua gravata em frente ao espelho do closet. João ficou na cama distraído com um carrinho novo que Abigail deu, e eu pensei que daqui a pouco teria que ter outro apartamento para os brinquedos dele, pelo jeito.

— Não tenha dúvidas disso, acho que vocês dois não vão estar nem dentro do carro e eu já vou estar dormindo de novo — eu disse, sorrindo, e bocejei novamente antes de chegar perto dele e ajudá-lo com a gravata. — Calma aí, eu faço isso.

Ele levantou a cabeça, mas ficou olhando para mim.

— Experiência em dar nós em gravatas, não? Que interessante.

Olhei *pra* ele e revirei os olhos, continuando com o que eu estava fazendo.

— Eu ajudava James quando ele estava em algumas sessões de fotos e usava terno, ele me ensinou isso quando eu mesma não o fotografava, mente poluída.

— Eu não disse nada.

— Você nunca diz nada. Espera um pouco. Isso. Ótimo.

Ele me deu um beijo rápido, então eu lembrei.

— Por falar em James... o que vocês dois estavam conversando ontem?

Diego encolheu os ombros e ajustou os óculos.

— Nada de mais. Confraternizando com ele, conhecendo-o melhor, você sabe.

— Sim, e eu nasci ontem ao meio-dia.

— Apenas conversa aleatória.

— Diego...

— E no meio dessa conversa, ele me disse que vai estar com você hoje à noite na sessão de fotos desse evento, não é? — Ele ajustou a alça da minha camisola no meu ombro de modo distraído, carinhoso. Hum. Certo.

— Sim, ele também participou das fotos da campanha. Mas eu já tinha dito isso a você, por que perguntar ao James, então?

— Eu não perguntei, eu já disse, só surgiu no meio da conversa.

Eu só olhei para ele.

— O que foi, Diana? Eu só estou me aproximando mais do seu melhor amigo. Qual o problema? Você estava irritada quando eu estava louco de ciúmes dele, agora que eu quero conhecer o cara melhor, você está desconfiando de mim. Foi apenas um papo entre homens e o assunto surgiu.

Diego ergueu uma sobrancelha e eu balancei a cabeça devagar.

— Meu Deus, você deve ser bom como advogado, olha... quase dá *pra* acreditar em você. Além do mais até parece que James não vai me dizer o que vocês conversaram.

Ele sorriu e mexeu no nó da gravata. Eu dei um tapinha na mão dele, *me afastei* e o observei em seu terno azul-cinza que destacava seus olhos e a gravata preta, e sussurrei, pelo menos eu pensei que tinha sussurrado:

— Gostoso...

— Igual a moça do cabelo loiro disse *pra* ele, mamãe — João informou em uma vozinha alegre, sem nem levantar a cabeça de onde brincava com o carrinho. Eu pisquei sem entender, e olhei para Diego, que balançou a cabeça e fechou o botão do terno, murmurando algo que parecia “eu sabia”.

— Que moça do cabelo loiro?

João virou e sorriu para mim.

— Aquela que disse que ele era gostoso.

Virei de novo para Diego, estreitando os olhos, e agora ele sorria abertamente. Que legal que era uma coisa engraçada, então. Eu só precisava saber mais para rir também e todo mundo ficava feliz.

— Foi uma desconhecida no supermercado, nem sei quem era. — Diego deu de ombros sem deixar de sorrir e olhou para João. — Eu pensei que você tinha esquecido isso, rapazinho.

João abriu as mãos e mostrou as palmas com uma carinha consternada.

— Mas eu esqueci. Aí a mamãe disse gostoso e eu lembrei de novo...

Eu tentei não sorrir, mas estava difícil.

— Ah, então a culpa é minha. E você disse para ele esquecer que você estava sendo cantado no supermercado, meu amor?

Ele franziu os olhos e me encarou com intensidade, sem sorrir.

— Eu nem lembro como ela parecia, meu amor.

Nós estávamos brincando, claro, mas ouvir a voz dele dizendo aquilo fez as minhas entranhas brincarem de ginastas da equipe olímpica e eu cruzei os braços sobre os seios, retribuindo o olhar dele. João entrou na conversa de novo.

— Mas eu lembro, mamãe... ela estava usando uma roupa cheia de flor e...

— E que tal a gente ir tomar café, hein, filhinho, senão vamos chegar atrasados? — Diego riu e estendeu a mão para João.

— Ora, ora, quer dizer que quando os senhores saem sozinhos é assim que é? Eu devia ter imaginado, claro.

— Mas ninguém me chamou de gostoso, só de fofo. E lindo. — Mais uma vez João nos brindou com a sua participação na conversa. Diego estava segurando João, mas agora deu uma risada alta e eu franzi a testa para ele quando ele me olhou, evitando eu mesma rir.

— Foi, filhinho? Da próxima vez a mamãe vai estar junto eu também quero ouvir as moças, loiras ou não, *me chamarem* de gostosa, de fofa e de linda, não vai ser legal?

João riu da risada de Diego e concordou comigo, e eu os segui para fora do quarto, sorrindo feito uma boba. Mas ainda assim, eu estaria junto no supermercado da próxima vez, só pra garantir, claro.

Capítulo 30

UM PEQUENO TESTE

Diego 

Eu poderia ter esperado lá fora enquanto Diana se arrumava para ir a esse evento no qual ela iria fotografar, mas por que eu faria isso, se podia ficar observando-a ali no quarto?

João estava entretido na sala brincando com Marta e eu me encostei no umbral da porta aberta e cruzei os braços e os tornozelos apreciando a vista. Ela estava de costas para mim, curvada com a bunda no ar na minha direção enquanto parecia fechar a sandália. A visão era maravilhosa, o design perfeito da sua bunda apertada em uma calça marrom — ou alguma cor parecida, nunca se sabia hoje em dia.

Gostei que fosse uma calça. Era colada, tudo bem, mas algo em Diana de saia ou vestido me deixava meio louco de tesão, sempre, e saber que ela estaria justamente em uma peça de roupas dessas em um lugar cheio de homens não ia me descer bem de jeito nenhum, então, a calça estava mais do que perfeita.

Eu sabia sobre esses detalhes do evento, tinha me certificado com James, que pareceu responder às minhas perguntas diretas com bastante boa vontade na boate. Tudo bem que Diana tinha me falado, claro, mas de alguma forma os detalhes relevantes para mim pareciam não ser tão relevantes para ela. Um monte de caras bonitos por metro quadrado e ela lá? Era *pra* acabar comigo.

Por isso mesmo eu tinha ficado mais afastado dela na boate, mas ainda assim de olho, porque me aproximar mais de James para mim tinha duas motivações principais: ele estava sempre por perto de Diana, era seu amigo, e se ia estar com ela em locais de trabalho, era bom que ele me conhecesse melhor, que soubesse que a partir de agora eu estaria a par de tudo que dissesse respeito a Diana, e se ele estaria ao lado dela, como eu previa e apreciava que sim, precisávamos entrar em consenso.

A outra motivação era: se ele era importante na vida de Diana, eu teria que conhecê-lo melhor mesmo. Ainda que... ah, vamos lá, eu não era tão evoluído a ponto de não olhar para o cara e saber que mesmo ele não estando imaginando-a nua, não significava que eu não fosse sentir-me um pouquinho só incomodado. Porra, ele continuava sendo um homem com uma boa aparência em torno dela.

Eu estava com sentimentos conflitantes em relação àquela saída de

Diana. De um lado, contente porque ela estava fazendo o que realmente amava fazer e não trabalhando em algo que ela não tinha muito interesse, apenas porque precisava do dinheiro. E quando eu penso na perspectiva de ela precisar, isso me causa um aperto na mandíbula. Porque eu poderia facilmente resolver a situação, mas sei que ela não permitiria, e isso me dava vontade de beijar e bater na sua bunda por essa teimosia, tudo ao mesmo tempo. Mas eu também me orgulhava disso, essa que era a verdade.

— Bonita roupa — eu disse, e ela levantou e virou rápido com a mão no peito. Mas então sorriu quando me viu ali.

— Diego, você me assustou. Mas obrigada. Gostou mesmo?

Me desloquei para mais perto dela, calmamente, de braços cruzados. Bem, ela estar de calça não mudava o fato de que ela estava linda e ia chamar atenção masculina do mesmo jeito, talvez até mais. Merda. A blusa era preta, sem mangas, desse tipo que parecia ser de um tecido bem mole, trespassada de um lado a outro junto com a calça justa, a deixava elegante, profissional, e gostosa, tudo junto.

Meus olhos foram como raios para a abertura e para o seio com o piercing, mas ela estava de sutiã, claro, graças a Deus, e os seus cabelos tinham sido presos em um tipo de coque.

— Sim, gostei — finalmente respondi, depois da minha averiguação, baixo, lançando-lhe um olhar atento, por toda ela. Se eu estivesse junto eu gostaria mais ainda da roupa, mas fazer o quê? Isso que dava ter uma mulher linda e confiante como Diana, que podia chamar atenção por onde andasse mesmo que estivesse usando um saco de batatas. — *Me avise* quando estiver pronta.

Ela ergueu as sobrancelhas delineadas.

— Você vai me levar? Achei que fosse pedir ao motorista ou me dar o seu carrinho lindo mais uma vez.

— Não, dessa vez posso levar vocês, se estiver tudo bem. Você não vai com o James?

— Não mais, ele vai de Uber direto, e encontro com ele lá.

— Ótimo, eu levo você, então.

Ela cruzou os braços, parecendo desconfiada, *me olhando* em silêncio por alguns segundos. Então, suspirou profundamente.

— Ok, tudo bem... mas você não está pretendendo ir me ver trabalhar e ficar lá fazendo aquela cara assustadora para quem sorrir para mim, está?

Ofendido, eu franzi a testa.

— Que cara? Eu não faço isso.

— Essa cara bem aí. E você faz, sim.

— Ok, Diana, mas não... Eu não pretendo fazer isso. Só vou te deixar lá e voltar, e você pode trabalhar em paz, claro.

Eu não era um louco perseguidor, mesmo que estivesse sentindo o incômodo corroer minhas entranhas em saber que ela estaria cercada de modelos, homens bonitos, em sua maioria, sob o foco atento das suas lentes. Exalei profundamente enquanto aguardava o que ela diria sobre isso.

— Muito bem, até porque eu não vou até o seu trabalho verificar você, não é? — Ela pôs um dedo na minha bochecha, a unha roçando na minha pele. Não tinha a intenção de ser sensual, eu sabia, mas eu fui rápido, peguei o dedo e dei uma mordida, e Diana tomou um susto, deu um gritinho e depois riu. Eu adorava o som da risada dela, vibrante, contagiante, era um som livre, sem o comedimento que eu sempre via na maioria das mulheres que estiveram comigo. Era reconfortante, deixava-me em paz.

— Não se preocupe. Só vou te deixar lá, não vou verificar você — eu disse muito sério e solene, e ela assentiu concordando, ainda sorrindo para mim. Eu não iria porque estava confiando seriamente que a minha conversa com James tinha sido suficiente para deixar o meu ponto claro, e eu queria saber se ele merecia o meu voto de confiança. Algo me dizia que sim, mas era só a primeira tentativa ainda, então, nunca se sabia.

Segurei Diana pelo braço a puxei delicadamente para mim, colando suas curvas ao meu corpo e segurei sua bunda... então parei e estreitei o olhar porque de repente compreendi o que era aquela sensação no fundo da minha mente que estava me incomodando quando eu olhei para o decote dela. Olhei para o espaço vazio entre os seus seios.

— Onde está o seu colar?

Ela tocou o espaço vazio com a ponta dos dedos, *me olhando* como se estranhasse a pergunta.

— Eu guardei, por quê?

— Use-o! — eu disse, quase brusco, então respirei fundo e tentei novamente, enquanto punha as mãos em sua cintura e a puxava mais. — Por que você não usaria agora?

Diana me olhou meio sorrindo como se eu fosse louco.

— Diego, eu estou indo trabalhar, não é como se eu fosse uma convidada do evento, além disso, é uma esmeralda. Quem usa esmeralda assim no dia a dia?

— Eu conheço várias mulheres que usam e em nenhuma fica melhor do que em você, portanto, acho que você deveria usar — eu disse rápido em um tom solene, e me surpreendi porque saiu antes mesmo que meu cérebro processasse o que eu estava dizendo. O olhar fixo e intenso de Diana me

mostrou que ela também foi pega no impacto das minhas palavras. Eu nem poderia dizer que estava sob o peso do tesão, como aconteceu quando eu disse que ela seria minha *pra* sempre.

Eu quis dizer aquilo? Porra, provavelmente sim. Claro que sim. Talvez não naquele momento enquanto eu ainda estava raciocinando sobre o que eu e Diana estávamos fazendo, para onde realmente estávamos indo agora que eu sabia exatamente que a queria comigo. Mas eu não conseguia olhar para adiante e pensar em um dia em um futuro próximo em que ela estaria com outro cara, e não aqui, acordando comigo e estando na minha cama, fazendo parte da minha rotina. Tinha dificuldade também em imaginar um dia em que eu teria que visitar o meu filho e ser recebido na porta por outro homem. Puta que pariu, eu não queria uma merda dessas, e com certeza não era só por causa de João Pedro.

Então, eu não estava arrependido de nada do que tinha dito, nem agora, e nem antes, mas sabia que Diana era cautelosa, reticente, ela já tinha dado mostras disso, e eu não queria fazê-la correr para as montanhas por estar sendo muito impetuoso. Logo eu, o perfeito retrato da ponderação, que ficava mantendo as mulheres meio afastadas, como algumas já tinham dito, estava tentando me controlar para não agir como um troglodita. Por que eu ainda me surpreendia com as coisas que Diana me fazia sentir?

Aguardei e segurei seu queixo entre meu polegar e o indicador. Diana engoliu em seco e depois balançou a cabeça de leve, em sinal positivo, e eu relaxei. Já tinha percebido que ela parecia toda relaxada e tranquila quando estávamos em momento de intimidade sexual, mas dava a impressão de balançar e perder um pouco a atitude quando eu dizia ou fazia coisas assim. Era daquela forma então, que eu chegaria nos recônditos mais profundos daquela mulher, e não apenas na cama.

— Dito dessa forma, eu não posso recusar esse pedido — Diana sussurrou e encostou os lábios nos meus em um beijo muito leve. Segurei sua cabeça e não a deixei terminar tão rápido. Sorrimos na boca um do outro.

— Não é uma imposição, no entanto. Só acho que combina com essa blusa. — E eu estava bem com a ideia de algo que eu tinha dado a ela estar no seu corpo. Aquilo estava me consumindo e eu estava pensando seriamente em ver alternativas para sanar aquele desejo de vê-la com algo em que ela olhasse, tocasse, e lembrasse de mim...

Diana riu.

— Combina com a blusa? Sei. Muito bem, *me deixe* pegar o colar e nós saímos, preciso estar lá mais cedo para "sentir o ambiente".

Eu concordei e a vi virar-se para o closet, gemendo de frustração, em silêncio. Inferno. Talvez, só talvez, eu chegasse um pouquinho mais cedo na

hora de buscá-la.

Diana 

A festa de lançamento da campanha de moda íntima e banho masculina estava acontecendo no salão do Hotel Almada, não muito longe do apartamento, e quando Diego entrou no estacionamento, eu virei para ele, ajustando o meu equipamento no colo.

Eu estava se não nervosa, mas apreensiva, com um friozinho na barriga, pois seria a primeira vez que eu trabalharia com o que gostava de fazer depois que cheguei no Rio, e quando decidi isso, anos antes, não imaginava que estaria ao lado de Diego como estava agora. Toquei o pingente em forma de gota do meu colar e suspirei, lembrando das coisas que ele tinha me dito esses últimos dias.

Eu não era uma ingênua, sabia que Diego estava sendo claro sobre me querer não só na cama, ele estava agindo como um homem que me queria por perto o tempo todo. Estava não, ele sempre esteve desde que voltamos a nos ver, essa que era a verdade. A questão agora era que se antes ele estava com muita raiva de mim, agora parecia ter transformado isso em desejo sexual, afeição e respeito, e eu estava indo junto porque queria as mesmas coisas, nem havia o que pensar sobre isso.

Eu tinha ouvido e entendido claramente o *pra* sempre que ele disse, notado as atitudes dele, e mesmo que depois Diego não tenha repetido nada daquilo, nem tocado no assunto, eu estava aos poucos sentindo algo parecer quebrar dentro de mim, um misto de sensações e sentimentos únicos em relação a ele... Quando falei disso com James, ele disse que eu estava apaixonada. E quer saber o que foi o mais engraçado, eu não ri dele como costumava fazer antes, só balancei a cabeça exasperada e ele passou a me perturbar com aquilo, o idiota.

— Está tudo bem? Você precisa de ajuda com isso? — Diego apontou para a câmera dentro da bolsa no meu colo. Ele tinha posto o tripé que eu preferia usar para fotografar a noite no banco de trás, então, tudo que eu tinha a mão era a minha câmera digital Canon presa em um suporte lateral. Isso era algo que eu amava em Diego, ele parecia estar sempre atento às necessidades dos outros a sua volta e oferecendo ajuda, por menor que essas necessidades fossem. Com João Pedro, então, isso era muito mais evidente.

— Está sim, e não precisa, está tudo leve aqui, obrigada.

Ele puxou o freio de mão e olhou para fora, observando ao redor, nas imediações do hotel, depois voltou-se para mim. Eu evitei sorrir porque não estava acreditando em mim mesma achando engraçado aquela coisa ciumenta dele. Na verdade, enquanto ficasse assim, eu podia lidar e achava bonitinho, caso ele surtasse, eu mesma puxava o freio dele.

— Não parece muito movimentado ainda.

— Ainda está cedo, eu preciso andar pelo local, *me familiarizar*, ver de onde ficam os melhores ângulos para fotografar, essas coisas... Mas daqui a pouco isso aqui deve estar lotado.

— Entendo. O James já está aí?

— Não, mas está chegando. Ele vai me fazer companhia desde cedo.

— Eu sei — ele disse, convicto, e eu só lancei um olhar questionador que ele ignorou. Não via a hora de James chegar e eu ter uma conversa especial com ele. Muito especial. Para Diego, por exemplo, não adiantava perguntar mais que ele não diria.

— Você me liga quando terminar.

— Sim, eu ligo.

Diego franziu os lábios e assentiu com a cabeça em silêncio por um momento, mas eu conhecia um pouco agora aquela expressão dele e esperei enquanto ajustava a alça do equipamento no ombro.

— Não é um desfile, é?

Eu estava certa, pensei, curvando os lábios em um sorriso.

— Não, só uma recepção, estarão todos vestidos. Eu acho — acrescentei, inocentemente, e ele me deu um olhar cortante.

— Ótimo!! — resmungou mexendo nos óculos. Fiquei olhando para ele, esperando, então Diego respirou fundo e saiu do carro. E eu sorri e aguardei. Costumava sempre sair antes que ele abrisse a porta por pura falta de costume mesmo, mas percebi que ele parecia frustrado quando eu fazia isso, e passei a aguardar que ele abrisse a porta para mim. Não custava nada, nenhum pedaço meu caía, e era um daqueles gestos que eu estava me acostumando em relação a ele.

Só que agora, em vez de continuar agindo como um cavalheiro que ele sempre era, quando eu pus o pé no chão, ele me pegou com firmeza pela cintura e não soltou, *me mantendo* presa a ele na lateral do carro, prensada contra o seu corpo. Surpresa, segurei-o pela camisa e o encarei. Diego ficou uns segundos me encarando, então aproximou o rosto e mordeu o lóbulo da minha orelha, seu hálito quente ali e a pressão dos seus dentes imediatamente me fazendo fechar os olhos e apreciar a sensação.

— Não me provoque, Diana. Você sabe o que acontece quando você faz

isso...

Aspirei o cheiro delicioso dele e plantei um beijo bem na abertura da camisa de botões que ele usava naquela pequena depressão da sua garganta, e senti Diego respirar forte. Tenho certeza de que o que eu tinha de pelos no corpo se arrepiaram todos naquele momento.

— Talvez eu goste das consequências de te provocar, você já pensou nisso?

Ele segurou a minha bunda e me pressionou mais. Agora seu hálito quente e a língua úmida serpenteou naquele local estratégico atrás da minha orelha, *me fazendo* estremecer.

— Já. Desde a primeira vez que você me provocou na minha aula.

Eu parei e aguardei. Por mais que nós estivéssemos bem, não era muito comum ele fazer referência aquela época, e o meu ligeiro desconforto era proveniente de tudo que tinha acontecido. Talvez eu não estivesse mais disposta a lidar com a culpa me corroendo, mas não sabia se estava certa em deduzir como seria se a gente ficasse olhando para trás, lembrando como se tivesse sido um momento qualquer, porque não foi. Mas afinal, ele tinha puxado o assunto e se ele não estava preocupado, eu não ficaria também, dane-se. Resolvi levar com leveza.

— Isso porque você era um chato naquela época.

— Não, não era.

Eu sorri para ele com escárnio.

— Ah, era sim. Minhas aulas, minhas regras, não tolero atraso, não posso sorrir com ninguém... — Resolvi brincar com ele, que encolheu os ombros largos.

— Só me preservando. Já pensou se eu saísse sorrindo, brincando, saindo *pra* tomar uma cerveja com cada aluno ou aluna que me sugerisse isso?

Meu sorriso morreu na mesma hora. Minha nossa, não queria nem pensar naquilo. Eu sei que ele não era ignorado em lugar algum, mas eu precisava agradecer a Deus por ele não estar mais em sala de aula. E se uma louca resolvesse tentar fazer com ele o que eu fiz? Bom, na pior das hipóteses, ela ia topar comigo agora. Lembrei da Fabíola que não deu mais sinal de vida, ainda bem. Pelo menos não que ele tivesse me dito.

Diego apertou a minha bunda e deu uma palmada de leve.

— Vai lá, Diana, ou eu posso esquecer onde estamos e a única coisa que você vai fotografar hoje talvez seja nós dois. Nus.

Soltei um gemido de frustração, afundando o rosto no peito dele.

— Nossa, que tentador... Mas mantenha essa ideia, eu gostei dela.

Ele sorriu e então me beijou. Quando o beijo finalmente terminou, *me*

deixando sem ar, ele me afastou, pegou o meu equipamento na parte de trás e me pegou pela mão, levando-me para a entrada do hotel. Lá, nos despedimos com um beijo e eu entrei, pedindo aos céus que James realmente não demorasse muito e que aquela noite fosse realmente o início de uma nova fase na minha vida, uma em que eu poderia concretizar meus sonhos e fazer o meu próprio caminho, e também uma fase em que eu não estaria o tempo todo com o coração trancado e me doando pela metade para alguém.



— Olha se não é a Red, a mocinha apaixonada. — Ouvi aquela voz inconfundível e provocativa bem na lateral do meu rosto, e sorri sem olhar para trás. Eu estava em um canto mais afastado do jardim do hotel onde estava acontecendo a festa, trocando a lente da minha câmera e achava que ele estava demorando demais. Senti o beijo na minha bochecha, e então ele veio para frente.

— Eu não disse a você que estava apaixonada. Que mania, hein?

— Também não disse que não. Acredite, eu lembraria se você dissesse.

James sorriu, passou uma mão no cabelo e afastou uns fios que saíram do lugar, e eu arqueei uma sobrancelha.

— Minha nossa, parece que alguém está vestido para matar — eu disse e ele deu de ombros, passando a mão na frente do blazer preto que ele estava combinando com jeans escuro e camisa branca com um desenho indiano na frente, do jeito descolado e sempre sexy que ele gostava de se vestir.

— Você pode estar o último farelo do biscoito quebrado no pote, mas saia de casa para ser visto, ou nem saia. — James piscou e nós dois sorrimos juntos. Que bom que ele estava conseguindo sorrir um pouco mais aquela semana. Não que tivesse esquecido ou deixado de sofrer por "Aquele que não deve ser nomeado", como ele apelidou Edu, como o bom pottermaníaco que ele era.

— É a nossa filosofia, não?

— Você está uma delícia, também, só *pra* constar, nada de um vestido marcando essa bunda linda *pra* arrasar? — Ele ficou ao meu lado e passou a olhar em volta das enormes tendas armadas ao redor por onde uma quantidade já significativa de pessoas estavam circulando, conversando e com bebidas nas mãos.

—J, você acha que eu ia agachar, *me curvar*, ficar à vontade com um vestido colado na bunda? Eu já me permiti usar uma plataforma, você sabe que

quando eu clico meus bebês fofos, prefiro até estar mais à vontade que isso. Mas ninguém está reclamando aqui, ok?

Ele sorriu e apontou um cara, um dos modelos que tinha sido clicado na campanha, e que ele conhecia de longa data. O cara era alto, cabelos claros, com músculos discretos, do tipo elegante. Segui seu olhar e sorri quando ele disse:

— Pois é, esse tipo de vista, quem iria reclamar?

Eu tinha uma vista melhor em casa, mas não ia desdenhar porque o meu amigo precisava espairar, apreciar, e quem sabe até desfrutar daquela noite. Encostei meu ombro ao dele e o empurrei de leve.

— Alvo à vista? Ou é muito hétero para o seu gosto?

Ele virou para me olhar e um pouco da alegria de antes parece ter desaparecido do seu olhar, mas o sorriso permaneceu enquanto ele punha as mãos no bolso do jeans e continuava olhando o cara loiro conversar com um grupo menor de outros homens e mulheres.

— Hétero de meia tigela, mas não é isso... Mas vamos ver. Quem sabe?

— Tradução: não vai rolar.

Ele respirou fundo.

— Não disse isso, a noite está só começando. Por falar nisso, o seu... — ele começou, mas então fixou o olhar no meu colo e arregalou os olhos, e eu ri, pondo as duas mãos na cintura e levantando a cabeça para deixar mais evidente. James esticou a mão e tocou de leve meu pingente.

— Puta que o pariu, o cara está completamente apaixonado mesmo, sua sortuda da porra! — Ele me segurou pelos ombros e olhou para a joia, feliz. — É lindo, Red. Combina com você.

— É lindo mesmo, não é?

— Tá ok, vou fingir que não percebi você ignorar a primeira parte da minha afirmação, linda.

Suspirei e terminei meu encaixe, ajustando a alça da câmera no pescoço. Então, fiz um registro do grupo de rapazes, que conversavam e bebiam descontraídos. A festa estava no início, mas a animação já estava nas alturas por ali.

— Eu não estou ignorando, J. Só estou vivendo... e sendo a expectadora ao mesmo tempo. Talvez quando estivermos prontos para falarmos disso, vamos falar, afinal, ninguém disse nada sobre paixão ainda...

— Porque estão sendo ambos cautelosos. Tudo bem, vocês estão certos, talvez eu só esteja sendo apressado mesmo... Acompanhei essa história desde o começo e é tão louco que vocês dois estejam aqui agora vivendo essa paixão, que eu queria tudo pra ontem. Beleza, já parei.

Me aproximei mais sorrindo e encostei minha cabeça no ombro dele, que

me enlaçou com um braço.

— Se esse momento chegar, eu não vou fugir dos meus sentimentos, J, por mais que isso me deixe amedrontada. Porra, as coisas que eu estou sentindo por Diego nunca senti antes, você tem que concordar que a gente fica meio assim de saltar feito louco do penhasco, é só isso.

— Coisas que você está sentindo. Tradução: está apaixonada.

— Você não ajuda.... — Divertida, balancei a cabeça e voltei a me posicionar para mais alguns outros cliques rápidos e depois eu iria circular para fazer fotos melhores.

— É o que estou fazendo aqui, ajudando, amiga. *Tá* ok, Red, vamos lá, tem uma história bem complicada aí, mas vamos combinar que vocês já deram uns bons passos adiante.

— Exatamente, e ainda temos outros para dar, e enquanto isso, eu vou viver, meu amigo, da melhor forma que eu puder, mas não deixa de ser diferente de tudo que eu já vivi, e o que você não conhece às vezes te deixa meio ressabiado... E estamos nos conhecendo também, por que a pressa em já ir falar de sentimentos?

— Conhecendo biblicamente no caso.

— Também. — Sorri, lembrando das nossas últimas transas. Só o pensamento já me deixava suspirando por ele. Mas também o som da voz, o cheiro dele. Era tudo junto, *me girando* numa espiral sem precedentes. — Mas estamos realmente sentindo um ao outro. É mais que sexo, só se eu fosse louca para não notar, e o fato de estarmos morando juntos, essa intimidade, isso também é bom... tão envolvente.

— Como eu fico feliz em ouvir você dizer isso, meu amor. Estou aqui na torcida por você sempre. E por falar nisso, Diego já tinha me convencido nos dotes, bem, físicos e tudo o mais.... Mas agora eu sou o mais novo chefe da torcida dele, só *pra* você ficar sabendo.

Eu ajustei o tripé e descansei a câmera, então virei de frente para ele e cruzei os braços, a expressão séria. O que só fez que ele risse, claro. Ele dificilmente me levava a sério.

— Por falar nisso, pode logo ir me dizendo o que você tanto conversou com Diego na boate, James. Vamos lá.

Para meu horror, ele olhou *pra* longe com um sorriso matreiro e deu de ombros.

— Nada em particular.

Eu olhei ao redor para ver se alguém veria caso eu resolvesse bater com a câmera na cabeça dele. Mas o risco era muito grande, então me aproximei dele ainda mais.

— James Dean Rezende, não ouse! Eu espero não ter que lembrar a você que você é meu amigo, não é? — sibilei e ele piscou para mim.

— Red, relaxa. Não teve nada de mais mesmo, claro que eu sou seu amigo, fiel escudeiro para todo o sempre, amém. — James pôs uma mecha solta do meu cabelo atrás da minha orelha, e eu franzi a testa para ele. — Diego só estava se aproximando de mim, e a gente acabou tocando no assunto dessa festa. Ele ficou bem mais tranquilo que eu estaria aqui com você, só isso.

— Assim do nada vocês chegaram nesse assunto?

Ele respirou fundo.

— Bom, ele pode ter sutilmente me pressionado um pouco... você conhece o seu homem ou não?

— Pressionado um pouco?

— Sim, tipo: "toma conta da minha mulher lá, seu babaca, senão eu vou arrancar as suas bolas" ou "não pense que porque você é gay eu não vou ficar de olho em você, tá legal?" — James disse, com uma cara fechada, fingindo ajeitar uns óculos inexistentes e imitando a voz e a postura de Diego. A gargalhada borbulhou na minha garganta porque ele era um bom imitador, e eu pus a mão na boca para contê-la.

— Diego disse isso a você? Ele nunca diria coisas assim.

James rolou os olhos.

— Ok, não exatamente com essas palavras, mas foi isso que ele quis dizer, dá no mesmo. Diana, qual é? Aquele cara pode ser o lorde mais perfeito do universo, mas ele é quase um homem do paleolítico quando se trata de você, por favor, não venha me dizer que você não sabe.

— Sem comentários. Se você não me diz claramente o que ele falou, eu não digo nada sobre nós. Meu ex-melhor amigo de uma figa.

James me deu um olhar assassino, então sorriu e eu o acompanhei.

— Estou falando sério, foi esse o recado. Bem-educado, com aquela voz que, puta que pariu, você sabe, não preciso te dizer, mas foi isso. Ele começou a história da festa e eu só disse o que sabia, e avisei que viria com você.

— Ele já sabia, eu disse tudo a ele e ainda assim ele...

— Mas ele queria se certificar de que eu estava ciente de que sou seu guardião oficial quando ele não está, algo de homem das cavernas desse tipo. Não sou familiarizado com isso. — Ele riu.

— *Me poupe*, James. E você foi nessa conversa de Diego? Sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim e você sabe.

— Sim, eu sei disso, só achei fofo ele estar preocupado e tudo, como eu ia negar que aceitava ser consagrado o seu cavaleiro da armadura brilhante quando ele não estava junto? Eu aceitei. — James me olhou e parecia mais sério.

— Ele deixou bem claro *pra* mim que está bem com a nossa amizade e tudo, mas que agora, meu amor, ele é o segundo homem da sua vida, e eu passei a ser o terceiro, porque o posto de número um é de JP. Eu já dei passagem e estou de camarote lindo só filmando e torcendo pela felicidade de vocês.

Eu toquei em seu antebraço com carinho. Claro que eu sabia disso, não esperava outra coisa dele. Nesses últimos anos, James era parte fundamental da minha vida.

— A mesma que você vai encontrar um dia.

— Eu vou — ele disse, resoluto, então piscou para mim. — Enquanto eu vou ficando na sua e ajudando nosso lorde a te amarrar no pé da cama.

Eu pressionei minhas têmporas e ri.

— Meu Deus, não acredito que você está reproduzindo essa balela machista, seu doido. Homens sempre sendo homens, não importa se gays ou héteros, nossa...

— Ei, injusto isso, hein? E eu não ia perder a oportunidade de entrar na boa graça do seu marido, baby. Ele quase ameaçou a minha integridade física uma vez, quem vai querer briga com ele? Eu só disse o que ele queria ouvir, não é como se eu fosse prender uma corda em você aqui.

— Claro que não. Eu já namorei antes e você nunca fez isso. Na verdade... quando saíamos juntos para balada, às vezes eu tinha que lembrar a você que eu estava de rolo com alguém, não era?

Ele fez uma cara de desentendido.

— Era? Pode ser.

— Era. Então, isso quer dizer que se eu fosse um cara gay, seu amigo, e o meu namorado dissesse para você ficar de olho em mim aqui e me manter segura, você iria acatar sem questionar?

Eu ajeitei o meu cabelo e fiquei olhando *pra* ele. Um garçom passou perto de nós, jovem e bonito, e com um sorriso amplo e educado, ofereceu champanhe. James pegou duas taças, sorrindo para ele, e o rapaz olhou *pra* mim, depois *pra* ele e ficou um pouco confuso. Nós dois sorrimos quando ele se foi.

— Eles nos veem de longe e acham que eu sou o sortudo que tenho esses cabelos vermelhos espalhados no meu travesseiro, não é?

— Provavelmente. Mas continuando...

— Você não deixa passar nada, não?

— Não quando meu amigo louco de todas as horas, fiel a mim, de repente parece estar inclinado a aceitar o que Diego o manda fazer. É isso?

— Ele não mandou. Só pediu com educação. Se ele mandasse... bom, eu ia fazer do mesmo jeito, mais rápido ainda.

Nós dois rimos novamente e eu quase engasgo com a champanhe.

— Traidor.

— Isso se chama sensatez.

— Isso se chama clube dos homens. Qual é a próxima, assistir ao futebol com ele?

Ele me olhou de olhos arregalados.

— Credo, detesto futebol, a não ser para observar os caras suados e todos aqueles músculos. — Ele tomou um gole da sua bebida. — Melhor não. Diego iria descobrir que sou uma fraude em cinco minutos quando ele falasse de um escanteio e eu estivesse vendo a bunda de alguém e babando. Até porque não faço ideia do que seja um escanteio.

Eu encostei minha testa em seu ombro e ri. Como era bom vê-lo sorrindo e descontraído outra vez.

— Ok, James. Então, e a minha pergunta?

— Se você fosse um amigo gay? Sim, claro, eu faria a mesma coisa.

— Muito bem.

Mentiroso de uma figa. Assenti e olhei em volta. Ia fazer um teste com ele, pensei, divertida.

— Certo, então, se eu de repente for ali.... — Acenei discretamente para um grupo de uns 4 caras bonitos e altos, todos modelos, provavelmente, que estavam mais perto de nós. Um deles, que tinha chegado mais cedo, sorriu quando eu o fotografei e levantou a taça em um brinde para mim. Ele era conhecido, eu só não sabia o nome dele porque era péssima *pra* isso. Mas ele era bonito, claro. Continuei: — E sei lá, bater um papo, aceitar uma bebida, ou um deles vier aqui e me cantar, você como meu amigo de anos, com certeza vai ignorar isso e deixar rolar, não é? Eu não sou casada nem nada, e você é meu amigo... e aí?

James ficou me olhando sério por um momento, então deu uma gargalhada e eu me surpreendi, olhando para ele sem entender. Quando ele parou, olhou para mim e curvou-se para falar no meu ouvido, baixinho.

— Que boba apaixonada você está, minha amiga. Aquele cara ali é tão hétero quanto o seu Diego, e ele está olhando para você desde que eu cheguei aqui, talvez antes. Fez até um sinal para que eu a apresentasse, eu o conheço, nós já fizemos umas sessões de fotos juntos antes dessa e ele sabe que eu sou gay. Isso significa que a única pessoa que ele poderia estar interessado aqui era em você. A Diana que eu conheci, a que não estava apaixonada por Diego, já teria sacado isso há décadas, e já estaria agora mesmo com uma bebida e o telefone do cara nas mãos.

Eu olhei para James, boquiaberta. Então, olhei disfarçadamente para o cara em questão, o modelo alto e de barba. Ele sorriu e novamente fez aquele

gesto sutil de brindar em minha direção. Puta merda. Eu estava tão concentrada falando de Diego e não tinha visto aquele cara me secar?

James me deu um beijo no rosto e fez um gesto de negativo para ele, que encolheu os ombros despreocupadamente e virou-se para a outra mulher ao lado dele.

— E respondendo à sua pergunta, chérie, mesmo que ele fosse corajoso o suficiente para vir até aqui e cantar você, eu chutaria a bunda dele *pra* longe. Eu já disse: você é meu amor, minha vida, mas eu virei o chefe da torcida organizada do Diego, o que eu posso fazer? Você caiu rápido também por ele, então, não me julgue.

James me deu um outro beijo e disse que ia circular um pouco, e eu fiquei lá parada olhando-o afastar-se, percebendo que ele tinha feito um teste comigo.

Capítulo 31

VAI SER MAIS INTERESSANTE QUANDO VOCÊ A CONHECER

Diana 

James tinha voltado para perto de mim junto com um amigo, Guilherme, depois de circular por um momento e interagir com outras pessoas na festa. Ele realmente havia cumprido o que disse, estava servindo de "guardião" da minha honra, pensei, sorrindo da ideia. Depois de me deixar lá estupefata com os seus comentários, ele foi conversar com um grupo de homens e mulheres no outro extremo da festa, fazendo o que ele acabava por fazer sem precisar se esforçar muito: ser o centro das atenções com o seu sorriso fácil e conversa agradável.

Eu também me movimentei, ora usando o tripé para capturar minhas imagens, ora andando discretamente ao redor das pessoas, mas não tão perto das suas conversas, para fazer os meus cliques. Acostumada a fotografar crianças em constante movimento, mesmo quando você pedia para elas ficarem quietas, não estava sendo complexo como eu pensei que estaria. Ainda assim, eu preferia os meus pimpolhos.

Agora, mantive o foco da câmera nas pessoas ao redor da grande mesa disposta sob a maior das tendas, mantendo-me relativamente afastada. Em sua maioria, aquelas pessoas eram ligadas ao mundo da moda masculina, além de algumas celebridades que emprestavam seus rostos e corpos para a grife.

Depois de mais de uma hora e um número expressivo de fotos, observei que os convidados estavam mais leves, descontraídos e sorridentes. Obviamente que a quantidade indecente de champanhe e outras bebidas que estavam sendo servidas tinham a sua contribuição na mudança de comportamento. Era um momento bom para registrar, quando as pessoas estavam mais soltas mas também não estavam bêbadas, o que não seria nada legal para parecer em sites e revistas.

— Está vendo aquele cara ali, com a camisa azul? — James apontou com o queixo discretamente para outro fotógrafo a alguns metros de nós. Havia outros, claro. Eu assenti, observando o cara. — Bob Rashid, ele é muito bom, tem anos de prática nesse tipo de evento.

Eu olhei de lado para ele.

— E isso é tipo para me deixar mais tranquila? Por que não funcionou.

James riu.

— Não, isso é tipo para te dizer que você está bem na fita. Vai lá e

mostra que você é tão boa ou melhor que qualquer um deles.

Eu podia amar mais aquela criatura? Não, não é? Gui, o amigo que estava ao lado dele, modelo que James tinha conhecido em Nova York, virou-se na minha direção.

— Inclusive, o pessoal da produção é superacessível, Diana... se você quiser, posso conversar com eles, indicar outras coisas para você.

— Ah, eu agradeço, Gui, muito.

James olhou *pra* ele e sorriu.

— Acessível para ele, Red, não para todos os mortais, bem entendido.

Gui fez um gesto de desdém com as mãos e nós sorrimos, e eu comecei a observar a parte mais à direita, onde deveria fazer outros registros. Nesse momento, meu celular tocou na minha bolsinha e eu peguei rápido, por um momento achando que fosse Diego, mas quando eu vi o nome piscando na tela, fiquei estática e olhei para James. Ele já estava olhando para o aparelho onde o nome de Eduardo estava aparecendo, e então me deu um olhar que eu não tive como classificar, se frustrado ou esperançoso.

Eu sabia que depois da última vez que eles estiveram juntos, não aconteceram mais aproximações, e J me disse que aquilo tinha sido a cartada final, o último ato do qual ele poderia esperar algum tipo de reação de Edu, e como ele não o procurou e pareceu sumir do mapa, ele finalmente entrou naquela fase da separação que você oscila entre a aceitação e a incredulidade quanto ao fim. E agora Edu estava ligando? E *pra* mim?

— Ele ligou para você? — murmurei, preocupada com a reação dele.

— Não sei. — James suspirou. — Eu o bloqueei.

— Você acha que eu devo atender?

James olhou para frente por um momento, silencioso, o telefone ainda vibrando na palma da minha mão. Gui, ao lado de James, olhava entre nós dois, intrigado, então cruzou os braços e soltou uma espécie de bufo.

— Ah, não, JD. Vou dar na sua cara.

Com a testa franzida, ele se virou *pra* mim de novo e fez que não. Eu soltei uma respiração forte e tentei uma última vez. Eu entendia o meu amigo, mas e se... Droga, e se ele quisesse aceitar os termos de James, como ele saberia se não falava com ele?

— Tem certeza?

— Tenho. Eu estou só começando a fechar as minhas feridas e ele liga justo hoje? Agora? Não. Foda-se.

Eu rejeitei a chamada com um aperto no peito, pus o telefone de novo na bolsinha e passei a fotografar de outros ângulos, andando um pouco ao redor. James e Gui estavam próximos, conversando baixo e eu me perguntei o que viria

dali, ou se viria algo, quando minutos depois algo chamou a minha atenção.

Algo não, alguém se movimentando ao redor das pessoas na direção em que eu estava fotografando. Um homem e uma mulher. Ele parou, cumprimentou um grupo de pessoas que estavam perto e alguém apontou.

Com o meu coração começando a aumentar o ritmo das batidas, abaixei a câmera e fiquei observando o casal que vinha devagar. O homem, alto e elegante em uma camisa social azul-clara e calças pretas, trazendo pela mão muito lentamente a mulher, baixa e magra, de cabelos grisalhos e se movimentando mais lentamente. Minha nossa senhora, ele estava aqui... sussurrei, espantada, quando eles já estavam mais próximos e Eduardo me encarou.

Eu lambi os lábios e olhei para o lado. James e Gui riam agora, ignorando o que eu estava vendo, e quando eu finalmente pousei novamente o olhar em Edu, ele tinha uma expressão que eu nunca vi antes em seu rosto, *me parecia* uma mistura de frustração, raiva, tristeza. Não parecia o cara sorridente, leve e tranquilo que eu conhecia, mas um cara determinado, apesar de estar vindo devagar por causa da acompanhante. Quem seria ela e por que ele estava aqui? Não podia ser coincidência se ele tinha acabado de me ligar.

— Diana, tudo bem? — ele disse assim que parou à minha frente. Educado, claro, mas sua voz tremia um pouco, se de nervosismo ou raiva, eu não sabia. Engoli em seco e notei que as risadas ao meu lado, um pouco atrás apenas, pararam abruptamente. Ouvi também um "que caralho ele acha que está fazendo?" de James.

— Edu... tudo bem. — O que mais eu podia dizer? Constrangimento corria pela minha pele. Ele assentiu com um meio sorriso, mas não parecia irritado comigo e sim com o que ele via por cima do meu ombro. Suas narinas inflaram e seu olhar podia muito bem matar, mas ainda assim ele olhou para a senhora ao seu lado e fez um gesto para mim.

— Mãe, esta é a Diana, eu falei dela para a senhora no caminho. Diana, esta é Claudete, minha mãe.

Putaque o pariu! A mãe?! O que Edu estava fazendo com a mãe dele ali naquela festa? Eu estava processando isso quando a senhora elegante, com o mesmo tom de olhos de Edu, estendeu a mão para mim.

— Diana, eu ouvi sobre você. É um prazer.

— É um prazer também, Claudete...

Eu estava louca para olhar para trás, para a cara de James, mas seria muita falta de educação? Seria? Acontece que eu não precisei sair desse dilema, pois James e Gui resolveram ele por mim se aproximando de onde Edu e a mãe dele estavam.

Vi quando Edu trancou o olhar em James e engoli em seco sem poder me

conter e olhei *pra* ele. Curiosidade brilhava no olhar dele, principalmente quando ele mudou a atenção para a senhora que olhava fixamente para ele, parecendo tão curiosa e intrigada quanto ele tinha ficado por ela. Por alguns segundos, fez-se um silêncio tenso, então Edu limpou a garganta e olhou diretamente para James enquanto dizia:

— Mãe, esse é o James de quem lhe falei.

Minha nossa senhora do... Eu dei uma *tossidinha* e ia saindo de fininho ao mesmo tempo em que o Gui murmurou um "com licença". James estava petrificado olhando para Edu, que tocou o meu braço e me impediu de sair.

— Não, quero que você fique, Diana. — Ele disparou um dardo em forma de olhar para Gui e disse em tom de ordem. — E você também. Faça questão.

Depois de respirar fundo, ele enlaçou a mãe pelo ombro e continuou, para uma audiência cativa, porque eu parei e não ia sair dali agora nem se ele me arrastasse e o Gui, coitado, ficou plantado do lugar e nem sei se ele ainda sairia de lá um dia.

— Pois bem, mãe, como eu disse, esse é o James. Eu falei dele *pra* você. Devia ter falado antes, então, eu só espero que não seja tarde demais. James, essa é a minha mãe, Claudete.

— James, James... e como eu ouvi sobre você esses últimos dias — Dona Claudete disse, um sorriso discreto, e estendeu a mão. Meu amigo, que parecia ter perdido a fala e a capacidade de se mexer, finalmente pareceu sair do seu estupor, balançando um pouco a cabeça. Sua voz saiu grave quando ele tocou a dela.

— É um prazer conhecê-la, senhora.

— Pois bem, como eu dizia...

James levantou a mão e fez um sinal para que ele parasse, parecendo agoniado. Misericórdia, eu precisava mesmo sair dali. Mas dei um passo e Edu me congelou no lugar, então eu fiquei.

— Eduardo, por favor. O que você está fazendo? Isso não é o lugar, quer dizer, não precisa...

— Preciso sim. É o lugar. E eu vou fazer aqui e agora. Se você tivesse atendido a porra do... desculpa, mãe. Se você tivesse atendido ao seu celular, ou você Diana, eu não precisaria estar aqui agora, eu teria ido à sua casa, ou nós conversaríamos em algum outro local. Ou quem sabe eu teria te chamado para ir ao meu apartamento. Mas quer saber? É ótimo, para mim o local está perfeito, inclusive posso pegar o microfone ali mais adiante e falar lá, então, decida: eu falo aqui para vocês, ou vou até lá, chamo a atenção de todo mundo e digo o que tenho a dizer?

Meu Deus, pare o mundo agora! O queixo de James caiu. A mãe de Edu sorria e eu olhava entre um e outro abismada e já empolgada com o desenrolar daquilo. Edu, seu porra, finalmente!

— Pode pegar o microfone. Eu superapoio — Gui disse rápido, e quando todo mundo olhou em sua direção, ele deu de ombros, cruzou os braços e revirou os olhos, com enfado. — Só estou agilizando as coisas.

— Não precisa interromper a festa, pode falar aqui ou nós podemos só sair e... Eu sinto muito que você tenha sido obrigado a vir aqui, mas já tinha ficado claro que não pretendia mais falar com você — James disse, como se pesasse cada palavra. Eu tinha certeza de que era porque a senhora ali ao lado de Eduardo estava fixada nele.

— Sim, eu percebi quando você me bloqueou. Então eu tive que usar um plano contingencial: trazer mamãe até onde você estava.

— E como você sabia onde ele estava? — Gui perguntou, animado, como se estivesse assistindo a uma novela. Edu o assassinou novamente com o olhar. Eu quis rir, então, apenas pus a mão sobre a boca e fingi que era uma tosse.

— Calado, Gui — James mandou, muito sério e enfiou as mãos nos bolsos. Gui resmungou algo como " ele pediu que eu ficasse, por que tenho que ficar calado?", mas suspirou e levantou as mãos em sinal de rendição. Edu voltou a encarar James.

— Eu já sabia que vocês estavam aqui, muito simples descobrir, eu estava acompanhado o que você estava fazendo, J. Quando liguei para Diana e ela não atendeu... — Ele me olhou, às sobrelanceiras levantadas, e eu encolhi os ombros. — Resolvi testar alguns contatos e entramos.

— E gostei. Festa animada, não? — a mãe de Edu disse, olhando em volta, quando ninguém disse mais nada. Edu deve ter entendido isso como uma deixa, porque tomou fôlego e voltou a falar.

— Pois é, mãe, você viu o que tivemos que fazer esta noite para encontrar esse rapaz, não viu? E agora que você o conhece, pode entender o motivo? — ele disse, inclinando-se na direção dela, mas o olhar nunca deixando James, que parecia ter voltado a esquecer como usar as palavras. — O motivo é simples, como eu disse a você quando eu fui buscá-la.

Eu e James trocamos um olhar. Ele estava surpreso, pois devia saber onde ela morava, eu só sabia que a família de Eduardo não morava no Rio.

— Eu fui um idiota e covarde esse tempo todo, por puro medo, mas também comodidade, e acabei deixando escapar a melhor coisa que já me aconteceu na vida. A melhor pessoa, que me completava e me fazia feliz, que trazia à tona o melhor e o meu verdadeiro eu. Eu disse isso a você, não foi?

Ele parecia estar falando sozinho com ela, abraçando-a, mas sem deixar de olhar para James.

— É, você disse, sim, meu filho — ela afirmou, reclinando-se para ele e sorrindo.

— Então, eu fui buscar você, porque eu não queria ter que pedir a ele para ir vê-la. Ele não iria querer mesmo, você o ouviu dizer que não queria mais falar comigo. Trazer você aqui, onde ele está e dizer isso aqui na companhia dessa moça linda que é muito importante para ele, e desse cara que eu não sei quem é, mas espero não ver muito mais vezes... é a minha forma de dizer que ele não precisa mais, nunca mais, fazer nada que não queira ou sentir-se desconfortável em qualquer lugar, porque as pessoas não sabem que ele é importante *pra* mim, porque ele é. Tanto quanto você, mãe. Eu disse isso também?

Dona Claudete deu uma pequena risada, cruzando as mãos a sua frente, divertida.

— Meu filho, você disse. Aliás, você não fez outra coisa nesses últimos dias a não ser falar sobre isso.

— Eu precisava. Eu precisava te dizer. Porque você era realmente a única pessoa no mundo todo que eu deveria estar preocupado em dizer sobre a minha vida. Ninguém mais. E quando eu percebi que o tinha perdido de verdade, entendi que eu o estava perdendo por nada. Nada. O que era o meu trabalho, as pessoas, os amigos, se eu ia viver infeliz? Escondido como se eu não fosse um homem que tem todo o direito de estar onde quiser, fazer o que quiser e amar quem eu quiser? Foi por isso que eu fui dizer a você algo que eu nunca tinha dito, porque só você importa. E ele. Apesar de que... eu não sei se algo ainda pode ser feito para reparar o erro idiota que eu cometi. Todos os erros.

James tinha a mandíbula cerrada e desviou do olhar de Eduardo. Eu senti a minha própria garganta apertar e a não ser que Edu realmente me amarrasse ali, eu estava saindo. Dei um beijo no ombro de James, sentindo seu corpo tenso e me afastei com minha câmera na mão, sendo imediatamente seguida por Gui, que limpava o canto do olho, discretamente.

— Que lindo. Eu não queria que ele voltasse, mas sou um trouxa, vou servir de exemplo *pra* quem? Eu no lugar dele pediria licença *pra* sogrinha e já estaria carregando o Edu *pra* longe dali. Ele disse que nunca mais queria me ver ou eu entendi errado?

Eu sorri, emocionada e respirando aliviada, torcendo sinceramente para que tudo desse certo dali em diante a partir dessa conversa dos dois.



Como James iria embora com Eduardo e dona Claudete, já que realmente tinham muito o que conversar, eu os deixei sozinhos e resolvi passear pela festa, fazendo mais alguns registros. Mas acho que já era suficiente e eu estava um pouco cansada também.

Depois de mais alguns minutos, James veio me dizer que iria esperar comigo até que Diego chegasse, mas obviamente que eu não permiti, e além do mais, já havia ligado para Diego. Dessa forma, quando eles se foram, eu fiquei mais próxima da entrada, organizando o meu material e distraída com meus pensamentos sobre a situação daqueles dois, então, quando senti alguém se aproximar de mim, levantei a cabeça meio de supetão e encontrei um homem parado na minha frente.

Era o cara de mais cedo, sobre quem eu e James tínhamos falado. Ele tinha uma barba cerrada e cabelo negro cortado rente, além de ser alto e esguio. E tinha também duas taças de champanhe nas mãos, notei, respirando fundo. O cara sorriu daquele modo que eu tinha certeza de que ele usava para conquistar as mulheres ao redor dele. Eu costumava achar que tinha pós-doutorado nesse tipo de abordagem e de sorriso, e não caía tão fácil assim... aí tinha visto Diego sorrir e descobri que não. Mas com esse cara, ah, esse aqui eu estava imunizada.

— Agora que James resolveu afrouxar um pouco o cerco que mantinha sob você, será que eu posso oferecer uma bebida?

Ele indicou a outra taça intacta na sua mão, enquanto seu olhar de águia ia para o meu decote, muito rápido, mas eu percebi.

— Obrigada, mas estou trabalhando. Na verdade, eu estava de saída já.

— Bobagem, fique mais um pouco, os outros fotógrafos ainda estão todos aí curtindo a festa, agora que vai ficar bom.

Eu lutei contra a única vontade que estava no momento, que era a de revirar os olhos e bufar para ele, mas mantive o meu sorriso leve e ameno. Eu estava trabalhando no evento, e ele era um dos convidados, talvez um dos famosos, não seria interessante eu mandá-lo se catar logo de cara. Mas mandaria, se ele me perturbasse. O irônico era que, como James tinha dito, aquele cara há uns meses podia realmente ter sido o meu número, e aquela abordagem dele poderia até ter resultado em algo interessante em outras circunstâncias.

— Realmente, eu prefiro não beber, mas obrigada mesmo assim.

Ele fez um gesto para um garçom que passava sem desviar o olhar de mim. Eu pensei que o cara tinha desistido, mas ao que parecia, não. Seria lisonjeador, se não estivesse sendo cansativo, e ele mal tinha começado. Quando

eu tinha ficado tão sem paciência para aquilo?

— Tudo bem. Permita-me pelo menos me apresentar? James não me deu a chance.

Depois de pôr a taça intacta sob a bandeja que o garçom apresentou, ele estendeu uma mão para mim.

— Hernani Vieira. E você é?

Estendi a mão para ele, que a segurou com firmeza e por mais tempo do que seria considerado adequado, antes que eu puxasse a minha com um pouco mais de firmeza do que seria adequado também. Se ele esperava que eu reconhecesse o nome, deve ter ficado frustrado.

— Diana Ribeiro, e estou fotografando o evento, como você já notou.

— Diana. O nome combina muito com você — Hernani repetiu, tomando um gole da sua bebida e me olhando por cima da borda de maneira intensa, testando o nome na língua de modo sensual. Sério, aquilo? Bom, eu não era cega e nem estava morta, o cara era um gato, mas gato mesmo eu tinha um só *pra* mim, e que naquele momento devia estar chegando, então, eu ia passar, obrigada. Evitar confusões desnecessárias era um dos meus novos lemas na vida, e fazia um bem danado para o coração. Eu iria dar uma resposta bem legal que mostraria que o meu nome realmente combinava comigo, mas nem precisei fazer isso.

Nesse momento, eu vi Diego entrando, olhando ao redor como um falcão, e então me notando ali em questão de segundos. E notando o Hernani também bem ao meu lado, claro. Ele fez aquela cara que eu conhecia bem e reconheci de longe: as sobrancelhas juntas, a testa franzida formando aqueles vincos, os lábios retos, e veio em nossa direção, andando rápido como um homem em uma missão. Eu esperava que fosse uma missão de paz, então, ia fazer a minha parte.

— Pois então, obrigada mesmo, mas eu já estou de saída. Tenha uma ótima noite.

— Tudo bem, já que você está sozinha, posso te fazer companhia até o carro?

— Não, não pode. Obrigada — eu disse, rápido e enfaticamente, para que ele se tocasse e saísse. Aquele cara era insistente, e eu ia deixar a merda de profissional de lado e soltar os cachorros nele. Ele não estava falando comigo como se eu fosse uma fotógrafa, então, não ia tratá-lo como futuro cliente, dane-se. E como o diabo era moleque, em vez de entender a deixa e sair, ele deve ter entendido outra coisa... e se aproximou mais de mim bem no momento em que Diego parava ao nosso lado.

Hernani olhou para Diego parado ao meu lado como se Diego fosse um

intruso na nossa conversa. Ah, caralho, era o que me faltava. Eu senti imediatamente o cheiro de testosterona no ar quando eles se encararam, ambos altos e parecendo ferozes encarando um ao outro em um silêncio tenso.

Eu não era muito normal, eu tinha certeza agora, porque... Deus, aquilo era quente *pra* cacete e quando Diego falou, eu vi e ouvi o perigo iminente e me aproximei mais dele. Eu era meio doida sim, mas não era irresponsável aquele ponto.

— Boa noite, tudo bem por aqui, Diana? Algum problema? De audição por exemplo?

Ele cruzou os braços, os bíceps ondulando mesmo na camisa de botões que ele usava, eu não devia estar reparando nisso, mas... Diego olhou entre nós dois, o olhar azul chispando para o tal Hernani. Ele deve ter ouvido a última frase do homem, óbvio, pois parecia realmente irritado.

— Tudo bem, sim, Diego. O Hernani só estava sendo gentil, mas já estava de saída — eu respondi com doçura excessiva para o cara, que balançou a cabeça como se dissesse "ok, eu entendi". Graças a Deus.

— Ele não me parecia estar de saída. Você estava de saída, amigo?

— Só estava sendo educado.

— Ele estava sendo educado, Diana? — Diego perguntou, mas não olhava *pra* mim. Puta merda.

— Sim, e por isso mesmo ele está indo embora agora, não é?

Hernani me ignorou e falou para Diego.

— Sinto muito, achei que ela estava sozinha, só isso.

— E ela estava, sim, mas não está mais. E desde quando isso é motivo para que você continuasse insistindo? — Eu pensei que ia ficar por isso, afinal, era Diego, mas ele me surpreendeu quando chegou mais perto do outro homem, sua postura dura e nada amigável, como ele costumava ser. Hernani levantou a mão livre em um gesto de paz, um sorriso meio debochado na boca.

— Tudo bem, cara. Já estou realmente de saída aqui.

— Da próxima vez, certifique-se de estar de saída assim que a mulher der a entender que não quer que você fique, te garanto que fica tudo menos problemático. Principalmente se for a minha mulher, entendido? — Diego acrescentou, seu rosto a centímetros do rosto de Hernani agora, em um quase rosnado. Minha nossa, os ânimos precisavam se acalmar aqui.

— Diego... — eu chamei, olhando em volta. Diego não ia procurar uma briga aqui, não ele. Hernani ficou dois segundos olhando para Diego em silêncio com a expressão carregada, raiva enchendo suas feições, como se estivesse pensando em revidar ou não o que tinha ouvido. Preocupada, eu passei o meu braço pelo braço de Diego, alerta.

— Entendido, amigo — ele finalmente disse.

— Ótimo.

Ainda bem que o bom senso e a vergonha na cara prevaleceram, e Hernani fez um aceno de concordância, murmurou um boa noite e afastou-se sem dizer mais nada e nem olhar para trás. Diego ficou seguindo-o com o olhar até que ele estava mais distante, a respiração em rajadas fortes, então voltou a me encarar. Eu quase podia ver a fumacinha saindo das orelhas.

— Quem inferno é esse cara, Diana?

— Sei lá, só sei o nome porque ele se apresentou, que é modelo e estava por ai na festa — eu disse, dando de ombros, em um tom cansado e agora verdadeiramente aliviado.

— E por que esse imbecil estava falando com você?

Eu estreitei meu olhar para ele, e cruzei os braços.

— Por que ele resolveu vir até aqui e puxar papo, ora. Eu não tinha controle sobre isso, tinha?

Diego se aproximou, *me puxou* para perto e segurou meu queixo com a mão, erguendo o meu rosto para olhar melhor para mim. Sua mandíbula moveu-se em um tique.

— Eu não estou dizendo que você tem culpa, Diana, só estou... — Ele respirou fundo para acalmar a respiração. — Com raiva dele. Só isso, claro que não estou com raiva de você. Esse idiota estava sendo insistente, não era?

Eu não ia negar, mas também não ia fazer uma tempestade em um copo de água por isso, não agora que o cara já tinha ido. Imagina se eu ia contribuir para que um homem na posição de Diego saísse na porrada com um cara em um evento fotografado e filmado para inúmeras pessoas? Porque ele parecia bem próximo daquilo segundo antes.

— Ele estava, mas isso não tem a menor importância *pra* mim. Só você importa — eu disse enlaçando o pescoço dele com os meus braços, plenamente ciente de que era a mais pura verdade. Ele abaixou a cabeça e me beijou demoradamente, a mão no meio das minhas costas, de uma maneira firme mas calma, que me trouxe um frenesi e me lembrou do porquê aquele homem estava chegando no meu coração e fazendo uma bagunça louca.

Ele interrompeu o beijo com relutância, e eu sorri, mas Diego ainda estava muito sério, pensativo. Na mesma hora, eu tive uma sensação estranha, como se alguém tivesse tirado uma foto nossa, mesmo que sem flash, claro. Intrigada, olhei em volta, mas ao longe, no meio de tantas pessoas, não tive como identificar exatamente quem tirou, mas talvez fosse só uma impressão.

— Diana?

Eu me virei para ele, que me olhava em expectativa, depois olhando

para onde eu estava olhando, enquanto pegava os meus equipamentos perto de mim.

— Vamos embora, você está pronta?

— Nunca estive mais pronta. Vamos lá.

Saímos da festa e eu pensei que, no fim das contas, aquela noite que tinha se tornado dramática estava terminando até bem.

Diego 

— Dorminhoca... — sussurrei, depositando um beijo no meio das costas nuas de Diana e ouvi minha própria voz rouca de sono e tesão reverberar pela pele dela, que gemeu em seu sono e se mexeu. Então eu mordi seu ombro, explorando a sua pele com os lábios com devoção. Diana estava exausta e eu sabia bem o porquê...

Na noite anterior, eu tinha ficado tão louco de ciúmes daquele cara idiota tão perto dela, nitidamente a fim de tentar algo, e me controlei para ser o mais calmo possível, afinal, não tinha acontecido realmente nada, mas o nível do meu incômodo me deixou abalado.

Quando chegamos, eu mal a deixei entrar antes de arrancar as roupas dela e a levar para o quarto onde fizemos um sexo alucinante. Eu estava zangado e fui intenso demais, mas depois tomei o meu tempo empenhado em arrancar gemidos de prazer dela, de forma mais tranquila.

Eu deixei Diana dormir, levantei, tomei um banho e fui para o escritório fazer umas ligações. A primeira foi para Breno, para saber como andava o processo, mesmo que eu soubesse que aquelas coisas não eram tão rápidas quanto deveriam ser. Ainda assim, o importante era que eu já tinha dado a entrada no que precisava e não iria esperar pelo resultado para contar a quem devia contar, o resultado mais esperado eu já tinha, que era que ele era meu filho, o resto, eram ações derivadas disso.

O restante do dia nós passamos em um clima de calma, e Diana me contou sobre o súbito e impressionante aparecimento de Eduardo na festa, e por isso James tinha saído antes dela. João Pedro e ela passaram o dia vendo TV enquanto eu terminava de pôr algum trabalho em dia. Ele tinha voltado na sexta da escola espirrando, tossindo um pouco e estava quieto demais, mas Diana havia feito uma nebulização, ele tinha melhorado e a noite já estava bem. Hoje, por exemplo, já estava rindo e brincando normalmente.

À noite, eu iria na casa dos meus pais para o jantar de boas-vindas que

eles resolveram dar à Iza. Como o jantar em família obviamente contou com um número limitado de pessoas, essa seria a verdadeira festa que, estranhamente, o meu pai tinha feito questão de dar e não a minha mãe. Eu estava decidido, então, a partir de hoje eu ia começar a organizar as coisas, e na próxima vez depois de hoje, quando eu estivesse na casa dos meus pais, que eu esperava que fosse o quanto antes, João Pedro e Diana entrariam de mãos dadas comigo.



Abri o botão do meu terno e sentei na poltrona de couro de espaldar alto na frente da grande mesa da biblioteca da casa dos meus pais. Obriguei-me a retomar a atenção para ele, já que eu estava um pouco disperso desde que havia chegado ali minutos antes. Disperso e tenso, louco para simplesmente dizer a ele que eu tinha um filho, que eu estava morando com a mãe dele e informá-lo sobre as medidas e ações que eu pretendia levar adiante em relação aos dois.

Mas claro que eu não era tão louco e a festa do jantar de Iza não era a hora nem o local para esse tipo de conversa, sem falar que Breno estava me segurando, e tinha praticamente me impedido de já sair falando antes que tudo estivesse garantido. Mamãe e Iza ainda não tinham descido, e surpreendentemente, Marcos já estava ali, antes de mim, e o mais impressionante de tudo, ele estava na cozinha. O que diabos Marcos poderia estar fazendo na cozinha?

— Aceita uma bebida, Diego? — papai perguntou enquanto servia uma bebida para si próprio.

— Claro, o que você for beber.

Observei-o enquanto ele punha o uísque em dois copos, acrescentando gelo. Ele nunca tomava puro nas raras vezes em que bebia. Quando terminou, ele me entregou um e bebeu um pouco do outro, enquanto sentava-se na poltrona ao lado da minha de modo relaxado.

— Então, ouvi da sua mãe que você estava trabalhando em alguns recursos importantes no âmbito da cidadania no Ministério. Alguma pretensão de mudança de cargo à vista?

Eu tomei um gole e sorri, sabendo onde ele queria chegar.

— Talvez, mas não agora. Tenho outras prioridades em mente no momento.

Papai me olhou diretamente e fez uma pergunta que ele não costumava fazer. Na verdade, essa conversa em tom casual aqui também não era muito comum entre nós, mas quando eu cheguei, ele estava sozinho na sala, parecendo

pensativo, e quando me convidou para ir à biblioteca, eu só o segui.

— Essas prioridades têm a ver com mulheres?

E filho, pensei, enquanto bebia mais um gole do meu uísque, mas logo você iria saber.

— Uma mulher.

— A moça do museu?

— Com certeza não.

— Isso é interessante.

— Vai ser mais interessante quando você a conhecer.

— Não demore muito, então.

— Não vou, essa semana mesmo eu dou um jeito de trazê-la aqui, pode ser?

Ele pareceu ficar surpreso, mas em vez de me perguntar mais alguma coisa, assentiu e voltou a beber. Eu tinha a minha deixa e me ajustei na cadeira.

— Pai, o que você acharia se eu resolvesse retomar o meu interesse pela empresa?

Seus olhos azuis como os meus brilharam, mas ele continuou na mesma posição, quase imóvel, *me observando*. Era assim que ele agia, não demonstrava muito seus sentimentos ou emoções até ter certeza de que as coisas eram realmente do jeito que ele entendia.

— E por retomar o interesse você quer dizer o quê, Diego?

— O controle das minhas ações por exemplo.

Agora ele não pôde esconder a reação, não de mim. Seu corpo ficou mais ereto na cadeira e seu olhar firme encontrou o meu.

— Aquelas que você estava pensando em vender ao Marcos?

— Eu mudei de ideia. Como não cheguei a vendê-las, talvez eu tenha planos para elas.

— Como retornar à diretoria?

— Não sei se meus planos chegariam tão longe, mas definitivamente eu estou empenhado em promover alterações na forma como estava levando tudo.

Ele mais uma vez apenas me ouviu em silêncio e fez um gesto de concordância. Papai não era de falar muito, era mais de ouvir e pensar sobre o que estava recebendo, e ele com certeza estava intrigado sobre o que eu disse. Não poderia dizer, quando eu revelasse tudo a ele, que estava sendo pego de surpresa.

No restante da noite, apesar de interagir e parecer bem, eu me sentia agoniado, incomodado. Comecei a relaxar mais quando vi Teo e uma mulher belíssima parados perto da piscina e imaginei que fosse a Malu, a mulher pela qual, segundo Ricardo e Marcos disseram, ele estava totalmente caído e sendo

fiel.

Eu fui apresentado a ela, Malu, que era linda e parecia tão encantada quanto ele estava por ela, mesmo que o babaca do Teo estivesse segurando a mulher como se eu fosse tomá-la dele a qualquer momento. Ele não precisava se preocupar comigo afinal, mas eu entendia bem a reação. Ainda sentia meu sangue ferver ao lembrar daquele cara pertinho de Diana na noite anterior.

Eu acabei me distraindo mais quando mamãe, papai, Iza e o namorado se juntaram a nós, e enquanto abraços eram trocados e apresentações eram feitas, eu notei que papai de vez em quando me lançava um olhar curioso, astuto, e eu fingia ignorar.

Quando Marcos se juntou a nós mais tarde, ficou claro o motivo de ele estar na cozinha. Alice estava na mira da amizade de Iza, que tinha finalmente ido ao apartamento dele e encontrado ela lá. As chances de ela fazer isso e encontrar Diana no meu também eram enormes, pensei.

Aparentemente, Marcos estava puto porque Iza tinha chamado a garota para trabalhar ali. Não pelo trabalho em si, mas porque a menina era uma beleza e mais do que um cara na festa estava percebendo isso, a medida em que ela atendia, oferecia sorrisos e bebidas. Eu vi quando uma hora ele foi ao encontro de um grupo de homens que Alice servia, alguns desses caras inclusive costumavam estar com eles nas festas malucas que ele de vez em quando frequentava. Meu maninho estava morto de ciúmes dela, e isso era interessante para o Sr. Desapego, que nunca ficava com ninguém.

Mais tarde, tenho que admitir que a noite ficou um pouco mais dramática com a chegada de Ricardo, já que ele havia deixado claro que não iria. O clima mudou instantaneamente entre Iza e o namorado e eu lembrei que tinha deixado aquilo de lado com tudo que estava acontecendo comigo.

Mas o fato de ela estar ao lado de Erik, sorrindo e de cabeça erguida, talvez apontasse na direção de que Ricardo realmente não fosse alguém com quem nós precisássemos nos preocupar. Eu estava, então, momentaneamente distraído com alguns pensamentos, quando o meu celular tocou. Era Diana.

— Oi, o que hou...

— Diego, eu sei que você está na festa da sua irmã, mas... eu estou levando o João Pedro para a emergência, precisava avisar você.

Eu senti como se o todo o sangue estivesse se esvaído do meu corpo, e parei. Um medo absurdo correndo pelo meu corpo inteiro.

— O que aconteceu?

— Não precisa se assustar, ele só de repente começou a tossir mais e agora tem uma febre que está aumentando, então prefiro levar ele ao hospital do que ficar medicando ele em casa.

— Claro, sim, sim, faça isso. Eu estou saindo daqui agora.

— Ei, não é nada grave, provavelmente só uma gripe que ele pegou na escola esses dias, já, já ele vai ficar bem — Diana disse com voz calma. Sim, eu sabia que ele ia ficar bem, claro que ia, mas eu queria estar lá. Eu sei que era uma bobagem, era só uma febre, uma gripe, Diana disse, mas eu sentia meu coração aos galopes e minha respiração acelerada de medo. Eu queria estar perto dele agora mesmo, ao seu lado quando ele estivesse no hospital, segurando sua mão e afastando a dor, a febre, o que quer que fosse que ele pudesse estar sentindo. Ou então só estar lá ao lado dele para afastar o meu próprio medo.

Sem nem lembrar de me despedir de ninguém, eu fui saindo enquanto conversava com Diana sobre o local para levá-lo, e quando estava quase saindo, olhei para trás e papai estava lá parado, *me olhando* fixamente.

Capítulo 32

ME OBSERVE DEVORAR VOCÊ

Diego 

João não precisou ficar muito tempo na clínica para a qual ele foi levado. Como eu soube quando cheguei, ele tinha uma gripe e uma inflamação na garganta, mas ia ficar bem. A minha apreensão só desfez um pouco, no entanto, quando eu entrei no quarto e o encontrei sentado no meio da cama com o seu amigo inseparável, Papo, ainda que com as bochechas avermelhadas pela febre que já estava cedendo. Fiquei sentado ao lado dele, mexendo no seu cabelo e contando histórias até que ele estivesse bem para ser liberado.

Diana estava sentada em uma poltrona, envolvendo as pernas com os braços, e a expressão tranquila dela também contribuiu para que eu soltasse a minha respiração em um profundo alívio. Coisas tão absurdas tinham passado pela minha cabeça enquanto eu tentava chegar ali, todas envolvendo João chorando e com algo mais sério do que realmente era, que acho até que posso ter pegado uma multa no caminho até a clínica.

O importante foi que não muito depois de ser medicado, nós pudemos trazê-lo para casa, e enquanto eu abraçava seu corpinho leve de encontro ao meu e sentia a sua respiração pausada e morna no meu pescoço, pude experimentar mais do que nunca aqueles sentimentos de que a minha vida estava irremediavelmente diferente do que era antes, e aquela sensação de ser responsável por outra vida era libertadora e ao mesmo tempo um pouco assustadora, eu tinha que admitir.

João recebeu todos os mimos possíveis, e isso foi a estratosfera quando eu avisei a mamãe. Obviamente que eu tive que ouvir um mundo de coisas por ter saído sem nem avisá-la que ele estava com febre e dor e a garganta doente. Como se eu fosse fazer isso e correr o risco de ela deixar a festa de Iza, porque seria isso que ela faria. Então, quando ela invadiu o nosso apartamento no dia seguinte para ficar com João, quem iria dizer alguma coisa? Certamente não eu. E Diana, bem, ela só sorriu e disse para eu me virar. Ótimo.

Enquanto estive no apartamento, mamãe me avisou do almoço que ela faria à beira da piscina no próximo domingo, no qual ela fazia questão que os filhos, incluindo Teo, fossem e levassem as respectivas namoradas e esposas. E netos. Eu lancei a ela um olhar intrigado, afinal, que eu soubesse, nenhum de nós estava casado, nem mesmo Teo.

Mas eu aprendi ainda em tenra idade a não discutir com algumas coisas que a minha mãe falava, e isso tinha se mostrado muito eficiente ao longo da minha vida. E claro, eu prometi levar Diana e João no domingo e começar todo o processo de apresentá-lo à minha família, começando por quem era fundamental nisso no momento: meu pai.

Nos dias seguintes a nossa rotina só foi alterada com as mudanças que começaram a ser feitas no quarto de João, e pelo retorno que Breno começou a me dar de tudo que ele estava providenciando. Eu sabia que ele estava praticamente trabalhando em ritmo frenético para que as coisas fossem mais rápidas, porque normalmente essas questões legais tinham prazos que se esticavam muito mais do que eu estava disposto a esperar.

Então, no meio da semana, Breno fez uma visita para me deixar a par do processo de reconhecimento de paternidade espontânea, que já estava completamente encaminhado. Assim que ele chegou, sentou e afrouxou o nó da gravata.

— O cartório de São Paulo onde o seu filho foi registrado já enviou a documentação com a averbação. Tudo que temos que fazer agora é vocês irem registrar o João Pedro aqui, a Diana assinar a documentação, você a escritura de reconhecimento e pronto. Questão resolvida.

— Timing perfeito. Aliás, obrigada por isso, imagino as estratégias que você não teve que utilizar para agilizar as coisas desse modo. Na verdade, melhor não imaginar, não é? — Tirei o meu terno e sentei em frente a ele, atento. Eu tinha acabado de chegar também e liguei *pra* ele vir me encontrar no apartamento, era mais prático e eu preferia a ter que sair para beber algo em algum lugar qualquer.

Breno afagou a barba lentamente e sorriu quando entendeu o que eu disse.

— Eu tive que me valer do meu charme em alguns momentos, mas você sabe como é, não deve ter esquecido disso.

Ergui uma sobrancelha *pra* ele.

— E eu me valia de charme quando advogava? Não me recordo. Acho que o nome era eficiência, meu caro.

— Não sei, talvez não quando advogava, mas quando ensinava sim, se não nós não estaríamos aqui agora.

Apertei a ponta do meu nariz, impaciente e ele riu.

— Vamos lá, cara, atenha-se às questões importantes. E então?

Breno, ainda sorrindo, pegou a pasta ao seu lado no sofá, retirou os papéis do processo de reconhecimento de paternidade e me entregou. Enquanto eu passava as folhas e ia retendo as informações essenciais, ele me informava

outros detalhes importantes.

— Nesse aspecto, tudo resolvido. E agradeça à minha lábia com a moça do cartório...

— Lábia. Sei. Então eu só tenho que resolver agora as questões ligadas à empresa, meu testamento, ações?

— Sim, pode ir adiante. Qualquer coisa que ainda tenha a ver com uma ação minha eu estou à disposição, você sabe.

— Eu sei, e agradeço muito.

— Essa parte está completamente encaminhada, assine os papéis, Diana assina a parte dela, e marcamos para ir no cartório daqui. Por falar nisso, onde ela está, não vou conhecê-la hoje?

Eu levantei a cabeça do papel que estava lendo e o encarei. Breno encolheu os ombros com a cara mais séria do mundo.

— Ela precisa assinar os papéis, e você prometeu que ia apresentar os dois para mim, Diego, não seja um desses caras ciumentos, meu amigo, que coisa mais adolescente.

Sorrindo, pus os papéis de lado no sofá e cruzei as mãos atrás da cabeça, satisfeito com o andamento das coisas.

— Diana foi até a casa da avó com João, devem voltar mais tarde. Não se preocupe que eu levo os papéis quando ela assinar, se ela vier depois que você sair.

— Ótimo, então. E aí, decidido a contar para o Otávio por esses dias mesmo?

— Sim. Já ajustei tudo que precisava ajustar na minha vida em relação a João, só falta a questão da empresa e isso passa pelo meu pai, claro.

— Isso vai ser um problema, Diego.

— Não vai, não.

— Cara, você mudou de pai? Porque se for o Otávio que eu conheci, repito: isso vai ser a porra de um problema, mas se você está dizendo...

— Nada que ele não vá ter que aceitar, Breno. A fase em que eu dependia do meu pai financeiramente já passou há uns bons vinte anos. Eu espero continuar tendo um ótimo relacionamento com o meu pai, mas as decisões da minha vida pessoal não dizem respeito a ele.

— Não, óbvio, eu sei disso. Só estou dizendo que ele pode deixar as coisas, vamos dizer, delicadas, para a Diana, ou não? E isso, cara, eu posso te dizer, é sempre uma merda.

Eu levantei e passei a mão no meu cabelo com um suspiro cansado.

— Eu espero que não, mas se ele for, o que eu posso fazer a não ser ignorá-lo, mesmo que eu continue respeitando a sua opinião em vários outros

aspectos? Não vou permitir que ninguém humilhe o meu filho ou a Diana, Breno, nem mesmo o meu pai.

Ele ficou uns segundos me encarando, muito sério, e fez um aceno positivo, e quando eu vi que ele sério daquela forma era um prenúncio para alguma idiotice futura, fui para a cozinha buscar uma água.

— Diego, meu amigo, você está quase me fazendo acreditar nessas lorotas de paixão à primeira vista, almas gêmeas e essas babaquices todas, para com isso, cara.

— Sério? — Eu sorri. Ele bufou e estremeceu de brincadeira, *me seguindo* para a cozinha onde eu servi um copo de água para ele também.

— Claro que não, mas se eu disse isso, é *pra* você ver como eu estou realmente impressionado com você.

Nesse momento, ouvi o barulho da porta da frente se abrindo e a voz de João acompanhada da risada de Diana, e eu e Breno olhamos para lá. Eles chegaram mais cedo. Maravilha.

— Mesmo assim você não pode, mocinho! Você estava gripado e com a garganta doente, João, nada de sorvete — Diana disse, entrando depois de João e fechando a porta atrás de si.

— E só um pouquinho, bem pouquinho, não pode?

— Nem um “poucão”, eu já disse.

— Ah, mamãe...

Ela levantou a cabeça sorrindo e olhou direta para nós, parando surpresa. João vinha correndo para me encontrar, então olhou Breno e parou, desconfiado. Eu fiz um sinal para ele, e ele veio devagar, mas observando Breno de canto de olho como se ele fosse uma ameaça. Bom, ele não era, mas eu podia mudar de ideia tranquilamente se ele não parasse de olhar para Diana como estava olhando agora, com o copo parado no ar e um olhar embasbacado.

Eu me curvei para segurar João e dei uma tossida na direção dele, irritado. Breno me olhou como se eu tivesse duas cabeças, depois fez um sinal de aprovação em relação a Diana. Idiota.

— Filho, esse moço aqui, é um amigo, o nome dele é Breno, e ele queria te conhecer, então Breno, olha no João aqui.

Ele sorriu *pra* mim, pôs o copo no balcão fixando sua atenção em João.

— Então, você é o famoso João Pedro. Que bom conhecer você, garoto. — Breno estendeu a mão e aguardou que João a pegasse. Tímido, ele estendeu a sua, sorrindo um pouco, mas não disse nada. Enquanto isso, Diana veio na nossa direção depois de pôr as coisas de João no sofá.

— Oi, boa noite *pra* vocês — ela nos saudou. Diana estava, infelizmente, de cabelos soltos e usando um shortinho jeans e uma camiseta vermelha, ou seja,

ela tinha quilômetros de pele exposta e parecia duplamente quente, o que Breno deve ter notado, a não ser que ele fosse cego, o que eu sabia que ele não era.

Eu esperava que aquela cara dele fosse muito de surpresa por Diana não ser parecida com as mulheres com as quais ele me viu ocasionalmente, porque eu sabia que ela era totalmente diferente, e não porque ele estava apreciando muito o que estava vendo.

Eu fiz um sinal para que ela se aproximasse mais.

— Boa noite, Diana. Deixa-me te apresentar o meu amigo e advogado Breno. Breno, essa é a Diana. — Fiz as honras, a peguei pelos ombros e puxei para mim quando ela se aproximou. Diana estendeu a mão para Breno que lhe dava o seu melhor sorriso.

— Boa noite, Diana, é um prazer imenso finalmente conhecê-la, já que eu tenho ouvido muito sobre você.

— Breno, tenho ouvido sobre você também. É um prazer.

Eu deveria dizer a ela que você achava que ela fosse uma caçadora de ouro, para ver o que ela iria te dizer agora, pensei, com um sorriso perverso. E ele parece ter entendido exatamente isso quando olhou *pra* mim com uma expressão um pouco alarmada. Mas eu não faria aquilo. Pelo menos não hoje.

— Tudo bem? E a sua avó, como está? — eu murmurei quando ela levantou o rosto e olhou para mim.

— Ótima, mandou um beijo para você. Ela vem aqui antes de viajar, passar um dia conosco, pode ser?

— O que você quiser.

Ela sorriu *pra* mim e eu devolvi o sorriso. Então olhei para Breno que nos encarava fixamente, e o desafiei com o olhar a dizer alguma merda. Ele só fez aquele gesto de passar a mão naquela barba ridícula dele e sorriu, como se estivesse de posse de algum grande segredo.



Assim como Breno tinha nos informado, eu e Diana providenciamos a assinatura de toda a documentação e no final daquela semana, João Pedro era legal e oficialmente meu filho, de todas as formas que ele poderia ser e para quem se interessasse. Naquela semana, eu fiz o possível para diminuir a carga de trabalho e estar em casa maior tempo possível com eles.

Diana continuou indo à boate, mas teve que trocar o turno com outra garota na sexta para fotografar um aniversário da filha de um colega do Ministério. Estávamos em uma reunião, e ele atendeu a um telefonema da esposa

em desespero porque o fotógrafo tinha cancelado por motivos pessoais e não poderia mais trabalhar na festa.

Eu era geralmente muito reservado no trabalho, e só mantinha contato para questões quase que estritamente profissionais, a exceção sempre tinha sido Eduardo. Mas naquele momento em que Sidney desligou e suspirou, resmungando que a mulher iria deixá-lo louco por causa daquilo, eu me vi quase imediatamente conversando com ele que eu poderia indicar a minha namorada, se ele concordasse.

Eu não sei se ele ficou mais surpreso por ter a situação resolvida na mesma hora ou por eu ter falado com ele e mencionado que eu tinha uma namorada. Eu era mesmo tão distante assim das pessoas, pensei, enquanto prometia repassar o contato da esposa dele para Diana. De todo modo, eu aproveitaria que iria ver a minha mãe no domingo e conversaria com ela sobre possíveis contatos para Diana. Talvez ela pudesse ajudar, e com o tempo, eu acreditava que ela iria finalmente sair da boate por pura falta de compatibilidade de tempo. Eu não teria nada a ver com aquilo.

Diana 

— Diego, não me diga que você espera que João Pedro chegue na casa da sua mãe sem dizer que nós moramos juntos, sem chamar a sua mãe de avó e, principalmente, sem referir-se a você em algum momento como pai. — Eu mordi o canto do meu lábio inferior, segurando um gemido, e estiquei o pescoço para trás, enquanto a água caía no meu cabelo e no meu rosto, e senti quando Diego diminuiu o fluxo da água e o cheiro do meu shampoo espalhar-se e mistura-se divinamente ao vapor dentro do box. Banho com Diego? Era maravilhoso. Mas um banho com Diego onde ele estava deliciosamente nu e ereto, *me cutucando*, molhado, usando aquelas mãos hábeis para lavar os meus cabelos em um banho com vapor? Era o paraíso.

Ele enfiou os dedos no meu cabelo e massageou o meu couro cabeludo. Céus, quem podia imaginar que um homem lavando o seu cabelo podia ser quase erótico? Ok, um homem gostoso nu e duro como uma rocha, mas ainda assim... era muito erótico.

— Nós precisamos conversar com ele. João é um menino esperto, se dissermos a ele que é um tipo de jogo em que ele não pode dizer essas coisas a todo mundo até nós dissermos a ele que pode, você acha que ele entenderia?

Eu inclinei o pescoço para dar mais acesso a ele, e pensei sobre a

questão. Você poderia dizer que conhecia seu filho de cinco anos, mas a verdade era que crianças eram imprevisíveis, ainda mais fora de casa. Nunca se sabia o que elas poderiam fazer ou dizer de repente, mesmo que você conversasse com eles mil vezes antes.

— É um risco que vamos ter que correr, Diego. Você... está certo mesmo que quer falar com o seu pai hoje?

Ele fez um pouco mais de fricção com as pontas dos dedos, lentamente, então ligou os jatos de água novamente e lavou a espuma de mim. Quando terminou, ele me pegou pelos ombros e me virou de frente para ele. Seu semblante estava sério ao abaixar a cabeça e olhar diretamente nos meus olhos.

— O que eu sei é que você vai comigo. Vocês irão comigo, os dois. A oportunidade é tão boa quanto qualquer outra, em qualquer outro dia. Além do mais, eu não preciso chegar e já ir falando *pra* todo mundo na hora que puser os pés lá. Eu não faço as coisas assim, vou falar com o meu pai em particular primeiro.

Eu assenti em silêncio, pensando na perspectiva de encontrar o pai de Diego, a irmã que eu não conhecia, por exemplo, e outros parentes e amigos dele por lá. Aquela situação era como um jogo complicado que você joga mas está sempre temendo pela próxima fase, então ela chega, você se sai bem — é o saldo que eu tiro da conversa com Abigail, por exemplo, — e começa a ficar preocupado pelo que vai enfrentar na próxima fase, sempre mais difícil que a anterior. Eu nunca me considerei covarde, sempre me vi e entendi como uma mulher corajosa, mas coragem, eu tinha lido em algum lugar uma vez, não era ausência de medo, coragem era ir lá e fazer, enfrentar o que tinha que ser enfrentado, mesmo que você estivesse com medo.

Envolvi meus braços ao redor de sua cintura e encostei meu rosto em seu peito molhado.

— Se é assim, tudo bem, não vou dizer a você que não estou apreensiva em relação a isso, mas eu decidi confiar no que você está fazendo em relação a sua família. Mas Diego, eu preciso te dizer uma coisa...

— Pode dizer.

— Eu vou fazer o meu melhor, acredite em mim, mas... de jeito nenhum vou aceitar ser humilhada, por ninguém, nem na sua casa, nem por ninguém da sua família, e espero que você me entenda. Eu compreendo que a situação não é das mais fáceis para você, então, se você achar que não é uma boa ideia que eu vá agora, tudo bem.

— Ei, Diana, o que é isso? Passa pela sua cabeça que eu vou levar você na casa da minha mãe, minha mãe que você já conheceu, inclusive, para que eu aceite que alguém diga qualquer coisa desagradável ou humilhante para você ou

para o meu filho?

— Não, eu sei que não. — E eu sabia, no fundo do meu coração eu sabia com toda a certeza. Levantei a cabeça para encará-lo novamente. — Estou apenas dizendo que vou fazer o possível para não te colocar em uma situação complicada, mas caso você não esteja por perto, eu simplesmente vou me defender se for atacada, você entende isso?

— Eu não esperaria nada menos de você. E não se preocupe, eu sei o que estou fazendo, todos irão te tratar muito bem.

Eu suspirei, disposta a acreditar que sim. Eu sabia que o instinto protetor de Diego estava falando mais alto e entendia, mas eu aprendi a me defender muito cedo, e ia continuar a fazer aquilo. Mas a sensação de saber que ele estava lá também para fazer isso, era uma sensação nova e muito boa. E porque eu apreciava e amava que ele me proporcionasse isso, não gostava da ideia de ser um problema para ele ou alguém da família.

— Pelo que você me disse, você tem que mudar coisas na empresa do seu pai, não é? Isso não é uma forma de, sei lá, trazer à tona complicações familiares?

Diego balançou a cabeça de modo resolutivo, determinação brilhando nos seus olhos azuis e na forma como o seu cenho franziu.

— A Avellar Investimentos é uma empresa familiar, e todos os outros negócios atrelados a ela são empreendimentos familiares, Diana. Se eu sou um dos proprietários das ações da empresa, o meu filho também é, não há discussão quanto a isso.

— Não é isso que eu estou dizendo. — Dei um suspiro cansado. — Eu só estou perguntando se há alguma forma de não ter que... de não precisar...

— Entrar em conflito com o meu pai? É essa a sua preocupação?

— Sim. Com seu irmão, com seu tio, com o conselho, você me disse isso, não disse? Que precisa da aprovação de todos eles.

Em vez de responder logo, Diego inclinou a cabeça e beijou meus lábios de leve, então segurou meu rosto com as duas mãos e me fez focar a atenção nele.

— Marcos não vai entrar em conflito comigo, posso te garantir, conheço bem o meu irmão e ele já sabe sobre você.

— É, eu lembro. — Sorri e ele me beijou de novo, arrancando um suspiro de mim.

— Pois é, fica tranquila. Se tem uma coisa que ele faz muito bem, é entender e lidar com seriedade quando a situação requer, por mais que não pareça.

— Quem diria, com todos aqueles sorrisos de derreter calcinhas e...

Diego agora enfiava as duas mãos nos meus cabelos molhados e dava beijos na minha mandíbula e pescoço.

— O quê? Derreter calcinhas? — Diego se interrompeu, cortante, quando entendeu o que eu disse.

— É só uma expressão boba que algumas mulheres usam para falar de caras, bom... — Bom Deus, eu estava me enrolando e a vontade de rir dele, que ficou mais zangado ainda à medida que eu explicava aumentou. — Caras como o seu irmão, você sabe, com aquela cara de conquistador que ele tem.

— Eu não sei de nada, muito menos que sorrisos podiam derreter calcinhas. Marcos vai achar muito bom saber disso, deve facilitar o trabalho dele se essas peças forem derretidas antes — ele resmungou, quase divertido, então desceu as mãos pelo meu corpo molhado e segurou meus seios, massageando os mamilos. — Não que ele vá saber isso de você, claro.

— Ciúmes do seu irmão, Diego, sério?

Ele parecia ter perdido um pouco a concentração na nossa conversa, a julgar pelo olhar em seu rosto e pelo pau voltando a ficar duro de encontro a minha barriga. Tanto que ele me empurrou delicadamente de encontro a parede do box e enquanto descia a língua por meu pescoço e alcançava meus seios, provando meus mamilos daquele jeito firme que eu enlouquecia, puxando e mordendo um pouco.

— Não tenho ciúmes do meu irmão, Diana, aliás, não quero mais ouvir ou falar de homem algum agora, nem dele, deixa eu me concentrar em te fazer gozar... pode ser?

Eu mordi o lábio e concordei rapidamente com a cabeça enquanto ele puxava de leve um bico duro entre os dentes, e depois lambia um e outro, sua mão já descendo pelo meu abdômen e entre as minhas pernas. Eu tinha a ligeira impressão de que nós íamos nos atrasar um pouco para aquele almoço, mas quem ligava? Prioridades, mulher.

Gemi e segurei os cabelos de Diego quando ele finalmente terminou a trilha de beijos e mordidas pelo meu corpo ajoelhando-se à minha frente. Estremeci quando ele passou os dedos delicadamente pela minha cicatriz da cesariana e beijou o local antes de descer mais. Na primeira vez que ele a viu, eu tinha ficado não com vergonha dela no meu corpo, mas culpada pelo que ela significava *pra* mim, e também *pra* ele, mas agora eu estava melhor com aquilo.

Olhei para baixo e ele tinha aquele sorriso que era a personificação da luxúria e por si só já me deixava meio bamba, imagina se ele estivesse usando só aquele sorriso e estivesse ajoelhado aos meus pés?

— Levanta a perna e põe no meu ombro, Diana, vamos lá, quero me alimentar dessa boceta agora antes do almoço — ele disse e eu fiz o que ele

mandou, ansiosa, sentindo meus mamilos endurecerem e minha boceta contrair de antecipação.

Fechei os olhos e senti o primeiro golpe da língua quente de Diego, que fechou os lábios em volta do meu clitóris e sugou, forte, depois passou a dar golpes com a língua, rápido, mais lento, e mais rápido novamente. E voltando a sugar, girando e circulando, mordendo... A língua daquele homem devia ganhar algum tipo de prêmio, ou algo assim.

Imersa nas sensações, deixei escapar sons de incentivos e me abri mais, enquanto ele me mantinha segura pelo ombro e a outra mão me mantendo no lugar, sobre o meu abdômen, minha cintura, tocando meus seios, apertando meus mamilos. Eu estava chegando rapidamente ao orgasmo em um ritmo alucinante.

— Abra os olhos. *Me observe* devorar você.

Atendi, lânguida, mal me sustentando, e aquela imagem dele aos meus pés me lambendo e chupando como se estivesse faminto era o impulso visual que faltava para me deixar desvairada. Não, não era o que faltava, concluí. Tinha mais. Diego parou por um minuto de me deixar ensandecida com a língua, e olhando para o meu rosto afogueado do tesão e do ambiente morno do box, lambeu o dedo do meio devagar.

— Eu acho que você já está bem iniciada com dedos... da próxima vez, vamos encarar o seu desafio final, o que você acha? — Diego sussurrou *pra* mim e voltou a atacar com a língua, lábios e dentes a minha boceta úmida, quase ao mesmo tempo em que passava a inserir aquele dedo em mim... — Não vejo a hora de finalmente saber se você é deliciosa em todos os lugares. Eu tenho certeza de que sim.

Eu ofeguei, e ele enfiou o outro dedo, como tinha feito antes, bem devagar. E mordida. E lambidas, e golpes rápidos e duros com aquela língua infernal. Eu não tive como responder nada, mas fiz um sinal afirmativo. Eu realmente estava ansiando por isso.

Eu senti aquela dorzinha dos dedos dele como uma invasão sensual, uma leve queimação que só potencializou o meu tesão e levou uma espécie de corrente elétrica para os bicos dos meus seios. Relaxei e me concentrei no prazer. Meus olhos reviraram nas órbitas e eu me senti pulsar. A língua me devorando e os dedos me preenchendo era sublime demais, e eu não demorei a me sentir fragmentar em inúmeros pedaços quando mais um orgasmo poderoso me tomou e eu derreti na sua boca e em seus dedos. Sim, um banho com Diego era a perfeição.



— Você entendeu, João? — eu questioneei olhando para ele sentado no seu encosto no banco traseiro. Nós estávamos a caminho da casa dos pais de Diego, e como eu suspeitava, acabamos saindo um pouco depois do programado. Desde então, estávamos tendo aquela conversa com João. Aquilo podia dar muito certo, ou muito errado. Por enquanto, estava dando certo, mas só Deus sabia.

— Entendi! — ele disse, sorrindo despreocupadamente. Eu e Diego nos entreolhamos e começamos a rir. Nós podíamos estar um pouco mais “leves” depois da sessão no banho, só isso explicava a graça absurda que de repente estávamos achando de uma situação que tinha tudo para ser tensa.

Diego olhou para João pelo espelho.

— Não precisa ficar preocupado, é só fazer aquele joguinho que eu pedi: pode chamar a vovó de vovó, se quiser, não tem problema, mas lá tem outras pessoas e o papai precisa primeiro dizer a elas que ele tem um filho lindo como você. Eles ainda não sabem, entendeu?

João balançou a cabeça solenemente, sorrindo.

— Tá bom!

Como Diego havia previsto, ele estava encarando como um jogo em que ele só podia dizer algumas coisas e manter segredo sobre outras, mas que assim que nós o liberássemos ele podia dizer o que quisesse. Ou não podia dizer nada.

A sensação de apreensão tinha passado um pouco, mas ela retornou assim que nós passamos por um portão de ferro imenso e seguimos por uma alameda que dava acesso a casa dos pais de Diego. Vários carros já estavam dispostos por lá sobre a sombra de árvores magníficas na lateral da casa. Eu sabia que Diego era rico, estava morando com ele e deduzi que seus pais também seriam, mas aquele lugar era magnífico e ostentava uma riqueza maior do que eu imaginava. De algum modo, isso não era nada bom.

Nós saímos do carro e fomos nos dirigindo para a outra parte da casa, uma imensa área gramada onde algumas pessoas estavam circulando. Eu havia vestido uma camiseta justa branca, um short jeans e sandálias, e por baixo tinha posto um biquíni laranja que eu gostava, que não era nem muito pequeno e nem muito conservador, na medida para a ocasião, eu achava que sim, ainda que eu não estivesse certa se iria entrar na piscina. Eu tinha vestido um maiô preto, mas enquanto Diego tinha ido ajudar João a se vestir, eu resolvi que um biquíni menor ficava mais ajustado na roupa que eu estava usando, e então troquei.

— Mãe, é aqui que a vó Abigail mora? — João perguntou olhando ao redor, enquanto íamos entrando. Eu olhei para Diego. Estava começando bem pelo visto.

— É sim, meu amor. Você achou bonito?

— Achei. É aqui que ela vai fazer um quarto *pra* mim, ela disse. Eu posso vir dormir aqui, não posso?

— Claro, quantas vezes você quiser.

Diego pôs a mão no meio das minhas costas e me conduziu, e eu peguei João pela mão. Logo mais, alguns passos à nossa frente, estava um casal. O homem eu conhecia, era o amigo de Diego da boate, o loiro alto e forte, de olhos verdes e barba, a quem eu tinha na verdade visto apenas muito rapidamente. Ele tinha ao seu lado uma mulher muito bonita, negra, com os cabelos longos escuros e umas luzes mais claras que combinavam muito com a pele dela, ainda mais naquele biquíni amarelo que ela estava usando. Ela era uma beleza, e que belo par eles formavam, pensei, apesar de que a cara fechada do loiro indicava que talvez o clima não estivesse muito bom.

Gostei de ver imediatamente outra mulher negra como eu por ali, e quando eles olharam para nós, eu tentei sorrir e relaxar ao notar o olhar e o sorriso amigável dela, e o olhar intenso do homem sobre João. Hum.

— Teo, bom dia. Malu, tudo bem? Quero apresentar a vocês a Diana. Diana, esse é o meu primo Teo, e sua namorada, Malu.

— Bom conhecer vocês, tudo bem?

Nós trocamos apertos de mão, beijinhos no rosto e cumprimentos afáveis, e se o Teo estava irritado com alguma coisa, pareceu ter deixado de lado a questão, agora ele parecia intrigado conosco. Peguei uma troca de olhar mal disfarçada entre eles e olhei de soslaio para Diego, mas ele parecia tranquilo e eu respirei fundo.

— E esse rapazinho aqui é o João Pedro — Diego continuou, passando a mão no cabelo de João e depois mais daqueles olhares com Teo. Qual era a daqueles dois? Teo sabia de algo da gente, era isso? Mas se ele soubesse, Diego me diria...

— Olá, grande homem. Tudo bem? — Teo sorriu para um João que estava tímido, como era de se esperar. A Malu abaixou-se e tocou delicadamente nos cabelos de João.

— Ei, João. Tudo bem. Você é lindo, sabia? Muito.

Essa foi a deixa para João, ao que parecia, que me puxou pela mão e disse como se estivesse no jogo que nós ensinamos e os dois ali perto não pudessem ouvir.

— Eles são namorados igual a senhora e o Diego, mãe?

Senhor, aquilo ia dar muito errado, isso sim. Ainda bem que Diego parecia estar achando divertido, notei, quando todos em volta caíram na risada.

— João, o que eu já disse sobre falar coisas assim, filho? — eu tentei

remediar, mas sem poder esconder o meu próprio sorriso. Pelo que eu sabia, tanto o Teo como a Malu estavam lidando com o João como o meu filho, e não dele, ok, mas ninguém ali sabia que eu e Diego tínhamos algo. Ele não disse, ou eu fiquei surda de repente? — E não, eu e o Diego não somos namorados, somos apenas amigos, mamãe já explicou, não foi?

Diego fechou a cara imediatamente. Mas que diabos, o que foi agora? Ele queria que eu dissesse o quê se ele não disse que eu era namorada dele? Eu estava seguindo o script. Mas João salvou a súbita tensão que se instalou ao concordar com a cabeça devagar, mas mais uma vez me confiando um segredo em alto e bom som.

— Amigos beijam na boca, mãe?

— Senhor... — eu murmurei, agora tendo certeza de que tudo ia por água abaixo. Mas não seria eu a pirar com aquilo, claro. Todos nós rimos novamente, enquanto João se encolhia nas minhas pernas, ainda recebendo o olhar atento e verde do viking perto de nós.

Eles conversaram algo sobre o tio de Diego, Rui, e uns caras que estavam presentes, mas eu não prestei muita atenção. Meu olhar foi para a mulher mais ao longe, perto da entrada da casa, um vestido quase diáfano e um chapéu largo. Diego se despediu e nós fomos ao encontro dela, que fez um aceno de reconhecimento e deu um largo sorriso na nossa direção. João disse:

— Olha, é a vovó Abigail, eu já posso chamar ela de vovó Abigail agora?

Eu suspirei e imaginei se ele por acaso ele tinha combinado algo com a mãe dele. Sim, aquele almoço ia ser bem interessante pelo visto.

Capítulo 33

MARCAÇÃO DE TERRITÓRIO

Diana 

— Olha só quem chegou! Vem cá, João! — Abigail disse ainda de longe, com um sorriso amplo e na mesma hora abriu os braços para João que saiu em disparada e se jogou contra suas pernas.

Aquele povo só podia ser meio doido, deduzi, divertida. Então não era *pra* ninguém saber e ao mesmo tempo eles agiam de modo totalmente despreocupado? Certo então, eu ficaria na minha e observaria tudo tranquilamente.

Olhei em volta enquanto era conduzida por Diego na direção dela, notando que não havia tantas pessoas assim. Teo e Malu tinham se afastado e estavam agora próximos a uma mesa com três jovens, conversando. À beira da piscina estava uma moça loira de vestido verde, de aspecto delicado e de cabelos compridos, e dentro, desfrutando da piscina, outra que se parecia muito com ela, os seios enormes quase saltando do biquíni azul muito pequeno. Mas quem era eu para criticar, não era mesmo?

Ao irmos ao encontro de Abigail, passamos por uns quatro homens perto da piscina, alguns de bermuda e outros de calção de banho. Eles olharam para mim e Diego, que imediatamente pôs a mão na minha antes de chegarmos perto deles.

Um dos caras usando um calção de banho, um homem alto, bonito, e com o cabelo com alguns poucos fios grisalhos se aproximou quando viu Diego. Muito jovem para ser o seu pai, notei, mas guardava uma semelhança com Diego e Marcos.

— Diego, meu rapaz, achei que você não viria. — Ele era bonito, o tipo de cara maduro que chamava ainda muita atenção, mas algo na forma como ele sorriu para Diego e então pôs os olhos azuis em mim, me deixaram um pouco incomodada, mas sorri, afável.

— Claro que eu viria, Rui. Como você está, tudo bem? — Diego apertou a mão dele, mas eu teria que ser uma idiota para não notar que não havia o mesmo ânimo e ele não estava relaxado como estava com Teo. Isso, então o cara era o tio, Rui. Que Diego não chamava de tio, a propósito. Talvez por ser não muito mais velho que ele?

— Tudo bem. — Ele fixou o olhar em mim, ainda com aquele sorriso

que parecia não chegar aos olhos. Meu santo não bateu com o dele, era isso. Que merda. Eu detestava quando aquilo acontecia, porque às vezes se criava uma impressão das pessoas que não correspondia ao que elas eram. Mas muito dificilmente acontecia algo para que eu mudasse radicalmente de opinião.

— Vejo que você trouxe alguns amigos. — Diego apontou com o queixo para os caras atrás do tio.

— Isso, acabei vindo com eles de outro lugar e aproveitei que vinha *pra* cá. E a sua amiga, me apresenta? — Ele lançou um olhar rápido para a mão de Diego na minha cintura, e inconscientemente ou não, os dedos de Diego enterraram um pouquinho mais na minha pele, e ele me puxou um pouco. Era oficial, eu não gostei do cara, mas esperava mudar essa impressão depois.

Fiquei pensando sobre como Diego me apresentaria, não que eu tenha algum tipo de problema sério sobre o que nós realmente somos, basta sabermos que estamos juntos sim, mas se ele tinha um plano para aquilo tudo naquele almoço, eu com certeza representava um papel, não só João, então, estava curiosa.

— Minha namorada, Rui. Diana, esse é o meu tio, Rui.

Ah, estamos na base do “namorada” agora, interessante. Por mim tudo bem, então. Eu estendi a minha mão para o Rui, que me deu uma nova olhada que eu não soube muito bem discernir, sua atenção fixada por um momento no meu colar, antes que ele voltasse a sorrir e pegasse a minha mão estendida.

— Ah, que interessante. É um prazer conhecer você, então, Diana.

— O prazer é meu — eu afirmei, mas duvidava seriamente disso, ainda que tenha dado o meu melhor sorriso a ele.

— Rui, nos falamos mais tarde, vou conversar com a minha mãe.

— Claro. — Ele virou-se um pouco e olhou na direção em que Abigail estava com João, os dois conversando em voz baixa mais à frente. — Seu filho, Diana?

— Sim, meu filho. João.

Ele não disse nada, só nos brindou com um novo sorriso, deu novamente um tapinha nas costas de Diego e foi juntar-se aos seus amigos. Diego apenas acenou de longe *pra* eles e me conduziu para junto da sua mãe. Eu fiquei na minha, não ia sair dizendo que não tinha ido com a cara do tio dele até que ele me perguntasse.

— E seus irmãos, onde estão?

— Devem estar por aqui em algum lugar, dessa vez eu cheguei atrasado pelo jeito. Você tem esse efeito sobre mim.

— Eu avisei... — murmurei, encostando o meu ombro no dele.

— Foi por um motivo válido — ele murmurou de volta, malicioso, logo

antes de chegarmos perto de Abigail e João. Ela segurava-o pela mão e parecia muito feliz, um sorriso enorme no rosto. — Mãe, bom dia, você está linda.

Diego inclinou-se e beijou no rosto que ela ofereceu.

— Já estava preocupada, você não aparecia. Diana, olá, seja bem-vinda a minha casa.

— Obrigada, Abigail, estou impressionada, sua casa é simplesmente maravilhosa.

Ela olhou em volta.

— Obrigada. Eu amo este lugar, meus filhos cresceram aqui, e essa casa sempre esteve muito cheia de gente, como está hoje... — Ela voltou-se para nós com os olhos brilhando de entusiasmo. — E agora tenho uma nova geração por aqui para aproveitá-la.

Ela olhou para João que olhava atento para nós, em silêncio. Aquela cabecinha devia estar a mil, imaginei.

— Iza e Marcos, onde estão, mãe?

— Neste momento não sei, as meninas estavam todas juntas agora há pouco aí perto da piscina e ela estava também. Mas já deve aparecer. Marcos...

— Franzindo as sobrancelhas ela olhou na direção onde Teo e Malu estavam. — Não sei, ele, Ricardo e Teo estavam juntos ali. Sumiram pelo jeito.

— Ricardo já está aqui?

— Ricardo dormiu aqui, assim como Marcos. Soube quando os vi tomando café ainda há pouco.

— O quê?!

Abigail sorriu e deu de ombros, olhando fixamente para Diego. Eu olhei entre os dois discretamente, notando o cenho franzido de Diego, e estranhei. Ricardo, pelo que eu sabia, era amigo íntimo e praticamente um membro da família, pelo menos Diego tinha me dito isso antes, e agora ele tinha reagido como se aquilo fosse algo estranho, ruim.

— Bom, eu até me empenho, filho, mas tem muita coisa que eu não sei. Não lembro quantos anos faz que seu irmão não passa a noite no antigo quarto dele, mas ele passou ontem... tenho uma desconfiança muito séria que o fato da nova amiga de Iza ter dormido aqui também tenha algo a ver com isso. — Ela deu uma piscada para Diego e sorriu *pra* mim. Eu fiquei lá sem entender nada.

— Nova amiga de Iza... que seria? — Diego sondou.

— Alice, que trabalha *pra* ele. Não é uma coisa superintrigante? — A mãe de Diego suspirou dramaticamente e vi quando ela olhou na direção da piscina para a moça loira de vestido verde com os pés na água. — Estou empolgada, meu filho, está tudo tão interessante esses dias.

Diego me olhou e sorriu, mas não contradisse a mãe.

— Enfim, o almoço já está servido. Diana, sirva-se, por favor, fique totalmente à vontade, minha querida. Diego, leve-a para comer e tomar um banho na piscina depois, eu vou ficar com esse garotinho lindo aqui. Você quer ficar comigo?

— Eu quero! — João ecoou, provavelmente já prevendo tudo que Abigail poderia deixar que ele fizesse, o espertinho.

— Tudo bem, mãe. Daqui a pouco. E o meu pai, onde está?

— Entrou com o Medeiros, estavam conversando ainda há pouco e devem ter ido à biblioteca — Abigail explicou, uma ruga de preocupação entre os olhos. Diego também não fez uma expressão muito amigável.

— Ok, daqui a pouco eu falo com ele, então. Vou mostrar a casa a Diana e depois voltamos aqui.

— Ótima ideia.

Demos beijinhos em João e nos prepararmos para deixá-los, mas antes que saíssemos, ela tocou o braço de Diego, interrompendo-o.

— Você vai falar com ele?

— Vamos ver, mãe. A ideia é essa.

Ela respirou fundo, balançou a cabeça e nos observou entrar pela lateral da casa.

— Pretende conversar com seu pai agora?

— Não, não enquanto ele estiver com o Medeiros, acabamos de chegar. Vem, eu vou te mostrar o meu antigo quarto onde mamãe quer transformar em um quarto para o João.

— Mostrar o quarto na casa dos pais, Diego? Essa estratégia é tão antiga — provoqueei-o. Ele me puxou de encontro a ele e mordeu o meu ombro.

Assim como o lado de fora, a casa dos pais de Diego era linda por dentro, mas longe do que eu poderia imaginar, os móveis, quadros, estatuetas ao redor davam um aspecto mais contemporâneo, mas acolhedor, e não um luxo quase frio que se poderia esperar de uma mansão daquelas. Havia muito da dona da casa ali, pensei, à medida que Diego me conduzia em direção a uma escada enorme que nos conduzia a parte superior da casa.

— Então, namorada, hein? — eu disse a ele, subitamente, subindo na sua frente. Diego não disse nada e eu olhei *pra* trás. Claro que ele estava olhando para minha bunda e perdeu o que eu disse.

— O quê?

— Namorados.

— Ah, sim. Claro. Nós moramos juntos, temos um filho, acho até que estamos muito além dessa definição de namorados, você não acha?

— Também acho, não fico preocupada com isso, só que você não me

disse nada como deveríamos proceder aqui...

— E foi por isso que você disse a Teo e Malu que éramos amigos. — ele cortou na mesma hora.

— E eu deveria dizer o quê, Diego, se você estava me apresentando e não disse nada a eles? Eu pensei que não estávamos falando disso ainda.

— Não foi algo que eu pensei sobre na hora, e era o Teo, é diferente do Rui e dos amigos idiotas dele.

— Marcação de território, sei.

Ele me deu um tapa na bunda, bem quando eu chegava no topo da escada.

— Ah, seu... seu idiota! — Eu ri, e me virei para ele que me levou para um longo corredor a esquerda, para me mostrar, segundo ele, o seu antigo quarto. A minha tensão estava me matando, eu estava dentro da casa dos pais de Diego e a qualquer hora podia encontrar com o pai dele ali. Por hora, eu só ia respirar fundo e aguardar.



Diego mostrou-me o antigo quarto, que segundo ele, apesar de se manter fechado, era cuidado e limpo permanentemente. Como a casa possuía vários, João poderia ocupar qualquer um, contudo eu achei a ideia da Abigail ótima, e entendi o simbolismo do que ela pretendia ao manter aquele espaço para João quando fosse o caso de ele vir *pra* cá. Eu precisava me acostumar ao fato de que ali, assim como o apartamento, seria um local onde João também cresceria.

Fui tomada de uma emoção surpreendente ao observar as poucas fotos de Diego quando mais jovem, que estavam espalhadas pelo quarto. Não havia muitas, mas ele me parecia muito diferente, e quando saiu do banheiro, eu estava distraída olhando para uma em especial, sobre o criado mudo, em que ele parecia ter por volta de 10 anos de idade. Eu poderia muito bem estar olhando para João dali há alguns anos, pensei, tocando na foto delicadamente.

— Fotos antigas. Tão clichê também para impressionar a namorada — ele falou, um sorriso em seu tom de voz e eu me virei para encontrá-lo com as mãos no bolso daquela bermuda preta que ele usava. Ele estava, como sempre, sexy e devastador naqueles trajes que não eram habituais.

Limpei a minha garganta, levantei e fiquei na frente. Talvez ao ver minha expressão séria, o sorriso de Diego diminuiu e ele ficou me observando atentamente enquanto eu punha mãos nos dois lados do seu rosto.

— Quando nós chegarmos em casa, eu quero mostrar umas fotos para

você, tudo bem?

— Da praia, tem mais além das que você já me mostrou?

— Não. De antes. Você vai ver.

Ele concordou e buscou minha boca para um beijo. Incrível como aquele beijo fez loucuras completamente em mim, não como os que dividimos no banheiro horas antes, mas de um jeito diferente, quente e reconfortante.

Minutos depois, nós descemos, e Diego me levou à cozinha para que eu pegasse um refrigerante, e a primeira pessoa que encontramos lá foi Ricardo, sozinho, de costas para nós, apoiado com os dois braços na bancada de mármore negro, pensativo. Ele também estava de bermuda e não vestia uma camisa.

— Ricardo?

Quando ele virou para nós, surpreso, minha nossa... era estranho ver o cara que era seu chefe, sempre muito bem vestido e usando roupas na sua maioria pretas, usando uma bermuda, descalço e com o peito nu bem na sua frente. Sim, eu entendia bem por que a tal da Samyra parecia estar sempre querendo enfiar as garras nele. O homem também era quente, quase tanto quanto Diego. Quase.

— Oi, Diego, e aí?

— Tudo ótimo.

— Diana, tudo bem? — A expressão surpreendida e meio irritada dele foi substituída por um sorriso grande quando veio na nossa direção. — Bom ver você aqui.

— Tudo sim, obrigada.

Eles trocaram aperto de mãos e tapas nas costas. Não sei, sinceramente, como alguns daqueles tapas não os faziam tossir, pois me pareciam muito fortes. Diego estranhamente olhou em volta como se esperasse que outra pessoa surgisse ali, mas então focou sua atenção novamente no amigo.

— E então... você dormiu aqui?

Meu Deus, para um cara supereducado e tranquilo como Diego, às vezes ele dizia umas coisas à queima roupa, pensei, notando como Ricardo fechou a cara e cruzou os braços.

— Pela, talvez, vigésima vez na vida, eu acho... Por quê?

Diego ficou encarando-o em silêncio por um momento e ajustou os óculos no rosto. Ops. Tinha algo ali que eu não estava sacando?

— Só curiosidade. Mamãe me disse que você e Marcos tinham dormido por aqui, e como das últimas duas vezes em que você foi convidado, não quis vir, eu estranhei.

Ricardo afastou o cabelo para trás, depois passou a mão na barba discreta que ele apresentava.

— Eu disse que viria.

— É, disse.

— Eu vou comer, estou faminto. Vejo você mais tarde. — Ele deu outro tapinha nas costas de Diego e saiu, sendo acompanhado por um olhar atento. Por um momento achei que aquela história da mudança na boate pudesse ter algum problema entre eles, mesmo que eu não pudesse ver como.

— O que foi? Algum problema com o Ricardo?

— Bom, não. Eu espero que não.

Hum, problemas, então.

— Diego, eu vou ao banheiro, deveria ter ido lá em cima e esqueci, qual o mais próximo aqui embaixo?

Ele apertou o espaço entre os olhos, levantando os óculos e respirou fundo antes de me apontar a direção à direita e dizer que iria me esperar para voltarmos lá *pra* fora.

Eu não passei mais do que cinco minutos no banheiro, entre fazer xixi e tirar a parte de cima da minha roupa. Por enquanto, eu manteria o meu short até que ter que entrar na piscina, por pura apreensão mesmo. Se eu tivesse que conhecer o pai de Diego hoje, não queria estar usando apenas um biquíni laranja, céus, não, havia limites para tudo. Depois eu tiraria se o fosse o caso.

Prendi os meus cabelos para cima, lavei o rosto, guardei a minha blusa e sai, caminhando de volta para a cozinha onde Diego me esperava. A primeira coisa que ouvi antes de ver qualquer coisa, foi a voz feminina, aquele tom que misturava brincadeira e uma boa dose de provocação sensual, e na mesma hora senti às minhas entranhas torcerem e um bloco de gelo deslizar por elas.

— Ah, Diego... vai, você tem que admitir que quase não nos vemos mais. Quando foi a última vez?

— Leda, escute...

— Nossa, eu sempre achei que você fosse o mais bonito dos dois, mas agora você parece simplesmente perfeito... — Ela deu uma risadinha. — Onde você estava escondendo todos esses músculos, Diego?

Ao virar na direção da cozinha, a cena me deixou parada eu digitalizei tudo. A mulher era a que estava dentro da piscina quando nós chegamos, a de biquíni azul minúsculo, corpo longilíneo, como uma modelo e longos cabelos molhados. Ela estava parada na frente de Diego. Bem. Na. Frente. Os seios enormes quase saltando da parte superior, que ela fazia questão de destacar ao cruzar os braços e empurrá-los para cima.

Eu vi vermelho, e a primeira coisa que pensei ao ver aquela mulher seminua quase encostada nele foi correr até lá e virar o diabo. Mas engoli a bile subindo na minha garganta e observei melhor a cena, pois apesar do choque e da

raiva, eu queria ver a reação de Diego àquilo.

— Eu acredito que você está bêbada e deveria, por favor, sair daqui agora — Ele disse, pausadamente, quando ela riu e tentou se aproximar mais dele.

— Por quê? Você não pode nem falar com uma velha amiga agora?

Bem, eu já tinha visto o suficiente, obrigada. *Me aproximei*, pus a minha bolsa sobre o balcão, as mãos na cintura e dei um toquinho nela e depois no ombro dele.

— O que que está acontecendo aqui?

Diego olhou *pra* mim com alarme e fez um gesto de não com a cabeça. A mulher, que devia ser mais nova do que eu, pelo visto, deu uma risadinha. Ela parecia mesmo um pouco bêbada. Foda-se, ela estava bêbada, não doida.

— Diana, presta atenção, a Leda está um pouco confusa, não aconteceu nada, ela só precisa... — Diego começou pondo as duas mãos na minha frente como se quisesse me segurar. Cerrei os meus dentes juntos e olhei *pra* ele, fuzilando-o. Depois olhei para ela, que estava encostada ao freezer, olhando para nós dois como se achasse graça de tudo e tentasse não sorrir. Não faz isso, menina. Não me irrita mais. Apontei o dedo *pra* ela:

— Eu te dou cinco segundos *pra* sair daqui. Um... — sibilei *pra* ela e Diego imediatamente me segurou pelos ombros.

— Diana, isso não vale a pena, você viu que eu estava tentando fazer ela sair daqui. Isso é uma bobagem.

— Dois... Três...

— Diana...

A tal da Leda não estava tão bêbada assim, ou não teria rapidamente encontrado o seu equilíbrio e saído da cozinha como se estivesse sendo perseguida antes que eu chegasse no quatro. Quando ela se foi, eu virei o meu olhar assassino para Diego. E ele estava sorrindo. Dei um safanão para tentar me soltar, mas não consegui.

— Que merda, a pessoa faz de tudo para ficar tranquila, para manter a paz e vem um cão do quinto dos infernos... e qual a graça que você está vendo aqui, Diego?

Ele parou de sorrir e segurou meu queixo, e eu empurrei os dedos dele.

— Ei, você não vai seriamente se irritar com isso. Ela é uma...

— Uma mulher que estava quase agarrando você aqui. Ah, não é *pra* me irritar? Eu devo rir disso? Eu não vejo você rindo quando tem homens em torno de mim!

— Ok, não é engraçado. De jeito nenhum. Não é.

Ele olhou *pra* baixo na direção do meu biquíni e suas sobrancelhas juntaram imediatamente.

— Achei que você estivesse com outra coisa por baixo, era esse que você estava? — ele resmungou, cruzando os braços naquela postura zangada que eu já estava acostumada.

— A história aqui é outra, Diego. Essa mulher é uma velha amiga, o que ela quis dizer com isso? Por que eu saio para ir ao maldito banheiro e de repente ela está aqui querendo se pendurar em você? — eu sussurrei, plenamente ciente que estava na cozinha da casa dos pais dele e qualquer um podia chegar a qualquer hora. Não uma boa forma de ser apresentada, mas eu tirar aquilo a limpo.

— Diana, eu a conheço há décadas, e nunca nem mesmo olhei uma segunda vez *pra* ela. Por que ia fazer isso agora? Ela só bebeu além da conta e resolveu jogar charme. É uma das filhas do cara que está com meu pai na biblioteca, um sócio dele.

Ah, ótimo, pensei, bufando de raiva. Maravilha. Ter dado um sarrafo nela ia me ajudar muito ali.

— O que você queria que eu fizesse, eu só estava argumentando com ela.

— Seja um lorde onde você quiser, Diego, mas não ache que essa sua carinha educada vai fazer uma mulher sair de perto de você se você não deixar isso muito claro. Você quase bateu no cara que estava lá desde cedo me cantando, e agora...

— Desde cedo? Ele... aquele idiota da festa? Você não me disse isso lá — ele grunhiu, também me fuzilando com os olhos. Revirei os meus.

— E ele não estava me dizendo que eu era linda e nem estava dizendo que queria tocar em mim, e você chegou lá todo furioso, então eu tenho que ver uma mulher dar em cima de você e achar engraçado, bonitinho?

Ele respirou fundo.

— Não, claro que não. Só estou dizendo que eu estava mesmo tentando fazer ela ir embora. Eu não estava encorajando-a, simplesmente porque ela não me interessa. Em nada.

— Se você fosse mais enfático, talvez ela entendesse melhor. Mas não, fica aí todo cavalheiro da armadura brilhante!

— Diana, *me olha*. — Diego ergueu o cenho e sorriu, passando as mãos braços nos meus braços *pra* cima e *pra* baixo, aquecendo a minha pele no lugar. — Eu estou muito ocupado pensando em você lá fora com isso aí — ele apontou com o queixo para os meus seios —, para ficar preocupado com qualquer outra coisa. Você entende isso?

— Pois então fique preocupado, porque é exatamente com ele que eu estou ficando por enquanto. Vamos?

Diego apertou a mandíbula.

— Ok, tudo bem. Mas esqueça essa história com Leda, ela só queria chamar atenção, é uma menina mimada que acha que pode ter o que quiser, ela nem se leva a sério.

— Mas então que tome cuidado para outra pessoa não levar ela a sério. Porque não aqui, não com você, eu estou avisando, e não ria que eu não estou brincando! E se eu não estivesse aqui, você ia ficar nesse tonzinho fofo com ela até quando?

— Eu não estava sendo fofo.

— Tá ok, tudo bem. — Eu respirei fundo para conter a minha irritação. Ele estava tentando afastá-la, daquele jeito dele, mas estava. Mas que dava um ódio da porra, ah se dava! Diego me puxou e enlaçou minhas costas com firmeza, *me fazendo* olhar para ele ao segurar meu rosto com a outra mão.

— Vamos lá *pra* fora e tente ignorá-la.

— Não se preocupe, é o que sei fazer de melhor nos últimos tempos ao que parece. E você está comigo, não é?

— Só com você.

— Então essa menina mimada que se foda e vá procurar outro homem para ela.

Diego me beijou e fomos para fora pela mesma entrada lateral que viemos. Eu tentava controlar a raiva lembrando que aquilo ia acontecer sempre, imagina se Diego fosse um cara o estilo do irmão dele? Ou do próprio Ricardo? Misericórdia, eu ia surtar.

Diego 

Putá merda do caralho. Como aquela louca de repente aparecia assim? Eu estava pegando os refrigerantes e ela deu uma palmada na minha bunda. E se Diana tivesse chegado nessa hora, que merda que não ia dar? Provavelmente eu teria que amarrá-la, imaginei. Além disso, eu precisava perder aquela mania de achar graça quando Diana ficava zangada ou com ciúmes, mas eu não conseguia evitar. Era de alguma forma fofo e eu queria mais do que nunca beijá-la quando ela fazia aquilo.

Leda sempre esteve vez ou outra ao redor da nossa família enquanto crescia, tanto ela quanto a irmã mais nova, Leila, principalmente por causa de Iza e da amizade de longa data que o meu pai mantinha com o pai delas. Ao longo dos anos, eu não era cego para não notar, vez ou outra a forma como ela passou a insinuar-se tanto para Marcos quanto *pra* mim. Muito mais para ele

porque eu quase nunca estava nos mesmos espaços que ela. Respirei fundo para manter a mente aberta do que eu ainda precisaria fazer ali hoje, e a segui para fora, plenamente ciente que ela não estava de todo apaziguada da história da maldita da Leda.

Diana caminhava um pouco à minha frente e logo avistou mamãe e João em um canto do jardim, envolvidos em uma conversa pontuadas por risadas, e ela se juntou a eles. Eu observei em volta, e ao que parecia ninguém estava ligando pontos em relação a João, mesmo vendo ele com mamãe de forma tão natural, a não ser, claro, Teo. Eu tinha certeza de que ele estava fazendo contas e lembrando de histórias e associando a aparência de João a mim, mas depois eu poderia conversar com ele sobre isso. E tinha Rui, havia uma chance muito boa de ele fazer alguma associação, mas eu realmente não estava preocupado com ele.

Teo e Malu estavam na piscina em uma conversa muito íntima, Julia e os amigos mais distante em uma das mesas, Leila ainda parecia distante de todos, sentada sozinha, e os amigos de Rui estavam agora na nossa direção, alguns dentro e dois do lado de fora. Eu não gostava daqueles caras, já tinha encontrado com eles vez ou outra e os achava uns imbecis. Rui andar com eles também não me surpreendia. Este, aliás, estava agora dentro da piscina trocando carícias com a Leda que parecia muito feliz em receber as atenções dele.

Diana estava agora ajudando João a tirar a roupa para tomar banho na piscina com ela, e eu estava entre fascinado com os movimentos dos seios dela envoltos na parte superior daquele maldito biquíni laranja e atento a forma como alguém poderia estar olhando para ela. Fixei a atenção no grupo de Rui, e as expressões deles entre querendo olhar e tentando disfarçar porque eu estava perto foi que me chamou atenção e eu olhei para trás.

Ajudando a tirar a bermuda de João, Diana estava distraída e curvada, conversando com ele, e eu imaginei a visão que eles estavam tendo da sua bunda no ar daquela forma. Em um movimento rápido, levantei-a pela cintura e lancei um olhar que poderia ser considerado tentativa de assassinato para eles.

— Diego, o que você...?

— Deixa comigo, tudo bem?

Diana me olhou intrigada e mamãe deu uma risada porque viu exatamente o que eu fiz. Tirei a roupa de João e passei o protetor solar nele, que sentou e ficou brincando no chão. Quase imediatamente, eu avistei o meu pai e Paulo Medeiros saindo por onde nós tínhamos acabado de entrar, parecendo compenetrados em um assunto sério, a julgar pelas linhas de expressão na testa dele. Eu e minha mãe trocamos um olhar.

De certa forma, foi bom que eu não tenha ido até ele imediatamente, em

algum momento em que eu não poderia prever, obviamente, Teo e Malu anunciaram que ela estava grávida, o que gerou uma onda de felicitações em torno deles. Eu fiquei genuinamente feliz por ele, por eles, e não pude evitar fortemente a ideia, girando e amadurecendo na minha mente, de como poderia ter sido enquanto Diana estava grávida de João... Ou mesmo se um dia ela iria querer isso novamente, como João queria. Não só João agora.

Olhei para ela sem que ela percebesse, conversando sobre tatuagens ao lado de Iza e mamãe. A minha vida tinha mudado muito em tão pouco tempo e parece que cada vez mais eu queria mudanças. Precisava. Ansiava por elas. E por coisas e sensações novas. Todas essas sensações, eu sabia, tinham a ver com aquela mulher ao lado da minha mãe e com o meu filho.

Meu pai veio discretamente depois e cumprimentou Teo e a namorada, depois abraçou a minha mãe e os dois ficaram conversando mais ao longe. De vez em quando ela me olhava e voltava a falar. Isso de certa forma me intrigou, e eu fui em direção a eles, pois qualquer que fosse o assunto, tinha a ver comigo e eu precisava fazer as coisas como tinha decidido.

— Pai, boa tarde. Ainda não tive a oportunidade de falar com você.

Trocamos um meio abraço e ele respirou fundo, frustrado, confirmando as minhas suspeitas em relação ao assunto com Medeiros.

— Boa tarde, filho, eu acabei tendo que resolver uma questão que surgiu no projeto dos resorts, você sabe, parece que vamos mesmo levar adiante e eu tive um problema com um investidor. Mas está resolvido agora.

— Que bom, vai ficar tudo certo, se precisar de alguma ajuda...

— Sim, vamos ver, Marcos vai ficar à frente disso, ele já tem resolvido a maior parte dessa transação e vai a São Paulo nesta ou na outra semana lidar com o Banco. Por falar nisso, por que ele não está aqui?

— Marcos precisou levar a Alice em casa, Otávio.

Meu pai olhou para mamãe espantado, o rosto franzido em confusão.

— Alice? Quem é a Alice?

Alguém que você iria ouvir muito ainda, pensei, já que Marcos tinha saído não se sabia por qual motivo atrás dela.

— Alice dormiu aqui com a Iza ontem, você a conheceu no café hoje, lembra? — mamãe explicou, delicadamente para ele. Papai olhou para ela surpreso e depois balançou a cabeça devagar.

— Eu pensei que ela trabalhasse para o Marcos. Tem algo que eu não estou sabendo?

Eu observei a dinâmica entre os dois, interessado.

— Ah, Otávio, apenas Marcos pode realmente te esclarecer isso, mas sim, ela trabalha temporariamente para ele, ela está estudando para ser

professora.

Papai, como é o seu estilo, ouviu a informação e só concordou, em silêncio, mas eu quase podia ver as engrenagens movendo-se na sua cabeça. Tanto era que ele virou um pouco a cabeça e seu olhar recaiu sobre Diana e João alguns metros mais adiante. Ela estava de costas para nós, com Iza e Malu, e João sentado entre elas, também de costas para onde estávamos. Senti o olhar atento de mamãe em mim e fiz um aceno de cabeça. Ela concordou e deu um beijo nele e outro em mim.

— Bem, deixem-me ir ali conversar com as meninas.

Quando ela se foi, o silêncio ficou entre nós, até que papai me perguntou o que eu sabia que ele queria perguntar.

— Aquela moça... está com você, Diego?

Então, era realmente a hora de alguns esclarecimentos.

— Sim, ela está comigo, pai, o nome dela é Diana e ela é minha namorada. Na verdade, ela está morando comigo. Ambos estão morando no meu apartamento.

Como eu disse, é difícil obter uma reação de surpresa genuína de Otávio Avellar de Barros. Ele parecia sempre estar esperando pelo que você tinha a dizer, fosse muito bom ou muito ruim, e mantinha aquela expressão que chamavam blasé. Era mais como permanentemente entediada, contudo, ajudava nos negócios. Não era à toa que ele era um ótimo empresário. Nesse momento, no entanto, surpresa espreitou a superfície do rosto dele, e ele voltou a olhar para onde Diana e João, e agora mamãe estavam.

— Ambos? — ele repetiu depois de um momento, seu olhar segurando o meu. — O menino você quer dizer? Ele é filho dela?

— Pai, o que você acha de irmos até a biblioteca? Eu preciso de um pouco mais de privacidade do que temos aqui para essa conversa.

Mas ele não estava prestando atenção em mim, seu corpo absolutamente rígido me demonstrou que mais uma vez eu tinha surpreendido-o. Eu, não: João Pedro. Porque agora João tinha virado na nossa direção, rindo de um pouco de cócegas que mamãe tinha feito na barriga dele. A risada me alcançou. Nos alcançou. Papai voltou a me olhar, verdadeiro alarme tomando suas feições agora e sua garganta se movendo.

— Diego, aquela criança... — Ele fechou os olhos por um momento e depois voltou a abri-los, *me encarando* agora. Pus as mãos no bolso e aguardei as conclusões dele. — Não me diga que...

Como se de algum modo João estivesse conectado com a conversa acontecendo há metros dele, ele riu de novo e até olhou na nossa direção. Quando ele fez isso, meu pai pareceu empalidecer um pouco. A conversa não ia

chegar na biblioteca, e ao que parecia, e o exame de DNA era muito mais uma questão legal apenas. Eu vi no rosto dele o reconhecimento.

— É sobre isso que eu quero falar com você. Sobre eles. Você prefere que eu diga isso aqui?

Papai me olhou com a mandíbula cerrada, mas logo voltou a olhar para João que agora tinha voltado a sentar na grama.

— Diego, esse menino é seu filho.

Não era uma pergunta.

— Sim, ele é.

Papai passou a mão nos cabelos. E fez algo que eu nunca o vi fazer, ou seja, nunca o ouvi dizer em todos esses anos. Se ele tinha dito, nunca foi na nossa frente.

— Puta que o pariu!

Capítulo 34

ÁLBUM DE BEBÊ

Diego 

Assim que entramos na biblioteca papai foi realmente em busca de uma bebida, enquanto eu entrava e fechava a grande porta de madeira atrás de mim, silenciosamente.

Nós viemos até aqui sem dizer uma palavra, e eu pude perceber no olhar alarmado que mamãe me deu quando nos viu sair, que ela sabia que eu já tinha introduzido o meu assunto antes do que imaginava. De todo modo, eu gostava de pensar que não tinha culpa no fato de ele ter se antecipado nas conclusões dele.

Sentei em uma das poltronas de couro escuro na frente da sua mesa e aguardei. Ainda sem dizer uma palavra, ele bebeu um gole do seu uísque escocês para ocasiões especiais. Puro, notei, já que ele só bebia com gelo quando o fazia. Papai sentou atrás da mesa, não na poltrona ao lado da minha, o que já era um sinal inequívoco de que ele estava entrando todo no modo formal. Fui observando esses detalhes e me preparando, eram eles que estavam me indicando o caminho que eu deveria seguir antes mesmo de ele abrir a boca.

— Qual o nome dele? — Ele quis saber depois de pôr o copo sobre a mesa ao seu lado e me olhar com uma expressão determinada. Respirei fundo. Meu pai era econômico nas palavras, mas assim como eu, só sabia ser direto quando precisava. E eu sabia mais do que ninguém também que ele era ótimo em mascarar os sentimentos dele, tanto que era difícil para a maioria das pessoas, a não ser a minha mãe, ver que esses sentimentos estavam lá, que eles existiam. De alguma forma, essa ser a sua primeira pergunta me surpreendeu um pouco.

— João Pedro.

Ele apertou os lábios e voltou a bebericar do seu copo lentamente. Quando me olhou, irritação, no mínimo, brilhava ali.

— Eu não preciso te dizer que o menino... João Pedro, é muito parecido com você nessa mesma idade, é impressionante, contudo, para desincargo de consciência apenas: você tem certeza que ele é seu filho, imagino.

Essa, eu pensei que seria a primeira pergunta, então, eu não estava muito longe do roteiro que tinha traçado para aquela conversa. *Me acomodei* melhor na cadeira, preparado para o interrogatório. Claro que o meu pai receberia a notícia de modo completamente diverso do que a minha mãe recebeu, isso era esperado.

Mas eu sabia lidar com ele. Fiz isso a minha vida toda.

— Sim, eu tenho. E tenho porque eu olhei para ele e sabia que era o meu filho, e só isso já bastava *pra* mim. Mas eu sabia que poderia não ser suficiente para a maioria das pessoas, não que isso me importe. No entanto, poderia importar para Diana e o João, então eu tomei providências para que não haja dúvidas nesse sentido.

Papai continuava me encarando sem praticamente mover um músculo, então ele soltou uma longa respiração.

— Um teste de DNA.

— Sim.

Ele assentiu, então levantou e ficou de costas para mim, olhando pela janela com os braços cruzados. Coincidência ou não, aquela janela dava diretamente para o jardim, e ao longe, talvez ele pudesse ver daquela posição justamente os motivos da nossa conversa agora, sentados ali.

— Você disse que iria me contar tudo — ele disse depois de um tempo de observação silenciosa para o jardim. Eu estava me esforçando para determinar o seu estado de espírito, mas a não ser pela sua postura quase imóvel olhando para fora, a sua voz não me dizia nada. Paciência.

Contei a situação com Diana desde o início, inclusive não deixe de fora o fato de que ela era minha aluna. Contei o que a levou a outra cidade, o fato de ter descoberto que estava grávida e não ter me informado e como ela viveu esse tempo todo em outra cidade com João Pedro. Por fim, concluí que Diana e João estavam morando comigo quase desde que chegaram.

Papai ouviu tudo sem emitir uma única palavra, e isso não me surpreendeu. Quando o silêncio se interpôs e ele deduziu que eu terminei, ele virou e apoiou as mãos na mesa e eu pude ver que ele estava sim abalado pelo que eu havia dito. Nunca o vi tão desnorreado, a não ser, talvez, quando eu disse que iria sair completamente do comando da empresa. Chocar meu pai estava virando um padrão e eu precisaria da ajuda de Iza e Marcos para chocá-lo um pouco também, pensei, frustrado, não dava *pra* ser sempre eu.

— Então, você está me dizendo que ela simplesmente reapareceu aqui anunciando a criança como sua, mesmo depois de ter passado todos esses anos ocultando essa informação de você? — ele perguntou assim que voltou a se acomodar de frente para mim. — Qual motivo ela deu para essa mudança de atitude?

— Ele. O João estava pedindo cada vez mais para me conhecer e ela decidiu vir.

Meu pai esfregou os olhos fechados e respirou fundo.

— Anos. Anos em que ela poderia ter dito isso a você, Diego, e só

porque a criança pediu agora, ela muda de ideia?

Eu sabia aonde ele estava indo com aquilo.

— Sim. Exatamente por isso, você não acha plausível?

— Não, não acho nem um pouco plausível. Não para uma pessoa que passou todos esses anos ocultando isso.

— As pessoas mudam de ideia, pai.

— Mas existe sempre alguma motivação para uma mudança, Diego. E nem todas são tão altruístas assim.

Apertei o meu nariz e fechei os olhos, depois voltei a encará-lo.

— Você tem razão, nem todas são, mas eu acho que eu sei diferenciar quando estou diante de uma que é. *Me dê o crédito aqui.*

— Em tão pouco tempo? Você já tem condições de fazer esse tipo de análise assim?

— Pai, o João Pedro é meu filho, tudo para além disso é ajustável e diz respeito exclusivamente a mim. Eu espero sinceramente que você entenda isso.

— E você aceitou bem essa história toda, sem questionar, sem averiguar nada?

— Se você está me perguntando se eu agi com essa paciência e parcimônia toda quando soube, não, eu não agi — informei, meus olhos fixos nos dele. — A minha ideia original era ter o meu filho e fazer com que Diana pagasse, inclusive legalmente, por ter ocultado essa informação. Era isso que eu queria antes.

— Inclusive?

Ele sempre se detinha na informação de maior impacto da frase, então eu ignorei a pergunta. Não ia discutir com o meu pai as outras formas que eu estava pensando antes em fazer Diana "pagar" que se alastraram pela minha mente desde que ela voltou. Limpei a garganta.

— Eu simplesmente não estava raciocinando direito e estava com muita raiva dela — continuei, mais calmo —, mas entendi que tudo que eu resolvesse fazer acabaria recaindo sobre o meu filho e repensei as minhas atitudes.

— Você se sente atraído por ela mesmo que ela tenha mentido e retirado a sua chance de ter visto o seu filho crescer esse tempo todo — observou, calmamente, e tomou mais um pequeno gole da sua bebida. — O quanto você realmente conhece essa moça, Diego?

Enfim chegamos ao ponto. Eu não estava surpreso e nem incomodado que ele fizesse aquelas perguntas. Eu conhecia o meu pai e aquele era o jeito de ele analisar as situações. Eu só esperava não ter que lembrá-lo do limite muito ínfimo entre informá-lo sobre tudo e dar satisfações sobre a minha vida, porque aquilo eu não estaria fazendo.

— Eu me sinto atraído pela Diana, sim. Muito.

— É mais do que isso, se ela está morando com você, por favor, Diego. Eu tenho visto um número significativo de mulheres entrar e sair da sua vida esse tempo todo e nenhuma delas esteve nem remotamente próxima de conseguir um relacionamento mais duradouro, imagina morar com você — ele disse ironicamente. Eu olhei para ele e mostrei as palmas das mãos.

— O que você quer que eu diga, então?

— Eu não quero que você diga nada, estou tentando me situar aqui. De repente, essa moça aparece e você está fazendo coisas que nunca fez antes, agindo de modo completamente diverso do que você costuma agir, eu acho que posso me dar ao luxo de ficar intrigado com isso. — Eu ia argumentar e ele levantou um dedo, e eu parei. Eu podia ter a idade que tivesse, mas aquele homem era o meu pai e isso nunca ia mudar. Era exatamente por isso que eu estava tão empenhado em não ter que me indispor seriamente com ele. Papai continuou: — E não me diga que é só pelo seu filho, porque nós somos homens, *me poupe* o tempo das explicações. Você poderia ter feito tudo pelo seu filho sem envolver-se com ela se não quisesse.

Estreitei meus olhos para ele e me ajeitei na poltrona.

— Você está seriamente me questionando quanto às minhas decisões de ordem pessoal? Eu espero sinceramente que não, pai. Nós não passamos por uma conversa assim nem na minha adolescência, tenha certeza de que não vamos ter uma dessas agora.

Ficamos nos encarando sem dizer nada um ao outro, o clima no ambiente subitamente mais frio. Ele balançou a cabeça depois de um tempo.

— Você parece estar certo do que quer com essa mulher, Diego, tanto que alterou seus planos, não vai fazer com que ela pague pelo que fez, e parece estar absolutamente encantado por ela. Você tem certeza que isso não é um tipo de jogo para que ela não seja punida?

Apertei a minha mandíbula e aguardei por alguns segundos em silêncio, ouvindo o barulho do copo que ele depositou novamente sobre a mesa. Esse era o único som ao redor, além das nossas respirações.

— Se for, ela está fazendo um péssimo trabalho, porque eu fui o único a exigir coisas dela até agora. Desde o início fui eu quem deixou as regras claras e disse como seria. Claro que Diana não é de aceitar que digam a ela o que fazer. — A não ser no sexo, mas ele nunca saberia disso. — Não subestime a minha capacidade de lidar com uma mulher apenas baseado no fato de que eu não tive um relacionamento sólido nos últimos anos. É com isso que você está preocupado?

— Você pode achar que sim, mas realmente não é essa a minha única

preocupação. Eu entendi que ela mexe com você de uma forma, digamos, inusitada. Uma aluna, Diego. Meu Deus, você vê o risco que correu com isso?

Eu iria dar aquilo a ele, então só respirei fundo.

— Ela poderia ser uma dessas garotas ávidas por dar um golpe, denunciar você e destruir a sua carreira, viver em função de uma gravidez aleatória para o resto da vida Você teve noção disso?

— Eu tive noção antes disso, pai, o que você acha que eu sou? E nem mesmo assim eu pude me impedir de ficar com ela — expliquei, passando as mãos pelo meu cabelo. Por um momento eu jurei ter visto um princípio de sorriso em seu rosto, mas foi muito fugaz e ele voltou a passar a mão no queixo. — O que está em discussão aqui não é o meu relacionamento pessoal com Diana, o nível dele ou qualquer coisa do tipo, é João Pedro o foco da nossa conversa, e as mudanças decorrentes disso na minha vida.

— Por isso você me perguntou sobre um possível interesse na empresa depois desse tempo todo. Ideia sua, exclusivamente, eu espero, e não dela.

Ok, ele estava fazendo um bom trabalho em tentar me irritar, por mais que eu quisesse permanecer tranquilo e compreensivo.

— Pai, você está perdendo tempo nessa linha de que Diana pode estar me manipulando. Perdendo tempo e me insultando, aliás. Apenas faça as perguntas que quer fazer e por favor, não aja como se eu fosse um menino influenciado por...

Ele ergueu uma sobrancelha, como eu fazia, eu tinha ciência disso, e eu voltei a recuar e me recostei na poltrona.

— ... Isso mesmo que você entendeu.

— Ok, se você diz. Vamos às questões práticas, então. Você já sabe que ele é seu filho e já providenciou legalizá-lo como tal imagino.

— Ele foi registrado em meu nome essa semana e todas as outras providências também já estão sendo tomadas.

— Você não vai mais vender as suas ações.

— Não, não vou.

E chegamos a outro ponto complexo dessa conversa que até então estava indo razoavelmente bem. Papai podia ficar com o pé atrás em relação a quem eu resolvia me envolver, mas os negócios eram uma coisa totalmente diferente para ele.

— Se você não vai mais vendê-las, posso supor que vai lidar mais diretamente com o Conselho, ainda que não possa oficialmente participar. E isso quer dizer que você está pensando no seu filho futuramente. Você alterou o seu testamento?

— Sim. — Eu tinha esquecido como gostava de conversar e lidar com a

lógica e praticidade do meu pai, mesmo que a situação não fosse das melhores.
— Eu fiz e vou fazer tudo que tiver que ser feito.

— Inclusive se interessar pelos rumos da empresa, mas não a ponto de abandonar a sua carreira e voltar, claro, isso seria loucura. Mas... — Ele se aproximou e pôs os braços cruzados sobre a mesa. — Se você não vai voltar, como espera ter participação suficiente nas decisões que serão tomadas?

— Eu vou manter a minha parte no controle acionário da empresa, pai, é a única forma de resguardar as minhas ações caso um dia o meu filho resolva se envolver com os negócios, porque eu sei que não vou.

Ele franziu o rosto e sua postura mudou imediatamente, ficando mais atento ainda ao que eu dizia.

— Quando você tomou posse, abriu mão da administração, já que é incompatível com seu cargo público, mas você pode manter-se como acionista, não é isso?

Respirei fundo porque realmente não queria mais, nada na administração de uma empresa me atraía, mas se havia uma chance no futuro de que João quisesse isso, eu faria por ele.

— Eu posso retomar a minha vaga no Conselho sim, e permanecer como acionista até que eu possa passar a minha parte para o João ou, quem sabe, um outro filho meu, eu não descarto a possibilidade. E estou também, abrindo um fundo de investimento na nossa própria empresa, que eu espero que o Marcos gerencie, em nome de João. Isso é o primeiro passo para que ele possa ser um dos acionistas, se quiser, no futuro.

Papai ouviu tudo e eu vi sua garganta mover-se. Ele sabia exatamente o que aquilo significava.

— Diego, você sabe como as regras de herança e de controle acionário funcionam na nossa empresa. Se você cogitar comprar ações no nome do seu próprio filho enquanto ele for menor de idade, você sabe que a mãe dele é legalmente a sua representante.

Boom. A bomba havia sido jogada. Eu só assenti e papai levantou da poltrona, os punhos fechados sobre a mesa e me encarou como se tivesse de repente crescido uma segunda cabeça em mim.

— Você não pode estar falando sério!

— Estou, muito sério.

Ele fechou os olhos e quando os abriu, *me fuzilou.*

— Você por acaso...? Você está ficando louco, Diego? Você não conhece essa mulher a...

— Diana. O nome dela é Diana.

— Você não a conhece direito, ela passou seis anos escondendo a

existência do seu filho de você, e agora você está me dizendo que, ao transformar o seu filho em acionista, ela pode indiretamente ter controle de ações na nossa empresa? Isso é um absurdo!

Poucas vezes eu o vi perder a calma assim, ainda que para todos os efeitos para quem visse de fora ele ainda estivesse no perfeito controle das suas emoções. Eu sabia que de todos, aquele era um baque maior, justamente por conta da responsabilidade e da forma como ele cuidava do que era familiar. O que ele não entendia era que eu também estava cuidando da minha família ali.

— Vamos por partes, pai. Em primeiro lugar, você está esquecendo que eu também sou o representante legal dele, já entrei com o pedido de guarda compartilhada, tenho tanto direito sobre João Pedro quanto Diana tem. Em segundo lugar, eu disse a você que estaria fazendo tudo, tudo que ele tem direito. Eu faria isso por um filho que eu tivesse visto nascer e crescer, qual a diferença em relação a ele?

— Qual a diferença? Você não percebe que a diferença é a mãe dele?

Apertei os meus dentes juntos e lancei-lhe um olhar firme, desafiador. Papai passou as mãos nos cabelos e se concentrou na própria respiração. Então estendeu a mão em um gesto que me pedia para parar o que eu iria dizer. Acho que era uma boa ideia mesmo.

— Não me venha com idiotices, você me conhece e sabe que eu não estou falando de nenhum tipo de característica da Diana. Nenhum tipo! — ele sibilou, tenso. — Estou dizendo que há todo um histórico sobre confiança em relação a ela que não me permite vibrar e soltar fogos com o que você está me dizendo. Você espera mesmo que eu ache coerente você me dizer que porque está apaixonado por uma moça que passou anos escondendo seu filho de você, eu tenho que aceitar você me dizer que ela pode ser acionista da nossa empresa?

— Eu serei o representante legal de João Pedro na empresa, pai, eu sentarei nas reuniões do Conselho, Diana não tem nada a ver com isso.

— Quem garante a você que não, Diego?

— Pai, não seja alarmista. Entenda o que eu estou dizendo: Diana não sabe de nada disso, nunca quis saber e provavelmente quer distância de tudo que tenha a ver com a gestão de uma empresa, eu sei do que eu estou falando. E eu não vou deixar de fazer o que tenho de fazer pelo meu filho porque a mãe dele não lhe inspira confiança.

— Ela inspira confiança em você? — ele rebateu, mas parecia genuinamente surpreso, além de irritado.

— Sim.

Ele apertou o nariz e deu um suspiro frustrado.

— Depois de adultos, vocês querem me deixar louco, só pode ser isso.

Eu não retruquei sobre isso, apenas cheguei à conclusão de que se o que eu tinha desconfiado em relação a Ricardo fosse certo, eu temia que papai ainda teria um vendaval de problemas pela frente. E Marcos com Alice? No entanto, eu tinha outras coisas mais imediatas para pensar aqui.

— Você faria exatamente a mesma coisa — eu murmurei e ele se voltou da janela para onde tinha ido olhar mais uma vez.

— O quê?

— Você faria exatamente a mesma coisa por um filho seu, não importa as circunstâncias em que você tenha conhecido ou engravidado a mãe dele.

Papai apertou os lábios e não disse nada. Eu não precisava que ele dissesse, eu tinha certeza daquilo.

— Não é isso que eu estou questionando, Diego, pelo amor de Deus! Aquele menino ali fora é o meu neto, meu único neto, você acha mesmo que eu não estou feliz ou... você acha que eu não quero que você faça o melhor *pra* ele? Claro que sim. Mas infelizmente alguém tem que pensar em outros aspectos que dizem respeito a nossa família inteira, e a nossa empresa é um desses aspectos. Não me peça para ter o seu nível de confiança nessa moça, é pedir demais de mim.

Respirando pesado, ele voltou a sentar e passou as mãos nos cabelos. Observei-o em silêncio por um momento, pensando sobre o que ele tinha dito.

— Se Diana fosse uma namorada que eu conheci há um mês em uma festa, em um museu, no trabalho, enfim, e ela engravidasse e eu estivesse aqui dizendo para você que pretendia adquirir ações em nome do meu filho, você teria essa mesma reação? *Me perguntaria* se eu confio nela para tanto? Se fosse uma filha de um amigo seu, tão rica quanto nós, essa seria a sua reação?

Ele me olhou como se eu o estivesse insultando, e talvez estivesse mesmo.

— Não ouse. Você sabe que eu não estou discutindo isso.

— Não, você está discutindo a minha capacidade de tomar as minhas próprias decisões.

— Decisões que afetam todos nós, Diego! Você não vê isso?

— Decisões sensatas em relação ao meu filho. E eu não volto atrás.

— Você terá que ir ao Conselho, você sabe. Eu não decido as coisas sozinho: há o peso da decisão de Marcos, de Rui e dos outros pequenos acionistas, inclusive a sua mãe.

— Eu sei, e não estou preocupado. Tenho absoluta certeza de ter o voto de mamãe e de Marcos e o seu também. — Eu dei de ombros e ele me lançou um olhar irritado, mas não me contradisse. — Quanto ao voto de Rui, não me preocupo com isso, ele não tem peso suficiente para barrar uma decisão que eu,

Marcos e mamãe tomarmos juntos, e acredite, eles estarão comigo. Só você pode barrar minha pretensão.

Ele fechou os olhos e apertou as têmporas.

— Isso é uma loucura.

— É a coisa certa a fazer, só você não vê isso.

De repente, ele arregalou os olhos e eu soube que ele tinha juntado as peças.

— Abigail já sabe disso?

Puta merda.

Eu nem tinha falado com mamãe sobre o que dizer caso ele perguntasse. Porra. E agora? Respirei fundo para me concentrar e ele não esperou uma resposta, fechou os olhos e disse o segundo palavrão que eu o ouvi dizer na vida. Eu esperava que mamãe soubesse domar a fera, não queria que ela tivesse problemas com ele por minha causa. Não novamente, de qualquer forma.

— Eu pedi a ela que não dissesse nada até ter o exame pronto, e até que eu mesmo falasse com você. Não a culpe por me ajudar, por favor.

— Quem mais sabe?

— A mamãe e você agora. Apenas vocês.

Um novo silêncio incômodo se instalou, mas eu resolvi quebrá-lo.

— Você está pondo o caráter dela em cheque sem conhecê-la, pai.

— Eu estou pondo em uma balança o que você me disse sobre ela e não acho que devo ficar tranquilo quando você me diz que a mãe do seu filho, que mentiu *pra* você, agora aparece aqui com ele e não quer nada em troca.

— Você já parou para pensar que a única coisa que ela pode querer tem a ver comigo mesmo, e nada a ver com o meu dinheiro? Se ela quisesse dinheiro poderia ter vindo no dia seguinte ao que descobriu a gravidez e viver os últimos anos desfrutando do fato de que sou rico o suficiente para que ela nunca mais tivesse que trabalhar para viver, porque era exatamente isso que eu faria: dar tudo que eu pudesse para ela. — Controlei o meu ímpeto e inalei profundamente antes de continuar. — Que tipo de plano louco é esse que ela perdeu esse tempo todo quando poderia estar ganhando uma pensão imensa apenas por ser mãe do meu filho?

Ele permaneceu calado.

— Muitas mulheres com quem eu já estive, da nossa digníssima camada social só queriam ser um troféu ao meu lado, e estavam de olho na nossa preciosa empresa. Eu não sou um idiota, percebo quando o apelo não é apenas sexual, pai. Mas o mais relevante: essas mulheres não tinham metade do caráter e da garra que Diana tem. Não passaram pelo que ela passou na vida e não conseguem ter de mim o que ela consegue, você entende?

Ele não disse nada, mas não desviou o olhar do meu, e por um momento pareceu perdido em pensamentos próprios, que não tinham a ver com o que eu estava dizendo a ele. Eu continuei:

— Eu entendo que você possa estar preocupado com a empresa, e sei que você pauta as pessoas e o mundo por dinheiro, pai, mas não me peça para ter essa mesma visão. Eu não sei viver assim.

— Diego, você pode não entender, meu filho, mas eu não estou dizendo que você não possa ter sentimentos por ela ou que ela também não está apaixonada por você. Eu percebi que você não negou quando eu disse antes. O que estou dizendo é que você está indo rápido demais para confiar nela, você precisa conhecê-la melhor antes de sair oferecendo tudo assim.

— É isso que eu estou fazendo morando com ela, conhecendo-a melhor e sei o suficiente para estar certo do que eu estou resolvendo. O que você não está entendendo é que eu não vou deixar de fazer o que preciso por João porque você ou qualquer outra pessoa não confia em Diana.

Ele suspirou, cansado.

— Você está enganado.

— Se você acha, tudo bem, mas não vou voltar atrás.

— Você tinha planos traçados, e de repente, está mudando toda a sua vida por causa de uma mulher. Eu só estou surpreso com você, Diego.

— Não deveria estar, eu já mudei planos traçados para minha vida antes. E você também, pelo que sei.

Ele estava sentando-se novamente atrás da mesa e parou para me olhar, surpreso, o cenho franzido.

— O que você quer dizer com isso?

— Você também alterou os seus planos por causa da minha mãe, não pense que eu não sei que ela não era exatamente o que a sua família tradicional ao extremo queria *pra* você, e mesmo assim, eis vocês aqui, 37 anos depois. Se você me der licença, pai.

Levantei, fiz um aceno e saí da biblioteca, não perdendo a expressão chocada que ele tinha no rosto.



Eu não passei muito mais tempo no almoço quando saí da biblioteca. Mamãe estava nitidamente tensa e Diana também, então, de algum modo eu me despedi de todos e viemos embora. Ainda estava me sentindo chateado por causa da conversa com papai, apesar de ter que confessar que eu pensei que pudesse

ser pior. Se ele achasse que Diana não era digna de confiança, tudo bem, mas duvidar do meu senso para fazer o que eu tinha que fazer em relação a João me deixava realmente puto.

Mamãe me ligou assim que chegamos em casa e me disse que iria conversar com ele para que eu não me preocupasse que ela lidaria com ele e ficaria tudo bem. Eu esperava que sim, e se o meu pai quisesse ver João, iria me procurar agora.

À noite, estávamos deitados os três na cama, com João no meio mexendo no meu celular. Ainda bem que o meu celular era área livre de problemas, por que Diana estava ao lado dele mexendo no notebook.

Ela parecia ter esquecido um pouco a história de Leda e estava mais preocupada comigo por causa da conversa que eu tive com papai. Eu contei em partes para ela, apesar de que Diana não era nem um pouco boba, notou a minha tensão e deduziu que o meu pai não era como a minha mãe. Percebi que ela ficou triste e mais tensa ainda, mas eu disse que tudo ia ficar bem. Não era como se fosse o meu primeiro desentendimento com ele, e no fim de tudo, eu achava que ele iria se curvar ao bom senso.

— Diego... — Diana tinha levantado da cama e estava de volta, segurando um tipo de álbum de fotografias com uma capa azul. Ela estendeu-o para mim e eu notei um certo desconforto nela, como se estivesse envergonhada. Isso me chamou muito atenção. Eu peguei o álbum e ela foi sentar-se ao lado de João.

Este, assim que viu o álbum nas minhas mãos, arregalou os olhos, sorriu e deixou o meu celular de lado.

— Olha, o meu álbum de bebê!

— Você ainda é o bebê da mamãe, João. E deixa o seu pai ver em paz, por favor, você já viu essas fotos mil vezes. — Diana sorriu, passando as mãos nos cabelos de João, que veio logo e se encostou em mim, olhando com uma carinha engraçada *pra* ela. Acho que ele iria ver novamente comigo pelo jeito, pensei, verdadeiramente curioso agora. Aquelas eram as fotos que Diana mostrava a João quando ele perguntava por mim.

Olhei mais uma vez para Diana que colocava os cabelos soltos atrás da orelha. Quando ela estava assim, confortável em sua camisola, na cama comigo ou pela casa com João, eu notava o quão jovem ela realmente era, e apesar do mundo de atitude e força que ela tinha, eu me perguntava quanta insegurança não existia ali também, camuflada sob aquelas camadas de ousadia e determinação.

Abri o álbum e a primeira foto me pegou realmente de surpresa pelo impacto que causou em mim. Senti uma emoção diferente tomar conta de mim,

quase me paralisando, ao ver Diana com os cabelos pretos e longos, meio ondulados, sorrindo para a foto em pé em um tipo de varanda.

Mas o que realmente reteve o meu olhar e fez a minha garganta apertar foi a barriga que ela estava ostentando, redonda e linda, aparecendo sob uma blusinha preta e uma longa saia estampada. Eu não imaginava que ela pudesse ser mais bonita do que era, mas ali estava a prova de que eu estava errado.

— Eu estava aqui guardadinho dentro da barriga da mamãe, *tá* vendo?
— João anunciou, encostando a cabeça no meu peito nu e tocando na foto. Olhei para Diana e tentei definir as emoções que passavam pelo seu olhar, pelo seu rosto. Um pouco de receio, mas ela parecia emocionada também ao olhar para João.

— Isso é na casa de Mário, eu estava com 5 meses e James tirou essa foto sem que eu me preparasse.... — ela disse sorrindo, desviando os olhos dos meus.

— Seu cabelo...

— Ah, isso. Eu não podia pintar, então, passei muito tempo com a cor natural, inclusive depois que o João nasceu.

— Você gosta do cabelo da mamãe assim, Diego?

Eu busquei o olhar dela.

— Gosto. Na verdade, ela fica linda de qualquer jeito, filho.

Diana devolveu o meu olhar e sorriu enquanto João concordava. Eu fui passando as fotos seguintes, cada foto, cada registro dela com a barriga cada vez maior apertando aquele nó de emoção na minha garganta. Os comentários, as perguntas e as risadas engraçadas de João talvez me impedindo de dar uma vazão maior aquela emoção.

Mas olhar aquilo com ele, com eles ao meu lado, só tornava a emoção muito maior e significativa para mim. E aquela vontade insana que eu pensei estar controlada, de realmente poder tocar em Diana exatamente da forma que ela estava ali, muito grávida, fez um caminho no meu cérebro.

Eu não estava, todavia, preparado para uma foto específica quando João virou a página antes de mim. Diana estava sentada em uma cama de hospital com um pacotinho enrolado em um pano azul no seu colo... aquele pacotinho tinha uma mãozinha pequena que estava sob o seio nu dela onde ele estava mamando. Foi quando João nasceu. Na foto, Diana estava olhando para ele atentamente e sorria, uma trança nos cabelos pretos caindo por seu ombro. Ela parecia calma e absolutamente perfeita.

Respirei fundo e tive que cerrar os dentes ao olhar para a cena, ao mesmo tempo em que acariciava os cabelos de João. Quando olhei para Diana, ela estava me encarando com os olhos úmidos, enxugando uma lágrima que tinha

descido pelo seu rosto. Eu não consegui dizer nada, nem que quisesse naquele momento, então só olhava para ela. Diana de repente fixou o olhar no meu, intensamente, e moveu os lábios, sem som, mas eu compreendi perfeitamente o que ela estava dizendo: "*Me perdoa*, por favor?"

Ela havia dito antes que não pediria perdão. Estendi a minha mão e enxuguei as lágrimas, ainda sem poder falar nada, e ela encostou o rosto, beijou a minha palma e disse novamente. "Você pode me perdoar?" Eu precisava ouvir aquilo? Precisava que Diana me pedisse perdão? Limpei a minha garganta e balancei a cabeça em negação.

— Não. Você não precisa me dizer isso. Não precisa.

Ela negou com a cabeça e enxugou outra lágrima que ia descendo pela sua bochecha. João olhou para cima, para ela, e depois para mim.

— A mamãe sempre chora quando olha essas fotos — ele me disse em tom de segredo, e nós dois sorrimos.

Eu virei a próxima. Era uma foto dele, pequenino, provavelmente ainda no hospital, deitado de lado com uma roupinha amarela e uma touca branca, dormindo pacificamente. Meu peito apertava a cada vez que eu via uma imagem. E elas foram se repetindo: João e Diana em cada uma delas. Sempre eles. Eu pensei que ali estariam fotos também da mãe, do padrasto dela, da avó, do próprio James, mas não. As fotos eram apenas de ambos. Eu gostei muito do fato de ter fotos apenas deles dois, era mais íntimo.

Eu tinha certeza agora de que um homem poderia ter algum tipo de síncope apenas olhando para fotos, concluí ao virar mais uma página e... me olhar lá, ao lado de João. Imediatamente olhei para ela, que não estava mais escondendo o fato de que realmente estava chorando copiosamente. Aquilo me angustiou, eu não conseguia vê-la chorando, mexia de uma forma louca comigo. Diana apenas sorriu em meio às lágrimas e fez um gesto para que eu continuasse.

Nas fotos, que ela deve ter tirado da internet, obviamente, eu estava ao lado de João em montagens impressionantes desde o seu nascimento. Na maioria delas eu estava de terno ao lado dele em vários momentos. Em uma especificamente, eu estava sorrindo, olhando para baixo, eu nem mesmo lembrava ou fazia ideia de onde aquilo pudesse ter sido registrado, e na montagem que Diana havia feito, era como se eu estivesse olhando para ele de pé, tentando se levantar, na verdade. Sorri, sentindo minha garganta queimar.

Mais fotos se seguiram, eram sempre montagens minhas ao lado de João, um trabalho realmente lindo e impactante, a julgar pela forma como a minha respiração estava ao olhar para elas. Era por isso que ele tinha crescido sabendo bem quem eu era e tinha me reconhecido imediatamente.

Eu estava perdido naquelas imagens, absorvendo tudo, retendo cada pedacinho dele naquelas fotos, cada fase, cada sorriso, observando Diana em algumas fotos com ele, e só então notei que João estava muito calado. Quando olhei para baixo, ele estava com os braços ao redor no meu peito, o rosto colado em mim. Ele estava emocionado também?

— Você gostou de mim nas fotos? — ele perguntou baixinho, com a voz insegura. Nunca senti tanto amor inundar o meu peito como naquele exato instante. Eu faria o que tivesse que fazer e lutaria contra quem precisasse para que o meu filho fosse plenamente feliz.

— Claro, eu... — Dei uma tossida e respirei fundo, então sorri para ele. — Eu adorei. Na verdade, eu amo você nas fotos, e amo você aqui, muito, o que é bem melhor, você não acha? Eu te amo, João, não esquece disso nunca, promete?

Ele deu um sorriso enorme.

— É, eu gosto desse álbum, é o álbum que mamãe fez *pra* nós dois, *pra* mim e *pro* papai. — Novo aperto dos braços dele ao meu redor. E eu senti como se um choque estivesse passando pelo meu corpo, e parei, focado no que ele disse.

Meu pulso acelerou e eu precisei tomar ar para não sufocar com a potência da emoção que pareceu vibrar no meu peito. Mas ele já tinha dito aquilo antes, então, eu precisava me certificar. Percebendo que eu estava tremendo um pouco, eu passei as mãos nas suas costas, em círculos, como se estivesse acalmando-o, mas na verdade, eu precisava acalmar as batidas impetuosas do meu coração.

— O que você disse? De quem é o álbum?

— Meu... e seu, papai. Eu também te amo — João respondeu, tímido, mas levantando a cabeça para olhar nos meus olhos, muito sério, como se fosse óbvio e ele não tivesse acabado de me chamar de pai pela primeira vez... e dizer que me amava.

E eu quebrei em vários pedaços e soltei com força o ar que estava prendendo. Não, nada na vida tinha me preparado para aquilo, pensei, quando tive que fazer um esforço enorme para distinguir os olhos dele, tão parecidos com os meus em meio às lágrimas que começaram a se formar nos meus próprios olhos.

Capítulo 35

O MENINO COM O RELÓGIO

Diana 

Eu estava emocionalmente esgotada. Acho que tudo foi um pouco demais para mim naquele dia e eu só percebi que estava uma pilha quando entreguei o álbum azul para Diego, e enquanto ele olhava tudo, eu comecei a chorar. Muito.

Havia começado a montar aquele álbum logo depois do nascimento de João e fui acrescentando algumas fotos da minha gravidez, posteriormente. A ideia inicial era apenas manter aquele registro como se fazia de modo tradicional, para manter guardadas as fotos dele. Mas acabou se transformando em algo que eu pus um empenho verdadeiro.

Com a minha relativa experiência à época em fazer fotos, eu fui transformando aquele pequeno objeto em uma verdadeira fascinação dupla: era o registro dos momentos mais importantes da minha vida, ligados ao nascimento e crescimento do meu filho, e eu também ia trabalhando no que eu estava amando fazer, que era a fotografia. A primeira que eu fiz João era um bebê e continuei fazendo até que passou a entender um pouquinho o que era, quem era e o que significava “papai”.

Eu estava tentando me livrar do peso daquela decisão, do que ela tinha significado na vida de todos nós, e estava indo relativamente bem em não me curvar ao peso da culpa, mas a conversa com o pai dele, que poderia muito bem ter sido uma discussão e Diego não quis me dizer, e depois vê-lo olhando aquelas fotos trouxe tudo à tona novamente. Não era fácil se livrar dessas coisas.

E quando João o chamou de pai e disse que o amava, senti uma barragem romper dentro de mim e cai em um choro convulsivo na frente dos dois, como eu não pensei que faria um dia na frente de Diego. Pedi perdão porque era exatamente isso que eu achava que tinha que fazer naquele momento, mesmo que ele achasse que não.

Tentei me conter por causa de João que ficou preocupado e parecia que ia chorar também, então Diego o levou para brincar, para distraí-lo na sala, e eu fiquei deitada na cama sem conseguir parar de chorar. Quando ele voltou, sozinho, deitou-se atrás de mim, *me envolveu* com os braços e ficou mexendo no meu cabelo e me dizendo que me perdoava, mesmo que ele não achasse necessário que eu pedisse perdão. Quando ele disse isso, eu chorei ainda mais, sentindo o calor do seu corpo no meu até que eu adormeci, cansada.

No dia seguinte, quando eu acordei meio desorientada por não ter ouvido o despertador, fui procurar João no quarto, mas não havia sinal nem dele e nem de Diego. Olhei para o relógio em cima do aparador: 9h. O que Diego havia me dado mesmo para tomar ontem? Eu normalmente já dormia feito uma morta, imagine então se eu tomo algo para relaxar? Eu simplesmente apagava mesmo.

Quando cheguei à cozinha, havia um aviso do paradeiro deles em uma folha de papel grudada na geladeira com um ímã, e a letra de João, toda engraçada e tortinha daquele jeito que as crianças de cinco anos escreviam: "mamãe fui *pra* escola e papai trabalhar". E ri, encantada. Ele havia “engolido” o h, e como João não costumava fazer aquilo, eu só podia deduzir que Diego havia auxiliado com o bilhete.

Passei a manhã me ocupando em questões rotineiras, tentando relaxar do dia anterior e seguir com o que eu precisava fazer. Eu tinha um aniversário da filha de um amigo de Diego para fotografar aquela semana, além de uma sessão de fotos com um bebê recém-nascido que a mãe havia contratado a partir das fotos do meu álbum virtual e no site. Seria novamente uma semana cheia e eu ainda tinha os turnos na boate.

Liguei para confirmar com James que viria com vovó para cá, então fui ao supermercado mais próximo para comprar algo para o nosso almoço. Eu não era nenhum às na cozinha, mas tinha aprendido a me virar desde cedo, pois mamãe estava sempre fora trabalhando e eu e vovó nos revezávamos muito bem.

Também aproveitei a saída para visitar uma loja bem interessante no shopping mais próximo do nosso prédio, e fazer umas aquisições que eu achava que poderiam ser necessárias nas próximas vezes em que Diego resolvesse que eu estava pronta para novas fases... Só pensar nisso já me deixava excitada e louca para testar meus novos brinquedinhos. O que ele acharia disso?

Eu estava terminando de preparar o nosso almoço quando vovó e James foram anunciados, e logo em seguida entravam no apartamento em uma profusão de beijos e abraços. Seria bom tê-los um pouco perto de mim, eu estava precisando mesmo, pensei, enquanto recebia um abraço delicioso e demorado da minha avó.

— Saudades de você, minha filha.

— Também, vó. Venham, entrem, esses últimos dias têm sido bem... intensos, vamos dizer assim.

Eles se acomodaram ao meu redor, sentados com os braços apoiados no balcão de granito preto enquanto eu cozinhava e vovó tinha vários ataques ao ver a cozinha e dizer que era o sonho de quem gostava de cozinhar, como ela.

— Pois acredite, aqui tinha coisas que ele tinha comprado e nem tinha usado. É um paraíso, não é? — Eu sorri, olhando em volta. James deu uma

tossidinha e trocou um olhar astuto com vovó. Lá vem, pensei.

— Parece que não é só a cozinha que está um paraíso por aqui, não é mesmo, vovó?

— Eu acho é que Diana está muito bonita, como é que as pessoas falam? Brilhando? Isso, ela não está, James?

Eu apontei a colher para eles.

— Eu estou bem aqui ouvindo vocês, vocês sabem, não é?

— Eu acho, vó. Acho que pode ser aquilo que as pessoas chamam de amor... — James continuou como se eu não tivesse dito nada e realmente não estivesse ali. Eu bufei e revirei os olhos, mas senti uma idiota vontade de rir em vez de ficar irritada com aqueles dois. Como ficar irritada com aqueles dois, aliás?

— Deve ser... — vovó concordou, séria. — Aliás, tenho certeza.

Dei uma mexida na minha panela e só levantei as sobrancelhas para eles.

— Então é isso? Uma verdadeira investigação sobre a minha vida? Por que você não diz a vovó que está lindo e maravilhoso com o Sr. Ferraz? Aliás, como andam as coisas?

— Ele já me disse. Até que enfim aquele outro criou coragem — vovó resmungou e nós sorrimos. James afastou uma mecha do cabelo da testa, sem conseguir esconder a alegria. Uma sensação de alívio e uma felicidade incrível também me tomou.

— Está tudo muito bem, melhor do que eu podia esperar para quem até outro dia estava se escondendo. Mas eu tenho sido, como direi, comedido, sabe? Fazer com que ele se sinta impelido a ser quem ele não é, a agir de modo a ficar constrangido apenas para fazer algo que ele acha que pode me agradar, não é o que eu quero... Tenho que ficar de olho nele agora. — Ele sorriu.

— Quem diria, hein? Você fazendo o contido e Edu querendo chutar o pau da barraca, é isso mesmo? — Provoquei-o.

— Não é bem isso, eu só não quero pressão, o extremo, nunca quis. Sei que ele está empenhado em me agradar e de alguma forma até compensar, mas não é assim, Red, eu quero tranquilidade, não quero me esconder, mas também não estou preocupado em provar nada a ninguém: o equilíbrio, entendeu? — Ele fez um gesto como quem estava meditando, depois abriu os olhos.

— ... Mas, sim, bela fugida do assunto em questão, não é? Estávamos falando de você aqui.

— Ela costuma fugir quando o assunto é o coração, meu filho, mas perceba que dessa vez ela só escapou, mas não negou. — Minha avó deu uma piscadinha para James e os dois, que provavelmente devem ter combinado antes para me atormentar, voltaram a sorrir um para o outro.

— Ela não nega, vai por mim, eu sei.

Vovó Madá apertou os olhos em minha direção.

— Ou pode ser por outro motivo também esse brilho todo, essa carinha radiante... na minha época, a gente tinha uns palpites bons quando uma mulher estava assim.

Eu e James olhamos rápido para ela, que me lançou uma olhada inquisitiva e demorada de cima a baixo, daquele jeito característico dela. Provei o bife que estava fazendo para nós e aponte para ela com a colher de novo.

— Nem vem, vovó.

— O quê? — James estava confuso olhando entre nós duas, sorrindo. — Vamos lá, não me deixem aqui no escuro sozinho, por favor.

— Vovó tem essa mania de querer tentar “adivinhar” as coisas, até parece que você não sabe, na verdade ela gosta mesmo é de jogar verde não é, dona Madalena? — eu brinquei e ela deu de ombros e sorriu.

— Nada de jogar verde nem adivinhar, eu só observo tudo. Você não está grávida não, não é Diana?

Eu olhei para ela entediada e James deu uma risada.

— Claro que não, vovó. De onde você tirou isso?

— Não sei, só perguntando. Quando você e esse homem se juntam assim, minha filha, vocês saem fazendo menino, vai me dizer que não?

— Isso, dona Madá, talvez eles já tenham até produzido o seu próximo bisneto, já pensou que maravilha?

Eu joguei um pedaço de tomate em James que estava sorrindo feito um besta e me aproximei dos dois.

— Para o governo de vocês, seus alcoviteiros de gravidez, não tem bebê nenhum sendo produzido por aqui, ok?

— Por quê? Até outro dia você disse que talvez tivesse mais um filho, agora tem um homem como Diego, está casada aí com ele, porque esse negócio de morar junto *pra* mim tá praticamente casada, não tem essa conversa mole não... e agora você não quer outro filho?

— Muito justo. — James fez um gesto com a mão e esperou vovó bater como ele tinha ensinado a ela. Era o que faltava.

— Quem disse que eu não quero? Eu apenas disse que não fizemos um e nem estamos próximos de fazer — murmurei, encolhendo um ombro. Lembrei do meu descontrole no dia anterior, da forma como Diego tinha olhado para aquelas fotos minhas grávidas, de como eu me senti sabendo que ele não tinha acompanhado nada daquilo por causa da minha decisão. E do inesperado desejo de que ele tivesse isso. Que nós tivéssemos.

Não que eu achasse que deveria engravidar apenas para recompensá-lo

ou algo do tipo, um filho nunca deveria ser cogitado para aquele tipo de intenção, muito menos para agradar alguém. Eu só não era contrária a ideia, de modo geral, no futuro, apesar de que Diego nunca tinha sinalizado algo nesse sentido. Suspirei e encarei de volta os dois que estavam me olhando fixamente e sorrindo.

— O que foi?

— Você viajou legal agora, Red — James disse. Minha avó tocou a minha mão.

— Talvez ele queira e só ainda não disse. João vive dizendo que quer um irmão pelo que me lembro, e eu não ia achar ruim ter outro bisneto, se você quer saber minha opinião.

— Vamos ver, vovó. Você mesma me diz que não se põe a carroça na frente dos bois, e agora está me botando pressão só porque Diego ganhou seu coração, sendo que a senhora sempre foi a primeira a desconfiar de todos os homens.

Ela suspirou e deu um sorriso triste.

— Não é assim também. Existem uns homens bons por aí, eu tive o meu, sua mãe achou o dela, e acho que o seu Diego é outro desses que prestam.

— Ah, então por ele pode botar a carroça na frente dos bois?

— Isso, linda! — James murmurou e sorriu.

— Tem um outro ditado, ou eu posso ter inventado esse, não sei mais, mas é assim: quando o boi é bom a gente não o deixa correr solto no pasto não que vem outra por trás e prende ele, viu?

Eu e James olhamos um para o outro, sérios, e então rimos. Balancei a cabeça em descrença:

— Você acabou de chamar o Diego de boi, vovó?

— Claro que não, imagina se eu vou fazer isso com o pai dos meus próximos bisnetos — ela disse muito séria com aquela cara que não enganava ninguém.

Mais tarde, João chegou da escola e nós almoçamos todos juntos, e entre as risadas, as conversas e as brincadeiras enquanto comíamos, eu pensei em como a minha vida tinha dado um giro de 360° e não tinha sido tão ruim como eu sempre imaginei que pudesse ser.



Vovó e James foram embora antes do fim da tarde, depois de uma programação que envolveu principalmente ver filmes e comer pipoca. Eu

aproveitei para fechar mais dois trabalhos e resolver as últimas questões com a esposa do amigo de Diego para a festinha da filha deles no final de semana. Se aquele ritmo se mantivesse ou melhorasse, o que eu esperava, eu sairia antes do que pretendia da boate que por sinal eu teria que ir na quinta por ter trocado o turno com uma das meninas na semana passada.

Diego havia me ligado no meio da tarde para saber como eu estava, enquanto eu concluía minhas atualizações no site. Ele me disse que chegaria mais cedo e pediu que eu me arrumasse pois tinha reservado uma mesa em um restaurante que ele gostava para que nós jantássemos fora aquela noite. Maravilha!

Isso seria ótimo, já que muito provavelmente ele também teria uma surpresinha toda especial minha. Estava sorrindo quando desliguei e pensando no que usar para aquele jantar quando o interfone tocou. Marta e João estavam lá embaixo no playground e ela não seria anunciada, pois não precisava passar pela portaria. Era só um pouco intrigante porque não costumávamos receber visitas inesperadas.

— Dona Diana, boa tarde, é o Jefferson. O senhor Otávio está aqui para falar com você — o porteiro anunciou quando eu atendi. Fiquei momentaneamente paralisada ao ouvir aquilo, meu coração falhando uma batida. O pai de Diego estava aqui para falar comigo? Mas eu tinha praticamente acabado de falar com Diego e ele não havia me dito nada sobre uma visita do seu pai. A não ser, é claro, que ele não soubesse, concluí, exalando uma respiração profunda.

Eu podia imaginar que aquela era outra conversa que não tardaria a vir, ainda mais depois do modo tenso que Diego havia deixado a casa dos pais. Se era uma visita surpresa, como eu estava certa que era, o Sr. Otávio com certeza não estava fazendo questão da presença do filho, e não seria eu que iria atrapalhar isso. Exalei profundamente.

— Bom dia, Jefferson, pode deixá-lo subir, por favor.

Ele se despediu e eu desliguei, tentando afastar o súbito nervosismo. Era de certa forma pior do que quando foi com Abigail, porque naquele momento eu tinha a impressão de que poderia se rechaçada, criticada ao extremo, ser alvo da raiva e da mágoa dela e achava que estava pronta para isso. Mas talvez eu não fosse, como não fui, e a forma como tudo terminou me deu uma esperança de que eu poderia refazer a minha vida e deixar o meu erro para trás.

No caso do pai de Diego, eu sabia que não poderia contar com o “se”. Ele claramente tinha se colocado em uma posição negativa em relação a mim por mais que Diego tivesse tentado dourar a pílula para me poupar. E eu não disse nada porque não queria criticá-lo, não tinha esse direito. Ele sim tinha o

direito de não me aceitar, concluí indo na direção da porta.

Mais uma vez respirei fundo enquanto estava perdida nesses pensamentos quando o elevador parou de frente para a nossa porta e ele abriu com o cartão que lhe foi entregue. E então eu me vi cara a cara com o pai de Diego. Eu tinha visto de longe justo quando eles foram saindo antes de conversar, mas não assim tão de perto, não assim com esse homem parado e me olhando fixa e atentamente.

Otávio Avellar de Barros era alto, não tanto quanto o filho, mas tinha uma boa altura e compleição física forte. Ele era um homem bonito e parecia exalar aquele tipo de aura de poder e domínio que alguns homens tinham. Otávio era realmente uma figura intimidante, não havia como não concluir isso, e na mesma hora me veio à cabeça que ele não parecia alguém com que uma mulher esfuziante e leve como Abigail poderia estar há décadas.

Seus cabelos pretos eram salpicados de fios grisalhos e seus olhos azuis eram o que se poderiam chamar de gélidos. Assim como Diego, ele era formal na hora de vestir, e estava de camisa social branca e calça jeans. Lembrei quase imediatamente da primeira vez em que olhei fixamente nos olhos de Diego na sala de aula: aqueles olhos ali eram exatamente iguais. Os olhos de João, pensei, engolindo em seco e me aproximando um pouco mais dele. Eu estava no escuro ali, e mesmo mantendo a firme resolução de respeitar e entender o pai de Diego, precisaria ver primeiro como ele me trataria para definir a minha ação.

— Sr. Otávio, boa tarde.

Ele estava ainda me observando, calmamente, então se aproximou dois passos e estendeu a mão na minha direção, para meu alívio.

— Boa tarde, Diana. Nós não fomos devidamente apresentados, mas é um prazer finalmente conhecê-la.

Eu apertei sua mão enquanto acenava em um gesto positivo.

— É um prazer também, senhor...

— E me chame de Otávio, por favor.

— Claro. — Eu fiz algo que eu esperava que fosse interpretado como um sorriso, tendo em vista a minha tensão, e soltei do seu aperto de mão firme. Ficamos por um momento desconfortável nos encarando, então eu lembrei que por mais que ele fosse o pai de Diego, eu morava aqui e teria que tomar as rédeas dessa situação no mínimo inusitada. E devia ser isso que ele estava esperando também, lógico Diana, não seja uma doida. *Me afastei* um pouco e fiz um gesto em direção à sala.

— Por favor, Otávio, fique à vontade. O Diego ainda não chegou, mas você pode esperar, ele não deve demorar.

Otávio juntou as sobranças exatamente como o filho fazia.

Misericórdia, pensei, por pouco não revirando os olhos. Ainda bem que eu não fiz isso.

— Obrigado — ele disse com um aceno de cabeça educado e passou por mim em direção à sala. Controlei a minha tensão e o segui, lembrando a mim mesma que aquele era mais um dos momentos que eu sabia que viriam e que eu precisava enfrentar. A única coisa que eu tinha certeza, no entanto, era que eu não era mais a mesma pessoa que imaginou aquele confronto anos antes, e alguma concepções minhas tinham mudado desde que cheguei aqui.

Segui Otávio e sentei no sofá do outro lado assim que ele sentou-se também, de costas para a porta. Eu tentei buscar na expressão ou na forma como ele estava alguma indicação dos meandros daquela conversa, ou qual a disposição do espírito dele para ela, mas o homem parecia um jogador de poker profissional, pelo menos era assim que diziam que eles eram. *Me mantive* em silêncio e encarando-o, enquanto ele parecia pesar o que iria dizer. Por fim, ele relaxou e pôs os antebraços nas pernas.

— Você deve imaginar o motivo da minha visita.

— Sim, eu imagino. Você quer falar comigo sem a presença de Diego.

Ele pareceu surpreso com a minha resposta, pelo menos eu acho que sim, era difícil saber.

— Bom, pode-se dizer que sim, apesar de que eu sei que ele estará em casa em minutos. Prefiro ter um tempo com você antes disso.

— Sim, tudo bem.

— No entanto, essa não é a única razão para eu estar aqui agora, apesar de que sim, eu queria ter a minha própria impressão sobre você — ele confirmou em um tom de voz calmo, quase monótono. E eu um dia achei que Diego era frio? Meu Deus, aquele homem parecia um bloco de gelo inteirinho. Não surpreendia que Diego fosse assim, se bem que o outro filho, Marcos, parecia não ter nada dele, a não ser aparência.

— Entendo.

— Mas falar com você é só parte da minha visita. Onde está o meu neto?

Agora ele me surpreendeu, tanto pela forma direta como pelo modo mais sutil e baixo com que ele fez a pergunta.

— Ele está lá embaixo no playground com a Marta. Você... quer que eu o chame? — acrescentei, meio de supetão e quase mordeu a língua. Eu precisava me manter na espera, não podia negar que eu estava na defensiva e estava seguindo a rota que Otávio estava deixando, mas também não queria dar a impressão de estar querendo agradá-lo excessivamente ou ser diferente do que eu era. Algo me dizia que aquele caminho era exatamente o oposto para lidar com ele.

Mas mais uma vez, para o meu espanto, ele deu o que poderia sim, aleluia, ser considerado pequeno e discreto um sorriso, mas balançou a cabeça.

— Não precisa, eu aguardo ele chegar, deixe-o brincar. Ele é o motivo principal para que eu esteja aqui, acredite.

Assenti.

— Diana, eu sei que muito provavelmente meu filho não vai gostar de eu estar visitando você sem ter falado com ele antes, eu sei como ele é, eu também não gosto quando as coisas não saem do jeito que eu estipulei.

— Eu imagino que ele vai ficar surpreso.

— Não, ele vai ficar irritado mesmo, mas eu espero que ele entenda os meus motivos.

Aguardei, porque realmente não havia o que dizer sobre isso. Ele continuou:

— Diego me falou sobre você, claro, mas eu gosto de obter as minhas próprias informações, de tirar as minhas conclusões, do meu jeito, você compreende?

— Eu posso entender isso, sim.

— Ok, muito bem. Não sei até que ponto ele foi claro o suficiente com você sobre a conversa que tivemos. — Ele deixou no ar, e eu me acomodei melhor, sentindo novamente aquela tensão me tomar. Eu não estava intimidada, talvez devesse estar, mas não estava. Estava preocupada. E isso era novo *para* mim, eu me dei conta que estava mais preocupada em trazer um problema para Diego do que com o que seu pai poderia realmente achar de mim.

— Ele foi pouco claro, mas eu posso deduzir que não foi uma conversa totalmente agradável.

Otávio assentiu e a forma como ele me olhava era como se quisesse descobrir meus segredos apenas pelo poder do olhar. Eu não sei o que ele esperava descobrir, na verdade, mas não o deixei me intimidar.

— Eu vou ser bem sincero com você — ele disse, muito sério.

— Eu agradeceria — revidei baixinho.

Mais uma vez ele fez aquela expressão de quem poderia estar achando algo engraçado, mas era muito sutil, quase imperceptível. Talvez nem fosse real.

— Eu confio em poucas pessoas na vida. Meus filhos e minha esposa estão entre essas pessoas, então, quando um filho meu decide confiar em alguém que eu não estou preparado para confiar, isso é um grande problema para mim.

Ok, é assim que vai ser. Eu respirei fundo.

— Certo, vamos lá. Eu não posso esperar que você confie em mim, na verdade, eu tenho plena consciência que existe um monte de motivos para que você ache que eu não sou confiável — eu comecei, calmamente. Era um

exercício de paciência e equilíbrio, um fio de uma navalha estar ali cara a cara com o pai de Diego e ouvi-lo dizer que eu não era confiável. — Talvez você devesse expor para mim esses motivos e eu poderia falar sobre eles, mesmo sabendo que você poderia continuar desconfiando. É um risco que eu estou disposta a correr.

Ele manteve a expressão inalterada, *me analisando*. Aquela calma dele era enervante em um nível absurdo.

— Muito bem, vamos expor os motivos, então. Em primeiro lugar, você é muito jovem, uma moça bonita e era muito mais jovem ainda quando engravidou do Diego. Eu não vou entrar no mérito da questão, não me entenda mal, não estou fazendo nenhum tipo de questionamento moral aqui, as minhas inquietações são de ordem prática.

Eu não o interrompi, mas cerrei os dentes e continuei olhando para ele.

— Você tinha uma criança que é o único filho do meu filho mais velho, e você já deve ter deduzido que ele tem um patrimônio, digamos, significativo, ainda que quando saiu daqui, aos 19 anos, talvez você não soubesse disso. Então, depois desse tempo, você volta e traz o João Pedro correndo o risco de Diego processar você. Por quê?

— Eu tenho certeza de que Diego disse isso a você, mas tudo bem. Eu voltei principalmente porque estava cansada de conviver com o peso do meu erro e com as perguntas do meu filho. Ele sabia que ele tinha um pai e eu não poderia mais negar isso a ele.

— Então, você simplesmente resolveu corrigir o seu erro, é isso? Resolveu ser altruísta e desinteressada depois desse tempo todo?

— Não foi nada simples, acredite, mas era necessário. E os interesses que eu estou priorizando são apenas os do meu filho, nenhum além desses.

Ele voltou a sentar em uma posição mais reta, recostando-se, menos relaxado do que ele estava antes.

— E ao voltar, você se depara com um homem que tem muito dinheiro, é a mãe do seu único filho. Em nenhum momento você pensou sobre as implicações legais que poderiam recair sobre você se Diego por acaso estivesse disposto a levá-la à justiça?

— Eu pensei nisso todos os dias, e ainda assim eu vim porque fazer com que o meu filho conhecesse o pai era a prioridade. Só isso.

— Você parece estar bem com isso de correr riscos.

— Não, eu só faço o que tenho que fazer. Às vezes é errado, às vezes é uma decisão terrível, mas eu não deixo ninguém tomá-la por mim, e foi isso o que fiz: assumir meu erro e estar disposta a pagar por ele se fosse necessário.

— Não quando quem poderia fazer você pagar está encantado o

suficiente para não permitir isso. Muito conveniente para você.

— Não havia nada conveniente no horizonte para mim, nada.

Eu podia sentir a mudança brusca no rumo da nossa conversa, desde a entonação dele à forma como ele também notou a minha reação.

— E você acha que era essa a minha garantia? Que eu estava contando que Diego subitamente caísse de amores por mim e eu então me aproveitaria dele? — eu murmurei, apertando meus olhos, ainda mantendo um tom baixo e respeitoso. — Não seria mais fácil passar o resto da vida ilesa e nunca aparecer aqui?

— Um preço pequeno a pagar, eu acho, se você levar em conta as recompensas advindas do fato de não ser punida por ter escondido a paternidade do meu neto.

Irritação subiu como uma corrente elétrica pela minha espinha.

— Se você acha isso, não deve conhecer muito bem o filho que tem. — Caralho, merda, merda, controle-se, Diana, pensei. Não era isso que eu queria. E eu pude ver que ele não pareceu afetado pelo que eu disse. Otávio poderia estar justamente jogando com a minha capacidade de reagir aquilo, pois logo depois ele soltou um longo suspiro. Achei que ele fosse se irritar seriamente, mas pelo visto, não.

— Eu conheço, moça. Conheço tanto e tão bem o meu filho, mais do que ele imagina, mais do que eu próprio imaginava, na verdade. E é justamente porque eu o conheço que eu estou aqui conversando com você. Confio plenamente na capacidade e no intelecto de Diego, mesmo que talvez ele não saiba disso.

— Diego é a pessoa mais inteligente, capaz, perspicaz que eu conheço, ele não é um bobo, e você o conhece e ainda assim está aqui insinuando que eu o procurei em busca do seu dinheiro, que tenho algum tipo de plano para enriquecer às custas do meu filho? — Apertei os lábios, sentindo dificuldade em permanecer blasé, como eu pretendia.

A tensão em lidar com alguém que parecia não perder a calma de modo algum era muito maior, notei. Quando você briga, explode, grita, isso de certa forma era uma maneira e tanto de extravasar, já aquela conversa perfeitamente controlada era desgastante, mas eu ia conseguir.

Otávio pareceu refletir sobre o que eu disse.

— Na verdade eu não estou insinuando, estou só expondo os motivos que nós combinamos antes. Todas as insinuações que eu poderia fazer sobre você, acredite, eu já fiz, e não gosto de insinuações, gosto de certezas.

Ele devia estar falando da conversa com Diego, então.

— Eu lamento, não sei se você vai ter certezas falando comigo,

sinceramente. Não importa o que se diga, às vezes as pessoas resolvem simplesmente acreditar no que elas querem. — Eu suspirei, surpresa com a súbita tristeza na minha voz. Mais uma vez, eu não queria que ele achasse que eu estava apelando para o seu lado emocional. Como se ele tivesse mostrado algum até agora, não?

— Pessoas idiotas resolvem acreditar no que lhes convém sem buscar respostas mais claras e consistentes, Diana, esse não é o meu caso, por isso essa nossa conversa. Você acha mesmo que não seria criticada? Que qualquer pessoa em sã consciência não questionaria essa história toda? Que eu, o pai dele, não questionaria isso?

Eu pensei sobre isso um instante, calada, e então optei por ser o mais franca possível com ele.

— A primeira pessoa que me questionou sobre essa história toda foi o meu próprio filho, senhor, e por causa desse questionamento, vale a pena enfrentar qualquer outro.

Silêncio. Então eu resolvi continuar, já que tinha começado.

— Eu ainda estou lidando com a culpa, com o peso de tudo, e sinceramente hoje eu já não sei como conseguiria aguentar se o seu filho tivesse outra atitude em relação a mim que não essa de me perdoar. — Nova respiração profunda, porque se tinha uma coisa que eu não ia fazer era desmoronar na frente dele. Não mesmo. Eu ainda estava lidando com os reflexos de ontem. — Mas cada vez que eu vejo o meu filho bem, sorrindo, junto com o pai dele, feliz, eu encontro forças para aguentar coisas como a que estou aguentando agora, com você aqui questionando os meus motivos, os meus valores, as minhas intenções...

Ele não ia dizer mais nada? Ia só ficar olhando daquele jeito para mim? Então ok, quem não falava ia ouvir. Limpei a garganta.

— Eu respeito você e entendo, se fosse o meu filho eu faria exatamente a mesma coisa. Mas ainda assim, eu preciso lhe dizer: você está perdendo o seu tempo se acha que encontrou uma mulher que quer dar o golpe e enriquecer às custas do seu filho. Eu trabalho, sempre trabalhei, e continuo trabalhando mesmo agora enquanto estou aqui e poderia viver da bondade de Diego. Não é isso que eu quero. Tenho planos, projetos, mas nenhum deles é ser uma golpista.

Seus olhos brilharam e ele se aproximou de novo, atento.

— Eu sei que você trabalha, Diana, agora sei tudo o que preciso saber sobre você, pode acreditar.

Intrigada, franzi a testa e observei sua postura relaxada, e antes que pudesse pensar sobre, soltei:

— Você mandou me investigar?

Ele sorriu, dessa vez ele sorriu mesmo.

— Você é corajosa, não é? Pensa rápido e fala mais rápido ainda.

— Desculpe se...

— Não, não se desculpe, eu mandei mesmo investigar você, e é claro que Diego vai ficar furioso comigo quando souber, mas eu vou superar, e ele também; afinal, ele me conhece. Como eu disse no início da nossa conversa, eu confio em poucas pessoas e minha mulher está no topo dessa lista.

Eu não disse nada e ele pareceu reticente em falar, mas depois fez um gesto de desânimo.

— Eu detesto ter que discordar dela, e quando eu faço isso, eu preciso me certificar bem de que não estou fazendo alguma besteira. Você foi um ponto de discórdia horrível ontem, e Abigail não é fácil.

Eu me senti encolher, uma sensação ruim de vergonha me consumindo. Ao mesmo tempo notei que era interessante aquele homem dizer que a esposa lhe dera uma canseira.

— Eu sinto muito.

— Era necessário.

— Por isso você veio falar comigo pessoalmente.

— Por isso eu me dei ao trabalho, sim. Eu sou um homem de negócios, administro ações, investimentos, preciso de mais do que impressões terceirizadas sobre o que importa para mim, e o meu filho e o meu neto importam muito, se você é o elo entre eles eu preciso saber que tipo de pessoa você é.

Eu tentei ficar calada, tentei, mas aquela conversa também estava me intrigando, *me instigando*.

— E baseado no que você descobriu até agora, que tipo de pessoa eu sou?

Ele pareceu pensar, passando o polegar pelo queixo, devagar.

— O tipo que vale a pena observar. Diana, ouça com atenção: eu amo e respeito muito o meu filho, a tal ponto que eu estou aqui correndo o risco de criar um conflito maior com ele para saber por mim mesmo se eu posso estar errado e eu não gosto de estar errado. Decidi que você não era confiável e agora estou disposto a saber se estou errado ou não. Mas de uma coisa eu sei, nada disso tem a ver com o meu neto, eu vou conviver com ele e por isso vou respeitar você de todas as formas possíveis.

Apenas acenei com a cabeça para ele.

— Por fim, vou estar mentindo se eu disser que vou sair daqui com todas as certezas que vim buscar, mas saio com algumas, então, como eu disse, a palavra é observação.

— Eu posso conviver com isso, tenho a impressão de estar sob potentes

lentes de observação a minha vida inteira, não me incomodo com elas. Mas eu queria pedir uma coisa, se você puder fazer.

Eu o peguei de surpresa, era nítido na forma como ele me olhou.

— O quê?

— Não deixe sua observação ficar entre você e Diego, por favor, é a única coisa que eu não posso lidar. O resto, eu vejo como vou fazer.

Otávio ficou imóvel, depois assentiu, acho que ele ia dizer alguma coisa, mas a porta se abriu e João entrou como um foguete com Marta logo atrás, o rosto corado e os cabelos desgrenhados, sorrindo e olhando em volta. Então correu na direção de Otávio, que estava de costas *pra* ele no sofá.

— Papai?!

E não, aquele homem não era um bloco de gelo, pensei, porque quando ele ouviu a voz de João, algo que eu não pensei ver aconteceu: ele ficou boquiaberto, paralisado, fascinado, olhando para o neto parado na frente dele, e eu vi sua garganta mover-se uma vez, duas vezes, enquanto ele parecia não encontrar as palavras.

— Eu pensei que fosse o meu papai... — João murmurou olhando para mim e depois voltando a olhar para Otávio, agora João estava meio ressabiado, mas também fascinado pelo homem sentado diante dele.

Ele tinha visto Otávio de costas, concluí, por isso correu, achando que era Diego. Eu limpei a minha garganta, precisava dizer algo já que Otávio não parecia ser capaz de falar. Incrível como a irritação que eu senti em alguns momentos naquela conversa com ele se esvaiu quando eu notei o olhar azul dele quebrar ao olhar para o meu filho. Ele estava nitidamente emocionado e tentando encontrar o foco novamente.

— Esse é o seu avô, filhote, o pai do seu pai — eu sussurrei, fazendo um gesto para que ele se aproximasse. João estava impressionado, e nem pareceu ficar tímido como às vezes ficava. Ele sorriu e se aproximou de Otávio, e eu vi um sorriso imenso se formar no rosto dele, no homem que mal sorria e que intimidava quase todos com um simples olhar. Mas que caiu com um sorriso enorme diante do sorriso do neto.

— Oi, João. Vem aqui dar um abraço no vovô — ele disse quase rouco e estendeu a mão. João foi, mas me lançou um olhar antes, e quando ele chegou perto, Otávio pareceu esquecer que eu estava ali, o segurou junto ao peito e fechou os olhos, demoradamente, com força. Ele murmurou algo para João ainda de olhos fechados.

Ouvi ele dar uma tossida forte para controlar a emoção, provavelmente, mas continuou segurando João pelos ombros, analisando-o, sorrindo largamente para ele. Meu Deus, esse homem sorria mesmo!

— Você é o meu avô?

— Sim, eu sou o seu avô, João.

João olhou para trás para mim e sorriu, depois voltou a olhar para Otávio, fixando sua atenção no relógio que ele tinha no pulso. João gostava de relógios, tinha descoberto uns de Diego e ficava fascinado manejando e olhando para eles.

— Olha, esse relógio é legal!

Otávio olhou para o próprio relógio que devia custar o que eu ganhava no ano, eu tenho certeza, e começou a tirar do pulso.

— Você gostou dele?

— Gostei. O meu pai também tem um monte de relógio bonito.

Ele estendeu o relógio e deu a João, quase reverentemente.

— Pegue, este aqui é seu. Agora você tem um tão bonito quanto o do seu pai. Mais até — ele confidenciou, brincando. João fez um “o” perfeito com a boca e olhou *pra* mim rindo, então, sem a menor cerimônia, *se encostou* em Otávio e começou a mexer no relógio, concentrado. Eu não sabia quem ali estava mais embasbacado, o menino com o relógio ou o homem olhando para o menino.

Capítulo 36

BODY SHOT

Diego 

Meu pai estava sentado no sofá, no meu apartamento com João sentado na perna dele: essa foi a primeira coisa que eu notei quando entrei e caminhei alguns passos em direção à sala.

Diana não estava à vista, e eu só ouvia a conversa baixa entre papai e o meu filho, mas não identifiquei de imediato o que eles falavam. Fiquei parado observando aquilo, concentrado, já que eles não tinham percebido que eu havia entrado.

Que diabos o meu pai estava fazendo ali? Eu não lembro de um dia ele ter vindo ao meu apartamento sozinho sem estar junto com a minha mãe, e ainda assim essas ocasiões eram raras. Sim, aparentemente o motivo de ele estar ali estava claro, e ele sorriu largamente quando o "pequeno motivo" disse algo. Respirei fundo. Claro que ele tinha vindo ver João e isso me deixou aliviado e feliz a um só tempo. O problema era... ele tinha feito apenas isso, visitar João? Conhecendo o meu pai? Seguramente não.

— Papai!

O barulho das chaves do carro sobre o aparador alertou primeiro João que levantou a cabeça, sorriu e correu para mim. Eu algum dia na vida ia acostumar com aquilo e não sentir o meu coração prestes a explodir quando ele corria assim para mim? Esperava sinceramente que não, mesmo que eu fizesse aquilo — pegar ele e levantar no ar, abraçá-lo, ouvir o meu filho me chamar de pai — por muitos anos ainda. Ele parecia ter custado a fazer aquilo, *me chamar* de pai, mesmo que realmente não tivesse demorado muito, mas agora que tinha começado, não perdia nenhuma oportunidade. Isso quando eu mesmo não pedia que ele chamasse, óbvio.

Abracei-o, dei-lhe um beijo e fui ao encontro de papai que tinha levantado e estava olhando para nós dois atentamente, as mãos nos bolsos da calça. Mas ele parecia relaxado como eu raramente o via.

— Pai, tudo bem?

— Oi, filho, tudo bem.

— O vovô Otávio disse que eu tenho um relógio mais bonito que o seu agora, papai. — João informou, e eu olhei curioso para o pulso dele onde ele segurava o Jaeger-LeCoultre de papai para não cair do seu pulso fino. Eu quase

segurei o relógio para não cair, mas João segurou antes, e eu olhei para o meu pai tentando não demonstrar todo o meu espanto com aquilo.

Ele era um homem de relógios, assim como eu, e aquele em específico era um dos que ele mais gostava. Aquela marca francesa discreta, caríssima e elegante, era o tipo de peça quase única que ele apreciava, ao contrário dos famosos e nada discretos Rolex, que de acordo com ele, eram pouco mais que itens chamativos. Papai havia adquirido aquele relógio em específico na última viagem que fizera com mamãe a Paris, na própria histórica e conhecida loja da marca. E ele estava dando para João brincar?

— Isso, muito bonito, mas tenha cuidado com ele — eu disse ainda observando o sorriso do meu pai para nós dois.

— Tá bom, pai. Ele é meu.

Eu olhei para João, intrigado.

— É do seu avô, João, mas você pode...

João fez uma carinha triste e buscou o meu pai com o olhar.

— Mas o vovô me deu ele, não deu?

Surpreso, busquei a confirmação e papai sacudiu a cabeça quase dando de ombros.

— Esse relógio? Você...

— Você ouviu o João, Diego, se ele está dizendo, é dele, sim — papai me interrompeu, visivelmente divertido ao olhar para a minha cara abismada. João sorriu e passou o dedinho no vidro do relógio, depois olhou para mim.

— Eu disse, o vovô Otávio me deu. É mais bonito que o seu, papai?

Eu mal acreditava naquilo. Ele tinha dado aquele relógio a João? Eu também tinha um, mas não era aquele modelo clássico, que nem sequer era vendido no Brasil. Impressionante, para dizer o mínimo.

— Muito mais bonito. Você tem um belo relógio agora. Mas, onde está a sua mãe?

— Eu disse que ela poderia deixá-lo comigo e começar a se arrumar, vocês vão sair para jantar, não é? — meu pai respondeu despreocupadamente enquanto eu descia João do meu colo e controlava o impulso de olhar para trás, para a porta, e ter certeza de que eu não tinha entrado em uma realidade alternativa com ele ali parado me dizendo aquilo. João correu para o sofá nos deixando um olhando para o outro.

— Ele se parece muito com você. Talvez não completamente no comportamento, ele fala bem mais, mas é praticamente uma cópia sua. — Papai pareceu divagar, olhando para João no sofá e eu ergui uma sobrancelha e dei um sorriso. Sim, eu achava também. João era uma mistura interessante, e eu estava realmente feliz que o meu pai estava ali interagindo com ele depois da maneira

como tínhamos nos falado, todavia, eu precisava de bem mais do que aquilo.

— Está tudo bem por aqui? — questionei, subitamente receoso. Eu confiava na capacidade de controle e na educação incomparável dele, mas aquela sensação de que ele tinha vindo antes de mim e sem me dizer, diga-se de passagem, para falar com Diana, estava ficando mais forte a cada instante. E um forte sentimento de proteção pareceu duplicar dentro de mim ao lembrar de algumas palavras que trocamos e das coisas que ele tinha dito para mim.

— Está tudo bem, sim. Ela está mesmo apenas se arrumando, e você pode desfazer essa cara de quem está imaginando que... — Ele olhou para João distraído no sofá e depois retomou a atenção para mim — algo de terrível aconteceu aqui.

Soltei a respiração pesadamente e cruzei os braços.

— Você não pode me culpar por isso se eu levar em conta a nossa última conversa.

— Realmente não, eu admito.

Fiquei um pouco tenso.

— Por que você não me disse que estava vindo? — questionei baixo, preocupado com João ouvir o que estávamos falando.

— Porque eu queria falar com ela pessoalmente, e a sós.

— Eu espero que você não tenha magoado a Diana aqui, pai. Você sabe que não tem esse direito a despeito da sua opinião sobre ela — eu disse calmamente, mantendo o tom de voz leve, mas eu pude sentir uma súbita tensão nos meus músculos quando ele deixou de sorrir e fez uma expressão séria.

— Eu precisava vê-la, falar com ela, ter a minha opinião formada sobre ela, Diego, você pode até não entender isso, ficar magoado comigo, mas você sabia que eu provavelmente faria algo assim.

Eu o estudei, olhei para João que agora estava olhando para nós dois com atenção. Eu fiz um gesto para o meu pai e ele me acompanhou para a cozinha. Recostei-me na bancada e aguardei que ele dissesse algo.

— Como eu disse a ela, eu sou um observador, só isso. Você não pode achar que eu não viria ver pessoalmente a mulher que está entrando indiretamente como acionista na nossa empresa, além do mais, a minha prioridade era visitar meu neto, conhecê-lo, saber quem exatamente era a mãe dele, mas a nossa conversa foi muito esclarecedora.

Suspirei e passei a mão na minha mandíbula.

— Tudo bem, pai, contudo, eu não gosto disso, e você sabe. Não concordo com as suas opiniões sobre Diana assim como você parece não acreditar na minha, mas... não posso permitir que ela seja acuada dentro da nossa casa. Nem por você.

Eu sabia que mesmo respeitosamente, estava sendo duro com ele. Mas para minha surpresa, ele ergueu as sobrancelhas de modo quase cômico e sorriu um pouco.

— Muito bem, recado dado, eu respeito isso. E talvez não agora, mas você vai concluir que ter vindo aqui hoje foi a melhor coisa que eu poderia ter feito. Diana é... impressionante, vamos dizer assim.

Impressionante era um adjetivo e tanto para alguém como o meu pai usar. Eu não fazia ideia do que exatamente ele queria dizer com isso, mas sua fisionomia não me parecia tensa ou zangada.

— Ok, a gente conversa depois sobre isso, sim? Não quero falar com João aqui próximo.

— Claro, você está certo, e não se atrase por minha causa, por favor. Há mais coisas que eu quero conversar com você, Diego, inclusive sobre João Pedro.

— Nós ainda vamos conversar, sim.

Ele concordou, e pareceu pensar um pouco.

— Leve-o para nós o quanto antes, por favor. Sua mãe vai adorar tê-lo em casa agora que vocês dois resolveram me informar que eu tenho um neto — ele resmungou.

— Eu espero que vocês não tenham brigado por causa disso, sinto-me culpado por essa situação toda, mas eu já disse a você que ela estava apenas agindo da forma como eu pedi.

Ele considerou o que ouviu, depois assentiu em confirmação.

— Ela está chateada comigo, mas vai passar — ele confidenciou e eu não pude evitar franzir a testa em descrença.

— Ela está chateada com você?

— Sim, novidade nenhuma. Todos esses anos e até hoje não sei exatamente como isso acontece, mas em algum momento na discussão eu estou errado, ela está certa, fica zangada comigo e eu tenho que pedir desculpas. Talvez um dia eu descubra como isso acontece.

Sorri, achando o momento divertido e muito estranho. Porque sentimentos de diversão e o papai juntos no mesmo contexto não fazia muito sentido, mas ali estava ele. De repente, ele pigarreou e voltou a ficar sério.

— Eu estou indo, provavelmente devo passar em uma joalheria ou em uma floricultura antes, então, por favor, não se atrase por minha causa.

Eu acompanhei e o vi se despedir de João, prometendo que logo eles estariam juntos novamente, e ele iria mostrar-lhe a coleção de relógios que ele tinha em casa. Eu pus as mãos no bolso calça e observei a cena sem poder evitar o meu sorriso, a sensação de paz ao vê-los juntos.

Papai podia ainda ficar com o pé atrás em relação a Diana, mas ele mudaria de ideia, e enquanto isso, vê-lo conversando com o neto era uma imagem muito forte e me afetou de uma maneira que eu não podia prever. Em um longo tempo, eu não tinha sentido uma conexão tão íntima e poderosa com o meu pai. E agora, com o meu filho no meio dessa conexão.

Diana 

Ele havia pedido desculpas. O pai de Diego havia me pedido desculpas se por acaso tivesse me ofendido de alguma forma assim que João se distraiu o suficiente com o relógio dele. Foi inesperado, apesar de que o que ele disse foi bem claro: desculpe se a ofendi, mas eu realmente quis dizer e acredito em cada palavra mencionada aqui. Eu quase sorri, porque aquele homem era duro de uma forma intrigante e eu decidi que ao final, mesmo tendo ficado irritada com ele, e mesmo diante das palavras que trocamos, eu achava menos complicado lidar com uma pessoa direta e sincera que você sabia que não estava morrendo de amores por você do que com uma que por trás estava programando a sua ruína. Menos complicado.

Era perigosamente reconfortante saber que ele iria me “observar”, não me sabotar, não fazer o filho e o neto sofrer, isso estava ótimo para mim por enquanto. Se eu queria que ele entendesse e confiasse em mim? Sim, com certeza, mas não me trazer problemas ou brigar com o filho dele já estava de bom tamanho.

Ajustei o nó na cintura do meu vestido preto longo, observando de lado no grande espelho do quarto que a abertura dele era imperceptível o suficiente para manter o que eu vestia por dentro, a não ser que eu cruzasse as pernas. Sorri para o meu reflexo. Eu tinha planos para essa noite que incluíam estar relaxada e provocante o suficiente. Aquela chama que fazia com que eu quisesse tirar Diego do eixo estava novamente queimando forte em mim, ainda que ela nunca tenha se apagado. E nem iria. Então, eu tinha mesmo grandes planos para a noite.

Uma batida de leve soou na porta. Eu estava no quarto de hóspedes, tinha ido me arrumar lá para não correr o risco de Diego chegar e ver o que eu estava vestindo, então abri a porta de leve e pus a cabeça na fresta: ele estava lá, usando apenas a calça do terno.

— Olá, por que você está aí, Diana? — Diego questionou, cruzando os braços com uma expressão preocupada. Então eu lembrei que ele podia ter

encontrado Otávio ainda no apartamento, e com o fato de eu não estar no nosso quarto poderia soar como indicativo de problemas.

— Só queria me vestir sem que você visse, está tudo bem, ok? — Dei uma piscada e sorri, e seus olhos pareceram brilhar de malícia e entendimento na mesma hora. Ele sorriu lentamente, de uma forma que fazia misérias com a minha barriga e no meu peito também. — Vá se arrumar, eu estou quase pronta.

Não precisei dizer duas vezes, pois Diego saiu rápido em direção ao quarto já abrindo os botões da calça social preta. A minha vontade era ir lá e abrir aquela calça dele, entrar no banho com ele... Mas aí iríamos nos atrasar para a reserva no restaurante do hotel e a minha surpresa ia ficar meio prejudicada, digamos assim, se eu adiantasse as coisas. Sim, eu estava subindo pelas paredes e esperava que ele estivesse com pique o suficiente para mim como ele sempre estava, aliás.

Eu ainda demorei um pouco no quarto: pus sandálias de salto escandalosamente altos, caprichei na maquiagem e deixei os meus cabelos soltos. Enquanto olhava para o vestido preto ajustado e mexia nos meus cabelos pensei se realmente não estava na hora de uma nova mudança, de voltar aos meus cabelos com a sua cor e textura naturais.

Sim, eu ia pensar sobre o assunto seriamente. Minha aparência sempre tinha muito a ver com as fases que eu estava vivendo na vida, meu humor definia muito como eu queria me ver e ser vista também. Suspirei e deixei aquilo para mais tarde. Pus o meu colar, completei com brincos pequenos adequados e achei que estava bem o suficiente para um jantar em um hotel elegante.

Quando eu finalmente saí em direção a sala, Diego estava pronto, claro, parado em frente a varanda e olhando distraído para fora, mas virou-se quando ouviu o barulho dos meus saltos. E o modo como ele me olhou valeu cada segundo, notei, apreciando a languidez com que Diego correu o olhar do meu cabelo às minhas sandálias, parando em pontos estratégicos do longo do meu corpo. Ah, meu amor, se você soubesse o que eu tenho embaixo desse vestido quase recatado, ou o que eu tenho preparado para o restante da nossa noite...

Ele se aproximou devagar, olhos presos nos meus agora, sexy *pra* caralho naquele blazer escuro, camisa cinza e calça preta que se moldava ao seu corpo de uma forma que deveria ser considerado um atentado à sanidade mental das pessoas. Ainda com os cabelos um pouco úmidos penteados para trás, ele parecia bom o suficiente para lamber todinho. Diego, na verdade, deveria pagar multas, porque fazer aquilo, sinceramente, pensei divertida, quando ele chegou a mim e me segurou pela cintura com aquelas mãos grandes e firmes me apertando levemente.

— Você está simplesmente maravilhosa — ele murmurou com aquele

tom de voz macio e sofisticado que me deixava quase úmida quando falava assim próximo ao meu ouvido. Ele inclinou a cabeça para me cheirar no pescoço e eu fechei os olhos. — Estou com uma vontade insana de te curvar aqui mesmo e te comer como um selvagem até nós dois não podermos ficar de pé.

Ah minha nossa, eu fiz um som entre um gemido e uma risada, concluindo que aquele homem era um perigo real para que as calcinhas continuassem secas... como ele conseguia ser um cavalheiro na primeira metade da frase e depois dizer coisas sujas assim que me deixavam feito gelatina, pronta para pular nele e pedir para que me empalasse até que eu esquecesse o meu nome, por favor?

— Ainda bem que a gente sempre pode deitar e continuar se não conseguirmos ficar de pé, não é? — Segurei as lapelas do seu blazer e observei Diego sorrir.

— Eu estava contando com isso, mas nós estamos precisando de um jantar fora e a noite está só começando, no entanto.

— Claro, vamos manter isso em mente. E João?

— Estão no quarto com Marta.

— Só vou me despedir, pegar a minha bolsa e podemos ir, ok?

Dei um beijo de leve em seus lábios e virei-me em direção aos quartos, mas então girei o pescoço para olhar para trás e Diego estava com aquela cara quase faminta e o olhar fixo na minha bunda já que os saltos deviam estar fazendo uma maravilha para a forma como eu estava andando, pensei sorrindo com satisfação. Eu estava louca para ver o que ele acharia dos mimos da noite e sobre o que eu estava usando de verdade... ou não usando.

— Como foi a conversa com o meu pai, Diana? — Diego perguntou depois que estávamos acomodados no carro a caminho do restaurante. Eu achei até que ele tinha demorado muito em tocar nesse assunto. E eu já tinha tido um tempo suficiente para pensar sobre aquela conversa e o que diria a ele, para colocar tudo na balança e refletir um pouco melhor

— Franca. Objetiva. — Suspirei e olhei para o perfil de Diego dirigindo. — Do tipo que é o melhor para se ter nessas circunstâncias eu acho.

Ele pareceu pensar sobre a minha resposta enquanto colocava o carro em movimento. Meu olhar foi atraído para a sua mão segurando o volante. Se era normal se sentir excitada vendo um homem dirigir eu não sabia, mas que era sexy, isso era. Minha nossa, ainda mais com aquela cara fechada que ele estava fazendo no momento, humm. Ok, eu estava meio tarada, tudo bem, vamos concentrar na conversa aqui quer era muito séria.

— Eu conheço o meu pai, é muito difícil que ele seja rude ou agressivo deliberadamente, mas ele pode ser rigoroso, você vai me dizer que ele não disse

nada desagradável?

— Quase tudo que ele falou foi desagradável — eu disse e Diego virou rápido a cabeça na minha direção, uma expressão severa no rosto. Eu estendi a mão e toquei em sua coxa, devagar, para confortá-lo. — Mas ele pediu desculpas no final também. E vamos combinar, seria estranho ele chegar lá, *me encher* de abraços e frases bonitas e me dar às boas-vindas, você não acha? No fim das contas, foi bom saber o que ele realmente acha e ele ouviu o que eu tinha *pra* dizer também.

Diego me olhou rápido novamente, desconfiado.

— Você vai me dizer exatamente o que ele disse, essa história de vocês dois está muito cheia de dedos para o meu gosto. Papai diz que foi esclarecedora e você me diz que foi franca. Só isso?

— Ei, não precisa se irritar, vamos curtir o nosso jantar, a nossa noite, e depois falamos disso, mas eu posso te adiantar logo, Diego: se você conhece o seu pai, sabe que ele disse bem claramente que não confia em mim. Isso é novidade para você?

Ele ficou uns segundos em silêncio como se não quisesse me dizer. Eu voltei a acariciar a sua perna.

— Está tudo bem, relaxa. Podia ser pior. Além do mais, ele foi um amor com João e é isso que importa. Por um momento eu quis jogar umas almofadas nele, mas depois passou quando eu o vi com o neto. É o jeito dele, Diego, paciência.

Ele sorriu.

— Você quis jogar uma almofada na cara do meu pai?

— As outras coisas da sala podiam machucar ele e isso não ia ajudar na minha causa. — Eu ri, depois estendi a mão e passei as pontas dos dedos de leve pela mandíbula dele. — Estou sendo sincera, preferia que ele acreditasse em mim, mas está tudo bem, não vou me lamentar por isso, um dia ele pode mudar de ideia. Se ele for um ótimo avô para João, como eu desconfio que será, e me respeitar, como ele próprio disse que faria, é mais do que eu poderia esperar.

Diego pareceu pensar sobre isso e inclinou-se um pouco para que eu tivesse melhor acesso ao seu rosto, mas sem deixar de prestar atenção a direção.

— Ele vai ser o melhor avô possível. Papai tem um jeito frio, meio distante, mas nunca duvidei que ele nos amasse, e desconfio que João já pode ter começado a desarmar as carrancas dele.

— Eu também acho — murmurei e tirei a mão dele para que ele se concentrasse. — A gente vai saber lidar com o seu pai, Diego, fica tranquilo.

Ele só acenou em concordância, mas não disse nada, então ficamos em um silêncio relaxante e cúmplice até chegarmos ao nosso destino.

O restaurante do hotel era o epítome da elegância, como eu não poderia deixar de imaginar que seria em se tratando de um jantar que Diego reservou para nós. Eu tinha certeza de que se eu dissesse que queria comer um hambúrguer na rua, ele iria comigo, mas não era realmente a sua praia, e eu entendia isso perfeitamente. Aqueles lugares combinavam com ele.

Pensando bem, eu ia procurar um dia um local bem legal, que eu gostasse, para levá-lo e ver como ele reagiria muito longe do seu habitat natural, decidi, divertida, enquanto ele falava com a *maître*. Era uma mulher morena e bonita que deu um sorriso enorme demais para Diego e estufou um pouco os peitos enquanto o admirava com o que ela pensava que era um jeito discreto. Não era, filhota, e eu estou bem aqui vendo. Cada uma que me aparecia.

Passei a mão em volta da cintura dele e curvei minha cabeça em seu ombro e quando ela levantou a cabeça, encontrou o meu sorriso enorme e os meus olhos fixos nela. Olá, eu não sou dessas lerdas que as mulheres comem com os olhos os seus homens bem na frente delas e as bonitas estavam olhando para o vazio. Aqui não.

— Sr. Avellar de Barros, vou acompanhá-lo a até a sua mesa, por favor — ela disse mais séria agora e foi a nossa frente. Diego me pôs a frente dele e nós a seguimos, então era eu que estava observando de perto como ela rebojava e não ele.

Ignorei-a para prestar atenção no ambiente, nas pessoas sentadas já em suas mesas, no tilintar de taças e talheres e nas conversas baixas ao redor. A minha escolha de roupa tinha sido acertada, ainda que eu achasse que estava discreta até demais, mas isso era necessário para o que eu tinha guardado para Diego e era só ele que eu queria impressionar, então, prioridades.

Nós sentamos, o garçom veio pegar os nossos pedidos depois de alguns minutos e mantivemos uma conversa leve sobre o local, tipos de vinho, qual ele preferia — ele gostava de Cabernet Sauvignon, que segundo ele era mais “encorpado”. Eu não conhecia quase nada de vinhos, mas o pouco que tinha aprendido com James podia dizer que preferia um Merlot. Na maioria das vezes em que nós bebíamos, estávamos indo para os nossos *shots* de tequila, nossos preferidos. Eu podia dizer, no entanto, que bebia de tudo, vamos ser sinceros, não?

Diego estranhou que eu só quisesse comer uma salada e me olhou, parecendo surpreso.

— O que é isso agora, Diana? Dieta de repente?

— Digamos que sim. — Misericórdia, eu espero que você não faça mesmo a menor ideia do porquê eu não quero comer absolutamente nada “pesado” agora à noite, pensei. Também tinha ficado atenta a minha alimentação

durante todo o dia antes de sair, eu tinha novamente lido algumas coisas muito úteis sobre como se manter preparada para o que eu queria naquela noite, e comer feito uma louca definitivamente não podia ser uma dessas coisas.

— Você vai perder uma comida maravilhosa, só avisando. — Ele sorriu.

— Mas vou ganhar outras coisas maravilhosas nesta noite, então, está tudo certo — sussurrei, olhando em seus olhos. Diego perdeu o sorriso e ficou me observando detidamente. De repente, o local pareceu ficar mais quente. Ou podia ser o calor dos olhos dele.

— Você já bebeu tequila, Diego, ou alguma outra bebida à base de tequila? — perguntei de repente.

— Não, acredito que não, eu acho que me lembraria.

— Nada de lamber o sal da mão, beber umas doses de um José Cuervo tinindo e depois chupar um limão? Sério? — Eu sorri, impressionada. Ele fez uma carinha engraçada e eu quis enchê-lo de beijos por isso.

— Na verdade não. Eu posso dizer que quando bebo, o que é raro, sou um homem de uísques, vinhos e uma cerveja muito raramente quando estou com os caras, então... ainda não tive o prazer da tequila.

— Não? Pois isso é um desafio. Vou fazer uma bebida para nós que James me ensinou, claro que não faço como ele faz, mas vai servir. Você precisa ser iniciado nos prazeres da tequila... podemos até transformar isso realmente em um prazer genuíno.

Interesse brilhou nos olhos dele.

— Eu aceito, claro. Prazer genuíno é sempre bem-vindo.

— Podemos, sei lá, fazer um jogo muito interessante envolvendo sal, limão, roupas sendo retiradas... e tequila, o que você acha? — sussurrei e logo o garçom apareceu com o nosso vinho. Diego o dispensou educadamente e disse que ele mesmo serviria, depois me olhou de modo intenso.

— Eu acho é que já me arrependi de ter pedido vinho, será que podemos trocar por tequila?

Eu ri.

— Calma, pode ser em outra oportunidade.

— E no que consiste esse jogo? Fiquei curioso agora.

Eu passei a língua nos lábios e tentei lembrar como era de acordo com o que James tinha me ensinado. Diego me olhava atentamente.

— Existem vários jogos, mas esse é bem legal: se chama *body shot*. — Eu cruzei as minhas pernas e a abertura do vestido fez com que a minha coxa ficasse exposta, revelando a meia preta que eu estava usando e um pedacinho da liga que estava ao redor dela.

A mesa era pequena e proporcionava um ambiente íntimo, e de onde

estávamos, apenas ele podia ver o meu pequeno show. Diego travou o olhar na minha perna e seus olhos ficaram lá enquanto ele levava sua bebida aos lábios.

Vi quando o desejo cintilou no olhar dele e isso me afetou quase instantaneamente. Continuei com a voz baixa, insinuante. — Vamos precisar de tequila, claro, sal, limão, dados, aí anotamos em pedaços de papel partes do corpo e jogamos os dados. O número que sair será o local correspondente onde um dos jogadores lambe a bebida, o sal e o limão no corpo do outro. *Body shot*.

Enquanto eu ia falando, imagens daquele jogo iam se construindo na minha cabeça. Lamber um *shot* de tequila no peito, na barriga firme de Diego, e depois simplesmente esquecer a bebida e sair descendo e lambendo-o todo... apertei um pouco as minhas pernas juntas, o que fez com que o tecido do vestido se abrisse só um pouquinho mais.

Eu não sei se Diego tinha ouvido uma palavra do que eu tinha dito, seu olhar continuava meio fixo na minha coxa com a liga e a meia. Mas aparentemente ele tinha ouvido, sim, e pelo jeito como seu pomo de Adão se movimentou. Ele não devia estar encontrando dificuldade para imaginar coisas bem parecidas com o que eu estava imaginando agora, então.

— Ninguém nunca me disse que eu poderia beber tequila assim, talvez eu já tivesse experimentado se soubesse. Muito bom esse jogo — ele murmurou, sorrindo, sua voz baixando para um murmúrio sensual que fez a minha pele se arrepiar. Ele voltou a me olhar nos olhos. — Já jogou com alguém?

— Apenas com James.

Todo o sorriso sumiu do rosto de Diego e ele apertou os olhos, ficando muito sério.

— Como é?

— Não esse especificamente, Diego, pelo amor de Deus. Eu não disse que existem vários? Ele me ensinou e nós jogamos verdade ou desafio.

— Hum. Ótimo.

— Não era você que tinha entendido numa boa que James é gay e está com Eduardo? Não é possível que ele ainda incomode você. — Sorri, incrédula.

— Você nunca vai entender isso, Diana. Gay ou não, ele é um homem. Nem eu entendo, é complicado — ele resmungou e eu sorri novamente. — Mas gostei da ideia do jogo, queria pôr ela em prática o quanto antes, ainda mais agora que eu vi o que você tem por baixo desse vestido.

Eu olhei inocentemente para a minha coxa e para a liga, depois voltei a encará-lo.

— Ah, mas você ainda não viu realmente.

— Mas eu já te disse que tenho uma imaginação muito boa?

Diego então sorriu com malícia e se aproximou um pouco. Como estávamos sentados próximos, ele esticou a mão e correu um dedo bem lentamente pela minha coxa, por cima da meia ¾, até a borda de renda preta.

Eu acompanhei com o olhar o trajeto do dedo e tinha a impressão de que aquele dedo ia riscando uma linha que tinha conexão direta com os meus mamilos, que ficaram quase imediatamente rijos. Ainda mais quando ele passou o dedo por baixo da liga, levantou um pouco e depois soltou, causando uma picadinha de dor na minha carne. O estalido reverberando entre nós.

— Você tem mais dessa renda pelo seu corpo? — Diego murmurou se ajeitando na cadeira e levando a mão para baixo como se estivesse se ajustando. Ótimo. Ele estava tão afetado quanto eu, concluí.

— Talvez.

Ele franziu a testa e fez um som, quase um gemido, no fundo da garganta, voltando a olhar para a minha coxa. Agora que apertava as minhas pernas juntas porque estava realmente ficando úmida, e imaginar que Diego estava duro ali pertinho estava me deixando mais excitada ainda. Ele bebeu mais um gole do seu vinho.

— Diana, você acaba de me deixar absolutamente duro aqui e tenho a impressão de que se — ele curvou-se e falou próximo ao meu ouvido, sua respiração quente fazendo loucuras naquela área — eu enfiar um dedo por dentro da sua calcinha e depois na sua boceta, você vai estar toda molhada para mim, não vai?

Apertei meu lábio inferior com o dente para evitar gemer, mas não foi de todo possível.

— Por que você não descobre? — foi o que eu disse a ele, bebericando meu vinho e olhando-o em desafio. E quando eu desafiava Diego, eu já devia saber o que vinha pela frente... senti o pulsar do tesão no meio das minhas pernas, mas descruzei-as para lhe dar melhor acesso.

Ele ficou muito sério, concentrado e inclinou-se um pouco mais para frente. Quem visse de longe achava que ele estava simplesmente querendo me dizer algo mais sussurrado, mas na verdade... Diego estendeu a mão muito lentamente e apertou a minha coxa, seus dedos firmemente segurando a minha perna, acariciando, apertando. Engoli em seco.

Sua mão avançou, sem hesitação alguma, para o meio das minhas coxas. Nossos olhos estavam travados um no outro, e quando Diego finalmente tocou a carne completamente nua da minha boceta ele parou e eu vi a surpresa em seus olhos. Sorri.

— Caralho... você está sem calcinha... — ele deu um tipo de gemido baixo, quase rosnado, e continuou, engolindo em seco, sua respiração ficando

mais pesada enquanto ele me olhava com o cenho franzido, concentrado e enfiava um dedo em mim. Meu sorriso morreu e eu mordi mais forte o lábio para abafar o gemido que ameaçou escapar quando senti que ele deslizou, penetrando com uma mistura perfeita de firmeza e delicadeza.

Logo outro dedo seguiu ao primeiro e eu quase engasguei, ainda mantendo o olhar preso ao dele. Puta merda, nós estávamos em um restaurante.

— Você vai me matar... — ele disse, a voz grave, o aperto em sua mandíbula se acentuando. Eu não consegui falar. Os bicos dos meus seios pareciam ter recebido uma corrente de eletricidade, endurecendo e se projetando ao encontro do tecido do meu vestido. E minha boceta molhada sendo invadida pelos dedos de Diego era simplesmente pedir demais que eu conseguisse agir como um ser com fala articulada.

De repente ele tirou os dedos de mim e voltou a sua posição inicial. Minha respiração estava pesada e eu senti a falta daqueles dedos lá, dentro de mim. Mas que queria algo bem maior e mais profundo que aqueles dedos aquela noite: todo enfiado em mim. Sem deixar de me olhar, Diego levou os dedos aos lábios, discretamente, e chupou-os, limpando a minha umidade dos seus dedos com a sua língua e lábios. Apertei de novo minhas coxas juntas, sentindo meu clitóris sensível pela excitação quando fiz isso.

— Vamos sair daqui — ele disse, de repente, olhando ao redor e fazendo um sinal ao nosso garçom.

— Você não vai mais comer? — questionei quando recuperei a minha voz, quase divertida agora vendo-o apressado em busca da sua carteira como se estivesse sendo perseguido por demônios.

— Sim, vou comer: você. Agora! — ele respondeu com convicção e quando o garçom chegou, Diego cancelou o nosso pedido. Assim que o rapaz deixou-nos a sós eu peguei a minha bolsa e ajeitei o meu vestido. — Só me dê um tempo para não sair ostentando uma ereção no meio do restaurante inteiro, e nós saímos.

— Vamos para casa?

— Não, eu reservei um quarto aqui para nós. Quero fazer você gritar e não posso correr o risco de sermos interrompidos. É uma pequena surpresa, gostou?

Eu dei dois tapinhas na minha pequena bolsa e olhei para ele.

— Adorei. Também tenho umas pequenas surpresas para você: vamos ver quem melhor surpreende quem, não é mesmo?

Capítulo 37

NOVAS EXPERIÊNCIAS

Diego 

A minha intenção era realmente fazer daquele jantar o início de uma noite memorável, mas como sempre Diana estava me surpreendendo e me fazendo agir como um homem meio enlouquecido. Assim que o meu pau baixou o suficiente para que eu não fosse um caso grave de atentado ao pudor, nós saímos do restaurante em direção a recepção do hotel.

Eu apoiava a mão em suas costas, olhando para o formato da bunda naquele vestido quase comportado demais. Eu devia saber, era a Diana, pensei. Quando aquele vestido abriu-se em uma fenda que para mim nem existia e apareceu aquela cinta em volta da sua coxa, eu fui encontrando cada vez mais dificuldade em me manter concentrado em alguma outra coisa que não fosse arrancar aquele vestido do seu corpo e me enterrar profundamente nela.

Diana estava molhada, pronta para mim, e o meu cérebro estava fazendo tudo meio no piloto automático enquanto eu cancelava o nosso jantar. Foda-se comida. Quem precisava de comida quando tinha um pau duro e uma mulher deliciosa toda úmida e pronta para mim?

Quase me irritei com a demora da menina da recepção. Minha mente dava voltas: ela tinha uma surpresa para mim? Era algo mais por baixo daquele vestido? As opções estavam se atropelando no meu cérebro intoxicado de tesão.

Quando finalmente recebemos o cartão do quarto e fomos em direção ao elevador, um outro casal entrou junto conosco, mas ainda assim eu puxei Diana discretamente e a pus bem na minha frente, sua bunda em contato com a minha ereção que tinha despertado novamente. A bunda de Diana. Sem uma calcinha. E ela estava de meias e cinta-liga. Puta merda.

Engoli em seco, apertando sua cintura e pressionando-a na minha dureza. Aquele elevador não podia mesmo ir mais rápido que aquilo? Quase gemi quando ela se comprimiu mais no meu pau e ao mesmo tempo fez uma posição recatada segurando a bolsa que parecia uma carteira a sua frente com ambas as mãos e sorrindo afável quando a senhora e o marido nos cumprimentaram.

Para meu alívio, o casal saiu no décimo andar e nós continuamos em direção à cobertura. Abaixei a cabeça, esfreguei com mais força minha ereção quase dolorida e rígida em sua bunda e mordi o seu pescoço naquele local perto do ombro que eu sabia que ela ficava louca. Pude comprovar mais uma vez

quando ela gemeu baixinho.

Fui subindo as mãos pelo seu corpo e segurei seus seios por cima do vestido, apertando de leve e sentindo os mamilos duros nas palmas das minhas mãos, o formato do piercing delineando-se na ponta dos meus dedos. Ela estava ou não estava de sutiã? Que demônios era aquilo que ela estava usando? Eu não fazia ideia, mas de uma coisa eu tinha certeza: a intenção era foder com a minha mente, e ela estava conseguindo.

— Diego, e as câmeras do elevador? Alguém pode estar vendo... — Diana sussurrou, recostando-se em mim. Eu sorri de encontro ao seu pescoço.

— Tem certeza de que esse é o argumento que você quer utilizar para me parar?

— Seu exibicionista... — Ela riu, mas ofegou quando eu apertei sua bunda. Na mesma hora o elevador começou a abrir-se no nosso andar e eu saí, quase arrastando Diana comigo. Ela sorria e eu não cansava de me lembrar o quanto ela era linda e como aquela necessidade por ela estava me deixando de joelhos: necessidade de fazer sexo com ela, de estar perto dela, de ouvi-la sorrir daquele jeito, de evitar que ela chorasse. Uma necessidade de protegê-la, inclusive do meu pai, ou de qualquer pessoa que quisesse fazê-la sofrer. Que tentasse pelo menos.

Abri a porta do quarto com o cartão e assim que Diana entrou atrás de mim eu fechei a porta e a puxei em direção ao meu corpo, buscando sua boca em um beijo quase desesperado. Diana passou os braços pelo meu pescoço e se moldou ao meu corpo, *me dando* acesso irrestrito a sua boca. Invadi, saboreei seus lábios, chubei a sua língua e apertei sua bunda com firmeza. Eu estava faminto por ela e pretendia me alimentar muito bem hoje.

— Outro dia, quando eu não estiver assim, nós vamos jogar aquele joguinho. Quero provar tequila em vários locais do seu corpo — eu disse, interrompendo o beijo para morder seu queixo, morder sua orelha, lambe e chupar seu pescoço. Meu pau pressionava de encontro a sua barriga, louco para sair do confinamento das minhas roupas. Mas eu precisava provar, lambe, sugar, morder Diana antes que ele pudesse estar perfeitamente acolhido no calor molhado e gostoso dela.

— Sim, nós vamos. Outro dia. — ela murmurou apertando as laterais do meu blazer para retirá-lo de mim enquanto dava pequenos beijos e lambidas no meu pescoço, no meu maxilar, *me deixando* mais duro e necessitado a cada segundo.

Sem poder resistir mais, fui em direção ao nó que eu sabia agora que estava na frente do seu vestido e o abria daquele jeito provocante que estava me deixando doido para saber o que ele escondia. Diana deu um passo atrás com

uma expressão maliciosa, fugindo da minha tentativa de deixá-la nua.

— Calma. Senta aí na cama, Diego, eu quero me despir *pra* você — ela disse de forma provocante, *me puxando* pelo cinto em direção a cama.

— Com todo prazer.

Sentei na borda da grande cama king size no centro do quarto luxuoso. Eu na verdade nem tinha reparado ainda no quarto enorme, apenas na cama que era essencial, mas não tanto. Havia outros locais ali que seriam perfeitamente adequados para mim. Sofá, poltrona, tapete. Eu não era apenas bom em imaginar, gostava de pensar que era bom em improvisar também.

Sentado na beira da cama, olhei para Diana em pé à minha frente e comecei a massagear o meu pau por cima da minha calça enquanto olhava para ela, linda, sexy e absolutamente perfeita naquele vestido. Sem desviar o olhar do meu, Diana jogou a bolsa que ela tinha na cama ao meu lado, mas eu mal prestei atenção nisso já que ela começou a desfazer o nó do vestido preto. Quando ela abriu e afastou para os lados aquele maldito vestido, eu quase perco a minha mente. Caralho...

Era assim que ela estava a noite toda? Se eu imaginasse, nunca teria perdido aquele tempo todo conversando. Ainda bem que ela não me mostrou antes.

Diana usava um tipo de lingerie preta que nocauteou o cérebro e fez ele virar mingau. A parte de cima era composta por algo que eu não sabia se era um sutiã, mas moldava os seios dela como se fosse um, no entanto, seus mamilos estavam para fora, duros, visíveis a partir de uma abertura bem no centro onde duas argolas prateadas os moldavam. Ela nem precisaria tirar aquilo para que eu sugasse seus seios.

Sem dar uma única palavra, eu desci o olhar para o restante da lingerie, que consistia em um pedaço de renda que abraçava seus quadris redondos e se fixava através de ligas às meias pretas com bordas rendadas que iam até a parte de cima das suas coxas. E havia a cinta. Jesus. E como ela estava sem calcinha, aquilo deixou em evidência a sua boceta nua e completamente depilada.

A minha boca ficou seca, depois eu pude sentir como se ela enchesse de água. Eu queria provar e lambe-la até secar as gotas de umidade dela, até fazer com que ela ficasse molhada novamente. Ela era fabulosa e era minha. Pude perceber aquele sentimento grandioso quase oprimindo meu peito, o rugir da possessividade ecoando feito tambor nos meus ouvidos e o desejo correndo como fogo líquido pelas minhas veias.

Naquela lingerie ousada, de saltos altíssimos e cabelos soltos, ela era uma imagem que eu nunca ia apagar da minha mente. Nunca. Comecei a tirar o cinto e abrir o botão da minha calça, com uma mão e estendi a outra para ela.

— Você está linda. E é perfeita. Vem aqui — ordenei, baixo, sem tirar o olhar do rosto dela agora. Diana se aproximou alguns passos, obediente, mas sorria, e eu tinha certeza de que toda aquela submissão era completamente planejada. Era ela quem decidia quando e como se submeter e eu estava bem ciente disso. E essa constatação me deixava mais ligado e envolvido por ela.

Quando chegou perto o suficiente de mim, ela entrou entre as minhas pernas afastadas, segurou a parte de cima dos meus cabelos, *me olhou* nos olhos e levou a minha boca para bem próximo do seu mamilo duro que estava ao alcance dos meus lábios.

— Hoje nós vamos dividir o controle de tudo, você está bem com isso? — ela perguntou, provocante, as pontas dos seus dedos fazendo pressão no meu couro cabeludo em uma carícia excitante.

— Perfeitamente bem. Eu já disse a você como o controle funciona *pra* mim.

— Muito bem — Diana concordou e movimentou minha cabeça para seu seio novamente. Olhando em seus olhos, abocanhei-o, segurando o bico duro entre os meus dentes e depois rolei a minha língua sobre ele. Suguei-o forte. Ela gemeu e inclinou a cabeça para trás. Então levei uma mão a sua bunda, segurando e apertando por trás, e a outra segurei seu rosto e a fiz olhar para mim novamente.

— *Me observe*. Quero você olhando para mim.

Diana fixou o olhar lânguido no meu, e eu fui para o outro seio, o que tinha o piercing, e fiz a mesma coisa, segurando-o entre os dentes, lambendo até deixá-lo mais duro ainda, enquanto minha mão foi para a sua boceta. Eu não podia aguentar, precisava senti-la molhada de novo nos meus dedos e depois no meu pau. Enfie um dedo nela e gememos juntos. Suguei seus seios com mais vigor, ouvindo os gemidos dela, chupando-os enquanto curvava o meu dedo e fazia carícias circulares dentro dela. Porra, eu ia explodir.

— Diego, assim eu vou gozar logo... não vou aguentar — Diana lamentou, enquanto eu continuava chupando seus seios deliciosos, o encaixe perfeito nas minhas mãos.

— Ainda não, quero que você goze primeiro na minha boca... — Assumindo de vez o controle, retirei meus dedos dela, levantei e tirei a minha roupa em tempo recorde, ficando apenas de cueca, deixando minha carteira com os preservativos ao alcance da minha mão sobre a cama. Se tirasse a cueca agora, simplesmente ia me enfiar em sua boceta sem nem mesmo uma camisinha e tudo terminaria rápido demais para o meu gosto.

Diana estava ofegante, quase acalorada, e eu subi na cama e deitei, então a puxei para mim. Quando ela fez menção de tirar o sutiã, eu a impedi.

— Não, deixe. Vem e senta aqui no meu rosto — disse, louco de tesão e ansioso para sentir o gosto dela mais uma vez na minha língua. Diana não hesitou, e apoiando as mãos no espaldar da cama, abriu as pernas em ambos os lados do meu rosto. Fechei os olhos, senti seu cheiro e ansiei por ter seu gosto na minha língua. E foi o que fiz.

Lambi em toda a sua extensão, circulei seu clitóris com minha língua de modo intenso, rápido, depois suguei-o entre os lábios, puxando e mordendo de leve, voltando a fazer os movimentos circulares sobre ele, sentindo seu aroma feminino e natural, delicioso, seu sabor explodindo na minha língua, *me fazendo* ansiar por mais.

Eu chupei-a e lambi como um homem faminto, como se ela fosse o meu banquete depois de meses de fome e eu não pudesse ter o suficiente. Seus gemidos me deixavam mais eufórico e me faziam degustar sua boceta de maneira mais intensa ainda.

— Gostosa demais... boceta molhada e deliciosa, *me deixa* lambe-la todinha, por favor — praticamente rosnei, segurando em sua bunda para abri-la mais. Depois enfiei duramente a minha língua em sua abertura, e ouvi Diana gemer alto e rebolar no meu rosto, quase perdendo o controle. Eu, por outro lado, precisava manter o controle se quisesse dar todo o prazer a ela que eu estava pretendendo dar naquela noite.

Quando percebi que ela estava quase gozando, enfiei um dedo em sua boceta totalmente molhada agora tanto da sua excitação quanto da minha saliva, e fui passando em seu ânus, disposto a enfiar meus dedos nela para potencializar seu orgasmo, como eu sabia que acontecia agora com ela sempre que eu fazia aquilo.

Eu estava louco para fazer sexo anal com Diana, quase perdia a sanidade imaginando isso, mas tínhamos combinado que ela me diria quando estivesse pronta. E eu iria esperar, apesar de que não abria mais mão de enfiar meus dedos em seu cuzinho e senti-la apertar meus dedos enquanto gozava. A sensação era surreal de tão boa.

Então, foi uma surpresa para mim quando ela se afastou e pôs as mãos no meu ombro, olhando para baixo, ofegante, seu cabelo vermelho caindo para frente. Ter aquela mulher sentada sobre o meu peito, sua boceta lisa e inchada a centímetros do meu rosto, era uma visão estonteante. Mas ela estava dizendo não para os meus dedos nela?

— Não, Diego. Hoje eu quero mais do que seus dedos... — ela disse, e eu olhei para ela alarmado. Eu a tinha machucado esse tempo todo e ela não disse, era isso? Observei enquanto Diana saía de cima de mim e ia de joelhos até a beira da cama. A posição fazia com que eu tivesse uma visão privilegiada da sua

bunda nua, os lábios cheios e úmidos da sua boceta e espremidos entre as suas coxas curvilíneas. Quase gemi, numa mistura de tesão e frustração. Eu queria comer aquela bunda, puta merda.

Sentei na cama, observando-a pegar a pequena bolsa que ela manteve a noite toda. Então compreensão me atingiu e eu senti meu coração quase pular pela boca. Puta que pariu. Era isso mesmo que eu estava imaginando?

Quando Diana virou o pescoço de volta *pra* mim, tendo o cuidado de manter-se na mesma posição em que estava, *me dando* uma visão completa e enlouquecedora da sua bunda, ela estava sorrindo. E segurava duas coisas em sua mão direita. Ah, caralho. Sim, por favor, sim.

Na mesma hora, eu pensei que meu pau não pudesse ficar mais duro do que ele já estava, mas ele o fez. Enrijeceu mais ainda quando ela veio de quatro, de frente dessa vez, um sorriso provocante, mas ao mesmo tempo hesitante nos lábios que estavam inchados dos meus beijos abrasivos de minutos antes.

Meus olhos foram atraídos para o que ela trazia nas mãos, e meu sangue disputou pelas minhas veias, meu pulso acelerando instantaneamente. Era um frasco pequeno de gel lubrificante específico para sexo anal, o melhor que tinha no mercado, eu sabia, e engoli em seco. Que tipo de homem que curte sexo anal eu seria se não soubesse o que era aquilo?

Diana olhou nos meus olhos.

— Quero seu pau em mim — ela disse, e eu apertei meus dentes juntos, excitado além da conta. Ela afastou os cabelos e me mostrou o pequeno frasco. — Escolhi bem?

Limpei a garganta, estendendo a mão e tocando em seu rosto. Eu sabia que não era uma decisão fácil e que as mulheres não a tomavam todos os dias, eu a admirava e estava estupidamente feliz por Diana me permitir e se permitir aquele tipo de prazer.

Se ela tivesse me dito, eu teria comprado outras coisas para potencializar essa nossa primeira vez com anal, mas a surpresa realmente me tirou do eixo. Eu tinha que lhe dar os parabéns. Porque era um prazer que ela podia se permitir e eu ia fazer de tudo para que ela passasse a apreciar comigo. Comigo, apenas, pensei, o controle e posse trovejando no meu peito.

— Sim, você escolheu bem. — Porra, uma parte de mim não queria perguntar, mas aquela outra que queria o melhor para ela, sempre, *me fez* questionar. — Você tem certeza?

Diana assentiu.

— Sim, Diego, eu tenho. Eu li tudo que tinha que ler, assisti tudo que tinha para assistir, ouvi tudo que tinha que ouvir da garota do *sexshop* — Ela riu, balançando a cabeça. — Uma menina de uns 19 anos que parecia expert em sexo

anal e olha só, *me fez* parecer uma careta. Logo eu!

— Bobagem. — Eu sorri, segurando o vidro e pondo de lado e a puxando para deitar sobre ela, meus braços apoiados ao lado da sua cabeça. — Mas o que tanto você leu, viu, assistiu?

— Ah, meu amor, por favor, não é? Você pensa que isso é só chegar e dizer: ok, hoje vou dar o cuzinho, come aí. Tem todo um processo, coisas que a gente precisa saber, como se preparar para tudo dar certo.... mas não vou conversar nada disso com você. E não ria, Diego, senão eu volto atrás e você vai comer porra nenhuma.

Eu encostei a minha testa na dela, tentando não deixar a gargalhada que estava se formando no meu peito explodir.

— Tem todo um preparo não é, meu amor? — Eu franzi a testa, tentando permanecer sério. Diana franziu os olhos para mim.

— Tem, mas não pense que eu vou falar disso com você. Tudo tem limite, e se você rir de mim, não vai comer cu nenhum, *tá legal?*

Não aguentei e ri, afundando minha cabeça no ombro dela e Diana me deu um tapa no ombro. Mordi seu pescoço e o lóbulo da sua orelha.

— Não estou rindo de você, querida. Só é engraçado você ter feito essa preparação toda para algo tão natural e...

— O quê? *Pra* você é fácil, você só tem que comer e pronto. Lindo você, não é?

Eu não ia mais rir dela. Respirei fundo.

— Olha, sexo anal é, antes de tudo, paciência, confiança. E então o prazer. Tenta relaxar, meu amor.

— Fácil *pra* você falar, mas vamos lá. Eu já decidi e tenho inclusive estratégias bem elaboradas para isso hoje. — Ela sorriu e disse ao meu ouvido: — Quero estar preenchida em todos os lugares quando gozar hoje.

Eu olhei para o pequeno objeto que ela me mostrou e a conversa toda sobre sexo anal com Diana e aquele aparelhinho agora, estavam me deixando absurdamente duro novamente.

— Você sabe o que é? — Diana perguntou, uma sobrancelha levantada. Era um brinquedinho pequeno e cor de rosa. Como eu não saberia?

— Um vibrador. Acho que ele estimula o clitóris e o ponto G ao mesmo tempo, não é? — eu murmurei, minha voz grave de tesão com aquela conversa, sentindo os bicos dos seus seios roçarem os pelos no meu peito, meu pau rígido entre as pernas dela, sua boceta nua me provocando. Beije seus lábios de leve.

— Sim, e é ele que eu quero na minha boceta enquanto você estiver me comendo por trás. Quero gozar com você na minha bunda e essa belezinha aqui que já está toda limpinha e preparada...

— Perfeito, vou garantir que seja o melhor orgasmo da sua vida — prometi, mordendo seu ombro. E ia mesmo. Ela se esfregou em mim e eu soltei um gemido rouco. Aquela mulher ia realmente me matar de tédio. Fui descendo, beijando seu pescoço, lambendo e chupando novamente seus seios, disposto a deixá-la o mais relaxada possível para então começar tudo. Eu mal podia acreditar naquilo.

Diana foi abrindo as pernas para mim, puxando meus cabelos quando eu finalmente comecei a devorar sua boceta novamente, com vigor e ímpeto renovados. Enquanto isso, tirei a minha cueca, deixando meu pau duro e livre. Meu controle já estava realmente por um fio.

Empenhado em dar prazer a ela, voltei a subir e passei o meu tempo em seus seios, sugando-os e movimentando seu clitóris, espalhando sua umidade por toda a sua boceta e mais abaixo... apertei meus dentes juntos, ouvindo seus gemidos e súplicas desesperados. Diana estava de olhos fechados, lábios entreabertos, apertando e massageando os bicos dos seios. Sentei sobre os meus calcanhares e peguei uma camisinha, rasgando-a. O barulho fez com que ela abrisse os olhos e me encarasse.

Diana 

Engoli em seco. Senhor, o que diabos eu ia fazer? Ia deixar Diego enfiar aquele pau inteiro na minha bunda? Onde eu estou com a cabeça? Talvez fosse melhor não olhar muito para ele ali sentado na cama, completamente nu, segurando aquele pau duro e maravilhoso em uma mão, movimentando-o para cima e para baixo, masturbando-se.

A quem eu queria enganar? Claro que eu ia deixar. Dedos não eram mais suficientes, eu queria tudo, sexo completo, ter essa experiência, e a simples ideia daquilo fazia minha boceta pulsar loucamente. Ter Diego me preenchendo toda? Eu queria, e queria logo.

Seu cabelo já estava todo bagunçado, o peito nu, e ainda por cima segurando seu pau rígido em uma das mãos, olhando *pra* mim daquele jeito já era afrodisíaco o suficiente. Ser lambida daquela forma, então, era um arraso total. Eu ia continuar e ser feliz.

Olhar fixo no meu, daquele jeito único que ele fazia e parecia atingir cada fibra do meu corpo ele abaixou-se e veio vindo na minha direção. Eu estava tão excitada e estimulada que temia gozar a qualquer momento.

Diego enfiou os antebraços por baixo das minhas pernas, *me expondo* e

me abrindo toda, e quase encostando a testa na minha me penetrou com firmeza, duro, forte, *me deixando* sentir cada polegada dele. Segurei-o pela nuca e me movimenteí no mesmo ritmo das suas estocadas dentro de mim, enquanto ele pressionava os dentes no meu ombro, no meu pescoço, a sensação se intensificando de maneira alarmante.

Quase choringuei quando ele mudou o ângulo da penetração, seu peito pressionando meus seios sensíveis, aquele atrito dos seus pelos nos mamilos sensibilizados só contribuía para me deixar mais insana. Se eu já estava com tesão antes de tudo começar, agora eu estava literalmente louca.

— Assim, assim, por favor... ahhh — Eu passei a segurar seus cabelos agora, delirante, ouvindo o barulho de nossos corpos úmidos se chocando. Diego permaneceu assim até quase me levar ao limite, socando e me golpeando de maneira cada vez mais intensa, e eu implorava por mais, acompanhando o seu ritmo. Eu queria tudo, sim.

— Vamos começar, meu amor, relaxa, eu não quero machucar você, só te dar prazer, concentre-se nisso, certo? — ele sussurrou, a respiração também pesada e ofegante no meu ouvido, e ele parou. Eu não queria que ele parasse, mas sabia que precisava.

Diego me virou de lado e eu respirei fundo e tirei os meus cabelos do rosto. Era agora. Não havia homem melhor para que eu tivesse aquilo, e eu sempre gostei de coisas novas, de ousar e experimentar, então, vamos lá.

— É melhor nessa primeira vez que você fique assim, de lado. Foque nas sensações que eu vou te fazer sentir... tenta relaxar. — Ouvi sua voz grave no meu ouvido e ele beijou meu ombro carinhosamente. Eu levei minhas mãos até o meu clitóris e usei os dedos para estimulá-lo, olhos fechados, mas podia ouvir Diego abrindo outro preservativo.

Ele estava fazendo tudo certo, lubrificando a camisinha que ele iria usar agora, e eu tentei não prestar atenção nesses detalhes agora para ficar focada apenas nas sensações do meu corpo. Eu estava constrangida, levemente, intimidada? Estava. Havia o medo daquele pau daquele tamanho naquele lugar que parecia tão pequeno e que eu iria precisar que ficasse bem para o resto da minha vida, afinal, ele tinha outros usos bem mais práticos, não era? Sim, havia. Mas a curiosidade e o prazer estavam ganhando, e aquele *gelzinho* dessensibilizante iria dar uma ajuda e tanto, assim eu esperava, do fundo do meu coração. E do meu cuzinho também.

— O que você está fazendo agora, Diego? — perguntei, ainda estimulando-me, já que era a melhor coisa a fazer: estar excitada o suficiente era a chave do negócio e eu era uma boa aprendiz, pelo menos tentava ser.

— Vou pôr um pouquinho de gel em você, ele ajuda a minimizar a dor,

mas vai continuar permitindo que você tenha todas as sensações, ok? — Seu tom de voz era ao mesmo tempo sexy, reconfortante, quase hipnotizante. Se eu não estivesse convencida, ele ia me convencer daquele jeito, eu acho.

Na mesma hora senti o dedo de Diego passar bem de leve aquele *gelzinho* quase gelado em mim e quis contrair, mas depois respirei fundo, mordi o lábio e relaxei. Eu já tinha tido dedos, vamos lá, Diana. Respira e sente.

Eu estendi a mão e peguei o pequeno vibrador, eu também iria por camisinha nele, e enquanto Diego estava chupando o meu pescoço e levantando a minha perna, *me deixando* louca, eu preparei-o com dedos trêmulos.

Senti uma mão dele segurando o meu seio, massageando o mamilo, apertando de leve enquanto sua boca continuava me consumindo, *me fazendo* revirar os olhos de puro desejo.

— Ainda não — ele disse, quando eu liguei e ia inserir o vibrador em mim. — Quando eu disser, tudo bem? Confia em mim, depois você encontra o seu ritmo e me diz como prefere. Eu vou enterrar o meu pau em você agora, mas bem devagar, ok? Sinta-o deslizando e preenchendo você...

Eu concordei, aquela voz rouca, baixa, hipnotizante de Diego me deixando louca e continuei tocando-me com os dedos, muito molhada, quase encharcada, quando senti a cabeça do seu pau tocando a entrada do meu ânus, sondando, buscando, entrando... Eu sentia a dor, a pressão, como se queimasse a minha entrada, puta que pariu... aquele pau me alargando, deslizando devagar, mas sinceramente, acho que era o gel dando uma aliviada, porque não era uma dor horripilante como eu imaginei que fosse. Puta merda, quando a sensibilidade voltasse toda, eu esperava que as minhas pregas ainda estivessem todas no lugar... Mas então Diego segurou o lóbulo da minha orelha entre os dentes, mordeu, lambeu, depois sugou, distraíndo-me, e o tesão também estava enorme, entorpecedor. Mais do que qualquer gel.

— Eu vou devorar você bem devagar, comer essa sua bunda assim, bem gostoso... Está sentindo meu pau entrar todo em você, Diana? Sinta. Apenas sinta. — ele sussurrou e introduziu mais um pouquinho, bem devagar, preenchendo-me toda agora. Puta que pariu! Era bom demais. Santo gelzinho, viu, porque aquele pau era de respeito, e se na frente ele me deixava ardida, imagina ali atrás? Eu era uma louca mesmo...

Intensifiquei os movimentos no meu clitóris, expulsando esses pensamentos idiotas da minha cabeça, depois eu lidaria com isso, agora, sentia que Diego me penetrava mais fundo, todo dentro de mim, a ardência também intensificando o prazer. Eu gostava de um pouco de dor, e aquela estava sendo perfeita. *Me concentrei* nos detalhes: o peito forte de Diego nas minhas costas, seus pelos fazendo fricção na minha pele sensível, uma mão masculina

auxiliando na penetração e a outra massageando meus seios, puxando meus mamilos ao mesmo tempo em que seus dentes arranhavam o meu ombro, mordendo, lambendo e chupando meu pescoço. Era insano, eu era um poço de sensações inebriantes e ia literalmente desmaiar.

Eu gemi alto, incoerente, desesperada por mais. Mais? Sim, mais!

— Agora, você vai enfiar esse brinquedinho aí na sua boceta toda molhada. Concentre-se nisso — ele disse, e eu quase sorri. Eu não era besta. Eu me concentrava aqui e "esquecia" meu cuzinho com ele todo dentro ali atrás? Ok, baby. Mas eu segui o que ele disse, por hora, e introduzi o vibrador, ligando-o em seguida.

Ahhh, caralho de asa! A pressão do diabinho do vibrador massageando o meu clitóris por fora, estimulando o meu ponto G por dentro e o pau de Diego me penetrando com mais intensidade agora, era absurdamente perfeito. Eu não estava mais pensando direito. Gemi alto e levei uma mão para buscar os cabelos dele. Os tremores dentro de mim e ele entrando e saindo em um ritmo quase descompassado estavam me destroçando de um jeito bom, e de repente eu queria o quê? Mais. Tudo. Porra!

— Isso, assim, meu amor, relaxa, agora eu vou enfiar todo o meu pau em você. Concentre-se em tudo ao mesmo tempo agora. — ele disse, eu quase dizia "não, não todo, você está louco?!". Não estava todo antes, não? Mas o que era que o corpo traidor estava pedindo, implorando? Sim! Tudo, põe tudo, por favor. E o meu cérebro entrou no jogo.

— Sim, por favor, vai, tudo! Enfia tudo, assim...

Eu sentia o orgasmo se aproximar de maneira galopante e fui sentindo tremores e algo como pequenas descargas elétricas me percorrem toda. E de repente senti que ele me penetrou mais fundo ainda, parou e ficou esperando. Era uma puta sensação como não tinha outra igual. Minha nossa! Podia-se morrer assim?

O vibrador me estimulando e zunindo dentro de mim e Diego chupando meu pescoço e ombro, eu rebolei, alucinada. Por que diabos ele tinha parado mesmo?

— Não para não, *se mexe*, por favor.

Ele estava sorrindo? Eu ia matá-lo. Agora não, depois, depois que ele se movesse dentro de mim, mas eu ia matar Diego.

— Tudo bem, vou me mover agora.

E ele se moveu. E meus olhos giraram nas órbitas, e tudo que eu sentia era prazer na última potência e comecei a tremer enquanto Diego estocava em mim e o vibrador fazia o trabalho em conjunto. Eu não podia me concentrar apenas na ardência e na pressão se o prazer era muito maior. Era loucamente

maior. O lubrificante normal que ele usou facilitava que era uma beleza. Minha nossa. Como eu não tinha experimentado aquilo antes? Queria dar na minha própria cara. E quando Diego começou a gemer e soltar uns ruídos guturais no meu ouvido eu quase desfaleci. Era sexy *pra* caralho, dava um tesão do inferno.

— Assim, eu estou comendo essa sua bunda gostosa. Você é minha, Diana, toda minha. Você vai gozar comigo todo enfiado em você? *Me diga* que vai.

Eu não sabia mais nem meu nome, imagina se eu ia falar? Mas de alguma forma o orgasmo se construindo se abateu sobre mim e eu senti os bicos dos meus seios e até os dedos dos pés ficarem como que eletrizados, enquanto sentia o pau de Diego todo dentro de mim. Todo. Ele rosnou e mordeu meu pescoço com mais força e eu me perdi.

— Eu sou sua. Toda sua, meu amor.

— Isso, minha. Você é minha e quero sentir você gozando e apertando meu pau... — Diego rosnou, perdendo o controle também.

Na verdade, eu acho que morri, porque foi o orgasmo mais poderoso e inebriante que eu já tive na vida. Nunca houve nada igual. E eu gritei quase rouca enquanto gozava toda preenchida, sentindo Diego em mim e fui convulsionando em torno dele, enquanto ouvia seus grunhidos e o pulsar dentro de mim. E eu já estava quebrada em mil pedaços, tentando voltar à terra.

Capítulo 38

O SENHOR DAS REGRAS E IMPERADOR DOS BONS MODOS

Diego 

Olhei pelo retrovisor para João. Ele estava distraído olhando para fora depois de fazer inúmeras perguntas desde que eu havia dito que íamos nos encontrar com o tio Marcos no apartamento dele.

Agora que eu havia tirado do caminho as questões práticas e mamãe e papai sabiam sobre as mudanças na minha vida, estava passando da hora de contar aos meus irmãos sobre João e Diana. Eu não era tão espontâneo quanto Teo, que tinha anunciado há poucos dias que seria pai novamente lá mesmo no almoço de domingo diante de todos que estavam presentes. Talvez eu devesse fazer algo assim e todo mundo ficasse sabendo de uma vez... Não, até parece mesmo que eu ia fazer algo assim.

Das pessoas mais próximas a mim eu ainda precisava apenas confirmar com Teo. Ele parecia ter resolvido o quebra-cabeça ainda na casa de mamãe, mesmo que eu não tenha tido a oportunidade de confirmar pessoalmente com ele. Pensando bem, nem sei se seria necessário antes que ele tirasse as conclusões óbvias.

Os olhares que ele me dava e a forma como olhava para João na casa de mamãe já diziam quase tudo. Fora com ele que eu havia falado sobre Diana anos atrás, e mesmo não tendo dito o nome dela, ele podia somar dois e dois ao lembrar que eu havia tido um envolvimento sexual com uma aluna e ver a aparência de João Pedro, que papai e mamãe haviam confirmado que parecia muito comigo naquela mesma idade.

Iza tinha saído logo depois daquele almoço para passar uns dias na casa em Mangaratiba, segundo mamãe, mas voltaria para um encontro que ela tinha marcado com Malu, Alice e Diana, então, eu preferia esperar que ela voltasse para também falar pessoalmente com ela.

Ricardo, que já tinha me atormentado insinuando que eu poderia ter conhecido Diana muito antes, também não estava na cidade, eu não sabia exatamente onde ele estava. Tinha ligado mais cedo e ele havia me dito que tinha ido visitar a mãe, mas estaria voltando depois do fim de semana.

Esse cara andava muito estranho ultimamente e mais uma vez eu senti aquela pontada de desconfiança em relação a ele e já bastava daquilo. Assim que

Iza voltasse eu iria tirar as minhas dúvidas sobre aquela situação com Ricardo. Mas por enquanto, não diria nada a Marcos, algo me dizia que ele não tinha a minha capacidade de agir com cautela em relação ao que quer que estivesse acontecendo com Iza e Ricardo. Nem eu sabia se tinha algo realmente acontecendo.

Passava um pouco das 15h e eu tinha acabado de conversar com Marcos por telefone e ele estava, estranhamente, em casa no fim de semana. Nesses últimos dias nós não tínhamos nos falado muito e eu sabia que ele estava sobrecarregado com o projeto pessoal dele de investimento em uma rede de pousadas, além de questões de cunho mais pessoal que eu só desconfiava que tivesse um elemento feminino. Aquela visita seria perfeita, então.

— Pai... — João começou, tirando-me dos meus pensamentos. Aquela palavrinha tão pequena era de um impacto tão grande *pra* mim quando ele dizia.

— Oi, filho?

— O tio Marcos também tem um filho?

Eu sorri, fazendo o retorno para entrar no prédio de Marcos que era apenas algumas quadras distante do meu.

— Não, o seu tio não tem um filho. Ainda não pelo menos.

— Mas ele vai ter?

— Acredito que sim, se tem alguém que adora crianças, é ele, na verdade eu me pergunto se em algumas coisas o seu tio realmente cresceu... — eu resmunguei com um sorriso, claro que João não ia entender isso. — Mas por que você está perguntando?

— Queria um primo *pra* brincar. O Enzo tem dois primos e um irmão, e eu não tenho nenhum — ele disse devagar, como se desse de ombros, e depois cruzou os bracinhos. Ok. Esse tipo de conversa novamente, vamos lá. Eu pensei que a história do irmãozinho tinha passado, apesar de que depois dos últimos dias e das últimas experiências com Diana na cama eu queria aquilo mais do que nunca, mas alguns ajustes e conversas precisavam vir à tona antes de qualquer coisa naquele sentido. Não dava *pra* chegar nela e dizer apenas "ei, vamos ter um outro filho".

Fui autorizado a entrar e me encaminhei para a garagem com João.

— Está vindo um primo aí para você, lembra que a tia Malu vai ter um bebê?

— Eu sei, é legal. Quero ver o bebê, mas vai demorar ainda...

Eu acho que Teo também podia concordar com você, pensei, sorrindo.

— Filho, as famílias são assim mesmo, algumas tem mais crianças e outras menos. Na nossa família, por exemplo, não havia nenhuma criança em muito tempo, antes de você e agora você está aqui, e já está vindo mais um bebê

do seu tio — expliquei com calma para ele. — Mas se você esperar um pouquinho mais e tiver paciência, talvez venha um irmão ou irmã e priminhos para você não se sentir sozinho. Enquanto isso, aproveite os seus amigos da escola, certo?

Entramos no elevador de mãos dadas e ele parecia pensar no assunto, olhando para mim.

— Tá bom, é que o Enzo fica me provocando, mas vou dizer que eu também vou ter vários primos e irmãos, eu posso, pai?

Apertei o meu nariz e sorri, enquanto íamos nos aproximando do andar de Marcos. Talvez eu contasse com a ajuda dele naquele assunto com João, seria muito divertido.

— Vamos fazer assim: existe uma chance muito boa de você ter vários primos, vamos convencer seus tios disso? — Pus, claro, o Teo na conta. Quem sabe ele não se animava e vinhas mais dali? Nunca se sabe, não era ele que queria ter uma penca de filhos? Era ele, sim. Limpei a minha garganta antes de continuar: — Agora, vários irmãos já é um pouco mais complicado, João.

Ele fez um beicinho, mas balançou a cabeça em assentimento. As portas se abriram e nós estávamos no apartamento de Marcos, o único naquele andar, então usei o meu cartão e abri a porta. Claro que seria uma surpresa e tanto para ele, eu poderia ter dito antes de ter trazido João, prepará-lo para a notícia, mas eu gostava de confiar nos meus instintos e eles me diziam que eu poderia fazer diferente em relação a Marcos.

Assim que entramos, fechei a porta atrás de mim e João ficou parado ao meu lado me olhando e depois observando tudo em volta.

Marcos era conhecido por ser a bagunça em forma de gente, e isso não tinha mudado muito ao longo dos anos enquanto ele crescia. Mas por incrível que pareça, o apartamento dele estava impecável e eu tinha certeza de que a mão de Alice, literalmente, era o motivo daquela mudança.

Peguei João pela mão que ele não estava segurando o enorme boneco do Superman que eu tinha dado a ele, e fui em direção aos sofás.

— Marcos, estou aqui — avisei, aumentando o tom de voz para alertá-lo da minha presença. Nunca ia esquecer que mamãe certa vez apareceu no apartamento dele depois de ter combinado que iriam juntos almoçar e foi surpreendida com uma cena e tanto, enquanto ele estava dormindo lá dentro. Depois disso, Marcos alugou um local e não trazia mais ninguém para o apartamento. Mas nunca se sabe.

João sentou muito quieto e depois foi atraído pela TV UHD de tela curva que tomava praticamente a parede inteira da sala e arregalou os olhos. Eu imaginei que ele devia estar pensando em como os desenhos dele pareceriam ali.

Marcos era um cara que gostava de tecnologia e eu imaginava que as outras coisas ao redor, incluindo *home theater* cujas caixas estavam instaladas na paredes e até no teto, e consoles de jogos de todos os tipos deviam ser o que de melhor havia no mercado atualmente. Ele era um menino grande em relação à tecnologia.

— Pai, é um cinema? — João sussurrou *pra* mim, espantado, apontando ao redor. Sorri e pus as mãos no bolso da bermuda.

— Praticamente isso. — E parecia mesmo. João fez um som de surpresa e sorriu então foi sentar-se em frente a TV desligada e observar os aparelhos. Bom, então ele gostava daquilo tudo? A minha TV era enorme por pura insistência da designer, não que isso fizesse muita diferença para mim, podia ser qualquer uma. Eu estava usando-a mais agora para ver animações com João do que havia usado no último ano inteiro.

Na mesma hora, ouvi um palavrão ser dito e Marcos apareceu vindo dos quartos, passando as mãos nos cabelos molhados e com apenas uma toalha ao redor da cintura. Eu pensei que era bom que Diana estava fotografando um aniversário e não tinha podido vir comigo, já que ele provavelmente não sabia o que era usar roupas dentro de casa.

— Ei, irmão! — Marcos sorriu e foi em direção à cozinha, sacudindo o cabelo molhado com uma das mãos — Senta aí, fica à vontade. Porra, esqueci de comprar o caralho do seu uísque, mas tem...

— Marcos — alertei-o, sorrindo. João virou a cabeça para mim e murmurou "palavrão", mas sorriu, e ficou escutando atento. Eu fiz uma cara séria imediatamente.

— Serve vinho? Preciso reabastecer isso aqui, tenho esquecido dessas coisas nos últimos dias — Marcos continuou, as mãos na cintura, como se estivesse falando sozinho.

— Marcos — interrompi novamente, e ele virou, o cenho franzido em confusão.

— O quê?

— Você tem visita e é melhor manear só um pouco no palavreado, ok? — Ergui as sobrancelhas e apontei com o queixo para o lado. Marcos ficou uns segundos me olhando fixamente, os olhos apertados.

— Você está bêbado. Não, claro que não. O excesso de trabalho finalmente fodeu os seus miolos, é isso? — ele perguntou depois de um tempo em que olhou ao redor da sala e me viu parado em pé sozinho com as mãos no bolso. Então eu ri. Claro que ele não veria João sentado em frente à TV de onde ele estava, ainda mais por conta do sofá.

— Cala a boca e vem até aqui, quero apresentar alguém a você. — Ele

balançou a cabeça como se eu estivesse louco e veio resmungando algo e levando a mão ao nó da toalha. Eu apontei o dedo para ele. — E mantenha a sua toalha, por favor, *me poupe* desse show bizarro.

Ele sorriu, chegou perto de mim, então me puxou para um abraço rápido.

— Quando eu penso que você está finalmente sendo normal, você vem com... puta que... — ele murmurou, surpreso, quando notou João sentado no chão com as pernas cruzadas em estilo borboleta e as mãos no queixo olhando para ele, fascinado. Provavelmente meu filho ouviu mais palavrões naquele minuto do que em toda a sua vida. Marcos sorriu para ele. — Olá, rapazinho, tudo bem?

Marcos me lançou um olhar indagador, depois de volta para João. Na casa de mamãe ele tinha apenas me visto chegar com Diana e João e logo depois saiu levando Alice para dentro de casa para uma conversa e não voltou mais. Quanto ele lembrava ou sabia sobre ele?

João apontou um dedinho para Marcos, mas olhou para mim, compenetrado.

— É o tio Marcos?

— Sim, esse é o famoso tio Marcos.

— Ele falou um monte de palavrão.

— Ele fala muito palavrão sim, mas ele promete se comportar melhor quando você estiver por perto — garanti a João, olhando para um Marcos que estava ligeiramente confuso.

— Eu acho que estou em desvantagem aqui. Eu sou o tio Marcos — Marcos disse, apontando para o próprio peito, um sorriso enorme para João. — E você, garotão, é...?

— João Pedro — ele respondeu, e acho que ele deve ter gostado imediatamente do tio, porque sorriu de volta bem à vontade. Marcos olhou para mim com uma sobrancelha levantada em questionamento, mas eu resolvi apenas observar aquela interação um pouco mais sem me intrometer.

Como eu não disse nada, meu irmão continuou:

— Muito bem, João Pedro, você é muito bem-vindo, pode ficar por aí. Quer sorvete? Eu não curto muito, mas agora tenho uns aí na geladeira que Alice deixa... Ah, e nada de dizer para a mamãe que o tio falou uns palavrões, ok?

João fez que sim, e eu continuei observando-os, divertido. Marcos cruzou os braços sobre o peito e disse em tom conspiratório.

— Na verdade, você pode dizer que aprendeu esses palavrões com ele — meu irmão imbecil disse, usando o polegar para apontar para mim, com uma risada, como se tivesse dizendo um segredo a João. Ótimo. Eu queria ver ele se enforcar com aquela corda agora.

— Mas meu pai não fala palavrão — João disse, *me encarando* desconfiado. O sorriso de Marcos foi se desfazendo e ele olhou para mim, alarmado. E depois de volta para João. Eu quase não conseguia mais e ia ceder à risada que eu estava segurando, mas aguentei firme ao olhar para os dois.

— Seu... pai? Só um instante aqui, pessoal. Calma aí porque tem alguma coisa que não está batendo nessa conversa toda — Marcos murmurou e passou a mão no cabelo de novo, respirando fundo — Vamos lá: seu nome é João Pedro?

João confirmou. Marcos olhou para mim.

— Você não vai dizer nada, Diego?

— Não, continua, você está indo muito bem — incentivei-o, *me mantendo* sério. Ele murmurou um "idiota" e voltou a dirigir-se para João.

— E você é filho da Diana, certo?

Mas eu vi, antes que ele formulasse a pergunta seguinte, em seus olhos, o entendimento. Marcos sentou. Quase desabou no sofá, na verdade, olhando de um jeito completamente diferente para João agora, analisando seu cabelo, seus olhos, e então olhou de volta para mim. Sério agora, nada de sorrisos.

— Sou filho da mamãe — João confirmou, ainda assim, pegando o seu boneco que ele tinha deixado ao seu lado e mexendo na sua capa vermelha. Marcos assentiu, mas fez a próxima pergunta assim mesmo:

— E o seu pai é...?

João apontou para mim na mesma hora, como se pensasse que aquele tio era meio estranho agora.

— Diego. Meu pai.

— Caralh... quer dizer, porr... — Ele balançou a cabeça e apertou os lábios para se impedir de dizer mais alguma coisa. Levantou e olhou para mim com os olhos arregalados, mas então lembrou de João e fez uma expressão cândida e deu um sorriso.

Eu apreciava a capacidade que ele tinha de recuperar-se rápido das situações mais inusitadas possíveis. E aquela era uma dessas, com toda a certeza.

— Claro, quem mais seria o seu pai, não é mesmo? Que burrice a minha — Marcos murmurou, seu olhar indo e voltando entre nós dois. João não disse nada, mas olhava intrigado para o tio. Marcos ficou uns segundos olhando para ele e então fez um gesto com as mãos.

— Vem cá, João, vem dar um abraço no seu tio.

Eu olhei enquanto meu filho levantou do chão e foi na direção de Marco, que o pegou pela mão e o trouxe para mais perto. Respirei fundo ao olhar para a cena. Os cinco anos que me afastavam de Marcos na idade agora não eram praticamente nada, mas na infância, parecia um mundo de diferença, e eu sempre lembrava dele como o irmãozinho elétrico que me causava mais dores de cabeça

do que outra coisa, mas ao mesmo tempo, era quem eu deveria amar e proteger, sempre.

E vê-lo segurando o rosto de João entre as mãos e olhando para ele com tanta intensidade me deixava com um nó na garganta. Depois, ele puxou-o delicadamente, *se abaixou* e o abraçou, as cabeças dos dois juntos, e eu ajustei meus óculos, a emoção do momento batendo forte em mim. Marcos finalmente soltou João e segurou em seus ombros.

— Carinha, você é muito bonito. Se você é inteligente, como eu acho que é, deve ter puxado ao seu papai, mas bonito desse jeito, você puxou ao tio, não foi? — ele disse depois de um momento, sua própria voz saindo meio estranha, mas ele logo deu uma tossida e trouxe à tona seu bom humor habitual.

João me olhou como se pedisse confirmação, e eu fiz que não com a cabeça, mas sorri.

— Eu pareço com o meu pai — ele disse baixinho. Marcos bufou.

— Ok, posso aceitar isso, mas vamos aprender uma coisa ou outra com o titio, certo? Sou mais legal que o seu pai.

— Para de tentar cooptar o meu filho, Marcos — murmurei, divertido.

— Viu só? Cooptar. Você sabe o que é isso, JP? — Marcos passou a mão no cabelo dele com carinho, e João negou olhando para mim. — Pois é, anda com o titio que eu vou te ensinar outras palavras mais legais que cooptar.

— Palavrão? — João questionou, impressionado, e eu e Marcos rimos.

— Não, palavrão não, ou a sua mamãe de cabelo vermelho pode pirar, certo? Por falar nisso... JP, o tio vai levar o papai bem ali na cozinha para fazer umas perguntas e já voltamos, ok? E o sorvete, vai querer mesmo?

João confirmou com entusiasmo, e Marcos então me surpreendeu e pegou a gola da minha camisa e saiu quase me arrastando da sala, ainda mantendo um sorriso doce para João, que logo se entreteve com o boneco e sentou no sofá.

Antes que chegássemos à cozinha, eu consegui me soltar e ele se virou para mim.

— Eu vou me vestir, tem certas coisas que um homem não pode ouvir nu em pelo, então, você vai me contar tudo porque deve ser uma belíssima história. Não me esconda nada. — Ele apontou o dedo *pra* mim com uma expressão que pretendia ser ameaçadora, e eu cruzei os braços e as pernas na altura dos tornozelos e me apoiei na bancada.

— Foi isso que eu vim fazer aqui, Marcos, te apresentar ao seu sobrinho e te contar tudo, o que você acha?

Ele apertou os olhos.

— Seu miserável, poderia deixar esse menino órfão agora e ficar com ele

pra mim. Por que diabos você tem um filho e eu não sei, Diego?

— Você quer me matar e ficar com o meu filho? Faça os seus próprios filhos, cara.

— Foda-se, Diego, eu poderia pelo menos te dar um soco por isso, não poderia? Hoje não, não quero traumatizar o menino, mas vou pensar com carinho nessa possibilidade.

Eu sorri para ele.

— Vai vestir alguma roupa que essa sua toalha ameaçando cair está me causando náusea aqui.

— Filho de uma.. porra, cara, não me faz xingar nossa mãe, você é um sacana fodido que esconde as coisas do próprio irmão, isso sim — ele resmungou, saindo em direção ao quarto. Eu o aguardei, sabendo que por mais chateado que ele ficasse por eu não ter dito logo, sua reação seria aquela, e depois ele me apoiaria e entenderia.

Em questão de menos de um minuto ele voltou usando apenas um calção azul.

— Você não ia se vestir?

— Ficar vestido em casa, por favor. A sua sorte é que João está aí e eu não quero ter que mostrar a ele desde cedo que veio de uma família de bem-dotados. — Ele sorriu, indo para a geladeira. — Pelo menos o tio dele é, o pai eu já não sei. Cerveja mesmo?

— Não vou beber, cara, estou com João.

— Verdade. Porra, irmão, você já é chato normalmente, com um filho agora, como fica isso? Esse menino vai precisar de mim para ter alguma diversão na vida.

— Marcos, você já ouviu quantas vezes você já insinuou ficar com o meu filho desde que eu cheguei aqui? Espero que você seja realmente capaz de produzir os seus algum dia.

Ele abriu uma garrafa de cerveja e olhou na direção da sala, parecendo realmente fascinado.

— Cara, ele é muito fofo. Quando a mamãe souber...

Eu quase me encolhi e ele percebeu. Deu um longo gole na sua cerveja, *me encarando*.

— Ela já sabe, não é? Todo mundo já sabe que você tem um filho com a Diana, menos eu. Eu espero, pelo menos, que o meu porteiro ali embaixo ainda não saiba, só para eu ter o prazer de dizer a ele que sou tio. Ou você também já disse ao cacete do porteiro antes de dizer *pra* mim?

— Não seja dramático, quase ninguém sabe ainda.

— Desembucha, Diego. Anda.

— Bom, a mamãe e o papai já sabem, mas ele só soube outro dia. Eu já havia contado a mamãe, você sabe que a gente não esconde nada dela. Aliás, eu tive que contar logo porque você com a sua língua enorme disse a ela sobre a Diana, então eu antecipei as coisas.

Marcos me olhou inexpressivamente.

— Ah, ótimo, a culpa então é minha de você contar a mamãe que é pai e eu só saber agora. Que beleza.

— Não é isso, eu contei logo a ela, mas não ao papai, não de imediato. Ele soube agora e eu estou contando a você. Iza também não sabe ainda, vou contar quando ela voltar para casa.

Marcos me olhava sério, então deu uma risada e um longo gole em sua bebida.

— Como você é pai desse menino de uns seis anos e só agora todos sabemos disso? Algo me diz que é uma puta de uma história, a julgar pela mãe dele. Porra, eu devia ter desconfiado pela forma como você estava na boate, como reagiu a Diana lá no seu trabalho também.

— Bom, eu já conhecia a Diana, se é isso que você está dizendo.

— Conhecia muito bem, não? Onde você a encontrou, não foi no tribunal e nem.. ah, caralho. Puta merda, não acredito.

Eu respirei fundo e aguardei. E ele não me decepcionou. Deu uma risada alta na minha cara, o babaca, apontando com a cerveja para mim.

— Diego, meu irmãozinho careta, quem diria, pegou uma novinha na universidade e...

— Grite um pouco mais alto que eu acho que João não ouviu ainda.

Ele riu um pouco mais e me pediu para esperar, um dedo levantado, então parou, respirou fundo e riu de novo. Tirei meus óculos e os limpei com a minha camisa, pacientemente, enquanto esperava ele terminar.

— Não posso acreditar nisso: o rei do comportamento irrepreensível, o senhor das regras e imperador dos bons modos, o lorde dos...

— Cara, você já saiu da quinta série, pelo amor de Deus.

— Ah, vai te foder, Diego. Você sabe quantas vezes na vida eu ouvi seus sermões sobre ter um comportamento melhor e não sair por aí pegando meninas aleatoriamente? *Me deixe* ter o meu momento aqui.

Eu sorri, e ficamos olhando um para o outro, então ele balançou a cabeça.

— Você não esperava por isso, não é? Te pegou completamente de surpresa, a Diana, não foi?

Eu olhei para ele meio surpreso, estranhando a escolha de palavras, mas ele estava certo.

— Sim, não era algo com o qual eu contava, claro. Ela estava em todas as

categorias que de certa forma eu deveria me manter afastado: aluna, muito jovem, diferente de mim em tudo... Mas aqui estamos.

Marcos concordou. Mas então sorriu maliciosamente.

— Quantos anos ela tinha, cara? Dezoito? Seu pervertido de merda.

Eu sabia que seria assim, não podia negar que não estivesse esperando por aquilo, com um irmão como ele. Claro que ele ia tripudiar.

— Dezenove — resmunguei.

— O quê? Eu não ouvi, repete, por favor?

— Vai te foder, Marcos — sibilei e ele riu de novo.

— Dezenove aninhos, cara, sua aluna? Não consigo acreditar nisso. E logo uma mulher como a Diana? Quer dizer... — Ele abaixou a voz, provocativo. — Foi todo aquele cabelo e o lance das tatuagens, tiraram você do sério, não foi? Mexeram com a libido do Senhor Gelo, admita.

— Sem comentários.

— Diego, ela deu em cima de você, só pode, não imagino você chegando nela. A Diana deve ter pedido uma aula extra ou algo assim e você não resistiu, foi isso?

— Você é um imbecil, e eu não vou falar sobre isso com você — rebati, com dificuldade de esconder o meu sorriso daquele imbecil.

— Foi, sim. Mas eu te entendo, cara, difícil, não?

Estreitei meus olhos para ele, e Marcos sorriu.

— Ei, calma lá, cara. Só estou dizendo que ainda bem que não sou professor. Porra, já pensou? Como eu teria a firmeza que você tem para pegar as alunas? Seria um desastre.

— Com certeza, você não poderia ser um professor, Deus nos livre.

— Se bem que... você não teve muita firmeza quando se tratou dela. Até imagino. Cara, ela é completamente diferente das mulheres que você pegava, Diego.

Eu sorri e dei de ombros.

— Se ela fosse igual a todas as outras, eu teria resistido, você não acha?

Marcos balançou a cabeça e passou a mão no peito, como se estivesse sofrendo.

— Minha nossa, você é um bundão apaixonado. O nosso Sr. Gelo, não era assim que os alunos te chamavam, caiu como um pato sob o encanto da “cabelo de fogo”. Poesia pura.

— Pelo que estou sabendo, não sou só eu que estou caindo apaixonado por aí. Cadê a Alice?

— Ela veio pela manhã e foi embora antes de você chegar. E o que tem a Alice?

— Você saiu com ela da casa da mamãe.

— E o que isso tem a ver com qualquer coisa?

— E aqueles caras no jantar dando em cima dela e você surtando? Eu vi.

— E você queria que eu fizesse o quê? Eu sou responsável por ela, temos um acordo de trabalho, Alice é muito delicada e... ia ficar lá assistindo aos caras desrespeitarem ela?

— É isso que você diz *pra* si mesmo?

— O papo aqui não era você e Diana não?

— Então ela não está morando aqui com você?

— A Alice, Diego? Claro que não. Ela na verdade está querendo sair, as coisas na faculdade estão mais corridas e ela mal tem tempo de vir *pra* cá. Mas eu desconfio que não seja só por isso.

Eu observei atentamente.

— Marcos, o que você está pretendendo com aquela garota? Cara, ela me parece tão doce, vê lá o que você quer fazer.

— Não sou um idiota, Diego. Não iria fazer ela sofrer deliberadamente.

— E de forma não deliberada?

— A Alice não é uma boba como vocês acham, na verdade ela já deixou muito claro que não está a fim do que eu posso oferecer.

— Talvez você não está oferecendo o que ela quer, então, ela tem o direito de declinar, não é?

Ele apenas cruzou os braços com mais força sobre o peito e não disse nada. Mas o assunto parecia deixá-lo chateado. Mas ele logo me deu um sorriso de quem estava fugindo do assunto.

— Eu não sabia que você ficava com suas alunas.

— Eu não ficava — afirmei, deixando-o escapar, por hora.

— Lembra que eu fui na sua sala um dia e tinha uma bem gostosinha, que queria sair da aula e vir comigo, praticamente, mas você me ameaçou e fez todo um discurso moralista para mim?

— Não, não lembro.

— Seu mentiroso de merda, lembra sim.

Ok, talvez eu devesse tirar aquele sorrisinho dele só por um instante. Ele merecia.

— Bom, realmente tinha umas alunas gostosas, e por mais que eu não pegasse, eu olhava. Faculdades são cheias de alunas lindas, assim como a Diana, um professor deve realmente ser muito forte, ético, honrado em sua profissão para não cair em tentação com suas alunas. Que curso mesmo que Alice faz?

Marcos me lançou um olhar realmente ameaçador. E eu ri.

— Pedagogia. Ainda bem que a maioria das professoras dela são

mulheres, mas obrigado por me lembrar disso.

Exalei profundamente e olhei para ele.

— Eu nunca fiquei com nenhuma outra aluna, Marcos, só com Diana. Apenas ela.

Ele me olhou, pensativo.

— Então, foi algo sério, é isso?

Pensei sobre aquilo, e não sei se daria a mesma resposta que poderia ter dado antes que ela voltasse. Antes que eles estivessem na minha vida novamente.

— Foi uma noite, rápida demais para o meu gosto, mas foi de algum modo diferente em tudo. Eu mandei o meu decoro habitual às favas, quebrei as regras que tinha estabelecido para mim e Diana engravidou naquela noite. E é isso.

Marcos ouviu com o cenho franzido, toda a diversão o abandonando. Ele bebeu e cruzou os braços.

— Então, se entendi bem, ela não disse que vocês tinham um filho.

— Não, ela preferiu esconder isso e manteve o João sem que eu soubesse. Até agora, quando o trouxe de volta para mim.

Marcos assentiu.

— Mas você está com ela, então isso quer dizer que a perdeu.

Eu lembrei da ocasião do álbum azul, quando Diana me pediu perdão e nem titubeei.

— Sim, e estamos juntos na verdade.

— Você ficou com raiva dela? — ele perguntou, com cuidado, *me sondando*. Eu confirmei.

— Sim, mas não por tempo suficiente para fazer algo que eu me arrependeria agora, com toda a certeza. Eu acho que Diana já teve o suficiente de culpa por não ter me contado sobre o nosso filho, e eu não sei lidar com isso, ter raiva e rancor desse jeito, você sabe como eu sou.

— É, eu sei. Não deve ter sido fácil, eu imagino essa situação toda e, porra, eu ficaria muito puto com ela também, mas... se alguém sabe o que está fazendo, esse alguém é você, Diego. E você tem o seu filho aí, agora, isso é o bastante sem precisar complicar as coisas ainda mais.

— Essa é a ideia. Eu tinha duas opções e optei por não ter que lidar com a raiva e o ressentimento, mas que era muito fácil ir por esse caminho, era...

— E você queria a Diana também, um belo de um incentivo para o caminho da paz, não é?

— Digamos que sim... — Ri e ele pôs sua garrafa vazia de lado. — De qualquer forma, você entendeu o xis da questão.

— Mas eu aposto que tem alguém que não deve ter entendido tão bem assim. Como foi com o velho?

Eu contei. Sobre como foi com mamãe, depois com papai, e inclusive sobre a visita surpresa que ele resolveu fazer a Diana. E sobre o relógio que ele deu a João, claro. Marcos piscou, impressionado.

— Eu nem sei o que me deixou mais abismado aqui: ele ter meio que feito um cessar-fogo com ela, porque foi isso, nós conhecemos ele, ou papai ter dado uma das suas preciosidades assim. Porra, ele já está no papel de avô babão total.

— O meu avô é babão? — Uma vozinha vinda da entrada da cozinha nos alertou que tínhamos companhia. João estava lá parado olhando para nós e Marcos foi ao seu encontro rapidamente, segurando o riso.

— Sim, um avô babão, é o que ele é. Diga que fui eu quem disse quando olhar ele de novo, *tá bom*? — João sorriu e concordou, Marcos o pegou no colo e o pôs sobre o balcão onde ele estava encostado.

— Ele me deu um relógio bem legal, e disse que vai me levar para uma casa lá longe que tem um monte de piscina e eu vou mergulhar com ele.

Eu e Marcos nos olhamos.

— Ah, papai vai ficar tomando banho de piscina agora? Quem diria. Como eu disse, você tem um avô babão. E aquele sorvete, quase que eu esqueço, você vai querer?

— Vou.

— Espera um pouco, vou pegar *pra* você. — Ele se afastou para fazer isso e ao passar por mim deu uma piscadinha e falou mais baixo: — Sabe o que estou pensando? Você sabia que andar por aí com uma criança aumenta exponencialmente as chances de atrair mulheres?

— Esse é exatamente o tipo de coisa que você saberia, claro.

— Coincidência só. Você lembra da Pâmela, que tinha um filho? Eu pude verificar isso na época. — Ele sorriu com malícia e eu ri junto. — Fiquei uma vez no jogo sozinho com ele e olha, uma maravilha...

— A moça chamou o meu pai de gostoso. Eu ouvi — João contribuiu com o assunto e Marcos riu, dando um tapinha no meu ombro. João não ia esquecer aquilo nunca mais pelo visto.

— Olha só, já funcionou, hein? E então, gostoso, vai querer um sorvete também?

Eu dei uma *tossidinha*.

— Não. E nem pense em usar o meu filho para atrair mulheres, ok? Comece a fazer os seus próprios filhos, aliás... — Olhei para João que estava com os olhos fixos em nós, atento a tudo que estava sendo dito. — Você estava

me perguntando se o tio Marcos tinha filhos, não era? Você me disse que quer priminhos, não?

João olhou desconfiado para Marcos.

— Você faz um priminho *pra* mim, tio?

— Sai dessa agora, garanhão — sussurrei, deliciado. Marcos pegou o pote inteiro, o louco, e entregou para João com uma colher. Olhei em volta para buscar uma vasilha menor e por apenas o suficiente.

— João, o titio não sabe quando isso vai acontecer, mas posso fazer umas tentativas. Quando você crescer mais eu te falo sobre essas tentativas, beleza? — Ele passou a mão nos cabelos de João que concordou apressadamente e feliz. — Mas por enquanto, pressione bastante o papai e a mamãe por mais bebezinhos, combinado? Diga que o tio Marcos está nessa batalha com você. Toca aqui.

João riu, deliciado, e imitou o gesto de Marcos, batendo o pequeno punho fechado no dele. Eu balancei a cabeça: o maldito sabia mesmo lidar com crianças.

Capítulo 39

EU TAMBÉM TIVE UMA IMPRESSÃO SOBRE VOCÊ

Diana 

Por qual razão eu tinha concordado em correr com Diego aquele horário, questionei-me, dando o vigésimo quinto bocejo. Ou talvez fossem mais, eu deixei de contar minutos atrás quando vi a besteira que eu tinha feito. Quem teve essa ideia ridícula?

Tudo bem, eu mesma tive, e não era antes do sol nascer, era tipo umas 6h da manhã já e já tinha um monte de gente no calçadão correndo. Meu Deus do céu, o que aquelas pessoas tinham que não estavam confortavelmente em suas camas quentinhas em um domingo logo cedo, e em vez disso estavam ali correndo como se não houvesse amanhã? Por que diabos mesmo eu tinha dito que queria correr com Diego e pior, tinha levantado da cama quando ele puxou o meu pé e começou a fazer cócegas em mim?

Eu poderia ter virado para o lado e voltado a dormir, mas não, fui cair na lábia dele quando disse que eu não tinha palavra, que eu prometi acompanhá-lo, etc. E *pra* ser sincera, eu estava precisando de uns exercícios. Sou o tipo que muito rapidamente os carboidratos vão se alojar na bunda e na barriga, e apesar de estar bem com o meu corpo atual, não custava nada umas caminhadas, não é mesmo?

Sem falar que eu queria dar uma espiada em Diego correndo, e já devia ter feito isso há séculos... ele corria sozinho quase todo dia, também não custava nadinha fazer companhia a ele de vez em quando, não é?

— Ainda bocejando desse jeito? — ele perguntou com divertimento na voz, e deu uma palmadinha na minha bunda. Era bom que ele estivesse mais tranquilo agora, porque assim que saiu do banheiro e me viu em meu shortinho cor de rosa megacurto, camiseta e tênis, Diego franziu a testa como costumava fazer.

Bom, eu poderia estar com disposição zero para andar, correr e qualquer coisa assim, mas se eu ia sair de casa, ia sair *pra* arrasar. Era lei. Ele tinha olhado para o comprimento do short com uma cara feia que eu tinha ignorado, enquanto nós nos aquecíamos ainda perto do prédio. Não tinha me arrastado para correr junto? Eu corro assim, meu amor.

Agora estávamos caminhando rápido lado a lado e para minha completa

exasperação nem a respiração dele parecia alterada, enquanto eu tinha certeza de que os meus pulmões já estavam entrando em colapso e... a gente só estava caminhando há o quê? Cinco minutos? Meu Deus, eu estava sedentária demais. E tinha um homem que era puro vigor físico, eu precisava prestar atenção naquilo.

— É muito cedo, quem corre num domingo pela manhã? Não devia ter deixado você me convencer disso.

— Um monte de gente corre em um domingo pela manhã, e você disse que queria vir — Diego retrucou.

— Você me induziu a isso com técnicas que eu não poderia resistir — eu murmurei, lançando-lhe um olhar que pretendia ser sedutor, mas eu estava brincando. Acho que não tinha nada de muito sedutor em estar esbaforida, com o cabelo bagunçado e já sentindo uma fina camada de suor na minha pele. Mas eu estava enganada. Ele me deu um olhar firme e se inclinou para falar próximo ao meu ouvido, já que um pequeno grupo de corredores da manhã estava passando por nós.

— Fique olhando para mim desse jeito, ofegante como você está, com esse short e esses seios balançando assim, e eu vou te levar de volta para o quarto e vamos fazer outro tipo de exercício para queimar calorias... — ele disse, provocativo, a voz grave e respiração morna no lado do meu pescoço. Misericórdia. Eu parei, as mãos na cintura e ele teve que parar mais à frente e se voltar para mim, sorrindo.

— Droga, eu nem tinha saído da cama, então...vamos voltar, prefiro esse tipo de exercício — eu disse, mordendo o canto da boca. Diego arqueou uma sobrancelha, eu continuei, suspirando. — *Tá* ok, vamos continuar. Eu estou muito sedentária mesmo e se apenas esses exercícios que você está sugerindo valessem eu estaria só o esqueleto agora.

Ele riu.

— Vamos voltar, por mim tudo bem, acredite, eu prefiro esse tipo de exercício também.

Eu olhei para ele e balancei a cabeça. Diego estava como sempre, uma delícia. De boné preto, camiseta cinza e calção preto, nem parecia o cara formal que vestia ternos todos os dias e estava sempre de óculos de aros grossos. Se bem que daquela forma ele era tão gostoso quanto envergando um terno bem cortado. Talvez até mais.

Então era essa a visão que ele fornecia quase todos os dias bem cedo quando vinha correr, pensei, e realmente, não custava nada eu começar a me mexer e correr junto com ele de vez em quando.

— Vamos correr, depois a gente toma um banho juntos e passamos para

outras atividades, o que você acha? — sugeri, maliciosa, enquanto voltava a caminhar e ele me acompanhava.

— Agora você vai me fazer querer correr menos tempo do que eu costumo — foi o que ele disse, e eu ri.

Nós andamos rápido e depois corremos um pouco, e eu devo admitir que realmente precisava me mexer mais, porque nem a pau eu estava acompanhando o ritmo dele. Não era à toa que na cama Diego tinha um ritmo excepcional, coisa que eu aproveitava muito bem, obrigada.

Estávamos sentados em um quiosque meia hora depois, tomando água de coco gelada, recuperando o fôlego, e quando viro, Diego está me olhando concentrando.

— Como foi o trabalho lá na festinha ontem?

Ele tinha me deixado lá e saído para a casa do irmão, Marcos, com João. Na volta de lá, onde passaram o restante da tarde e quase a noite toda, eles passaram para me buscar no aniversário em Botafogo. João tinha chegado elétrico, falando sobre o tio que era muito legal, que ele tinha um cinema em casa, que ele também queria que ele tivesse irmãos e que eu e papai tínhamos que fazer mais bebezinhos... Diego tinha dito aquilo para ele?

Eu me senti bombardeada por um número imenso de informações ao mesmo tempo e só olhava para Diego, que estava quase tendo um treco de rir. Eu até tentei juntar todas as informações que pareciam se embaralhar no discurso de João, e já que Diego não ajudava muito, eu contei com o próprio João para dizer que. 1) A conversa com ele sobre a minha história e de João pareceu ter fluído bem. 2) O tio Marcos era mesmo algum tipo de super-herói para João agora. 3) Eu seria mãe de no mínimo meia dúzia de outros bebês, foi esse o consenso que ele chegou com o tio ao que aprecia. 4) Ele agora adorava sorvete de castanha.

Essas coisas todas eu descobri antes que ele caísse no sono, sem jantar porque provavelmente tinha comido sorvete demais e eu não podia nem reclamar, tinha sido uma farra dos meninos e João não era de comer muita bobagem de modo geral. Bom, aparentemente o dia no apartamento do tio Marcos era como um vulcão em erupção, não era?

Eu voltei a atenção para a pergunta de Diego, então.

— Foi muito bom, o tempo estava ótimo e acho que fiz fotos maravilhosas. Já estão comentando bastante no blog — disse empolgada. E estava mesmo. Naquele ritmo, eu precisaria realmente de mais tempo e logo não estaria mais na boate. Apesar do dinheiro ser bom e a complementação das gorjetas melhores ainda, eu praticamente estava encontrando dificuldades para conciliar o que estava surgindo de pedidos com o meu tempo livre à noite durante a semana.

— Eu fico realmente feliz por você, Diana. Muito. — Ele sorriu, e eu pude notar que era uma satisfação genuína, não aquele tipo condescendente que algumas pessoas, homens, principalmente, faziam quando achavam que você podia até estar bem, mas era como se o seu trabalho fosse um capricho e você poderia estar melhor se apenas aceitasse o que ele podia oferecer. Se Diego já pensou assim um dia, e talvez tenha pensado, era bom saber que ele tinha mudado de ideia e estava de verdade feliz por mim.

— Na sexta-feira, você tem trabalho na boate, não é?

— Sim, tenho, por quê?

— Mamãe está organizando uma recepção, o lançamento de um contrato de investimento em um grupo teatral. Eu falei com ela sobre o seu trabalho, Diana, e acho que seria interessante para você do ponto de vista profissional se você for.

Encarei-o e pus o coco de lado. Nós já havíamos falado sobre ele me ajudar, indicar, sugerir trabalho, e isso não me incomodava de modo algum. Aquela festa da filha do amigo dele no final de semana seguinte era um bom exemplo disso. Só havia uma única coisa me causando um ligeiro incômodo, e eu precisava saber.

— Eu concordo, pode ser muito bom, mesmo. Mas, Diego, você não está de alguma forma incentivando a sua mãe a, sei lá, *me ajudar* de alguma maneira para que eu saia mais rápido da boate, não é? Só *pra* saber.

Ele deu um sorriso cínico, o que era difícil, mas quando ele fazia, era arrasador.

— Você ainda precisa conviver muito com a minha mãe para então saber que quase ninguém manipula ela para que ela faça o que não quer fazer. Mais fácil ela fazer isso com os outros meros mortais do que alguém fazer com ela.

Eu sorri, lembrando do ímpeto de Abigail. Eu acreditava naquilo.

— Não se preocupe, nós estávamos falando sobre um final de semana na casa de praia nesses próximos dias, mas ainda não fechamos, e ela me perguntou sobre o seu trabalho. Antes que eu terminasse de falar tudo ela já estava me intimando a levar você. Eu só falei desse jeito para não ficar na cara que eu só era o menino do recado dela, entendeu?

Nós sorrimos um para o outro e ficamos assim sem ninguém dizer nada. Até que ele pareceu lembrar de algo.

— No final desta semana você tem o aniversário na casa do Sidney, eu já confirmei a ele que nós vamos e vamos levar o João.

— Tudo bem. — Eu que ia discutir com aquilo? Não mesmo. Eles podiam perfeitamente ficar por lá enquanto eu trabalhava. Eu não sabia que além de trabalhar, João havia sido convidado, mas se ele estava dizendo, perfeito. Ele

adorava aniversários e eu não podia mentir, não era só por causa dos registros maravilhosos que eu podia fazer em uma festa assim, eu simplesmente amava festinha infantil.

Então aquele nome que Diego falou me causou uma lembrança e eu olhei para ele, curiosa.

— Sidney? — questionei com uma careta e Diego franziu a testa.

— Sim, é o nome dele. Por quê?

— Ah, nada não, é que eu só tratei com a esposa dele até agora e não sabia que o nome dele era esse. Mas enfim, só lembrando de um embuste que eu conheci um tempo atrás. Tinha esse mesmo nome. — Sorri, mas Diego continuou sério me encarando.

— Aqui no Rio?

— Não, em São Paulo. Desconfio que aquele nunca nem saiu de lá para falar a verdade.

Diego assentiu e tomou um pouco da sua água de coco, ainda me observando.

— Um ex-namorado? — ele perguntou, por fim, depois de uns segundos de silêncio.

— Uma perda de tempo — retruquei. Diego fez uma expressão de quem continuava esperando a resposta e eu dei de ombros. — Sim, um ex-namorado, um imbecil, na verdade. Como eu disse, uma perda de tempo.

— Em que sentido? Ou você não quer falar sobre ele?

— Não, sem problemas. Era só um cara com quem eu achei, por pouco tempo, que pudesse dar em algo, mas logo depois ele se mostrou um babaca cheio de falsos moralismos e preconceituoso.

— Em relação a você?

Respirei fundo e cruzei as pernas.

— Em relação a relacionamentos eu acho.

— Explique-me isso, por favor.

— Diego, muitos homens ainda hoje tem uma visão extremamente estereotipada de uma mulher negra: ela é a gostosa que serve para levar para a cama, a “mulata” que mexe com o tesão do cara, mas dificilmente é aquela com quem ele casa, que leva para a família conhecer, entende? — Ele assentiu e ficou muito sério e concentrado me ouvindo. Não era como se eu realmente quisesse ter aquela conversa agora, isso tinha sido algo que me atormentou em alguns relacionamentos, mas o momento era oportuno e eu me sentia à vontade para falar disso com ele. — Claro que isso não é uma regra geral, e você mais que ninguém sabe sobre isso, como funciona a sociedade. Enfim, o que eu quero dizer é que existem ainda alguns comportamentos e padrões que são esperados

de nós, e mesmo nas nossas relações afetivas esses malditos padrões estão lá, de um jeito ou de outro, dificultando as coisas e nos fazendo ou buscar esperar por coisas irreais, ou ser cobrada pelo que muitas vezes são as neuras e os critérios de outras pessoas, e acabamos trazendo isso para a nossa vida...

Ele ficou me olhando intensamente, e eu me senti extremamente invadida por aquele olhar, como se de alguma forma ele tivesse me entendendo e vendo mais do que eu estava dizendo naquele momento. Aquilo era um pouco assustador, e eu movi uma mecha do meu cabelo para trás.

— Claro, eu entendo perfeitamente. Esse Sidney é um desses caras? — foi o que ele disse apenas. Eu continuei, já que tinha começado com aquela história toda.

— No início, não. Eu pensava que ele era exatamente o oposto, mas no final ele estava lá, sendo um imbecil careta que muitos homens são.

Diego apertou os olhos.

— Então era ele o cara que você me falou uma vez quando estava se referindo ao fato de que nem todos os homens tem a mente tão aberta quanto eu imaginava quando se tratava de sexo.

Oi? Eu falei sobre Sidney com ele quando?

— Eu falei sobre ele com você?

— Não, mas disse isso uma vez para mim, e eu deduzo que seja ele. E por favor, eu não quero ouvir uma frase em que o nome desse cara, o seu e a palavra cama estejam remotamente juntos. Mudei de ideia — ele resmungou, aquelas linhas de irritação marcando a sua testa. — Se ele era um idiota travado e que não queria você do jeito que você é, melhor deixar ele o mais longe possível das nossas conversas.

Eu sorri e olhei para ele, incrédula que ele realmente podia lembrar assim de frases quase aleatórias que eu havia dito depois do sexo. Ou era apenas por que envolvia outro homem?

Diego ergueu aquela sobrancelha, uma coisa que eu já tinha me acostumado e era algo interessante na expressividade do seu rosto e o deixava mais lindo ainda, se é que aquilo era possível. Ele estava falando e eu não estava prestando atenção nisso, mas em seus lábios se movendo, em seus olhos franzidos para mim, perdida na forma como ele parecia bom, delicioso, perfeito, com os cabelos e a pele levemente úmidos e...

— Diana?

— Desculpe, me distraí. O que você disse?

Ele estava irritado? Quando ele ficou e eu nem percebi?

— Você está pensando em quê?

Eu dei uma risada baixa e ele cruzou os braços. E eu fiz o que não

costumava fazer, porque era muito fechada e não gostava de admitir as coisas, eu sabia que era assim. Mas eu estava me permitindo, me concedendo essas grandes e pequenas mudanças em torno dessa vida que eu não imaginava, mas que estava aqui para mim e eu precisava pegá-la com as duas mãos. E com os pés também, se fosse possível. Baixei o tom de voz e fitei-o com firmeza.

— Eu não estou pensando sobre o idiota do Sidney, Diego. Eu estou aqui olhando para você e pensando em como... bom, como eu te acho lindo e como você consegue mexer comigo. É isso — conclui, de repente a minha respiração mais acelerada do que quando eu estava correndo.

Eu tenho a mais absoluta certeza de que eu não lembrava quando tinha dito aquilo pela última vez. Era incrível como falar sobre sentimentos me deixava tímida, quando eu não era nada tímida em mais nada na vida. Porque eu estava falando disso, do que ele me fazia sentir, era cedo, talvez, mas eu não podia ignorar o fato de que não só o sexo estava me deixando ligada irremediavelmente a Diego. Eu podia muito bem estar perdidamente apaixonada, se paixão era aquilo que me deixava assim perto dele. E longe também.

Diego deu um sorriso lento que mexeu ainda mais com tudo, que porra, um sorriso dele daquele jeito e eu tinha todas as minhas terminações nervosas em estado de alerta, e aquele friozinho na barriga se intensificava. Mas ainda assim eu não desviei meu olhar dele. O que quer que viesse, ia sempre me encontrar de frente. Ele estendeu a mão e tocou a minha sobre a mesa, como tinha feito no restaurante dias atrás.

— Muito bom saber disso, porque estamos na mesma página aqui, certo? — Ele de repente ficou mais sério e fez círculos lentos e hipnotizantes com o polegar na parte de cima da minha mão, carinhosamente. — Você é linda, a mulher mais confiante, inebriante e maravilhosa que eu conheço, e está na minha pele, Diana. Sempre estive eu acho. Eu seria um louco se não admitisse isso.

Eu engoli em seco, piscando para ele.

— O que estamos fazendo, Diego? Estamos vivendo o que poderíamos ter vivido antes, como combinamos no início?

Eu nem sei por que de repente aquela indagação aflorou, já que eu sempre achei que definições e a necessidade de dar nomes precisos às vivências e às experiências me parecia chata demais. Limitadora demais. Mas agora, de alguma maneira, eu queria saber o que ele achava, o que se passava em sua cabeça... ou no seu coração?

Diego continuou com a carícia leve, quase como se estivesse me acalmando, seu olhar azul com profundos tons de verdes segurando o meu, fazendo com que fosse impossível que eu desviasse a minha atenção para outra coisa. Outro alguém.

— Para ser sincero, eu não acho que estamos vivendo o que poderíamos ter vivido, pelo menos, não acho mais isso. Acho que estamos vivendo a experiência única de duas pessoas que só agora realmente se encontraram, apesar de terem se topado antes. Você entende o que eu quero dizer?

Eu entendia. Sim, eu entendia muito bem.



Na sexta-feira, o próprio James me substituiu, mesmo que fosse a sua folga. Ele não quis me ouvir, o teimoso, e ficou no meu lugar, ainda que eu pudesse ter pedido a Dália. Samyra ficou chateada, porque achava que eu estava faltando e trocando muito, mas eu mandei um foda-se mentalmente pra ela.

O certo é que ela não podia fazer nada naquele momento porque Ricardo mais uma vez não se encontrava na cidade, ele tinha vindo na quinta para a boate mas havia saído novamente para resolver uns problemas e não tinha retornado.

Aquela semana realmente estava se mostrando cheia de novidades. Abigail realmente ligou para confirmar o que Diego tinha me dito e inclusive me deu sugestões sobre o que usar na recepção, o que foi realmente maravilhoso. Vovó iria viajar no início da semana e mesmo que eu, João e Diego tenhamos jantado com ela no meio dessa semana, eu já estava sentindo a saudade bater forte.

Já no dia seguinte eu iria encontrar com Malu, a irmã de Diego e outra garota, Alice, que pelo que eu tinha entendido, trabalhava para o irmão de Diego e era amiga de Iza. Eu não podia negar que estava ligeiramente apreensiva com aquele encontro, não porque as meninas não pareciam ser legais, porque pelo pouco que eu vi, elas eram, eu estava também ansiosa.

Não, o problema real era que Diego não havia falado com a irmã, não pessoalmente, pelo menos, pois ela não tinha retornado logo durante a semana da casa de praia dos pais onde ela estava. De algum modo, aquilo deixou-o um pouco nervoso, e eu vi quando ele ligou para o Ricardo, falou algumas frases rápidas com ele e depois passou as mãos nos cabelos.

Eu perguntei se estava tudo bem e ele me disse que achava que existia a possibilidade de um problema se aproximando em relação a Iza. E ele estava ligando para Ricardo? Muito interessante. Eu fiquei atenta aquilo, mas não queria ser invasiva demais ainda quando era algo relacionado a irmã dele. Diego me disse que Iza não retornou porque tinha ficado doente, mas que ela estaria em

casa na manhã seguinte, até porque nós nos encontraríamos.

De qualquer forma, eu temia ter que falar o que ainda não podia naquele encontro, não queria mesmo ter que dizer àquelas mulheres que eu mal conhecia toda a minha história com Diego ainda. E se surgissem perguntas inadequadas? E se elas simplesmente me rechasassem pelo que eu tinha feito? Eu precisava conhecê-las, principalmente Iza, eu sempre preferia saber onde estava pondo o meu pé antes de entrar. Como Diego iria falar com ela no mesmo dia, tudo seria mais fácil para mim a partir dali, inclusive com a namorada do seu primo e com Alice.

Eu estava agora diante do espelho no quarto, admirando a minha imagem naquele vestido branco reto, estilo “tubinho”, um tomara que caia discreto, com decote quadrado, que se agarrava a todas as minhas curvas, mas ainda mantinha um toque de elegância e discrição, terminando logo acima dos meus joelhos.

Havia prendido os meus cabelos em um coque elegante e estava gostando do contraste deles com o branco do vestido. Eu tinha saído no dia anterior para comprar aquele vestido, pois mesmo que eu tivesse roupas mais discretas para fotografar, principalmente em aniversário e em books infantis, aquela ocasião era diferente, eu iria como convidada e era uma recepção em um hotel, nenhuma das minhas roupas parecia se adequar.

Estava sentada na cama pondo um lado do meu sapato de salto altíssimo, esses graças a Deus eu tinha o suficiente, quando Diego saiu do closet. Eu alguma vez já tinha dito como aquele homem sabia usar uma roupa social? Eu mesma não fazia ideia do que Abigail havia dito a ele como sendo “esporte fino”, mas ele aparentemente sabia bem, a julgar pelo conjunto de calça de alfaiataria e camisa, ambos escuros e sem gravata. Seus cabelos estavam perfeitamente penteados para trás e... ele estava lindo, como de praxe. Apenas. E era todo meu.



A recepção estava sendo realizada no amplo e luxuoso saguão de um hotel em Ipanema, e mesmo que Abigail dissesse que era uma “coisinha pequena”, não foi isso que pareceu para mim com todas aquelas pessoas bebendo champanhe ao redor. Mas se você observasse bem, o clima era tranquilo, e havia muitos sorrisos e conversas e descontraídas em volta.

Diego havia me explicado que a mãe gerenciava uma parte da empresa

que era bem a cara dela, ou seja, uma área em que ela lidava com investimentos em vários projetos e ações culturais, e que ela estava sempre envolvida naquele tipo de evento ao qual nós estávamos indo.

Eu e Diego chegamos de mãos dadas e fomos recepcionados até a área onde o coquetel estava sendo oferecido. Como Abigail havia dito, a maioria das pessoas ali eram da própria empresa, do setor que lidava com aquele tipo de evento, amigos mais próximos e os artistas do projeto em questão que estava sendo financiado, bem como seus próprios convidados.

Assim que entramos eu imediatamente avistei Abigail e Otávio em grupo pequeno, de outras três pessoas, conversando animadamente. Entre as pessoas estava também o tio de Diego, Rui. Eu fiquei duplamente tensa. Claro que o pai dele estaria aqui, como não estaria? E o tio também.

Mesmo que Otávio tivesse pedido desculpas por ter me ofendido, e eu realmente me senti magoada, mas entendi o lado dele, aquilo não significava que uma interação entre nós fosse às mil maravilhas. Ainda assim eu respirei fundo e mantive o sorriso quando Abigail nos olhou e veio sorrindo em nossa direção. Diego deve ter notado a minha súbita tensão, observei, porque ele apertou mais forte a minha mão e se inclinou para beijar a minha têmpora.

— Você está deslumbrante e eu estou aqui com você — ele sussurrou, e eu quis chorar de pura emoção. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo? Pisquei repetidamente, olhei para ele e sorri em assentimento, notando pelo canto de olho alguns olhares no mínimo curiosos em nossa direção. Fui olhando ao redor, bem no rosto de todos, retribuindo os olhares afáveis e os sorrisos, assim como encarando firmemente os que pareciam intrigados. Mas mantive a cabeça alta e o queixo erguido.

Talvez não fossem olhares de reprovação, apenas de curiosidade, afinal era o filho mais velho dos anfitriões chegando com uma mulher negra, de cabelos vermelhos e com tatuagens à mostra. De qualquer forma, eu não vacilei um instante, mesmo que por dentro eu estivesse com o estômago em polvorosa.

Assim que Abigail chegou perto de mim, estendeu as mãos para pegar as minhas, e me beijou na bochecha. Eu estava novamente meio sentimental, porque aquele gesto, diante de todos ali, significou muito para mim, eu controlei a respiração e sorri para ela, sentindo meus olhos úmidos, e assim como sentindo que eu deveria agradecer por ter encontrado pessoas assim na minha vida. E eu estava muito grata.

— Diana, querida, você está maravilhosa! — ela disse, efusivamente, depois que me olhou de cima a baixo.

— Você também, com toda a certeza — eu disse e era a mais absoluta verdade. Aquela mulher era uma beleza impecável e o vestido de uma cor rosa

antigo, de um ombro apenas, a deixava elegante e jovial a um só tempo. Eu podia entender porque Otávio parecia encantado ao olhar para ela falando quando nós chegamos. Eles eram um casal e tanto, na verdade.

Diego a cumprimentou com um beijo e reafirmou que ela estava ótima e fomos ao encontro do pequeno grupo, Abigail me levando pela mão, Diego logo atrás de nós. Engoli em seco ao chegar até eles, notando imediatamente o olhar firme e azul do pai de Diego em mim, bem como o silêncio súbito que tomou o grupo quando nos aproximamos. Se Otávio não estava feliz por me ver, não demonstrou, o que me fez suspirar de alívio internamente.

Diego passou um braço pela minha cintura e cumprimentou a todos, passando logo em seguida às apresentações. Eu me confortei com o calor do seu corpo ao lado do meu e recebi o olhar frio e avaliador de Rui, que estava acompanhado de uma mulher loira e magra. O outro integrante era um homem alto e magro de cabelos escuros.

— Pai, Rui, vocês já conhecem a Diana.

— Diana, seja bem-vinda. Você está muito bonita — Otávio disse, educadamente, e quando eu estendi a mão, ele a segurou com firmeza. Eu controlei o nervosismo e sorri para ele, agradecendo o elogio. Era ótimo constatar que seria assim, pensei. Ele disse que me respeitaria ainda que não confiasse em mim, e ele estar sendo agradável daquele jeito ajudava a me deixar bem melhor ali.

Voltei-me para o irmão dele e a acompanhante, já que ele tinha uma mão em volta da cintura dela.

— Olá, Diana. Tudo bem? — ele disse com aquele tom de voz elegante mas que causava um ligeiro desconforto. Minha nossa, não tinha jeito, eu peguei um ranço daquele homem sem nem conhecê-lo direito, e talvez estivesse sendo maldosa. Mas aquele jeito dele de me olhar... não era abertamente sexual, era mais como se estivesse me sondando, me escrutinando... E não de um jeito bom. Nem Otávio naquele dia no apartamento, dizendo coisas duras, tinha olhado para mim daquela forma.

— Tudo bem, é um prazer rever você — murmurei, e senti a mão de Diego agora na parte da frente da minha cintura de modo possessivo. Ele também sentia isso em relação ao tio, pensei, alarmada. Eu precisaria dizer a ele como me sentia em torno de Rui, urgentemente.

Tanto a acompanhante de Rui quanto o outro homem, que era Rodrigo, chefe do setor do RH da empresa, foram cordiais ao serem apresentados.

Passado esse momento de apresentações, a conversa voltou, e todos nós fomos servidos com bebidas e aperitivos. Diego não saía do meu lado e mesmo mantendo a conversa solta, agradável, girando em torno de temas como arte e

música, algo que Abigail parecia gostar muito, eu estava sempre sentindo o toque dele ali, sutil, gentil, confortador.

Mais tarde, Abigail me levou até algumas pessoas, *me apresentou* como a namorada de Diego e disse para alguns que eu era fotógrafa. Eu estava mais relaxada e ainda que alguns olhares para mim ainda fossem nitidamente estranhos, eu liguei o foda-se interno e continuei relativamente bem. Otávio estava sendo educado. Distante, mas educado, mas aquilo era o jeito dele e não parecia ser exatamente comigo, então eu relaxei.

O irmão dele tinha desaparecido com a loira e eu estava sendo apresentada a pessoas legais do grupo de teatro e notei que algumas meninas não eram muito diferentes de mim, inclusive eu vislumbrei várias tatoos entre as roupas mais formais que alguns do grupo estavam usando.

Em algum momento, Abigail foi chamada e eu fiquei sozinha em um canto onde antes eu estava conversando com duas das atrizes, mas elas foram também em direção ao grupo maior, e eu permaneceu lá, distraída. Diego não estava à vista, mas Otávio ainda estava parado conversando com Rodrigo.

Eu quase não senti quando a pessoa se aproximou de mim, por trás, muito próximo, mas não me tocando e eu sorri, virando-me ansiosa. Mas não era Diego, era Rui, e me senti enrijecer imediatamente. Eu estava próximo a uma coluna e por isso não o vi vindo pelo outro lado.

— Ah, olá, não vi você aí — eu disse, bebericando meu champanhe e mantendo a minha voz neutra. Não ia deixá-lo perceber como me deixava tensa. Rui ficou ao meu lado olhando para a frente, também bebendo algo.

— Tudo bem, eu estava apreciando à vista.

Eu não disse nada e me perguntei se ele estava falando exatamente de que vista. Não podia ser, puta que pariu. O que eu ia conversar com ele? Senti que ele estava olhando para mim e olhei de lado para ele de volta. Rui não tinha mais aquela expressão agradável de antes, parecia quase irritado.

— Eu soube que você, além de namorada do Diego, é mãe do filho dele. Parabéns.

Parabéns? Respirei fundo, mentalmente me preparando para o que quer que ele quisesse.

— Obrigada — eu disse em um tom interrogativo. O que mais eu podia dizer, se ele me deu os parabéns? Rui deu uma risadinha que eu considerei particularmente desagradável, olhando para o fundo do seu copo.

— É, você está mesmo de parabéns, pode acreditar. Eu tive essa impressão sobre você desde quando a vi junto com o seu filho na casa de Otávio naquele almoço.

Muito bem, era oficial. Eu não gostava daquele cara, não gostava do tom

que ele estava usando, e não gostava do olhar dele. Não havia mais o que ponderar em relação a isso.

— Meu filho e do Diego, acho que é isso que você quis dizer. — Continuei olhando para frente, rígida. — E de que impressão você está falando?

— De que você é uma moça esperta.

Senti meu sangue esquentar, mas engoli o bolo de fúria na minha garganta e olhei para ele. Não vou deixar você me intimidar babaca do caralho. Mantive a voz calma.

— E o que exatamente você quer dizer com isso? Eu apreciaria se você fosse mais claro. Eu também tive uma impressão sobre você e poderia partilhá-la agora, o que você acha?

Ele sorriu e eu estremeci.

— Bonita, esperta e audaciosa. Não surpreende que o meu sobrinho mais, como direi, impassível, tenha literalmente caído aos seus pés. Você encontrou o tipo perfeito para você, não é?

Sentia meu coração retumbar de raiva. Eu não podia acreditar que aquele idiota estava causando aquilo bem ali quando tudo estava tudo indo tão bem.

— Obrigada pelos elogios. Eu infelizmente não posso retribuí-los. A impressão que eu tive sobre você é de um homem ardiloso, superficial e covarde, já que você está aqui longe de todos, inclusive do seu sobrinho “impassível” tentando me intimidar — eu disse, lutando para não deixar a minha voz tremer de raiva.

Ele ficou uns segundos em silêncio e eu olhei em volta.

— Ora, ora, como eu disse, audaciosa. Todavia, minha cara, acho que você vai precisar de mais do que um pouco de língua ferina se o que Otávio me disse for verdade.

— Eu não sei o que ele disse a você, mas o que quer que seja, não me interessa.

— Não interessa ser acionista da empresa? Não interessa ser a mãe do herdeiro de verdade da fortuna de Otávio? Porque Marcos pode estar lá, querida, mas todos nós sabemos que o filho de ouro do meu irmão é Diego. Como eu disse, você é esperta, tenho que reconhecer.

Eu poderia jogar o restante do meu champanhe na cara dele agora. Mas o que aquilo diria sobre mim ali? E Abigail e seus convidados, e Diego? Eu poderia fazer o que aquele imbecil provavelmente achava que eu iria fazer? Que esperasse sentado, porque eu não faria.

— Como eu disse, nada disso interessa, você está perdendo seu tempo. Eu e o meu filho só estamos aqui pelo pai dele, porque nós o amamos, eu não dou a mínima para o que diabos quer que você esteja falando.

— Que emocionante. Um filho depois de anos, e todo mundo acreditam piamente que é do Diego.

— Seu... idiota, não há menor dúvida de que ele é o pai do meu filho. E o que você tem a ver com isso? Por que você não vai questionar o próprio Diego?

— Um exame de DNA que qualquer laboratório hoje em dia poderia fraudar? Essa é a sua maior cartada? Eu esperava mais de você. Não ache que aquele menino...

— Rui, não ouse abrir a porra da sua boca para falar mais uma palavra sequer sobre o meu neto, para questionar o que quer que seja sobre ele, ou para ofender Diana. — A voz gélida e poderosa chegou por trás de nós dois, e eu virei, estupefata. No rosto de Rui a mesma surpresa que havia no meu, mas pior, ele parecia verdadeiramente aterrorizado.

Otávio aproximou-se mais, seu rosto uma máscara de fúria mal contida.

— Agradeça que não foi Diego que ouviu essa conversa agora, se não certamente você iria descobrir que meu filho não tem nada de impassível.

Capítulo 40

MINHA MULHER

Diego 

— Claro, tudo bem, Varella. Seria um prazer imenso — respondi com um sorriso educado ao pedido de Edgar Varella, tentando olhar por cima da sua cabeça para localizar Diana. Eu tinha ido ao banheiro, e assim que sai, encontrei com um dos mais antigos amigos do meu pai, e para azar meu naquele momento, um dos maiores investidores e clientes da empresa. E ele queria conversar.

Na época em que eu saí da administração do setor jurídico, ele havia sido um dos mais empenhados em que eu não fizesse isso. Era um homem honrado e, a despeito da minha juventude, sempre havia me respeitado muito e levado em conta as minhas opiniões e decisões naquela época. Não raro ele me tratava como um filho, então eu não poderia simplesmente passar por ele e ignorá-lo, ainda mais quando ele estava fazendo um convite para que eu fosse a um hotel que ele tinha comprado recentemente.

— Pense mesmo, Diego. Vou esperar por você. Tenho também umas questões que queria discutir em relação aos aspectos legais da aquisição.

— Tudo bem, mas você sabe que isso é decidido agora com a equipe jurídica da Avellar, eu não tenho como formalizar um direcionamento para você em relação a isso. Você já falou com Marcos? — questionei, ajustando os meus óculos e agora definitivamente curioso para saber aonde Diana estava. Ela não era mais vista perto da minha mãe, que agora estava envolvida em uma conversa com o grupo de artistas.

— Sim, já falei. Ele me pediu para falar com o Macedo, mas você sabe, eu já estou acostumado com você, então... Se você pudesse apenas me aconselhar, seria extraoficial, não se preocupe.

Eu realmente não ouvi muito mais do que ele estava falando, então pus a mão em seu ombro, com um sorriso.

— Eu vejo isso com você sim, Varella, não tem problema. Agora, você vai me dar licença um instante porque eu preciso encontrar alguém. Foi muito bom rever você.

Ele sorriu, satisfeito, e eu pensei que depois eu lidaria com o que quer que eu tinha prometido, agora o meu foco estava em encontrar Diana.

Assim que sai de perto de Varella, ainda parei para cumprimentar rapidamente mais três conhecidos da empresa, antes de me dirigir para onde

estávamos antes que eu saísse. Eu entendia-os, claro, tinha um bom tempo que eu não participava de nada diretamente ligado a empresa ou aos negócios que eram feitos lá, e agora estava ali apenas por causa de Diana, essa era a mais pura verdade. Logo, eles estavam de certo modo surpresos em me ver ali. Um inclusive perguntou se eu estava voltando.

Rodrigo estava com a namorada de Rui, os dois calados e parecendo desconfortáveis no silêncio que os envolvia, e papai não estava mais com eles. Curioso, eu me aproximei e olhei em volta, sentindo, não sei exatamente por que, um desconforto cada vez maior.

Podia ser, no entanto, apenas o meu ciúme em pensar em Diana andando sozinha por ali. Eu precisava admitir que não estava nem um pouco satisfeito para a forma como alguns homens estava olhando para ela. E diferente do que ela podia pensar, tinha pouco a ver com ver questões puramente sociais e muito com admiração masculina. Eu sabia distinguir isso em seus olhares, mas não disse nada para ela.

Estava pensando sobre isso quando meu olhar pegou, na lateral de uma das grandes colunas do saguão, a figura de Diana, e para minha surpresa, do meu pai.

Eu já me encaminhei para lá, tentando pensar sobre o motivo de sala estar em um canto e o meu pai estar lá. Não acreditava que depois que conversamos, ele pudesse ainda estar insistindo em falar com ela sobre as suas desconfianças, ele não era assim. Que merda estava acontecendo, afinal?

— Não, Otávio, por favor, não tem necessidade disso — ouvi a voz de Diana assim que cheguei perto o suficiente, e todos os meus músculos ficaram tensos imediatamente ao ouvir o indício de tensão e quase súplica na voz dela. Mas que porra...?

— Eu não vou admitir isso, ouvi o que você disse, e não permito que você tenha a audácia de tentar ... — meu pai estava dizendo, baixo e firme, naquele tom que eu conhecia bem. Ele estava furioso. Mas parou assim que me viu, e foi o seu olhar que terminou de me deixar com os pelos da nuca em pé. Ele parecia com raiva, mas agora seu olhar também expressou um ligeiro alarme ao me ver.

Franzi a testa, tentando pegar o sentido do que ele estava dizendo ao mesmo tempo em que lentamente girei a cabeça e registrei a terceira presença ali, a de Rui, que eu não tinha visto na mesma hora pela posição em que ele estava em relação à coluna. O silêncio dos três foi revelador. Alguma merda estava acontecendo ali e não ia gostar nada de descobrir o que era, com certeza.

Mesmo com todas essas pistas, eu ainda poderia achar que era um ligeiro mal-entendido, um encontro improvável entre aqueles três em que alguém disse

algo inapropriado, mas sem grandes consequências, apenas. Mas o rosto de Diana... senti minha pulsação acelerar e a adrenalina me percorrer ao notar seus olhos sobressaltados, as mãos estendidas ao longo do corpo se estivesse tentando manter a compostura, mas o seu rosto era uma máscara de inquietude quando me viu.

Meu instinto de proteção foi às alturas imediatamente, e meu maxilar enrijeceu. Estendi a mão para ela, que veio rápido para mim, e eu a segurei e enquanto cravava o meu olhar em Rui. Não importava a porra que tinha acontecido ali, eu confiava em papai a ponto de saber que se ele prometeu para mim, ele não iria atormentar Diana, ainda mais assim, explicitamente em uma festa. Rui, por outro lado, com o rosto vermelho e os lábios apertados, me deu um bom indício do que eu precisava saber.

Diana pôs as duas mãos no meu peito e olhou para mim, claramente tentando demonstrar que não estava tão nervosa quanto parecia. Eu a conhecia melhor do que isso, agora e sabia que ela estava. Respirei fundo.

— Diego, escuta, eu vou te contar tudo, prometo, mas aqui não — ela murmurou, em um tom quase de súplica novamente, eu fechei as minhas duas mãos em punhos. Meu olhar estava agora se deslocando entre meu pai e Rui, rápido, alerta e raivoso.

— Claro, meu amor — eu disse, finalmente olhando para ela novamente e esticando meus lábios em um sorriso superficial. Passei as mãos por sua costa protetoramente e voltei a encarar o meu pai. Ele tinha posto as mãos no bolso da calça e me olhava de modo resignado. Meu tio apertou os olhos na nossa direção e passou a mão no cabelo de maneira tensa.

— Pai? — eu disse, ainda mantendo o olhar em Rui, agora. Ele balançou a cabeça como se não estivesse acreditando em algo, de modo irônico. Eu tenho que dizer que poderia ser pura implicância minha, achar que o motivo da tensão toda e da pessoa que estava sendo "audaciosa" a ponto de provocar a ira do meu pai era Rui. Mas não era.

Meu tio era dez anos mais novo que o meu pai, fruto de uma relação do meu avô com outra mulher, e sua própria relação com papai sempre tinha sido muito mais de pai e filho do que de irmãos, muito em função dessa grande diferença de idade entre eles.

Eu tinha as minhas reservas em relação a Rui, sempre tive, principalmente no que concernia ao gerenciamento de projetos da empresa, na época em que eu ainda estava lá, mas sempre o havia respeitado muito, mesmo que ele quase sempre tenha se mostrado cínico em relação a minha autoridade sobre a dele, sendo mais novo. Mas de alguma forma ele nunca havia deixado isso claro, ou me afrontado a ponto de causar um problema, e eu ignorava as

picuinhas dele para manter o bem-estar da nossa relação familiar.

Agora, eu esperava sinceramente que ele não tenha sido o causador daquela absoluta rigidez e apreensão que eu sentia em Diana, por que se fosse, ele tinha acabado de quebrar a minha postura de calma em relação a ele, e foda-se a boa relação familiar.

— Diego, houve uma certa situação em que seu tio disse o que não deveria dizer. Acho que podemos, por favor, resolver isso civilizadamente em um local mais apropriado — papai respondeu, por fim, e soltou uma respiração profunda, como se tivesse ele próprio não tão certo disso.

Se eu não estava rígido antes, agora estava. O que caralhos aquele cara tinha dito ou feito para Diana? Segurei em seu ombro e a afastei delicadamente para o meu lado.

— Seu pai está certo, Diego, vamos sair e conversar. — Diana olhou para papai como se pedisse a cooperação dele. Eu podia ver que ele estava profundamente dividido entre a raiva e o senso de preservação que era a sua marca registrada. E isso por si só me deixava agitado.

— Rui, algo a dizer? — eu questionei, baixo e lento, segurando o ombro de Diana. Ouvi quando ela disse "Diego", bem baixinho e olhou em volta como se procurasse alguém, talvez minha mãe, ou se estivesse preocupada com quem estaria olhando para nós. O que eles não estavam percebendo era que quanto mais faziam esforços para minimizar a minha reação, mais agitado eu ficava. E a raiva ia subindo em espiral pelo meu corpo.

Rui estendeu uma mão para frente.

— Eu disse o que talvez vocês não tenham se dado conta ainda, Diego. Sinto muito se isso soou desrespeitoso para ela.

Eu nem percebi que tinha ido em direção a ele até que senti o braço de papai passar na frente do meu peito, me parando. Apertei os dentes juntos, os olhos fixos nele. Alguma coisa o meu tio viu na forma como eu estava olhando para ele, por que deu um passo atrás.

— Diego, mantenha a calma. — Eu ouvi meu pai dizer, mas ignorei-o.

— O que você disse para a minha mulher, Rui? Você tem noção disso, que ela é minha mulher e a mãe do meu filho? — eu sibilei para ele, completamente irritado agora, mas ainda mantendo o controle ao ouvir a música baixa e o som das conversas e das risadas das pessoas a poucos metros de nós. Eu estava em uma festa, algo muito importante para a minha mãe, e estava lutando para lembrar disso.

— Eu já disse, apenas expressei a minha opinião.

— E quando na porra da minha vida eu alguma vez solicitei a sua opinião? Ou cedi a minha a você?

— Você estava questionando a paternidade do João Pedro, Rui, ninguém pediu a sua opinião sobre... porra — meu pai se interrompeu, olhando alarmado para mim.

— O quê? — eu murmurei, sentindo como se alguém tivesse me dado um murro no estômago. Olhei para Rui e ele também abaixou a cabeça e murmurou um palavrão. Canalha do inferno.

— Diego, o que ele acha não tem menor importância, meu amor. Vamos embora eu conto a você, não precisa ser aqui. Por favor. - Eu sentia o braço de Diana em volta do meu peito e como ela estava realmente tensa agora. Na mesma hora vi pela minha visão periférica mamãe se aproximando e parando ao lado de papai, séria, preocupada, olhando ao redor entre nós.

— O que está acontecendo aqui? Acho que estamos chamando só um pouco de atenção e eu preciso estar informada. Otávio?

— Diego... — Diana chamou mais uma vez, quase suplicando, e eu parei e olhei para o seu rosto. Ela engoliu em seco e passou a mão no meu peito, como se eu precisasse ser confortado. Ela tinha ouvido de Rui que João não era o meu filho e estava preocupada com uma cena. Por minha causa, por causa da minha mãe.

Eu sabia que Diana era combativa, tinha o sangue quente, e imaginava que ela estava agindo assim puramente por temer nos deixar em uma situação constrangedora ali, além disso, ela podia achar aquilo seria pior para ela, mesmo que não fosse. Eu não permitiria que fosse. Respirei fundo para acalmar a minha respiração.

— Quer saber? Eu estou indo embora, é o melhor a ser feito. Se vocês me dão licença — Rui disse, em um tom irritado, virou-se e saiu. Acompanhei-o com o olhar, ainda firmemente abraçado a Diana.

— Diego, o que aconteceu? — mamãe sussurrou, claramente aflita agora. Meu pai segurou-a pelos ombros e deu um suspiro frustrado na minha direção.

— Meu filho, eu disse o que ele precisava ouvir, e creio que a Diana também, ainda assim, encontre uma forma de conversar com Rui depois, não é admissível que ele aja como o cretino que ele se mostrou aqui. Eu mesmo faço questão de lidar com ele, também — meu pai disse, mais calmo agora. Eu ainda estava olhando para onde Rui tinha ido buscar a sua namorada, e depois estava saindo pela entrada lateral do estacionamento do hotel.

Ouvi Diana suspirar de alívio, e mamãe levar a mão a boca.

— O que Rui estava dizendo, Otávio? Não acredito que ele estava ofendendo a Diana. Você está bem? — ela disse, voltando-se para Diana, e eu contei até cinco mentalmente.

— Abigail, houve uma conversa tensa entre nós, sim. Seu cunhado disse

coisas que... — ela mordeu o lábio, então levantou a cabeça e tentou parecer forte — eu considero ofensivas, mas já passou, eu mesma não ouvi calada o que ele tinha a dizer, pode ter certeza. Foi uma situação chata, mas eu estou bem, sim.

Eu olhei para ela, tão forte, mas eu sabia que ela um pouco trêmula, podia sentir nos seus dedos na minha camisa, no meu peito, como se ainda estivesse me segurando de alguma forma. Papai olhava para Diana de maneira concentrada, os olhos franzidos, atentos, observando a nós dois como se estivesse vendo-nos e ao mesmo tempo estivesse pedido em pensamentos.

Minha mãe assentiu.

— Você estava aqui, amor? Ouviu o que ele disse?

Papai soltou uma longa respiração.

— Eu ouvi tudo, sim — ele confirmou, mas olhava para Diana. Roci meus lábios em sua têmpora e contei até vinte, agora.

— Mãe, você pode levar a Diana para beber uma água? Vou conversar com o meu pai — pedi, no tom mais calmo que eu consegui encontrar. Diana me encarou, ansiosa, e eu segurei seu rosto. — Vá, está tudo bem. Só vou conversar aqui com o meu pai e já encontro você.

Ela assentiu com a cabeça rapidamente, e isso também me incomodou. Diana não era assim. Soltei seu rosto para ela não sentir a verdadeira avalanche de raiva que estava me consumindo. Quando ela e mamãe se afastaram alguns passos, eu cruzei os meus braços e encarei papai.

— Quero saber o que o Rui disse. Agora.

— Diego, você precisa se acalmar, você sabe como Rui é um idiota às vezes. Eu...

— Se você não me disser agora, eu vou sair atrás dele e arrancar cada palavra que ele disse. Sendo meu tio ou não, e você sabe que eu vou — eu disse, ajeitando os meus óculos, sem deixar de encarar o meu pai. Ele suspirou.

— Não estou acobertando-o, espero que você saiba, eu nunca faria isso. Eu mesmo já tinha dito algo a ele antes de você chegar. Só estou tentando evitar um problema maior apelando para o seu bom senso. Pelo menos por enquanto.

Eu fiz menção de sair e ele me segurou pelo punho da camisa, firme.

— Ele estava pondo em dúvida o fato de que João é seu filho.

Fechei os olhos e depois voltei a abri-los, lentamente. Eu imaginava. Quando toda aquela situação veio à tona, eu sabia que aquilo podia acontecer, que a família, que pessoas de modo geral podiam questionar a paternidade do meu filho, por isso tinha feito questão de fazer o DNA.

Esperei esse questionamento do meu próprio pai, por exemplo, ou dos meus irmãos. Eles não conheciam Diana, era plausível que achassem que

estavam me protegendo questionando-a assim. Mas não Rui, com a própria história da mãe dele, aquele escroto, e não depois que a questão da paternidade já estava devidamente resolvida. Ele não tinha o menor e o mais ínfimo motivo para abordar Diana e questionar sobre isso. Eu estava absolutamente puto.

— Apenas isso? — questionei. Papai pareceu ficar em questionamento consigo mesmo, me observando como se mensurasse a minha reação, então, balançou a cabeça como se estivesse resignado.

— Eu vi quando o Rui veio ao encontro de Diana. Na verdade, pela manhã eu tinha conversado com ele, adiantado que nós teríamos algumas mudanças em relação ao Conselho novamente, e o que você estava propondo. Claro que eu contei a ele a história toda, mas mantive o cuidado em relação a qualquer coisa sobre Diana, Diego, você sabe como eu ajo e não é assim — ele começou, e eu concordei — Não imaginava que Rui pudesse se achar no direito de vir abordá-la dessa forma.

— De que forma? Me diga. Diana vai me dizer, de qualquer forma, e acredite, eu prefiro ouvir agora de você porque se eu ouvir dela, eu não tenho certeza de como agirei em relação a ele — esclareci, cada segundo mais furioso.

Papai fez um gesto de quem entendia.

— Ele insinuou que ela poderia ter falsificado o teste de DNA de João, além de que Rui foi...na verdade ele foi ofensivo com Diana, desrespeitoso, cretino, e se fosse a minha mulher, eu teria socado a cara dele.

Assenti calmamente, absorvendo a informação.

— Diga a Diana que eu fui ao banheiro.

E virei-me para sair.



Quando eu cheguei ao estacionamento, respirando pesadamente e olhando em volta de modo ansioso, o sentimento de arrependimento por ter deixado Rui escapar lá de dentro estava martelando em mim. Havia apenas uma pequena possibilidade de ele ainda estar lá, pensei, andando na direção em que o tinha visto sair. Eu sentia o sangue pulsar como louco e mantinha os dentes travados.

Para minha sorte, eu avistei Rui parado alguns metros à frente, junto com a namorada loira, discutindo de modo acalorado. Dane-se, minha educação e discrição tinham me abandonado minutos atrás e eu fui ao encontro deles, pouco

me importando em estar interrompendo.

— Mas eu vi como você estava olhando, e depois foi atrás dela, por quê? — a moça estava dizendo, irritada, e eu parei a poucos passos de ambos, tentando entender se ela estava falando de Diana. Ele estava olhando para ela? De que modo ele estava olhando para ela? Tinha que ser depois que eu saí, ou eu perceberia.

— Não seja idiota, eu apenas fui conversar com ela.

— Você passou a tarde inteira falando dela, Rui. E agora chega aqui e... — a moça revidou, com voz magoada, e então me viu. Eu cruzei os braços e me aproximei mais dois passos. Não precisava mais de confirmação de que ela estava falando de Diana, seus olhos horrorizados me disseram tudo. Muito provavelmente ela achava que eu estava ali por causa disso.

Rui virou, me viu, e praguejou alto.

— Eu pensei ter deixado claro que me excedi em relação a maneira como falei com Diana — ele disse, como se soasse cansado. Eu me aproximei mais ainda mais, devagar.

— Não, você não deixou claro, e também não me explicou nada. Eu gostaria de saber de você, diretamente, se você tem algum problema com ela, com o meu filho, com as minhas decisões em relação a eles. Diga pra mim, tio, agora.

Ele apertou os lábios e virou-se para a namorada.

— Sara, você poderia por favor me esperar no carro? — ele pediu, e ela rapidamente saiu pisando duro. Assim que ela se afastou o suficiente, ele voltou-se para mim — Diego, nós sempre tivemos uma relação amistosa, não acredito que você está seriamente disposto a se indispor comigo por conta disso.

— Eu não sei ainda se vou me indispor com você, estou no aguardo que você repita para mim exatamente o que disse para Diana agora há pouco lá dentro. - eu estava agora há dois passos dele — Se algo nela te incomoda, diga para mim. Seja homem.

Rui franziu os olhos, mas me encarou como se estivesse realmente surpreso com o que eu tinha dito.

— Entenda, eu não sei exatamente o que ela disse a você, mas saiba que...

— Ela ainda não me disse nada, mas com certeza dirá. Você prefere que eu volte lá e ouça dela, e depois procure você, ou você vai me dizer aqui e agora o que quero saber?

Ele ficou me encarando seriamente, então deu uma espécie de sorriso que eu sempre tinha achado irritante. Rapidamente eu tive uma recordação de que Teo nunca havia gostado dele, nem quando era mais novo e nem hoje, mas

sempre ele havia guardado relativamente bem sua opinião em função do nosso parentesco.

— Isso é inacreditável, você me parece um homem enfeitiçado, Diego.

— Ouça, Rui, eu realmente não estou com a menor paciência para o seu joguinho de palavras, nunca tive e você sabe disso. Diana ainda não me disse o que porra você foi fazer ao se aproximar dela, papai quem ouviu tudo e me contou. Estou esperando ouvir de você mesmo, aqui na minha cara, que eu não sou o pai de João, ou do que exatamente você está acusando Diana. — pedi, pausadamente, apesar da raiva que me queimava. Notei pelo canto do olho um dos manobristas se aproximando de nós, mas eu lhe dei um olhar firme, ele fez um sinal e se afastou novamente.

Rui olhou para o lado, sem me encarar, mas mantinha a expressão de incredulidade. Finalmente voltou-se e cruzou os braços.

— Eu posso realmente ter errado em abordá-la daquela forma, mas você precisa aceitar que tudo isso é muito estranho. Otávio me disse a história toda e eu apenas estou sendo protetor em relação a nossa família, Diego, por favor, você é o meu sobrinho mais velho, como você espera que eu aja em relação a isso?

— Foi isso que você foi fazer? Zelar pela minha segurança, pelos bens da nossa família? Pelos meus sentimentos?

— Sim, eu sou...

— Você é o filho de uma mulher que não era a esposa do seu pai, isso que você é, seu hipócrita do caralho, e nunca, durante todos esses anos, você ouviu a porra de uma única palavra de quem quer que fosse da nossa família sobre isso. Alguma vez eu falei com você sobre esse assunto?

— São situações completamente diferentes, e você está me ofendendo, Diego.

— Eu estou te ofendendo? Ótimo, é a minha intenção mesmo. Por que você acha que tem o direito de abordar a mãe do meu filho, por que ele é meu filho, não que isso interesse pra você, e questionar ela sobre seu caráter?

— Eu só dei a minha opinião.

— As únicas opiniões sobre isso que contam de verdade para mim eu já tenho, você entendeu? Dispensou a sua.

Ele estava praticamente bufando, e nessa hora eu vi papai se aproximar. Ah, porra, não. Preferia que ele não estivesse ali.

— Rapazes, por favor — papai disse, estendendo as mãos e olhando para mim de maneira preocupada.

— Você ouviu o que o seu filho está dizendo *pra* mim, Otávio?

Papai não disse nada, mas vi que ele não estava me julgando. E mesmo

se tivesse, nada ficaria no meu caminho para proteger ao meu filho e à Diana. Rui percebeu que não teria apoio vindo dali e continuou:

— Em todos esses anos, eu nunca fui questionado sobre a minha mãe porque isso nunca esteve ligado a quem eu sou ou ao que faço na empresa — ele murmurou, com raiva. Maravilha. Preferia lidar com a raiva do que com o deboche.

— Não, engano seu. Você nunca foi questionado por que isso não é da conta de ninguém, não tem a menor importância, o seu caráter tem, a forma como você age tem, mas não quem a sua mãe foi ou deixou de ser. Então por que, repito, você acha que tem o caralho do direito de se dirigir a minha mulher e dizer que o meu filho não é meu? — aproximei o meu rosto do dele — Você está ciente do absurdo que isso é?

— Tudo bem, eu posso ter exagerado. Eu só estava testando-a, sinto muito se isso ofendeu a você, ou a ela. Posso pedir desculpas.

— Fodam-se as suas desculpas. Diana não precisa ser testada, muito menos por você. Eu alguma vez já testei as mulheres com quem você anda? Já sequer pedi que você me apresentasse qualquer uma delas?

— Eu nunca tentei inserir qualquer uma dessas mulheres que eu ando na empresa da família. Nem as transformei em acionistas!

Eu olhei para ele como se o estivesse vendo pela primeira vez. Aquele cara era asqueroso demais. E era meu tio, puta merda.

— Para o seu governo, o acionista será o meu filho, e ela a representante legal dele. E se antes eu estava relutante em assumir a minha vaga no Conselho, agora saiba que eu estarei voltando para lá na segunda feira bem cedo. Vamos discutir melhor isso em uma mesa de reunião — grunhi *pra* ele, e vi quando papai me olhou surpreso. E talvez satisfeito, também. - Mas posso te adiantar uma coisa Rui, muito em breve Diana não vai ser só a mãe do meu filho, vai ser legalmente a minha esposa, se ela aceitar, e talvez você terá que encontrar muito mais com ela daqui por diante. Ou não, vamos ver. Um conselho: mantenha-se longe dela, eu fui bem claro?

O silêncio que se seguiu era quase denso. Até que Rui soltou um suspiro audível.

— Otávio tem a mesma opinião que eu — ele afirmou, e voltou a sorrir, olhando pra papai — Você vai permitir que ele faça o que quer fazer?

Meu pai olhava para Rui friamente, em silêncio, até que resolveu se manifestar.

— Em nenhum momento eu disse a você a minha opinião pessoal sobre a Diana, Rui, falamos de negócios, você resolveu tirar as suas conclusões e abordá-la de modo desrespeitoso. Mas já que você trouxe a questão à tona, tudo

bem. - ele me olhou, depois retomou ao irmão — Eu tenho os meus próprios meios de julgar o caráter das pessoas, e já fiz isso com Diana. Posso garantir que não foi ela que demonstrou para mim essa noite ter uma enorme falha de caráter.

Como eu sabia o peso que a opinião do meu pai tinha pra ele, vi quando o semblante de Rui despencou, isso o afetou mais do que qualquer coisa que eu tenha dito para ele até então. Mas logo ele sorriu de maneira sarcástica.

— Vocês estão loucos, ambos. Não posso acreditar que estão aqui me agredindo por causa de uma mulher que Diego nem parece conhecer direito.

— Presta bem atenção no que você vai dizer — sugeri, com um tom baixo e prudente. Ele ignorou a minha sugestão.

— Você não vê que ela está enganando você, Diego? Claramente essa moça é esperta o suficiente para saber que você não está acostumado a lidar com mulheres como ela. Veja a forma como ela se comporta, ela nunca vai se adequar ao que você é, ao nosso meio, só eu estou vendo isso aqui?

Deixei que ele falasse, e apertei as minhas mãos em punhos. Novamente contei até dez, mentalmente. Ele era o irmão do meu pai, tentei mentalizar. Mas ele não estava se calando. Não, ele estava continuando.

— Isso é tão nítido, desde a primeira vez que a vi, a forma como ela se veste, como sorri, toda aquela... aquele jeito atrevido dela, essa moça não está de modo algum aos seus pés. Ela parece muito...

Senti o sangue martelar na minha têmpora e olhei fixamente para ele. Papai deve ter percebido algo na forma como eu fiquei imóvel e pegou no braço de Rui.

— Faça o favor de calar a sua boca, seu imbecil — ele resmungou. Talvez foi isso que ele disse, eu não ouvi direito.

— Muito...? — incitei-o, baixinho, e tirei os meus óculos e guardei no bolso da camisa.

— Diego ... Porra, cala a boca, Rui.

— De um tipo de mulher baixa que... — ele finalmente se calou, não por iniciativa própria, devo ressaltar, mas por que enfiei o meu punho fechado em um lugar entre a sua boca e o nariz, com força, e ao mesmo tempo em que ouvi um som nauseante de algo partindo no rosto dele, ouvi o barulho do corpo de Rui batendo no carro quando ele foi lançado para trás sob o impacto do meu soco. A moça dentro do carro saiu na mesma hora, olhando para nós de olhos arregalados, mas não se aproximou. Eu tinha esquecido dela ali, puta que pariu.

Na mesma hora senti a dor nos meus dedos e sacudi a mão devagar. Socar alguém doía pra caralho, mas fiquei contente em saber que devia estar doendo muito mais nele. Fiquei lá parado, ofegante, o sangue zunindo nos meus ouvidos, dentes cerrados, pés afastados, olhando para Rui se levantar, devagar.

Ouvi papai dizer um palavrão.

— Eu tentei te avisar — papai disse, passando a mão nos cabelos em sinal de exasperação, antes de ficar entre nós dois, o olhar agitado. Eu me mantive atento, olhando para Rui, que estava agora olhando para a mão que tinha levado ao rosto, um pouco de sangue escorrendo do nariz e o lábio imediatamente inchado.

Não senti um pingo de remorso por ter socado o irmão do meu pai. A minha raiva era tamanha que eu estava pedindo internamente que ele revidasse, que viesse pra cima de mim, ou que pelo menos voltasse a dizer algo sobre Diana. Um mísero comentário que fosse sobre a cor do esmalte dela. Mas Rui apenas passou os dedos no maxilar, como se testando, e olhou *pra* mim, nem um pingo de ímpeto de vir na minha direção.

— Muito bem, eu entendi o recado — foi o que ele disse, ajustando a gola da camisa, o sangue ainda escorrendo do nariz. Eu me aproximei só o suficiente para que ele não perdesse uma palavra minha.

— Nunca mais, nunca mais na sua vida, ouse insultar a minha mulher, Rui. Entendeu? — praticamente rosnei.

— Já chega, Diego, por favor. Vamos lá — papai pediu, eu olhei uma última vez para ele lá parado, e sem dizer nada, eu os deixei.



Passei as mãos nos meus cabelos e ajeitei a minha camisa, olhando em volta para encontrar Diana e mamãe. Logo avistei-as perto de uma das portas laterais, ambas parecendo aflitas quando me viram. Assim que as alcancei, mamãe segurou meu rosto com as duas mãos.

— Filho, está tudo bem? Seu pai nos disse que você foi conversar com Rui.

Dei um beijo em seu cabelo e olhei para Diana por cima da cabeça de mamãe. Ela tinha uma expressão igualmente preocupada, mas parecia firme. Mergulhei no olhar dela, e ficamos assim, até que mamãe segurou meus ombros e eu voltei a olhar para ela.

— Está tudo ótimo, mãe. Não se preocupe. Foi só uma conversa — disse, e pus a mãos no bolso. A porra da minha mão estava latejando um pouco, mas não era nada absurdo. Mamãe suspirou de alívio.

— Ótimo, eu achei que você fosse bater no Rui. Mas não se preocupe, eu

não disse isso a Diana — ela sussurrou. Eu não pude deixar de sorrir e ela arregalou os olhos.

— Ah meu Deus, você bateu nele não foi? E o seu pai?

— Diego, você brigou com o seu tio? — Diana aproximou-se mais, preocupada, e eu abri o braço e a puxei *pra* mim, envolvendo seus ombros e beijando a sua testa, mantendo ambas em meus braços.

— Não foi uma briga, como eu disse, foi só uma conversa. O soco foi só uma curva fora da reta.

Ouvi quando mamãe gemeu, escondendo o rosto no meu peito, e Diana se encolheu junto a mim, levando os dedos à testa. Olhei para ela e sua tensão era palpável. Estava mais do que na hora daquela noite terminar, decidi.

— Mãe, o papai já está voltando, só aguarde por ele aqui, por favor. Eu vou levar a Diana *pra* casa, tudo bem?

— Claro, filho, leve-a. Só com muito custo eu consegui fazer com que ela não fosse atrás de você. Vão *pra* casa, sim.

Elas se despediram e eu levei Diana pela mão, saindo do hotel. Ainda sentia a adrenalina me percorrer, e aquela noite estava se encerrando para aquela festa, mas eu tinha certeza que ela ia se prolongar um pouco mais para nós dois.

Quando chegamos ao carro, Diana virou-se para mim, muito séria.

— Eu sinto muito, Diego. Sei que não sou culpada por seu tio ser um idiota, eu mesma tive vontade de socar ele, se pudesse, mas... não me sinto bem sabendo que essa situação toda terminou nisso. Você está machucado? — ela murmurou, franzindo as sobrancelhas, e tentando pegar a minha mão. Eu fiquei apenas olhando para ela, por uns segundos, em silêncio, então usei os dedos para traçar delicadamente o contorno do seu lábio inferior, depois o seu maxilar, e ela fechou os olhos.

— Eu estou bem. Vamos *pra* casa.

Capítulo 41

O DESTINO, POR EXEMPLO

Diego 

— Vem aqui, Diego, deixa eu pôr um pouco de gelo nessa mão — Diana disse, decidida, assim que fechamos a porta atrás de nós. Eu abri os punhos da minha camisa e comecei a subi-la pelos meus antebraços enquanto ia atrás dela. Não porque estivesse morrendo de dor, mas porque gostei bastante da maneira que ela tinha entrado naquele modo todo preocupado, delicado, maternal, que me encantava tanto como o modo em que ela estava toda brava e cuspiendo fogo por qualquer coisa. As juntas dos meus dedos estavam só levemente avermelhadas, mas a dor não incomodava mais. Saber que agora Rui devia estar com uma dor muito maior me confortava bastante, tenho que admitir.

Eu esperei o remorso vir, mas ele não surgiu, apenas uma sensação de exasperação profunda por ter saído mais cedo e talvez ter tolhido Diana de realizar alguns contatos promissores para ela. E a raiva, essa ainda estava na espreita, pela lembrança do que Rui tinha começado dizer sobre Diana. De todo modo, eu gostava bastante da ideia de tê-la pondo gelo em mim, cuidando de mim. Eu estava quente e ia precisar do gelo, por hora, mas depois eu precisaria dela de outras maneiras nada frias.

Diana foi diretamente para a cozinha e procurou uma bolsa de gelo, enquanto eu me recostava na ilha e a assistia. Era impressionante como aquela noite tinha sido uma espécie de divisor de águas para mim, como um sinal luminoso de alguma coisa que eu estava percebendo, observando pela minha visão periférica mas até então não estava realmente vendo. Agora tinha a minha completa atenção.

Diana voltou com a bolsa, ainda com uma expressão incômoda no rosto, preocupada. Eu estava com as mãos nos bolsos e os tornozelos cruzados, e ela parou a minha frente, uma expressão curiosa.

— Você não quer que eu ponha o gelo?

Perceber que alguém, de alguma forma, pudesse machucá-la, *me fazia* perder todas os minuciosos e bem conduzidos passos de controle que eu sempre mantive a vida inteira. Nem mesmo estava tão surpreso quanto eu achei que estaria por de alguma forma ter sido violento com alguém. O irmão do meu pai, puta merda. Mas quando lembrava, ele ainda merecia...

— Sim, mas realmente não precisa.

Ela fez um bufo e revirou os olhos, resmungando “homens”, antes de pegar no meu pulso e puxar do bolso da minha calça. Sorri lentamente e a deixei examinar os meus dedos. Ela estava muito próxima, eu podia sentir seu cheiro invadindo minhas narinas e o calor do seu corpo naquele vestido branco que tinha me deixado ligado desde que saímos de casa.

Eu tentava controlar ao máximo a sensação de posse que me invadia quando a via assim, linda, toda elegante e deliciosa, a vontade de querer afastar o olhar de qualquer outro homem sobre ela era incômoda demais, brigava com a minha racionalidade e bom senso.

A quem eu queria enganar? Eu queria afastar o olhar cobiçoso de qualquer outro homem mesmo se Diana estivesse usando trapos. Tinha sentido isso a noite inteira e as palavras da namorada de Rui ainda estavam martelando na minha mente: de que maneira exatamente ele estivera focado em Diana? Bom, de onde saiu aquele soco tinha mais, se fosse esse o caso. Além de outras soluções mais civilizadas, claro.

Ela pôs a bolsa de gelo sobre as juntas avermelhadas e eu só franzi a testa. Acho que talvez eu tenha realmente acertado forte demais e o nariz de Rui estivesse quebrado. Assim eu esperava.

— Que merda isso tudo. Ainda estou puta de raiva daquele babaca, uma noite maravilhosa e ele acha de ferrar tudo — ela resmungou, concentrada, então olhou *pra* cima e fez uma pequena careta. — Você acreditaria se eu dissesse que lamento e que sinto muito pela cara do seu tio?

Eu sorri, porque não conseguia parar de admirar cada pequena coisa que ela fazia, cada sorriso espontâneo e coisas minúsculas, aparentemente irrelevantes, que ela estava agora compartilhando e ficando mais à vontade para fazer comigo. Diana sempre fora assim, ou também a maternidade tinha, de algum modo, muito a ver com aquilo?

Usei a minha mão livre e passei por sua cintura, puxando-a para mais perto de mim.

— Não, eu não acreditaria em você.

— Graças a Deus, porque eu não lamento. — Ela torceu o lábio, divertida, um pouco da tensão escapando do seu corpo, então ficou mais séria novamente, se apoiando em mim, mas ainda mantendo a bolsa sobre os nós dos meus dedos. — Mas falando sério, Diego. Eu não queria que você tivesse que fazer algo assim, muito menos na companhia dos seus pais, ou que de alguma forma a festa da sua mãe tivesse essa tensão toda.

— Nem pense em sentir-se responsável por isso. Você não pode culpar-se pelas atitudes grosseiras do meu tio, e nem pelas minhas decisões, ok? — eu pedi, muito sério. Diana fez que sim, mas eu podia ver no olhar dela aquilo a

estava consumindo. Em um ímpeto, virei-me, segurei-a pela cintura e a pus sentada sobre a ilha.

Surpresa, ela me encarou.

— Promete que não vai lidar com isso como se você fosse a culpada?

— Certo, eu disse a você que não me sentia culpada.

— Sim, mas pelo que percebo, Diana, você diz uma coisa para as pessoas, e lida com outra completamente diferente, mais difícil e complexa para si própria — eu rebati e aguardei a sua reação ao que eu tinha dito. Diana mordeu um pouco o canto da boca, desviou os olhos, depois voltou a me encarar, e ainda assim não disse nada, permaneceu me observando com atenção. — Então, eu vou perguntar a você porque eu quero ouvi-la, não porque eu precise ser convencido do que o Rui disse.

— Nem passou pela minha cabeça não dizer isso a você, entende? Não é algo que eu pudesse simplesmente sei lá, esconder, por que eu não diria? Mas você já socou o cara, sua mãe me disse que o seu pai contou tudo a você. — Seu olhar me sondou e eu me pus entre os seus joelhos, deixando a bolsa de gelo de lado, esquecida. Suas pernas não poderiam se abrir muito por causa do modelo ajustado do vestido.

— Mas eu quero ouvir de você — teimei, aquela merda martelando o meu juízo. Ela tinha percebido o que eu achava que tinha acontecido? *Me contaria* se percebesse? Ou aquilo tudo era apenas o meu ciúme em mais uma de suas facetas?

Diana deu de ombros.

— Tudo bem.

— Como ele se aproximou de você? De uma forma que você achou estranha? Ele disse algo insinuante? — questionei, firme, olhando diretamente em seus olhos. Diana piscou, talvez surpresa com a minha primeira pergunta. Ou eu tinha acertado no alvo. Ela pareceu pensar um pouco, o que já me deu a entender que a resposta era que eu achava que era, e aquilo acendeu novamente uma chama de irritação profunda em mim.

— Vamos ser bem prudentes aqui, ok, Diego? Você já sabe que seu tio não é um cara legal, ele insinuou claramente que eu poderia ter falsificado o exame de DNA, o que causou zero preocupação em mim, já que foi você mesmo e o Breno que realizou todo o processo. Ele deixou claríssimo que acha que sou uma “moça esperta”, que estou enganando e manipulando você e voltei para roubar todo o seu dinheiro, enfim... — Diana pareceu respirar fundo. — Quer saber, Diego, na hora isso me abalou e enfureceu, mas agora estou me lixando para o que seu tio pensa. Ele não vai me amedrontar.

— Eu nunca permitiria — murmurei. Estendi a mão e mexi no cabelo

dela, ouvindo enquanto Diana estava falando. Eu estava puto com Rui, mas aquela posição, ali sentada com as pernas meio abertas, estava aos poucos se infiltrando na minha linha de concentração. E me deixando com raiva ao imaginar que Rui poderia ter aquele tipo de pensamento sobre Diana.

— Diego, ele disse algo sobre ações. Que ações?

Eu suspirei. Não tinha falado nada daquilo não porque não confiasse nela, mas porque ainda não tinha começado a organizar tudo. Mas segunda-feira, como eu disse, isso ia começar a mudar.

— Apenas logística. Eu ainda não iniciei isso, mas quero começar uns investimentos em nome de João desde agora, e um deles é na própria empresa, a partir de ações. Você também é legalmente responsável por ele, vê aonde isso vai dar?

Diana ficou subitamente mais rígida, seu olhar buscando o meu e fazendo conexões do que eu tinha acabado de dizer. Ela balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não. Não faz isso, Diego.

— Calma, como eu disse, é logística pura, eu mesmo vou administrar tudo, e Marcos vai gerir os planos *pra* mim na empresa, já que eu não pretendo abandonar a minha carreira, só vou voltar para o Conselho e ser mais ativo lá, principalmente agora. É um detalhe, Diana, você é a mãe dele, isso não me incomoda, por que deveria incomodar mais alguém? Ou você prefere que eu não faça o que tenha que fazer por meu filho para agradar terceiros? — questionei, suavemente.

— Não, claro que não, eu entendo, só... não queria esse tipo de holofote sobre mim, para quem já não confia no meu caráter é um prato cheio. Mas tudo bem, se é pelo nosso filho... — Ela pareceu lembrar de algo... — Então esse é o motivo da discussão maior com o seu pai, não é?

Se eu queria sinceridade, não poderia dar outra coisa a ela, pensei.

— Sim. No início ele não gostou dessa ideia, nem um pouco. O meu pai pode ser uma pessoa difícil, eu sei disso, mas ele é acima de tudo uma pessoa justa. E ele não é um problema, principalmente depois de hoje, acredito. Na verdade, Diana, ninguém vai ser um problema, eu vou me certificar disso. Tudo bem?

Ela deu um pequeno sorriso.

— Então vamos esquecer isso? Esta noite toda?

Sim, nós iríamos, depois que ela me dissesse um detalhe muito pequeno.

— Rui deu em cima de você? É isso que eu estou perguntando.

Ela também levou a mão aos cabelos e me ajudou a desmontar o coque, analisando a questão? Era impressão minha ou estava relutante em dizer aquilo?

Fiquei tenso, aguardando.

— Não, ele só foi um merda mesmo.

Estreitei o meu olhar e ela também. Então seus cabelos caíram de uma forma completamente erótica *pra* mim, em seus ombros e nas nossas mãos juntas, e ela ofegou e fechou os olhos quando eu movi minha mão e segurei seu pescoço de modo firme para que ela olhasse para mim.

— Tive essa impressão, por isso quero saber.

— Pois esqueça-o, Diego. Só lide com o que tem que lidar e faça o que tem que fazer, mas ignore-o. Como seu pai disse, ele mesmo disse poucas e boas a ele por causa de João e eu também revidei. — Diana veio para frente e esfregou delicadamente o nariz no meu. — *Me faz esquecer tudo isso do jeito que só você sabe como.*

Usei meus dedos para continuar acariciando o seu pescoço e então a beijei. A princípio, foi um beijo como eu não tinha experimentado antes com ela, intenso mas de um jeito calmo, nossos lábios buscando um ao outro sem pressa, nossas línguas se tocando e buscando uma à outra de maneira lenta. Levamos o nosso tempo nos provando, saboreando, nos tocando.

Eu já estava quase totalmente entre as pernas de Diana agora, pois enquanto a beijava lentamente, fui subindo seu vestido pelas coxas e a puxei mais para a frente na bancada. Ela estava quase toda apoiada em mim. Ouvi seu gemido quase doloroso quando eu deixei uma trilha de beijos e pequenas mordidas entre seu ombro, pescoço e orelha, e aspirei o cheiro do seu cabelo.

O momento calmaria passou e eu fiquei frenético ao alcançar a parte de dentro da sua coxa. Diana estava toda aberta agora, meus quadris envolvidos em torno de suas coxas, os cabelos soltos e a respiração acelerada. Meu pau estava impossivelmente duro agora, e quando eu toquei o tecido delicado da sua calcinha, voltei e procurei seus lábios.

Sôfregos agora, nossas bocas estavam uma na outra, ansiosas. Havia lambidas e mordidas nos lábios. Chupei sua língua e ela gemeu na minha boca. Diana puxou meus cabelos e choramingou quando eu invadi sua boca com a minha língua e na mesma hora afastei as bordas da sua calcinha para o lado e enfiei dois dedos nela. Eu estava agora definitivamente louco. E faminto por ela.

— Eu vou fazer. Você vai lembrar de mim, só de mim — prometi, e busquei o fecho do vestido atrás, abrindo-o totalmente. Sorte que eu tinha passado um tempo olhando para esse vestido mais cedo. Desci-o e então seus seios estavam nus diante de mim.

Olhando em seus olhos, segurei-os em ambas as mãos, sentindo o peso e a maciez de ambos, e depois inclinei-me e chupei forte um mamilo, adorando o sabor da sua carne na minha língua, e o som que Diana fez me dizendo que era

como ela gostava.

Ela apoiou-se nas mãos e ficou me observando repetir o processo no outro seio que eu lambi, suguei e brinquei com a minha língua sobre o piercing. Adorei-os com lábios e língua, então puxei-a de uma vez, peguei-a pela bunda e a fiz cruzar as pernas na minha cintura. Diana riu, escondendo o rosto no meu pescoço, depois passou a morder o lóbulo da minha orelha, *me provocando*. Era melhor continuarmos isso no quarto, decidi, eu não queria que Marta aparecesse para beber uma água e tivesse um show.

Quando cheguei ao quarto com Diana ainda segura em mim, seu vestido era um amontoado na cintura, seu cabelo era uma bagunça sexy e ela já tinha sido rápida o suficiente para que a minha camisa estivesse toda aberta no meu peito agora. Perfeito.

Ainda beijando-a, a pus sobre a cama e Diana foi tentar tirar os saltos.

— Deixe-os! — ordenei e na mesma hora movi-me para puxar o seu vestido e a calcinha pelas suas pernas, lentamente. Ela estava toda nua agora, meio sentada e meio deitada, apoiada sob os cotovelos. Meus olhos moveram-se para a sua boceta, com tipo de depilação nova, notei, um risquinho sensual, diferente da forma quase toda lisa que ela costumava manter. Lambi os lábios e quando levantei o olhar, ela sorria.

Diana apenas me observava, atenta, enquanto eu fiquei parado na sua frente, e puxei o meu cinto da calça, devagar. Mas em vez de descartá-lo, encolhi, depois estiquei as duas partes juntas e puxei, rápido. O couro estalou, o barulho ecoando no quarto silencioso. Sem camisa e com o cinto na mão, cheguei mais perto. Diana sentou.

— Você vai o quê, *me bater* com esse cinto? — ela murmurou, uma sobrancelha erguida em diversão. Usei o polegar para levantar seu rosto, ainda sério.

— Não, mas eu vou te amarrar, vendar e depois te foder.

Ela respirou profundamente e continuou me observando quando eu fui na direção do meu closet. Eu tinha uma variedade de objetos interessantes e Diana tinha sido apresentada a alguns na última semana, principalmente depois da nossa experiência com o sexo anal, como os plugs, por exemplo, que costumávamos usar enquanto eu a penetrava pela frente.

Claro que naquela noite ela não me deixou chegar perto da sua bunda novamente quando o efeito do gelzinho que tirava um pouco a sensibilidade passou. Mas logo ela voltou a apreciar nossas atividades ali, e o plug ajudou bastante com a adaptação. O que eu podia fazer? Eu era um cara de sorte. Para minha completa satisfação, Diana era ansiosa por novidades e não tinha muito receio em experimentar coisas diferentes.

Quando voltei, trazendo o que precisava, ela continuava no mesmo lugar, as pernas cruzadas agora.

— Você confia em mim? — perguntei, pegando uma das caixinhas que eu tinha posto ao lado dela.

— Achei que não precisava mais responder a isso. Você sabe que sim.

Minha resposta foi tirar o adereço da caixinha preta. Segurei-os pela corrente e mostrei a ela. Eu sentia minha ereção cada vez maior pressionar a minha calça, e a forma como Diana olhou para os prendedores de mamilos deixou o meu pau duro quase se contorcendo. Ela esticou a mão e raspou uma unha pelo meu peito e abdômen, para baixo, lentamente.

— Eu uso um piercing no mamilo, Diego. Acha que prendedores me assustam? — ela disse com desdém divertido. Eu fui para a próxima caixa que ela já sabia o que era e Diana abriu a boca, depois engoliu em seco, mas sua expressão não era de medo, era tesão puro, e me incendiou como só ela sabia fazer. — Ao mesmo tempo, é isso? Nossa.

— Estenda as mãos — foi o que eu respondi e ela estendeu as duas mãos juntas, os pulsos encostados um no outro. Aquela faceta submissa incendiava o meu sangue de uma maneira inexplicável, ou talvez fosse o fato de que Diana fazia aquilo conscientemente que me deixava louco de tesão. Ela não era nada submissa, mas para o meu prazer, e o prazer dela, encarnava aquilo exatamente da forma que eu queria.

Apenas peguei o cinto, e sem perder o contato visual, preendi em volta dos pulsos de Diana, adaptando as voltas, afivelando depois. Eu poderia usar uma alga, mas a ideia de tê-la presa ao meu próprio cinto era mais crua, *me deixava* fascinado. A imagem dela presa ao cinto que usara a noite toda era realmente surreal de tão erótica, mas tinha mais, e eu precisava manter o controle, pensei, inclinando-me para pegar os prendedores de mamilos.

— *Me diga* se está tudo bem, ok? Levante um pouco as mãos acima da cabeça — pedi, e praticamente gemi ao prender o primeiro grampo em torno do seu mamilo. Caralho. Diana soltou um gemido sexy, um lamento que indicava que ela estava sentindo dor, mas que estava lidando bem com aquilo. O som foi diretamente na minha corrente sanguínea. Observando bem seu rosto para pegar suas reações, preendi delicadamente o outro em torno do mamilo com o piercing, e ela fechou os olhos e soltou baixinho uma série de palavrões que me excitaram ainda mais. Diana definitivamente gostava da dor. Como eu disse, perfeita.

Ela estava agora presa pelos pulsos, com dois pequenos grampos em torno dos mamilos, uma correntinha prateada que unia-os passando pelos seios dela. Tomado por sentimentos iguais de fome e luxúria, cada vez mais excitado, mas ainda mantendo o controle que exercitei por anos, peguei a gravata que

trouxe e a girei nas mãos. Não precisei dizer nada, Diana fechou os olhos e eu a usei em volta dos seus olhos, vendando-a.

Sua respiração tinha acelerado audivelmente e eu podia apostar que ela estava molhada, ansiosa para que eu tocasse de verdade nela, mas continuava quieta, silenciosa, aguardando minhas ações. Agora que ela não podia ver, eu me aproximei mais e peguei um punhado da parte de trás de seu cabelo, puxando-o, e me curvei para falar mais perto dela. Quase pude sentir o arrepio de antecipação que passou por sua pele quando minha respiração tocou sua orelha e pescoço.

— Apenas confie em mim — sussurrei, e depois mordi e lambi seu pescoço até deixá-la trêmula, e então, devagar, para não assustá-la, peguei-a pela cintura e virei-a, pondo Diana em uma posição em que ela estava de quatro para mim sobre a cama.

Meu batimento cardíaco acelerou ainda mais com a visão dela vendada, presa pelos pulsos, sua bunda a minha disposição, a visão da boceta úmida me provocando além do limite. Mais uma vez, a ideia de usar algo impessoal não me animou tanto quanto aquilo estava fazendo agora, e a imagem de Diana amarrada com objetos pessoais meus era mais erótico e potente que qualquer outra que eu já havia visto antes. Perfurou meu cérebro intoxicado de desejo e ficou retida nas minhas pupilas, eu tinha certeza.

Curvei-me e lambi-a em toda a extensão, mordendo um pouco as bochechas da sua bunda e depois voltando para prová-la, chupar seu clitóris, degustar aquela umidade levemente salgada que me deixava ensandecido. Quando tive Diana gemendo e quase implorando, *me inclinei* sobre suas costas para alcançar seus seios e com cuidado, apertei o pequeno e quase imperceptível botão que havia em cada um dos prendedores. A pulsação começou.

— Ah, meu... ah... — Diana não esperava por isso e se sobressaltou, quase engasgando em seu gemido, quando com certeza passou a sentir as vibrações dos pequenos grampos nos bicos sensíveis dos seus seios. Ela meneou a cabeça e agarrou os lençóis, enquanto eu voltava a lambê-la de forma alucinada.

Abria a minha calça, segurando meu pau enquanto fazia isso, bombeando-o devagar, se eu fosse com mais força, com certeza acabaria antes de terminar. A adrenalina da noite toda parecia ainda estar correndo pelo meu sangue, sendo revertida em tesão selvagem. Com meu peito rugindo, dei a primeira palmada em sua bunda, bombeando meu pau com mais firmeza em meu punho. Diana se contorceu, empinou a bunda, gemeu, xingou. Sim, eu adorava sua boca suja.

Voltei para enfiar a minha língua o mais profundamente que eu conseguia

em sua boceta. Mordi sua carne de leve. Depois nova palmada. Os prendedores vibrando em seus mamilos. Mais palmas rápidas, gemidos e palavrões baixos, rascantes.

Eu sabia que ela não duraria muito mais, então peguei o plug anal cônico, umedeci-o com o lubrificante, não que fosse necessário a julgar por como ela estava molhada da sua própria excitação e da minha saliva, e passei bem devagar por seu ânus. Ela se contraiu só por um segundo, imaginando o que era, e depois abriu mais as pernas, oferecendo-se, e eu quase podia ouvir a pulsação desenfreada do meu sangue, meu olhar fixo na base vermelha e brilhante do objeto enquanto a ponta ia deslizando, invadindo. Cerrei a mandíbula ao ouvir seu gemido sem fôlego.

— Ah, Diego, por favor... — Diana choramingou enquanto eu empurrava o plug brilhante e ele ia sumindo no corpo de Diana, ajustando-se, acomodando-se. Eu queria o meu pau ali, mas por enquanto, eu queria fodê-la com aquele maldito objeto onde eu podia vê-lo enquanto devorava sua boceta. Ela rebojava agora, quase alucinada.

— Por favor o quê?

— Não aguento... por favor.

Diana esticou-se e abriu-se ainda mais. Os pulsos presos acima da cabeça, as pernas mais abertas para mim. Era quase como estar transe, notei, sentindo minhas bolas endurecerem mais ainda. Quando o plug entrou totalmente e apenas a base de um vermelho brilhante ficou lá, presa ao corpo dela quase como um adorno, Diana gemeu longamente, eu pensei que pudesse gozar na minha mão. Não ia aguentar mais, precisava estar dentro dela. Era como uma droga.

E então, para minha surpresa, Diana antecipou um desejo que estava me atormentando e que eu mesmo externaria em segundos, já que eu nem mesmo peguei um preservativo. De algum modo, ela estava conectada ao meu pensamento ali.

— Eu não quero uma camisinha, Diego, quero sentir você gozar dentro de mim — ela suplicou, e eu não pensei nem por um segundo já que pensar era absolutamente superestimado naquele momento. Segurei-me pela base e deslizei em torno da sua entrada quase masoquistamente, como se não estivesse muito sobrecarregado de furor sexual e desejo de afundar nela de uma vez. E então, foi o que fiz, com um grunhido quase primitivo, *me afundei* em Diana, longa e duramente.

Não havia nada delicado e macio na forma como invadi seu corpo. Profundamente enterrado nela, extasiado com a sensação da sua boceta nua em volta de mim, como um punho úmido, *me inclinei* e segurei em seus cabelos,

enrolando em volta da minha mão e fazendo-a curvar o pescoço. A perfeição: vendada, amarrada, domada e preenchida. Dor e prazer pulsando em cada poro. Segurei com firmeza sua bunda, afundando meu dedos, e posso talvez deixá-la dolorida ali, e com a outra mão em seu cabelo, intensifiquei as estocadas, aumentei o ritmo duramente, os sons do nosso sexo selvagem ecoando em meus tímpanos, os gemidos frenéticos e arrebatados de Diana me consumindo.

Não podia ser lento, não agora. Depois. Dentes apertados, deslizei meu pau completamente para fora, gemi ao vê-lo todo molhado ao mesmo tempo em que sentia o ar sendo expulso do meu peito de forma entrecortada. Depois arremeti novamente.

Senti que Diana murmurava, gemia, os lençóis na cama desfeitos enquanto ela os puxava.

— Totalmente minha. — Dei uma palmada e ela disse que ia gozar quase sem voz. Fu mais rápido, implacável, profundo em seu calor escorregadio, eu próprio me segurando agora, deixando seus cabelos e passando o braço por sua cintura, uma camada fina de suor impregnando nossos corpos. E quando Diana começou a se desfazer em seu orgasmo, *me apertando*, arfando, eu puxei o plug o mais devagar que eu podia, quase alucinado, e ela pareceu pulsar ainda mais em torno do meu pau, quase gritando em seus gemidos entrecortados, e eu também explodi, duramente, um rosnado alto na minha garganta enquanto eu me sentia drenar todo dentro dela. Meu pau pulsou, vibrando com o estremecimento da sua boceta em torno dele, como se ela me sugasse, e eu gozei profunda e enlouquecidamente dentro dela, *me esvaziando* sem nenhuma barreira, enchendo-a da forma mais primitiva e possessiva que havia. — Total e completamente minha, meu amor, *pra sempre*.

Diana 

O almoço e as bebidas com as meninas foi realmente um divisor de águas para mim. Eu gostei, *me soltei* um pouco, vi que realmente podia expandir o meu círculo de amizades com elas. Ouvi, falei e deixei escapar pequenas coisas sobre mim, mas não muito. Não enquanto Diego não conversasse com a irmã.

Eu estava em uma linha tênue entre me soltar mais com Malu, Alice, Stella e Iza, e deixar que as coisas se esclarecessem sobre mim e Diego antes, para poder dizer mais e ser mais clara com elas. Eu não podia simplesmente responder algo como “ah, a propósito, eu já moro com Diego e o meu filho é dele, não é legal isso?”, para mulheres que eu tinha visto uma, duas vezes na

vida. Então eu fui comedida, mas adorei cada momento com elas.

Malu, linda, apaixonada e grávida, era um encanto, assim como sua amiga Stella, que era engraçada e doce. Mas talvez o título de doçura fosse mesmo para a baixinha Alice, tão romântica, mas firme e bêbada de champanhe, eu ri, e provavelmente não apenas a pessoa que fazia um “bico” no apartamento de Marcos. Ali havia uma história interessante, e eu vibrei de verdade por ela também.

Mas eu me surpreendi, de verdade em relação a Iza. A irmã de Diego era uma mistura perfeita de doçura e sensualidade, e eu tinha uma ligeira impressão de que o homem pelo qual ela estava esperando — se é que ela esperaria muito mais, mas eu esperava que sim, sinceramente — seria deixado louco em muito pouco tempo.

E outra impressão, só *pra* deixar claro: esse homem era Ricardo, e por tudo que eu sabia agora, eu previa uma confusão dos diabos se aproximando, conhecendo como eu conhecia agora Otávio, Marcos e o próprio Diego. Ela ia precisar de cada grama daquela resolução firme em ser independente que ela estava mostrando ali para lidar com todos esses homens. Testosterona demais para lidar, isso sim.

Iza, no entanto, tinha praticamente 21 anos, faria em breve, e a despeito de tudo, Diego, por exemplo, não podia dizer muita coisa sobre Ricardo com uma mulher de 20 anos, faça-me o favor, quem ele pensava que era? Ele podia ter todos as razões do mundo para ser contra qualquer coisa ali, mas a diferença de idade, o fato de Iza ser muito mais nova que Ricardo não ia colar. Ele que viesse com aquele papo *pra* cima de mim.

A tarde acabou com uma visita na casa de Teo e Malu, onde eu esperei Diego me buscar. O interessante, de verdade, era que Teo havia chegado à conclusão óbvia que eu era a pessoa com quem Diego tinha se envolvido anos atrás, e pelas “diretas” dele, o homem também sabia que João era nosso filho. O que ele era, um detetive, meu Deus?

Quando Diego chegou e nós fomos embora, eu ainda tinha um sorriso em meu rosto da risada de Teo, e Diego me olhou de esguelha.

— Teo tem umas tiradas engraçadas, mas não lembro que seja tanto assim — ele disse depois de uns segundos que ele estava dirigindo. Olhei *pra* ele, descansando minha cabeça no encosto macio do banco.

— Teo está com uma Malu muito grávida, Diego, por favor. Mas se quer saber, ele apenas chegou à conclusão que eu sou a aluna que você levou *pra* cama e que vivia se atrasando para as aulas. Não acredito que você reclamou disso para ele. — Eu ri, leve, relaxada, olhando para o seu perfil. Ele continuou concentrado, mas sorriu.

— Claro que sim, você me deixava louco com aquilo. Na verdade, eu não posso pensar em nada que você fazia, ou ainda faz, que não me deixe assim.

— Eu te deixava louco? Ah, Diego, você deixava todo mundo louco, isso sim. Mas a mim, mais do que qualquer um pelo jeito.

Ele me olhou de lado rapidamente e sorrimos um para o outro. Suspirei. Eu tinha planos para hoje quando viéssemos do aniversário da pequena filha do amigo de Diego. Planos que envolviam ser o que eu sempre pensei que fosse, mas que nem sempre fui: corajosa.

Se eu fui em todo o resto, nunca fui muito para assumir meus sentimentos. Mas isso tinha mudado. Meus planos envolviam abrir o meu coração, ou como eu disse uma vez para James, pular do penhasco sem paraquedas e apreciar cada segundo de uma queda louca que me fazia feliz, que me deixava completa. Era necessidade primitiva, absurda, que pressionava meus botões como nunca. Nunca. E essa necessidade atendia pelo nome de Diego.

Eu estava completa e perdidamente apaixonada por ele, e eu seria uma idiota se não dissesse exatamente isso, se não o deixasse saber. Eu sentia no fundo da minha alma que precisava falar, que precisava me desvendar o mais completamente possível para ele.

Hoje pela manhã, quando acordamos juntos depois do sexo mais alucinante da minha vida inteira, em que ele me dominou completamente e me levou a nível absurdo de prazer, eu me convenci mais ainda de todas as formas, que Diego era tudo que eu queria e precisava. Ele trouxe o meu café na cama e um buquê de rosas vermelhas e foi isso que encontrei quando acordei. Enquanto eu estava ali, olhando para ele, sentada, ainda nua inalando o cheiro magnífico das flores, o olhar de Diego me disse tudo que eu precisava saber.

Na mesma hora João entrou correndo e se jogou sobre os ombros de Diego, pendurado como um macaquinho. Era aquilo que eu queria para o resto da minha vida.



O aniversário de Pétala, a pequena filha de Sidney e Thainá, seria na própria área de festas do condomínio em que eles moravam. Acompanhada de João e de Diego, cheguei relativamente cedo, e ainda na garagem ele me ajudou com os materiais, o tripé e a câmera que eu usaria, e eu estava ridiculamente feliz que ele estava aqui comigo enquanto eu trabalhava, ao mesmo tempo em

que estava levemente apreensiva por ter que rever algumas pessoas do Ministério Público, já que quando estive lá, as poucas com quem convivi sabiam que eu era assistente de Edu, mas não que era a mãe de um filho de Diego. Mas era isso, era o que eu lidaria com ele, e tinha que estar preparada.

E por falar nesses dois, uma parte importante da minha alegria hoje, além de estar aqui com meu filho e Diego, era que eles também estariam lá. Graças aos céus, tudo estava funcionando muito bem para eles e quando eu falei com James pelo telefone, ele me garantiu que estaria lá para fofocarmos sobre os gatos da festa. Até que ele riu e fingiu lembrar que nós dois estávamos “com nossas bundas bem amarradas, obrigada, de nada”, e não íamos mais fazer isso. Não na frente deles, ele riu.

Mesmo sabendo que eu ia literalmente trabalhar, tratei de ser impecável na produção. Usei um macacão todo preto, sem mangas, de corte reto e pernas mais amplas, com um decote em V discreto o suficiente para uma festa infantil, saltos plataforma e brincos discretos com o meu inseparável colar de esmeralda.

Assim que chegamos, fomos levados pelo pessoal do *buffet* para a nossa mesa e realmente não havia muitos convidados ainda. O lugar era enorme e estava sensacional com uma decoração primorosa de uma das princesas da Disney, eu tinha quase certeza de que era uma das duas do filme Frozen. Quase. Porque eu era muito boa em animações como Carros, Tomas e Seus Amigos, Toy Story e etc, as princesas mais recentes me escapavam um pouco, tenho que admitir.

Antes que pudéssemos chegar ao nosso lugar, Thainá veio sorridente em nossa direção com uma Pétala que estava completando 3 anos, simplesmente linda em um vestido azul com uma saia enorme. Sidney estava ao seu lado, e era realmente a primeira vez que eu o via. Ele tinha os cabelos pretos e curtos, e era mais baixo que Diego, enquanto Thainá era curvilínea e morena, ambos elegantes e sofisticados e com sorrisos iguais de satisfação nos rostos. Eu imaginava que de alívio também, depois que aquilo tudo em volta estava efetivamente pronto e a festa estava começando.

Eles nos cumprimentaram efusivamente, e as apresentações só foram necessárias entre mim e o dono da festa, que trabalhava mais próximo a Diego e eu não conhecia, então logo fomos nos acomodar para que eles pudessem cumprimentar um outro casal que estava chegando com um menino mais ou menos da idade de João.

O casal parecia também caminhar na nossa direção, ou para alguma mesa próxima. O homem era alto, magro, e trazia pela mão o menino muito parecido com ele próprio. Mas foi na mulher bonita, baixa, com um vestido azul elegante, de cabelos claros e longos que minha atenção se fixou. Eu franzi a testa e por um

instante tive a nítida impressão que conhecia aquela mulher.

Putá merda, impressão nenhuma, eu não esqueceria aquele rosto, aquele sorriso por nada dessa vida. Os cabelos estavam mais claros agora, mas eu a conhecia, sim, não pessoalmente, apenas vi seu sorriso largo enquanto ela olhava embevecida para Diego há seis anos, em uma foto na internet.

Mas a confirmação veio quando ela nos viu, seus olhos nos percorrendo, suas feições demonstrando surpresa e reconhecimento. O homem ao lado dela, que eu supunha ser seu marido, sorriu afavelmente na direção de Diego e ainda que não estivessem sido colocados ao nosso lado, estavam agora definitivamente vindo para nós.

— Hugo. — Diego levantou-se, preparando-se para cumprimentá-lo enquanto eu pensava que a vida tinha suas estranhas e enigmáticas coincidências. Eu não acreditava em destino, mas quem sabia de verdade, não era? E o nome que Diego disse a seguir foi toda a prova que eu precisava: eu nunca esqueci aquele nome. — Camila. Que bom ver vocês aqui.

Camila Deschamps.

O homem, Hugo, e Diego, trocaram apertos de mãos e abraços. Eu olhei para Diego em calma expectativa e ele pegou a mão que Camila estendia e a beijou no rosto, de modo educado.

— Nossa, que bom mesmo te ver aqui, Diego, tenho a impressão de que não nos víamos há décadas — Camila disse, e seu olhar imediatamente veio para mim, depois para João.

— Diego, que maravilha, quanto tempo, não? Encontrei o Breno outro dia e ele me disse que tinha acabado de estar com você — Hugo disse.

— Sim, estivemos mesmo resolvendo uns assuntos nas últimas semanas. — Diego se virou na minha direção e estendeu a mão, eu já estava levantando mesmo e trazendo João comigo. Mais do que nunca, a minha vida e as minhas ações seriam diferentes. Aquele dia, então, minhas resoluções eram todas naquele sentido. — Diana, venha, quero que você conheça uns amigos. Hugo, essa é Diana, minha namorada, e esse é o João Pedro, meu filho. Diana, Hugo é um velho amigo da faculdade de Direito.

Se ele estava surpreso por ser apresentado a um menino daquela idade como filho de Diego, Hugo não demonstrou nem um pouco. Discretamente, ele pegou a minha mão, e como Diego havia feito, me beijou no rosto, sorriu e falou com João. Então eu me virei para Camila.

— Diana, essa é a Camila, esposa de Hugo e uma amiga de longa data. Camila, conheça minha namorada e meu filho — Diego disse, uma mão ao redor da minha cintura. Ela tocou no ombro de João com delicadeza e sorriu, abaixando-se um pouco.

— Diego, ele é a sua cara! Que fofura. Prazer em conhecê-lo, João. Que tal depois dar um passeio por aí com Kaike e brincar um pouco? — ela sugeriu, com uma piscada, e João olhou para o menino e fez um aceno discreto com a cabeça. Então ela esticou-se novamente e olhou diretamente para mim, uma sobrancelha arqueada. — E você, Diana, que bom que nos conhecemos pessoalmente, você é linda, realmente, como eu já tinha visto. É um prazer.

Ela estendeu a mão, que eu peguei. Espera. Pessoalmente? Que merda era aquela? Eu a conhecia de fotografia, mas o que ela sabia sobre mim? Olhei para Diego imediatamente e ele olhava para Camila de modo tão curioso quanto eu tinha olhado.

— Camila, é um prazer conhecer você. Sinto muito, mas não lembro de onde fomos apresentadas, desculpe — eu disse, assim que trocamos beijos no rosto. Ela deu uma pequena risada: era alegre e parecia divertida.

— Eu vi você recentemente em uma foto ao lado de Diego. Mas vamos sentar, temos a noite toda para falar sobre isso, não é?

Sim. Agora eu já não estava tão certa assim sobre probabilidades aleatórias na vida, se eram coincidências fortuitas e inesperadas, ou se aqueles dados estavam sendo jogados por algo como o destino, por exemplo.

Capítulo 42

PORQUE... EU TE AMO

Diana 

A primeira coisa que eu pensei foi em arrastar a Camila para um canto e dizer algo como "você vai me explicar essa história agora. De onde você me conhece e de que foto você está falando?". Tenho que admitir que agora, enquanto ajustava as lentes de minha câmera depois de tê-las trocado, que uma parte bem pequena de mim ainda queria fazer isso.

Mas eu não fiz. E não fiz por dois motivos simples, práticos e que me pareceram bem racionais na hora: o primeiro era que eu tinha um trabalho a fazer, um para o qual estava sendo paga, eu tinha uma responsabilidade séria, como registrar os momentos importantes, felizes, daquela festa cujos pais da aniversariante estavam contando comigo para isso. Meus anseios pessoais teriam que esperar um pouco.

O segundo, e mais importante para mim, era que o que quer que Camila fosse dizer em relação a ter me visto em uma foto, não iria alterar um milímetro das minhas decisões em relação a minha vida com Diego. Ela tinha me visto em uma foto com ele? — eu até sabia qual, aquela no dia do lançamento da marca de roupas íntimas masculinas. Tive a impressão de que alguém tinha tirado uma foto nossa ali, mas isso acabou passando e eu esqueci. — Tudo bem, eu esperava ter saído bem na foto, no mínimo.

Então, o que ela poderia dizer para me fazer sair desesperada puxando-a para um canto? Eu estava explodindo de curiosidade, mas na hora sorri para ela, disse que claro, sim, conversaríamos depois e fomos de volta para a nossa mesa enquanto eles iam para outra não muito longe de nós.

Na hora, Diego ficou me olhando, atenciosamente, enquanto eu cruzava as pernas e olhava de volta para ele.

— Eu não faço ideia do que ela está falando, só *pra* você saber — ele informou por fim, como se quisesse me acalmar ou algo do tipo. Eu quase sorri, mas me mantive séria, ajeitando agora a gola da camisa polo de João antes que ele se afastasse um pouco para brincar com outras duas crianças da mesa à nossa frente. Foquei minha atenção em Diego.

— Tudo bem, eu sei do que ela está falando. Como você ouviu, depois ela me conta essa história melhor.

Ele balançou a cabeça em descrença.

— Que coisa mais surreal, eu mesmo não vejo a Camila há anos, apesar de encontrar muito com o Hugo. E então ela aparece e vocês simplesmente vão conversar? Vocês nem se conhecem. Eu juro que quando eu estou prestes a entender um pouco de como a cabeça de vocês funcionam, vem algo assim e elimina minhas esperanças.

Eu me inclinei e fiz a mesma coisa que tinha acabado de fazer com João na gola da camisa azul social dele, nossos rostos bem próximos.

— Vocês quem? — inquiri, mas sabia do que ele estava falando.

— Mulheres — ele resmungou. Eu dei uma passadinha com a minha unha bem naquele furinho delicioso que ele tinha no queixo e sorri.

— Talvez porque você esteja se sobrecarregando tentando entender as mulheres, quando só precisa fazer isso com uma, entendeu?

Ele segurou a minha mão e deu um beijo de leve, segurando meu olhar.

— acredite, foi só um modo de falar. Você sozinha já dá trabalho o suficiente.

Dessa vez eu ri, e dei uma espiada para a mesa onde a ex-namorada de Diego estava. Camila tinha o filho no colo e lançava um olhar muito apaixonado para o homem ao seu lado, que disse algo e ambos riram, relaxados. Aquela imagem também me deu a dica de que eu tinha mais a ganhar me mantendo como eu estava — tranquila, com Diego ao meu lado e nosso filho conosco, do que dando uma de insegura crônica mendigando por informação que ela disse que daria.

— Você lembra dela, não é? — Virei-me ao som da sua voz. Diego deu uma olhada para os amigos e depois voltou a me encarar. — Da sua ideia louca de que eu estava noivo da Camila porque alguém resolveu publicar isso em algum lugar?

— Sim, lembrei assim que a vi.

Ele ficou sondando o meu rosto, os olhos apertados por trás dos óculos. Eu me curvei para beijá-lo muito devagar.

— No que você acredita, Diego? — perguntei, muito de repente. Ele fez que não entendeu e eu continuei — Na vida, na forma como as coisas acontecem. Sobre a nossa história, por exemplo. No que você acredita?

Ele ficou concentrado, o olhar preso ao meu, então deu de ombros.

— Escolhas. Decisões. Um conjunto de elementos aleatórios que podem se combinar das mais diversas formas para criar fatos, situações etc. Probabilidades. — Eu imaginava aquilo e mordi o canto do lábio, pensativa, encarando-o e pensando sobre o que ele tinha dito. — Porque você acredita em coisas como "estava escrito" e destino? Nunca imaginei que você pudesse acreditar em algo assim.

Diego era, antes de tudo, um cético, um intelectual, um homem que se baseava na racionalidade da explicação das coisas, claro que ele diria algo assim.

— Não, eu também sempre acreditei nisso: você toma as suas decisões, faz as suas escolhas, e as coisas vão apenas acontecendo sem que nada esteja no controle desse caos. Só um infinito jogo de combinações e resultados aleatórios. — Suspirei, e olhei em volta. — Mas às vezes acontecem umas coisas que te fazem pensar se não há mais lá do que só os dados frios jogados na mesa, sabe? Não sei. Eu já te contei que a minha mãe encontrou com um amor da época da adolescência depois de anos em relacionamentos que não davam em nada? Um cara que ela tinha largado para ficar com o meu pai porque engravidou?

— Não, mas eu sei mesmo assim — ele disse me olhando muito sério, intensamente, como se estivesse me avaliando. Ele vinha fazendo muito isso nos últimos dias. Tinha feito isso quando me disse que eu afirmava não me sentir culpada, mas internamente trabalhava com a culpa. Deixava-a me consumir como se ela não estivesse lá, mas ela estava. E ele estava certo.

Diego tinha me contado um dia desses que pediu a um amigo detetive que pudesse descobrir tudo sobre mim e a minha família logo que soube que eu tinha ido embora, seis anos atrás. Foi assim que ele soube sobre o ex-namorado agressor de mamãe e moveu uns pauzinhos para que esse investigador ficasse de olho e logo ele estava na cadeia novamente. Claro que ele sabia de tudo.

— Pois é. Só me peguei pensando sobre essas coisas de ontem para hoje.

Ele estendeu a mão e tocou meu rosto, e eu virei e deposei um beijo em sua palma.

Agora, eu estava retomando os meus registros fotográficos e me afastei um pouco para caminhar ao redor enquanto Diego estava conversando com um casal que eu imaginava fossem do trabalho dele, um pouco mais à frente. Edu e James estavam acabando de entrar, lindos e relaxados. Discretos, caminhavam um ao lado do outro, cumprimentando as pessoas, eu notei, e me peguei pensando o que Sidney sabia sobre Edu, ou em que pé estava isso no trabalho dele.

Eu já tinha percorrido um longo caminho ao redor da festa, captando momentos, risos, brincadeiras, quando James aproximou-se, as mãos nos bolsos da calça. Edu estava parado mais ao longe, conversando com Diego.

— Ora se não é a minha Red. Você está um arraso, cada vez que eu te vejo está melhor. — Ele me beijou no rosto e abraçou e eu retribui, sorrindo. Ele se afastou um pouco, mas cochichou no meu ouvido. — Melhor refrear meu ímpeto, Sr. D está aqui e nem todo mundo sabe que nós não curtimos as mesmas coisas, né? Podem achar que estou dando em cima de você na cara do homem.

Rindo, eu me afastei um pouco e fiz uma foto dele pelo puro prazer de

fazer isso. Ia mandar para Edu, decidi.

— A culpa é sua que não tem "baque" para a maioria das pessoas, porque *pra* mim é evidente, claro. — Sorri para ele, notando seu rosto bonito, a expressão calma e alegre. — Vocês estão realmente bem, não é? Dá *pra* ver.

Ele revirou os olhos, mas sorriu.

— Estamos bem, se você considerar que agora eu tenho que pôr freios no bonitão ali. Mas de modo geral, estamos bem, sim. Pensando em irmos a São Paulo um final de semana desses matar a saudade do meu velho e da sua mãe. — Ele sorriu, feliz e eu não poderia estar mais feliz por ele também. James olhou para frente e um sorriso malicioso se espalhou por seu rosto. — E você e o gostosão ali?

— Estamos bem também. Mas acho que pode melhorar ainda, estou empenhada nisso.

James e eu ficamos nos encarando um pouco, em silêncio, até que ele sorriu bem lentamente e encostou a cabeça na lateral da minha.

— Abra seu coração, amiga. É libertador.

— Eu imagino que sim. E vou fazer exatamente isso.

— Graças a Deus! Por falar nisso, ele sabe que está explodindo todos os ovários em um raio de cinco quilômetros com João no colo daquele jeito, não sabe?

Meus olhos foram para onde Diego estava sentado em uma conversa com Edu, tendo João sentado em uma das suas pernas. Eu senti meu coração inchar de amor e quando ele sorriu abertamente de algo que Edu disse, eu me vi sorrindo junto.

—Eu nem tenho ovários e estou sentindo umas explosões aqui perto, você está? — James suspirou, aquele olhar zombador para a minha expressão olhando para os meus meninos.

— São os meus, pode apostar.

Nós rimos e eu descansei a câmera. Engatamos uma conversa e logo eu contei a ele as novidades da última semana, com foco na história com Rui. James quase deu um pulinho quando eu contei que Diego deu um soco em Rui e disse que se sentia muito feliz por ter se livrado de sentir o peso da mão de Diego quando esse ainda achava que ele fosse hétero e que tinha "muita intimidade" comigo.

Foi bom saber que James concordou comigo quando eu disse que tinha tido sim, a impressão que Rui estava dando em cima de mim ao dizer que estava "apreciando a vista", e a forma como ele disse que eu era bonita também me incomodou. Mas eu não ia fazer disso um problema maior para Diego, a não ser que isso concretamente se transformasse em algo sério. Mas não iria.

Nós falamos por mais um tempo e eu falei com ele sobre a possibilidade cada vez mais maior de que eu deixasse a boate nos próximos dias, o ritmo estava intenso e eu não estava conseguindo dar conta das noites inteiras na boate e mais os pedidos de sessões de fotos aumentando cada vez mais. Inclusive, antes que saíssemos de casa, Abigail me ligou para saber se estava tudo bem e me disse que naquela semana queria marcar algo para conversarmos sobre um possível trabalho. Eu estava animada.

Notei que Camila estava vindo na nossa direção lentamente, bebericando algo. O seu filho estava agora próximo de João, os dois envolvidos em algum tipo de conversa que meninos daquela idade poderiam manter enquanto Diego, Hugo e Edu, próximos, conversavam entre si.

— Lembra dela? — perguntei, baixinho, já que ela estava longe o suficiente ainda.

— Hummm, não... eu deveria lembrar?

— Acho que não, mas a nossa conversa agora vai ser interessante. Lembra da foto da suposta noiva quando eu descobri que estava grávida de Diego?

— Sim, mas você já sabe que ela não era. Então, essa é... puta merda. Quer que eu fique por perto? O Diego sabe que...

— Fica tranquilo, está tudo bem. Depois eu conto tudo a você.

Ela estava a poucos passos agora e James ainda me lançou um olhar teimoso, mas me deu um beijo no rosto e se afastou, ainda lançando uns olhares para trás. Eu sorri *pra* ele e Camila estava agora ao meu lado, um ligeiro sorriso no rosto. Ela era uma mulher muito bonita e parecia que foram colegas de classe, eu deduzi que ela tinha a mesma idade de Diego, apesar de aparentar bem menos.

— Eu o vi chegando com o Edu, que cara bonito, não? — Ela apontou com o queixo na direção de James que agora se aproximava de onde os homens estavam reunidos.

— Ele é sim, e o melhor: bonito por dentro e por fora.

— Não sabia que você já conhecia o Edu, olha que coincidência.

Eu lancei-lhe um olhar de lado, mas ela parecia apenas curiosa, puxando conversa. Quebrando o gelo, talvez?

— Eu já conhecia o James, na verdade, que conhecia o Edu... e por aí vai.

Camila sorriu e bebeu outro gole do que quer que estivesse tomando. Eu aguardei. Quem tinha algo a falar era ela, afinal. Respirei profundamente, ambas envolvida naquele silêncio repentino e cheio de expectativas.

— Eu fui apaixonada por Diego por anos, sabe?

Minha nossa ela sabia mesmo começar uma conversa da melhor forma possível, pensei, ficando imediatamente mais rígida, mas ainda assim não me movi sequer para olhar para ela. Continuamos olhando ambas para a frente, na direção dos homens, eu tinha certeza. Aquilo não era de todo uma surpresa, então eu cruzei meus braços e toquei o meu cordão instintivamente.

— Eu não espero que você responda a isso, Diana, é meio retórico, além de que, obviamente, eu não sou mais, claro. Hugo é meu amor, minha vida. E Kaike também. — Eu pude sentir o sorriso na sua voz. — Só estou dizendo porque é intrigante como nossas vidas voltam a se conectar novamente.

Eu me virei e a encarei.

— Eu não tinha consciência de que nossas vidas algum dia tenham se conectado de alguma forma, a não ser pelo fato de que você já foi apaixonada pelo homem que eu sou apaixonada hoje — eu disse a ela, e desejei ter a porra de uma bebida.

Camila sorriu como se me avaliasse, e agora nós estávamos uma de frente para a outra.

— É bom ouvir isso. Muito bom. Claro que na época eu queria que você sumisse do mapa e não podia imaginar que um dia você estaria com Diego novamente.

Estreitei meus olhos para ela, verdadeiramente curiosa agora. Pensava que apenas eu sabia da existência dela seis anos atrás, mas ao que parecia, ela sabia da minha também. Como? Diego havia falado sobre mim?

— Você sabia sobre o que aconteceu entre nós anos atrás. — Não era uma pergunta.

— Ah, eu tive que saber, meio que arrancar dele na época e Diego é um cara difícil quando não quer se abrir sobre algo. — Sua voz continuava leve, mas eu senti aquela agulhada fria dos ciúmes me perfurando. Aquela mulher esteve por tanto tempo na vida dele, estudou com ele, esteve na sua cama, conhecia-o bem. Eu me mantinha firme, conscientemente de quem eu era agora e do que queria, mas não dava *pra* evitar aquele gosto amargo na boca de estar ali falando sobre ele com uma mulher que tinha convivido tanto, tocado, beijado, argh. Inferno.

— Eu sei, mas ele não é mais tão fechado assim — observei, com voz macia. — Pelo menos não com todo mundo.

Observando melhor, agora parecia que os quatro homens estavam olhando para nós, e então disfarçadamente voltaram a conversar.

— É, ele mudou sim. Já o ouvi rir mais agora do que em todo o tempo que o conheci. Você quer saber como eu sabia sobre você agora ou prefere que eu conte como soube de você antes?

— Agora, estou focada no agora, então me diga primeiro a história dessa foto minha que você viu com Diego.

Camila encostou o copo na testa e sorriu.

— É muito curioso, na verdade. Mas vamos lá. Um amigo meu, George, é fotógrafo há anos, estava trabalhando em um evento de alguma marca masculina de roupas semanas atrás. Ele conhecia Diego, claro, e quando viu vocês dois queria fazer um tipo de brincadeira, fotografou você para me enviar e perguntar se eu lembrava dele. Ele tirou uma foto de vocês juntos, um de frente para o outro, bem perto da entrada do hotel.

Eu sorri comigo mesma. Passar anos fotografando as pessoas silenciosamente parecia dar aquele tipo de "sensor de aranha" então.

— É o mesmo amigo que você pediu que tirasse uma foto de você e Diego há seis anos, e a nota informava que vocês estavam noivos? — questionei com cuidado. Agora eu a tinha surpreendido. Camila me olhou com uma mistura de surpresa e vergonha no rosto, e fez uma leve careta.

— Bom, parece que você tem umas cartas na manga também.

— Eu sempre tenho — assegurei.

— Tenho que confessar que estou mortificada, não sabia que você sabia sobre isso, Diana. Mas fazer o quê? A gente faz coisas impensadas que hoje soam ridículas, como estratégias para tentar conseguir o que parece nos escapar das mãos. — Ela suspirou. — E sim, foi o George mesmo. Ele fez a foto e eu falei com um amigo na época, que pôs a legenda como se fosse um mal-entendido, eu não corrigi. Enfim, foi um erro.

— Tudo bem, eu entendo muito de erros, acredite.

Ela me olhou como se estivesse me sondando, intrigada.

— Como eu disse, George mandou a foto para mim e eu vi você com ele. Não posso negar, fiquei curiosa porque nunca mais tinha visto o Diego e achei que você era tão diferente dele, tão jovem, tão... aí caiu a minha ficha. Só podia ser você. Fiquei tão intrigada com a coincidência que pedi a ele para ver os nomes dos fotógrafos que estavam escalados para trabalhar lá, e lá estava: Diana. Esse nome foi um tormento para mim por um tempo.

Ela deu uma risada e eu fiquei observando-a em silêncio.

— Não pense que eu estava interessada demais, por favor, não é isso. Eu inclusive falei sobre essa história com o Hugo, mas ele já sabia claro, que eu tive um envolvimento com Diego. Eu só fiquei impressionada com a coincidência: ele tinha reencontrado você! Eu fiquei feliz, você pode não acreditar, mas eu fiquei.

— Mas não entrou em contato com ele para falar sobre isso?

— Céus, não! Nem tinha porquê. Eu só esqueci disso, claro que se o

encontrasse por aí ia curtir um pouco com a cara dele, mas não aconteceu e eu deixei *pra* lá. E aí, hoje, eu te vejo aqui, com ele, com um filho de vocês dois. Eu precisava despejar essa história.

Eu não pude evitar o sorriso e olhei para Diego que tinha dado uma espiada em nós antes de pegar João Pedro pela mão e levá-lo para perto do parque montado mais adiante.

— Na verdade, Camila, eu o reencontrei.

— É tudo tão intrigante. Quer saber agora como eu descobri sobre você antes?

— Estou esperando você dizer.

— Diego e eu éramos mais amigos do que... qualquer outra coisa na época, eu não queria ver isso, mas é bastante claro para mim hoje. Eu não vou entrar em detalhes com você porque se eu tivesse que ouvir uma ex do meu marido falando sobre ele, credo, então, vamos apenas passar por cima disso, ok?

— Eu agradeço imensamente — resmunguei.

— Bem, ele só parecia certo para mim, mesma carreira, mesmos objetivos... eu pensei que tivesse encontrado o "algo mais" que estava procurando. Mas aquele cara era arisco, sempre foi. Então, de repente, em uma determinada semana, esse homem estava mais longe de mim do que jamais estive. — Ela me olhava agora, buscando minha reação. Eu só a ouvia.

— Eu percebi de imediato que ele estava fora de si, preocupado, desatento, pensativo, e por mais que doesse no meu ego admitir isso, ele também simplesmente deixou de se interessar o mais minimamente que fosse por mim. Eu estava abismada. Claro que era outra mulher, mas quem era e onde estava essa mulher?

Senti meu coração acelerar só um pouquinho e lambi os lábios. Mas Camila parecia concentrada em apenas falar, e eu agradeci mentalmente porque queria apenas ouvir, por mais difícil que fosse acreditar. Queria ouvir sobre isso e juntar com o que eu própria estava sentindo, com as coisas que queria dizer a Diego.

— Eu simplesmente não sabia o que fazer. Ele tinha se afastado sem nenhuma explicação e não havia ninguém. Mas eu o ouvi ao telefone um dia com o Alex, um investigador, nosso amigo em comum, e ouvi seu nome — ela murmurou. — Bem, agora a mulher tinha um nome, mas ainda não estava por perto. De qualquer modo, eu o pressionei quando ele achou que não tínhamos mais porque ser mais do que amigos. Aquele coquetel surgiu, a foto foi feita, muita gente achou que estávamos noivos, eu tive que desmentir. Um horror! — Ela estremeceu. Depois riu baixinho. — O que estou querendo dizer, Diana, é que eu nunca tive realmente o Diego, mas você estava longe, e ainda assim o

afetou mais do que eu, que o conhecia há anos.

Abaixei a cabeça brevemente e pressionei meus dentes juntos. Camila deu um toque leve, quase indeciso no meu ombro, e eu olhei para ela e tentei sorrir.

— Eu o atentei tanto que ele finalmente disse que havia se envolvido com alguém bem mais nova que ele, e que essa pessoa tinha ido embora, que não havia nada mais para saber, algo assim. É o Diego, você sabe. Mas o certo é que não estávamos mais juntos, ele tomou um rumo diferente, deixou de dar aulas e pouco tempo depois eu encontrei o Hugo. Então, quando eu vi o nome da fotógrafa com ele naquele dia, pensei: é isso, ela voltou.

Eu a encarei. O rosto de Camila parecia exatamente como a sua voz: tranquila, suave e sincera.

— O que eu sinto pelo meu marido hoje nem tem comparação com o que eu pensava sentir pelo Diego. Ficou a admiração, a amizade, eu espero, e a coincidência de te ver aqui hoje me fez querer te dizer isso. *Me desculpa* se isso é muito invasivo, um pouco louco, claro que é, mas... — Ela se calou com um suspiro. Depois deu uma risadinha. — Por isso ele estava daquele jeito, você poderia estar grávida. Eu disse antes que pudesse pensar muito.

— Eu não disse na época, o Diego só soube agora.

Ela ficou me olhando meio boquiaberta, então olhou para onde o seu marido e filho estavam, perto de Diego e João agora.

— E ainda assim você está aqui com ele. Isso quer dizer muita coisa.

— Aquela foto... — comecei, um pouco hesitante. Camila voltou-se.

— Que foto? A minha?

— Sim. Eu vi no dia que descobri que estava grávida.

Seus olhos se arregalaram e ela levou a mão à boca, sacudindo a cabeça.

— Diana... não me diga que você... ah meu Deus, eu sinto muito, eu...

— Não — interrompi, com firmeza, tocando seu pulso. — Não teve a ver com você, teve tudo a ver comigo. Eu sempre achei que aquela foto não foi o motivo de eu não ter contado ao Diego que estava grávida, só não sabia explicar e nem justificar *pra* mim mesma. E realmente não foi a foto. Agora eu tenho certeza disso.



Duas horas depois, nós finalmente estávamos subindo pelo elevador.

João fora de combate com a cabeça no ombro de Diego, desalinhado e cansado de brincar.

Enquanto Diego foi acomodá-lo em seu quarto, eu fui tirar a minha roupa e me preparar para um banho. Estava sentindo os meus músculos tensos, os meus passos pesados, como se eu tivesse andando embaixo d'água.

A conversa com Camila tinha sido reveladora em mais de um sentido, e se por um lado me fez pensar e concluir coisas que até então eu só imaginava, tinha me deixado mais determinada ainda a simplesmente abrir o meu coração, como James disse. Eu precisava fazer aquilo.

Diego estava demorando mais do que habitual, e eu só podia concluir que João tinha acordado e ele estava contando uma história. Entrei no banho e deixei a água correr pelo meu corpo enquanto fechava os olhos e pensava em tudo que tinha acontecido comigo até então, em todas as decisões, escolhas, erros.

Quando saí do banho, enrolada em um roupão enorme de Diego, ele ainda não tinha voltado, então eu fui pegar um vinho, que eu realmente tinha começado a apreciar agora, enchi uma taça para mim e levei a garrafa e mais um copo para o quarto.

Sentei na cama, *me recostei* nos travesseiros, tomei um longo gole do vinho e fechei os olhos. Estava assim, muito quieta, quando ouvi um barulho ao meu lado. Diego estava parado perto do aparador, tirando os óculos, o relógio e abrindo os botões da camisa. Ele estava olhando atentamente para mim, uma ruga de preocupação marcando sua testa.

— Está tudo bem? Você veio tão calada.

Eu só inclinei a cabeça e fiquei olhando para ele com um sorriso.

— Não, está tudo bem. Só poupando fôlego. Preciso conversar com você.

Diego 

Diana estava enrolada no meu roupão branco, os cabelos molhados, as pernas encolhidas e uma taça de vinho pela metade nas mãos. Eu fiquei preocupado. Por mais que ela tivesse alegando estar bem, desde que tinha voltado da conversa com Camila, algo estava diferente. Ela me beijou, disse que tinha sido apenas uma conversa normal, falou da foto que um amigo de Camila tirou, e por isso a história toda, mas que estava tudo bem. Que coisa afinal era aquilo com fotos? De qualquer forma, não havia a menor chance de Camila ter dito algo que pudesse me deixar com problemas com Diana.

Ela me observava agora, a cabeça inclinada contra o encosto da cama,

seu olhar me queimando. Apesar de tudo, do modo sempre quente que ela olhava *pra* mim, havia mesmo algo diferente no brilho do olhar dela.

— Não, está tudo bem. Só poupando fôlego. Quero conversar com você.

Foi o que ela disse quando eu perguntei, mas ela não estava falando de sexo, eu podia ver que não. Terminei de abrir a minha camisa e comecei a soltar o cinto da minha calça. Ela ainda permanecia com o olhar grudado em mim.

— João acordou e eu tive que revirar o meu repertório de histórias.

— Eu imaginei isso — ela murmurou, pondo a taça agora no criado mudo ao seu lado.

— Liguei para Iza também. Você não me disse que ela tinha bebido um pouco mais. — Estreitei o olhar para Diana que fez aquela expressão de "sério?" *pra* mim. — Eu tentei falar com ela quando saímos da casa do Teo, mas ela não atendeu, e agora a noite não estava em casa também, apenas disse que depois falava comigo, então, nem consegui falar sobre João ainda. Você sabe aonde ela pode ter ido?

Diana olhou para as unhas brevemente, depois me encarou.

— Ela não estava bêbada, Diego. Alice sim, mas Iza só estava mais... soltinha. Só isso. E acho que ela pode ter saído depois, sei lá, ido a uma festa. Você fala com ela amanhã.

— Vou falar com a mamãe e perguntar sobre...

— Diego, ela deve estar bem, *tá* legal? Ela não disse que depois falava com você?

— Tudo bem — resmunguei.

Diana estendeu a mão para mim assim que eu tirei a minha calça.

— Vem cá! — Ela esticou os dedos, um sorriso leve nos lábios. O rosto sem maquiagem me lembrando o quanto ela ainda era muito jovem e meu peito apertou de desejo e sentimentos mais profundos ainda por ela. Eu estava lidando bem com isso: não tinha a menor intenção de fugir daquilo, de negar aquela intensidade.

Fui ao seu encontro e sentei a sua frente. Diana passou a mão no meu rosto e eu estremei de leve com o carinho na minha mandíbula. Ela contornou as minhas sobrancelhas, desfez as linhas na minha testa com a ponta dos dedos, muito quieta, sua respiração lenta e compassada, depois contornou o meu nariz e lábios.

Segurei seu pulso e deposei um beijo nele, nossos olhos fixos um no outro. Havia um clima de intimidade nos envolvendo, mas era mais do que sensualidade. Era um fio invisível, tênue, mas evidente, de uma conexão maior que parecia ter se construído aos poucos e agora estava exigindo a nossa atenção. Gritando para nós, na verdade.

— Eu perguntei no que você acreditava sobre nós — ela disse, depois de uns segundos em que eu continuava dando beijos delicados em seus dedos, olhando para ela.

— Não, não foi isso que você perguntou.

— Não foi?

— Não, você perguntou o que eu acreditava sobre a vida, sobre a forma como as coisas acontecem. Sobre a nossa história — repeti o que ela disse e Diana franziu a testa. Eu passei o dedo entre os vincos, delicadamente. Não conseguia parar de tocá-la. — Não é a mesma coisa que perguntar no que eu "acredito sobre nós". Hoje. Agora.

Ela assentiu, cruzando as pernas em estilo borboleta, então ela desfez o nó do roupão e devagar o tirou pelos ombros, ficando nua até a cintura. Eu olhei para baixo, para os seus seios, depois voltei a olhar para ela, um pouco confuso. Pela forma como ela estava, não me parecia que Diana estava indo para qualquer coisa perto de sexo, mas... eu ia reclamar?

Mas realmente não era o que ela queria. Diana virou um pouco de lado e me mostrou a tatuagem nas costelas: *a vida é da cor que você pinta*, estava escrito em letra cursiva. Olhei para seus olhos, úmidos agora, e meu coração apertou. Eu não gostava de vê-la assim, imediatamente me dava uma sensação de impotência quando ela ficava daquele jeito.

— Eu fiz essa tatuagem pouco depois que completei dezoito anos — ela disse, baixinho, e eu estendi a mão e toquei a tinta na sua pele morna e macia. — Essa frase é exatamente como eu me sentia em relação à vida, a tudo: você toma as suas decisões, você faz o que tem que fazer. Você é seu guia e tudo que você faz é dessa forma que fica. Tenha coragem. É mais ou menos isso o sentido dela.

Fiquei apenas olhando para ela, *me pareceu* importante que ela falasse, e eu só iria interromper se fosse muito necessário. Diana voltou a pegar a taça de vinho e bebeu um outro gole.

— Essa minha filosofia de vida eu aprendi ainda muito jovem. Sempre imaginei que tudo que eu, minha mãe e a minha avó havíamos passado, tinha me transformado de alguma forma em uma pessoa forte, corajosa, destemida, que me entendia e sabia o que queria da vida.

— E você é exatamente assim — achei por bem pontuar quando no cantinho do olho dela uma lágrima começou a se formar. Diana sorriu, mas balançou a cabeça em negação ao que eu disse.

— Eu posso ser hoje, Diego, mas não era quando te conheci. Eu só pensava que fosse — ela rebateu e eu suspirei, *me recostei* na cama e a puxei para o meu peito, mexendo nos seus cabelos molhados.

— Meu amor, achei que já tínhamos conversado sobre isso. Você me

pediu perdão, eu...

— Isso não é exatamente sobre perdão — ela me cortou, suavemente. Sua voz estava trêmula e eu a apertei mais de encontro a mim. Merda, eu não gostava quando ela ficava assim, aquilo me deixava incomodado, inquieto, e eu queria protegê-la de sentimentos ruins. — Não é sobre perdão, meu amor. Também não é sobre culpa. É sobre precisar dizer, admitir, pôr para fora coisas que eu sei que eu preciso. E talvez eu nunca tenha feito porque não achava que precisava.

Diana deu um soluço e seu corpo tremeu junto ao meu. Eu peguei a taça, tirei da sua mão e segurei seus ombros com firmeza. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e ela olhou para baixo.

— Diana, nós estamos aqui em outra vida, eu já te disse isso. Eu não quero que você se atormente mais com essas coisas, você está comigo, meu filho está dormindo bem ali. O que mais eu posso querer? — Beije a sua testa com carinho e devoção. — Aliás, a sua resposta para a pergunta sobre o que eu acredito é: eu acredito em nós. Continuo acreditando nas escolhas que as pessoas fazem, e todas as suas escolhas te trouxeram aqui.

— Eu não estou falando de culpa, Diego — ela repetiu, passando a mão no meu pescoço e me fazendo olhar para ela. Linda. Tão linda. — Eu preciso falar, preciso... te dizer quem eu sou, e quem eu achava que fosse. Isso te afetou, me afetou. Só me ouve.

Eu respirei pesadamente, afastando uma lágrima que descia. *Me inclinei* e toquei seus lábios.

— Antes de qualquer coisa, eu preciso dizer... — eu comecei, meus batimentos cardíacos acelerados, segurando seu rosto de ambos os lados. Diana pôs os dedos nos meus lábios.

— Não, eu preciso te dizer algo antes. *Me ouça*, por favor.

Eu engoli em seco e fiz que sim. Ela voltou a se recostar no meu peito. Sua respiração era pesada.

— Eu achava que eu fosse corajosa, Diego. Sempre te disse que eu tinha sido egoísta, que tinha errado, que tinha sido irresponsável, que tinha sido mesquinha em não te contar sobre a gravidez. Isso sempre foi muito claro *pra* mim — ela recomeçou, enquanto eu fazia círculos amplos nas suas costas nuas. — Sempre lidei com a minha decisão como sendo baseada em coragem: coragem de assumir um filho sozinha, coragem de não contar, coragem de tudo... e não era coragem. Eu olho para trás hoje, e vejo que era medo. Medo puro, simples. Eu era covarde.

— Diana. Não.

— Sim. Toda a minha vida foi moldada por experiências minhas, mas

também das mulheres com as quais eu vivia, e isso me afetou muito, mesmo que eu não reconhecesse na época. Eu peguei aquele exemplo de força, de coragem, e assumi que ser corajosa era não deixar nada chegar até mim, era me olhar no espelho, para a cor da minha pele, para a cor do meu cabelo, para tudo em mim e me fechar, recuar dentro de mim mesma para que ninguém tivesse o poder de me magoar, de me deixar em pedaços. Foi isso que eu fiz: era medo de viver, medo de acontecer comigo o que aconteceu com elas...

— Meu amor, não precisa...

— Quando eu te encontrei, eu estava vivendo justamente aquela fase de me achar muito independente, muito dona de mim. E eu era, eu sei que era. A força da minha mãe, da minha avó, de outras mulheres que eu admirava, estava lá, em mim, mas havia mais, lá no fundo, sempre aquele medo me perseguindo. Então, eu estava sempre na defensiva, antes que alguém me alcançasse, eu já estava disposta a não ceder. Antes que alguém pudesse me fazer sofrer, eu já estava deixando essa pessoa para trás. Eu não me permitia.

Eu beijei seus cabelos e fechei os olhos.

— Você era muito jovem, Diana. Não se cobre tanto.

— Não, eu estou bem com isso hoje, Diego, só preciso te dizer que entendi perfeitamente, desde que eu voltei para você. Essa menina de 19 anos me moldou em quem eu sou hoje, não tenho vergonha dela. — Diana limpou o rosto e fungou. Aquilo me deixava com o peito sufocado. Não conseguia ver ela daquela forma. — Mas eu preciso... preciso que ela diga que tomou decisões não só porque achava que era boa o suficiente para fazer tudo sozinha, era porque ela também, lá no fundo, tinha medo de ser rejeitada por um cara que ela achava que podia ter sexo com ela, mas que nunca olharia para ela como ela queria que ele olhasse, mesmo que ela fingisse que não. Aqueles desejos estavam tão enterrados que era melhor fingir que eles não existiam. Eu nem tentei, meu amor, eu só corri de você, da vida, de tudo. Eu fugi porque não via aquele conto de fadas acontecendo comigo, porque era isso: um conto de fadas, e contos de fadas não eram *pra* mim, nunca foram. Não era coragem o que me motivou. Era medo.

Eu segurei sua cabeça e a fiz me olhar novamente. Suas lágrimas escorriam e meu peito afundou ao olhar para ela.

— Eu também te assustei, Diana. Eu lembro como falei com você naquele dia e isso também me persegue, mesmo quando eu fingia que não, mesmo quando o orgulho sussurrava ao meu ouvido que eu sempre estive certo e que você tinha errado comigo. Apenas você. Mas não é assim, nunca foi. Eu também errei.

— Não, Diego, ouça...

— Ouça você agora. Eu era um cara de quase 31 anos, que poderia ter

percebido que você estava com medo, insegura, assustada. Não, eu só estava focado em "fazer o certo" e não pensei em como você estava se sentindo, como podia ser assustador pra você os meus modos frios, a possibilidade de uma gravidez. Eu também agi de modo egoísta quando soube que você foi embora. Mesmo depois de saber os motivos eu ainda me ressentia por ter sido descartado. — Eu sorri e ela também, com tristeza. — Você foi a única mulher que me deixou sem saber o que fazer. E eu poderia ter lidado com você de uma forma diferente, ter falado com você de um modo diferente. Lembro que fui propositalmente distante, seco.

— Você estava zangado.

— Meu ego também falou mais alto. E quando você disse que não estava grávida, eu poderia ter ido lá, poderia ter procurado você, mas não fui porque estava agindo de modo egoísta também, como um homem rejeitado. Não quero que você assuma que tudo foi culpa sua. Nossas escolhas. Nossas decisões. Nossas, não apenas suas. Eu não sou uma vítima, também tomei as minhas decisões.

Diana passou os dedos pelo meu queixo, lentamente.

— Sabe o que eu pensava? Onde estavam os caras como você que ficavam com meninas como eu? Era esse tipo de coisa que eu pensava, mesmo que eu não admitisse nem *pra* mim mesma, na época. Eu não queria correr o risco de ser rejeitada, então eu rejeitava antes, e te rejeitei por isso. Fiz isso por anos, mesmo depois de você. Continuei sendo forte e decidida mais ainda. Sou uma mulher corajosa, sim, eu sei disso, mas... ter coragem hoje é admitir que eu fui motivada por medo de ser só uma menina negra com um filho de um cara branco e rico, a quem ele iria pagar uma pensão e eu seria no máximo algo para ser varrido para debaixo do tapete da sua vida perfeita. E eu não queria isso, não acreditava em contos de fadas assim. Foi um erro, eu sei. E eu nem te dei a chance de mostrar que eu poderia estar errada porque eu tinha medo de estar certa...

Eu peguei mais uma lágrima dela e Diana então segurou meu rosto e me fez olhar bem dentro dos seus olhos.

— Quando eu olhei aquela foto sua com a Camila, eu sempre disse para mim mesma que não tinha sido aquilo. E no fundo não era mesmo: era a minha insegurança. Aquilo ali, naquela foto, era a sua vida perfeita, não a minha. Então eu preferi me fechar no meu casulo do que te dar o poder de me ferir, de me machucar se quisesse. Eu era imatura e não queria que se repetisse o que aconteceu com a minha mãe: que ficou com o homem que era o pai da sua filha e deixou o outro que podia ser o grande amor da sua vida para trás porque ela quis fazer o certo, o que era razoável. E sofreu por isso. Eu não queria o que era

certo por dever, eu queria mais que aquilo, ou teria nada... O que eu não desconfiava era que o pai do meu filho e o grande amor da minha vida eram a mesma pessoa.

Eu a encarei, sentindo meu coração na garganta. Diana continuou falando, mesmo porque eu não conseguiria falar se quisesse.

— Eu sofri justamente por medo de sofrer, e te privei do teu filho, do nosso filho, porque fiquei com medo de não sermos tudo que somos hoje para você. Porque era isso que eu queria. Mas hoje eu sei que tudo que fiz me trouxe até aqui e posso dizer que hoje nada, nada na vida vai me afastar de você. Nenhum medo, nenhuma insegurança, nada. Ninguém! — Ela passou os dedos por meus lábios e notei seu tremor. — Quando eu voltei *pra* você, eu vi que esses medos me transformaram em uma mulher que não aceitaria humilhação, nem deixaria ninguém me ferir, mas por outro lado, não conseguia mais esconder meus sentimentos e fechar o meu coração.

Ela sorriu, parecendo serena em meio às lágrimas.

— Eu não vou deixar, nunca mais, nenhuma insegurança me afastar de você, porque eu sei que sou suficiente, sei que posso fazer o que eu quiser, e você está aqui para me apoiar. Eu quero ser independente, mas também quero contar com você. Eu não quero nunca mais ficar longe de você, Diego.

Diana tremeu, sua voz instável, e então respirou fundo e me olhou firme.

— Eu nem poderia, porque... eu te amo. Eu te amo tanto, tanto, tanto que dói. Que me deixa forte e fraca ao mesmo tempo. Eu não consigo mais pensar em viver se eu não te tocar, eu não consigo mais pensar em nada que não seja você, o nosso filho, para sempre... eu te amo, meu amor. Eu não sei mais viver sem você.

Ela soluçou e eu abracei forte, meu próprio corpo tremendo.

— Eu sei, eu sei que você me ama, querida. Eu sinto isso. Eu já sabia antes mesmo de você descobrir. E eu te amo também. Te amo com loucura e desespero — sussurrei em seus lábios trêmulos, muito ciente do seu corpo grudado ao meu. — Eu te amo como você é, cada detalhe seu... Eu te amo e amo o nosso filho, muito, muito...

Ela chorou e sorriu enquanto me beijava de volta, e eu a punha sobre meu colo, abrindo seu roupão.

— Eu te amo. E vou te amar *pra* sempre — sussurrei, fechando os olhos e segurando seu cabelo. — Não vou deixar nada e nem ninguém me separar de você. Nunca mais, meu amor.

Capítulo 43

NOVAS MUDANÇAS

Diana 

— Eu ainda não posso acreditar! Meu sobrinho lindo da tia, meu Deeeus... — Iza pegou João pela vigésima vez, eu acho, e deu um beijo em seu rosto e em seus cabelos. Ele sorriu, adorando aquela atenção toda e sorriu para mim.

Nós estávamos sentadas à beira da piscina na casa de Abigail, pois ela havia pedido para que nós fôssemos à tarde e saímos logo depois do almoço. Diego estava lá dentro em algum lugar da casa com o pai, e nós quatro viemos para fora aproveitar o bom tempo e ter um pouco de privacidade para o que ela queria discutir comigo. Iza e João estavam na piscina.

O certo era que precisávamos conversar sobre uma proposta de emprego, ela havia me dito, e então aquele pequeno encontro à beira da piscina foi organizado ao mesmo tempo em que servia para que Iza desse vazão mais uma vez às lágrimas e aos gritinhos que ela deu ao descobrir que João era filho de Diego.

Claro que ela também me acusou de ser uma ótima atriz naquele almoço e ficou se perguntando como ela não tinha percebido isso, ou sequer cogitado, mesmo tendo sacado na mesma hora que eu e Diego tínhamos mais do que estávamos dizendo desde o almoço no domingo anterior. Eu não sabia o quê, nem como Diego tinha conversado com ela, mas Iza pareceu assinar o mesmo acordo de diplomacia e respeito que sua mãe, Marcos, Teo e Malu, e mesmo Otávio, estavam assinando em relação a minha história toda. Uma vez ele havia me prometido que ninguém seria um problema para mim e João, e eu acreditava nisso agora, com certeza.

Eu poderia um dia, no futuro, conversar mais com todos eles sobre isso, mas por enquanto, *me deixava* aliviada que eu não estaria tendo novamente aquela conversa, várias vezes, e a forma educada com que eles estavam lidando com isso era um bálsamo. Eu precisava daquilo por enquanto. Um dia, novamente com as meninas, quem sabe, eu me explicasse melhor e queria mesmo que isso acontecesse.

Mas em geral, eu estava me sentindo bem ali, sem as reservas e afastamentos que eu costumava ter pelos mais variados motivos. Ainda tínhamos, claro, um longo caminho nos conhecendo e entendendo, mas eu já

tinha visto o suficiente das duas para estar mais tranquila agora, enquanto João brincava ao nosso redor e Iza não parava de ficar encantada com ele.

Abigail nos serviu sucos e pãezinhos pecaminosos enquanto me observava. O olhar dela agora me lembrava mais o de Marcos que o de Diego, mas ainda assim, era intenso, firme e atencioso.

— Eu sei que você teve que sair muito cedo do coquetel Diana, o que eu lamento, aliás. Peço mais uma vez desculpas por aquela situação chata com o Rui. — Ela olhou ao longe, parecendo perdida em pensamentos por um momento. Depois suspirou. — Na verdade, você precisa saber que ele sempre me pareceu exatamente o que mostrou ser para você ali, mas com aquela capa de bom moço e de civilidade, nunca realmente tendo coragem de dizer o que achava.

— Eu imagino que não — murmurei com cautela.

— Muita gente acha que ele e Otávio são parecidos, mas eu lhe garanto que não.

— Eu não os conheço muito bem, Abigail, mas acredito e concordo com você. Eles não são nem remotamente parecidos.

Ela bebericou seu suco devagar.

— Rui é filho de uma secretária do pai deles, sabia? Muito jovem e muito... como direi? Solta, expansiva, se você me entende. Quando Otávio e a sua mãe souberam dele, ele já tinha por volta de sete anos. Isso quase causou a ruína da família deles, e de certo modo, meio que apressou as coisas para que Otávio assumisse muito jovem o controle de tudo, já que o pai sentiu o golpe profundo de nunca ter sido perdoado de verdade pela esposa. Um drama e tanto, acredite.

Eu apenas assenti, pensando comigo mesma que era irônico um cara daquele ter dito o que disse para mim. Tinha cada uma no mundo mesmo, que só no inferno.

— De qualquer forma, eu estou te contando isso para você ver que as pessoas têm a mania de apontar erros quando seus próprios telhados são de vidro mais fino possível. Então, deixe que Diego resolva tudo, ok? Meu filho nunca se curvou para as chatices de Rui, não vai se intimidar com ele agora, pode acreditar.

Fitei aquela mulher, impressionada como ela realmente parecia ser algo completamente diferente do que a sua vida e a sua aparência podiam dar a entender. Mas eu precisava entender mais dela, estava curiosa.

— Isso não incomoda você, de verdade? Apesar dessa história toda, Rui é irmão do Otávio, tio do Diego... em nenhum momento não passa pela sua cabeça que se eu não estivesse aqui, não tivesse voltado, as coisas estariam bem,

não haveria esse clima terrível na sua família?

Abigail pareceu pensar sobre aquilo, olhando agora Iza pôr João nos ombros e logo desistir, rindo e reclamando que ele era pesado para ela. Seu olhar transbordava de amor, era perceptível.

— Sabe o que me incomoda? Saber que quando eu e Otávio resolvemos adotar a Iza ele disse que estávamos fazendo uma besteira. Eu o mandei se ferrar, claro. Sabe outra coisa que me incomoda? Que Rui tenha esse tipo de pensamento, mas nunca, antes do dia da festa, tenha realmente, realmente deixado claro o tipo preconceituoso, mesquinho, racista... que ele é — ela disse as palavras em todas as suas sílabas, calmamente, e eu arrepiei com a intensidade do asco que ela estava pondo naquelas sílabas. — Isso me incomoda: saber o que ele pensa, mas nunca revela porque sabe o que tem a perder.

Concordei em silêncio, e ela continuou:

— Mas com você ele achou que pudesse — Ela deu de ombros — Bem, ele tem agora um olho roxo e um lábio partido para mostrar que não pode, não é mesmo? Acho que um nariz quebrado também, se não me engano.

Eu me encolhi, e não deixei ela ver o meu sorriso pela borda do meu copo. Abigail me olhou com os olhos franzidos como Diego fazia, então eu não aguentei e sorri. Depois ri. E ela riu também.

— Eu sinto muito, desculpe...

— Não sente não... mas está tudo bem. — Ela tocou minha mão com uma palmadinha. — Escute, Diana. Era uma questão de tempo até que Rui acabasse mostrando quem ele é de verdade. Poderia ser com Otávio, com qualquer um. Até com Marcos, pelo que vejo, que sempre manteve uma boa relação com ele... Foi com Diego, só isso.

Eu concordei.

— Outra coisa que me incomoda, quer saber? Que Rui tenha se colocado contra quando eu e Marcos sugerimos que a empresa se envolvesse em mais projetos sociais, que usássemos uma parte dos nossos recursos para financiar projetos, iniciativas culturais, e não apenas pequenas empresas que visassem o lucro diretamente. De todo o Conselho só ele e uma múmia decrépita chamada Godofredo. Pois é, Godofredo, veja só, se colocaram contra — ela resmungou e eu ri novamente, pondo um dedo na minha têmpora. Ela era divertida além de tudo. — Mas, como a maioria votou a favor, nós fizemos acontecer. Quem sugeriu que eu deveria ser a diretora de toda esse setor, mesmo que eu não soubesse patavinas de administração?

— Marcos?

— Diego... — Ela sorriu. E então me olhou com seriedade. — Meu filho

é uma pessoa maravilhosa, Diana, e eu quero que ele seja feliz. Todos eles são, e eu tenho orgulho de dizer que eu e Otávio tentamos passar o melhor de nós para eles. São homens íntegros, de caráter. Marcos é aquele "não ligo para nada" que você vê, mas tem o maior coração que você pode imaginar e não pode ver ninguém sofrendo, não pode ver uma injustiça no mundo. Diego, bom, Diego foi fazer o quê? Lutar no Ministério Público contra tudo que ele acha injusto e pelo que ele acredita. Se fosse só pelo dinheiro, ele nunca teria saído da empresa, nunca. Você sabe quais áreas ele atua diretamente? — ela me desafiou.

— Bom, ele começou trabalhando na área de Defesa da Cidadania, e hoje atua na Defesa de Direitos Difusos e Coletivos — murmurei, e ela sorriu em apreciação. Em uma das nossas conversas na cama, ele havia me contado sobre isso, sobre a sua trajetória e o que o atraía para a carreira jurídica. Era possível amar mais aquele homem do que eu amava? Era possível, todos os dias pelo visto.

— Muito bem, então eu não preciso dizer muito *pra* você sobre o tipo de homem que ele é. Diego sempre foi atraído para o que o desafia, eu sempre disse isso, mas ele vivia desdenhando de mim. Tem desafio, ele quer.

Era oficial, ela estava me provocando, pensei com um sorriso e concordei com ela.

— Iza, você vê. É um amor, uma menina doce, amorosa, um pouco impulsiva, e carrega uma determinação férrea consigo. Um dia decidiu que queria estar longe dessa proteção toda e foi atrás do que queria. Minha amiga, acredite, foi o inferno na terra, mas nós duas domamos as nossas feras por aqui, então, ela pode domar qualquer fera no mundo. Iza é daquele tipo que só aceita as coisas até determinado dia e você pode pensar que ela está se curvando. Ledo engano. No dia em que ela decide que não, é não. Mas quando ela diz que quer, ela quer, e sai de baixo. — Abigail sorriu, maliciosa. — E o meu Teo, meu sobrinho que eu tenho como a um filho, é um dos homens mais honrados e honestos que eu conheço, estou imensamente feliz que ele parece estar tendo tudo que realmente merece com a Malu, depois de tudo que passou com a Amanda. Você vai ver com o tempo, que eu digo a verdade.

— Eu já acho isso, de todos eles, mesmo com o pouco tempo de convivência, Abigail.

— Por que eu estou dizendo tudo isso a você?

— Bom, não importa o motivo, eu estou adorando saber.

Ela sorriu.

— Porque eu tenho uma proposta de trabalho para você, Diana, eu já havia dito isso — ela informou, lentamente, como se estivesse me testando. Eu apenas assenti, curiosa agora. Claro que eu podia imaginar que era algo

relacionado ao meu trabalho como fotógrafa, mas ainda assim podia ser quase qualquer coisa.

— Estou ouvindo.

— É tudo que eu peço por enquanto, que você ouça e pense a respeito. Bem, como eu disse a você, eu dirijo esse departamento na empresa, onde selecionamos projetos culturais e artísticos para financiamento...e surgiu esse projeto de uma ONG. Eu o quis assim que vi o que eles pretendiam. — Abigail sorriu, o olhar brilhando para mim. — Eles pretendem montar uma grande campanha, de alcance nacional, em que pequenas histórias de mulheres em frases curtas, simples, mas impactantes, seriam publicadas com as fotos dessas mulheres: jovens, mães solteiras, avós com seus netos, mulheres que venceram a violência, os preconceitos, ou que estão vencendo cada dia, exemplos de superação. Vencedoras, você entende?

Eu me inclinei para frente, mesmo sem nem perceber, minha imaginação a mil. Abigail ergueu uma sobancelha perfeita, girando o conteúdo do seu suco no copo.

— A minha sugestão é iniciar a campanha com uma grande, magnífica mostra em algum local sensacional, com bastante destaque, com fotos dessas mulheres com suas crianças, e depois transformar em posters, outdoors que seriam... espalhados pela cidade, alcançando quem puder ser alcançado com essas mensagens. Mulheres fortes e suas histórias de superação. Ah, e eu precisaria de uma fotógrafa talentosa para isso, você conhece alguma?

Eu sentia a minha respiração presa enquanto a ouvia, aquele zunido no meu ouvido e uma emoção de expectativa e interessante rastejando pela minha pele. Ela estava falando sério? *Me parecia* tão perfeito e ao mesmo tempo irreal como se alguém tivesse montado tudo aquilo para mim. Ignorando as batidas frenéticas do meu coração eu pus o copo na mesinha e encarei Abigail.

— E isso tudo... está resolvido? Quer dizer, precisa passar por algum tipo de aprovação ou...?

Ela deu uma risada.

— A única aprovação que está faltando aqui é a de um profissional de fotografia para assinar o projeto. Mais uma vez eu te pergunto: conhece algum?

Soltei o ar que nem tinha percebido que prendia. Era um desafio maior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar, e o apelo daquilo, poder estar envolvida com esse tipo de ação, poder fazer algo que me envolvesse com mais daquelas histórias de vida que eram tão próximas da minha, de pessoas conhecidas, desconhecidas, e ainda assim tão singulares, era sensacional. Era desafiador.

Olhei para a mãe do homem que eu amava, e para aquela chance que eu

sabia que era mais do que eu poderia sequer sonhar um dia.

— E tem mais uma coisa, Diana. Eu vi o seu trabalho, acessei o seu blog, vi as fotos, todas, inclusive as de Diego e João na praia. Estão lindas aliás. Não pense que eu faria um convite desses assim sem atestar a sua competência. Na verdade.... — ela também se inclinou mais na minha direção como se estivesse me contando um segredo — você pode ser a minha nora, mas se não fosse a pessoa certa para isso, acredite, eu não te chamaria.



Quando voltamos para dentro da casa, após termos definido que eu apareceria no meio da semana para conversar com o diretor dos projetos de Abigail e conhecer mais sobre tudo, Marcos já tinha se juntado a Diego e Otávio na sala.

Eu não podia dizer que estava superconfortável na presença deles ainda, mas assim que apareci, Diego estendeu a mão para que eu fosse sentar ao seu lado e isso me deu mais coragem e firmeza para atravessar a sala junto com Abigail e ir ao seu encontro. Depois de cumprimentar Marcos, eu sentei ao lado de Diego no sofá sendo abraçada pelos ombros.

— E João?

— Esquece momentaneamente que você tem um filho, Diego, Iza não vai soltá-lo a menos que você a ameace de morte. — Abigail sentou-se ao lado de Otávio, recostando-se nele e foi imediatamente abraçada pelos ombros, exatamente como Diego fez comigo, notei. Ainda era impressionante ver Otávio como uma pessoa carinhosa, mas eu acho que iria me acostumar, já que não estava indo a lugar nenhum mesmo a não ser permanecer exatamente aqui, pensei olhando para o perfil de Diego, que sorria da mãe.

— E onde eles estão? — Ele quis saber.

— Saíram da piscina e foram trocar de roupa — informei.

— E vocês, meus meninos lindos, o que estão confabulando por aqui? — Abigail olhou entre os três homens, cruzando as pernas.

— Decidindo se o novo nome do seu filho mais velho será Connor McGregor ou Muhammad Ali — Marcos disse, calmamente, abrindo os braços no sofá e ficando mais à vontade. Otávio e Diego riram, enquanto ele próprio dava uma piscadinha para a mãe. — Eu voto em Ali, mais clássico e elegante.

Eu apertei meus lábios e verifiquei o jeans da minha calça, concentrada.

Nunca nessa vida que eu iria sorrir daquela piada na frente de Otávio. Ouvi as risadas deles, até de Abigail, e então Diego passou os dedos por meus ombros, delicadamente.

— Marcos, pelo amor de Deus, não vá dizer essas coisas na frente de Rui — Abigail pediu, suspirando. Eu levantei a cabeça e olhei em volta discretamente. Otávio também estava sorrindo, olhando para Marcos, e eu também suspirei de alívio ao ver que ele não tinha uma expressão irritada. Mas Marcos devia conhecer bem o pai se achava que podia brincar com aquilo na frente dele. Diego eu sei que não faria.

— E por que diabos não? — ele reclamou. — Isso foi o mais emocionante que aconteceu depois que Teo anunciou que vai ser pai de novo. E mais uma vez eu não estava lá.

— Ninguém tem culpa que você não quer mais sair de casa, não é? — Diego apontou com uma voz baixa e aparentemente inocente. Marcos lhe deu um olhar rápido e depois voltou a encarar a mãe.

— Mãe, eu me entendo com Rui, fique tranquila. Se eu levasse um soco na boca, a senhora pode apostar que ele me lembraria disso em cada oportunidade que tivesse na vida. Até parece que assim que o vir eu não vou dizer isso.

Oh, céus!

— A mamãe está certa, Marcos. Já basta o clima tenso que teremos que aguentar na empresa esta semana sem que você tenha que lembrá-lo desse episódio. Ele é nosso tio, afinal.

— Sim, e você estava lembrando bem disso quando mirou no nariz dele, Muhamad Ali. Por falar nisso, Ricardo, o nosso homem do boxe, vai adorar saber que aquelas poucas aulas que tivemos juntos serviram para você. Meus parabéns.

— Marcos... — Abigail chamou, como se estivesse repreendendo uma criança. Mas ela também não parecia chateada. Aquele povo não era nada como eu pensei, isso sim.

— Estou te aguardando amanhã antes da reunião, vá à minha sala antes, por favor. — Marcos piscou para a mãe e depois voltou-se para Diego. — Além do mais, não creio que nosso tio tenha condições estéticas suficientes para ir participar de uma reunião do conselho amanhã, então relaxa.

Eu quis gemer e me encolher quando Marcos deu uma risada e Diego deu um beijo na minha têmpora e eu senti o seu sorriso lá.

— Meu amor, você precisa se acostumar com Marcos — ele sussurrou, divertido.

— Eu vou, com certeza, e mais ainda quando eu não estiver na linha de

tiro dele — sussurrei de volta para Diego, sem poder esconder o meu sorriso para o irmão descarado dele, que nos olhava agora com um olhar malicioso. Quem cresceu com dona Madá não poderia ficar sem graça diante de Marcos, não era?

— Todos sempre estão na linha de tiro dele, só conviva com isso — ele resmungou, mas olhou em volta, as sobranceiras arqueadas. — E que tal conversarmos sobre outro assunto, pessoal?

— Eu proponho como um novo assunto o que João estava me dizendo lá em cima agora mesmo. — A voz de Iza se fez ouvir, quando ela entrou na sala vindo das escadas, segurando João pela mão. Eu suspirei de alívio e sorri para eles. Pelo menos isso ia desviar a atenção do "episódio".

Imediatamente, Otávio fez um gesto e João foi em sua direção, sentando-se entre ele e Abigail. Aquilo aquecia meu coração, muito, e me dava forças para esperar quanto tempo fosse necessário para que as arestas ao nosso redor fossem aparadas. O fato de eu estar sentada nessa sala, já era um bom início de caminhada nesse sentido.

— E aí JP, como você está? E o nosso plano? — Marcos saudou João, que sorriu para ele e fez o punho fechado como o tio estava fazendo. Senhor, minimiza a influência de Marcos sobre o meu filho, pensei, sorrindo enquanto olhava aquilo. — Não desiste não, vai dar certo pelo que estou vendo.

João me olhou com um sorrisinho matreiro. Que tipo de planos aqueles dois tinham? Diego parecia saber, porque deu uma risada baixa ao meu lado e um beijo na minha orelha. Tinha que me inteirar disso, claro.

— E o que você estava falando para a tia Iza? — Abigail perguntou a João enquanto Iza sentava-se ao lado de Marcos e envolvia os braços ao redor dele com carinho, recostando a cabeça em seu peito.

— Vamos, João, diga o que você estava me dizendo, meu amor — Iza incitou-o, sorrindo, o que dava no mesmo que dizer para ele se encolher e sumir entre os avós, já que estavam todos olhando para ele, agora. — Ele está com vergonha, não vai dizer.

— Você quer falar, filho? — Diego perguntou, observando Otávio colocar João no colo agora. Iza deu um murro de leve no peito de Marcos que tinha dito alguma coisa no ouvido dela, e eu me aconcheguei mais a Diego.

— Deixe-o quieto, ele não quer falar nada. — Otávio veio em socorro de João, passando as mãos por seus cabelos úmidos.

— Ah, mas seria tão interessante se ele dissesse... — Iza sorriu, encolhendo as pernas no sofá. — Eu começo então... diz *pra* gente, meu amorzinho, o que que o vovô Otávio é? Pergunte a ele, pai, o que você é.

Ficamos todos olhando para João, aguardando, mas percebi que Diego e

Marcos se entreolharam e sorriram entre si. Otávio lançou um olhar conhecedor na direção de Marcos que encolheu os ombros. Misericórdia, alguma coisa que ele tinha dito a João.

— O que o vovô é, João, diz *pra* mim — Otávio pediu naquela voz calma, em um tom persuasivo. João olhou desconfiado para Marcos, depois para mim e Diego e nós fizemos um aceno de positivo.

— Um vovô babão. O tio Marcos que mandou eu dizer — João finalmente respondeu, rápido, olhando preocupado para o avô, enquanto todos na sala riam, inclusive Otávio, que abraçou João e o beijou na cabeça de modo relaxado.

— Olha só, você entrega mesmo, não é? — Marcos riu, cruzando os braços. — Em minha defesa, eu devo dizer que esse seu avô aí não era tão mole assim quando nós éramos da sua idade, João.

Eu sorri ao ver a forma como João estava encarando Otávio, os olhinhos brilhantes, sorrindo, como se estivesse tentando decifrá-lo. Boa sorte com isso, meu filho.

— Ninguém tem culpa que você era uma praga — Diego disse a Marcos.

— E nem que você era um chato de galochas.

— Tem outras coisas que João aprendeu lá no apartamento de Marcos também, mas não é de bom tom pedir que ele repita aqui — Iza informou, lançando um olhar falsamente ameaçador na direção do irmão. — Seu boca suja.

Eu balancei a cabeça e sorri, sentindo novamente os dedos de Diego acariciarem o meu ombro.



As semanas seguintes passaram repletas de novidades. E a cada uma delas eu ia sentindo emoções radicalmente novas, como se uma outra vida estivesse se desenrolando bem diante dos meus olhos.

Vovó voltou para São Paulo para ficar com a minha mãe, afirmando que estava indo segura e feliz do que estava deixando por aqui. Quando nós tivemos uma conversa longa, em que eu deitei em seu colo e contei tudo que tinha acontecido mais recentemente comigo, ela sorriu, *me fez* cafuné e disse que a "maldição das Ribeiro" era o cacete. Eu a abracei apertado, e nesse dia ela dormiu conosco para que no dia seguinte a levássemos ao aeroporto. Eu soube que em mais umas semanas e mamãe e Mário viriam ao Rio nos visitar, então, estava tudo nos eixos.

Desde que eu havia me declarado para Diego e tinha ouvido de volta que

aquele sentimento arrebatador também era compartilhado por ele, eu sentia como se um complexo jogo de peças finalmente estivessem se encaixando na minha vida. Todos aqueles sonhos, desafios e aspirações pessoais continuavam lá, *me movendo*, mas agora havia algo complementando, se conectando de forma diferente a minha vida. Amar e ser amada fazia isso com as pessoas pelo visto.

Era como um dos vários ciclos pelos quais eu já havia passado, mas esse era de algum modo peculiar e eu me vi desejando novamente aquela mudança na minha aparência que sempre estava atrelada às mudanças na minha vida de modo geral. Tinha sido assim quando eu entrei na universidade, pintado o meu cabelo de vermelho e fazendo novas tatuagens.

Hoje, claro, eu sabia que isso tanto era uma forma de afrontar quanto era uma forma de me esconder do mundo e das minhas inseguranças. Eu iria mudar novamente, mas mudar de forma a me reconectar, de voltar ao meu natural. Dessa vez, eu tinha certeza absoluta de quais sentimentos me motivavam e quais planos eu tinha a partir dessas mudanças.

Entre as novidades que vieram, estava o fato de que Teo e Malu iriam se casar. Depois daquele primeiro encontro, nós passamos a nos ver com mais frequência, e em uma reunião que fizeram na casa deles, em que os homens estavam na sala bebendo e nós fomos mexer nas roupinhas e nos móveis do bebê que eles tinham comprado, eu finalmente consegui me abrir com elas e contar a minha história. Sentadas no chão no quarto do bebê, Malu, Iza, Alice e Stella me ouviram, perguntaram, mas muito mais ouviram sobre a minha história, meus erros e acertos, minhas escolhas e motivações.

Pude sentir nos abraços apertados que elas me deram depois, nas lágrimas que espelhavam as minhas quando eu terminei, que eu finalmente tinha conseguido estar no meio de outras pessoas a quem eu poderia chamar de amigas. James, na verdade, já estava na categoria de irmão, para ser sincera. E daquela vez foi muito bom poder dizer claramente a elas que eu fugi, sim, mas voltei e amava Diego com todo o meu coração. Foi bom também poder dizer a Malu que eu estava na torcida por uma menina, já que estavam todos fazendo apostas sobre a gravidez dela. João ia gostar de ter uma menina por perto eu acho, mas pelo que eu soube, Teo estava literalmente entrando em colapso ao imaginar uma pequena Malu vindo por aí.

Diego me disse que Rui realmente não foi à reunião do Conselho e que como ele mesmo esperava, não houve qualquer resistência ao fato de que ele decidiu retornar de vez às decisões mais importantes da empresa, bem como revelar que estava comprando ações em nome do filho. Eu o deixaria resolver isso, ele parecia ter tudo sob controle. Mas a novidade maior veio do fato de que Otávio deixou muito claro na reunião, que estava endossando todas as ações de

Diego, e como acionista majoritário, nem precisaria que todos os outros concordassem, mas foi o que aconteceu. E tudo acabou da forma como Diego queria.

Havia, lá no fundo, aquela preocupação em relação ao que ele faria ou diria, mas tanto Abigail quanto Diego me disseram que Rui podia ser qualquer coisa, mas não era burro. Ele não deixaria esse "incidente", como ele disse a Diego depois, varresse as benesses que ele tinha na empresa da família, ou que isso o afastasse definitivamente de Otávio e de todos os outros. Rui optou pelo consenso e mesmo que possa não ter mudado sua opinião sobre mim, e eu estava me lixando para isso, deixou claro que estava seguindo as regras. Pediu desculpas para mim, inclusive — desconfio que isso foi uma intimação de Diego, mas ele nega. Eu deixaria o baile seguir, não era como se eu fosse topiar com ele todo dia mesmo.

Eu havia aceitado a proposta de Abigail, claro, e passei a ir em algumas reuniões com ela e a equipe que trabalhava diretamente com aquilo. Era arrebatador conhecer aquelas mulheres, ouvir aquelas histórias, registrar através das minhas lentes as lágrimas e sorrisos delas próprias e das crianças que estavam com elas. Era um trabalho que me aquecia a alma e era ao mesmo tempo o trampolim para o início da realização dos meus sonhos. O que eu receberia, aliado ao que eu já tinha guardado sem gastar praticamente nada, eu já podia começar, em pouquíssimo tempo, a procurar um espaço para o meu estúdio.

Levando-se em conta tudo que estava acontecendo, eu tinha visto aquelas novidades me pegarem e me girarem quase no olho de um furacão. Quando eu cheguei em casa naquela sexta, mais cedo que Diego, Abigail já tinha passado e levado João. Desenferrujei os meus dotes culinários com a ajuda da internet e preparei um jantar para nós dois, pus um vinho para gelar e fui tomar um banho.

Quando Diego chegou, eu estava no quarto, em uma camisola longa e transparente, e me mantive quieta na cama, sentada e recostada sobre os travesseiros, olhando para ele em expectativa. Poderia ser bobagem, mas era algo que havia marcado na nossa história, e eu de repente me sentia ali novamente exposta, aberta, nua, olhando para o homem que tinha abalado a minha vida de tantas e definitivas formas. Dessa vez, no entanto, a mudança emocional que acompanhava a minha mudança estética era muito consciente, libertadora. Eu sabia exatamente quem eu era olhando para ele.

— Diana... — Diego parou na porta, perplexo, o olhar fixo em mim, em meus cabelos, descendo por meus seios na camisola transparente e voltando a fixar-se em meus cabelos escuros, naturais, ondulados.

Eu sorri para ele e fiz um sinal para que se aproximasse. Ele veio,

devagar, largando as chaves, carteira e maleta pelo caminho. Sentou-se na beira da cama e olhou para mim com toda a intensidade que aqueles olhos azuis podiam comportar, *me aquecendo* em todos os lugares certos.

— Você gostou? — perguntei baixinho, movendo as mãos pelos meus cabelos e enrolando uma mecha escura no meu dedo. Diego sorriu, estendeu a mão e tocou o meu rosto.

— O que há para não gostar em você? Você está linda, meu amor. Nunca estive mais linda, aliás... eu já disse hoje que eu te amo?

— Já, eu já ouvi isso por telefone hoje uma ou duas vezes apenas. — Eu sorri, aliviada, o coração em êxtase. Ele me olhava como se visse pela primeira vez, e ao mesmo tempo me conhecesse muito e há muito tempo.

— Você está maravilhosa assim, pode acreditar — ele disse, e franziu a testa, então, seu olhar buscando o meu, mas como se estivesse perdido em lembranças agora. — Eu lembrei agora das fotos de quando você estava grávida do João, exatamente assim, com os cabelos escuros. Eu aproximei o meu rosto do dele, sorri e fechei os olhos.

Capítulo 44

FAZENDO O MEU MUNDO GIRAR

Diego 

— Eu estava esperando que você lembrasse disso — Diana disse baixinho, seu olhar cheio de significados que eu passei a compreender melhor. Ela estava ligeiramente ansiosa. Nossas testas estavam juntas, sua respiração morna e lenta atingindo meus lábios. Eu sabia que aquilo era mais do que sobre mudança da cor de um cabelo em se tratando de Diana, era muito mais que isso.

Eu realmente havia chegado à conclusão de que ela era linda e impactante com os cabelos vermelhos, como eu achei desde aquela primeira aula em que fui lançado irrevogavelmente no olho do furacão, ainda que na época eu não compreendesse nem pressentisse todos os impactos que a dona daqueles cabelos teria na minha vida.

Mas vê-la com a cor natural dos seus cabelos, ali, sentada na nossa cama, no nosso quarto, era como vislumbrar um pouco de uma Diana que estava se mostrando por completo, era quase como observar de verdade uma outra faceta de quem aquela mulher era: a mulher que eu amava, antes de tudo. Era perceber que ela tinha muitas camadas e nuances, era construída de uma montanha de sentimentos, experiências e sonhos que estavam sempre em transformação, em constante ebulição, mas agora, eu sabia exatamente o ponto em que podia tocá-la. E queimar-me se quisesse. E eu queria.

Claro, ela não podia estar outra coisa além de linda, como eu sempre achava que ela estava. Por outro lado, aquela mudança trouxe à tona decisões, emoções, ânsias e sentimentos que estavam ali me inquietando há semanas.

Diana me amava, eu sabia, e eu a amava com tudo que havia em mim, nem deveria estar tenso com nenhuma das duas coisas que mais queria com ela agora na minha vida, mas estava. Uma, eu diria agora, a outra, eu já estava providenciando. Limpei a garganta.

— Eu posso nunca ter perguntado diretamente, meu amor, mas o que você acha da ideia de ceder aos pedidos do nosso filho e providenciarmos mais um irmãozinho para ele?

Diana abriu os olhos e levantou as sobrancelhas para mim, mas seu sorriso aqueceu meu coração. E eu nem tinha percebido o quanto estava realmente apreensivo com a sua resposta.

Desde que eu vi as suas fotos grávida de João, eu não podia deixar de

pensar naquilo. Estava me deixando louco. A cada vez que íamos para a cama e eu via aquela cicatriz, sentimentos agitavam-se profundamente dentro de mim. Não era raiva ou mágoa, você não podia amar realmente sem perdoar, eu não podia pelo menos. Era algo mais visceral me conectando a ela e ao meu filho, e eu queria aquela conexão novamente.

Todavia, muita coisa estava acontecendo, nós estávamos nos ajustando, nos conhecendo, e no fundo eu não queria que soasse como uma imposição, um desejo apenas meu, ou que ela sentisse que deveria me compensar de alguma forma. Não. Não era aquilo que eu queria. A últimas confissões de Diana, saber a maneira como ela se sentia da primeira vez que engravidou foi o sinal que eu precisava para saber que foi bom esperar.

— Aos pedidos do nosso filho? Então ele é o único que está querendo isso? — ela disse, de modo quase desinteressado, começando a desabotoar devagar os botões da minha camisa. O meu suspiro de alívio foi audível.

— Na verdade, eu posso pensar em uma meia dúzia de pessoas, no mínimo, que estão querendo isso. Vamos lá, além de João, tem Marcos, porque acha que vamos nos concentrar em um novo bebê e deixar João sob supervisão direta dele...

— Deus nos proteja disso, não é? — Diana riu, seus dedos continuando a trabalhar nos meus botões enquanto eu abria minha camisa pelos punhos.

— Aí tem a minha mãe, claro, em uma campanha forte para isso e até papai, acredite em mim. Agora que ele viu como é, não acho que queira parar em um único neto.

— Ok, mas eu espero que seus outros irmãos possam te ajudar um pouco nisso. Não creio que ele espera todos os outros apenas de nós — ela retrucou, divertimento em seu tom de voz, ocupada em me despir.

— Não, realmente. Mas eu não me importaria em ficar tentando.

Sorrimos juntos.

— Eu imagino que não. Certo, quem mais?

— Também tem a Iza, claro, porque se não nós não pegaremos o nosso filho daquela casa nunca mais, esteja avisada. Ele não está lá agora?

— Sim, sua mãe veio buscá-lo. Acho que seu pai queria levá-lo para o clube de golfe ou algo assim.

Eu pensei o quanto era maravilhoso que João ficasse mais à vontade em torno do meu pai do que eu mesmo sempre estive, mesmo enquanto crescia. E para uma criança tímida, ele conseguia sempre se comunicar muito bem com o meu pai, que era muito calado. Eu não sei como eles estavam fazendo, mas parecia estar dando certo.

— Ah, e tem a sua avó por fim... Ela disse isso na hora que ela estava

indo para o avião quando eu estava me despedindo dela.

Diana me olhou entre surpresa e divertida.

— Sêrio? Ela me atormenta com isso também.

— Sim, ela disse que eu estava perdendo tempo e que ela queria mais bisnetos, então, que eu por favor, me apressasse quanto a isso. — Ajudei-a tirar a minha camisa, e Diana espalmou as mãos sobre o meu peito nu, acariciando meus pelos com os dedos em um ritmo lento.

— Ela disse mesmo isso a você?

— Você não conhece mais a sua avó? Claro que ela disse isso. — E tinha dito mesmo. Quando eu me curvei para ouvi-la, dona Madalena me deu essa preciosa sugestão, depois piscou para mim e foi em direção a James e Diana novamente. Ela era uma figura.

— Sim, essa é a minha avó. Fico pensando por um momento se ela e Marcos se encontrassem...

— Isso pode ser providenciado, mas me avise antes para que eu esteja longe. — Eu ri e Diana me deu um beijo rápido na mandíbula, depois nos lábios.

— Mas além de João, eu só contei cinco pessoas até agora. Tem mais alguém?

Então eu não estava mais sorrindo. Segurei o seu pescoço e fiquei por longos segundos olhando para ela, meus olhos fixos nos seus. Não sei por quê, de repente eu lembrava de flashes, de pequenos detalhes daquela primeira vez em que nos falamos, de quando ela me desafiou apenas por estar lá e olhar para mim. De quando ela virou meu mundo de cabeça para baixo e eu pensei que ela faria isso com alguém, um dia, um desconhecido, não comigo. Bom, se ela iria virar o mundo de alguém de ponta-cabeça seria o meu, apenas. Eu daria conta do recado.

— Você e João são a minha vida, Diana, e eu não consigo pensar em qualquer cenário em que vocês não estejam comigo... — assegurei, porque era a mais simples e básica verdade. Respirei fundo e falei ao seu ouvido, baixinho: — ... no entanto, estaria mentindo se não confessasse que passei a ter o mais profundo desejo de te engravidar novamente, de te ver carregando o nosso bebê por aí, de poder tocar o teu corpo com o meu filho dentro de você.

Diana estremeceu de leve. Se pela minha proximidade ou pelas minhas palavras eu não sabia, mas esperava que pelas duas coisas. Quando nossos olhos se conectaram novamente, ela estava muito séria.

— E antes que você diga qualquer coisa, saiba que é exatamente isso, um desejo, meu amor, não quero que de forma alguma a nossa história te leve a sentir-se pressionada por... — Ela pôs o dedo indicador nos lábios, silenciandome.

— Nada do que eu fizer com você será por causa de pressão, Diego. Seja essa pressão motivada por medo, insegurança, ou mesmo amor, você entende? Qualquer coisa que eu fizer, qualquer decisão que eu tomar, que nós tomarmos juntos, terá a ver com a mais profunda consciência do que nós realmente queremos.

Eu engoli em seco e passei o meu polegar por seu queixo em carícias circulares.

— Isso quer dizer que você vai pensar no assunto?

— Isso quer dizer que não tem nada que eu queria mais do que ter um outro filho seu, meu amor — Diana sussurrou, e seus olhos estavam intensos, *me consumindo* e fazendo o meu coração bater furiosamente. — Eu sempre quis ter outro filho, Diego, nunca escondi que pretendia isso um dia. Quando eu me descobri mãe, realmente senti que minha vida fazia sentido de uma forma única, especial.

Eu assenti, observando-a falar, perdido em cada detalhe dela.

— Isso não quer dizer que seja igual para todas as mulheres, e eu sei que nem todo mundo quer ser mãe, nem deveria, é uma escolha, não uma propensão natural como muita gente acha. — Diana deu de ombros e eu concordei. Eu amava ainda mais quando ela se mostrava assim, tão consciente e tinha a mais absoluta certeza de que se ela quisesse ser qualquer outra que não uma excelente fotógrafa, ela poderia. — Mas eu pareci me encontrar, sabe? E isso me surpreendeu muito. Esse tempo todo eu só não tinha...

— Tinha que ser comigo — interrompi, franzindo a testa, o simples pensamento dela carregando o filho de outro homem me causando uma ligeira pontada de pânico. — Por isso você nunca engravidou novamente, porque tinha que voltar para mim.

Diana suspirou e sorriu, e eu fui recostar-me à cama, trazendo-a para o meu peito e acomodando parcialmente sobre mim.

— Acreditando em destino agora, Sr. Probabilidades Aleatórias?

— Não me importa o que seja, meu bem: probabilidades, acaso, destino, em todos esses cenários você será a mãe dos meus filhos, apenas dos meus — garanti, uma ferocidade me tomando ao beijar seus cabelos e apertar seu corpo de encontro ao meu. Segurei-a pelos ombros e a fiz ficar de frente para mim. — Não precisa ser agora se você não quiser, foque nos seus planos, termine os seus projetos, e então podemos pensar em produzir mais bebês, o que você acha?

— Eu não garanto bebês, assim no plural, amor, mas quanto a produzir mais, podemos começar a fazer isso agora. Ou você acha que eu estou nessa camisola te esperando apenas para dormir?

Eu sorri e afastei os lados da referida camisola, observando seus ombros

e depois seus seios aparecerem. Imaginei-os cheios, maiores, pesados, e como seria tocá-los assim... desci mais a camisola, desnudando sua barriga, imaginando-a arredonda. Era tão louco porque isso me causou sensações iguais de ternura e desejo sexual. Mas o que eu poderia esperar mesmo dos meus sentimentos em relação a Diana? Era sempre assim. Me arremessava no desconhecido, e foda-se se isso não era parte fundamental do meu fascínio e amor por ela. Passei a ponta dos dedos por sua tatuagem com os pezinhos azuis sobre o peito. Toquei-a e Diana fechou os olhos.

— Eu acho que das últimas vezes nós não estávamos usando camisinha — lembrei-a, abaixando um pouco a cabeça e tocando meus lábios em sua garganta, provando-a ali onde sua pulsação era mais forte.

— Mas eu estava usando pílula ainda — ela murmurou de volta, o cenho franzido, e gemeu quando eu passei os dedos em seus mamilos e segurei seus seios em ambas as mãos, levantando-os mais para mim.

— E o seu ciclo de repente é um relógio suíço? E pílulas de repente não falham mais? Eu acho que já ouvi uma história dessas de pílulas falhando em algum lugar — eu disse, divertido e excitado com o toque e visão dela, enquanto Diana curva-se para me dar melhor acesso ao seu corpo.

— Agora tem alguém se achando aqui, não é?

Aquela entrega, total, perfeita, era uma sensação maravilhosa e me deixava cada vez mais consciente de que ela tinha sido moldada para mim. Alcancei seu mamilo e puxei entre os meus lábios, meus olhos fixos no rosto dela e no gemido quase doloroso que escapou dos seus lábios.

Depois abri mais a boca e abocanhei melhor o seu seio, sugando o bico duro, minhas mãos em seus cabelos, mantendo-a firme no lugar. Diana quase choramingou e meu pau pulsou, enquanto eu imaginava quando aqueles seios estivessem realmente sensíveis. Aquele piercing teria que sair, pensei, continuando a minha exploração molhada com a língua.

— Por via das dúvidas, vamos garantir que nada dê errado — sugeri, levando-a para trás e retornando para os seus lábios. Iria providenciar que ela estivesse permanentemente cheia do meu esperma e queria ver em quanto tempo eu poderia vê-la carregando outra parte de mim, de nós, sorri comigo mesmo. Eu era um homem em uma missão, decidi, afastando de vez aquela camisola.



A cada dia que passava eu tinha mais certeza do que queria. E queria Diana comigo de todas as formas que importavam, de todas as formas que

poderiam me conectar a ela e ao meu filho pelo resto da minha vida.

Quando eu iniciei os preparativos para regularizar toda a situação de João, não posso mentir que vez ou outra não passou pela minha cabeça regularizar tudo, inclusive em relação a Diana. Naquele momento, no entanto, eu estava movido muito mais por sentimentos de posse e obsessão por fazer o que era certo, o que seria mais prático, ainda que estivesse total e completamente atraído sexualmente por ela.

Queria-a para mim, claro, mas tinha certeza de que a minha proposta não seria recebido da forma como eu queria que fosse assim que Diana voltou. Eu mudei meus métodos, reavaliei minhas prioridades e sentimentos, repensei minhas ações com ela. Diana também mudou, e hoje todas as circunstâncias estavam a nosso favor. Mas melhor ainda, estavam a favor dela.

— Oláaaa. Terra para Diego. — Eu ouvi a voz da minha mãe na porta da minha sala e fui retirado das minhas divagações. Sorri para ela e fiz sinal para que ela se aproximasse, saindo de trás da minha mesa para encontrá-la.

— Pensei que você não viria mais — disse ao beijá-la no rosto e depois caminhar com ela novamente para nos acomodarmos nas poltronas um pouco mais afastadas da minha mesa.

— Passei mais tempo com o Marcos na sala dele antes de sair da Avellar. Queria passar mais tempo com o meu filhote hoje — ela explicou sentando-se e suspirando pesadamente, retirando quase distraidamente fiapos invisíveis do vestido preto que ela usava. — Seu irmão está estranho... não sei não.

Eu abri os botões do meu terno e me acomodei melhor, preparando-me mentalmente para o que ela estava maquinando ali. Porque ela estava, dava para perceber na forma como ela disse aquilo e olhou para mim.

— Estranho?

— É, diferente. Menos efusivo do que ele é. Hoje, por exemplo, ele estava muito calado e sério para o meu gosto. Parecia você, não o meu filhinho alegre de sempre.

— Talvez sejam só coisas do trabalho, você sabe que ele pode ser um piadista, mas leva o trabalho muito a sério.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Não, não é. Algo me diz que tem a ver com uma mulher — ela murmurou, dando batidinhas no lábio com o dedo indicador. Ok, a mamãe tinha decididamente virado as antenas na direção dele. Boa sorte com isso, maninho, pensei.

— Mãe, Marcos está sempre enrolado com mulheres, você o conhece.

— Não, eu não disse no plural, meu filho, quis dizer no singular mesmo: uma mulher. Uma única, e isso é interessante, não é?

Eu não resisti e sorri.

— Acho que sim, ele disse algo para você?

— Não, mas eu não me esforcei. Ainda. Quem sabe eu não dê uma passada um dia desses no apartamento dele? Soube que tudo lá está tão bem organizado... — ela deixou no ar, um olhar astuto. Sim, boa sorte com isso, Marcos. — Tanta coisa boa acontecendo, Diego, estou tão feliz. O Teo já te falou que eles já sabem o sexo do bebê?

— Eu falei com ele ao telefone, ele estava radiante. — Eu sorri ao lembrar da nossa conversa e como eu fiquei verdadeiramente feliz por ele. A emoção em sua voz ao me dizer que seria pai novamente e agora ao me contar as novidades, era crua, real. Aquela emoção tinha me afetado de um modo que eu não esperava, e de algum modo me deu mais certeza sobre o que eu faria.

— Acho, meu filho, que grandes mudanças estão chegando para a nossa família. Mudanças boas, eu posso sentir. Mas e então, e você, como vão as coisas?

— Muito bem. Tudo se ajustando da melhor forma possível. Marcos já deu entrada nos pormenores da compra de ações, Rui resolveu realmente manter um tratado de paz e política de boa vizinhança, por enquanto. Papai está bem com a forma como estou levando as coisas. Diana está prestes a assinar o contrato com o projeto, sim... Eu diria que está tudo nos eixos.

— Ótimo. E foi para isso que você me chamou aqui, não foi? Quer saber mais detalhes sobre o jantar de inauguração do projeto?

Ajustei os meus óculos e limpei a garganta.

— Sim, a Diana me disse que vocês iriam fazer algo pequeno, no próximo sábado, apenas para comemorar o pontapé inicial do projeto e a assinatura de todos os profissionais envolvidos.

— Pois é, ela nem queria, mas você sabe como eu sou. Acho que as coisas boas devem ser comemoradas sim, sem falar que é algo importante para ela, a primeira vez que faz algo desse porte. Não podia passar batido.

— Claro, eu sei como isso é importante para ela. Nesse caso, vocês iriam fazer apenas um jantar em um restaurante, não é?

— Isso, a equipe toda, uma ou duas das nossas participantes, Diana fez questão de conhecer um pouco mais sobre elas, passar um tempo... ela é uma mulher excepcional, meu filho — mamãe disse, devagar, *me observando* atentamente.

— Eu sei, mãe. Eu sei.

Ficamos em um silêncio confortável, cheio de coisas não ditas que faziam todo o sentido para mim e para ela.

— Então, sinto como se uma parte importante do meu coração estivesse

em paz. Você, Teo, mais crianças chegando na nossa vida... como eu disse, mudanças para melhor. Alguns de vocês ainda precisam se encontrar, claro, mas eu confio que tudo vai dar certo.

— Eu espero. Nunca estive mais feliz — confidenciei, e ela juntou as mãos e me olhou daquela forma que só ela sabia fazer. Respirei fundo novamente e me inclinei em sua direção. — No entanto, mãe, essa minha felicidade pode ser maior ainda, então, eu vou em busca disso.

— Não esperava nada menos de você, meu filho.

— E para isso, eu vou precisar da sua ajuda.

Diana 

Eu tinha acabado de chegar em casa, ainda refletindo sobre as conversas com Tereza e Eloísa, duas das mulheres selecionadas pela ONG para fazerem parte do nosso projeto. Na sede, eu tinha passado algum tempo com elas, ouvido suas histórias de luta, tristezas, alegrias, de vida, e fotografado um pouco enquanto elas falavam. Ainda não era nada oficial, mas eu passava mais tempo com a minha câmera enquanto estava por lá. Era uma forma diferente de sentir as emoções das pessoas, como se eu pudesse captar coisas que talvez não notasse apenas ouvindo e olhando para elas.

Eu ainda passava boa parte do meu tempo nos últimos dias dividida entre esse projeto, os trabalhos em festas, aniversários de crianças ou mais recentemente fazendo fotos para campanhas de moda infantil. Ainda era gratificante, eu amava o que eu fazia, e aliado ao novo trabalho com Abigail e a equipe dela, eu estava me sentindo realizada. De todas as formas.

A vida com Diego era extremamente igual à que nós vivíamos e ao mesmo tempo completamente diferente. Nós já vínhamos exercitando aquela rotina doméstica, já estávamos envolvidos e desfrutando da intimidade um do outro, todavia, aquela parte em que os nossos sentimentos eram visíveis, acessíveis para nós, estavam lá, firmes, nos completando, fazia tudo radicalmente distinto para mim.

Nós nos amávamos e amávamos o nosso filho, tínhamos planos seguros de aumentar a nossa família — tanto que a pílula realmente já tinha ido para o espaço, mas sem pressão, nós estávamos gostando de ficar tentando apenas — e eu estava me realizando na profissão que escolhi.

Eu estava passado mais tempo também com as “meninas”. A casa de Malu era geralmente o nosso ponto de encontro, já que ela estava organizando o

quarto do bebê e ao mesmo tempo planejando o casamento com a ajuda de Abigail. Na maioria das vezes nos reuníamos mesmo quando nossos “meninos” não estavam por perto, e devo confessar que sugerir, aconselhar, trocar experiências sobre a maternidade com a Malu de alguma forma me conectou muito a ela nos últimos dias.

Nem tudo eram flores e nunca seria. Às vezes eu ainda era assaltada por pontadas de angústia e remorso quando observava João com os avós, com os tios, com o próprio Diego... quando olhava rapidamente para o passado e pensava que podia ter feito diferente.

Mas eu entendia que aquilo era um processo lento de entendimento e amadurecimento, e o tempo, junto com a força do amor de Diego, ia aos poucos me deixando ter menos vislumbres disso e mais visões de como as coisas poderiam ser no nosso futuro.

Naquela noite, eu, Abigail e mais um pequeno grupo de pessoas faríamos uma ligeira comemoração pelo início da campanha e pela assinatura final de todo mundo envolvido naquele projeto. Ela havia insistido nisso e de certa forma, era bom poder comemorar essas pequenas vitórias. Não sei exatamente por quê, no entanto, ela havia me ligado mais cedo para dizer que não iríamos mais ao restaurante, mas talvez algo com uma reserva em cima da hora para um grupo de empresários chineses.

O jantar seria na casa dela, tudo de improviso, ela garantiria, pois agora o presidente internacional da ONG e uma pequena comitiva iria comparecer. Ela havia pedido que eu fosse um pouquinho mais formal do que se fosse para o restaurante por causa disso. Um vestido caíria bem, afirmou, e eu quase reviro os olhos, sorrindo. De repente, o que era um jantarzinho tranquilo em um restaurante, com meia dúzia de pessoas, tinha gente até demais. Mas era a Abigail, eu estava começando realmente a me acostumar ao jeito dela.

Diego também resolvera se atrasar. Tinha acabado de me ligar dizendo que havia surgido um imprevisto no MP, e ele precisaria ficar em uma reunião urgente, mas iria direto para a casa da mãe. Eu estava só um pouquinho decepcionada na verdade, pois queria que ele estivesse desde o início comigo, mas eu entendia. Ele nunca se atrasaria ou deixaria de estar comigo naquele momento se não fosse algo muito sério.

Depois do banho, usei o vestido nude que eu havia comprado recentemente. Era justo e discreto, mas bonito. Pus saltos pretos altíssimos, como eu gostava e deixei os meus cabelos soltos. Completei tudo com uma maquiagem caprichada e me preparei para sair. João Pedro e Marta tinham acabado de descer para o parquinho, então percebi que se não saísse logo, iria acabar me atrasando, e de jeito nenhum eu queria isso.



Quando eu cheguei em frente à casa dos pais de Diego, ele não havia atendido a nenhum dos meus telefonemas, e era mais do que o horário em que ele disse que ainda estaria em reunião. Eu esperava sinceramente que ele me ligasse de volta o quanto antes.

Havia alguns carros por ali e eu deduzi que muitos dos convidados já haviam chegado, claro. Fui me encaminhando para a entrada, então parei. Aquele carro ali era o de Edu? Mas por que Edu estaria ali? Não, só podia ser uma coincidência. Contornei a casa, indo para o jardim, na parte coberta onde Abigail havia me dito que disporia as mesas e se realizaria o jantar.

Realmente, algumas pessoas já haviam chegado e estavam espalhadas pelo local. Bom, mais do que algumas, pelo visto. Abigail realmente desconhecia o sentido da ideia de “algo pequeno, sem muitas pessoas”, notei, sorrindo ao me aproximar. Reconheci várias pessoas da empresa, da área que Abigail administrava, envolvidas com o nosso trabalho. Mas também havia outras, desconhecidos para mim, ou que eu tinha visto de apenas de passagem por lá. Era estranho. Por que ela de repente havia transformado o encontro do nosso projeto em algo para várias pessoas da empresa? Tipo, várias mesmo, concluí, abismada agora. Alguma coisa estava acontecendo ali.

Olhei em volta tentando reconhecer alguém, mas virei-me ao sentir a mão pesada de alguém em meu ombro. Com um profundo sentimento de déjà vu, *me deparei* com Otávio daquela vez, e fiquei calma. Ele estava trajado formalmente em um terno e sorria discretamente.

— Olá, Diana. Boa noite, você já encontrou com Abigail?

— Não, na verdade, eu acabei de chegar.

— Ela já deve aparecer, você sabe como é, deve estar resolvendo algo em algum lugar. — Ele sorriu, simpático e eu assenti com um sorriso de volta. — Vou avisar que você chegou.

— Ah, claro, ok. Tudo bem, Otávio — respondi, ele acenou e se foi. O que foi aquilo? Ele falava comigo, claro, em várias oportunidades, mas não para vir assim espontaneamente “todo sorrisos”. De repente estava me sentindo muito estranha. E Diego, onde mesmo tinha se enfiado?

Fui em direção às mesas e sentei, ainda olhando em volta. Cumprimentei um e outro, mas nada dos conhecidos ou dos donos da casa. Se Otávio estava por ali, deduzi que Iza estaria, ou mesmo Marcos, mas não havia ninguém. Respirando fundo, fiz outra chamada que Diego não atendeu. Não acredito.

Algum outro imprevisto, pensei, impaciente.

Nesse momento, eu notei algumas pessoas com quem estive trabalhando nas últimas semanas e fui em direção a elas, aliviada. Cumprimentei-as, falei com as meninas da campanha, sorri, mas estava ficando angustiada, triste. Afastei-me um pouco para fazer uma nova chamada, e Ney, o jovem assistente de Abigail, *me tocou* no braço e apontou.

Na mesma hora o som de alguém testando um microfone se fez ouvir e eu me virei para ver Abigail lá na frente, linda em um dos seus diáfanos vestidos longos. Ela sorriu. Alguma normalidade, pelo menos, pensei. Parece que a festa ia começar. E nada de Diego. Ele tinha que ter uma porra de uma explicação muito boa, pensei, sorrindo entredentes enquanto ela começava.

— Boa noite, queridos e queridas. Sejam todos muito bem-vindos à nossa casa. Vocês sabem o motivo de estarmos aqui hoje. — Ela olhou em volta, e eu acompanhei. — Essa campanha é algo muito importante para todos nós, e não poderia deixar passar a oportunidade de marcar, registrar este momento com as pessoas que estão fazendo acontecer.

Palmas se fizeram ouvir e eu aplaudi, entre feliz pelo momento, e tensa por ele não está ali comigo. Estiquei o pescoço, mas nada dele, e agora mais pessoas pareciam estar chegando. Abigail continuou falando, desenvolta, enquanto aplausos e risadas pontuavam a sua fala. Levei o meu celular ao ouvido, em uma chamada discreta, e dessa vez para meu alívio, Diego atendeu.

— Meu amor, onde você está? Já começou aqui, por que você...

— Calma, querida. Eu já estou aqui. Fica tranquila que eu estou indo te encontrar — ele respondeu, sua voz profunda me acalmando um pouco e desligou. Intrigada, voltei a atenção para Abigail de frente. Ela agora falava sobre as pessoas que estavam trabalhando conosco. Até que ela chamou o meu nome. Ah Deus, por favor, não. Ela estava me chamando?

— Diana Ribeiro, a fotógrafa que assina o nosso projeto. Uma mulher sensível, que está captando com sua câmera exatamente o que nós almejamos mostrar com esse trabalho. Diana, você pode vir até aqui?

Misericórdia! Por que ela não me disse que me chamaria? E por que ela não chamou mais ninguém? Eu estava pensando sobre isso, ouvindo os aplausos ao meu redor, sorrindo, mas nervosa. Eu não era uma pessoa muito boa em falar em público, na verdade, nunca precisei, ainda mais assim de surpresa. Eu poderia esganar Abigail, não poderia? E onde diabos mesmo Diego tinha se metido?

Eu fui, porque era só o que eu poderia fazer, não era?

Cheguei perto de Abigail, que teve a audácia de dar de ombros e soltar uma risadinha. Ela ficou mais afastada, e eu sorri, virei-me para falar com as

pessoas ali presentes. Bastava dizer algumas palavras e pronto, decidi, respirando fundo.

— Boa noite, eu...

Então eu parei, boquiaberta, olhando para a frente. Lá, chegando a alguns passos do local onde eu estava, estava a minha mãe e Mário, abraçados e sorrindo para mim. Minha avó estava ao lado deles, de braços dados com James e Edu, um de cada lado. Todos tão bonitos e me olhando emocionados. Meu coração começou a tremer como louco no meu peito. Eles vieram! Estavam ali. Por que não me disseram que viriam?

— Bem, eu só posso dizer que estou profundamente.... — minha voz foi baixando e sumindo quando eu notei Iza, Marcos, Alice e Ricardo também chegarem perto deles, e logo depois Teo e Malu, com sua barriguinha já evidenciada no vestido que usava e Julia. Otávio também estava parado lá, olhando para mim e sorrindo discretamente. Estavam todos chegando agora. Com meu pulso disparado, tentei continuar, e olhei para Abigail, mas ela já estava com os olhos lacrimejantes, as mãos juntas olhando para mim. Isso me deixou mais nervosa e emocionada.

Ela tinha preparado aquilo para mim? Transformado aquela simples apresentação em algo muito maior com todo mundo, toda a família, a minha, a nossa família, todos juntos? Engoli o nó de emoção e mais uma vez tentei continuar. Era lindo, eu estava feliz, mas agora veio uma absurda vontade de chorar e eu olhei em volta procurando Diego. Nada.

— Eu peço desculpas, estou realmente emocionada. Mas como eu disse, a oportunidade de poder... — e agora eu não poderia continuar, nem que quisesse. Olhei para o meio daquelas pessoas que iam abrindo caminho e deixando alguém passar. Porque alguém estava vindo. Era Diego, enfim, notei, meu coração aos pulos. Ele estava de terno escuro, lindo e elegante como só ele poderia ser, carregando João Pedro no colo, que vestia uma miniatura do terno do próprio pai. Senti minhas pernas tremerem e a mão que segurava o microfone vacilou à medida em que ele vinha caminhando.

Sem conseguir deixar de olhar para eles se aproximando de mim, eu desisti de qualquer tentativa de tentar falar. Não era possível. Só fiquei lá, surpresa, trêmula, tentando entender tudo. As pessoas à nossa volta olhavam para Diego caminhando na minha direção, algumas sorriam, outras pareciam tão surpresas quanto eu. Quando ele chegou ao meu lado, minha respiração estava rápida e eu sentia o peito vibrar.

— Olá, meu amor — ele disse, baixo, dando-me um beijo rápido.

— Olá... Diego, o que tudo isso significa? Pensei que você... — eu comecei depois de dar um beijo em João, ainda muito surpresa e emocionada.

Ele fixou seus olhos impressionantes em mim e eu pude notar que ele estava tenso, nervoso, apesar do sorriso. Como assim?

— Eu amo você! — foi o que ele disse, sua respiração quente no meu ouvido agora. Tentando respirar de modo normal, eu sorri para ele.

— Eu também te amo. Muito! — Olhei em volta e o silêncio era total. A consciência do que estava acontecendo me pegou de vez e olhei de volta para Diego em busca de resposta, confirmação, qualquer coisa. Ele continuou com João nos braços, mas pegou o microfone da minha mão trêmula e virou-se em direção aos presentes.

— Como vocês perceberam, a Diana pode não ter mais condições de se dirigir a vocês por um momento — ele avisou, e vários risinhos foram ouvidos ao redor. Eu mordi o lábio, incapaz de olhar para outro lugar que não para ele e o nosso filho em seus braços. — Eu, como um cavalheiro, acho que preciso dar a ela um descanso e um tempo para se recuperar. Enquanto isso, acho que seria interessante se vocês me ouvissem.

Eu pisquei, tentando ouvir as palavras dele acima do barulho que a minha pulsação parecia fazer nos meus ouvidos. Diego sorriu, como se estivesse tímido, e eu sorri nervosamente, amando-o tanto naquele momento. Tanto.

— Como a minha mãe já avisou, essa é uma comemoração para uma ação importante, um marco social e profissional para várias pessoas aqui, inclusive para Diana, essa mulher linda e maravilhosa que vocês estão olhando aqui agora. Eu resolvi usar este momento tão importante para ela, em especial, porque é uma conquista pessoal, o início da construção de um sonho, mas também pensei em usar este momento, porque o que eu quero dizer, o que vou dizer para o maior número de pessoas possíveis. Pessoas importantes para nós, e talvez pessoas que nunca sequer tenham visto a Diana antes, e isso foi proposital, claro. A ocasião é perfeita.

Eu já estava chorando, apertava meus lábios e piscava para controlar o fluxo desenfreado que umedecia meus olhos agora ao ouvir Diego falando de mim. Ainda em silêncio quase total, as pessoas olhavam para ele, concentradas, quase encantadas, e como não poderiam estar?

— Eu posso ser bom com as palavras, trabalhar com elas, estar acostumado a usá-las para me fazer ser entendido. No entanto, eu não costumo usar essas mesmas palavras em público para falar de mim, para dizer coisas pessoais então, por favor, relevem se eu estiver tremendo, isso não é nem um pouco fácil. — Ele riu, e todos acompanharam. Eu dei uma risada baixa que foi meio um soluço. Diego continuou: — Não é fácil, repito. Eu sempre gostei de pensar em mim como um homem reservado, mas então por que eu estou aqui? E essa é uma resposta fácil: eu estou aqui falando para vocês, porque quando você

ama alguém da forma como eu amo essa mulher, timidez, reservas, regras, nada disso importa. Essa mulher linda que vocês veem aqui, é a pessoa responsável por fazer o meu mundo girar, se despedaçar, e depois se reconstruir em milhões de pedaços que hoje se encaixam muito melhor.

Eu fechei os olhos apenas para que as lágrimas caíssem e não me impedissem de vê-lo completamente. João me olhou e eu soprei um beijo para ele. Mas Diego ainda não havia terminado.

— Ela entrou na minha vida como se fosse um tornado, eu já havia dito isso antes, não Teo? — Ele riu novamente, mas sua voz estava grave, solene. Ouvi Teo dizer alguma coisa engraçada, mas realmente não registrei, eu só conseguia chorar e olhar para ele, que agora me olhava de frente, fixamente. — Ela trouxe o que de melhor podia existir em mim: meu filho. *Me fez* entendê-la, respeitá-la, desejá-la, amá-la, e eu digo a cada um de vocês aqui, aos que conhecem e aos que conhecem Diana: ela foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Ela é a mãe do meu filho, a mãe dos meus futuros filhos, eu vou respeitá-la e fazer com que cada pessoa que encontre com ela a respeite também. Mas acima de tudo, ela é completamente capaz de impor respeito por si própria, porque ela é uma mulher linda, forte, corajosa, confiante, segura ... — ele disse essas palavras olhando intensamente para mim, e eu sabia exatamente o que ele queria dizer. O que aquelas palavras significavam. Solucei. — E a amo. Eu te amo, Diana. Muito, meu amor. Quero passar o restante da minha vida com você. Você entende isso? Então, já que eu estou dizendo isso aqui, para todos vocês, não custa nada perguntar outra coisa para você, não é?

Eu enxuguei os olhos. Diego sorriu e abaixou a voz, mas como falava microfone, cada pessoa ali ouviu.

— Diana, você quer se casar comigo?

Capítulo 45

UMA CONEXÃO INVISÍVEL E PODEROSA

Diego 

Um ano depois...

Ouvi o *clic* de algum lugar à nossa esquerda e apenas sorri, sem me virar na direção do som. Sabia que ela estava fazendo fotos nossas ali, quase silenciosamente. Era o cenário, claro, e eu tinha certeza, ela não podia resistir a isso.

Eu estava de pé, virado na direção do mar, observando as ondas moverem-se em fluxo constante, calmo e hipnótico à minha frente. Podia ouvir, ao longe, o som ocasional das conversas e risadas na parte de dentro da casa onde todos estavam reunidos na varanda lateral. Mas ali na parte de trás, do lado de fora, era perfeito para apreciar a vista e aconchegar-me na mais nova e importante parte da minha vida, em um silêncio gostoso só quebrado pelo barulho das ondas quebrando a nossa frente.

A brisa agradável daquele quase fim de tarde moveu o meu cabelo de leve e eu olhei para baixo, levemente preocupado. Será que já estava ficando muito frio ali? Espalmei a minha mão delicadamente nas costas dele, que ainda parecia dormir, inclinei a minha cabeça para baixo e fechei os olhos, aspirando o aroma delicado e único que se desprendia dos seus cabelos escuros e macios ao toque.

Cada vez que eu fechava os olhos e inalava profundamente aquele cheiro, pensava que ele ficava mais forte, vivo e delicioso do que antes. Como aquilo era sequer possível? Sentir aquele cheirinho ali, a maciez dos cabelos dele roçando no meu nariz, nos meus lábios, era como ser transportado para um local calmo, acolhedor e perfeito que se conectava à minha alma de uma maneira única, especial.

Interessante que era a mesma sensação que eu tive quando João havia tocado o meu rosto com tanta delicadeza daquela primeira vez, quando soube da sua existência e fui vê-lo. Era como uma conexão invisível e poderosa que me deixava intimamente consciente de que aquelas vidas estavam conectadas à minha de uma forma que eu nem iria tentar mensurar. Era melhor sentir, viver, do que tentar compreender algo tão grandioso assim.

Eu descobri uma vez, com João Pedro, que havia uma maneira do meu coração parecer estar fora do corpo, e era assim mesmo que eu me sentia com aquela pequena vida agora, e iria me sentir para sempre: isso era assustador e maravilhoso, tudo a um só tempo. A gente só tinha que conviver com isso, nada mais.

Abri os olhos e espiei. Luiz Felipe estava colado ao meu peito, sob o *sling*, acordado agora, e piscou devagar, dando um pequeno bocejo e movendo a mãozinha em direção ao meu pescoço. Eu não pude evitar o meu sorriso ao olhar para o seu rostinho redondo e a placidez com que ele se ajustava a mim, preso pelo carregador de tecido. Acomodei-o mais de encontro ao meu corpo, ajustando a coberta que minha mãe havia insistido que eu trouxesse ao sair da casa, ao lado do rosto dele.

Outro *clic*, mais suave agora, e eu pus um dedo delicadamente sob o queixo dele, que moveu a cabeça de leve e olhou diretamente para mim. Ele fazia muito aquilo, e era sempre assim, aquela sensação quente se espalhando pelo meu peito desde que ele havia feito isso pela primeira vez, quando eu o peguei no colo assim que ele nasceu. Seus olhos eram grandes e azuis, um pouco mais escuros que os de João, em um tom mais cinzento, e seus cabelos pretos já formavam ondulações em todas as direções. Ele era lindo, claro.

— Ei, rapazinho, você já está olhando para o papai assim... o que será que você está pensando aí? — murmurei para ele, que sorriu ao som da minha voz, as gengivas rosadas aparecendo, enquanto ele fazia um sonzinho adorável e balançava as pernas de encontro a minha barriga. Luiz Felipe estava com quase três meses agora, e passara a fazer aqueles sons engraçados e balbuciar quando falávamos e sorríamos com ele.

Como eu havia desejado ardentemente, coincidência ou não, Diana não demorou muito a engravidar, e nas duas semanas seguintes depois que eu a pedi em casamento, nós desconfiamos que ela estivesse grávida. E estava. Eu ainda podia sentir a emoção do momento em que abri a porta do banheiro pela manhã, preocupado, e a encontrei segurando aquele bastão, sorrindo, os olhos brilhando por conta das lágrimas. Diana usava apenas uma calcinha, os cabelos soltos, e quando tudo finalmente fez sentido e eu olhei para ela buscando confirmação, tive que me recostar na parede atrás de mim e fechar os olhos, respirando pesadamente, as minhas pernas quase não me sustentando. E então senti quando ela se jogou contra mim, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, e eu a segurei forte, chorando, rindo e repetindo que a amava, que a amaria para sempre e que amaria os nossos bebês.

E claro, sempre há gradações, intensidades distintas, e mesmo que nós saibamos que todos esses momentos são iguais em importância, o nosso coração

elencar momentos únicos, como disparos de flashes de uma câmera, e esse momento talvez só tenha sido suplantado pelo assombro maravilhoso de tocá-lo. Senti-lo. Vê-lo com Diana.

Todos diziam que Luiz Felipe parecia um pouco mais com Diana do que comigo, seja nos cabelos já mais ondulados do que os de João na mesma idade, ou no tom mais moreno da pele dele, também diferente de como João Pedro nasceu, mais branquinho. Eu achava que sim, que ele lembrava um pouco mais o rosto dela, mas mais do que isso, era quando ele sorria daquele jeito e olhava *pra* mim, que eu achava que ele parecia muito mais com Diana. Podia ser bobagem, claro, ele ainda estava muito pequeno, mas era a sensação que eu tinha.

Eu ajustei meu braço quando ele voltou a descansar a cabeça no meu peito, ficando quietinho. Aquele *sling* podia estar firmemente amarrado a mim, mas de jeito nenhum eu tiraria o meu braço da parte de baixo do corpo dele ou das suas costas. Eu o havia segurado com toda a confiança desde a primeira vez, e nem sabia de onde isso veio, porque não estava acostumado, mas ainda assim eu não ficava tão bem com a sensação dele em mim e os meus braços soltos. De jeito nenhum.

— Ele acordou? — Ouvi a voz de Diana quase sussurrando quando ela finalmente chegou perto de nós e eu virei-me para olhá-la. Ela estava descalça, assim como eu, nossos pés afundando levemente na areia morna da praia. Seu vestido solto e branco estava sendo movido pelo vento, assim como seus cabelos soltos. Deixei meu olhar perder-se sob ela.

Todos os dias, desde que eu aceitei o fato de que não podia viver sem ela e sem João Pedro, eu tentava me convencer que estava acostumado, que tinha plena consciência de que eles estavam comigo e o meu coração estava sossegado. Mas então, Luiz Felipe chegara e eu continuava pensando que não estava acostumado ainda, a ser feliz daquela forma. Mas eu ia fazendo isso aos poucos, todos os dias. Eles eram absolutamente tudo para mim, isso eu sabia.

Inclinei-me devagar e beijei sua têmpora, quando ela passou os braços por minha cintura.

— Sim, mas ele está tranquilo.

— Ele sempre está. — Ela suspirou, mas eu senti o sorriso em sua voz. Diana havia me contado várias vezes como João sempre fora uma criança tranquila, mas Luiz Felipe parecia ser ainda mais, se isso era possível. Não raro nós acordávamos à noite e íamos até o berço apenas para nos certificarmos que ele estava realmente dormindo bem.

No início, ele ainda acordava muito à noite, mas ele foi passando a dormir melhor ao se aproximar dos três meses. Ok, eu tinha que admitir que eu fazia aquilo muito mais sem que ela visse, às vezes, e ia até lá observar se ele

estava respirando direito, se tudo estava certo, se ele estava bem... só checando apenas. Diana já tinha passado por quase tudo com João, e às vezes sorria de modo complacente quando me flagrava nessas ações sorrateiras, e eu amava a paciência que ela tinha com essas minhas manias, com as minhas inseguranças e talvez uns poucos exageros. Poucos.

— Você já se decidiu? — Diana virou-se e plantou um beijo no meu ombro. Eu passei a mãos em movimentos circulares e aconchegantes pelas costas do nosso filho mais novo, olhando agora para os contornos da casa a nossa esquerda.

— Já. Nós vamos comprá-la.

— Você sabe que os seus pais acham que não precisamos, não sabe? Não sei quantas vezes tive que ouvir agora mesmo que essa casa é enorme, que João tem um quarto aqui, e etc, enfim... eu já tentei convencer Abigail que é aqui ao lado, mas você sabe como a sua mãe é. Fico com pena, Diego, ela acha que vamos nos refugiar lá e João e Felipe não estarão sempre por aqui. Conversa com ela.

— Ela vai entender depois, meu amor. A nossa família está crescendo, veja como a casa está cheia com todos aqui hoje. Essa casa é enorme, sim, mas nós temos a nossa própria família agora, e se nós quisermos vir um dia com os meninos e ter mais privacidade e mais alguém da família quiser vir também?

— É, você está certo, ainda mais agora, não é?

— Exatamente. E aí, o Teo gostou das fotos?

— Pode apostar que sim. Ainda está lá babando tanto nas fotos quanto no bebê. — Diana deu uma risada e eu visualizei a cena. Podia imaginar muito bem isso e sabia exatamente o que ele estava sentindo, naquele momento. — A sua mãe está reclamando que ele monopoliza o Nick, mas o Marcos disse a ela pra ficar calma, que a contribuição dele vai começar a ser feita.

Nós dois sorrimos. Desde que Diana se consolidou como fotógrafa, tinha passado a ser a nossa "registradora oficial" da família, claro. E com tantas comemorações, aniversários e principalmente, crianças surgindo, ela mantinha-se ocupada entre o trabalho no seu estúdio, só recentemente aberto, e a missão de manter os momentos importantes devidamente registrados. Alguns poucos eventos ela tinha participado diretamente no último ano e assim esses não haviam sido também fixados na nossa memória com a ajuda das suas lentes. Mas a maioria, sim.

— Como eu disse, a nossa família está aumentando rapidamente. Por falar nisso, nós já acabamos a nossa contribuição, amor? — perguntei, malicioso e Diana revirou os olhos.

— Nem vem, já te disse que dois é o nosso número, está mais do que

bom.

Beijei seus cabelos, escondendo meu sorriso.

— Eu sei, querida, está perfeito. Por isso mesmo precisamos de mais espaço. Além disso, se nós a comprarmos, não deixa de ser também um novo local para todos se for o caso. Basta passar de uma casa para outra, simples — argumentei, relaxado. Sabia que mamãe iria apoiar mais tarde, ela só estava dando uma de vovó coruja que queria todos os netos ao alcance da mão quando viéssemos para a praia.

Dona Abigail já tinha a sua cota de crianças, e pelo jeito queria mais, concluí, sorrindo ao lembrar disso. A oportunidade de comprar a casa de praia ao lado da nossa, menor que a dos nossos pais, mas ainda muito grande, não podia passar batida. Era uma forma de ir garantindo o patrimônio dos meninos também. Podia-se unir o útil ao agradável.

— Eu gostei da casa, é grande, mas de alguma forma aconchegante também. Fui com a Malu e Iza mais cedo.

— Se você gostou, está resolvido. E João, onde está?

— Estava montando quebra-cabeças, mas dormiu finalmente. Foi um dia agitado. — Ela afagou os meus cabelos na nuca que estavam só um pouquinho maior do que eu costumava usar quando estava trabalhando. Queria ficar o mais à vontade possível naquelas semanas ali. — Seu pai foi colocá-lo na cama, você sabe que ele adora as histórias do vovô Otávio agora. Por falar nisso, as nossas precisam melhorar, se quisermos fazer com que ele durma, viu? Estamos perdendo feio nesse quesito.

— Precisam, sim. Nunca pensei que iria perder para o meu pai como contador de histórias — fiz uma pausa, pensando, então dei de ombros — Ele nem sabia contar histórias pelo que me lembro.

Nós sorrimos, e Diana voltou a acariciar meu pescoço.

— Eles subiram e eu vim ver o que os meus outros garotos estavam fazendo aqui fora, sozinhos.

Eu sorri e passei meus braços por seus ombros, aproximando-a mais de mim.

— Apreciando a vista. Cheirando o bebê — respondi, meus dedos acariciando seu ombro distraidamente. — Pensando em como a minha vida mudou neste último ano, em como tudo que eu pensei que a minha vida seria acabou sendo totalmente diferente, Sra. Diana Ribeiro Avellar de Barros.

Virei-me e ela sorriu amplamente, e nossos olhos presos um no outro indicavam que estávamos lembrando exatamente a mesma coisa: o dia em que aceitou ser a minha esposa, diante de toda uma multidão de pessoas na casa dos meus pais há um ano quando eu tinha programado que as pessoas que amávamos

estivessem ali, mas que também todas as pessoas que precisavam saber que ela era a melhor coisa que me aconteceu, também soubessem quem ela era e o lugar que estaria ocupando a partir de então na minha vida e da minha família.

Eu não tinha a obrigação de fazer aquilo, nem sabia se teria a coragem para expor meus sentimentos da forma que fiz, diante de tanta gente, mas quanto mais eu pensava sobre aquilo, mas eu decidia que deveria fazer. Por mim, mas também e, principalmente, por ela, e eu não me arrependeria nunca daquela decisão.

Eu sabia que Diana impunha respeito por si só, ela estava fazendo isso todos os dias no último ano, tanto pessoal quanto profissionalmente, e isso me deixava louco de orgulho e amor por ela, todavia, eu também fazia questão de assegurar, de todas as formas possíveis, que ela recebesse exatamente isso de mim e de todos ao nosso redor: respeito. Quando casamos, em uma cerimônia discreta apenas para a nossa família, ali mesmo naquela praia, ela estava grávida. E não podia ter sido mais simples, lindo e perfeito.

— Diferente para melhor eu espero — ela me provocou, porque não tinha como ela não ter certeza que era para melhor. Luiz Felipe moveu a cabeça, começando a sair do torpor do sono em que estava, e eu dei um beijo terno em sua cabeça. Provavelmente era ao som da voz de Diana que ele estava reagindo e ficando mais atento.

— Melhor: eu nem sabia o que significava essa palavra antes de vocês, meu amor — sussurrei, voltando a espalmar a minha mão nas costas do nosso filho. — Eu te amo, já te disse isso hoje? Amo vocês.

— Sim, mas estou sempre disposta a ouvir novamente...

Eu me inclinei suavemente na direção dela, e comecei a sussurrar que a amava, que ela era toda a minha vida, junto com os meus filhos, e que os amaria pra sempre. Depois que ela respondeu que me amava, abraçando-me mais fortemente, ficamos em um silêncio agradável, observando o mar ao longe, até que achamos que o vento já estava forte demais e entramos na casa novamente, as risadas de todos eles, nossa família, chegando até nós, quando alcançamos a varanda.



Três Anos Depois...

João Pedro estava concentrado no jogo sentado de frente para a imensa TV na nossa sala, enquanto fazia resmungos ininteligíveis, o controle nas mãos,

os olhos e dedos movendo-se rápidos para não perder a partida. Eu continuava não sendo muito bom com games e jogos de computador, mas me esforcei o suficiente para jogar algumas vezes com ele e sempre acabava perdendo de modo vergonhoso.

Aquilo era culpa de Marcos, claro, que além de gostar e entender desses jogos, fazia questão de estar sempre deixando-o a par de tudo que se pudesse saber sobre o tema. Então, ninguém era páreo para ele. Da última vez que Julia esteve em casa, jogou com ele e ficou impressionada com a habilidade de João para tudo que dissesse respeito à tecnologia.

Eu estreitei meus olhos e ajustei os óculos para tentar entender pela milésima vez aquele parágrafo. Era um livro muito bom, um suspense policial intrigante e envolvente, mas a cada vez que eu tentava entender aonde aquela trama ia dar, tinha que tentar fazer outras duas coisas ao mesmo tempo: a primeira era olhar para o menino à minha direita, Nik, o filho de Teo, sentado com um conjunto de blocos de montar colorido. Seus cabelos loiros e lisos caíam um pouco na testa, enquanto ele escolhia as peças e depois bem devagar as encaixava na cor correspondente. Ele estava bem, agora.

A outra coisa era olhar para o outro menino, que agora parecia ter se entediado com os blocos e estava indo para onde João estava, seus passos já firmes na direção do irmão mais velho. Os passos e as intenções, pelo visto, notei, quando o vi tentar subir nas costas do irmão. Sorri e voltei a olhar para o livro. Por que diabos eu ainda estava tentando ler mesmo? Claro que eu não ia conseguir. Três crianças, como alguém conseguia?

— Pai! — Ouvi a voz de João lamentando e fingi estar muito concentrado na minha leitura. — Pai! O Felipe vai me fazer perder aqui!

— *Me dá!* Papai! — Luiz Felipe pediu, com vigor, olhando para mim daquele jeitinho dele. Pediu não, ele ordenou, como parecia fazer sempre, pensei, rindo agora. Pena para ele que ninguém estava disposto a atender assim as suas vontades ditatoriais de bebê. Bem, sua mãe não, pelo menos. Comigo ele conseguia uma coisinha ou outra, quando ela estava distraída, eu tinha que admitir. Diana era sempre mais firme em relação aos meninos. Eu ainda estava me acostumando a não ceder quando eles pediam algo, por exemplo. Ora, ninguém nasce sabendo essas coisas, eu ia chegar lá. Um dia, muito provavelmente.

Respirei fundo e soube que não ia mais ler mesmo, de verdade ou de fingimento. Olhei para ambos os meus filhos, Luiz Felipe agora com um braço passando pelo pescoço de João Pedro, escalando suas costas e aparentemente tentando pegar o controle de suas mãos.

Luiz tinha pouco mais de 3 anos de idade, assim como o primo, Nik, que

antes estava quieto com os blocos coloridos, mas agora, deduzindo que a brincadeira ali ao lado era mais interessante, estava se levantando e caminhando para os outros dois. Sensacional, qualquer possibilidade de calma tinha ido pelo ralo.

— Você prometeu a sua mãe me ajudar com eles, não foi? — lembrei-o, apoiando os meus braços nas minhas coxas e observando João esconder o controle do game, mas ao mesmo tempo puxar o irmão caçula para baixo e começar a dar beijos na sua barriga, fazendo-o soltar gritinhos animados. João deu um enorme suspiro, mas sorriu e pôs Luiz sentado novamente. Ele tinha acabado de completar nove anos, e agora tinha os cabelos ligeiramente ondulados apenas, mais curtos, e não em cachinhos como quando era menor. Os cachinhos agora pareciam estar todos na cabeça de Luiz Felipe, só que mais definidos, em maior profusão e mais escuros que os de João.

— Mas eles estavam quietos e você estava lendo. Não está na hora deles dormirem não, pai?

— Dormir não, papai — Luiz repetiu, balançando o dedinho gordinho em negativa na minha direção. Eu ri, recostando-me para trás no sofá para apreciar a cena. Agora, os dois meninos menores resolveram que queriam o controle do jogo de João, parecendo subitamente interessados nos gráficos coloridos aparecendo na TV. João bufou, revoltado com a intromissão, pegou o primo pelo braço e sentou-o ao lado do irmão.

— Dois eu não aguento, pai! — Ele reclamou, franzindo a testa, e depois levantando o controle no alto para nenhum dos dois pegar, quando ficou claro que eles não iriam ficar lá quietos, sentadinhos.

— Não era você que queria uns seis irmãos? Estariam todos aí agora pendurados no seu pescoço pedindo os controles dos seus jogos. Não seria legal?

Ele fez uma cara horrorizada.

— Seis?!

— Sim, ainda bem que eu a sua mãe somos pais sensatos — informei, muito sério. Ele não precisava saber que na verdade apenas a mãe dele era a sensata da história toda, já que a minha parte nessa coisa dos seis bebês seria infinitamente mais fácil do que a dela, e eu não me importaria muito em ter cumprido essa meta. Diana, no entanto, estava bem com os nossos dois garotos, e eu também, com toda sinceridade.

— Mudei de ideia, pai, tá bom de crianças, já. E ainda tem primos que são como irmãos, né? — João disse, como se tentasse me convencer, observando com um gemido tanto o irmão quanto o primo saírem caminhando de onde ele tinha acabado de os pôr sentados e partirem em direção a cozinha, como se tivessem algo muito importante para fazer lá. Nós nos encaramos. Eu levantei e

João veio atrás de mim.

Será que Diana ainda ia demorar muito? Era uma daquelas famosas reuniões dela com as garotas, e daquela vez, claro, era muito mais importante, já que haveria um chá de lingerie envolvido. Apenas meninas, elas disseram, e então com Teo fora da cidade a trabalho e Marcos tentando situar-se em sua nova vida, eu era o cara aqui com experiência em crianças, pelo amor de Deus. Eu daria conta do recado, como eu prometi à Diana.

Para ser sincero, já estava passando da hora de colocar ambos os anjinhos para dormir e... bem, por que raios mesmo eu tinha dito a ela que não precisaria de ajuda e que podia dar conta dos dois meninos com a ajuda de João? Porque era necessário, e era isso que um pai e tio fazia quando se precisava dele, não era?

O problema era que não era tão complicado assim quando Luiz Felipe era menor, concluí, mas agora com ele andando para todo lado, eu tinha a impressão que se piscasse, ele sairia do lugar e apareceria milagrosamente em outro. Impressão não, era real. Como Diana conseguia aquilo? Essa noite, então, ponha isso em dose dupla, com Nik e Luiz, e tenha a dimensão do desafio que eu aceitei. Eu daria uma folga para João, que amanhã era sábado e ainda estava cedo para ele dormir, mas para aqueles dois ali, a noite estava oficialmente acabando.



Eu senti dedos delicados tocarem a minha mandíbula, afagando de leve a barba que eu tinha deixado crescer um pouco e pisquei rapidamente para despertar e tentar me situar. Merda, eu tinha caído no sono!

Os dois garotos estavam comigo no sofá, um de cada lado dos meus braços, adormecidos, e eu suspirei de alívio. Em determinado momento da noite, João se convenceu que não ia mais jogar, pelo menos não ali, só se fosse em seu quarto, trancado, então nós pusemos umas animações e os meninos ficaram mais tranquilos depois de um tempo. Tudo estava tão tranquilo que eu acabei adormecendo junto com os dois, pelo jeito...

Diana estava em pé na minha frente, as mãos na cintura, sorrindo descaradamente da cena ao seu redor: João Pedro dormindo nas almofadas sobre o tapete, a TV ligada em um desenho que eu devo ter visto umas cinquenta vezes, no mínimo, só aquela noite, e que ficaria gravado na minha memória pelo resto da vida, eu tinha certeza, quando eu estivesse tentando lembrar de um conjunto de leis. Eu estava meio deitado, meio sentado, com ambos os meninos

dormindo largados em cima do meu peito, minhas mãos abertas em cima das costas de ambos.

— Parece que deu tudo certo por aqui, pelo que vejo — ela considerou, e curvou-se para pegar um Nick adormecido nos braços. — Vem cá, meu amorzinho, sua mamãe está te esperando aí fora.

Enquanto ela saía para entregar o pequeno Nik a Malu, eu acomodei Felipe melhor sobre mim, mas ele apenas virou e não se mexeu mais, ressonando pesadamente. Parecido com Diana em tudo, eu não disse? Ele dormia como se não houvesse amanhã, em qualquer lugar e de qualquer jeito. Quando Diana voltou, já descalça e com os cabelos presos, eu estava levantando com ele e desligando a TV. Ela foi até João Pedro e começou a tirar algumas peças dos brinquedos dos meninos que eu não sabia como, tinham ido parar em cima dele. João resmungou, mas abriu os olhos imediatamente, sentando-se e bocejando.

— E então, como foram as coisas no chá? — Eu quis saber, entregando Felipe para ela. Diana beijou-o demorada e delicadamente nos cabelos revoltos, murmurando que o amava. Então voltou sua atenção para mim.

— Uma maravilha, você não faz ideia, acho que alguém vai apreciar muito os nossos presentes. Cada uma peça mais linda, e ousada, que a outra... Fiquei sabendo que ele gosta bastante de lingerie — Ela piscou para mim enquanto ajeitava a cabeça do nosso filho no ombro. O nosso caçula era um menino grande, maior do que João era na mesma idade, e Diana já tinha um pouco de dificuldade de carregá-lo nas vezes em que precisava fazer isso. Foquei a atenção no que ela estava me contando. Melhor, insinuando, isso sim.

— Por favor, prefiro não saber nada sobre isso, meu amor — resmunguei, e ela sorriu e me chamou de "bobo", vendo-me pegar João e ajudar a levantá-lo. Ele coçou os olhos e balançou a cabeça.

— Eu posso ir sozinho, pai, não precisa... eu já sou grande e peso muito — ele disse, sonolento.

— Você está chamando o seu pai de fracote?

Eu peguei-o e o carreguei, e ele riu, passando os braços por meus ombros e descansando a cabeça na curva do meu pescoço. Meu menino estava crescendo mesmo, afinal. E muito rápido para o meu gosto.

— Deixe-me carregar você enquanto eu ainda posso, rapazinho. Aproveite a força do papai — murmurei, e senti ele sorrir junto a minha pele. Claro que ele era pesado, mas eu queria carregá-lo agora.

Diana foi na minha frente em direção aos quartos e aquilo era tão rotineiro, tão natural, e ainda assim me dava uma paz e uma sensação de segurança, e equilíbrio que só se completava com eles, juntos, como nesse momento. Eu descobria todos os dias que podia amá-los ainda mais, e aquilo era

a melhor conclusão que eu podia chegar.

— Meu amor... — sussurrei, quando cheguei mais perto dela.

— Oi?

— Você apenas deu presentes nesse chá? Não comprou nada interessante para você mesma, por exemplo?

Nós paramos primeiro na porta do quarto de João, e ela virou-se, uma expressão atrevida, desafiadora, sensual em seus olhos verdes. Eu tinha a mais plena certeza, eu poderia olhar para o seu lindo rosto por décadas e décadas, aquele seu jeito ainda iria mexer profundamente comigo. Com todas as partes do meu corpo, aliás.

— Não se preocupe, eu comprei algumas coisinhas antes de comprar o presente do chá. Para nós. Você sabe, para fazermos a nossa própria festinha aqui...

Eu sorri, animado, e entramos no quarto com os nossos filhos para, finalmente, colocá-los para dormir. E eu cobraria a minha festinha particular, agora.

Epílogo

EPÍLOGO

Diego 

O Grande Palácio de Belas Artes de Paris, localizado nas proximidades dos famosos *Champs Elysees*, era a definição por excelência do termo imponente. Construído nas décadas finais do século XIX, o grandioso prédio em estilo *Art Nouveau* abrigava, historicamente, salões de artes destinados as mais diversas exposições e celebrações de mostras e eventos artísticos, além de ser considerado um inegável patrimônio cultural e arquitetônico francês.

Naquela noite, no seu impressionante e famoso Salão dos Artistas Independentes, amplamente iluminado pelos vitrais e lustres grandiosos, estava acontecendo a primeira noite da Mostra Internacional de Fotografia que apresentava trabalhos de artistas talentosos de várias partes do mundo. Participar de um evento daquele porte era seguramente um marco importante na carreira de um fotógrafo, e a imagem que eu estava admirando, naquele momento, abrigada na parede oposta, era uma das mais belas e impressionantes do local. Essa constatação não era apenas pelo fato de a imagem ter sido feita pela minha linda e talentosa esposa, Diana Ribeiro Avellar de Barros, hoje uma das profissionais de maior destaque na fotografia social, mas porque a imagem era realmente linda e tocante em sua simplicidade e força.

Era impossível não olhar para a beleza impactante do registro das três mulheres, uma delas grávida, e da criança na imagem, todos sorrindo, suas peles negras em amplo destaque na luz da fotografia. De acordo com Diana, aquela imagem, que ela nomeou de *Luz Negra*, era uma ode à positividade da identidade, uma homenagem ao eterno ciclo de união e força que movia mulheres a se unirem.

Eu não me cansava nunca de sentir o mais profundo orgulho daquela mulher.

Tomei um gole do meu champanhe, respirei fundo e olhei em volta, justamente à procura da minha linda esposa. A noite tinha sido um sucesso absoluto, ela estava radiante, e agora, boa parte do público já estava se dispersando, algumas poucas pessoas ainda caminhavam em volta, parando na frente das imagens, conversando em voz baixa, sorrindo... Mas de modo geral, a mostra estava no fim.

Ajustei os meus óculos e olhei novamente na direção da imagem da

fotografia de Diana reproduzida em maior dimensão na parede a alguns metros à minha frente. Lá, de frente para ela, havia três pessoas: um casal, que estava conversando discretamente entre si e segurava taças de champanhe, e uma mulher, de costas, em um impactante vestido vermelho. Ela estava imóvel, parecendo concentrada na imagem à sua frente.

Peguei uma outra taça de champanhe de um garçom que passava e, enquanto caminhava naquela direção, não pude deixar de admirar a forma como aquele vestido se moldava ao corpo feminino, abraçando sensualmente todas as suas curvas. Curvas maravilhosas, por sinal, eu não poderia deixar de admitir aquilo, nem que quisesse. Meus olhos passearam, discretamente, claro, antes que eu olhasse em volta, pelo formato suculento da sua bunda e pelas pernas torneadas e firmes, ainda mais evidenciadas pelos saltos pretos altíssimos que ela usava. Era uma imagem matadora, com toda certeza. Limpei a garganta, um pouco apreensivo, mas eu era incapaz de não olhar para aquela perfeição bem ali a poucos passos de mim.

Assim que me aproximei, o casal foi saindo, ela sorrindo e recostando a cabeça no ombro do homem que a segurou pela mão. Eles estavam elogiando a fotografia. Claro, como poderiam não elogiar?

Isso me lembrou... olhei em torno novamente, depois, mais calmo, me aproximei ainda mais e fiquei atrás da mulher de vermelho. Não colado nela, eu não era louco, mas próximo o suficiente para sentir o sutil aroma do seu perfume marcante, sedutor. E uma posição que eu poderia admirá-la melhor. Se ela sentiu que havia um estranho atrás dela, não disse nada. Ficou lá parada, parecendo olhar firmemente a fotografia à sua frente, concentrada.

— Olá, tudo bem? Você aceita uma bebida? — ofereci, a voz baixa, inclinando-me apenas o suficiente para estender o braço pelo lado direito do seu corpo, mas sem tocá-la, ainda assim aproveitando a chance de sentir aquele aroma um pouco mais. Era inebriante. Os cabelos dela, negros e longos, estavam cuidadosamente dispostos de um lado, apenas, deixando o ombro e o pescoço à mostra. Meu olhar demorou-se ali, e eu forcei-me a desviá-lo, aguardando a sua resposta para o meu oferecimento, que demorou um pouco, e eu tive a impressão de que ela não responderia.

— Champanhe? — ela questionou, sem se dar ao trabalho de virar-se ao pegar a taça da minha mão.

— Champanhe — confirmei, a voz baixa em direção ao seu ouvido.

— Está comemorando alguma coisa?

— Digamos que sim.

Ela fez um ligeiro aceno com a cabeça, o que fez com que a pequena gota de diamante em seu lóbulo delicado tremulasse e brilhasse. Eu encontrei certa

dificuldade para mover-me de onde estava, mas precisava vê-la, olhar para o seu rosto.

— Posso saber o que você está comemorando? — ela perguntou, uma ligeira nota de interesse no seu tom. A sua voz era firme, de algum jeito insinuante, provocador, mas ainda como se ela estivesse mal se dando conta da minha presença ao seu lado. Sorri.

Postei-me ao seu lado e virei a cabeça para olhar *pra* ela. Porra, ela era linda. Aquele vestido, na frente tinha um decote discreto, mas ainda assim destacava um par de seios espetaculares, que se destacariam ainda que ela estivesse usando a mais discreta das roupas. E justo como aquele vestido era, não precisava de muito mais para atizar a imaginação de um homem. Sentindo a boca subitamente seca, bebi do meu champanhe enquanto ela bebericava o líquido da sua própria taça.

— Você costuma aceitar bebidas oferecidas por estranhos? — perguntei, depois de segundos de silêncio. Até então olhando *pra* frente, ela virou a cabeça de lado e me encarou. A desconhecida era maravilhosa, isso sim. Perfeita. Ela sorriu, ficando ainda mais bonita, não me pergunte como aquilo era possível. Uma maquiagem marcante destacava seus traços, principalmente seus olhos claros e os lábios cheios. Eu notei também o cordão em forma de gota de diamantes pender sedutoramente no vale entre os seus seios. Tossi de leve, no meu punho fechado, já que ela flagrou a minha inspeção.

— Eu respondo à sua pergunta se você responder à minha, estranho.

— Feito — aceitei, sem poder desviar o olhar do dela. Que magnetismo aquela mulher exalava, era simplesmente impressionante. Balancei a cabeça para desanuviar a mente. — Qual era mesmo a pergunta?

Dessa vez ela deu uma risada baixa, escondendo metade do sorriso sob a borda da taça ao voltar a provar o líquido. Ela parecia saber exatamente que tinha mexido com a minha concentração, o tipo de mulher consciente da sua beleza, do seu fascínio. Poderosa.

— Eu perguntei... — ela inclinou-se como se fosse me contar um segredo, e eu segui o seu movimento. — O que exatamente você estava comemorando.

Estreitei o meu olhar *pra* ela, hesitando brevemente.

— A minha esposa. Ela é uma das artistas participantes da exposição esta noite. Esta fotografia que você está admirando tão atentamente é dela, por sinal — confessei.

Esperei a sua reação ao que eu tinha acabado de dizer.

A mulher cruzou um braço sobre os seios, a mão com a taça de champanhe balançando levemente o líquido claro no recipiente, como se

estivesse analisando a minha fala. Não, ela não parecia nem um pouco abalada, mas olhou *pra* mim diretamente, um sorriso discreto curvando seus lábios cheios pintados de um batom vermelho escuro.

— Sua esposa? Bonito trabalho. Parabéns.

— Ela é modesta, mas eu não sou, e ousou dizer que o trabalho é maravilhoso, na verdade, mas obrigada mesmo assim.

Ela arqueou uma sobrancelha, mas sorriu.

— Então, você é casado. Imaginei que fosse.

— Por que você imaginou isso? — questionei. Nesse momento, um outro homem parou perto de nós para admirar a imagem, mas logo sua atenção pareceu ser desviada para a bela mulher entre nós dois. Quando ele olhou *pra* mim, questionador, eu lancei-lhe um olhar duro, e felizmente ele entendeu a mensagem implícita no modo como o encarei e desviou o olhar novamente para frente. Pensei ter ouvido uma risadinha dela, mas não tive certeza.

Ficamos em silêncio, num acordo tácito de não envolver o cara ao lado na nossa conversa. Quando ele foi embora, segundos depois, ainda bem, provei um gole da minha bebida e virei-me para ela novamente.

— Algum problema com conversas com mais de duas pessoas? — ela perguntou.

— Nesse momento, sim. Mas então, diga-me, por que você imaginou que eu fosse casado?

— Não sei, algo no seu jeito de se aproximar de mim. Como se estivesse relutante, cauteloso. É só uma impressão, contudo — ela revelou, encolhendo um dos ombros, então, virou-se totalmente na minha direção, toda a sua atenção focada em mim agora. — Estou certa?

— Talvez. Não sei se minha esposa aprovaria se chegasse e me visse aqui em uma conversa tão íntima com você.

— Não íntima o suficiente, se quer saber a minha opinião, estranho.

— Eu deveria ir, na verdade.

Ela ergueu uma sobrancelha delicada, um canto daqueles lábios magníficos curvando-se em diversão, provocação pura.

— E, no entanto, você ainda está aqui.

— E, no entanto, eu ainda estou aqui — repeti, um sorriso formando-se em meus próprios lábios.

— Pode ser que ela não se importe o suficiente com quem você conversa ou não — ela sugeriu. Eu ri. Não mesmo. Não a Diana.

— Ela se importaria, sim, mas eu não a vejo em parte alguma. Estava ficando entediado — confessei, meus olhos caindo para o seu decote. — Por isso vim atrás de você.

— É? Pode ser que ela estivesse tão entediada quanto você... e esteja por aí agora mesmo à procura de algo mais animador. Já pensou nisso?

Semicerrei os olhos ao ouvir o que ela disse, muito sério, mas não pude evitar passear o olhar longamente por ela.

— Não creio que ela precise de absolutamente nada mais animador do que eu — retruquei, curvando-me um pouco para ela, minha voz saindo um pouco dura, enfática, mas baixa. — Empenho-me todos os dias, de todas as formas para garantir isso.

A mulher de vermelho sorriu.

— E, ainda assim, aqui está você, flertando comigo, e ela não está por perto... — Ela aproximou-se um pouco mais, seu cheiro me envolvendo, e levantou um pouco a cabeça para falar próximo do meu ouvido: — Ou está?

A vontade de puxá-la e pressioná-la contra o meu corpo era enorme, mas eu me controlei. Aquela conversa toda estava me atizando, me tirando da linha. Eu já havia sentido aquilo antes, anos atrás, com uma linda e provocante aluna de cabelos vermelhos e atitudes provocantes que me tiravam do sério e fazia o meu sangue entrar em ebulição. Foda-se se eu não sentia a mesma coisa com essa mulher agora, próxima de mim, seus seios quase encostando no meu peito.

Limpei a garganta e novamente olhei em volta.

— Não. Ela não está — confirmei, excitação evidente no meu timbre de voz e ela percebeu. Pareceu ter dificuldade em se afastar também, e sorria quando me encarou de novo. Mordeu um cantinho do lábio e mexeu no cabelo sobre o ombro. Eu acompanhava seus movimentos, deliciado, hipnotizado, embevecido. Tudo nela me excitava além do limite.

— Que bom *pra* você que ela não está aqui. E *pra* mim.

— Não quer me dizer seu nome? Ou saber o meu? — questionei.

— Não acho que seja necessário. Gosto de chamar você de estranho. Você se importa?

Sinceramente? Eu me importava, mas já tinha chegado até ali... Ela fez um sinal delicado a um garçom que passava por perto, e mais rápido do que sua bandeja cheia parecia permitir, ele veio atendê-la, claro. Ela parecia ter esse efeito nos homens. Bebi o restante da champanhe de uma vez.

— Onde eu posso te encontrar? — eu quis saber segundos depois.

— Algo me diz... que você vai descobrir exatamente onde me encontrar — ela disse, virando-se e me deixando sozinho. A forma como seus quadris balançavam e o som dos seus saltos ecoando pelo piso enquanto ela se afastava preencheram o meu cérebro por segundos, antes que eu reagisse e chegasse à conclusão de que sim, eu estava saindo em busca da mulher de vestido vermelho. E sim, eu sabia exatamente onde encontrá-la.



Assim que as portas do elevador se abriram, eu saí caminhando calmamente em direção ao quarto 614. Minha calma aparente estava contrastando com a adrenalina percorrendo meu corpo, me deixando ansioso, eufórico. Mas não era só adrenalina, era algo mais, um tipo de exasperação, de impaciência, também. Peguei o cartão do bolso do terno e introduzi na fechadura, abrindo a porta do quarto.

Um enorme lustre pendia do teto, e o quarto amplo e elegantemente decorado estava quase completamente iluminado por ele. Estava tudo silencioso. Fechei a porta atrás de mim com cuidado, olhando em volta, buscando-a. Notei que as enormes portas de vidro do chão ao teto que levavam para a sacada estavam abertas. Afrouxando a gravata, fui naquela direção, encontrando-a parada lá fora, de costas *pra* mim, apoiada na mureta.

À nossa frente, a vista da noite parisiense era espetacular, e a Cidade Luz fazia jus ao nome, em uma miscelânea de luzes e cores impressionantes. Era possível ver, ao longe, o contorno da Torre Eiffel, as luzes dos outros prédios brilhavam, e era possível ver os contornos de algumas pessoas. As varandas do nosso lado esquerdo e direito estavam ocupadas, pelo visto, ainda que a nossa estivesse apenas parcialmente iluminada. Diana não havia ligado as luzes, mas a luminosidade que vinha do quarto era suficiente para o que eu tinha em mente.

— Você demorou — ela disse, virando a cabeça e me encarando com um sorriso insinuante. — O que foi, encontrou a sua esposa e ela te proibiu de sair?

Eu franzi as sobrancelhas *pra* ela, que sorriu mais amplamente, balançando a cabeça. Rápido, pegando-a desprevenida, me postei atrás dela e segurei seus quadris com ambas as mãos, imediatamente pressionando sua bunda contra mim, meu corpo inteiro colado ao dela, meus lábios roçando o lóbulo da sua orelha, a ponta umedecida da minha língua tocando-a brevemente ali.

— Não — eu disse, quase um grunhido, sentindo-a empurrar a bunda na minha ereção crescente. Seu corpo pareceu amolecer em contato com o meu, então, mantendo-a pressionada, deslizei as mãos pela frente do seu corpo, sentindo suas curvas destacadas, e agarrei seus seios por cima do vestido, pressionando-os, massageando-os.

— Não? — ela repetiu, a respiração nitidamente acelerando quando enfiei uma das mãos por dentro do decote do vestido e encontrei a carne macia de um dos seus seios. Massageei e peguei o mamilo enrijecido entre os dedos, apertando-os entre os dedos. Quando descobrimos a gravidez, Diana retirou o

piercing, e não voltou mais a usá-lo, mas em compensação, ela tinha uma nova tatuagem como o nome de Luiz Felipe, próximo ao nome de João Pedro. Acaricei seus mamilos, puxando-os, torcendo-os um pouco, ouvindo-a gemer. Agora meu pau praticamente pulsava enquanto ela rebolava levemente, a fricção e a pressão me deixando louco de tesão, o bico durinho do seu seio na palma da minha mão me deixando com vontade de chupá-los, mordê-los, sugá-los desesperadamente. Mas não aqui, não agora. Segurei o lóbulo da sua orelha entre os dentes.

— Acabou. Nunca fui muito bom com encenação, Diana — afirmei, satisfeito em dizer seu nome, nesse momento subindo a barra do seu vestido, menos devagar do que eu pretendia, a princípio, mas estava ficando louco desde que estávamos no Salão dos Artistas, e o nosso jogo sensual só fez isso aumentar.

— Ah, meu amor, você concordou, lembra? Não gostou de fingir que éramos estranhos? Não gostou do nosso joguinho? Você estava indo tão bem... — Diana recostou a cabeça no meu pescoço, sua voz soando divertida.

— Não — repeti, quase em um gemido, aparentemente perdendo a capacidade cognitiva e de articulação verbal, quando ela moveu a mão para trás entre nossos corpos colados e apertou de leve o meu pau rígido. Mordi seu pescoço, tendo a satisfação de ouvir o gemido dolorido que ela deixou escapar. Tentei me concentrar e retomar a comunicação. — Eu adorei o nosso joguinho, meu amor, a princípio, mas a ideia de você me chamar de estranho, de que você está fingindo que sou um outro homem... bom, disso eu não gostei exatamente.

Diana riu, e eu enfiei a outra mão pelo vestido, segurando seus seios juntos, sentindo o peso nas mãos, apertando em movimentos circulares.

— Meu amor, que bobagem é essa? Para um homem que gosta de ousar como você, pensei que fosse apreciar um pouco mais a nossa brincadeira — ela me provocou, pressionando-se ainda mais contra mim. Ah, sim, eu gostava de ousar, e os anos só estavam aprimorando a minha capacidade de arriscar coisas novas com Diana, como aquele pequeno jogo em que fingíamos ser estranhos e ter uma transa rápida num quarto de hotel.

— Apreciei, sim, muito, mas agora... — Abaixei ambos os lados do seu vestido, desnudando-a, para logo em seguida cobrir seus seios com as minhas mãos, e mordisquei seu ombro, fazendo-a estremecer. — Agora eu quero fazer você gozar e dizer o meu nome. Nada de “estranho”.

— Sério? Não me diga que você está com ciúmes de você mesmo, meu Deus, eu não acredito nisso. — Ela deu uma risada, mas eu não achei graça nenhuma.

— Claro que não, só estou encerrando esse jogo, querida.

— Tem certeza? — Ela ainda estava rindo, claro, porque era Diana e ela gostava de me atormentar. Apertei de leve os bicos dos seus seios por cima do tecido do vestido, e então ela parou de rir.

— Tenho. E além do mais, precisamos ir encontrar o pessoal no restaurante em poucos minutos, lembra?

— Lembro, sim. João deve estar tranquilo, mas talvez Luiz esteja dando alguns cabelos brancos ao seu pai e à sua mãe, não?

— Eles podem esperar um pouquinho — argumentei, continuando a manusear seus seios, que agora estavam menores novamente, já que nosso caçula tinha parado de mamar há uns anos.

— Diego... amor, olha onde estamos... alguém pode estar observando...— Diana murmurou, ofegante, mas ainda assim usou as mãos para trabalhar no meu zíper, apressada. Eu sorri da sua impaciência, trilhando um caminho de mordidas, beijos e lambidas pelo seu pescoço, e puta merda, quando seus dedos tocaram o meu pau por dentro da cueca, gemi, aumentando a intensidade da mordida em seu pescoço. Diana emitiu aquele tipo de som que me deixava enlouquecido: era algo entre um gemido de dor e prazer, um lamento cheio de desejo, sexo, de luxúria crua. Não havia nada hesitante ou tímido na minha esposa, e os anos a estavam deixando melhor ainda.

— Será? — questionei, minha vez de provocá-la, mordiscando sua mandíbula, minhas mãos ainda trabalhando em seus seios, mas de modo que eles estivessem cobertos. — Então não podemos decepcionar, podemos? Que tal um showzinho, baby?

Diana olhou para a esquerda, depois para a direita, e eu acompanhei seu olhar. Mesmo que alguém estivesse vendo, a questão seria muito mais sugestiva do que explícita, de qualquer modo, e isso não me incomodava nem um pouco, me animava, na verdade. Excitado além do limite agora, a possibilidade se sermos vistos correndo como fogo líquido por minhas veias, passei o antebraço pelos seios de Diana, cobrindo-os mais, e com uma mão, desfiz o nó da minha gravata, puxando-a de uma vez.

A mureta não mostrava a parte inferior dos nossos corpos. Virei-a *pra* mim, e segurando seu rosto tomei seus lábios em um beijo forte, ansioso, faminto, cheio de desejo... Diana emitiu um som apreciativo, pressionando os seios nus no meu peito, roçando os dedos nos pelos da minha barba, enfiando-os no meu cabelo e puxando meu rosto para junto do dela. Aquilo, o modo como ela demonstrava o que queria — que me queria — como estava tão à vontade com a sua sexualidade e com seus desejos, me deixava louco. Introduzi a língua na sua boca e Diana sugou-a, descendo as mãos pelo meu peito, abrindo os botões da minha camisa, apressadamente.

— Calma, eu tenho planos que não incluem as minhas roupas sendo tirada aqui, querida — sussurrei, e ambos sorrimos, um de encontro aos lábios do outro. Voltei a subir as mangas do seu vestido, devagar, para cobrir seus seios.

— Ah, mas seus planos envolvem as minhas roupas sendo tiradas aqui, por acaso? — ela retorquiu, aquela expressão atrevida que ainda mexia com cada fibra do meu ser, desde que ela usou a mesma expressão, há quase doze anos, quando eu nem imaginava que ela seria a única mulher no mundo para mim.

— Não exatamente, mas eu vou te mostrar. Vire-se — ordenei, em um tom que não admitia contestação. Diana mordeu o meu lábio, e doeu um pouco, claro, era um dos modos que ela rebelava-se contra a minha dominação naquelas horas. Sério, estreitei os olhos e virei-a agilmente, pressionando-a contra a mureta. — Ponha as suas mãos para trás. Assim.

Em nenhum momento ela recuou, ou permitiu que a vergonha ou algo do tipo impedisse a nossa interação. Ela era feita *pra* mim, sob medida, pensei, não pela primeira vez, enquanto amarrava a minha gravata em seus pulsos, rápido. Eu gostava de fazer amor com Diana, lentamente, de explorar seu corpo, na nossa cama, por exemplo, mas nós éramos um casal que apreciava e muito, o sexo intenso, às vezes rápido, duro, nada gentil, em qualquer lugar onde houvesse o mínimo de privacidade *pra* isso. Bem, não tanta privacidade assim, na verdade.

Terminei de abrir a minha calça, tirando o cinto rapidamente, e então subi as laterais do vestido de Diana ainda mais, expondo a sua bunda maravilhosa, e reprimi um palavrão ao ver que ela estava sem calcinha, não surpreso de todo, no entanto. Era típico da Diana, e eu amava aquela mulher por isso, puta merda. Quer dizer, eu amava por tudo, mas isso definitivamente era um dos motivos pelos quais era ela perfeita.

— O que foi, meu amor, está faltando alguma coisa aí? — ela perguntou, em um tom falsamente doce. Eu movi a mão direita e apliquei uma palmada, dura e rápida na sua nádega macia, a carne tremulando levemente com o impacto, o som da minha palma contra a carne nua ecoando na noite. Diana resmungou um “maldito”, quase gemendo, empurrando-se contra o meu pau duro, e eu sorri, batendo na sua bunda mais uma vez, firme.

— Não está faltando nada aqui. Está perfeito — garanti, massageando aquela delícia de bunda que a minha mulher tinha, de modo firme. Ela estava de salto alto, o vestido amontoado na cintura, os pulsos presos com a minha gravata... era uma paisagem sensacional. Levei a minha mão entre as suas pernas, encontrando aquele lugar sublime, macio, molhado... e introduzi dois dedos, que deslizaram na umidade da boceta de Diana, lentamente. — Ah, caralho... que delícia... toda molhada assim. Afaste mais as pernas. Isso.

Encostei a ponta do meu sapato no seu salto esquerdo, e ela entendeu, aumentando o ângulo de abertura das suas pernas e melhorando o meu acesso ao paraíso. Diana soltou um gemido dolorido, gostoso, inclinando-se como eu pedi, a bunda nua, exposta e empinada nas minhas mãos, mas olhou para a sacada do lado direito, onde as luzes estavam acesas, e algumas vozes eram ouvidas, mas deviam estar sentados agora. Cerrei a minha mandíbula, passando o antebraço por sua cintura e segurei-a firmemente, então, sem mais demora, segurei o meu pau pela base e o fiz escorregar na sua boceta ensopada, morna, apertando os dentes juntos, a sensação de penetrá-la, enchê-la com meu pau, era tão *fodidamente* boa como da primeira vez. Enfiei o nariz nos seus cabelos soltos, enlevado com o seu cheiro enquanto entrava e saía dela, afundando-me todo em sua boceta em estocadas fortes, rápidas, nada gentis, exatamente como ela gostava. O som das batidas dos meus quadris na sua bunda era como música aos meus ouvidos, mas os sons que Diana fazia, ah, esses eram muito melhores. Infinitamente melhores.

— Assim, amor, assim... por favor, me fode, assim... — ela implorou, trazendo uma mão para trás e passando por meu cabelo, puxando-o, deslizando-as por minha barba, enquanto a outra, eu tinha certeza, estava sendo usada para deslizar por sua boceta molhada em movimentos circulares, ondulantes, rápidos. Imaginar isso enquanto eu a penetrava por trás, em uma sacada pouco iluminada de um hotel de luxo, em que as vozes de outras pessoas chegavam até nós, quase me deixou na borda.

— Diga, Diana. — demandei, minha voz rascante, o ritmo e a intensidade dos meus golpes aumentando, assim como seus gemidos e murmúrios de prazer.

— Dizer o quê? — ela murmurou, confusa, a respiração entrecortada, a voz trêmula.

— Meu nome, Diana. Diga meu nome — eu grunhi, apertando-a mais junto ao meu corpo, mordiscando seu ombro, nossos corpos movendo-se sincronicamente, em um ritmo intenso. — Quero ouvir você dizer meu nome!

— Diego, meu amor. Diego... Diego — ela repetia em sussurros ardentes, seu corpo ondulando de prazer. Ficamos mais alguns momentos assim, até que eu segurei-a pelos cabelos, firmemente, mudando o ângulo da penetração, meus movimentos vigorosos e Diana gemeu longamente, o pescoço curvado *pra* trás, seus cabelos enrolados no meu punho fechado, meu pau invadindo-a em movimentos frenéticos, duramente, até que a senti estremecer, oscilar, sua boceta muito mais úmida apertando-me, e segundos depois, eu cobri a boca de Diana *pra* que os vizinhos não ouvissem minha mulher gritar. Ela mordeu a minha palma, gozando, eu não resisti mais, jorrei dentro dela com um gemido rouco,

meus músculos tremendo, mas mantendo-a firme de encontro ao meu corpo.
Sempre. Sempre a manteria junto a mim.



Assim que entramos no [*Les Champs et Les Vignes*](#), um restaurante a poucas quadras de onde estávamos hospedados — de onde todos nós estávamos hospedados, a propósito —, eu avistei a mesa onde eles estavam sentados, era seguramente o maior grupo presente no local naquele momento. Empurrei meus óculos pelo nariz, por pura mania, já que eles seguramente não escorregavam, mas o fiz mesmo assim, acomodando uma mão nas costas de Diana enquanto seguíamos o *maitre*.

Teo foi o primeiro a nos ver e sorriu para nós, afagando a barba de um jeito que eu conhecia bem. Tentei manter a expressão séria enquanto nos aproximávamos, principalmente para não dar a ele o prazer de encher o meu saco, mas foi especialmente difícil me manter sério quando João Pedro, e depois Luiz Felipe, nos avistaram e deram aqueles sorrisos lindos que enchiam o meu coração de amor e ternura.

Ao redor da mesa estavam papai, mamãe, nossos dois filhos, além de Teo, Malu e os seus três filhos. O maior grupo, eu não disse?

Quando soubemos do convite e da participação de Diana na mostra, foi ótimo que Teo e Malu também estivessem planejando passar o fim de semana em Paris com a prole, então, apenas ajustaram as datas e, assim como eu, fizeram arranjos para que sua visita coincidisse com a nossa viagem. Papai e mamãe fizeram a mesma coisa, especialmente agora que Marcos havia assumido a presidência da nossa empresa e papai estava cada vez mais afastado dos negócios, relaxando e viajando com mamãe para vários países em um tipo de segunda lua de mel.

Assim que a mostra estava encerrando, e como eu e Diana precisávamos ficar um pouco mais, eles se foram para um passeio, para que depois nos encontrássemos aqui. Pena que nos atrasamos um pouco, só um pouco, com as nossas atividades na sacada do hotel.

— Mamãe! Papai! — Luiz nos saudou, feliz, os olhinhos brilhando.

— Pessoal, peço desculpas pela demora. Acabamos ficando mais ocupados do que prevíamos no encerramento do evento — eu disse, sério, enquanto cumprimentávamos a todos e beijávamos as nossas crianças e as de Teo, afetuosamente.

— Diego, você chegando atrasado, quem diria. Fico me perguntando o

que pode ter retido vocês assim — Teo, claro, disse assim que nós nos acomodamos. Acredito que Malu, que estava com a filha caçula, Anaya, de dois anos, sentada no seu colo, tenha dado uma ligeira e quase imperceptível cotovelada nele, tentando manter-se séria, mas eu olhei para os rostos de papai e mamãe e eles estavam sorrindo também. Pelo visto, a nossa demora já tinha sido alvo da conversa entre os adultos na mesa, apenas as crianças pareciam alheias à malícia do tema. Diana tentava manter uma expressão neutra, mas também não estava se saindo muito bem.

— Nada muito sério. Detalhes burocráticos — expliquei, com cara de paisagem, dando um beijo em Luiz, que veio para o meu colo. Grande para os seus cinco anos, ele ainda estava naquela fase em que os meninos ainda eram bebês o suficiente para querer um colo de pai, o que não era o caso de João Pedro, carinhoso e gentil, mas com 11 anos, ele dificilmente ia querer ser visto sentado no meu colo em público. Ou da mãe — ainda que ele ainda ganhasse colo em casa sem problema algum. Coisas de pré-adolescente, pensei, mal acreditando no quanto ele havia crescido.

— Ah, claro, comemorações e essas coisas, não, filho? — mamãe sugeriu, com aquele sorrisinho inocente que de inocente não tinha nada. Malu fingiu uma tosse, mas estava sorrindo. Teo não fingiu nada, estava olhando descaradamente *pra* mim e sorrindo com aquele ar de provação. Até o meu pai, veja só, estava com uma expressão bem-humorada ao olhar entre mim e Diana. Meu Deus, que família eu tinha.

— Mãe... — eu disse em tom de aviso e ela deu de ombros, bebendo um gole da sua champanhe.

— O que foi? Estávamos esperando vocês aqui, mas entendemos perfeitamente que existem...

— Comemorações particulares — João Pedro disse, rápido. Quando todos nós olhamos *pra* ele, estupefatos, ele encolheu os ombros de um modo típico dos meninos da sua idade. — O que foi? O tio Teo disse antes de vocês chegarem: eles estão em uma comemoração particular, não foi?

Ele olhou em volta, um pouco preocupado, então todos nós demos risada, e João Pedro pareceu encolher um pouco ao se ver como alvo de toda a atenção ao redor, mas sorriu, parte daquela timidez tendo ido embora com a convivência com a família toda, mas ele ainda era um menino muito quieto em relação ao meu furacãozinho Luiz Felipe, por exemplo.

— Foi, você disse papai — Nik, sentado ao lado do pai, confirmou, depois que as risadas findaram. Ele e Luiz Felipe estavam com carrinhos nas mãos, passando por cima da borda da mesa.

— Isso, filho, os tios fizeram uma comemoração com vinho só entre eles,

e agora chegaram para comemorar conosco, com champanhe, é isso, não é tio Diego? — o sacana explicou gentilmente ao filho, pondo um braço sobre o ombro de Malu, que revirou os olhos.

— Exatamente isso! — Eu pisquei para a pequena cópia de Teo que aceitou a explicação e sorriu de volta *pra* mim. Nick estava sempre muito na minha casa, assim como era presença constante na casa de Teo. A filha do meio deles, Niara, de 3 anos, estava sentada no colo do próprio pai, mexendo com o guardanapo sobre a mesa, absorta.

— Teo, o que você anda dizendo perto dos meus filhos, hein? — Diana fingiu repreendê-lo, dando um beijo em João. Ela estava linda em um vestido preto justo, tomara que caia, mais linda ainda depois do sexo ardente que fizemos, na verdade. Assim que recuperamos a força das pernas, tomamos um banho rápido, trocamos de roupa e corremos para cá.

— Absolutamente nada, pode acreditar. — Ele levantou uma das mãos em sinal de rendição.

— Mensagens cifradas, Di. Estava supervisionando tudo, você sabe, com três, a gente acaba ficando expert nessas coisas — Malu prometeu, sorrindo, enquanto tentava consolar a menininha de cabelos cacheados, essa sim era muito parecida com a mãe, que agora aparentava estar um pouco inquieta.

— Sei bem como é, amiga. — Diana, mais próxima de Malu, estendeu os braços e fez um gesto para pegar a pequena Anaya, que surpreendentemente, foi em sua direção, depois de uns segundos de hesitação típica dos bebês. Observei a cena, embevecido, vendo Diana falar baixinho e de forma amorosa com a menina. Ela tinha um jeito especial de lidar com crianças, isso era inegável, por isso mesmo, a despeito da diversificação das suas atividades como fotógrafa, ela ainda adorava fotografar crianças, e na nossa família, ela tinha bastante material pra isso.

— Treinando novamente para o próximo, Diana? — Malu perguntou, maliciosa, deitando a cabeça no ombro do marido.

— Eu apoio, estou logo dizendo. — Mamãe levantou a mão, como se estivéssemos em uma votação. — Pode ser uma “próxima” também.

— Bate uma saudade dessa época aqui, de vez em quando, não vou negar — ela suspirou e tocou o queixo da pequena Anaya, que sorriu de volta —, mas acho que estamos bem só com nossos garotões, não estamos, amor? Dois é um ótimo número.

— Sei não, hein? Quatro é melhor — Teo opinou.

— Não era você que queria cinco? Falta um, então — Mamãe retrucou, astutamente.

— Falta, né? — Ele balançou a cabeça, pensativo. Malu rapidamente saiu

do ombro de Teo e ficou olhando *pra* ele de forma ameaçadora. — Eu estou brincando, querida, imagina se eu iria querer mais um filho. Claro que não.

— Claro que não — debochei, então virei-me na direção de Diana. — Dois é um número perfeito, querida.

Diana assentiu, com um sorriso. Eu já tinha dito aquilo muitas e muitas vezes naqueles últimos anos, mas de repente senti uma emoção e uma necessidade absurda de dizer novamente, porque nunca era suficiente, nunca. Murmurei “eu te amo”, pra ela, o som mal saindo dos meus lábios, e ela sussurrou de volta “eu te amo mais”, fazendo o meu coração aquecer, antes de acomodar melhor a pequena Anaya, agora sonolenta, no colo, junto aos seios. Olhei em volta, para a nossa família reunida, e depois para Diana, e fiquei repetindo na minha cabeça que dois era um número perfeito, sim enquanto continuava observando-a com a pequenina. Pigarreei.

— E você, mãe, ainda quer mais netos?

— Quero mais netos, pai — Niara afirmou, convicta no colo de Teo.

— Irmãos, filhinha, irmãos — ele corrigiu, e todos nós rimos novamente.

— Sem mais irmãos, princesa, *tá*? — Malu avisou com carinho à filha.

Mamãe se aconchegou mais no abraço do meu pai, sonhadora.

— E respondendo à sua pergunta, meu filho, não existe isso de “netos demais”, pode acreditar, eu estou sempre aberta às possibilidades. Certo, Otávio?

— Claro, eu também apoio a expansão, a propósito — meu pai disse, olhando ao redor, e nos sorrimos. — E parece que estamos com um número alto de meninas em relação aos meninos, não?

— Realmente, e Marcos desequilibrou ainda mais as contas, pelo visto. — Diana levantou a mão aberta na direção de Malu e ela bateu, animada — *Girl Power!*

— E Iza e Ricardo, estão vindo mesmo? — Malu questionou.

— Falei com eles mais cedo. Vão tentar sair de Amsterdã amanhã e nos encontrar aqui, sim — mamãe esclareceu, animada. — Queria que todos estivessem aqui. Seria lindo, todo mundo junto... entendo que Marcos preferiu que Alice não fizesse essa viagem, mas... — ela continuou, em tom lamentoso, então pegou a sua bolsa que estava sobre a mesa, tirou o seu celular de dentro, franzindo a testa. — Olha só que coincidência, é o Marcos.

— Que horas são no Brasil? — papai questionou, alerta.

— Por volta de meia-noite — respondi, focado em mamãe. Em torno da mesa, fora as crianças, todos ficaram em um silêncio cheio de expectativa, enquanto ela atendia a ligação de Marcos.

— Filhinho, oi meu amor, o que foi? É a Alice? — Mamãe ouviu um pouco, tendo todos os olhos fixos nela. — Calma, meu filho, não... — Ela sorriu,

seus olhos brilhando, emoção visível na sua expressão e eu soube imediatamente — Meu amor, calma. Sim, claro! Vai ficar tudo bem, filho, você não deveria estar mais calmo, dessa vez? Certo, certo, respira, ok. Assim. Fique tranquilo. Passe o telefone para Alice.

Mamãe ouviu mais uma vez, em silêncio.

— Vai ficar tudo bem, minha filha. Isso, eu estava dando instruções como se fosse ele a precisar delas — ela deu uma risada — Pelo amor de Deus, não deixe o meu filho ter um treco dessa vez, Alice. Ok, vamos sim, imagine. Beijos, minha querida!

Quando ela desligou, um sorriso tão grande no rosto, ninguém precisava de uma explicação maior, e papai fez um sinal ao garçom.

— Família, parece que estamos voltando para o Brasil. Urgente.

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao fim de mais um livro da *Série Avassaladores*, e que momento bom este de poder agradecer por isto!

Vocês acabaram de ler a história de Diego e Diana, uma história que, assim como a de Teo e Malu, eu amei escrever cada palavra, cada linha, construir cada cena, pensar em cada detalhe que compõe a narrativa desses personagens que tomaram a minha vida em todos esses meses, desde as postagens iniciais no Wattpad ao lançamento deste segundo livro, agora.

Escrever com prazer, motivação e alegria não é, como se pode pensar, uma atividade de todo solitária, é antes de tudo, algo que se realiza com a força da amizade, do carinho, do respeito, da compreensão de muitas e muitas pessoas. Citá-las nominalmente é correr um alto risco de esquecer alguém, algo que eu prefiro não fazer, então... preciso, de modo geral, agradecer do fundo do coração a todas essas pessoas que me ajudaram, em um momento ou outro na escrita desse livro e fizeram este momento acontecer.

Agradeço, assim, a todas as minhas leitoras, todas vocês que estão constantemente incentivando-me a continuar, a melhorar cada vez mais, acreditem, isso é fundamental para que eu possa prosseguir: muito obrigada, sempre.

Vocês são parte essencial de todo o processo da escrita dos meus livros, desde as histórias que começam a se formar na minha cabeça à colocação das últimas palavras. Nos momentos ruins, quando os problemas aparecem e ameaçam fazer tudo desmoronar, é a consideração e o apreço de vocês, além da responsabilidade e o compromisso que estabeleci, que me fazem ter forças e encontrar tempo para compartilhar com vocês o que escrevo.

Agradeço às profissionais competentes que possibilitaram o lançamento deste livro: da revisão, da divulgação, da capa, diagramação, vocês são maravilhosas. Agradeço também às poucas, mas adoráveis colegas de trabalho que tenho encontrado nesse meio, obrigada pela força, sugestões, pelas dicas. Isto é muito importante para que eu aprenda cada vez mais, e acreditem, eu ainda tenho muito a aprender.

Enfim, só tenho a agradecer!

Obrigada por lerem as minhas histórias. Meu carinho e respeito por vocês serão eterno.

P. S: E não esqueçam, Marcos, o terceiro livro da Série, em breve estará

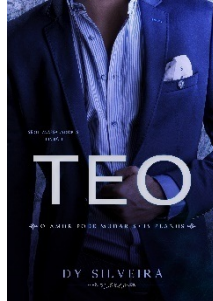
por aqui também.

Beijos.

Dy Silveira

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

TEO



SINOPSE:

Teo

Quando fez uma proposta ousada para Malu, e ela aceitou, Teo Stein concluiu que era um cara de sorte. Ela era uma mulher linda, sensual, e que sabia apreciar as vantagens de "uma noite e nada mais". Divorciado e com uma filha adolescente, tudo que ele não queria era um relacionamento sério e toda a complicação que eles traziam para a vida de um cara. Mas uma noite de sexo alucinante com aquela mulher? Pode apostar que ele queria.

Malu

Quando um cara loiro, sexy, com um corpo e um sorriso matador, te diz em uma boate que quer "uma noite e nada mais", e você tinha saído justamente para tirar o atraso, o que você faz? Se você é Malu Martins, uma professora de dança ousada e bem-resolvida, você aceita, é claro. Porque é isso que ela estava buscando no momento: diversão, sexo descomplicado. Relacionamentos estavam superestimados mesmo, e ela já havia tido decepção o bastante no último em que estivera envolvida. Ele é um homem controlador e possessivo. Ela está lutando cada dia por sua independência. E entre eles ainda existiam as barreiras, sociais, raciais e... o amor, envolvendo-se na história, ainda que ambos não estivessem interessados. Era para ser uma noite de sexo, apenas, mas planos eram alterados o tempo todo.

LINK: <https://amzn.to/2Yq8C5A>

Table of Contents

[ALGUMAS REGRAS](#)
[UM RUMO NA VIDA](#)
[PERDENDO O CONTROLE](#)
[UM VULCÃO EM ERUPÇÃO](#)
[MUDANÇAS](#)
[REENCONTROS](#)
[AS CONSEQUÊNCIAS](#)
[VOCÊ VEIO!](#)
[FLEXIBILIDADE NÃO É OBEDIÊNCIA CEGA](#)
[DESPINDO AS ARMADURAS](#)
[RED](#)
[COMO SE O MUNDO GIRASSE EM TORNO DO SEU UMBIGO](#)
[COISAS DE ADULTOS](#)
[ACORDOS](#)
[TIRA. A. PORRA. DA. CALCINHA](#)
[VOCÊ NÃO EXISTE, SABIA?](#)
[SEM PROVAS, NADA DE ACUSAÇÕES](#)
[A MOÇA DE CABELOS VERMELHOS](#)
[NÃO, MÃE, EU QUERO VOCÊS DOIS JUNTOS!](#)
[TUDO TEM A VER COM ELE](#)
[A AVÓ DO JOÃO PEDRO QUER VÊ-LO](#)
[LEMBRANÇAS FELIZES, CHEIAS DE AMOR](#)
[NÃO ACREDITO NESSA PORRA](#)
[POSSO. E VOU](#)
[VOCÊ GOSTA DE MANTER SEGREDOS?](#)
[TAMBÉM QUERO VOCÊ](#)
[UMA PROVOCADORA LINDA E IRRESISTÍVEL?](#)
[ELA DISSE QUE MEU PAI É GOSTOSO](#)
[APENAS UM PAPO ENTRE HOMENS](#)
[UM PEQUENO TESTE](#)
[VAI SER MAIS INTERESSANTE QUANDO VOCÊ A CONHECER](#)
[ME OBSERVE DEVORAR VOCÊ](#)
[MARCAÇÃO DE TERRITÓRIO](#)
[ÁLBUM DE BEBÊ](#)
[O MENINO COM O RELÓGIO](#)

BODY SHOT

NOVAS EXPERIÊNCIAS

O SENHOR DAS REGRAS E IMPERADOR DOS BONS MODOS

EU TAMBÉM TIVE UMA IMPRESSÃO SOBRE VOCÊ

MINHA MULHER

O DESTINO, POR EXEMPLO

PORQUE... EU TE AMO

NOVAS MUDANÇAS

FAZENDO O MEU MUNDO GIRAR

UMA CONEXÃO INVISÍVEL E PODEROSA

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

OUTRAS OBRAS DA AUTORA